J.R. Ward

Amantes Finalmente

Irmandade da Adaga Negra 11

Qhuinn, filho de ninguém, está acostumado a ser sozinho. Repudiado por sua linhagem, evitado pela aristocracia, ele finalmente encontra sua identidade como um dos lutadores mais brutais na guerra contra a Sociedade Lesser. Mas sua vida não está completa. Mesmo que a perspectiva de ter uma família própria parece estar a seu alcance, ele é vazio por dentro, seu coração foi dado a outro...

Blay, depois de anos de amor não correspondido, transferiu seus sentimentos de Qhuinn. E já era tempo: O homem encontrou o seu par ideal em uma fêmea Escolhida, e eles vão ter uma criança, exatamente como Qhuinn sempre quis para si mesmo. É difícil ver o novo casal junto, mas construir sua vida em torno de um sonho, é apenas um desgosto esperando para acontecer. Como ele aprendeu antes.

O destino parece ter mandado esses soldados vampiros em direções diferentes... mas como a batalha sobre o trono se intensifica, e os jogadores novos na cena em Caldwell criam um perigo mortal para a Irmandade, Qhuinn finalmente descobre a verdadeira definição de coragem, e de dois corações que estão destinados a ficar juntos... finalmente se tornam um.

Equipe de Tradução e Revisão:

Capítulos	Revisão Inicial	Revisão Final
Prólogo	Leka	Cris R
Capítulo 1	Leka	Cris R
Capítulo 2	Maya	Ειρήνη
Capítulo 3	Maya	Ειρήνη
Capítulo 4	Desiree	Ειρήνη
Capítulo 5	Desiree	Ειρήνη
Capítulo 6	Elen M.	Ειρήνη
Capítulo 7	Elen M.	Ειρήνη
Capítulo 8	Fatima	Ειρήνη
Capítulo 9	Fatima	Ειρήνη
Capítulo 10	Maya	Ειρήνη
Capítulo 11	Maya	Ειρήνη
Capítulo 12	Cleusa	Ειρήνη
Capítulo 13	Cleusa	Ειρήνη
Capítulo 14	Ειρήνη	Ειρήνη
Capítulo 15	Lívia	Ειρήνη
Capítulo 16	Lívia	Ειρήνη
Capítulo 17	Pat M.	Ειρήνη
Capítulo 18	Pat M.	Ειρήνη
Capítulo 19	Dyllan	Ειρήνη
Capítulo 20	Dyllan	Ειρήνη
Capítulo 21	Dyllan	Ειρήνη
Capítulo 22	Tina	Ειρήνη
Capítulo 23	Tina	Ειρήνη
Capítulo 24	Claudia	Ειρήνη
Capítulo 25	Claudia	Ειρήνη
Capítulo 26	Ellen	Ειρήνη
Capítulo 27	Ellen	Ειρήνη
Capítulo 28	Claudia	Ειρήνη
Capítulo 29	Claudia	Ειρήνη
Capítulo 30	Ειρήνη	Ellen
Capítulo 31	Tina	Ellen
Capítulo 32	Tina	Ellen
Capítulo 33	Cleusa	Ellen
Capítulo 34	Cleusa	Ellen
Capítulo 35	Cleusa	Ellen
Capítulo 36	Niandra	Raquel
Capítulo 37	Ειρήνη	Raquel
Capítulo 38	Maya	Raquel
Capítulo 39	Maya	Raquel
Capítulo 40	Maya	Ειρήνη
Capítulo 41	Maya	Ειρήνη
Capítulo 42	Claudia	Ειρήνη
Capítulo 43	Claudia	Ειρήνη
Capítulo 44	Cleusa	Ειρήνη
Capítulo 45	Cleusa	Ειρήνη
Capítulo 46	Cleusa	Ειρήνη

Capítulo 47	Cleusa	Ειρήνη
Capítulo 48	Regina	Ειρήνη
Capítulo 49	Regina	Ειρήνη
Capítulo 50	Maya	Raquel
Capítulo 51	Maya	Raquel
Capítulo 52	Desirée	Raquel
Capítulo 53	Desirée	Raquel
Capítulo 54	Desirée	Raquel
Capítulo 55	Cleusa	Raquel
Capítulo 56	Cleusa	Raquel
Capítulo 57	Cleusa	Raquel
Capítulo 58	Cleusa	Raquel
Capítulo 59	Cleusa	Raquel
Capítulo 60	Cleusa	Raquel
Capítulo 61	Cleusa	Raquel
Capítulo 62	Cleusa	Raquel
Capítulo 63	Cleusa	Raquel
Capítulo 64	Cleusa	Raquel
Capítulo 65	Cleusa	Raquel
Capítulo 66	Cleusa	Raquel
Capítulo 67	Niandra	Raquel
Capítulo 68	Desiree	Raquel
Capítulo 69	Maya	Raquel
Capítulo 70	Maya	Raquel
Capítulo 71	Regina	Raquel
Capítulo 72	Regina	Raquel
Capítulo 73	Claudia	Raquel
Capítulo 74	Claudia	Raquel
Capítulo 75	Ellen	Raquel
Capítulo 76	Cleusa	Raquel
Capítulo 77	Cleusa	Raquel
Capítulo 78	Cleusa	Raquel
Capítulo 79	Cleusa	Raquel
Capítulo 80	Fatima	Raquel
Capítulo 81	Fatima	Raquel
Capítulo 82	Ellen	Cris R
Epílogo	Ellen	Cris R

Traduzido do Inglês
Envio: *Ellen, Δίκη e LK*
Formatação: Δίκη
Finalização: Ειρήνη
Capa: Elica

Dedicado para:
VOCÊS DOIS-
Correndo o risco de uma leviandade inadequada,
É sobre o tempo-
E ninguém merece mais do que vocês dois.

Comentários das Revisoras

Comentário da Revisora Eirini: *Finalmente o livro esperado por muitos fãs! Um livro que vai agradar muita gente e desagradar outros tantos...Bom, antes de falar sobre o livro, preciso comentar sobre a revisão dele. Em primeiro lugar, revisar Ward, como todos sabem, não é lá...fácil...Ela inventa palavras, usa muita gíria, adora usar jargões de esportes, faz referência à filmes, música, à cultura pop americana. E palavrões. Mas ao mesmo tempo, coloca personagens que usam inglês formal, com uso de Tu e Vós. Ou seja: dá trabalho. Mas vale a pena...Um trabalho como esse não é feito sozinho. Muitas mãos foram necessárias. Muito empenho, muita dedicação, muito carinho. E, dessa vez, o carinho foi especial, pois Tiamat/Talionis teve uma parceria muito especial: as queridas amigas revisoras do PES (Prazer Em Seduzir), uniram-se às revisoras do Talionis e o resultado vocês poderão apreciar nas próximas páginas. Portanto, essa é uma revisão especial: foi nossa primeira parceria com as meninas do PES. Queremos deixar aqui nosso agradecimento e nosso carinho para a Raquel, Tina, Claudia, Dyllan e Regina (a equipe do PES), que juntamente com as nossas revisoras (Leka, Maya, Desirée, Elen M, Fatima, Cleusa, Pat M., Ellen, Niandra, Cris Reinbold, Lívia), além da Élica e da Gisa, tornaram tudo isso possível. Erros? Tradução equivocada? Sim. Vocês poderão encontrar. Afinal, somos um grupo de amigas que se uniram para trazer, sem fins lucrativos, esse livro para vocês. Todas perderam valioso tempo longe dos amigos e familiares, para poder traduzir, revisar esse livro. E todos somos passíveis de erros. Mas essa revisão foi feita com carinho. Para vocês.Bom, e o livro? Ah...o livro...confesso que estava apreensiva pela história...Mas a autora me surpreendeu...Principalmente porque soube levar a história do Blay e do Qhuinn, sem ser piegas demais, ou sem forçar à mão. Blay é tudo o que sempre foi: centrado, tranquilo, romântico, e apaixonado...Assim como o Qhuinn que continua sendo um bad-boy, mas chega à uma encruzilhada...Afinal, tudo passa, e a gente evolui...ou pelo menos deveríamos evoluir. E ele evoluiu...E a Ward acertou no ponto! O amor deles é lindo, é hot, e a química dos dois perfeita. Valeu a espera.Mas há mais "umas coisinhas" a ser ditas sobre esse livro. As histórias paralelas! O livro é cheio de ação: do começo ao fim. Várias histórias acontecendo ao mesmo tempo, várias deixas para outros livros (muitos livros), e essa foi a grande sacada da Ward: ela conseguiu, enquanto autora, colocar várias tramas paralelas na história, prendendo a atenção e o fôlego do leitor, e deixando todo mundo desesperado para saber o que vai acontecer, ou melhor, "COMO VAI ACONTECER". Ela mesclou ação, drama, sexo, cenas engraçadas, além de deixar bem claro, que a Irmandade está mudando...As regras estão mudando...Novos Irmãos surgindo, novos "habitantes" no complexo e na mansão...Z sofre...Rhage, como sempre, impagável e lindo...Todos os irmãos e mais Rehv aparecem...Destaques? Bom, além do casal principal, Wrath (que mostrou que sim! Isso é que é Rei), Trez (preparem-se para a história dele que deve vir por aí), Assail (ah! Teremos um bom livro para ele, com certeza, e uma história de amor hot vindo por aí, como uma personagem "brasileira"), e Xcor, que ao meu ver, roubou a cena...quem quer saber do que eu estou falando, vá direto para o capítulo 80...mas quem aguentar esperar, saiba que ele é o personagem mais contraditório da história. Um macho guerreiro que não sabe nem ler, nem escrever, sem instrução alguma, um ser maléfico, mas que protagoniza algumas cenas bem líricas e é o único, além de Throe, que fala um inglês formal (no original usam o Tu e o Vós, e uma linguagem arcaica do século XVIII). Lindos!Tá! Mas aposto que vocês querem saber do Qhuinn e do Blay não é? Ah! Eles são ótimo juntos! Para os dois é como um sonho...depois de tanta dor, tantos desencontros, tanta água correndo por debaixo da ponte...eles tem a primeira vez deles... Durante anos Blay viu o Qhuinn com tantos homens, tantas mulheres, e agora ele estava realizando um sonho...e foram tantas pedras no caminho até o "grand finale". Espero que vocês gostem. Durante a revisão desse livro, duas músicas me acompanharam. Ou melhor, na minha mente essas músicas acompanharam o Blay...Leiam o livro, ouçam a música e vejam se concordam ou não. Depois deixe sua opinião no nosso blog. Boa-leitura!*

http://letras.mus.br/supertramp/39234/traducao.html
http://letras.mus.br/u2/7/

Comentário da Revisora Raquel: Eu nem sei bem como começar a falar do Amante Finalmente. Ele foi um livro que uniu tantas emoções, tantos contrastes que ainda é difícil conseguir analisá-lo como ele merece. Eu esperei demais por essa história, tive muito receio que ela virasse um ménage ou fosse esquecida em meio aos vários personagens que estão surgindo na IAN. Porém digo com felicidade que a Ward conseguiu escrever uma história linda para o Blay e o Qhuinn. Por momentos, eu mal reconheci algumas atitudes do Blay, me decepcionei em alguns momentos, mas entendi a dor que ele trazia de anos de amor não correspondido. Teve uma atitude que não concordei, mas somos humanos, ou vampiros no caso dele, e errar faz parte da vida e da aprendizagem. Deixando os erros para lá e visando no acerto final, achei os dois lindos, as cenas muito bem escrita, com química, com emoções, não esperem um romantismo meloso, isso não vão encontrar, mas vai ter muita química e cenas muito hots.
Ao mesmo tempo o livro não se centra nele, aliás os últimos livros não se centram no casal principal, temos simultaneamente cenas importantes com o Z, o Wrath, o Trez, o Assail e o Xcor, esses últimos merecem ter suas histórias desenvolvidas, porque ficam no ar e nos deixam muito curiosas. Quando o Xcor apareceu na Irmandade eu não simpatizei nem um pouco com ele, depois do tiro no Wrath deu uma piorada na situação, nesse livro ele simplesmente me provou que por pior que um ser humano seja ele tem um lado bom dentro de si. O lado bom do Xcor chama-se Layla. Que pensamentos lindos, que emoções puras, que amor, que devoção. A cena do Capítulo 80 é linda ao ponto de me emocionar, quando a revisei tive que parar porque ele me fez rever tudo o que eu acreditava. O quão incrível é um livro que nos faz parar e repensar como pessoas. Leiam esse livro de coração e mentes abertas e se emocionem, vivam ele com a intensidade que merece ser vivido e lido.
A todas as revisoras do grupo Tiamat/Talionis muito obrigada pela revisão maravilhosa que fizeram. A Gisa, obrigada pelo convite, pela parceria, esse período foi maravilhoso! Que seja a primeira de muitas. As revisoras do Prazer em Seduzir, obrigada por entrarem comigo nessa loucura que é revisar a Ward. Meninas, fizemos um trabalho de excelente qualidade! Estamos todas de parabéns!!!

Glossário

Ahstrux Nohtrum (n.) Guarda particular com licença para matar, cujo posto é concedido a ele ou ela pelo Rei.
Ahvenge (v.) Ato de vingança mortal, realizado geralmente por um homem amado.

Irmandade da Adaga Negra **[Black Dagger Brotherhood]** (pr. n.) Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem sua espécie contra a *Sociedade Lesser*. Como resultado da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma rápida capacidade de se curar. A maior parte deles não são irmãos de sangue, e são introduzidos na Irmandade por nomeação pelos Irmãos. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo pouco contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam se alimentar. Eles são temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Podem ser mortos apenas pela mais séria das feridas, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Escravo de sangue **[blood slave]** (n.) Macho ou fêmea vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades de sangue de outro vampiro. A prática de manter escravos de sangue foi recentemente declarada ilegal.

As Escolhidas **[the Chosen]** (pr. n.) Fêmeas vampiras que foram criadas para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam um tanto mais espiritualmente do que temporalmente focadas. Têm pouca ou nenhuma interação com os machos, porém podem emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua classe. Algumas possuem o dom de prever o futuro. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Chrih (n.) Símbolo da morte honrosa na Antiga Língua.

Cohntehst (n.) Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (pr. n.) Inferno.

Doggen (n.) Membros da classe servente do mundo vampírico. Os *Doggen* têm antigas e conservadoras tradições sobre como servir a seus superiores, segundo a um código formal de vestimenta e comportamento. Eles são capazes de sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. A expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehros (pr. s.) Uma Escolhida treinadas nos assuntos das artes sexuais.

Exhile Dhoble (pr. n.) O gêmeo malvado ou amaldiçoado, aquele nasce em segundo lugar.

O Fade **[the Fade]** (n.) Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos e passam a eternidade.

Primeira Família **[First Family]** (n.) O rei e a rainha dos vampiros, e quaisquer filhos que possam ter.

Ghardian (n.) Guardião de um indivíduo. Há vários graus de *ghardians*, com o mais poderoso sendo o sehcluded de uma fêmea.

Glymera (n.) O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Hellren (n.) Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Hyslop (n ou v): Um termo que se refere a um lapso em julgamento, geralmente resultando no comprometimento de operações mecânicas ou a posse legítima de um veículo, ou outro meio de transporte motorizado de algum tipo. Por exemplo, deixar as chaves dentro do carro, quando ele está estacionado do lado de fora da casa da família durante a noite, cuja falta de supervisão resulta em uso por terceiros desconhecidos, é um Hyslop.

Leahdyre (n.) Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (n.) Um termo carinhoso livremente traduzido como "querido (a)".

Sociedade Lesser **[Lessening Society]** (pr. n.) Ordem de assassinos reunidos pelo *Omega* com o propósito de erradicar a espécie vampira.

Lesser (n.) Humanos sem alma que se dedicam a exterminar vampiros, como membros da *Sociedade Lesser. Lessers* devem ser transpassados por uma punhalada no peito para serem mortos. Não comem ou bebem e são impotentes. Com o passar do tempo, seus cabelos, pele e íris perdem a pigmentação até que ficam loiros, pálidos e com os olhos claros. Cheiram a talco de bebê. Introduzidos na Sociedade pelo *Omega*, eles retêm um jarro de cerâmica onde consequentemente seu coração é colocado depois de ser removido.

Lewlhen (n.) Presente

Lheage (n.) Um termo de respeito utilizado por um submisso sexual para se referir a sua dominante.

Lhenihan (pr. n.) Um animal mítico conhecida por suas proezas sexuais. Na gíria moderna, refere-se a um macho de tamanho sobrenatural e vigor sexual.

Lys (n.) Ferramenta de tortura usada para remover os olhos.

Mahmen (n.) Mãe. Usado tanto como um identificador quanto um termo de afeição.

Mhis (n.) O disfarce de um dado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

Nalla (n., f.) ou **Nallum** (n., m.) Amada (o).

Período de necessidade **[needing period]** (n.) Período de fertilidade das fêmeas vampiras, geralmente com duração de dois dias e acompanhado de um forte e ardente desejo sexual. Acontece aproximadamente cinco anos após a transição de uma fêmea e, posteriormente uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em algum grau se estiverem perto de uma fêmea em seu período. Pode ser um momento perigoso com conflitos e brigas surgindo entre machos competindo, particularmente se a fêmea não é emparelhada.

Newling (n.) Uma virgem.

O Omega **[the Omega]** (Pr. n.) Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica devido ao ressentimento que tem em relação à Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui extensivos poderes, embora não o poder de criação.

Phearsom (adj.) Termo referente a potencia dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como "digno de penetrar uma mulher".

Princeps (n.) O mais alto nível da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da *Primeira Família* ou pelas *Escolhidas* da Virgem Escriba. É um título que se deve ter por nascimento, não pode ser concedido.

Pyrocant (n.) Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. A fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.) Salvador.

rythe (n.) Forma ritual de salvar à honra. Oferece-o alguém que tenha ofendido a outro. Se for aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca ao ofensor, que se apresenta ante ele desprotegido.

A Virgem Escriba (PR. N.) Força mística conselheira do rei, guardiã dos arquivos vampíricos e encarregada de outorgar privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que empregou para dar existência aos vampiros.

Sehclusion (n.) Status conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia como resultado de uma petição pela família da fêmea. Coloca a fêmea debaixo da autoridade exclusiva de seu *ghardian*, tipicamente o macho mais velho da família. Seu *ghardian* tem então o direito legal de determinar toda sua forma de vida, restringindo à vontade qualquer e toda interação que ela tenha com o mundo.

Shellan (n.) Vampira fêmea que se emparelhou com um macho. Fêmeas geralmente não tomam de um companheiro devido à natureza altamente territorial dos machos vinculados.

Symphath (n.) Subespécie do mundo vampírico caracterizada pela habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de uma troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, tem sido descriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Estão próximos a extinção.

***A Tumba* [the Tomb]** (Pr. N.) Cripta sagrada da *Irmandade* da Adaga Negra. Utilizada como local cerimonial assim como instalação de armazenamento para os jarros dos *lessers*. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos à iniciação.

Trahyner (n.) Palavra usada entre machos de mútuo respeito e afeição. Traduzida livremente como “amado amigo”.

Transição (n.) Momento crítico na vida dos vampiros, quando ele ou ela se convertem em adultos. A partir desse momento, devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver e não podem suportar a luz solar. Geralmente, acontece aos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem a sua transição, sobre tudo os machos. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, sexualmente ignorantes e indiferentes, e incapazes de desmaterializar-se.

***Vampiro* [vampire]** (n.) Membro de uma espécie distinta da Homo sapiens. *Vampiros* devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, embora a força não dure muito tempo. Depois de suas transições, o que ocorre entre os vinte anos, eles são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia regularmente. Os *vampiros* não podem “converter” humanos através de uma mordida ou transfusão de sangue, embora em raras ocasiões possam reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se à vontade, porém devem se acalmar e se concentrar para fazê-lo e não podem carregar nada pesado com eles. São capazes de extrair as lembranças de um humano, contanto que tais as lembranças sejam de curto prazo. Alguns *vampiros* são capazes de ler mentes. A estimativa de vida é superior a mil anos, ou em alguns casos ainda maior.

Wahlker (n.) Um indivíduo que morreu e voltou à vida do *Fade*. A eles é concedido um grande respeito a são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.) Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

Prólogo

Qhuinn, filho de Lohstrong, entrou na casa de sua família, pela grande porta da frente. no instante em que ele passou pelo limiar, o cheiro do lugar se enrolou em seu nariz. Cera de limão. Velas de cera de abelha. Flores frescas do jardim, que o doggen trazia diariamente. Perfume de sua mãe. A colônia de seu pai e de seu irmão. Cheiro do chiclete de canela de sua irmã.

Se a empresa Glade[1] já fez um ar refrescante como este, seria chamado de algo como Herança do Prado. Ou Nascer do Sol por Sobre uma Gorda Conta Bancária.

Ou talvez a mais popular *Esteja apenas melhor do que todos os outros.*

Vozes distantes vinham da sala de jantar, as vogais parecendo tão brilhantes como cortes de diamantes, as consoantes arrastadas nas palavras suaves, como fitas de cetim.

—Oh, Lillie, este é lindo, obrigado, — disse sua mãe para a empregada. —Mas isso é demais para mim. E não dê tudo para Solange. Ela está ficando pesada.

Ah, sim, sua mãe permanentemente em dieta, infligia a próxima geração: as fêmeas da glymera deveriam desaparecer da vista quando viradas de lado, cada uma projetando a clavícula, rosto afundado, e o braço ossudo como algum tipo de um fodido distintivo de honra.

Como se parecer com um atiçador de fogo faria você uma pessoa melhor.

E a Virgem Escriba que os protegesse, se sua filha parecesse que estava saudável.

—Ah, sim, obrigado, Lilith, — seu pai disse uniformemente. —Mais para mim, por favor.

Qhuinn fechou os olhos e tentou convencer o seu corpo a andar. Um pé depois do outro. Não era tão difícil.

Sua bota nova Ed Hardy, meio que concordava com aquilo. Então, novamente, de muitas maneiras, andar para a sala de jantar era a barriga-da-besta do tempo.

Ele deixou sua mochila cair no chão. Alguns dias na casa de seu melhor amigo Blay, fizeram bem a ele, uma ruptura com a completa falta de ar nesta casa. Infelizmente, a queimadura na reentrada foi tão ruim, o custo-benefício de sair foi quase igual.

Ok, isso era ridículo. Ele não conseguia ficar em pé aqui como um objeto inanimado.

Virando-se para a parede lateral, ele se inclinou para o espelho de corpo inteiro antigo, que fora colocado à direita da porta. Então pensou. Assim, de acordo com a necessidade da

[1] *Marca de desodorizador de ambientes.*

aristocracia de boa aparência. Desta forma, os visitantes poderiam verificar o seu cabelo e roupas, com o mordomo aceitando os casacos e chapéus.

O rosto pretrans jovem que olhava para ele, era uma boa figura: queixo bom, e uma boca que, ele tinha que admitir, parecia que poderia fazer alguns danos sérios na pele nua quando ele ficasse mais velho. Ou talvez fosse apenas um sonho. O cabelo era de Vlad, o Empalador[2], espetados em sua cabeça. O pescoço estava amarrado com uma corrente de bicicleta e não um Urban Outfitters[3] comprado, mas o link que já havia motivado suas 12 velocidades.

Todas as coisas são iguais, ele parecia um ladrão que falira e estava se preparando para revirar o lixo em busca de prata, joias e eletrônicos portáteis.

A ironia era que, a besteira de selvagem não era realmente a parte mais ofensiva de sua aparência para seus fãs. Na verdade, ele poderia ter se despido, pendurado um lustre em seu traseiro, e corrido em volta do primeiro andar jogando como se fosse Jose Canseco[4] com a arte e antiguidades, e não chegar nem perto do problema real que chateava seus pais.

Eram seus olhos.

Um azul. Um verde.

OOPS. Isso era ruim.

A Glymera não gostava dos defeitos. Nem em sua porcelana nem em seus jardins de rosas. Nem no papel de parede, nos tapetes ou nas bancadas. Nem na seda da roupa íntima, na lã de seus casacos ou no tecido dos vestidos.

E, certamente, nunca em seus filhos.

Sua irmã estava ok... bem, exceto pelo "pequeno problema de peso" que realmente não existia e um balbuciar que sua transição não curou... OH, e o fato de que tinha a personalidade de sua mãe. E não havia quem arrumasse essa merda. Seu irmão, por outra parte, era a verdadeira estrela fodida, um primogênito fisicamente perfeito, preparado para levar adiante a linha de sangue da família, reproduzindo-se de maneira muito elegante, em uma situação sem gemidos e sem suor, com uma fêmea escolhida para ele pela família.

Diabos, o destino de seu esperma já fora preparado. Ele ia emparelhar com ela tão logo atravessasse a transição...

—Como se sente, meu filho? —perguntou seu pai com indecisão.

—Cansado, Sir —respondeu uma voz profunda. — Mas isto vai ajudar.

Um calafrio se arrastou à força pela coluna de Qhuinn. Isso não soava como seu irmão. Muito baixo. Muito masculino. Muito...

Santa merda, o tipo passou pela transição.

Agora Qhuinn poderia levar adiante as Ed Harrys[5], o que fez ir para frente até que pudesse ver o interior da sala de jantar. Seu pai estava na cadeira à cabeceira da mesa. Checado. Sua mãe

[2] *Drácula.*
[3] *Marca moderna de acessórios juvenis.*
[4] *Jogador de Baseball.*
[5] *Marca de botas, roupas e tatuagens, americanas.*

estava aos pés da mesa frente à porta de correr da cozinha. Checado. Sua irmã estava olhando para fora da sala, quase lambendo com fome a borda dourada do prato. Checado.

O macho que dava as costas à Qhuinn não era parte do S.O.P.[6]

Luchas estava duas vezes maior do que era, quando Qhuinn foi abordado por um doggen e disse que agarrasse suas coisas e fosse para a casa de Blay.

Bem, isso explicava as férias. Assumiu que seu pai, finalmente, amoleceu e cedeu à petição que Qhuinn apresentou semanas antes. Mas não, o cara só queria Qhuinn fora da casa, porque a mudança chegou para o menino de ouro da reserva genética.

Seu irmão fodeu à tia? A quem utilizou pelo sangue…

Seu pai, nunca foi do tipo demonstrativo, esticando a mão deu a Luchas um tapinha desajeitado no antebraço.

—Estamos tão orgulhosos de você. Parece… perfeito.

—É — abriu a boca a mãe de Qhuinn. — Simplesmente perfeito. Seu irmão não parece perfeito, Solange?

—Sim, é verdade. Perfeito.

—E tenho algo para você —disse Lohstrong.

O macho procurou dentro do bolso da jaqueta esporte e tirou uma caixa de veludo preta do tamanho de uma bola de beisebol.

A mãe de Qhuinn começou a chorar e dar batidinhas nos olhos.

—Isto é para você, meu amado filho.

A caixa deslizou pela toalha branca de damasco e agora nas mãos enormes de seu irmão, que tremiam quando a agarrou e abriu a tampa.

Qhuinn captou o brilho de ouro, durante todo o caminho de volta ao vestíbulo.

Enquanto todo mundo na mesa estava em silêncio, seu irmão olhava fixamente o anel de selo, claramente aflito, enquanto sua mãe seguia com as batidinhas e até seu pai ficava muito sensível. E sua irmã surrupiava um pãozinho da cesta do pão.

—Obrigado, Sir — disse Luchas enquanto colocava o pesado anel de ouro no dedo indicador.

—Fica bem, não? —perguntou Lohstrong.

—Sim, Sir. Perfeito.

—Temos o mesmo tamanho, então.

É óbvio que tinham.

Nesse momento, seu pai afastou o olhar, como se esperasse que o movimento dos globos oculares pudesse se encarregar do brilho das lágrimas que apareceram em sua visão.

Pegou Qhuinn espiando fora da sala de jantar.

Houve um breve brilho de reconhecimento. Não desse tipo nem oh-bem-meu-outro-filho-está-em-casa. Mas bem, quando se está caminhando pela grama e notava um montão de merda de cão, tarde demais para evitar que o pé aterrissasse nela.

O macho voltou a olhar a sua família, deixando Qhuinn de fora.

[6] *Sistema Operacional Padrão*

Claramente, a última coisa que Lohstrong queria, era que, um momento histórico como aquele fosse arruinado… e provavelmente esse era o motivo pelo que não fez sinais com a mão, que os protegiam daqueles olhos malvados. Normalmente, todos na casa executavam o ritual quando viam Qhuinn. Esta noite não. Papai não queria que os outros soubessem.

Qhuinn foi até sua bolsa de lona. Lançando o peso sobre o ombro, subiu as escadas centrais para o quarto. Normalmente sua mãe preferia que utilizasse às dos serventes, mas isso significaria atravessar todo o amor que havia ali.

O quarto estava tão longe dos outros como poderia estar, todo o caminho à direita. Frequentemente se perguntara por que não deram um chute e o puseram com os doggen… mas então o pessoal provavelmente os teria abandonado.

Fechando-se no quarto, lançou as roupas ao chão nu e se sentou na cama. Olhando sua única peça de bagagem, imaginou que o melhor era levar isso à lavanderia logo, enquanto havia um traje de banho úmido ali.

As empregadas rechaçavam tocar suas roupas… como se o demônio nele vadiasse nas fibras do jeans ou das camisetas. A vantagem era que nunca era bem-vindo em eventos formais, assim que seu guarda-roupa era um lavar-e-pôr, menino…

Descobriu que estava chorando quando olhou para baixo aos Ed Hardys e se deu conta de que havia algumas gotas de água em meio de seus cordões.

Qhuinn nunca conseguiu um anel.

Ah, isso diabos doía.

Estava esfregando a cara com as palmas das mãos quando o telefone tocou. Tirando-o da jaqueta de motorista, teve que piscar algumas vezes para focar.

Pressionou enviar para aceitar a ligação, mas não falou.

—Acabo de escutar —disse Blay através da conexão. — Como vai?

Qhuinn abriu a boca para responder, o cérebro cuspindo todo tipo de respostas: *Fodida e magnificamente genial. Ao menos não estou tão gordo como minha irmã. Não, não sei se meu irmão conseguiu foder.*

Em vez disso, disse, —Tiraram-me da casa. Não me queriam aqui para amaldiçoar a transição. Imagino que funcionou, porque o cara parece como se tivesse passado bem.

Blay xingou brandamente.

—OH, e conseguiu seu anel agora. Meu pai deu… seu anel.

O selo com o brasão familiar nele. O símbolo que todos os machos de boa linhagem usavam para testemunhar a importância de sua linha de sangue.

—Vi Luchas colocando-o no dedo —disse Qhuinn, sentindo como se levasse uma faca afiada e o aproximasse do interior dos braços. — Encaixou-se perfeitamente. Estava grande. Embora você saiba… como, se não pudesse…

Começou a chorar neste momento.

Tão malditamente perdido.

A terrível verdade estava sob a fodida rebeldia, ele queria que sua família o amasse. Tão afetado como era sua irmã, tão nerd sabido como era seu irmão, tão reservado como eram seus

pais, viu o amor entre os quatro. Sentiu o amor entre eles. Era o laço que atava a esses indivíduos juntos, a cadeia invisível de um coração ao outro, o compromisso de cuidar de tudo, da merda mundana ao verdadeiro drama mortal. E o único mais poderoso que aquela conexão… era ser expulso fora dali.

Cada fodido dia de sua vida.

A voz de Blay cortou através das náuseas.

—Estou aqui por você. E sinto muito malditamente muito… Estou aqui com você… Simplesmente não faça nada estúpido, certo? Deixe isso ir…

Deixaria que Blay soubesse que estava pensando em coisas que envolviam roupas e chuveiros de ducha.

De fato, a mão livre já baixou ao improvisado cinturão que criara com uma agradável e forte malha de nylon… porque seus pais não davam muito dinheiro para roupas, e o que ele conseguiu se rasgou há anos.

Desatando a extensão, olhou ao outro lado, para a porta fechada do banheiro. Tudo o que tinha que fazer era um nó no acessório da ducha… Deus sabia que esses encanamentos tinham funcionado nos velhos bons dias, quando as coisas eram o suficientemente fortes para sustentar algum peso. Tinha uma corrente que podia pôr ali e depois jogá-la a chutes debaixo dele.

—Tenho que ir…

—Qhuinn? Não desligue... não se atreva a desligar…

—Escuta cara, tenho que ir…

—Vou para ai agora mesmo. —Muita agitação de fundo, como se Blay estivesse colocando algumas roupas. — Qhuinn! Não desligue o telefone… Qhuinn…!

Capítulo 1

Presente

—Agora, isso é um ritual de limpeza filho da puta, porra.

Jonsey olhou sobre o idiota que estava de cócoras perto dele na parada do ônibus. Ambos estavam parados na jaula de acrílico para gerbilos,[7] durante três horas. Ao menos. Embora comentários como esse fizessem que parecesse um assunto de dias.

E faria justificável a merda do homicídio.

—Você é um garoto branco, sabia disso? —apontou Jonsey.

— E daí?

---

[7] O gerbilo ou rato do deserto é um pequeno mamífero da ordem Rodentia (Roedores), subfamília Gerbillinae. A subfamília dos gerbilos inclui aproximadamente 110 espécies de roedores africanos, indianos e asiáticos. A maioria desses são animais noturnos, e quase todos são onívoros.No caso, eles estavam parados num ponto de ônibus, num lugar com cobertura de acrílico. Por isso a referência.

Está bem, fazia três anos de espera.

—Caucasiano, cara. Como se necessitasse um fodido protetor solar no verão. Não como eu…

—O que seja cara, dá uma olhada nessa máquina…

—E por que tem que falar como os de seu bairro?Ouça! Parece um idiota.

Neste ponto, só queria que a noite melhorasse. Fazia frio, estava nevando e se perguntava à quem havia aborrecido, para ter que ficar preso aqui com Vanilla Ice[8].

De fato, estava pensando em retirar-se desta merda totalmente. Fazia um bom papel traficando no Caldwell; estava à dois meses fora da prisão por esses assassinatos que cometera em um reformatório; a última coisa na qual estava interessado, era estrangula alguma puta branca, determinada a obter reputação nas ruas através de conversa.

OH, e havia a questão do bairro dos riquinhos onde estavam. Por tudo o que sabia, havia um regulamento daqui, que você não tinha autorização para ficar nas ruas a partir das 10 p.m.

Por que infernos havia concordado com isso?

—Faça. O. Favor. De. Olhar. Esse. Automóvel.Legal

Só para calar ao tipo, Jonsey girou a cabeça e apareceu fora do abrigo. Enquanto a tempestade de neve entrava nos olhos, amaldiçoou. Fodido norte de Nova Iorque no inverno. Frio suficiente para converter suas bolas em um cubo de gelo…

Bom…Olá, ali.

Do outro lado de um estacionamento lotado, parado em frente uma loja 24 horas, brilhantemente limpo e sem grafite, havia, de fato, um fodido pedaço de carro genial. O Hummer estava totalmente escurecido, sem cromo em nenhuma parte… nem nas rodas, nem ao redor das janelas, nem sequer na grade. E era todo pesado… e, passando por todos esses ajustes, não havia dúvida de que tinha um grande motor.

A máquina era o tipo de coisa que via nas ruas de onde ele vinha, o veículo de um grande distribuidor. Exceto que estavam longe do interior da cidade, por isso era só algum morto de fome, tentando fazer ver que tinha um pênis.

Vanilla Ice levantou a robusta mochila.

—Vou dar uma olhada.

—O ônibus virá logo. — Jonsey verificou o relógio enquanto pensava. — Cinco, possivelmente ,dez minutos.

—Vamos…

—Adeus, imbecil.

—Está assustado ou alguma merda? —O filho da puta levantou as mãos e começou a brincar de atividade paranormal. — OH, medoooooooo…

Jonsey tirou a pistola e bateu a boca da arma na cara do idiota fodido.

—Não tenho problema para matá-lo aqui. Já fiz antes. Farei outra vez. Agora, recolhe sua merda e faça um favor. Fecha a fodida boca.

---

[8] *Cantor americano dos anos 90. Rapper.*

Quando Jonsey encontrou os olhos do tipo, não o importou particularmente com o resultado. Disparar na puta. Não dispare na puta. Qualquer coisa.

—Está bem, está bem, está bem. —O Sr. Simpático se afastou e deixou a parada do ônibus. Obrigado. Merda.

Jonsey guardou a pistola, cruzou os braços e olhou na direção em que iria vir o ônibus… como se isso pudesse ajudar.

Estúpido fodido idiota.

Olhou o relógio outra vez. Cara, já tinha suficiente desta merda. Se um ônibus viesse do centro e chegasse aqui primeiro, simplesmente subiria e foderia tudo.

Segurando a mochila que haviam lhe dito para trazer, sentiu o duro contorno do pote que havia dentro. O pacote que ele agarrou. Se fosse transportar produto desde o bosque até a vizinhança, então sim. Mas o pote? Para que diabos precisava?

A menos que ainda não estivesse em pó?

O fato era que ser eleito por C-Rider, ele mesmo, para isto, era fodidamente genial. Até que encontrou o Menino Branco… e logo a ideia perdera um pouco de energia. As instruções do chefe foram claras: Enganchar o cara na parada da Rua Quatro. Tomar o último ônibus para os subúrbios e esperar. S transferir à linha rural quando o serviço fosse reato perto do amanhecer. Descer na parada do Warren County. Caminhar um quilômetro e meio até uma fazenda.

C-Rider queria encontrar um grupo de outros caras para o negócio. E depois disso? Jonsey seria parte de uma nova equipe que dominaria a cena em Caldie.

Gostava dessa merda. E respeitava totalmente C-Rider… esse filho de puta era o máximo: poderoso; inquieto.

Mas se o resto deles eram como Vanilla…

O ruído de um motor o fez supor algo, algo de que a Autoridade de Tráfico de Caldwell finalmente apareceria e teria que ficar de pé…

—De nenhuma fodida forma —respirou.

O Hummer tingido freou diante da parada do ônibus e enquanto a janela era baixada, o Menino Branco estava atrás do volante totalmente ensandecido... e, para falar a verdade, não porque estava tocando Cypress Hill[9].

—Entra! Vamos! Entra!

—Ouça! Que porra você fez? —gaguejou Jonsey, enquanto saía disparado por trás do SUV e saltava dentro do assento do passageiro.

Santa merda fodida… o imbecil não era um completo idiota, não arrancando algo como isso.

O cara pisou no acelerador, o motor rugiu e os dentes dos pneus se agarraram à camada de neve e dispararam adiante à oitenta quilômetros/hora.

Jonsey se agarrou a algo que encontrou enquanto foram disparados através de um cruzamento com luz vermelha e depois faziam a curva e cruzavam o estacionamento de um

[9] *Banda de rock.*

supermercado Hannaford. Quando saíram disparados para o extremo mais longínquo, a música enterrou o assobio que estava soando porque nenhum deles pôs o cinto de segurança.

Jonsey começou a sorrir.

— Fodidamente sim, filho de puta! Você, puto louco, fodido floco de neve zumbido…!

—Acredito que isso é Justin Bieber. —Parado em frente à prateleira de batatas fritas Lay's, Qhuinn olhou por cima da cabeça ao alto-falante inserido nos azulejos do teto. — Sim, estou certo e odeio saber isso.

Perto dele, John Matthew disse por gestos, *Como sabe?*

—A pequena merda está em todas as partes. —Para provar a questão se moveu até um cartão de felicitação que se caracterizava por Curto, Fanfarrão e com Quinze-Minutos-De-Fama. — Juro isso, esse menino é a prova de que o Anticristo está chegando.

Talvez já esteja aqui.

—Isso explicaria Miley Cyrus.

Bom ponto.

Enquanto John voltava a pensar que comida levar e escolhia, Qhuinn voltou a olhar a loja. Eram quatro da madrugada e o 24horas estava totalmente abastecido e completamente vazio… exceto por eles dois e o cara na do balcão, que estava lendo o *National Enquirer*[10] e comendo uma barra do Snickers[11].

Sem lessers. Nem Banda de Bastardos.

Nada ao que disparar.

A menos que fosse contra o desdobramento de Bieber.

O que vai levar? disse John por gestos.

Qhuinn encolheu os ombros e seguiu olhando a seu redor. Como o *ahstrux nohtrum* de John, era responsável por assegurar de que o cara voltasse para a mansão da Irmandade todas as noites em uma só peça, e depois de mais de um ano, até agora, tudo bem...

Deus, sentia falta de Blay.

Sacudindo a cabeça, estendeu a mão ao azar. Quando o braço voltou para ele, tinha agarrado um pouco de molho de cebola.

Olhando o logotipo do Lay's, e o primeiro plano de uma batata frita, a única coisa na qual podia pensar era na forma em que ele e John e Blay estavam acostumados a passar o momento na casa dos pais de Blay, jogando Xbox, bebendo cervejas, sonhando com uma vida melhor depois da transição.

Infelizmente, maior e melhor pareceu ser só o tamanho e a força de seus corpos. Embora talvez isso fosse só seu ponto de vista. John estava, depois de tudo, felizmente emparelhado. E Blay estava com...

Merda, nem sequer podia pronunciar o nome do primo em sua cabeça.

---

[10] *Revista de fofoca.*
[11] *Chocolate.*

—Está bem, J-man? —perguntou com brutalidade.

John Matthew enganchou uns Doritos original da velha escola e assentiu.

—Vamos pegar as bebidas.

Enquanto entravam mais na loja, Qhuinn desejou que estivessem no centro da cidade, brigando nos becos, indo contra qualquer de seus dois inimigos. Muito tempo de inatividade nesses detalhes suburbanos, e isso significava muito para pensar obsessivamente em... freou a si mesmo outra vez.

O que seja. Além disso, odiava ter qualquer contato com a Glymera... e essa merda era mútua. Por desgraça, os membros da aristocracia estavam retornando pouco a pouco a Caldwell e isso significava que Wrath ficaria cheio com chamadas a respeito dos chamados aviltamentos de assassinos.

Como se os não-mortos do Omega não tivessem melhores coisas que fazer, que espreitar ao redor de árvores frutíferas estéreis e piscinas congeladas.

Entretanto, o Rei não estava em posição de dizer aos almofadinhas que fossem a merda eles mesmos. Não desde que Xcor e seu Bando de Bastardos puseram uma bala na garganta real.

Traidores.

Filhos da puta. Com um pouco de sorte, Vishous ia demonstrar, sem uma sombra de dúvida, de onde veio esse disparo de rifle, e depois todos eles poderiam estripar a esses soldados, pôr as cabeças em estacas e fazer uma fogueira com os cadáveres.

Assim como averiguar exatamente quem no Conselho estava confabulado com o novo inimigo.

Sim, fácil de utilizar era o nome do jogo agora... assim uma noite por semana, cada um das equipes terminavam aqui no bairro no que ele crescera, batendo as portas e olhando debaixo das camas.

Em casas parecidas com um museu que punham os cabelos em pé, mais que qualquer escuro passo subterrâneo do centro da cidade.

Um golpinho em seu antebraço o tirou de seus pensamentos.

—Sim?

Ia te perguntar o mesmo.

—Né?

Você parou aqui. E esteve olhando... bom, já sabe.

Qhuin franziu a testa e olhou o expositor de produtos. Então perdeu toda linha de pensamento, assim como a maior parte do sangue da cabeça.

—OH, sim... ah... —Merda, alguém subiu a calefação?. —Um.

Mamadeiras para bebês. Leite em pó para bebês. Babadores e lenços umedecidos e cotonetes para bebês. Chupetas. Embalagem. Uma espécie de artefato... OH, Deus, um extrator de leite.

Qhuinn deu um giro de cento e oitenta graus tão rápido, que se encontrou de frente com uma pilha de um metro oitenta de alto de fraldas Pampers, voltou de um salto à terra do NUKs[12] e finalmente saiu se despedido do espaço aéreo infantil graças a um rebote A+D[13]. Que inferno era isso..

Baby. Baby.Baby[14]...

OH, bem. Já haviam chegado ao caixa.

Colocando a mão na jaqueta de motoqueiro, Qhuinn tirou a carteira e afastou a mão de trás para a comida nos dedos de John.

—Me dê suas coisas.

Quando o cara começou a discutir, articulando as palavras porque as mãos estavam cheias, Qhuinn agarrou o Mountain Dew e os Doritos que entorpeciam a comunicação.

—Aí tem. Enquanto nos registra, pode gritar comigo adequadamente.

E sabe o que, as mãos do John voaram através das posições da língua de sinais, em várias combinações de Eu-peguei-isto.

—Ele é surdo? —perguntou em um sussurro o cara por atrás da caixa registradora. Como se alguém que usa a linguagem de sinais americana fosse uma espécie de monstro.

—Não. Cego.

—OH.

Quando o homem seguiu olhando fixamente, Qhuinn quis arrebentá-lo.

—Vai nos ajudar com isto ou o que?

—OH... sim.

—Ah... sim. Ei, você tem uma tatuagem em seu rosto —. Sr. Observador movia-se lentamente, como se os códigos de barras sobre os sacos, estivessem criando algum tipo de resistência ao vento sob seu leitor laser. — Você sabia disso?

Realmente. — Eu não sabia.

—Você é cego, também?

Nenhum filtro sobre esse cara. Nenhum. —Sim, sou eu.

—Ah, então é por isso que seus olhos são todos estranhos.

—Sim. Isso mesmo.

Qhuinn tirou uma nota de 20 e não esperou pelo troco- assassinato era apenas um pouco tentador. Acenando para John, que também foi medir o rapaz para uma mortalha, Qhuinn passou a caminhar para fora.

—E seu troco? — O homem gritou.

—Sou surdo também. Eu não posso ouvir você.

O cara gritou mais alto, —eu apenas posso ficar com ele, então?

—Parece bom, — Qhuinn gritou por cima do ombro.

O idiota estava na categoria 5 de burrice. Continuava subindo

---

[12] *Marca de chupeta.*
[13] *Marca de pomada contra assaduras infantis.*
[14] *Adivinhem quem está cantando Baby, Baby, Baby?*

Percorrendo a barra de segurança, Qhuinn pensou que era um milagre que os seres humanos como aquele, conseguissem sobreviver ao dia e à noite. E o filho da puta tinha conseguido se calçar direito e operar uma caixa registradora.

Nunca os milagres cessavam.

Assim que ele abriu caminho para fora, o frio bateu-lhe em torno, o vento soprando no seu cabelo, flocos de neve ficando no nariz...

Qhuinn parou.

Olhou para a esquerda. Parecia certo.

—O que... onde está o meu Hummer?

Em sua visão periférica, a mãos de John começaram a voar em torno, como se ele estivesse se perguntando a mesma coisa. E então o cara apontou para a neve recém-caída... e os passos profundos de quatro pneus de monstros que fizeram um círculo, e saíram do estacionamento.

—Porra merda porra! —Qhuinn apertou.

E ele pensou Sr. Observador era o idiota?

Capítulo 2

De volta à mansão da Irmandade, Blaylock se sentou na beira da cama, seu corpo nu corado, um brilho de suor em seu peito e ombros. Entre as pernas, seu pênis encontrava-se gasto, e seus quadris estavam soltos de todos os tipos de colisões e moagens. No outro extremo do espectro, o fôlego estava espremido, sua carne requeria oxigênio apenas um pouco mais do que seus pulmões poderiam proporcionar.

Então, naturalmente, ele pegou o pacote de Dunhill Reds[15] que ele mantinha em sua mesa de cabeceira.

Os sons de seu amante tomando banho no banheiro do outro lado, junto com o aroma picante do sabonete artesanal, eram dolorosamente familiares.

Foi há quase um ano agora?

Tirando um dos cigarros, ele pegou o isqueiro vintage[16] da Van Cleef & Arpels[17] que Sax lhe tinha dado em seu aniversário. A coisa era feita de ouro e marcada com rubis Mistery Set[18], um exemplar de 1940 encantador, que nunca deixava de agradar aos olhos — ou fazer o trabalho.

Quando a chama pulou, o chuveiro desligou.

Blay se inclinou para a chama, inalando, e fechou a tampa de volta para baixo. Como sempre, um indício de fluido de isqueiro permaneceu, a doçura se misturando com a fumaça que exalava...

---

[15] *Marca de cigarros.*
[16] *Algo clássico, antigo e de excelente qualidade.*
[17] *Joalheria.*
[18] *Coleção da Van Cleef & Arperls, com rubis.*

Qhuinn odiava fumar.

Nunca aprovou.

Que, considerando o número de coisas ultrajantes das quais o cara fazia um hábito regular, parecia francamente ofensivo.

Sexo com estranhos incontáveis nos banheiros do clube? Sexo a três com homens e mulheres? Piercings? Tatuagens em vários lugares?

E esse cara não — aprovava — o fumo. Como se fosse um hábito vil, que ninguém em seu juízo perfeito iria se incomodar.

No banheiro, o barulho do secador de cabelo que ele e Sax compartilhavam continuou, e Blay podia imaginar o cabelo loiro, que acabara de agarrar e puxar com força, fluindo na brisa artificial, captando a luz, brilhando com destaques que eram naturais.

Saxton era lindo, toda a pele suave e corpo musculoso e sabor perfeito.

Deus, as roupas no guarda-roupa dele. Incrível. Como se o Grande Gatsby[19] tivesse saltado das páginas do romance, descido a Quinta Avenida, e comprado os blocos inteiros de alta-costura.

Qhuinn nunca foi assim. Ele usava camisetas Hanes[20] desgastadas ou couros, e ainda ostentava a jaqueta de motoqueiro que ele tinha desde sua transição. Não Ferragamos [21]ou Ballys [22]para ele; New Rocks[23] com solas do tamanho de pneus de caminhão. Cabelo? Escovado se tivesse sorte. Colônia? Pólvora e orgasmos.

Inferno, em todos os anos que Blay conhecia o cara e havia sido praticamente desde o nascimento — ele nunca havia visto Qhuinn em um terno.

Alguém tinha que saber se o cara sabia que smokings poderiam ser comprados, não apenas alugados.

Se Saxton era a imagem perfeita do aristocrata, Qhuinn era um grande bandido...

— Aqui. Coloque suas cinzas nisso.

Blay levantou a cabeça. Saxton estava nu, perfeitamente penteado e perfumado com Cool Water[24] e segurando um pesado cinzeiro Baccarat [25] que ele havia comprado como um presente de solstício de verão. Era também dos anos quarenta, e pesava tanto quanto uma bola de boliche.

Blay o fez, tendo a coisa se equilibrando na palma da sua mão. — Você está indo trabalhar?

Como se isso não fosse óbvio?

— É verdade.

Saxton virou-se e deu-lhe a visão de uma bunda espetacular, quando ele até o armário. Tecnicamente, o cara deveria estar vivendo ao lado em um dos quartos vagos, mas com o tempo as roupas haviam migrado para cá.

---

[19] O Grande Gatsby (The Great Gatsby) é um romance escrito pelo autor americano F. Scott Fitzgerald. Publicado pela primeira vez em 10 de abril de 1925, a história passa-se em Nova Iorque, e na cidade de Long Island, durante o verão de 1922 e é uma crítica ao "Sonho Americano". O personagem principal é expoente dos novos ricos daquela época, Jay Gatsby

[20] Marca de roupa popular.

[21] Marca de sapatos finos.

[22] Marca de roupa cara.

[23] Marca de botas

[24] Loção pós-barba.

[25] Marca de cristal.

Ele não se importava com o tabagismo. Mesmo compartilhando de vez em quando, depois de uma particularmente, enérgica... troca, como era.

— Como vai isso? Blay disse em um suspiro. — Sua missão secreta.

— Bastante bem. Estou quase terminando.

— Isso significa que você pode finalmente dizer-me sobre o que era?

— Você deve descobrir em breve.

Quando o barulho de sacudir uma camisa emanou do closet, Blay virou o cigarro ao redor e olhou para a ponta incandescente. Saxton estava trabalhando em algo ultrassecreto para o rei, desde o outono, e não houve conversa de travesseiro sobre isso — o que provavelmente era apenas uma das muitas razões pelas quais Wrath, havia feito do homem seu advogado privado. Saxton tinha toda a discrição de um cofre de banco.

Qhuinn, por outro lado, nunca havia sido capaz de manter um segredo. De festas surpresa a fofocas, para embaraçosos detalhes pessoais, como se você tivesse sido colocado junto a uma prostituta barata em...

— Blay?

— Desculpe, o que?

Saxton surgiu totalmente vestido com um tweed Ralph Lauren de três peças. — Eu disse, eu vou te ver na Última Refeição.

— Oh. É tão tarde?

— Sim. É.

Acho que eles tinham ferrado seu caminho através da primeira refeição do dia — que era como tinham rolado desde então...

Deus. Ele não podia sequer pensar sobre o que tinha acontecido a uma mera semana atrás. Ele não podia colocar em palavras, como se sentia sobre a única coisa que ele nunca tinha se preocupado em passar —mesmo na frente de seus próprios olhos.

E ele pensava que ser rejeitado por Qhuinn era mau?

Assistindo o cara ter um bebê com uma mulher...

Fale, ele precisava responder a seu amante, não é? — Sim, absolutamente. Vejo você em seguida.

Houve uma hesitação, e depois Saxton se aproximou e deu um beijo nos lábios de Blay. — Você está fora do rodízio esta noite?

Blay assentiu, segurando o cigarro para fora do caminho das roupas bonitas, para o homem não se queimar. — Eu estava indo ler a revista The New Yorker e talvez começar *From The Terrace*.[26]

Saxton sorriu, claramente apreciando o apelo de ambos. — Como eu o invejo. Depois que eu terminar, eu vou tirar algumas noites de folga e apenas relaxar.

— Talvez possamos ir a algum lugar.

— Talvez possamos.

---

[26] *Romance de John O'hara*

A expressão apertada naquele rosto adorável foi rápida e triste. Porque Saxton sabia que eles não iriam a lugar nenhum.

E não apenas porque um Sandals –All Inclusive[27], não estava em seu futuro.

— Fique bem, disse Saxton, escovando os nós dos dedos pelo rosto de Blay.

Blay esfregou a mão. — Você também.

Um momento depois, a porta se abriu e fechou... e ele estava sozinho. Sentado na cama bagunçada, no silêncio que parecia esmagá-lo de todos os lados, ele fumava seu cigarro até o filtro, apagou-o no cinzeiro, acendeu outro.

Fechando os olhos, ele tentou se lembrar do som dos gemidos de Saxton ou a visão das costas do macho se arqueando ou a sensação de pele sobre pele.

Ele não podia.

E essa era a raiz do problema, não era isso?

— Deixe-me ver se entendi, V disse lentamente durante a ligação telefônica de seu celular. — Você perdeu o seu Hummer[28].

Qhuinn queria colocar a cabeça através de uma janela de vidro. — Sim. Eu fiz isso. Então, você poderia, por favor...

— Como você pode perder oito mil quilos de veículo?

— Isso não é importante...

— Bem, na verdade é, se você quer que eu acesse o GPS e diga-lhe onde encontrar a maldita coisa — que é por isso que você está chamando, não é verdade? Ou você só pensa que confissão sem detalhe, é bom para a alma ou alguma merda assim.

Qhuinn segurou seu telefone rígido. — Eudeixeiachavedentrodele.

— Desculpe-me? Eu não entendi.

Mentira. — Eu deixei as chaves dentro nele.

— Isso foi uma coisa idiota, filho.

Não. Caralho. Brincadeira. — Então, você pode me ajudar...

— Envio-lhe apenas o link. Uma coisa — quando você recuperar o veículo?

— Sim?

— Verifique se os ladrões gastaram um momento para colocar o assento para frente — você sabe: se sentir confortável e essa merda. Porque eles provavelmente não estavam com pressa, já que eles tinham as chaves. O som de Vishous provocando-o era como ficar remando no lama com o para-choque do carro. — Olha, eu tenho que ir. Eu preciso de ambas as mãos para segurar o meu intestino, quando eu rir pra caramba. Até mais tarde.

Quando a chamada foi encerrada, Qhuinn levou um momento para controlar o desejo de jogar o telefone.

Sim, porque perder isso, também, realmente iria ajudar a situação.

---

[27] *Resort no Caribe.*
[28] *Marca de Jeep.*

Indo para a sua conta do Hotmail, e perguntando-se quanto tempo ia levar para esquecer a vergonha, ele precisava se preocupar com o seu maldito carro.

— Está indo para o oeste. Ele inclinou o telefone para que John pudesse ver. —Vamos fazer isso.

Desmaterializando-se, Qhuinn estava vagamente consciente de que o nível de sua ira, era desproporcional ao problema: Como suas moléculas espalhadas, era um pavio aceso à espera de se conectar com dinamite e não era sobre ele ser um imbecil, ou o carro roubado, ou o fato de que ele estava olhando como um idiota, para um dos homens mais respeitados na Irmandade.

Havia outra merda.

Tomando forma em uma estrada rural, ele olhou para o telefone de novo e esperou John aparecer. Quando o lutador chegou, ele se reconfigurou e eles foram mais para o oeste, fechando, cruzando a direção... até que Qhuinn estivesse perseguido a faixa precisa de asfalto coberta de gelo onde sua porra de Hummer estava.

Cerca de cem metros à frente do veículo.

Seja quem fosse o filho da puta que estava ao volante, estava indo a quase 100 km por hora na neve, rumo a uma curva. O que um...

Bem, chamá-los de idiota era exatamente o tipo de coisa redundante, como dizer que a noite era escura.

Deixe-me atirar nas rodas, John assinalou, pois ele sabia que uma arma na mão de Qhuinn não era a melhor ideia.

Antes de o cara poder pegar e tirar sua 40mm, porém, Qhuinn desmaterializou-se... direto sobre o capô do SUV.

Ele caiu de cara no para-brisa, sua bunda sendo atingida com o tipo de brisa que o transformou em um inseto no vidro. E então foi um caso de "olá meninas": Graças ao brilho do painel, ele percebeu o "O Meu Deus"! nos rostos do rapazes no banco da frente... e então sua brilhante ideia se transformou no resultado fodido número dois da noite.

Em vez de pisar no freio, o motorista girou a roda, como se ele pudesse talvez evitar o que pousou no capô do Hummer. O torque jogou Qhuinn para o espaço, o seu corpo indo sem peso, quando ele arrancou em torno do espaço para manter os olhos à sua volta.

Acontece que ele era sortudo.

Como Hummers foram projetados e construídos para outras coisas além de aerodinâmica e facilidade de frenagem, as leis da física agarraram todo aquele metal pesado em cima e rolou a merda. No processo, e apesar da cobertura de neve, o metal encontrou o asfalto e o grito agudo soprando fora na noite...

O impacto estrondoso do SUV cravando em algum tipo de objeto sólido do tamanho de uma casa, cortou toda a gritaria. Qhuinn não deu muita atenção para o acidente, no entanto, porque ele caiu bem, a estrada pavimentada bateu-lhe no ombro e quadril, seu corpo fazendo a sua própria versão de porco untado para baixo da calçada cheia de neve...

CRACK!

Seu impulso foi parado também, bem quando algo duro pegou-o na cabeça...

Um espetacular show de luzes de sinalização, como se alguém tivesse acendido um fogo de artifício bem na frente de seu rosto. Depois foi a vez do Piu-Piu, pequenas estrelas que circundaram a sua visão, quando a dor em vários lugares começou a chegar.

Empurrando o que estava mais próximo a ele — ele não tinha certeza se era o chão ou uma árvore ou esse gordo de roupa vermelha, Papai Noel, ele aliviou-se de costas. Quando ele caiu no chão, o frio foi para a sua cabeça e ajudou a coisas monótonas.

Ele pretendia se levantar. Verificar o Hummer. Arrebentar quem havia se aproveitado de seu momento loiro. Mas isso foi apenas o seu cérebro jogando com ele mesmo. Seu corpo tinha assumido o volante e o acelerador, e não tinha intenção de ir a qualquer lugar, porra.

Deitado, imóvel como podia, e expirando nuvens desiguais de geada, o tempo abrandou e depois começou a se transformar. Por um segundo, ele se tornou confuso quanto ao que o tinha colocado nessas condições neste lado da estrada. O acidente que ele causou?

Ou... a Guarda de Honra diante dos ataques?

Foi isso? A aterrissagem sobre a coisa do asfalto, uma memória do seu passado ou algo que realmente estava acontecendo?

A boa notícia foi que classificar algo fora da realidade, deu ao seu cérebro para fazer algo que não fosse continuar a martelar a cada movimento. A má notícia é que as memórias da noite em que sua família o repudiara, estavam mais dolorosas do que qualquer coisa que ele atualmente sentia em seu corpo.

Deus, era tudo tão claro, o doggen trazendo-lhe os papéis oficiais e exigindo um pouco de sangue para um ritual de limpeza. Ele jogando a mochila no ombro e saindo daquela casa pela última vez. A estrada que se estendia à sua frente, vazia e escura...

Esta estrada, ele percebeu. Esta mesma estrada, era a que ele havia percorrido. Ou... estava descendo... qualquer coisa. Quando ele deixou a casa de seus pais, teve intenção de ir para o oeste, onde ele soube que havia um clã de babacas desonestos como ele. Em vez disso, quatro homens haviam aparecido em capas com capuz e o espancado até a morte — literalmente. Ele fora até a porta do Fade, e através dela, ele tinha visto um futuro que ele não tinha acreditado... até que aconteceu. Estava acontecendo agora. Com Layla...

Ah, olha, John estava falando com ele.

Bem na frente de seus olhos, as mãos do rapaz estavam fazendo movimentos, por assim dizer, e Qhuinn pretendia responder com algum tipo de atualização...

— Isso é real? Ele murmurou.

John olhou momentaneamente confuso.

Tinha que ser real, Qhuinn pensava. Porque a Guarda de Honra tinha chegado a ele no verão, e o ar que estava inalando estava frio.

Você está bem? A boca de John assinalou.

Empurrando a mão no terreno nevado, Qhuinn empurrou tão forte quanto ele podia. Quando ele não se moveu mais do que uma ou duas polegadas, ele deixou de falar por si... e desmaiou.

Capítulo 3

O barulho de cocaína sendo inalado por um desvio de septo, fez o homem do lado de fora apertar o controle sobre a sua faca.

Filho da puta. Que filho da puta.

A primeira regra de qualquer comerciante bem sucedido, era você não usar. Viciados que financiavam seu negócio. Você precisava de associados para alavancar usuários. Cadelas usuárias que você precisava lá fora nas ruas.

A Administração não usava. Nunca.

A lógica era tão boa, e era fundamental, e nada diferente do que, por exemplo, ir a um cassino que tinha uma unidade de seis milhões de metros quadrados, comida suficiente para servir um país pequeno, e malditas folhas de ouro em todos os lugares — e ser surpreendido quando perdesse todo o seu dinheiro. Se tomar drogas era uma ideia tão malditamente quente, por que as pessoas regularmente morriam da merda, destruíam vidas sobre ela, eram jogadas na prisão graças a ela?

Idiota.

O homem virou a maçaneta e empurrou. É claro que a porta estava destrancada, e quando ele entrou no quarto miserável, o cheiro de talco de bebê o teria sobrecarregado, se ele não estivesse se acostumado com o cheiro em si mesmo.

Este maldito nariz de farejadora, fora a única coisa que ele não gostara na mudança. Todo o resto — a força, a longevidade, a liberdade — havia sido ótimo. Mas, caramba, o cheiro.

Não importa o quanto ele usasse colônia, ele não conseguia se livrar dele.

E sim, ele perdeu a possibilidade de ter sexo.

Fora isso, a Sociedade Lesser era seu bilhete para a dominação.

O fungar parou e o *Fore-lesser* olhou por cima da revista People, onde ele tinha feito as carreiras. Abaixo do resíduo, um cara chamado Channing Tatum estava olhando para a câmera, tudo quente pra caralho. — Oi. O que você está fazendo aqui?

Enquanto aqueles olhos redondos, viciados lutavam para se concentrar, o — chefe — parecia fizera sexo oral num donut.

— Eu tenho algo para você.

— Mais? Oh, meu Deus, como é que você sabia? Eu só tenho mais dois gramas sobrando e eu...

Connors, também conhecido como C-Rider, se moveu rápido, dando três passos para frente, lançando o braço para fora de largura, e balançando a faca em um grande círculo — que terminou no lado da cabeça do Fore-lesser. A lâmina de aço foi em profundidade, cortando o osso mais suave da têmpora, perfurando o tonto, até a massa cinzenta.

O Fore-lesser entrou em uma crise — talvez por causa da lesão... mais provável, porque suas glândulas supra renais estavam bombeado milhões de centímetros cúbicos, de santa merda em

sua corrente sanguínea, e as coisas não se misturavam bem com a cocaína. Quando o merda caiu da cadeira e dançou seu caminho para o chão, a faca ficou com Connors, desengatada a partir do lado do crânio, sua lâmina marcada com sangue negro.

Connors encontrou o olhar chocado de seu agora ex-superior, e sentiu-se muito bem com esta promoção que estava acontecendo. O Omega chegara até ele e ofereceu-lhe o trabalho, sem dúvida, o reconhecimento, como fizeram todos eles, que um punk skatista não era quem você queria no comando de qualquer organização maior do que um jogo de pôquer. Sim, com certeza, o cara fora útil no crescimento das fileiras. Mas quantidade não era qualidade, e não demoraria ao Exército, Marinha, Força Aérea ou os Fuzileiros Navais, percebessem que a Sociedade Lesser estava sendo invadida por delinquentes com transtorno de atenção.

Difícil de promover qualquer tipo de agenda com esse tipo de classificação e arquivo — a menos que você tivesse uma merda realmente profissional em execução.

Era por isso que o Omega tinha colocado tudo isso em movimento.

— Wh-wh-wh...

— Você foi demitido, filho da puta.

A parte final da aposentadoria forçada, veio com outro movimento de esfaqueamento, este tendo a lâmina conduzida diretamente no centro do peito. Com um pop! e um show de fumaça, a mudança de regime foi completa.

E Connors era o cabeça de tudo.

A supremacia o fez sorrir por um momento — até que seus olhos foram ao redor da sala. Por alguma razão, ele pensou em um comercial de Febreze[29], aquele onde tinham merda em algum lugar, colocavam spray como loucos e arrastavam — pessoas reais, não atores — em cena para farejar.

Cara, exceto pelos restos de alimentos — que não estavam presentes, porque assassinos Lessers não necessitavam comer — tudo se encaixava: o mofo no teto, os móveis surrados, o gotejamento por sobre a pia... e especialmente a porcaria que ia junto com um viciado químico, como seringas, colheres, até mesmo os dois litros de Sprite — a garrafa de laboratório de anfetamina em um canto.

Este não era um lugar de poder. Esta era uma casa de crack comum.

Connors se aproximou e agarrou o telefone celular de merda. A tela estava rachada e havia algum tipo de remendo pegajoso nas costas. A coisa não estava protegida por senha, e quando ele entrou na seção de mensagens, todos os tipos de beija-bunda tinham explodido no telefone, os textos blá-blá-blahing parabéns sobre a cerimônia de posse que estava acontecendo esta noite.

Mas o Fore-lesser não sabia sobre isso. Não era seu show.

Connors não iria retaliar, no entanto. Esses puxa-saco só estavam tentando permanecer vivos e iriam chupar o pau de qualquer um para manter a respiração: Ele esperava totalmente que a mesma o atingisse, e ele os queria. Os espiões tiveram o seu propósito no grande esquema das coisas.

---

[29] *Marca de desodorizador de ambientes da P&G.*

E, cara, havia trabalho a ser feito.

A partir do que ele havia descoberto durante seu próprio período abençoadamente curto de beijar bunda, a Sociedade Lesser tinha poucos bens deixados em termos de armas ou munição ou propriedade. Sem dinheiro, porque o que vinha de roubos insignificantes tinha subido ao nariz do merdinha, ou em seu braço. Nenhuma lista de mestres homenageados, nenhuma organização de tropas, nenhum treinamento.

Montes de reconstruções precisavam acontecer rápido...

Uma corrente de ar frio disparou dentro da sala, e Connors virou. O Omega chegou do nada, as vestes brancas do mal brilhando, a sombra preta embaixo ,olhando como uma ilusão de ótica.

A repulsa que passou por Connors era algo que ele sabia que também iria ter que se acostumar. O Omega sempre teve uma relação especial com seu *Fore-lesser* — e talvez fosse por isso que a palavra raramente durava muito tempo.

Então, novamente, dado que ele escolheu...

— Eu cuidei dele, Connors disse, apontando para a marca de queimadura no chão.

— Eu sei, respondeu o Omega, aquela voz entortando, através do ar fétido e frio.

Lá fora, uma rajada de vento soprou neve contra as janelas, a abertura em um peitoril deixou alguns flocos de neve dentro, quando eles entraram no espaço, eles caíram no chão com um brilho, a temperatura fria o suficiente para sustentá-los, graças a presença do mestre.

— Ele está de volta a casa agora. O Omega veio para frente como uma lufada de ar, com nenhuma evidência de que quaisquer tipos de pernas se movessem. — E eu estou muito satisfeito.

Connors disse a seus pés para ficarem parados. Não havia para onde correr, nada de fugir, ele só tinha que passar pelo que ia acontecer a seguir.

Pelo menos ele tinha se preparado para isso.

— Eu tenho alguns novos recrutas para você.

O Omega parou. — Verdade?

— Um tributo, como se fosse. Ou mais como um ponto final definido para essa merda: Ele tinha que colocar a cabeça para fora em breve, e ele tinha planejado cuidadosamente esses dois eventos juntos. O Omega, afinal de contas, estava em suas brincadeiras, mas gostou de sua sociedade e do seu propósito de eliminar os vampiros ainda mais.

— Você me agrada muito, o Omega sussurrou enquanto ele o fechava dentro, — Eu acredito que vamos nos dar muito bem... Sr. C.

Capítulo 04

A Escolhida Layla passara sua existência em seu próprio corpo, sem qualquer comprometimento físico pela totalidade de sua existência. Nascida no Santuário da Virgem Escriba, e treinada na rarefeita e sobrenatural tranquilidade de lá, ela nunca havia conhecido a fome, ou febre, ou dor de qualquer espécie. Não calor nem frio, nem contusão, concussão, ou

contração. Seu corpo tinha sido, como todas as coisas no espaço mais sagrado da mãe de sua raça, sempre igualmente calmo, um exemplar perfeito de funcionamento no mais alto nível...

—Oh, Deus, — ela engoliu em seco quando disparou para fora da cama e cambaleou até o banheiro.

Seus pés descalços derraparam sobre o mármore enquanto ela se jogava de joelhos, abria a tampa do vaso, e se inclinava para deixar cara-a-cara a bacia com seu o buraco da epiglote.

—Apenas faça isso.... _ ela engasgou enquanto a agitação das náuseas poluía seu corpo até mesmo os dedos dos pés enrolados por baixo e agarrados ao chão. —Por favor... pelo amor da Virgem Escriba...

Se ela pudesse apenas esvaziar o conteúdo de seu estômago, com certeza a tortura cederia...

Levando o seu indicador e seu dedo médio até sua garganta, ela os empurrou tão duro que engasgou. Mas isso era a continuação do mesmo. Não havia coordenação de seu diafragma, não havia liberação da carne gordurosa estragando em seu estômago... não que ela realmente houvesse aquilo — ou qualquer coisa mais — por.. quanto tempo tinha sido? Dias.

Talvez esse fosse o problema.

Serpenteando o braço ao redor de seus quadris, ela colocou a testa suada na fria e dura borda do vaso sanitário e tentou respirar superficialmente — porque a sensação do ar se movendo para cima e para baixo, na parte de trás de sua garganta, fazia o impotente desejo de vomitar ficar pior.

Poucos dias atrás, quando ela tinha estado em sua necessidade, seu corpo tinha tomado o controle, o desejo de acasalar forte o suficiente para acabar com todo o pensamento e emoção. Aquela supremacia havia rapidamente passado, entretanto, e da mesma maneira havia as dores e mazelas do acasalamento implacável em sua pele e ossos, mais uma vez retomado o banco traseiro de seu cérebro.

A balança fora inclinada para trás mais uma vez.

Desistindo, ela cuidadosamente se reposicionou, colocando seus ombros contra a parede de mármore abençoadamente fria.

Considerando o quão doente ela se sentia, sua extrapolação só era que ela estava perdendo a gravidez. Ela nunca havia visto alguém no Santuário passar por isso — esse mal-estar era normal aqui na terra?

Fechando os olhos, ela desejou que ela pudesse falar com alguém sobre tudo isso. Mas muito poucos conheciam sua condição — e, por enquanto, ela precisava manter as coisas desse jeito: A maioria era completamente inconsciente de que ela havia passado pela necessidade ou sido servida. O período fértil de Autumn havia chegado primeiro, e, em resposta, a Irmandade havia se espalhado por toda parte, de forma a não se arriscar com a exposição às esses hormônios — por uma boa razão, como ela tinha aprendido em primeira mão. E no momento em que as pessoas haviam voltado para seus quartos normais na mansão? Sua própria necessidade havia passado, e quaisquer fluxos hormonais residuais no ar, haviam sido marcado por tudo e todos pelo tempo da necessidade de Autumn.

A privacidade nesses dois quartos dela não ia durar, se a gravidez continuasse, no entanto. Por um lado, o seu estado seria percebido pelos outros, especialmente os machos, que eram particularmente sintonizados com esse tipo de coisa.

E dois, depois de um tempo, ela iria começar a mostrar.

Exceto se ela se sentia tão mal, como poderia o pequeno sobreviver?

Enquanto uma vaga sensação de aperto se estabelecia em seu baixo ventre, como se sua pélvis estivesse sendo comprimida por um torno invisível, ela tentou treinar sua mente em algo, qualquer coisa diferente de suas sensações físicas.

Olhos da cor do céu noturno vieram até ela.

Olhos penetrantes, olhos que a olhavam a partir de um rosto que estava sangrando e distorcido... e belo, mesmo em sua feiura.

Okay. Esta *não* era uma melhoria.

Xcor, líder do bando de bastardos. Um traidor contra o rei, um homem caçado, que era um inimigo para a Irmandade e para vampiros respeitadores das leis em toda parte. O guerreiro feroz que havia nascido de uma mãe nobre que não o queria por causa de seu rosto, e de um pai desconhecido, que nunca havia reivindicado a paternidade. Um fardo indesejável arrastado de casa para o orfanato, até que ele entrou no acampamento de treinamento de Bloodletter no Velho Continente. Um impiedoso lutador treinado aí com grande efeito: então em sua maturidade, era um mestre da morte que percorreu a terra com um bando de combatentes de elite, primeiro alinhados ao próprio Bloodletter, e posteriormente à Xcor — e ninguém mais.

A trilha de informações na biblioteca do Santuário terminava ali, porque nenhuma das Escolhidas estava atualizando mais nada. O restante, no entanto, ela podia preencher: A Irmandade acreditava que o atentado contra a vida de Wrath, no outono, havia sido feito por Xcor, e ela ainda ouviu que existiam rebeldes dentro da *glymera* que trabalhavam com o lutador.

Xcor. Um traidor, macho brutal, sem consciência, sem lealdade, sem princípio, salvo, a servir a si mesmo.

No entanto, quando ela olhou em seus olhos, quando ela estivera em sua presença, quando ela tinha, sem saber, alimentado este novo inimigo... ela se sentiu como uma fêmea completa pela primeira vez em sua vida.

Porque ele tinha olhado para ela não com agressão, mas com ...

—Detenha isso, — ela disse em voz alta. —Pare com *isso agora*.

Como se ela fosse uma jovem entrando em um armário ou qualquer coisa assim.

Forçando-se a ficar em pé, ela puxou o roupão à sua volta e resolveu sair de seu quarto e fazer seu caminho para a cozinha. A mudança de cenário era necessária, e assim como era a comida – nem que fosse para dar ao estômago revolto algo para expelir.

Ao sair, ela não verificou seu cabelo ou seu rosto no espelho. Não se alvoroçou sobre a forma como o roupão caiu. Não desperdiçou sequer um momento se preocupando se usava sandálias idênticas.

Tanto tempo que ela perdera no passado sobre os mínimos detalhes de sua aparência.

Ela estaria muito melhor servida, estudando ou treinando a si mesma ou com uma profissão. Mas isso não era permitido dentro da prescrição de atividade aprovadas para uma Escolhida.

Quando ela entrou no corredor, ela respirou fundo, se firmou, e começou a caminhar na direção do estúdio do rei...

Mais à frente, Blaylock, filho de Rocke, explodiu no corredor de estátuas, suas sobrancelhas franzidas, seu corpo vestido de couro do alto de seus ombros até as solas de suas botas enormes. Quando ele caminhou para a frente, ele estava verificando sua armas uma por uma, tirando do coldres, repondo, travado.

Layla parou.

E quando o homem finalmente olhou para ela, ela fez o mesmo, enquanto os olhos se tornavam distantes.

O vermelho profundo do cabelo, e o adorável azul safira dos olhos, o completo aristocrata, era um lutador para a Irmandade, mas ele não era um bruto. Não importava como ele passava as noites no campo, no complexo ele se portava como um macho gentil, inteligente, com postura fina e educada.

Então não foi uma surpresa que, mesmo na sua pressa, ele se inclinasse um pouco o corpo em saudação formal, antes de retomar com pressa para a grande escadaria.

Em sua descida para o hall, a voz de Qhuinn veio até ela.

Eu estou apaixonado por alguém....

Layla exercitou seu novo hábito de praguejar baixinho. Esse triste estado de coisas entre os dois lutadores, e esta gravidez não ia ajudar.

Mas a sorte estava lançada.

E todos eles estavam indo para viver com as consequências.

Assim que Blay alcançou a escada, ele sentiu como se estivesse sendo perseguido, e que estava louco. Ninguém que fosse qualquer ameaça estava atrás dele. Não havia um espreitador numa máscara de Jason, ou um bastardo doente em um suéter de Natal ruim, com garras nos dedos, ou um palhaço assassino...[30]

Só uma Escolhida, provavelmente grávida, que por acaso havia passado umas boas 12 horas fodendo seu ex-melhor amigo.

Sem problema.

Pelo menos, não deveria ter haver qualquer problema. O problema era que cada vez que ele via esta fêmea, ele sentia como se fosse socado no estômago. O que era mais um caso de loucura. Ela não tinha feito nada de errado. Nem Qhuinn tinha.

Embora, Deus, se ela estivesse grávida...

Blay chutou todos esses pensamentos felizes para o segundo plano, quando ele atravessou o saguão em uma corrida. Sem tempo para psicologia-balbuciante, mesmo que fosse apenas para si

[30] *Aqui a autora faz referencia aos personagens principais dos filmes de terror Sexta Feira 13, Hora do Pesadelo e It — Uma Obra Prima do Medo, respectivamente.*

mesmo: Quando Vishous o chamou em sua noite de folga e disse para estar fora, na frente, com seu equipamento em cinco minutos, não era porque as coisas estavam indo bem.

Nenhum detalhe fora dado durante o telefonema, nenhum havia sido solicitado. Blay havia levado apenas um momento para enviar um texto para Saxton, e então ele havia se enfiado nos couros e pego as armas, pronto para qualquer coisa.

De certa forma, isso foi bom. Passar a noite lendo em seu quarto, acabaria por ser uma tortura, e embora ele não quisesse ninguém com problemas, pelo menos isto o puxou para alguma atividade. Irrompendo através do vestíbulo, ele...

Ficou cara-a-cara com o caminhão guincho da Irmandade.

A coisa era equipada para parecer autenticamente humana, deliberadamente pintada de vermelho com os logotipos do AAA[31] e o nome inventado de Reboque do Murphy. Número de telefone falso. Falso slogan de: *"Nós estamos sempre lá para Você".*

Mentira. A menos, é claro, que "você" fosse um da Irmandade.

Blay pulou para o banco do passageiro e encontrou Tohr não, V, atrás do volante. —Vishous está vindo?

—É você e eu, garoto — ele ainda está trabalhando sobre os testes de balística daquela bala.

O irmão pisou no acelerador, o rugido do motor diesel como de uma besta, os faróis balançando em um grande círculo ao redor da fonte do pátio e em toda a linha de carros estacionados lado-a-lado.

Exatamente quando Blay checava os veículos e fazia as contas sobre aquele que estava faltando, Tohr disse, —É Qhuinn e John.

As pálpebras de Blay caíram fechadas por uma fração de segundo. —O que aconteceu.

—Eu não sei muito. John chamou V para uma ajuda de emergência.— O irmão olhou. —E você e eu éramos os únicos livres.

Blay estendeu a mão para a maçaneta da porta, pronto para estourar a coisa e desmaterializar a porra fora de lá. —Onde eles estão...

—Se acalme, filho. Você conhece as regras. Nenhum de nós pode estar sozinho, então eu preciso de sua bunda neste assento ou vou violar o meu próprio maldito protocolo.

Blay bateu com o punho na porta, socando duro o suficiente para que a picada na mão, clareasse sua cabeça um pouco. Porra de bando de bastardos, que todos eles sofram— e o fato de que a regra fazia sentido, apenas o irritou ainda mais. Xcor e seus meninos tinham provado serem cautelosos, agressivos e completamente sem moral — não exatamente o tipo de inimigos que você queria encontrar estando sozinho.

Mas vamos lá.

Blay agarrou o telefone, com a intenção de enviar um texto para John — mas ele parou porque ele não queria os caras distraídos por sua tentativa de obter mais detalhes. —Há alguém que possa chegar até eles rapidamente?

—V chamou os outros. Combate pesado no centro da cidade e ninguém pode sair dele.

---

[31] *Referência ao Clube do Carro nos EUA.*

—Maldição.

—Eu vou dirigir o mais rápido que eu puder, filho.

Blay assentiu, apenas para ele não se tornar meio rude. —Onde eles estão e qual a distância?

—Quinze a vinte minutos. E além dos subúrbios.

Merda.

Olhando pela janela e vendo a camada de neve, disse a si mesmo que se John estava texting[32], eles estavam vivos, e pelo amordedeus, o cara pediu um caminhão de reboque, e não uma ambulância. Por tudo o que sabia, eles tiveram um pneu furado ou um para-brisa quebrado, e ficando histérico não iria encurtar a distância, diminuir o drama, se é que havia algum, ou mudar o resultado.

—Desculpe se estou sendo um imbecil, — murmurou Blay, quando o irmão disparou para a estrada.

—Você não precisa se desculpar por estar preocupado com os seus amigos.

Homem, Tohr era legal assim.

Como era tarde, tarde da noite, a Northway não tinha carros, apenas uma carreta ou duas, os motoristas louco como morcegos saindo do inferno. O caminhão de reboque não ficaria nas quatro pistas por muito tempo. Cerca de treze quilômetros depois, eles saíram em uma saída bem ao norte do centro da cidade de Caldwell, em uma área suburbana que era conhecida pelas mansões, não sítios, Mercedes, não Mazdas.

—O que diabos eles estão fazendo aqui? — Blay perguntou.

—Pesquisando aqueles relatos.

—Sobre *lessers?*

—Yeah.

Blay sacudiu a cabeça enquanto passavam por muros de pedra tão alto e grossos como linebackers[33], e portões refinados, com filigrana de ferro forjado que estavam fechados para os forasteiros.

De repente, ele deu uma respiração profunda e relaxada. Os aristocratas que estavam se movendo de volta para a cidade estavam assustados e vendo evidências de atividade *lesser* em tudo à sua volta — o que não significa que os assassinos estavam de fato saltando de trás das estátuas no jardim ou se escondendo nos porões.

Esse não era um evento mortal. Era um mecânico.

Blay esfregou o rosto e bateu na merda do seu botão de pânico interior.

Pelo menos até que eles saíram do outro lado da rua e encontraram o acidente.

Quando eles contornaram uma curva na estrada, havia um par de lanternas traseiras vermelho brilhante ao lado — distante no acostamento, e de cabeça para baixo.

Porra isso foi apenas um problema mecânico.

---

[32] *Gíria para dizer que estava enviando mensagem de texto*
[33] *No futebol Americano, significa os jogadores que formando uma segunda linha de defesa atrás.*

Blay pulou para fora antes que Tohr mesmo começasse a encostar, desmaterializando diretamente para o Hummer.

—Oh, Cristo, não,— ele gemeu quando ele viu dois padrões de raio de sol no para-brisa dianteiro — o tipo de coisa que poderia ser feita apenas por um par de cabeças batendo no vidro.

Viajando através da neve, ele foi para a porta do lado do motorista, o cheiro doce da gasolina esfaqueando o seu nariz, a fumaça do motor o fazendo piscar...

Um assobio agudo cortou a noite a partir da esquerda. Chicoteando em torno, Blay procurou na paisagem coberta de neve... e encontrou duas formas gigantescas cerca de seis metros de distância, agrupados na base de uma árvore quase do tamanho da qual o Hummer havia ficado pendurado.

Lutando através do monte de neve, Blay correu e caiu de joelhos. Qhuinn estava esparramado no chão, as pernas longas e pesadas esticadas, sua parte superior do corpo, no colo de John.

O macho só olhava para ele com aqueles olhos desiguais, imóvel, sem falar.

—Ele está paralisado? — Blay perguntou, olhando para John.

—Não que eu saiba,— Qhuinn respondeu secamente.

Eu acho que ele tem uma concussão, John sinalizou.

—Eu não...

Ele passou voando o capô de seu carro e bateu nesta árvore...

—Eu, na maior parte, não acertei a árvore...

E eu tive que segurá-lo desde então.

—O que está me enchendo o saco...

—Como estamos indo, rapazes? — Tohr disse enquanto triturava até eles, suas botas esmagando o bloco de gelo. —Alguém ferido?

Qhuinn se livrou de John e saltou para a vertical. —Não — nós somos todos apenas...

Nesse ponto, o equilíbrio do cara ficou vacilante, seu corpo se inclinando tão duro que Tohr teve que pegá-lo.

—Você vai esperar no caminhão, — o irmão disse severamente.

—Foda-se...

Tohr puxou o cara para a frente para que eles ficassem cara-a-cara. —Desculpe-me, filho. Que foi que você disse? Porque eu sei que você apenas não mandou me Foder, não é mesmo.

Okay. Certo. Blay sabia em primeira mão que havia poucas coisas na vida que faziam Qhuinn voltar atrás do que foi dito; um Irmão, um cara respeitado, que estava mais do que pronto para terminar o trabalho que um pinheiro havia começado, era definitivamente uma delas.

Qhuinn olhou para seu SUV arruinado. —Desculpe. Noite ruim. E eu só fiquei atordoado por uma fração de segundo. Estou bem.

Da maneira típica de Qhuinn, o bastardo se soltou e se afastou, indo em direção à pilha fumegante de metal anteriormente dirigível, como se ele tivesse jogado fora seus ferimentos pela força de vontade.

Deixando todos os outros em sua poeira.

Blay se levantou e se forçou a concentrar em John. —O que aconteceu?

Graças a Deus pela linguagem de sinais, que lhe deu algo para olhar, e felizmente, John tomou seu tempo preenchendo os detalhes. Quando a narração acabou, Blay só podia olhar para o amigo. Mas vamos lá, não era como se alguém iria fazer essa merda.

Não sobre alguém que eles gostavam, de qualquer forma.

Tohrment começou a rir. —Ele deu uma *Hiper Cagada*, é o que você está dizendo.

—Não tenho certeza se eu sei o que é isso? — Blay interrompeu.

Tohr deu de ombros e seguiu trilha de Qhuinn através da neve, fazendo um gesto com o braço em direção ao carro destruído. —Bem aqui. Esta é a definição de uma *Hiper Cagada* — precipitada por seu menino deixando as chaves na ignição.

Ele não é o meu garoto, Blay disse para si mesmo. Nunca foi. Nunca será.

E o fato de isso doer mais do que qualquer tipo de abalo era algo, tipo muito, ele se manteve em silêncio.

Ao lado e para fora do brilho dos faróis, Blay ficou para trás e viu Qhuinn agachado junto à porta do motorista e amaldiçoou brandamente. —Confuso. Muito confuso.

Tohr fez o dever no banco do passageiro. —Oh, olhe, um jogo combinado.

—Eu acho que eles estão mortos.

—Realmente. Ou deram a pensar nisso. O fato de que eles não estão se movendo ou que este cara aqui não tem características faciais na esquerda?

Qhuinn se endireitou e olhou para o chassis. —Nós precisamos virá-lo e o rebocar.

—E eu que pensei que íamos tostar marshmallows, — Tohr colocou. —John? Blay? Venham aqui.

Os quatro se alinharam ombro a ombro entre os conjuntos de pneus e cavaram com suas botas, travando suas posições na neve. Quatro conjuntos de mãos espalmaram os painéis; quatro corpos se inclinaram preparados; quatro pares de ombros retesados.

Uma voz única, de Tohr, contou. —No três. Uma. Dois. *Três...*

O Hummer que já tivera uma noite ruim, e essa coisa certo-errado o fez gemer tão alto, que uma coruja fluiu através da estrada e um par de veados fugiram saltando em seus cascos através das árvores.

Então, novamente, o SUV não foi a única maldição. Todos estavam indo como George Carlin[34] sob o peso morto, enquanto eles trabalhavam esperando a gravidade atuar sobre todo esse aço. As leis da física eram possessivas, no entanto, e enquanto o corpo de Blay estava tenso, todos os seus músculos se apertando contra seus ossos, ele virou a cabeça e mudou seu aperto...

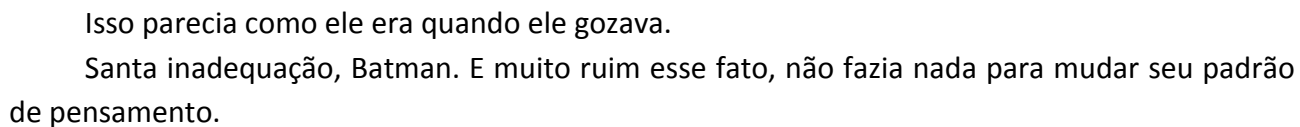
Ele estava de pé ao lado de Qhuinn. Bem ao lado do cara.

Olhos de Qhuinn se concentraram em frente, seus lábios puxados para trás de seus dentes, sua expressão feroz fruto do total esforço anatômico...

---

[34] *George Denis Patrick Carlin (Nova Iorque, 12 de maio de 1937 — Santa Mônica, 22 de junho de 2008) foi um humorista, comediante de stand-up, ator e autor norte-americano, vencedor de cinco Grammys. Pioneiro, com Lenny Bruce, no humor de crítica social, a sua mais polêmica rotina chamava-se "Sete Palavras que não se podem dizer em Televisão", o que lhe causou, durante os anos setenta, vários dissabores, acabando preso em inúmeras vezes que levou o texto ao palco.*

Isso parecia como ele era quando ele gozava.

Santa inadequação, Batman. E muito ruim esse fato, não fazia nada para mudar seu padrão de pensamento.

O problema era, Blay sabia por experiência própria, o que um orgasmo fazia com o cara — embora não porque ele era um do elenco de milhares de pessoas que tinham estado com destinatário. Oh, não. Isso nunca. Deus, o cara fodedor, que ia enfiar o pau em qualquer coisa que respirava — e talvez alguns objetos inanimados — nunca iria fazer com Blay.

Yeah, porque esse exigente paladar sexual, o que levou Qhuinn a transar com tudo em Caldwell entre as idades de 20 e 28, tinha filtrado Blay fora da piscina da foda.

—Ele está... começando a se mover... — Tohr rangeu. —Peguem sob ele!

Blay e Qhuinn estalaram em ação, liberando seus apertos, se agachando, empurrando seus ombros sob a borda do teto. De frente um para o outro, seus olhos se encontraram quando a respiração explodiu fora de suas bocas, suas coxas entrando em ação, os seus corpos se contrapondo em uma guerra contra todo aquele peso frio e duro — que estava escorregadio graças a neve.

A adição da força deles foi o ponto de virada — literalmente. Um eixo formado nos pneus opostos, e o peso do Hummer de quatro toneladas começou a se deslocar, ficando mais leve e mais leve.

Por que diabos estava Qhuinn olhando para ele assim?

Aqueles olhos, aquele par azul e verde, estavam trancados em Blay — e eles não estavam se movendo.

Talvez fosse apenas a concentração — tipo, ele estava realmente concentrado apenas nas duas polegadas na frente de seu rosto e Blay passou a estar apenas no lado mais distante disso.

Tinha que ser...

—Fácil, meninos! — Tohr chamou. —Ou nós vamos virar essa porcaria por todo o caminho de novo!

Blay afrouxou a pressão, e houve um momento de suspensão, uma fração de segundo em que o impossível aconteceu, onde 3,6 toneladas de SUV se equilibraram perfeitamente no limite de dois pneus, onde o que havia sido excruciante se tornou... estimulante.

E ainda Qhuinn olhava para ele.

À medida que o Hummer aterrissavam com um salto nas quatro rodas, Blay franziu a testa e se virou. Quando ele olhou de volta... Os olhos de Qhuinn estavam exatamente onde haviam estado.

Blay se inclinou e sussurrou: —O quê?

Antes que houvesse qualquer tipo de resposta, Tohr se aproximou e abriu a porta lateral do SUV. O cheiro de sangue fresco flutuou na brisa. —Homem, mesmo que isso não esteja arruinado, eu não tenho certeza que você vai querer de volta. A limpeza aqui vai ser uma cadela.

Qhuinn não respondeu, parecendo ter esquecido tudo sobre o comercial de mutilação da Allstate[35] que seu SUV estava vivendo. Ele apenas ficou lá, olhando para Blay.

Talvez o FDP tinha tido um derrame em pé?

—Qual é o seu problema? — Blay repetiu.

—Vou trazer o guincho aqui, — disse Tohr enquanto ele se dirigia para o outro veículo. — Vamos deixar os corpos onde estão — você pode eliminá-los no caminho de casa.

Enquanto isso, Blay podia sentir John parando e olhando de frente para eles — algo com o qual Qhuinn não parecia se preocupar, naturalmente.

Com uma maldição, Blay resolveu o problema correndo para o caminhão de reboque e caminhando ao lado de Tohr, respaldando a coisa em direção ao capô colapsado do Hummer. Indo para o guincho, Blay soltou a garra e começou a libertar o cabo.

Ele tinha uma sensação de que ele sabia o que estava na mente de Qhuinn, e se ele estava certo, era melhor o cara ficar quieto e recuar, porra.

Ele não queria ouvir.

Capítulo 05

Enquanto Qhuinn ficava no vento forte e assistia Blay conectar o Hummer, a neve solta explodia por sobre suas botas no silêncio, como um peso suave gradualmente ocultando os topos de aço do bico. Olhando para baixo, ele teve a ideia vaga de que se ele ficasse onde estava o tempo suficiente, ele seria completamente coberto por ela, da cabeça aos pés.

Maldita coisa estranha para entrar em seu cérebro.

O rugido do motor da plataforma trouxe a cabeça de volta, seus olhos se deslocando sobre como o guincho começou a arrastar seu carro arruinado fora da neve.

Blay era o único trabalhando no reboque, o macho em pé ao lado, monitorando cuidadosamente e controlando a velocidade da tração, de modo que nenhum esforço indevido fosse posto sobre os vários componentes mecânicos desta produção automotiva do Bom Samaritano.

Tão cuidadoso. Tão controlado.

A fim de parecer casual, Qhuinn passou por Tohr e fingiu que ele, como o irmão, estava apenas monitorando o progresso da elevação. Não. Era tudo sobre Blay, é claro.

Isso sempre tinha sido sobre Blay.

Tentando aparentar para todos indiferença, ele cruzou os braços sobre seu peito — mas teve que deixar largar para baixo novamente, quando seu ombro machucado gritou. — Lição aprendida, — ele disse para conversar.

[35] *Companhia de Seguro.*

Tohr murmurou algo de volta, mas dane-se se ele ouviu. E dane-se se ele podia ver algo além de Blay. Nem por um piscar de olhos. Nem em uma respiração. Nem em uma batida do coração.

Olhando pela neve que rodopiava, se admirou como alguém sobre quem você conhecia tudo, que vivia no fim do corredor, que comia com você e trabalhava com você e dormia ao mesmo tempo que você o fazia... poderia se tornar um estranho.

Então novamente, e como de costume, isso era sobre a distância emocional, não sobre o mesmo trabalho, sob-o-mesmo-teto merda.

A coisa era; Qhuinn sentiu como se quisesse explicar as coisas. Infelizmente, e ao contrário de seu primo piranha, Saxton, o filho da puta, ele não tinha o dom com as palavras, e as coisas complicadas no centro de seu peito estavam fazendo essa tendência mudar para pior.

Depois de um giro final, o Hummer foi do chão para a plataforma, e Blay começou a correr a corrente dentro e fora do chassi.

—Ok, você três levam este pedaço de lixo de volta, — disse Tohr conforme os flocos começaram a cair novamente.

Blay congelou e olhou para o irmão. —Nós vamos em pares. Então eu preciso sair com você.

Tipo assim ele estava mais do que pronto para saltar.

—Você já olhou para o que temos aqui? Um pedaço incapacitado de sucata com dois seres humanos mortos no mesmo. Você acha que esta é uma situação de "vamos tratar com cuidado e carinho"?

—Eles podem lidar com isso, — Blay disse baixinho. —Os dois estão firmes.

—E com você eles são ainda mais fortes. Vou desmaterializar para casa.

No longo de silêncio que se seguiu, a linha reta que ia do traseiro de Blay até a base de seu crânio, era o equivalente a um dedo do meio. Não para o irmão, no entanto.

Qhuinn sabia exatamente para quem era.

As coisas evoluíram rapidamente a partir de então, o SUV ficando seguro, Tohr partindo, e John pulando atrás do volante do guincho. Enquanto isso, Qhuinn deu a volta para a porta do lado do passageiro do caminhão, a abrindo, e ficou do lado, esperando.

Como um provável macho gentil, ele supunha.

Blay veio, seguindo através da neve. Seu rosto era como a paisagem: frio, fechado, inóspito.

—Depois de você, — o cara resmungou, tirando um maço de cigarros e um isqueiro de ouro elegante.

Qhuinn inclinou a cabeça brevemente em um aceno de cabeça, em seguida se arrastou para dentro, deslizando sobre o banco até que seu ombro roçou o John.

Blay entrou por último, bateu a porta, e abriu a janela, colocando a ponta acesa de seu prego de caixão[36] à direita na abertura para manter o cheiro lá fora.

O guincho fez toda a conversa por uns bons oito quilômetros mais ou menos.

---

[36] *A autora utiliza uma forma pejorativa para dizer cigarro.*

Sentado entre o que costumava ser seus dois melhores amigos, Qhuinn olhou para fora do para-brisa e contou os segundos entre os golpes intermitentes dos limpadores... três, dois... um... para cima e para baixo. E... três, dois... um... para cima e para baixo.

Havia neve solta no ar suficiente apenas para exigir o esforço...

—Sinto muito, — ele desabafou.

Silêncio. Exceto pelo rosnado do motor na frente deles e o barulho ocasional de uma corrente na traseira, quando eles atingiam um obstáculo.

Qhuinn deu uma olhada, e que surpresa, Blay parecia que estava mastigando metal.

—Você está falando comigo? — o cara disse rispidamente.

—Yeah. Eu estou.

—Você não tem nada para se desculpar. — Blay apunhalou o cigarro no cinzeiro do painel. E acendeu outro. —quer fazer o favor de parar de olhar fixamente para mim.

—Eu só... — Qhuinn colocou a mão pelo cabelo e deu a merda de um puxão. —Eu não... eu... eu não sei o que dizer sobre Layla...

A cabeça de Blay girou. —O que você faz com a sua vida não tem nada a ver comigo...

—Isso não é verdade, — Qhuinn disse calmamente. — Eu...

—Não é verdade?

—Blay, ouça, Layla e eu...

—O que te faz pensar que eu quero ouvir uma palavra sobre você e ela?

—Eu pensei que você pode precisar de algum... Eu não sei, o contexto ou algo assim.

Blay simplesmente olhou para ele por um momento. —E por que exatamente você acha que eu quero 'o contexto.'

—Por que... Achei que você pode achar que é... tipo, perturbador. Ou algo assim.

—E por que seria?

Qhuinn não podia acreditar que o cara queria que ele dissesse isso em voz alta. Muito menos na frente de outra pessoa, até mesmo John. —Bem, porque, você sabe.

Blay se inclinou, seu lábio superior descobrindo suas presas. —Só para que fique claro, o seu primo está me dando o que eu preciso. Todo o dia. Todos os dias. Você e eu? — Ele acenou trás e para frente entre eles com o cigarro. —Trabalhamos juntos. É isso aí. Então, eu quero que você nos faça um favor antes que você pense que eu "necessito" saber alguma coisa. Pergunte a si mesmo: "Se eu fosse virar hambúrgueres no McDonald’s, eu estaria dizendo esta porra para o cara que frita? “Se a resposta for não, então calem a boca.

Qhuinn voltou o foco para o para-brisa. E considerou colocar seu rosto através dele. —John, encosta.

O lutador relanceou o olhar transversalmente. Em seguida, começou a sacudir a cabeça.

—John, encoste esta merda. Ou eu vou fazer isso por você.

Qhuinn estava vagamente consciente de que seu peito estava bombeando para cima e para baixo e que suas mãos haviam se tornado punhos.

—Encoste esta merda! — ele rugiu conforme socava o painel de instrumentos com força suficiente para enviar uma das entradas de ar voando.

O guincho disparou para o lado da estrada e os freios cantaram quando sua velocidade diminuiu. Mas Qhuinn já estava fora de lá. Desmaterializando, ele escapou por aquela fenda na janela, junto com o exalar frustrado de Blay.

Quase imediatamente, ele tomou forma no lado da estrada, incapaz de se manter em seu estado molecular, pois suas emoções estavam correndo muito alto para isso. Colocando uma shitkicker na frente da outra, ele se arrastou pela neve, a sua necessidade de andar abafando tudo, inclusive a dor tocando nos nós dos dedos de ambas as mãos.

Na parte de trás de sua cabeça, algo sobre o trecho de estrada se registrando, mas havia muito barulho em seu crânio para algo específico para abrir caminho.

Nenhuma ideia de onde ele estava indo.

Homem, estava frio.

Sentado no guincho, Blay focou na ponta acesa do cigarro, o pequeno brilho alaranjado indo e voltando como uma corda de violão.

Adivinhe, sua mão estava tremendo.

O apito que saiu ao lado dele foi a maneira de John tentar chamar a atenção dele, mas ele ignorou. O que o fez dar um tapa no seu braço.

Este é um trecho muito ruim para ele, John sinalizou.

—Você está brincando comigo, certo? — Blay resmungou. —Você está absolutamente brincando comigo. Ele sempre quis um acasalamento convencional, e ele se tombou com uma Escolhida, eu diria este é um grande...

Não, aqui, precisamente aqui. John apontou para o asfalto. *Aqui.*

Blay desviou os olhos para o para-brisa só porque ele estava muito cansado para discutir. Na frente da mesa, os faróis iluminado tudo, a paisagem coberta de neve deslumbrantemente branca, a figura caminhando ao lado da estrada como um fantasma jogado.

Gotas vermelhas de sangue marcavam o caminho das pegadas.

As mãos de Qhuinn estavam sangrando, de quando ele saiu voando no choque...

Abruptamente, Blay franziu a testa. Sentou um pouco mais elevado.

Como peças de quebra-cabeça afundando em seus entalhes apropriados, os detalhes aleatórios sobre onde eles estavam, a partir da curva da estrada, para as árvores, para a parede de pedra ao lado deles, se reuniram e completaram uma foto.

—Oh, merda. — Blay bateu a cabeça contra o descanso. Fechando os olhos por um instante, ele queria encontrar outra solução para isso, qualquer outra coisa do que ele indo lá fora.

Ele veio com um grande, gordo *nada*.

Enquanto ele abria a porta, o frio correu para o interior quente da cabine do caminhão. Ele não disse nada para John. Nenhuma razão para. Coisas como sair com neve caindo, depois de alguém eram autoexplicativo.

Dando uma tragada profunda, ele andou através do acúmulo da neve. A estrada havia sido arada anteriormente, mas essa coisa foi, tipo, muito mais cedo.

O que significava que ele provavelmente tinha que agir rápido.

Aqui nesta parte rica da cidade, onde a base tributária era tão ampla quanto os gramados circundantes, é melhor você acreditar que mais um daqueles arados amarelos municipais, do tamanho de uma casa, viria por certo antes do amanhecer.

Não há necessidade de jogar isso na frente dos seres humanos. Especialmente com o par vazando de "mortos-e-desaparecidos" no Hummer.

—Qhuinn, — disse ele asperamente. —Qhuinn, pare.

Ele não gritou. Não tinha energia. Essa... coisa, o que quer que estivesse entre eles, tinha se esgotado há muito tempo — e este atual confronto "na-lateral-da-estrada" era apenas mais um episódio para o qual ele não tinha força.

—Qhuinn. De verdade.

Pelo menos o cara abrandou um pouco. E com alguma sorte ele estaria tão de saco cheio, que ele não colocaria todas as dicas de sua localização juntas.

Jesus Cristo, quais eram as chances, Blay pensou quando ele olhou ao redor. Estava certo que foi nos próximos oitocentos metros mais ou menos, onde a Guarda de Honra tinha feito o seu negócio — e Qhuinn quase morrera no espancamento.

Deus, Blay se lembrava de dirigir naquela noite, um conjunto diferente de faróis colhendo uma figura escura, desta vez sangrando no chão.

Se sacudindo, ele deu mais um disparo no nome em jogo. —Qhuinn.

O cara parou, seus shitkickers plantando na neve e não indo mais longe. Ele não se virou, no entanto.

Blay fez sinal para John matar os faróis, e um segundo depois tudo o que ele tinha de lidar era com brilho sutil do laranja das luzes de estacionamento do caminhão.

Qhuinn colocou as mãos nos quadris e olhou para o céu, inclinando a cabeça para trás, sua respiração escapando para cima em uma nuvem de condensação.

—Vamos voltar e entrar no guincho. — Blay deu outra tragada e lançou a fumaça. —Nós precisamos nos manter em movimento...

—Eu sei o quanto Saxton significa para você, — Qhuinn disse rispidamente. —Eu entendo isso. Eu realmente faço.

Blay se forçou a dizer: —Bom.

—Eu acho que... ouvir isso em voz alta ainda é um choque.

Blay franziu a testa na penumbra. —Eu não entendo.

—Eu sei que você não entende. E isso é culpa minha. Tudo isso... é culpa minha. — Qhuinn olhou por cima do ombro, seu rosto forte, duro sombrio. —Eu só não quero que você pense que eu sou apaixonado por ela. Isto é tudo.

Blay expeliu profundamente seu Dunhill[37], mas não tinha o suficiente que tirar de seus pulmões. —Estou... desculpe — Eu não entendo... por que...

Bem, isso foi uma resposta impressionante.

[37] *Marca de cigarro.*

—Eu não estou apaixonado por ela. Ela não está apaixonada por mim. Nós não estamos dormindo juntos.

Blay riu asperamente. —Mentira.

—Muito sério. Eu a servi em sua necessidade, porque eu quero uma criança, e ela também, e isso começou e terminou aí.

Blay fechou os olhos enquanto o ferimento no peito estava sendo rasgado mais uma vez. —Qhuinn, vamos. Você já esteve com ela durante todo este ano passado. Eu vi você — todo mundo viu vocês dois...

—Eu tomei a sua virgindade há quatro noites. Ninguém tinha estado com ela antes, inclusive eu.

Oh, aí estava um quadro que ele precisava em sua cabeça.

—Eu não estou apaixonado por ela. Ela não está apaixonada por mim. Nós não estamos dormindo juntos.

Blay não conseguia mais ficar parado, então ele andava ao redor, a neve embalando sob suas botas. E então do nada, a voz da Senhora da Igreja[38] de SNL lhe veio à cabeça: Bem, não é que espeeeeeeeeeecial.

—Eu não estou com ninguém, — disse Qhuinn.

Blay riu de novo com esperteza. —Como em um relacionamento? Claro que não. Mas não espere que eu acredite que você está gastando seu tempo de folga, fazendo toalhinhas de crochê e ordenado alfabeticamente uma prateleira para temperos com aquela fêmea.

—Eu não tive sexo em quase um ano.

Isso o deteve em seco.

Deus, onde diabos foi todo o ar nesta parte do universo?

—Mentira, — Blay respondeu com uma voz rachada. —Você esteve com Layla — quatro noites atrás. Como você disse.

No silêncio que se seguiu, a terrível verdade levantou sua horripilante cabeça de novo, a dor tornando impossível para ele esconder o que ele tinha sido tão diligente em enterrar nos últimos dias.

—Você estava realmente com ela, — ele disse. —Eu vi o lustre da biblioteca indo e voltando sob seu quarto.

Agora Qhuinn era o único fechando os olhos como se quisesse esquecer. —Isso foi por um propósito.

—Escute... — Blay sacudiu a cabeça. —Eu realmente não entendo porque você está me contando tudo isso. Eu quis dizer o que eu disse, eu não preciso de qualquer explicação do que você faz com sua vida. Você e eu... nós crescemos juntos, e é isso. Sim, nós compartilhamos um monte de coisas na época, e nós estávamos lá um para o outro quando isso importou. Mas nenhum de nós pode caber nas roupas que usávamos, e essa relação entre nós é a mesma coisa. Ela não se encaixa em nossas vidas por mais tempo. Nós não... encaixamos mais. E ouça, eu não

[38] *A Senhora da Igreja era uma personagem cômica recorrente em uma série de esquetes na televisão americana no programa Saturday Night Live 1986-1990, com aparições posteriores em 1996, 2000 e 2011.*

queria ficar irritado no caminhão, mas eu acho que você precisa estar muito ciente disso. Você e eu? Nós temos um passado. É isso. Isso é... tudo que nós jamais vamos ter.

Qhuinn olhou para longe, seu rosto mais uma vez nas sombras.

Blay se obrigou a continuar falando. —Eu sei que isso... essa coisa com Layla... é um grande negócio para você. Ou eu estou supondo que é — como não poderia ser, se ela está grávida. Para mim? Eu sinceramente desejo que vocês dois fiquem bem. Mas você não me deve quaisquer explicações — e mais do que isso, eu não as exigi. Eu segui em frente das paixões infantis — e é isso que eu tinha por você. Naquela época, era apenas uma paixão, Qhuinn. Então, por favor, cuide de sua fêmea, e não se preocupe que eu esteja cortando os pulsos porque você encontrou alguém para amar. Como eu tenho.

—Eu disse a você. Eu não estou apaixonado por ela.

Espere por isso, Blay pensou. Porque está vindo.

Isso era clássico de Qhuinn, bem aqui.

O macho era incrível no campo. E leal ao ponto da psicose. E inteligente. E sexual até distrair. E cem mil outras coisas que Blay teve que admitir que ninguém mais chegava perto. Mas ele tinha um defeito grave, e que não era sua cor dos olhos.

Ele não conseguia lidar com a emoção.

Em tudo.

Qhuinn sempre tinha corrido de qualquer coisa profunda, mesmo que ele não se movesse. Ele poderia sentar bem na sua frente e assentir e falar, mas quando as emoções eram fortes para ele, ele iria entrar no interior de sua pele. Bastava verificar agora mesmo. E se você tentasse o forçar a enfrentá-los?

Bem, isso não era possível. Ninguém forçava Qhuinn a fazer nada.

E yeah, claro, havia um monte de boas razões para a forma como ele era. Sua família o tratava como uma maldição. A *glymera* olhando para ele. Ele tendo sido sem raízes toda a sua vida. Mas quaisquer que fosse os estressores, no final do dia, o macho iria correr de qualquer coisa que fosse muito complicada, ou que requeresse algo dele.

Provavelmente, a única coisa que poderia mudar isso era uma criança.

Assim, não importa o que ele dizia agora, não havia dúvida de que ele estava apaixonado por Layla, mas tendo atravessado a necessidade com ela, e agora esperando os resultados, ele estava perdendo a cabeça de preocupação e se afastando dela.

E, portanto, aqui de pé ao lado da estrada, tagarelando sobre coisas que não faziam maldito sentido.

—Eu desejo para vocês dois o melhor, — Blay disse, o coração martelando em seu peito. —Eu honestamente desejo. Eu realmente espero que isso funcione bem para ambos.

No silêncio tenso, Blay se arrancou para fora do buraco que ele tinha mais uma vez caído, agarrando seu caminho de volta para a superfície, longe da agonia dolorosa e ardente no centro de sua alma.

—Agora, podemos entrar no caminhão e terminar o nosso trabalho — disse ele uniformemente.

As mãos de Qhuinn ergueram rapidamente para seu rosto. Então, ele abaixou a cabeça, empurrou os dedos sangrando nos bolsos de suas calças de couro, e começou a voltar para o guincho.

—Yeah. Vamos fazer isso.

Capítulo 06

—Oh, meu Deus, vou gozar — vou gozar— mais ao sul, no centro de Caldwell, no estacionamento atrás do Iron Mask, Trez Latimer ficou feliz ao ouvir a notícia, mas não surpreso. Mas ninguém mais na área ao redor precisaria ser atualizado.

Enquanto trabalhava a si mesmo dentro e fora da mais do que disposta participante debaixo de seu corpo, ele a calou beijando-a com força, sua língua entrando naquela boca quente, todo comentário desnecessário sendo cortado.

O carro em que estavam era apertado e cheirava ao perfume da mulher: doce e picante e barato-de-merda, da próxima vez pegaria alguém em um SUV, ou, melhor ainda, numa Mercedes S550 com algum espaço adequado na traseira.

Obviamente, este carrinho da Nissan não havia sido projetado para acomodar um grandalhão de mais de cento e vinte quilos, mandando ver numa assistente de dentista seminua. Ou seria uma assistente jurídica?

Não conseguia se lembrar.

E tinha questões mais imediatas com que se preocupar. Com uma mudança abrupta, quebrou o beijo porque quanto mais perto da sua própria liberação, mais longas suas presas cresceriam a partir de seu maxilar superior— não queria cortá-la por engano: O gosto de sangue fresco o lançaria direto sobre outro tipo mais perigoso de borda, e ele não tinha certeza de que alimentar-se dela fosse uma boa ideia...

Raspe isso.

Era uma má ideia. E não porque ela era apenas um ser humano.

Alguém os observava.

Levantando a cabeça, olhou para fora da janela do banco de trás. Como um Sombra, seus olhos eram três ou quatro vezes mais perspicazes do que os de um vampiro normal, e era facilmente capazes de penetrar na escuridão.

Sim, alguém o assistia tendo uma sessão de pipoca e doces, mais à esquerda na entrada do pessoal.

Hora de acabar com isto. Imediatamente tomou o controle, estendendo a mão entre seus corpos, encontrando o sexo da mulher, e provocando-a enquanto continuava a penetrá-la, fazendo-a gozar tão forte que ela levantou a cabeça para trás e bateu na porta.

Sem orgasmo para ele.

Mas que diabos. Alguém vadiando por perto transformou essa diversão rapidinha em algo diferente, e isso significava que ele tinha que interromper a merda. Mesmo que ele não gozasse.

Ele tinha um bom número de inimigos para agradecer por suas várias associações. E depois havia... complicações.. que eram só suas.

—Oh, meu Deus...

A julgar pela expiração explosiva, esforçada, e a pulsação que agarrava o pau grosso de Trez, a assistente-de-dentista-jurídica-técnica-veterinária estava tendo um bom tempo de balanço. Ele, no entanto, já saíra de mentalmente deste absurdo e poderia muito bem sair do carro, caçando aquele...,

Era uma fêmea. Sim, quem quer que fosse era definitivamente do uma derivação feminina...

Trez franziu a testa quando percebeu quem era.

Merda.

Então, novamente, pelo menos não era um *lesser*.

Uma *sympbath*. Uma traficante de drogas com quem precisava lidar. Uma cafetina rival com uma opinião. Uma vampira que estava fora de linha. iAm, seu irmão...

Mas não. Apenas uma mulher inofensiva, e muito ruim que não houvesse como voltar para sua fatia de felicidade. O clima estava arruinado.

A assistente de dentista/assessora jurídica/técnica veterinária/ cabeleireira estava ofegante como se ela tivesse tentado agarrar um bombeiro segurando um piano. —Isso foi incrível... foi...

Trez retirou-se e colocou o pênis para trás sua braguilha. Eram boas as chances de que suas bolas ficassem na cor neon em uma hora e meia, mas cuidaria disso quando acontecesse.

— Você é incrível.... Você é o mais incrível...

Trez deixou a enxurrada de palavras tolas cair sobre ele. —Você, também garotinha.

Ele a beijou para fazer parecer que se importava — e de certa forma o fazia. Essas mulheres humanas que usava, o importavam no sentido de que eram seres viventes, dignos de respeito e carinho pela simples virtude de seus corações baterem. Por um curto espaço de tempo, enquanto deixavam que usasse seus corpos, e às vezes suas veias, e ele apreciava estes presentes, que eram sempre dados de boa vontade, e às vezes mais de uma vez.

E o último era o problema que estava ali.

Fechando o zíper, Trez cuidadosamente manobrou seu corpo grande em torno, de modo que não esmagasse sua parceira de dez minutos ou desse a si mesmo uma craniotomia[39] no teto do carro.

A garotinha não parecia querer mover-se, no entanto. Ela simplesmente deitou ali e ficou jogada contra os bancos, as pernas ainda espalhadas, seu sexo ainda pronto, os seios ainda bombando e desafiando a gravidade como dois melões colados em sua caixa torácica.

---

[39] *A **craniotomia** é uma abertura cirúrgica do crânio, com o objetivo de se obter acesso às meninges ou à massa encefálica. Após uma série de trepanações, utiliza-se uma serra de Gigli para que o osso entre os furos seja serrado, e então a área óssea delimitada pelas trepanações é retirada, dando acesso imediato à dura-máter.*

Deve estar sob o músculo, ele pensou. —Vamos vesti-la, — ele sugeriu, puxando juntas as metades do seu bustiê.

—Você foi tão fantástico....

Ela estava como geleia — bem, exceto pelos peitos falsos duros-como-pedra. Maleável e agradável, mas totalmente inútil enquanto ele a deixava em ordem, sentou-se, e alisou suas extensões

—Isso foi divertido, menina?— Ele murmurou, e falava sério.

—Posso te ver de novo?

—Talvez.— Ele sorriu para ela firmemente para que suas presas não aparecessem. —Estou por perto.

Ela ronronou como um gato com isso, e então começou a recitar o número dela, que ele não se preocupou em decorar.

A triste verdade sobre as mulheres como ela, era que eram um centavo de uma dúzia: Nesta cidade de vários milhões, tinha que haver algumas centenas de milhares de vinte e poucos anos com bundas apertadas e as pernas soltas que estavam procurando por aproveitar um bom tempo. Na verdade, elas apenas eram todas variações de uma mesma pessoa, razão pela qual, precisava para mantê-los frescos.

Com tanta coisa em comum, a entrada e saída do novo fornecimento obrigatório, o manteria interessado.

Trez estava fora do carro um minuto e meio depois, e não se incomodou em embaralhar sua memória. Como um Sombra, tinha muitos truques mentais que poderia convocar, mas parara de se preocupar com isso anos atrás. Não valia a pena o esforço e — ocasionalmente, o fazia como uma repetição.

Rápida verificação do relógio.

Droga, ele já estaria atrasado para pegar iAm —mas obviamente teria que lidar com o problema da porta dos fundos, antes que fechasse a loja.

Quando se aproximou e parou na frente da mulher, ela inclinou o queixo para cima e colocou uma mão em seu quadril. Esta versão especial de pronta-e-disposta, tinha extensões de cabelo louro e gostava de *hot pants*[40] ao invés de saias — assim ela parecia ridícula no frio, com sua fofa parca da Patagônia rosa e seu traseiro mal coberto e pernas nuas na brisa.

---

40 ***Hot pants*** *são inspirados nas calcinhas das pin-ups dos anos 50 e antigamente funcionavam como saídas de banho. São shorts super curtos, cavados e com cintura alta. Atualmente, após passar reformulações, a peça está um pouco mais longa.*

Como uma espécie de *Sno ball* [41]em dois palitos.

—Ocupado?— Ela exigiu. Estava obviamente tentando manter a calma, mas dada a forma como seus saltos estavam batendo, ela bastante excitada — E não de um jeito bom.

—Ei, garotinha.— Sempre as chamava assim. —Você terá uma boa noite..?''

—Não.

—Bem, isso é muito ruim. Olha, estarei por aí.

A mulher cometeu o erro colossal de agarrar seu braço, quando ele passou por ela, as unhas afundando em sua camisa de seda e fixando-se em sua pele.

Trez estalou a cabeça ao redor, seus olhos queimando. Mas pelo menos ele conseguiu conter-se antes mesmo que mostrasse suas presas.

—O que *diabos* você pensa que está fazendo?— ela disse, inclinando-se para ele.

—Trez!— Alguém latiu.

De repente, a voz da sua chefe de segurança, cortou em seu cérebro. E coisa boa. Sombras eram uma espécie pacífica por natureza, desde que não fossem agredidos.

Quando Xhex correu, como se soubesse que assassinato era uma possibilidade que não estava cem por cento descartada, ele arrancou seu braço livre do aperto, sentindo cinco labaredas de dor das unhas da mulher. Refreando sua fúria, olhava para o rosto da mulher. —Vá para casa agora.

—Você me deve uma explicação...

Ele balançou a cabeça. —Não sou o seu namorado, garotinha.

—Malditamente certo, ele sabe como tratar uma mulher!

—Então, vá para casa, para ele,— Trez disse severamente.

—O que você faz, fode uma garota diferente a cada noite da semana?

—Sim. E às vezes duas vezes aos domingos.— Merda, deveria ter embaralhado essa. Quando estivera com ela? Duas noites atrás? Três? Tarde demais agora. —Vá para casa, para o seu homem.

—Você me deixa doente! Você seu porra chupador de rola, filho da puta.

Quando Xhex deu passo um entre eles e começou a falar em voz baixa com a histérica, Trez estava mais do que feliz de ter um apoio... porque o que você sabe, a garota do Nissan escolheu esse exato momento para dar a volta no estacionamento e seguir direto para fora.

Baixando o vidro da sua janela, ela sorriu como se fosse outra mulher. —Te vejo em breve, amor.

---

[41] ***Sno Ball*** *são bolos cobertos com marshmallow gelado e flocos de coco. Sno Ball geralmente são rosa, mas há outras versões disponíveis no chocolate, limão, branco, verde, azul e outras cores, dependendo do feriado. Estes bolos são normalmente cobertos de de coco desidratado , mas são tipicamente marrom em vez de rosa, porque eles podem ter chocolate em seu exterior.*

Estímulo para o choro: A garotinha com o casaco rosa, o namorado e o transtorno de comportamento, explodiram em um ataque de choro digno de um túmulo.

Eeeeeeeeeeeee, naturalmente, foi quando iAm apareceu.

Enquanto registrava a presença de seu irmão, Trez fechou os olhos.

Grande. Só fodidamente maravilhoso.

Capítulo 07

Cerca de dez quarteirões distante de onde Trez estava tendo uma noire-ruim-a-pior, Xcor estava limpando a lâmina de sua foice com um pano de camurça, que era suave como a orelha de um cordeiro.

Do outro lado do beco, Throe estava ao telefone, falando em voz baixa. Estivera assim desde que o terceiro dos três *lessers* que encontraram nesta parte da cidade, fora despachados de volta para o Ômega.

Xcor não estava interessado em qualquer demora, celular ou qualquer outra. O resto do seu Bando de Bastardos estava em outro lugar do centro, procurando um ou ambos de seus dois inimigos, e ele preferia estar comprometido desta forma.

Mas as necessidades biológicas vinham primeiro. Porra.

Throe terminou a sua chamada e o encarou, seu belo rosto desenhado em linhas graves. — Ela está disposta.

—Que gentil da parte dela.— Xcor embainhou sua foice e colocou o pano de limpeza distante. —Estou, no entanto, menos interessado em sua aquiescência do que na questão de saber se ela é capaz.

—Ela é.

—E como sabemos disso?

Throe limpou a garganta e desviou o olhar. —Fui até ela na noite passada e a avaliei por mim mesmo.

Xcor sorriu friamente. Então, isso explicava a ausência de seu soldado — e a razão para a saída era um alívio. Receara que o outro macho tivesse...

—E como ela se portou.

—Ela foi agradável.

—Provou todos os seus encantos?

O cavalheiro, que outrora fora um intelectual da *glymera*, mas que agora era um servo, limpou a garganta. —Eu, ah... sim.

—E como eram. — Quando não houve resposta, Xcor desmaterializou-se através da neve tingida de preto, aproximando-se do seu segundo em comando. — Como ela estava, Throe? Molhada e disposta?

O rubor aumentou no rosto profundamente bonito do macho. — Ela foi adequada.

—Quantas vezes a teve?

—Várias.

—E, em diferentes posições, espero? — Quando houve apenas um aceno duro, Xcor cedeu. —Bem, desempenhaste então, fielmente seu dever para com teus companheiros. Estou mais do que certo que os outros devem querer participar de ambos: as veias e o sexo também.

Seguiu-se uma desconfortável batida de silêncio, Xcor nunca teria admitido isso a ninguém, mas pressionara por detalhes não para incitar deliberadamente seu subordinado... mas porque estava contente que Throe se deitasse com a fêmea. Queria distância entre o macho e o que acontecera no outono passado. Queria calendários cheios de anos, e as incontáveis fêmeas, e rios de sangue de outras fêmeas...

—Há apenas uma condição, — Throe disse.

Xcor estreitou os lábios. Como a mulher em questão ainda não o vira, não poderia ser mais dinheiro — além disso, não precisaria se alimentar por agora. Graças a... —E essa seria...

—Deve ser feito em sua morada. Na primeira hora da noite de amanhã.

—Ah.— Xcor sorriu friamente. —Há uma armadilha, então.

—A Irmandade não sabe quem fez a pergunta.

—Você identificou seis machos, não o fez?

—Não usei nossos nomes.

—Não importa. — Xcor olhou ao redor da pista, estendendo seus sentidos para fora, em busca de um *lesser* ou um Irmão.— Não subestimo o alcance do rei. Não deves fazê-lo também.

Na verdade, sua própria ambição os atiçara todos ,contra um inimigo valoroso. A tentativa de assassinato contra vida de Wrath no outono passado, fora sua declaração aberta de guerra, e como esperado, ocorrera um previsível efeito colateral: A Irmandade encontrara o esconderijo do seu Bando de Bastardos, infiltrara-se nele e saiu de lá com o pacote de fuzil que continha a arma que fora usada para colocar uma bala na garganta do Rei Cego.

Sem dúvida, estavam atrás da prova.

A questão era, do que? Ele não sabia até o momento se o rei vivera ou morrera, e nem o sabia o Conselho a partir do que ele entendia. Na verdade, a *glymera* não sabia sequer que a tentativa ocorrera.

Wrath sobrevivera? Ou fora assassinado e a Irmandade estava, no momento, ocupada tentando preencher a vaga? A Lei Antiga era muito clara sobre as regras de sucessão — desde que o rei tivesse prole, o que não era o caso. Então seria seu parente mais próximo — presumindo-se que houvesse algum.

Xcor queria saber, mas não fez perguntas. Tudo o que podia fazer era esperar até que a palavra se apresentasse — e, enquanto isso, ele e seus soldados prosseguiriam matando *lessers*, E ele continuaria a reforçar sua base de poder dentro da *glymera*. Pelo menos, ambos empreendimentos estavam indo bem. Toda noite, eles esfaqueavam assassinos de volta para o Omega. E seu afetado, contato no Conselho, o não-particularmente-vulnerável Elan, filho de Larex, estava provando ser bastante ingênuo e maleável — duas características muito úteis em uma ferramenta descartável.

Xcor, entretanto, estava ficando cansado de informações nulas. E, de fato, este negócio com a fêmea que Throe encontrara, era necessário, mas cheio de perigos. Uma fêmea capaz de vender suas veias e seu sexo para vários usuários era certamente capaz de negociar informações por dinheiro — e embora Throe houvesse mantido suas identidades em segredo, o número deles fora dado. A Irmandade deve ter adivinhado corretamente que nenhum do Bando de Bastardo estava acasalado, e que mais cedo ou mais tarde, nesta nova terra, exigiriam o que tiveram em suficiência no Velho Continente.

Talvez esta fêmea fora colocada pelo rei e sua guarda particular.

Bem, iriam descobrir no dia seguinte. Emboscadas eram facilmente arranjadas, e não havia momento mais vulnerável, do que quando um macho faminto estava na garganta e entre as pernas de uma fêmea. Ainda assim havia tempo. Seus soldados estavam dispostos a lutar, mas seus rostos estavam fechados, seus olhos fundos, a pele muito alongada através de suas bochechas. Sangue humano, que era um substituto fraco, não estava fornecendo a força suficiente, e seus bastardos viveram muito tempo sem ele. Antes no Velho Continente, havia mulheres suficientes para servi-los quando a necessidade obrigava. Mas desde que vieram para o Novo Mundo, tiveram de se contentar com os meios disponíveis.

Se isso fosse uma armadilha, estava disposto a lutar contra os Irmãos. Então, novamente, ele fora devidamente servido...

Querida Virgem Escriba, não podia pensar nisso.

Xcor limpou a garganta quando a dor no peito tornou difícil de engolir. —Diga a fêmea que a primeira hora da escuridão é muito cedo. Deveremos ir até ela à meia-noite. E arranje alguma nutrição humana, logo que a noite cair. Se os irmãos estiverem lá, devemos estar relativamente fortes para nos envolver com eles.

Throe arqueou as sobrancelhas como se estivesse impressionado com o pensamento de Xcor. —Aye. Farei exatamente isso.

Xcor assentiu e desviou o olhar.

No silêncio, os acontecimentos do outono pesando entre eles, resfriando ainda mais o ar gélido dezembro.

Aquela Escolhida Sagrada estava sempre entre os dois.

—A luz do dia está vindo rapidamente sobre nós, — disse Throe com seu sotaque perfeito. —É hora de partir.

Xcor olhou para o leste. O brilho da madrugada ainda não havia chegado, mas seu segundo em comando estava certo. Em breve... muito em breve... a luz mortal do sol se derramaria, e não importa que estivesse em seu ponto mais fraco, com o solstício de inverno passado tão recentemente. —Diga aos soldados para saírem do campo,— disse Xcor. —E reúna-os na base.

Throe digitou uma combinação de letras em uma mensagem que Xcor não seria capaz de ler. E em seguida o soldado guardou o telefone com uma careta.

—Você não vai voltar? —Throe perguntou.

—Vá.

Houve uma longa pausa. E então o outro soldado disse suavemente, — Para onde tu vais?

Naquele momento, Xcor pensou em cada um dos seus combatentes. Zypher, o conquistador sexual. Balthazar, o ladrão. Syphon, o assassino. E o outro, que não tinha nome, e muitos pecados para contar. Então, era conhecido como Syn.

Em seguida, ele considerou Throe, justo leal, seu segundo em comando.

Perfeitamente criado, de sangue impecável.

Belo, gracioso Throe.

—Vá agora, — disse o homem.

—E quanto a você?

—Vá.

Throe hesitou, e em uma pausa, aquela noite quando Xcor quase morreu, voltou para os dois. Como poderia não voltar?

—Como desejar.

Seu soldado desmaterializou-se, deixando Xcor em pé sozinho contra o vento. Quando esteve certo de que fora deixado, mandou suas moléculas igualmente até as lufadas de vento, aventurando-se para o norte mais adiante, a um prado que estava coberto de neve. Tomando forma, estava na base suave da colina, olhando para a bela árvore plantada orgulhosa e adorável no ápice.

Pensou na suave elevação do seio de uma mulher, suas clavículas elegantes, da coluna mais sublime de um pálido pescoço...

Enquanto o vento fustigava as costas, fechou os olhos e deu um passo à frente, atraído a retornar ao local onde encontrou sua *pyrocant*.

Onde estava sua Escolhida?

Será que ainda vivia? Teria a Irmandade tomado sua vida, por sua atenção, generosidade, pelo presente anônimo que deu ao inimigo do seu rei?

Xcor sabia que teria morrido sem seu sangue. Gravemente ferido durante o atentado contra a vida de Wrath, estivera a ponto de expirar, quando Throe o trouxe a este campo, e convocou a Escolhida e o ato fora feito.

Throe havia planejado tudo. E, no processo, cravou uma maldição dentro de coração escuro Xcor.

Suas ambições permaneceram como estavam: Pretendia lutar pelo trono do Rei Cego e reinar sobre os vampiros. Havia, no entanto, um ponto fraco, crítico, que o perseguia.

Aquela fêmea.

Ela fora injustamente arrastada para o conflito entre machos com punhais nas mãos, uma inocente que fora manipulada e usada.

Preocupava-se intensamente com seu bem-estar.

Na verdade, tinha unicamente um arrependimento em sua vida de maldades. Se não tivesse enviado Throe para os braços da Irmandade, o segundo em comando não teria cruzado o seu caminho e alimentado-se dela. E, exceto por esse encontro, Throe não teria mais tarde chamado o seu serviço, e ela não os teria alcançado naquele o campo... e Xcor nunca teria olhado para aqueles olhos compassivos.

E perdido uma parte de si mesmo.

Ele era apenas um imundo, malformado, vira-lata sem pai, um traidor da proteção e da ordem sob as quais ela legitimamente vivia. Ele não merecia o seu dom.

E nem Throe o merecia — e não porque caíra de seu elevado nível anterior da *glymera*.

Nenhum homem mortal era merecedor.

Parando debaixo da árvore, Xcor olhou para o local onde havia ficado deitado à sua frente... onde ela ajoelhou-se sobre ele e marcou seu pulso, e ele abriu a boca para receber o poder que só ela poderia dar a ele.

Houve um momento em que seus olhos se encontraram e o tempo parou... e então ela baixou o pulso lentamente à boca.

Oh, que tão breve contato.

Estivera convencido de que ela era apenas uma aparição de sua mente errante, mas quando Throe o levou de volta ao esconderijo, veio sobre sua consciência de que ela era real. Muito real.

Semanas se passaram. E então, uma noite, na cidade, a sentiu, e seguiu o eco do sangue em suas veias para vê-la.

Naqueles minutos e horas intervenientes, ela descobriu a verdade sobre ele: Ela olhara para a escuridão, diretamente para ele, e sua angústia fora evidente.

Depois disso, seu esconderijo fora invadido. Provavelmente pelas orientações dadas por ela.

Com uma rajada de vento, a neve começou a cair novamente, os flocos engrossando no ar, girando em torno, ficando em seus olhos.

Onde ela estava agora?

O que fizeram com ela?

Para o leste, o brilho do nascer do sol começou a se reunir, apesar da cobertura de nuvens, e seus olhos ardiam — e por isso cuidou de focá-los no prenúncio cor de pêssego da manhã, apenas pela dor.

Ele nunca fora dilacerado em pedaços por emoções como estas. Toda sua vida fora apenas treinado em sobrevivência, primeiro através de seus anos no campo de guerra, e em seguida, durante seus anos sob o comando de Bloodletter, e agora, nesta época atual, como chefe de seu grupo de lutadores.

Mas ela o atingira, criando uma fissura vital.

Claro que ela dera-lhe sua vida, ela tomara uma parte dele, e ele não sabia o que fazer.

Talvez simplesmente ficar aqui e se permitir ser incinerado. Parecia uma situação mais fácil do que o que ele estava vivendo agora...

O que o destino reservara à ela?

Ele tinha que saber.

Isso era tão crítico quanto a sua busca pelo trono.

Capítulo 08

— Então, onde você despejou os corpos? V exigiu quando ele saiu da saída traseira do centro de formação.

Enquanto Qhuinn esperava por John e Blay para sair da cabine, ele deixou um deles responder a pergunta de V. Ele estava muito satisfeito para incomodar-se com "uma questão de fato", quando ele olhou para fora do para-brisa e deu uma varrida em toda a instalação do estacionamento subterrâneo, ele considerou apenas esticar todo banco da frente do caminhão e ir dormir.

Fodidamente muito cansado para se preocupar com mais nada.

No final, porém, ele seguiu os passos de John e mudou sua bunda para fora da porta do lado do motorista. Ele tinha que ir buscar Layla, o que não ia acontecer a partir daqui.

Não obstante o confronto na estrada, pelo menos ele, John e Blay tinham trabalhado bem juntos no caminho de casa. Cerca de dez quilômetros antes do desvio para o composto da Irmandade, haviam alcançado uma estrada madeireira, despojado os dois homens mortos, e lançado os corpos em um sumidouro natural que não tinha fundo, que ninguém poderia ver. Em seguida, ele recuou de volta na estrada, e saíram discretamente, permitindo que a neve, que começou a cair à sério, mais uma vez, cobrisse seus rastros, assim como os vários vazamentos que deixaram um rastro de sangue vermelho brilhante. Ao meio-dia, assumindo que as estimativas de acumulação fossem corretas, seria como se nada tivesse acontecido.

Um trabalho de neve perfeita. Har-har.

Ele supunha que deveria se sentir mal pelos mortos "caras sem famílias" que ninguém iria encontrar os restos mortais. Mas as evidências sugeriam que os dois rapazes tinham vivido à margem, e não porque eles eram hippies: armas, facas, um canivete, ervas daninhas, e alguns X, [42] haviam sido encontrados em seus vários bolsos. E só Deus sabia o que estava naquelas mochilas.

Vidas violentas tendem a ter finais violentos.

—Filho da puta, V estava dizendo, quando ele andou em torno da cabine do Hummer. — Para onde na porra vocês, se dirigiam? Para uma barricada de cimento?

Jonh assinou alguma coisa, e V olhou atentamente para Qhuinn. — No que diabos você estava pensando? Você poderia ter sido morto.

Qhuinn golpeou o próprio peito. — Ainda está batendo.

— Idiota. Mas o irmão sorriu, exibindo dentes afiados. — É, eu teria feito a mesma coisa.

Com o canto do olho, Qhuinn notou que Blay estava silencioso e discretamente saindo em direção a porta que dava para a instalação. Ele iria desaparecer em um segundo e meio, terminando com o drama que mais uma vez caiu a seus pés.

Qhuinn sentiu uma vontade súbita e surpreendente de acompanhar o guerreiro para o corredor e longe de olhares curiosos. Mas, como ele precisava tomar em outro rumo...

---

[42] *Comprimidos de ecstasy*

Seu primo está me dando o que eu preciso. Todos os dias. Todos os dias.

Oh, Jesus, ele ia vomitar.

— Assim, quaisquer resultados mais pessoais?

Qhuinn saiu com essa merda de ter que ser útil. — Vou pegá-los.

Pulando para cima da cabine, ele forçou para abrir a porta traseira amassada do Hummer e se espremeu através de uma abertura de 30 cm. para o banco de trás. Era bom para tocar seu corpo em lugares que não lhe pertenciam e não se encaixava, dava a sua mente algo para fazer, e os poucos ouchies[43] de seus ferimentos, eram outro desvio fantástico.

As duas mochilas tinha sido devolvida em bom estado. Ele descobriu a que eles tinham visto em primeiro lugar na roda bem atrás do banco do passageiro, e a outra estava na frente em cima do freio e do acelerador. Bagagem estranha para os dois, tanto quanto ele poderia dizer, o jeito de andarilho não batia com os outros tipos de caras urbanos e bêbados, que existiam por aí.

O caminho escolar era mais um meio intermediário no tráfico de drogas.

A menos que eles precisassem de um lugar para colocar suas metanfetamina de honra ao mérito de laboratório, ou alguma merda.

Quando Qhuinn retrocedeu de volta para o banco de trás, ele tomou uma decisão abrupta para não sair do jeito que ele veio dentro. Torcendo-se ao redor, ele estava fora no couro arruinado e trouxe seus joelhos para seu peito. Com uma inspiração afiada, ele socou seus shitkickers na porta do outro lado e as separou abertas, as dobradiças de metal rasgando livre com um grito, o painel saltando como um desastre no concreto.

Satisfatório.

Enquanto os sons ecoaram através da garagem, V acendeu uma de suas mãos-luminosas e inclinou-se para o buraco que Qhuinn tinha acabado de fazer. — Você sabe que eles têm maçanetas para isso, não é verdade?

Qhuinn se sentou e percebeu que tinha apenas chutado a única que não havia sido destruída.

Bem, se isso não era uma metáfora para a vida e toda merda neste momento.

Jogando o par de mochilas, ele lançou-se para sair, ficou rígido quando John pegou a carga e começou a abrir.

Porcaria. Blay havia saído. A porta para o centro de treinamento estava fechada.

Praguejando baixinho, ele murmurou — Quaisquer telefones celulares ainda tem que estar em algum lugar ai dentro. —mesmo que as janelas estejam quebradas, o vidro ainda está intacto, então não nenhum deve ter pulado pra fora.

— Bem, bem, bem... Disse o irmão exalando.

Qhuinn franziu a testa e olhou para o que Jonh havia encontrado. Que diabos......— Você está brincando comigo?

---

[43] *Uma gíria usada quando você se machuca "engraçados ossos nocauteados".*

Seu melhor amigo tinha acabado de tirar uma jarra de uma cerâmica — uma de qualidade barata, daquelas que você obtém no departamento de utilidades domésticas no Target[44]. E tudo o que você sabe. O outro cara havia embalado uma, também.

Quais eram as chances...?

—Temos que encontrar os telefones, Qhuinn murmurou, pulando para a cabine novamente. —Alguém tem uma lanterna?

Vishous tirou a luva de couro revestida de chumbo e ergueu a mão brilhante. —Chere[45]-direito.

Quando o irmão pulou na borda fina da cabine, Qhuinn entrou em uma dobra e voltou para o compartimento traseiro do Hummer. — Não me bata com essa coisa sim, V?

— Seria uma surra que você nunca se esqueceria, eu prometo.

Homem, a mão era útil. Quando V a colocou dentro, todo o interior foi iluminado, ficando claro como o dia, toda a carnificina dentro espalhada como sombras escuras. Rastejando, Qhuinn chegou por debaixo dos bancos, batendo com as palmas das mãos, esticando os cantos. O cheiro era horrível, uma combinação desagradável de gás, plástico queimado, e sangue fresco e cada vez que ele colocava a mão para baixo, apalpava o resíduo de pó dos air bags.

Mas valeu a pena todas as posições da sua pseudo yoga.

Ele saiu com um par de iPhones.

— Eu odeio essas coisas, V murmurou quando ele colocou a luva em volta e tomou o conjunto combinado.

Voltando ao ar relativamente fresco, Qhuinn prendeu a respiração e moveu o pescoço, em seguida, pulou novamente. Houve algum tipo de conversação nesse ponto, e ele acenou com a cabeça um par de vezes como se ele soubesse o que diabos estava sendo dito.

—Ouça você se importaria se eu tomar um telefone e checar uma coisa por um segundo, — ele interrompeu.

Os olhos de diamantes de V estreitaram. — Com quem?

Bem na hora, John saltou, perguntando sobre o Hummer e se alguém tinha um plano de reabilitação; foi como acenar uma tocha na frente de um T. rex para redirecioná-lo. Quando V começou a falar sobre o futuro do SUV como uma escultura no gramado, Qhuinn quase explodiu um beijo no seu amigo.

Ninguém sabia sobre Layla, exceto John e Blay. E as coisas necessariamente iriam ficar assim durante esse período inicial.

Como Qhuinn era *ahstrux nohtrum* de Jonh, ele não poderia ir longe, e ele não o fez. Ele se dirigiu até a porta que Blay fizera bom uso e tirou seu telefone. Enquanto discava para uma das extensões da casa e esperava através dos toques, ele olhou para o seu veículo em ruínas.

Ele podia se lembrar da noite em que ele obteve a maldita coisa. Embora seus pais tivessem dinheiro, eles não sentiam uma necessidade grande de gastar para dar para ele, como tinham para com o seu irmão e irmã. Antes de sua transformação, ele tinha conseguido algum dinheiro

---

[44] *Loja de departamento americana, famosa pelas coisas muito baratas.*
[45] *palavrão usado com mais freqüência pelos treinadores do ensino médio.*

com a venda de fumaça vermelha na surdina, mas não fizera uma enorme quantidade de tráfego suficiente, para fechar a lacuna de sua mesada insignificante, e manter-se fora de vadiagem com Blay o tempo todo.

A crise de liquidez terminara logo que ele havia sido promovido a guarda pessoal de John. Seu novo trabalho veio com um grande salário — 75 mil por ano. E considerando que ele não pagava impostos ao governo e toda a besteira humana, e sua hospedagem e alimentação eram pagas, ele tinha um monte de sobras do papel verde.

O Hummer havia sido sua primeira compra grande. Ele fizera sua pesquisa na Internet, mas a verdade era ele já sabia o que queria. Fritz fora lá fora e fizera a negociação e a aquisição oficial... E quando, pela primeira vez Qhuinn havia ficado por detrás do volante, girou a chave, e sentiu o estrondo sob o capô, ele quase chorou como um bichano.

Agora estava arruinado: Ele não era um mecânico, mas o dano estrutural fora tão grave, que não fazia sentido salvá-lo...

—Olá?

O som da voz de Layla trouxe de volta sua atenção. — Hey. Estou de volta. Como está se sentindo?

A pergunta precisa, trouxe para ele a lembrança de seus pais, cada palavra pronunciada perfeitamente e escolhidas com cuidado. —Eu estou bem, muito obrigada. Tenho descansado e assistido à televisão, como você sugeriu. Eles apresentaram uma maratona *Million Dollar Listing*.

— Que diabos é isso?

— Um show onde vendem casas em Los Angeles. —Eu pensei por um momento que fosse ficção, mas acontece que é um reality show? Eu pensei que era armação. Madison tem um cabelo lindo e eu gosto de Josh Flagg. Ele é muito esperto e muito gentil com sua avó.

Ele fez-lhe mais algumas perguntas, como o que ela tinha comido e se ela tinha tirado uma soneca, apenas para mantê-la falando, porque entre as sílabas, ele estava à procura de pistas de desconforto ou preocupação.

— Então você está bem, disse ele.

— Sim, e antes que você pergunte, eu já solicitei que Fritz me traga a última refeição. E sim, eu vou comer toda a minha carne assada.

Ele franziu a testa, não querendo que ela se sentisse enjaulada. — Olha, não é só por causa do bebê. É também por você. Eu quero que você esteja bem, você sabe?

Sua voz caiu um pouco. — Você sempre foi assim. Mesmo antes de nós... Sim, você apenas sempre quis o melhor para mim.

Concentrando-se na porta do carro que ele havia arrebentado, ele pensou em como era bom se sentir bem por chutar a merda de alguma coisa. — Bem, meu plano é ir para a academia por um tempo. Vou ver você de novo antes de ir lutar, ok?

—Tudo bem. Fique bem.

—Você também.

Quando ele desligou, ele percebeu que V tinha parado de falar e estava olhando para ele como se ele estivesse com o cabelo em chamas, calças ao redor dos tornozelos, as sobrancelhas raspadas.

— Você tem mesmo uma mulher lá, Qhuinn? O irmão perguntou.

Qhuinn olhou em torno por um bote salva-vidas, e não teve ideia de nada. — Ah...

V exalou por cima do ombro e falou. — O que seja. Eu estou indo para trabalhar nesses telefones. E você precisa comprar um outro veículo ou qualquer coisa, contanto que ele não seja um Prius[46]. Até mais tarde.

Quando John e ele ficaram sozinho, ficou bastante claro que o cara estava se aquecendo para dizer algo sobre o confronto ao lado da estrada.

—Eu não quero ouvir isso, John. Eu só não tenho a força agora.

Merda, John assinalou.

— E sobre a cobertura, cara. Você se dirigindo para a casa?

Sob a interpretação estrita do trabalho do *ahstrux nohtrum*, Qhuinn precisava estar com John 24/7[47]. Mas o rei tinha-lhes dado uma dispensa se estivessem dentro dos limites do composto. Caso contrário Qhuinn teria ficado sabendo demais sobre seu amigo e Xhex.

E John teria que testemunhar sobre ele e Layla... Hum, sim.

Quando John assentiu, Qhuinn abriu a porta e segurou-a aberta. — Depois de você.

Ele se recusou a olhar seu amigo no rosto quando o guerreiro passou, simplesmente não podia fazê-lo. Porque ele sabia exatamente o que estava na mente do cara e ele não tinha interesse em falar sobre o que havia acontecido naquele trecho de estrada, onde ele descera antes. Não a porcaria de hoje à noite. Não a porcaria de... Todas aquelas noites atrás graças à Guarda de Honra.

Ele terminou com as conversas de segundas intenções.

A merda nunca ajudou ninguém com nada.

Saxton, filho de Tyhm, fechou o último livro de História Oral, e só podia ficar olhando para a capa de couro fino com seus detalhes de ouro em relevo.

O último.

Ele não podia acreditar. Quanto tempo esta pesquisa vinha acontecendo? Três meses? Quatro meses? Como poderia ter acabado?

Um rápido levantamento visual da biblioteca da Irmandade, com suas centenas e centenas de volumes de direito, discurso e decretos reais... E ele pensou, sim, de fato, havia levado meses e

---

[46]

[47] *Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.*

meses para passar por todos eles. E agora, com a completa escavação, as anotações feitas e o caminho legal para o que o rei pudesse bater o martelo, deveria ter havido um sentimento de realização.

Em vez disso, ele sentiu medo.

Em sua formação e prática como um advogado, ele havia enfrentado problemas difíceis antes, especialmente depois que ele havia vindo aqui, à esta casa grande e começou a funcionar como advogado pessoal do rei cego: as leis antigas eram muito complicadas, arcaicas, não apenas na sua redação, mas muito em seu conteúdo e o governante da raça dos vampiros não era nada assim. O pensamento de Wrath era ao mesmo tempo simples e revolucionário, e quando se tratava do seu governo, o passado e o futuro não coexistiam frequentemente sem uma boa dose de reformulação das Leis Antigas, isso é que era.

Isso estava em um nível totalmente diferente, no entanto.

Wrath, como soberano, poderia fazer razoavelmente muito do que ele queria, desde que os precedentes apropriados fossem identificados, reformulados, e registrados. Afinal, o rei era a lei viva, respirando, uma manifestação física da ordem necessária para uma sociedade civilizada. O problema era que a tradição não acontecia por acaso, era o resultado de gerações e gerações de vida, que fizeram escolhas com base em um determinado conjunto de regras, que foram aceitas pelo público. Pensadores progressistas tentando levar sociedades conservadoras arraigadas em novas direções, tendem a ter problemas.

E isso... A alteração adicional da forma como as coisas foram feitas? No ambiente político atual, onde a liderança de Wrath já estava sendo desafiada...

—Você está imerso em pensamentos.

Ao som da voz de Blay, Saxton pulou e quase perdeu a Montblanc sobre seu ombro.

Imediatamente, Blay estendeu a mão, como se para acalmá-lo, já que o havia assustado. — Oh, eu sinto muito...

— Não, está tudo bem, eu... Saxton franziu a testa enquanto ele considerava a roupa molhada e ensanguentada do soldado. — Querida Virgem Escriba... O que aconteceu nesta noite?

Evidentemente, em vez de responder, Blay se dirigiu para o bar na antiga estante no canto. Enquanto ele levava um tempo para escolher entre o Xerez e um Dubonnet[48], ficou bastante claro que ele estava preparando uma sequência de palavras em sua cabeça.

O que significava que tinha a ver com Qhuinn.

Na verdade, Blay não pegou nem o Xerez nem Dubonnet. E com certeza, ele serviu-se de um Porto[49].

Saxton recuou em sua cadeira e olhou para cima, para o lustre que pendia tão acima do chão. O equipamento era um espécime impressionante de Baccarat[50], feita em meados do século XIX, como todos os cristais de vidro com chumbo e mão de obra cuidadosa, como seria de esperar.

---

[48] *Tipo de licores.*
[49] *Outro tipo de licor.*
[50] *Marca de cristais.*

Ele lembrou que balançando de um lado para outro de forma sutil, as refrações do arco-íris de luz brilhavam em todo o quarto.

Quantas noites atrás isso havia acontecido? Quanto tempo desde que ele havia reparado que Qhuinn e a Escolhida estavam diretamente acima deste quarto?

Nada havia sido o mesmo desde então.

— Um carro quebrado. Blay tomou um longo gole. — Apenas problemas mecânicos.

É por isso que sua pele está úmida, e não há sangue na frente da sua camisa? Saxton perguntou.

E ainda assim ele manteve a pergunta para si mesmo.

Ele começara a manter as coisas para si mesmo.

Silêncio.

Blay terminou seu porto e serviu mais, com o tipo de entusiasmo normalmente reservado para bêbados. O que ele não estava. — E você...? Disse o homem. — Como está o seu trabalho?

—Eu acabei. Bem, quase isso.

Os olhos azuis de Blay dispararam sobre ele. — Sério? Eu pensei que você iria continuar para sempre.

Saxton rastreou aquele rosto que ele conhecia tão bem. Esse olhar que olhava nos seus olhos, pelo o que parecia ser uma vida. Aqueles lábios nos quais ele passara horas agarrado.

A sensação esmagadora de tristeza que sentia era tão inegável,l como a atração que lhe trouxera à esta casa, aos seu trabalho, sua vida nova.

— Eu também, disse ele depois de um momento. — Eu também... Pensei que iria durar muito mais tempo do que isso.

Blay olhou em seu copo. — Quanto tempo se passou desde que você começou?

— Eu não... Eu não me lembro. Saxton levantou uma mão e esfregou a ponte de seu nariz. — Isso não importa.

Mais silêncio. Em que Saxton estava disposto a apostar a própria respiração em seus pulmões que a mente de Blaylock havia recuado para o outro homem, o que ele amava como ninguém, sua outra metade.

— Então, o que foi? Blay perguntou.

— Desculpe?

— Seu projeto. Todo este trabalho. Blay apontou seu copo em torno com elegância. — Estes livros sobre os quais você ficou debruçado. Se você terminou, você pode me dizer o que estava acontecendo agora, certo?

Saxton pensou brevemente em contar a verdade... Que houve outras coisas igualmente urgentes e importantes, que ele não estivera tranquilo. Coisas com as quais ele pensara que poderia viver, mas que, ao longo do tempo, se mostraram muito pesadas, um fardo para carregar.

— Você deve descobrir em breve.

Blay assentiu, mas foi com essa distração vital que ele tinha desde o início. Exceto então ele disse: — Estou feliz que esteja aqui.

As sobrancelhas Saxton se ergueram. — Verdade...?

— Wrath precisa ter um advogado muito bom ao seu lado.

Ah.

Saxton empurrou sua cadeira para trás e ficou de pé. — Sim. Isso é verdade.

Foi com uma estranha sensação de fragilidade que ele reuniu suas resmas de papéis. Certamente parecia, neste momento, tenso e triste, como se tudo o que o sustentasse, fossem essas frágeis folhas ainda poderosas com suas palavras incontáveis, cada uma à mão e trabalhada com cuidado, contidas ordenadamente em suas linhas de texto.

Ele não sabia o que faria sem elas em uma noite como esta.

Ele limpou a garganta. — Que planos você tem para o restante da noite?

Enquanto esperava pela resposta, seu coração batia forte dentro de sua caixa torácica, porque ele, e só ele, parecia perceber que a atribuição do rei não era a única coisa que estava terminando esta noite. De fato, o otimismo sem fundamento que o sustentou nos estágios iniciais deste caso de amor, tinham se deteriorado em uma espécie de desespero no qual havia se agarrado de uma forma incomum... Mas agora, também se foi.

Era irônico, realmente. Sexo era apenas uma conexão física e transitória que houvera muitas vezes em sua vida, quando fora tudo o que ele estava procurando. Mesmo com Blaylock, no início, como havia sido o caso. Com o tempo, porém, o coração havia se envolvido, e que o havia levado para onde estava esta noite.

No final da estrada.

—... Certo.

Saxton se sacudiu. — Desculpe?

— Eu estou indo trabalhar por um tempo.

Depois que você tomou uma garrafa de vinho do Porto? Saxton pensava.

Por um momento, sentiu-se tentado a pressionar por informações precisas sobre a noite, os minutos e o que e onde — como se talvez pudesse desbloquear algum tipo de alívio. Mas ele sabia melhor. Blay era uma alma tipo compassiva, e a tortura era algo que ele fazia apenas como parte de seu trabalho, quando era necessário.

Não haveria alívio vindo, não a partir de qualquer combinação de sexo, conversando, ou o silêncio.

Sentindo-se como se estivesse se preparando-, Saxton abotoou seu blazer trespassando-o e verificou se a gravata estava no local. Uma passada em seu peitoral revelou que o bolso quadrado estava precisamente arranjado, mas os punhos franceses de sua camisa, precisavam de um puxão forte, e ele tomou o cuidado com isso prontamente.

—Devo necessitar uma pausa antes de me preparar para falar com o rei. Meus ombros estão me matando de ter estado naquela mesa a noite toda.

—Vá tomar um banho. Isso não vai te fazer relaxar?

— Sim. Um banho.

— Eu vejo você mais tarde, então, Blay disse quando ele se serviu de outro porto e se aproximou.

Suas bocas se encontraram em um beijo breve, após o que, se Blay virou e saiu para o saguão, desaparecendo nas escadas para ir se materializar.

Saxton observou-o partir. Até mesmo avançou alguns passos para que ele pudesse ver aquelas shitkickers, como os irmãos a chamavam, subir a escadaria dando um grande passo de cada vez.

Parte dele estava gritando para seguir o macho em seu quarto e ajudá-lo a tirar as roupas. Emoções à parte, as faíscas físicas entre os dois sempre foram fortes, e ele sentiu que queria explorar isso agora.

Exceto que o Band-Aid estava se desgastando.

Voltando-se novamente e servindo-se de um xerez, ele bebeu e foi sentar-se diante do fogo. Fritz havia reavivado a madeira não muito tempo atrás, e as chamas estavam brilhante e ativa na pilha de toras.

Isto ia doer, Saxton pensava. Mas não ia quebrá-lo.

Ele iria superar isso. Curar. Seguir em frente.

Os corações eram quebrados o tempo todo....

Não havia uma música sobre isso?

A questão era, é claro, quando ele iria falar com Blaylock sobre isso.

Capítulo 09

O som de esquis deslizando por sobre a neve era com uma corrida rítmica, repetida em um clipe rápido.

A tempestade que caía do norte havia parado após o amanhecer, e o sol nascente, que brilhava por baixo da cobertura de nuvens partidas, cortava a floresta como espumas no chão.

Para Sola era morte, os eixos de ouro pareciam lâminas.

Mais à frente, seu alvo se apresentou como um ovo Fabergé sentado em uma posição: A casa no Rio Hudson era uma peça de show arquitetônico, uma gaiola de vigas aparentemente frágeis, segurando pilha após pilha de painéis incontáveis de vidro. Por todos os lados, os reflexos da água e do sol nascente eram como fotografias capturadas por um verdadeiro artista, as imagens congeladas na própria construção da casa.

Você não poderia me pagar para viver assim, Sola pensava.

A menos que tudo fosse a prova de balas? Mas quem tinha dinheiro para isso.

De acordo com os registros públicos do departamento de Caldwell, a terra havia sido comprada por um Vincent DiPietro dois anos antes, e desenvolvida pela empresa imobiliária do homem. Nenhuma despesa fora poupada na construção, pelo menos, dada a valorização dos rolos de impostos, que era em torno de oito milhões de dólares. Logo após a construção ser concluída, a propriedade mudou de mãos, mas não para uma pessoa: a uma imobiliária de confiança com só um advogado em Londres listado como administrador.

Ela sabia quem morava aqui, no entanto.

Ele era a razão dela ter vindo.

Ele também era o motivo dela ter se armado tão completamente. Sola tinha muitas armas em lugares fáceis de alcançar: uma faca em um coldre na base das suas costas, uma arma em seu quadril direito, um acionador escondido na gola do casaco branco, camuflada por sob a parka.

Homens como o seu alvo, não gostavam de ser espionados, mesmo que ela só viesse em busca de informações, e não para matá-lo; ela não tinha dúvida de que, se ela fosse encontrada na propriedade, as coisas ficariam tensas. Rápidas.

Quando ela pegou seus binóculos de um bolso interno, ela ainda manteve o ouvido rígido. Nenhum som de algo que se aproximava pela parte de trás ou nas laterais, e na frente, ela tinha uma clara visão de mira na parte de trás da casa.

Normalmente, quando ela era contratada por um desses tipos de trabalhos, operava durante a noite. Não com esse objetivo.

Mestres do comércio de drogas realizavam seu negócio das nove as cinco, mas que seria das vinte e uma horas até às cinco horas da manhã, não o contrário. O dia era quando eles dormiam e fodiam, de modo que era quando você podia ver suas casas, aprender os seus hábitos, obter uma informação de seus funcionários e como eles se protegiam durante seu tempo de inatividade.

Trazendo a casa para o foco próximo, ela fez sua avaliação. As portas da garagem. Portas do fundo. Metade janelas que ela adivinhou serem da cozinha. E então o completo painel de vidro que ia do chão até o teto, correndo pelo flanco traseiro e no canto, que se virava o rio.

Três andares acima.

Nada se movendo lá dentro, que ela pudesse ver.

Cara, isso era um monte de vidro. E, dependendo do ângulo da luz, ela podia realmente ver em alguns dos quartos, especialmente o grande espaço aberto que pareceria assumir pelo menos a metade do primeiro andar. Os móveis eram escassos e modernos, como se o proprietário não recebesse pessoas ociosamente.

Apostou que a vista era inacreditável. Especialmente agora, com a cobertura de nuvens e o sol aparecendo parcialmente.

Estreitando os binóculos sobre os beirais do teto, ela olhou para as câmeras de segurança, esperando uma a cada seis metros.

Yup.

Ok, isso fazia sentido. Pelo que havia sido dito a ela, o proprietário era cauteloso como o inferno e os do tipo de desconfiança implacável, tendiam a ser complementado com uma boa dose de segurança, consciente do comportamento, incluindo, mas não limitado a guardas pessoais, carros à prova de balas, e certamente, acompanhamento constante de todo o ambiente no qual indivíduo passava algum tempo dentro.

O homem que a contratou tinha tudo isso e mais, por exemplo.

— O que... Ela sussurrou, reorientando os binóculos.

Ela parou de respirar para garantir que nada mudou.

Isto estava... Tudo errado. Houve um padrão de onda para o que estava dentro da casa: O que ela podia ver como móveis ficaram sutilmente ondulantes.

Soltando as lentes de alta potência, ela olhou ao redor, pensando se seus olhos eram o problema.

Não. Todos os pinheiros na floresta estavam se comportando de forma adequada, ainda em pé, seus galhos imóveis no ar frio. E quando ela colocou as lupas de novo, ela traçou o telhado da casa e os contornos das chaminés de pedra.

Todos estavam totalmente inanimados.

De volta para o vidro.

Inalando profundamente, ela segurou o oxigênio em seus pulmões e se equilibrou contra o tronco mais próximo de bétula para lhe dar estabilidade extra ao corpo.

Algo continuou a ser desligado. Os quadros daquelas portas deslizantes de vidro e as linhas das varandas e tudo sobre a casa? Estático e sólido. Os interiores, no entanto, pareciam... Amalucados de alguma forma, como se uma imagem de composição fosse criada para fazer as coisas parecem como se houvesse mobiliário... E que a imagem tinha sido sobreposta a algo como uma cortina... Que passou a ser submetida à uma corrente suave de ar.

Isso ia ser um projeto mais interessante do que ela previra. O relatório sobre as atividades deste parceiro de negócios de um-amigo- dela, não havia exatamente acendido um fogo sob sua bunda. Ela preferia muito mais os grandes desafios.

Mas talvez houvesse mais para isso do que parecia à primeira vista.

Afinal, camuflagem significava que você estava escondendo alguma coisa e ela fez uma carreira lá fora, ao levar as coisas de pessoas que elas queriam manter: Segredos. Itens de valor. Informações.

Documentos.

O vocabulário usado para definir os nomes era irrelevante para ela. O ato de penetrar em uma casa trancada, ou em um carro seguro ou pasta, e extrair o que ela queria era o que importava.

Ela era uma caçadora.

E o homem naquela casa, quem quer que fosse, era a sua presa.

Capítulo 10

Blay não tinha nenhum motivo para ficar perto de um peso de mão, muito menos o tipo de peso que estava no ginásio do centro de formação. Engolir de novo aquele vinho do Porto com um estômago vazio, lhe deixara confuso e descoordenado. Mas ele tinha que ter algum tipo de direção... um plano, um destino para arrastar sua bunda. Outra coisa do que ir para o seu quarto, sentar na cama de novo, e começar o dia da mesma forma que ele começou a noite — fumando e olhando para o espaço.

Provavelmente com muito mais Porto.

Saindo do túnel subterrâneo, ele caminhou através do escritório e empurrou a porta de vidro aberta.

Enquanto ele caminhava, ainda bebendo de um copo meio cheio, sua mente estava circulando em si mesma, perguntando-se quando toda essa merda entre ele e Qhuinn iria acabar. Em seu leito de morte? Deus, ele não achava que poderia durar muito tempo, assumindo que ele tinha uma vida normal pela frente.

Talvez ele precisasse sair da mansão. Antes de Wellsie ter morrido, ela e Tohr viviam em uma casa própria. Inferno, se ele fizesse isso, ele não teria que ver Qhuinn exceto durante as reuniões — e com tantas pessoas em torno da Irmandade, era fácil sair da linha de tiro.

Ele vinha fazendo isso, na verdade, por um tempo agora.

Na verdade, sob essa construção, ambos não teriam que se cruzar — John sempre foi o parceiro do cara, por causa da coisa toda de *ahstrux nohtrum*, e entre o esquema de rotação, e o território que fora dividido, ele e Qhuinn nunca lutaram juntos, exceto em casos de emergência.

Saxton poderia voltar e ir em frente com o trabalho.

Blay parou na entrada para a sala de musculação. Através do vidro da janela, ele viu um conjunto de pesos subindo e descendo na máquina reclinável de agachamento, e ele sabia pelos Nikes quem era.

Porra, ele não poderia ter uma pausa.

Inclinando-se, ele bateu com a cabeça uma vez. Duas vezes. Três...

—Supõe-se que você deveria fazer a repetições nas máquinas — não na porta.

A voz de Manny Manello foi tão bem-vinda como um chute de aço no traseiro.

Blay se endireitou, e o mundo ficou um pouco zonzo — ao ponto de que teve que, disfarçadamente, colocar a mão livre no batente apenas para que a questão do equilíbrio não aparecesse. Ele também colocou a bebida que estava a ponto de terminar, fora de vista.

O médico provavelmente não pensaria que fazer exercícios sob essas condições fosse uma coisa boa.

—Como você está?— Blay perguntou, mesmo que ele não se importasse — e isso não foi um comentário sobre o hellren de Payne. Ele não dava a mínima para muito mais no momento.

A boca de Manello começou a se mover e Blay passou o tempo assistindo a forma dos lábios do homem e a liberação das sílabas. Um momento depois, uma despedida de algum tipo foi trocada, e Blay estava sozinho com a porta novamente.

Parecia que estava andando sobre uma prancha ao ficar ali, e ele disse ao bom doutor que ele estava indo para dentro. E, além disso, havia o que, 25 máquinas na sala? Além de halteres e pesos livres. Esteiras. StairMasters[51], elípticas... muita coisa para todos.

Eu não estou apaixonado pela Layla.

Com uma maldição, Blay abriu caminho e se preparou para um estranho oh-hey-é-você. Exceto que Qhuinn não percebeu sua chegada. Em vez de malhar com a música alta, o cara estava

[51] *Equipamento de ginástica cardiovascular.*

usando fones de ouvido que estavam todos ao redor de seus ouvidos, e ele tinha movido a barra sobre o queixo, de modo que ele estava de costas, na parede de concreto.

Blay ficou tão longe quanto possível, pulando em uma máquina aleatória — de peitorais. Qualquer que fosse. Depois de colocar o copo para baixo e ajustar o pino na pilha de pesos, ele se acomodou no assento acolchoado, apertou os punhos duplos, e começou empurrando fora de seu peito.

Tudo o que ele tinha para olhar era Qhuinn.

Ou talvez fosse mais porque seus olhos se recusaram a ir a qualquer outro lugar.

O macho estava usando uma camiseta regata preta, que colocava os tremendos ombros em plena exibição... e os músculos ao longo deles flexionavam-se duros quando ele atingiu o ápice da tração, os sulcos e contornos de um lutador... não de um advogado —

Blay se deteve ali.

Era injusto ao ponto de dar náuseas fazer qualquer comparação como essa, jamais. Depois do ano passado ou assim, ele conhecia o corpo de Saxton quase tão bem como o seu próprio, e o homem era muito bem constituído, tão magro e elegante.

Qhuinn segurou outra barra, o peso na parte inferior do seu corpo esticando a força nos braços e no torso. E, graças a seus esforços, o suor tinha se rompido sobre sua pele, fazendo-o brilhar sob as luzes.

A tatuagem na parte de trás do seu pescoço deslocava-se enquanto soltava e descia para pendurar seu punho, e depois novamente. E para baixo. E para cima.

Blay pensou sobre a forma como o homem parecera quando eles haviam virado o Hummer: poderoso, masculino... erótico.

Isso não estava acontecendo.

Ele não estava, de fato, sentado aqui, olhando Qhuinn desse jeito

Imagens filtradas de anos anteriores, tornando seu cérebro em uma tela de televisão. Ele viu Qhuinn debruçado sobre uma mulher humana que havia sido colocada de bunda para cima na borda de uma mesa plana, seus quadris bombeando quando ele a torceu, suas mãos travando seus quadris para segurá-la no lugar. Ele não tinha uma camisa naquela hora, e seus ombros estavam tensos, como estavam agora.

Corpo rígido que está sendo bem utilizado.

Havia tantas fotos como essa, com Qhuinn em posições diferentes, com pessoas diferentes, homens e mulheres. No início, logo após a sua transição, havia um sentimento de excitação quando os dois tinham ido à caça juntos, ou melhor, Qhuinn tinha ido caçar e Blay tinha tomado tudo o que havia sido trazido de volta. Tanto sexo com tantas pessoas — embora nesse ponto, Blay estivesse preso apenas com as fêmeas.

Talvez porque ele soubesse que eles estavam seguros, quando não estavam—de muitas maneiras.

Tão descomplicado no início. Mas em algum momento ao longo do caminho, as coisas começaram a mudar e ele começou a perceber que, enquanto observava Qhuinn com pessoas aleatórias, ele estava imaginando a si mesmo sob aquele corpo, recebendo o que o cara era tão

bom em dar. Depois de um tempo, não tinha sido a boca de um estranho no pau de Qhuinn, era a sua. E, quando os orgasmos vieram, e eles sempre vieram, era ele quem os tomava. Eram suas mãos sobre o corpo de Qhuinn, e seus lábios travados duro, e suas pernas que estavam espalhados.

E isso tinha fodido tudo.

Merda, ele conseguia se lembrar de ficar acordado durante o dia olhando para o teto, dizendo a si mesmo que, quando eles ainda estivessem de novo no clube, nos banheiros, ou onde quer que eles caíssem, ele não iria mais fazer isso. Mas cada vez que saía, era como um viciado a quem se está oferecendo o sabor da pílula que ele precisava.

Em seguida, houve aqueles dois beijos — o primeiro no corredor daqui, na sala de exames da clínica. E ele teve de implorar por ele. E então, o segundo em seu quarto, pouco antes de ele ter saído com Saxton pela primeira vez.

Ele teve que implorar por esse também. Abruptamente, Blay desistiu de fingir que ele estava realmente bombeando o ferro e colocou as mãos para baixo sobre as coxas.

Disse a si mesmo para sair. Apenas dê o fora do banco e saia antes que Qhuinn mova-se para a próxima coisa e sua cobertura fosse reduzida a cinzas. Em vez disso, ele encontrou seus olhos novamente nos ombros e coluna vertebral, na cintura apertada e bunda mais apertada, naquelas pernas musculosas.

Talvez fosse o álcool. A o “depois” desse argumento era uma piada. A coisa toda do sexo-com-Layla.

Mas, no momento, ele estava excitado. Duro como pedra. Pronto.

Blay olhou para baixo de seu peito e para a frente de seus calções soltos — e sentiu como se estivesse atirando na própria cabeça. Oh, Jesus, ele precisava sair daqui agora.

Quando Qhuinn continuou depois de parar a séria de flexões, suas mãos estavam dormentes, e ele sentiu como se seus bíceps estivessem sendo descascados de seus ossos com facas afiadas — e isso era apenas conversa estúpida em comparação com seus ombros.

Eles eram o verdadeiro problema. Alguém claramente tinha vindo por trás, colocado um removedor de verniz entre eles, e então os desbastado com uma lixadeira industrial.

Não fazia ideia quantas repetições ele havia feito. Nenhuma pista de quantos quilômetros ele tinha corrido. Sem contagem dos abdominais, agachamentos ou mergulhos.

Ele só sabia que precisava continuar.

Objetivo: exaustão total. Ele queria desmaiar no momento em que ele subisse as escadas e chegasse a sua cama.

Baixando a barra, ele colocou as mãos nos quadris, abaixou a cabeça, e respirou pesadamente. Seu ombro direito imediatamente avariado, mas esse era o seu lado dominante, pelo que ele esperava. Para afrouxar o nó de músculos, ele torceu o braço em volta em um grande círculo quando ele virou — Qhuinn congelou.

Do outro lado do tapete azul, Blay estava na máquina próxima à porta, sentado quieto como se não estivesse levantando pesos.

A expressão em seu rosto era vulcânica. Mas ele não estava louco.

Não, ele não estava.

Ele estava com um tesão grande o suficiente para ser visto do outro lado da sala. Talvez em todo o estado.

Qhuinn abriu a boca. Fechou-a. Abriu-a novamente.

No final, ele decidiu este era um excelente exemplo de como a vida nunca deixava de nos surpreender. De todas as situações que ele achava que nunca iria estar. Esta não era isso. Não depois de... bem, tudo.

Ele tirou os fones de ouvido e deixou-os pendurados em seu pescoço, o ritmo do show rugindo para baixo para impotentes fones.

Isso é para mim? ele queria perguntar.

Por uma fração de segundo, ele pensou que poderia ser, mas então, não era arrogância isso? O cara tinha acabado de fazer um discurso sobre como os dois não eram nada além de companheiros por hora de trabalho, lado a lado, em cubas de gordura trans. Então Blay mostrava-se com uma excitação do tamanho de um pé de cabra — e a primeira coisa a vir à sua mente era que podia, possivelmente, talvez, uma espécie de tipo, de.. ser para ele?

Que idiota ele era.

E PS[52], o que diabos ele faria se, de repente, ele se visse em um universo paralelo, com Blay falando "que tal a gente..." nesse departamento? É claro que ele queria o cara.

Pelo amor de Deus, ele sempre o quis — até o ponto onde ele tinha que saber o quanto essa coisa de cair fora, como ele fizera —para o benefício de Blay— realmente não tinha sido para o seu próprio.

Ponderando, ele notou o copo perto do pé do cara. Ah, o álcool estava envolvido — ele sinceramente duvidava que a tira escura no vidro apoiado no chão era Coca-Cola.

Merda, por tudo que ele sabia, Saxton poderia apenas ter lhe enviado uma mensagem a um tiro da virilha, e que foi a causa de toda a ereção dele.

E isso não estava desinflando.

Seu primo está me dando o que eu preciso durante todo o dia, todos os dias.

—Você tem alguma coisa para me dizer?— Qhuinn perguntou asperamente. Blay sacudiu a cabeça para trás e para frente uma vez. Qhuinn franziu o cenho. Blay não estava de cabeça quente — nunca tinha estado, o que era parte da razão de que, por muito tempo, eles tinham estado tão sólidos. Equilíbrio e toda essa baboseira. No momento, porém, o cara parecia que estava a algumas polegadas de perder isso.

Problemas no paraíso entre o casal feliz?

Não, eles estavam muito bem juntos.

—Ok. — Cara, a ideia de andar por aqui enquanto Blay estava empolgado para mais uma sessão com Saxton, o Magnífico, era insustentável.

---

[52] *originariamente, indicava algo que julgasse necessário acrescentar a uma carta após o seu encerramento. Com o tempo, foi-se percebendo que esta fórmula servia para corrigir os lapsos de memória ou simplesmente informar que haviam ocorrido alterações depois que se dera a carta por concluída.*

—Eu te vejo mais tarde.— Quando ele passou, sentiu os olhos de Blay sobre ele — mas eles não estavam no nível de seu rosto. Pelo menos, não parecia.

Que *merda* estava acontecendo aqui?

Empurrando-se para o corredor, ele parou para conferir se as paredes de concreto não estavam derretendo e que ele de repente não tinha um peixe nas mãos ou algo assim. Nem eram verdadeiras, mas um sentimento de irrealidade o perseguiu enquanto ele descia para o vestiário. Um chuveiro era primordial, ele estava coberto de suor, e, tanto quanto os *doggens* adoravam uma boa bagunça, ele não estava disposto a dar-lhes mais trabalho só porque ele tinha tentado se matar no ginásio.

Duro. Excitado. Pronto para o sexo. Com essa imagem de Blay batendo dentro de seu cérebro, ele fechou os olhos e, em seguida, bateu a porta para a terra das instalações de banho. Ele pretendia ir para o chuveiro diretamente, mas acabou parando na metade da frente da sala, onde os armários estavam empilhados em fileiras ordenadas e os bancos corriam pelo meio dos corredores.

Parando, ele desamarrou seu Nikes, chutou-os para fora, e tirou suas meias.

Caralho totalmente excitado.

Blay estava louco.

Por alguma razão, os dois últimos encontros sexuais de Qhuinn surgiram em sua cabeça. Houve aquele cara ruivo no Iron Mask —o que ele tinha seduzido e fodido no banheiro. Ele o escolheu aleatoriamente na multidão por uma definição de característica física e, naturalmente a sessão não havia feito nada de extraordinário para ele. Então, novamente, tinha sido como querendo Herradura[53], e colocado ginger ale[54] em sua garganta.

E então havia tido o caso com Layla — que não tinha sido nada, mas um trabalho fisicamente exigente, como cavar uma trincheira ou construir uma parede...

Deus, ele se sentia como um canalha por pensar assim — e não pretendia desrespeitar a Escolhida. Mas pelo menos era bastante claro que ela pensava de maneira semelhante.

Foi isso no último ano. Apenas os dois.

Quase 12 meses de nada, e ele não tinha se masturbado, também. Ele simplesmente não estava interessado em qualquer coisa, como se suas bolas estivessem hibernando. Engraçado, logo após sua transição ele fodeu qualquer um com duas pernas e um coração batendo, e como ele se esforçou para lembrar alguns dos muitos rostos — Deus sabia que ele não se preocupou em obter nomes por muito tempo — a sensação de um incômodo apertou seu intestino.

Todos esses anônimos, sem nome, sem rosto... na frente de Blay. Sempre com o cara, e só agora pensava nisso. Na época, ele tinha se sentido como uma espécie de amigo / amigo de situação, mas agora ele se perguntava.

Sim, foda isso. Ele *sabia* sobre o que era isso.

Ele era um maricas, não era?

---

[53] *Marca de tequila.*
[54] *Marca de refrigerante.*

Ficando de pé, ele se despiu e deixou sua regata e seus calções no banco em uma confusão molhada. Caminhando para as duchas, ele pegou um dos chuveiros ao acaso, dobrando a coisa, e ficou parado sob o spray. A água o estava congelando — fria, mas ele não se importou. Ele enfrentou o ataque, fechando as pálpebras e abrindo a boca.

Aquela cabeça ruiva no clube há quase um ano? Quando ele fora seduzir o cara no banheiro, havia sido Blay em sua mente o tempo todo. Foi Blay que ele tinha empurrado contra a pia e beijado duro. O pau de Blay que ele tinha chupado, e o corpo de Blay que ele tinha tomado por trás e —

—Pelo amor de....—... ele gemeu.

A partir do nada, a imagem de seu velho amigo sentado na máquina agora, os joelhos abertos, seu pau lutando contra o material oh-tão-fino dos shorts, entrou em sua mente e atirou-lhe até a espinha, indo direto entre as pernas. Com uma maldição, ele caiu e teve que colocar a mão sobre o azulejo liso.

—Oh merda...

Inclinando-se, ele encostou a testa em seu braço e tentou concentrar-se na sensação da água batendo na nuca.

Nem perto.

Tudo o que ele conhecia era a pulsação em seu pênis.

Bem, isso e a fantasia dele caindo de joelhos e se pressionando entre as coxas abertas de Blay, lambendo o seu caminho com a boca... enquanto escavava sob o cós dos calções e começava a dar ao cara um trabalho de mão que ele nunca iria fodidamente esquecer.

Entre tantas outras coisas.

Virando seu rosto para longe do spray, Quinn colocou as mãos em seu cabelo, despejando-o de volta, arqueando sua coluna.

Ele podia sentir seu pênis esticado para fora de seus quadris, implorando por atenção.

Mas ele não ia fazer nada sobre isso. Blay merecia mais de qualquer maneira — sim, isso não fazia sentido, mas apenas se sentia desagradável por estar se masturbando no chuveiro sobre a excitação do cara com alguém.

Inferno, o parceiro do cara.

O próprio primo de Qhuinn pelo amor de Deus.

Com sua ereção apenas pendurada lá, imperturbável com essa lógica, ele sabia que o dia ia ser malditamente longo.

Capítulo 11

Blay baixou a cabeça com uma maldição, quando a porta da sala de musculação foi fechada. E, claro, a partir desse ponto de vista, tudo o que ele podia ver era seu pênis.

O que não ajudava.

Movendo seus olhos para cima, ele olhou através da barra por cima do queixo, e sabia que tinha que fazer alguma coisa. Sentado aqui, meio bêbado com uma festa em suas calças, não era uma posição em que ele queria ser pego. Se um irmão como Rhage andasse por aqui? Blay ficaria ouvindo sobre isso para o resto de sua vida natural. Além disso, ele estava em sua sala de treino, cercado por equipamentos, de forma que ele poderia muito bem estar ocupado, bombeando um pouco de ferro, e esperando que o Sr. Feliz afundasse em uma depressão por falta de atenção.

Bom plano.

Realmente.

Yup.

Quando ele olhou para o relógio, algum tempo depois, percebeu que 15 minutos se passaram e ele não estava mais perto de um movimento construtivo, repetitivo, a menos que você contasse a respiração.

Sua ereção tinha uma sugestão para esse tipo de objetivo.

E a sua palma estava imediatamente pronta, indo por entre as pernas, encontrando aquilo duro.

Blay irrompeu da cadeira e foi para a porta. Chega com a mentira — ele iria até banheiro do vestiário, na esperança de retirar parte do álcool fora de seu sistema. Então, ele ia ficar em uma esteira e suar o resto da bebida para fora.

Depois era hora de ir para a cama — onde, se ele precisasse de uma tomada de variedade erótica, ele iria para encontrá-la no local apropriado.

O primeiro sinal de que seu novo plano poderia tê-lo levado para o caminho do mal, ocorreu quando ele abriu caminho para o vestiário: o som de água corrente significava que alguém estava fazendo a coisa com sabão e xampu. Ele estava tão concentrado em si mesmo chutando sua bunda, no entanto, que ele não se preocupou com quaisquer extrapolações.

O que o teria feito parar, virar e encontrar outro banheiro o mais rápido possível.

Em vez disso, ele foi passando os armários e fez o seu negócio. Não foi até que ele estava lavando as mãos, que a matemática passou a somar.

Por sua própria vontade, com a cabeça dobrada na direção dos chuveiros.

Você precisa sair, ele disse a si mesmo.

Quando ele desligou a torneira, o barulho sutil parecia alto como um grito, e ele se recusou a olhar para si mesmo nos espelhos. Ele não queria ver o que estava em seus olhos.

Volte para a porta. Basta voltar para a porta. Somente –

O fracasso de seu corpo em seguir esse simples comando, não foi meramente um exercício de rebelião física. Foi, tragicamente, o seu padrão.

E ele iria se arrepender mais tarde.

No momento, no entanto, quando ele fez a escolha de andar mais, e contornar a parede de azulejos das duchas, quando ele se manteve em sua maior parte escondido, quando avistou o homem em que ele não deveria ter... a loucura corria naquela dor familiar, como se tivesse sido talhada perfeitamente como uma roupa para a sua loucura.

Qhuinn estava de frente para o chuveiro, ele estava abaixado, com uma mão apoiada contra a parede lisa, sua cabeça escura se inclinava sob o spray. Água corria sobre seus ombros e pela pele macia que cobriam as costas poderosas... e depois corriam para sua bunda magnífica... e foi cada vez mais longe, passando por essas pernas longas e fortes.

No ano passado, o lutador havia engordado um pouco. Quinn havia ficado mais depois de sua transição, e havia começado a ficar maior ainda, durante os primeiros meses de alimentação intensa. Mas já se passara um tempo desde que Blay tinha visto o homem sem roupa... e cara, as rotinas de punição no ginásio, que ele havia imposto a si mesmo, mostravam todos os músculos duros.

Qhuinn abruptamente mudou de posição, girando em torno de si, inclinando a cabeça para trás, escorrendo o jorro de água por seu cabelo escuro, seu corpo incrível arqueando-se.

Ele manteve esta posição.

E puta que pariu, ele estava excitado.

Um orgasmo imediatamente ameaçou a cabeça do pênis de Blay, as bolas dele ficando apertadas em punhos.

Girando ao redor, ele deixou o vestiário como uma bala de canhão, empurrando socos na porta, saltando para o corredor.

—Ah, merda... porra... maldição... porra...

Andando o mais rápido que pôde, ele tentou tirar a imagem de sua cabeça, lembrando-se que ele tinha um amante, que ele havia se afastado de tudo isso, que se você podia se autodestruir da mesma coisa tantas vezes, então você o fazia

Quando nada disso funcionou, ele mostrou novamente o discurso que ele havia dado a Qhuinn no caminhão de reboque.

Onde inferno estava o escritório?

Parando abruptamente, ele olhou em volta. Oh, fantástico. Ele tinha ido na direção oposta a qual queria, e agora estava embaixo na clínica e na parte da sala de aula do centro de treinamento.

Há quilômetros da entrada do túnel.

—... Que laceração profunda. Mas ele não deveria tê-la.

A voz profunda de Manny Manello o precedeu saindo para o corredor da sala de exame principal. Um segundo depois, a Doutora Jane fez uma aparição bem atrás dele, uma carta aberta na mão, a ponta do dedo traçando uma página para baixo.

Blay passou pela primeira porta que ele viu...

E correu para a direita em uma parede de escuridão. Acariciando ao redor de um interruptor de luz, porque ele estava muito disperso para acender quaisquer lâmpadas mentalmente, ele encontrou um, sacudiu-o, e cegou a si mesmo.

—Ai!

O alvo afiado que disparou por sua pele para o cérebro lhe disse que ele tinha entrado em algo grande.

Ah, uma mesa.

Ele estava em um dos mini-escritórios que ficavam ao redor das salas de aula, o que era uma boa notícia. Com o programa de formação contínua suspenso por causa dos ataques, não havia ninguém aqui, e nenhuma probabilidade de pensar em uma razão para estar nesta sala vazia, também.

Ele poderia ter um pouco de privacidade por um tempo — o que era uma bênção. Deus sabia que ele não ia tentar retornar à mansão agora. Com sua sorte ele iria correr para Qhuinn, e a última coisa que ele precisava era estar perto do cara.

Indo para trás da mesa, sentou-se na cadeira do escritório confortável e trouxe as pernas para cima, esticando-as na parte superior plana que deveria ter um computador, uma planta, e um suporte cheio de canetas na mesma. Em vez disso, era estéril, embora não cobertas de poeira. Fritz nunca deixaria sujo, mesmo um espaço não utilizado.

Esfregando o local dolorido na frente de sua panturrilha, ficou claro que ele estava indo para o inferno com uma marca em preto e azul. Mas pelo menos a dor o distraía do que o havia levado até aqui.

Isso não durou, no entanto.

Quando ele inclinou a cadeira para trás e fechou os seus olhos, seu cérebro voltou para o vestiário.

Nunca a tortura iria acabar, ele pensou.

E, Deus, seu pênis estava batendo.

Considerando suas escolhas, ele quis as luzes apagadas, fechou os olhos, e ordenou ao seu cérebro para calar a boca e ir dormir. Se ele pudesse dormir aqui embaixo por uma hora ou duas, ele acordaria sóbrio, flácido, e pronto para enfrentar as pessoas novamente.

Agora, este era um bom plano, e também o ambiente perfeito. Escuro, um pouco frio, super quieto e era no caminho das únicas instalações subterrâneas.

Descendo seu corpo ainda mais na cadeira, ele cruzou os braços sobre o peito e ficou pronto para o trem REM[55] empurrar sua estação.

Quando isso não funcionou, ele começou a imaginar todos os tipos de situação —off, — como aspiradores desconectados da parede, o fogo extinto com água, e telas de TV em preto...

Qhuinn parecia tão eminentemente fodível assim, seu corpo liso, suavemente esculpido com músculos, o seu pau tão espesso e orgulhoso. Toda aquela água que teria feito ele tanto escorregadio e quente... e, querida Virgem Escriba, Blay teria dado quase qualquer coisa para andar sobre o ladrilho, ficar de joelhos, e tomar aquele pau em sua boca, sentindo a cabeça brusca em seu curso penetrante sobre sua língua, enquanto ele subia e descia —

O barulho repugnado que ele fez ecoou um tom mais alto do que ele provavelmente pretendera fazer.

Abrindo os olhos, ele tentou limpar quaisquer fantasias que o envolviam sugando algo, para fora de sua mente. Mas todo o breu não ajudou, ele só formou a tela perfeita para se manter projetando.

---

[55] *Rapid Eyes Moviment – é a fase do sono onde ocorrem os sonhos mais vívidos.*

Amaldiçoando, ele tentou aquela coisa de yoga, onde você relaxa a tensão em cada parte e em todo o corpo, começando com a torção entre as sobrancelhas, então as cordas rígidas, que decorriam de seus ombros até a base do crânio. Seu peito estava apertado, também, seus peitorais contraídos por nenhuma boa razão, seus bíceps cavando em seus braços.

Em seguida, ele deveria se concentrar em seu abdômen e, depois, sua bunda e suas coxas, joelhos e panturrilhas... seu este-pequeno-porquinho-vai-para casa[56].

Ele não deixaria isso ir tão longe.

Então, novamente, tentando falar de sua excitação com qualquer tipo de maleabilidade, seriam necessários poderes de persuasão que seu cérebro meio bêbado não possuía.

Infelizmente, havia apenas uma maneira infalível de se livrar do Sr. Feliz. E no escuro, por si mesmo, com o guarda-chuva de ninguém-nunca-vai-saber protegendo o momento, por que ele não deveria trabalhar apenas a maldita coisa, escorrer a queimadura, e desmaiar? Não era diferente de acordar durante a noite com uma ereção — porque Deus sabia que não havia nada de emocional envolvido. E ele se encontrava sob influência, certo? Era só outro acontecimento.

Ele não estava traindo Saxton, ele disse a si mesmo. Ele não estava com Qhuinn — e Saxton era quem ele queria...

Por um tempo, ele continuou a discutir os prós e contras, mas, eventualmente, a sua mão tomou a decisão por ele. Antes que ele percebesse, a palma da mão foi escavando por sob sua cintura solta e...

O assobio que ele soltou quando ele se agarrou, foi como um tiro no silêncio, e assim foi o gemido da cadeira quando o impulso de seus quadris empurrou seus ombros no estofamento de couro. Quente e duro, grosso e longo, o seu pau estava implorando por atenção — mas o ângulo estava todo errado, e não havia espaço para se acariciar nos malditos shorts.

Por alguma razão, a ideia de desnudar-se da cintura para baixo o fez se sentir sujo, mas seu senso de propriedade entrou na merda muito rápido, quando tudo o que ele podia fazer era apertar. Levantando a bunda, ele jogou-o fora... e então percebeu que ele ia precisar de algo para limpar a bagunça.

A camisa saiu em seguida.

Nu no escuro, esparramado ao longo da cadeira e sobre o tampo da mesa, ele entregou-se, espalhando suas coxas, bombeando para cima e para baixo. O atrito fez seus olhos rolarem para trás em sua cabeça, o fez morder o lábio inferior — Deus, a sensação era tão forte, que fluía através de seu corpo...

Foda-se.

Qhuinn estava em sua mente, Qhuinn estava em sua boca... Qhuinn estava dentro dele, os dois movendo-se juntos...

Isso era errado.

Ele congelou. Só parou. —Merda.

---

[56] *Brincadeira infantil, que visa fazer a criança dormir....*

Blay liberou seu pau, mesmo que no mero processo de deixar ir, a traição o fez cerrar os dentes molares.

Abrindo os olhos, ele olhou para a escuridão. O som de sua respiração socando dentro e fora de seu peito, o fez amaldiçoar-se novamente. Assim como sua necessidade palpitante de um orgasmo — que ele se recusou a ceder.

Ele não ia levar isso adiante.

A partir do nada, a imagem de Qhuinn arqueado sob o jato caindo bateu em seu cérebro, assumindo tudo. Contra seu maior raciocínio, e sua lealdade, e seu senso de justiça... seu corpo entrou em sobrecarga instantânea, o orgasmo atirando para fora de seu pau antes que ele pudesse detê-lo, antes que ele pudesse dizer que não, que não estava certo... antes que pudesse dizer, de novo não. Nunca mais.

Oh, Deus. A sensação doce, apunhalando repetidas vezes, até que ele se perguntou se ele nunca ia acabar — mesmo que ele não ajudasse as coisas.

Esta reação física podia estar fora de seu controle. Sua resposta que não estava.

Quando ele finalmente se acalmou, sua respiração era áspera e a frieza em toda a pele nua do peito, sugeriu que ele tinha explodido ao suar... e com o seu corpo recuperado da investida, a sua consciência voltou — e sua ereção deflacionada era como um barômetro de seu humor.

Avançando, ele bateu sobre a mesa até que ele encontrou sua camisa, então ele amassou-a e pressionou a coisa na junção de suas coxas.

O resto da bagunça em que ele estava, não ia ser tão fácil de limpar.

Do outro lado da cidade, no décimo oitavo andar do Commodore, Trez se sentou em uma cadeira elegante de aço e couro, em frente à uma parede de janelas com vista para o rio Hudson. O sol do meio-dia estava brilhando como um cristal transparente, cromado, como o céu, tudo 10 vezes mais brilhante por causa da neve fresca que tinha caído durante a noite nas margens.

—Eu sei que você está aí, — disse ele secamente, tomando um gole pequeno de sua caneca de café.

Quando não houve resposta, ele girou a cadeira em sua base. Com certeza, iAm havia vindo de seu quarto e estava sentado no sofá, o iPad no colo dele, tiras do dedo indicador em toda a tela. Ele estava lendo o *New York Times* edição online; é claro, ele fazia isso, todas as manhãs, quando se levantava.

—Bem, — Trez mordeu fora. —Vá em frente.

A única resposta que recebeu foi um levantamento das sobrancelhas de iAm. Por, assim, uma fração de segundo.

O bastardo presunçoso nem mesmo olhou. —Deve ser um artigo fascinante. É sobre o quê? Irmãos recalcitrantes?

Trez passou algum tempo cuidando de seu café quente. —iAm. Sério. Isso é besteira.

Depois de um momento, o olhar escuro de seu irmão se levantou. Os olhos que se encontraram com os dele eram, como sempre, totalmente despojados de emoção e dúvida e todo o material bagunçado com os quais meros mortais lutavam. iAm era extraordinariamente

sensível... um pouco na forma de uma cobra: atento, inteligente, pronto para atacar, mas não querendo perder o poder, até que fosse necessário.

—O que, — Trez rangeu os dentes.

—É redundante dizer o que você já sabe.

—Graceje de mim.— Ele tomou outro gole fora da borda da caneca, e se perguntou por que diabos ele estava se voluntariando para isso. —Vá em frente.

Os lábios de iAm franziram da maneira que faziam quando ele estava considerando sua resposta. Em seguida, o flop da tampa vermelha do iPad para baixo, cada um dos quatro seções desembarcaram como passos através da tela. Ele, então, colocou a coisa para o lado, descruzou a perna, e se inclinou para equilibrar os cotovelos sobre os joelhos. Os bíceps do rapaz eram tão grossos, as mangas da camisa pareciam que iam se dividir na largura.

—Sua vida sexual está fora de controle. — Quando Trez revirou os olhos, seu irmão continuou falando. —Você está fodendo três ou quatro mulheres em uma noite, às vezes mais. Não é sobre a alimentação, então não perca tanto nosso tempo, desculpando-se dessa maneira. Você está comprometendo os padrões profissionais de...

—Eu corro de bebidas e prostitutas. Você não acha que é um pouco metido à intelectual?

iAm pegou o iPad e acenou para frente e para trás. —Devo voltar a ler?

—Eu só estou dizendo que...

—Você me pediu para falar. Se este é um problema, a solução é não ficar na defensiva, porque você não gosta do que ouve. A resposta é não me convidar para conversar.

Trez rangeu os dentes. Veja, este era um problema com o seu irmão. Muito malditamente razoável.

Estourando, ele andou pela sala de estar aberta. A cozinha era como tudo o mais no condomínio: moderna, arejada e organizada. O que significava que, quando ele se serviu de um pouco mais de cafeína, ele podia ver seu irmão em sua visão periférica.

Cara, às vezes, ele odiava esse lugar: a menos quando ele estava em seu quarto com a porta fechada, ele não poderia ter uma pausa a partir desses malditos olhos.

—Estou lendo ou conversando?— iAm disse calmamente, como se ele não se importasse de qualquer maneira.

Cara, Trez queria desesperadamente dizer ao cara para enfiar o nariz de volta no Times, mas que era como uma derrota.

—Vá em frente. — Trez voltou para sua cadeira e se preparou para mais pancadaria.

—Você não está se comportando de uma maneira profissional.

—Você come sua própria comida no Sal[57].

—Meu linguine com molho de mariscos não exigem uma ordem de restrição, quando eu decidir se na próxima noite eu quero ir no *Fra Diavolo*[58].

Bom ponto. E, de alguma forma, o fazia se sentir quase violento.

—Eu sei o que você está fazendo, — disse iAm constantemente. —E por que.

---

[57] *Restaurante do iAM*

[58] *Um dos melhores restaurantes italianos Americano.*

—Você não é uma virgem, naturalmente.

—Eu sei o que eles lhe enviaram.

Trez congelou. —Como.

—Quando você não respondeu, eu recebi um telefonema.

Trez empurrou o tapete com o pé e virou-se ao redor para enfrentar o rio. Merda. Ele percebeu que ele iria limpar o ar com isso, você sabe, dar a seu irmão uma pequena sessão cadela para que os dois pudessem voltar a ser normais — geralmente eles estavam perto como a pele ao osso, e que o relacionamento era tão fundamental como isso com ele.

Ele poderia lidar com praticamente qualquer coisa, exceto o atrito com seu irmão. Infelizmente, os problemas que tinham sido aludidos lá eram praticamente a única coisa em — qualquer coisa.

—Ignorá-lo não vai fazer isso ir embora, Trez.

Isso foi dito com certo tom de delicadeza — como o cara se sentia mau por ele.

Quando Trez olhou para o rio, ele imaginou que ele estava em seu clube, com os seres humanos à sua volta e as trocas de dinheiro de mãos e as mulheres que trabalhavam lá fazendo as suas coisas na parte de trás. Bom. Normal. No controle e confortável.

—Você tem responsabilidades.

Trez apertou sua caneca. —Eu não me voluntariei para elas.

—Isso não importa.

Ele virou-se tão rápido, que o café quente saiu voando e pousou em sua coxa. Ele ignorou a picada. —Deveria. Porra se deveria. Eu não sou um objeto inanimado que pode ser dado a alguém. Essa coisa toda é uma merda.

—Alguns achariam uma honra.

—Bem, eu não. Eu não vou me vincular à essa mulher. Eu não me importo com quem ela é ou como parece ou como —importante— é para s'Hisbe.

Trez se preparou para uma enxurrada de oh-sim-você-fará. Em vez disso, seu irmão parecia triste, como se ele não gostasse da maldição, também.

—Eu vou dizer de novo, Trez. Isso não vai desaparecer apenas magicamente. E tentando ferrar seu caminho para sair disso? Isso não é apenas fútil, é potencialmente perigoso.

Trez esfregou o rosto. —As mulheres são apenas seres humanos. Elas não se importam.— Ele se virou para o rio novamente. —E, francamente, se eu não fizer alguma coisa, eu vou ficar louco. Um par de orgasmos tem que ser melhor do que isso, certo?

Como o silêncio voltou, ele sabia que seu irmão não concordava com ele. Mas a prova de que sua vida estava na merda, foi que a conversa secou naquele ponto.

iAm aparentemente não estava chutando o cara quando ele estava para baixo.

O que quer que fosse. Ele não ligava para o que se esperava dele — ele não ia voltar e ser condenado a uma vida de serviço.

Ele não se importava se era a filha da rainha.

Capitulo 12

Era no final da tarde quando Wrath bateu na parede. Estava em sua mesa, o traseiro sobre o trono de seu pai, os dedos correndo sobre uma relatório escrito em Braille, quando, de repente, não podia aceitar mais nenhuma maldita palavra do texto.

Empurrando os papéis de lado, amaldiçoou e arrancou seus óculos de seu rosto. Assim, quando estava prestes a jogá-los em uma parede, um focinho cutucou seu cotovelo.

Colocando o braço em torno de seu preciso retriever, apertou a mão sobre o pelo macio que crescia ao longo dos flancos do cão. — Você sempre sabe, não é.

George se enfiou no fundo, pressionando seu peito na perna de Wrath — era a sinalização que alguém precisava ser levantado e pego.

Wrath se inclinou e recolheu todos os 40 quilos em seus braços. Quando ele firmou as quatro patas, juba de leão e abanou a cauda para que tudo coubesse em seu colo, supôs que fosse uma coisa boa ser tão alto, caralho. As coxas grandes ofereciam um colo maior.

E o ato de acariciar todo o pelo o acalmou, embora não aliviasse sua mente.

Seu pai fora um grande rei, capaz de resistir incontáveis horas de cerimônia, noites intermináveis preenchidas com redação de declarações e intimações, meses e anos inteiros de protocolo e tradição. E isso foi antes de você mergulhar no fluxo permanente de reclamações que vem a você de todos os cantos: cartas, telefonemas, e-mails, embora, claro, os dois últimos não foram um problema em sua época.

Wrath foi um lutador uma vez. Um muito bom.

Colocando a mão, sentiu ao longo do pescoço até o lugar onde a bala entrou nele...

A batida na porta foi dura e direta ao ponto, uma demanda, mais do que um pedido respeitoso para entrar.

— Entre, V, — ele chamou. O forte cheiro de hamamélis[59] que precedeu o irmão, era uma dica clara que alguém estava se sentindo irritado. E com certeza, a voz profunda tinha uma conotação desagradável.

— Finalmente terminei o teste balístico. Os malditos fragmentos sempre tomam tempo.

— E? — Wrath solicitou.

— É um jogo de cem por cento. — Quando Vishous se sentou na cadeira em frente a mesa, a coisa rangeu sob o peso. — Temos ele.

Wrath exalou um dos zumbidos impotentes drenados de seu cérebro.

— Bom. — correu a palma da mão do topo da cabeça quadrada de George até suas costelas. — Esta é a nossa munição, então.

— Sim. Ia acontecer de qualquer jeito, agora é bom e legal.

---

[59] Hamamélia é uma árvore de folha caduca da família Hamamelidácea que pode atingir os 5 metros de altura. Nativa do Canadá e do Leste dos EUA é hoje em dia cultivada também na Europa.

A Irmandade sabia o tempo todo quem apertara o gatilho que quase o matou no outono e o dever de apanhar o bando de bastardo, um por um, era algo que estavam olhando como muito mais do que um dever sagrado para a raça.

— Escute, tenho que ser honesto, é verdade?

— Quando você não é? — Wrath demorou.

— Por que diabos você está amarrando nossas mãos?

— Não sabia que estava.

— Com Tohr.

Wrath reposicionou George para que o fornecimento de sangue para a perna esquerda não fosse completamente cortado por peso do cão. — Ele pediu pela proclamação.

— Todos nós temos o direito de executar Xcor. Esse idiota é o prêmio que todos nós queremos. Ele não deve ser restrito a apenas ele.

— Ele me pediu.

— Isso torna mais difícil de matar o bastardo. Que se um de nós o encontre lá fora e Tohr não esteja com nós?

— Então o traga. — Houve um silêncio longo e tenso. — Você pode me ouvir, V. Traga aquele pedaço de merda e Tohr fará seu dever.

— O objetivo é eliminar o bando de bastardo.

— E como isso os mantém fora do negócio? — Quando não houve resposta, Wrath sacudiu a cabeça. — Tohr estava na van comigo, meu irmão. Ele salvou minha vida. Sem ele...

Como a sentença pronunciada, V amaldiçoou brandamente, como se ele tivesse executando a conta sobre a memória e chegando à conclusão de que o irmão teve que cortar um tubo de plástico livre de sua CamelBak[60] e realizar uma traqueostomia em seu rei, em um veículo em movimento a quilômetros de distância de qualquer ajuda médica ,pode ter um pouco mais direito de matar o criminoso.

Wrath sorriu um pouco. — Diga que só porque sou cara legal, prometo a todos vocês um pouquinho dele antes de Tohr matar o filho da puta com as próprias mãos. Feito?

V riu. — Isso deixa as coisas um pouco mais agradáveis.

A batida que os interrompeu foi tranquila e respeitosa, um par de toques suaves que pareciam sugerir que quem quer que fosse, ficaria feliz em aguardar, satisfeito em adiar e esperando por uma audiência imediata, tudo ao mesmo tempo.

— Sim, — Wrath chamou.

O perfume caro anunciou a chegada do seu advogado. Saxton sempre cheirava bem, o que se encaixava em sua pessoa. Pelo que Wrath se lembrava, além do cara extremamente educado e da qualidade de sua opinião, vestido com a moda de um filho bem-educado do *glymera*. Isto é, com perfeição.

Não que Wrath o tivesse visto recentemente.

---

[60] CamelBak é uma empresa fornecedora de pacotes de hidratação como: mochilas que vem com tubo que mesmo nas costas leva o liquido na boca, garrafa para portar liquido. Equipamentos de proteção e outros produtos para os militares dos EUA e agências de aplicação da lei em todo o mundo.

Ele colocou seus óculos num rápido impulso. Era uma coisa estar exposto na frente de V; não ia acontecer na frente do macho, jovem e eficiente que veio através da porta, não importa o quanto Sax era confiável e considerado.

— O que você tem para mim? — Wrath disse em saudação enquanto escovava o rabo de George para trás e para frente.

Houve uma longa pausa. — Talvez eu devesse voltar?

— Pode dizer qualquer coisa na frente do meu irmão.

Outra longa pausa, durante a qual V estava provavelmente, olhando para o advogado como que querendo tomar um pedaço de sua sofisticada bunda de menino-bonito, por sugerir que havia uma divisão de informações que precisava ser respeitadas.

— Mesmo que seja sobre a Irmandade? — Saxton disse levemente.

Wrath poderia praticamente sentir os olhos gelados de V girando em torno. E com certeza, o irmão reprimindo-o. — O que sobre nós.

Quando Saxton permaneceu em silêncio, Wrath soube o que era. — Você pode nos dar um minuto, V?

— Você está me fodendo?

— Wrath pegou George e colocou no chão. — Eu só preciso de cinco minutos.

— Tudo bem. Divirta-se com ele, meu senhor, — V cuspiu quando ficou em pé. — Uma merda.

Um momento depois, a porta se fechou.

Saxton limpou a garganta. — Eu poderia ter voltado.

— Se eu quisesse isso teria dito a você. Fale.

Uma respiração profunda foi puxada e saiu, como se o civil estivesse olhando para a saída e se perguntando se a partida de V puto, só poderia levá-lo a acordar morto mais tarde no dia. — Ah... A auditoria das velhas leis é completa, e eu posso lhe fornecer uma lista detalhada de todas as seções que exigem alterações, juntamente com proposta de reformulação e uma linha do tempo em que as mudanças poderiam ser feitas...

— Sim ou não. Isso é tudo o que me interessa.

Indo pelo som do roçar suave de sapatos pisando no Aubusson[61], Wrath extrapolava que seu advogado começaria para uma pequena jornada. Da memória, imaginando o estudo, com suas pálidas paredes azuis e seus arabescos moldados e todos os frágeis mobiliários antigos franceses.

Saxton fazia mais sentido nesta sala que Wrath fez com seus couros e sua camisa muscular.

Mas a lei prescrevia quem devia ser rei.

— Você precisa começar a ser rápido e objetivo, Saxton. Garanto a você que você não vai ser demitido se você me falar como é em linha reta. Tente editar a verdade ou facilita isso? E está na sua bunda, não me importo com quem você está dormindo.

Houve outro pigarro. Então aquela voz culta veio sobre sua cabeça em cima da mesa. — Sim, você pode fazer como você desejar. Tenho preocupações sobre o tempo, no entanto.

---

[61] *Marca cara de tapetes.*

— Por quê? Porque isso vai te levar dois anos para fazer as emendas?

— Você está fazendo uma mudança fundamental para uma parte da sociedade que protege a espécie e isso poderia desestabilizar suas regras. Eu não sou inconsciente das pressões sob você e seria negligente de minha parte não apontar o óbvio. Se você alterar as regras de quem entra na Irmandade da Adaga Negra, isso poderia dar ainda maior abertura para a dissidência, isso diferente de qualquer coisa que você já tentou durante seu reinado, e está chegando a uma época de extremo transtorno social.

Wrath inalou longa e lentamente através de suas narinas, e pegou um monte de carma não ruim. Não havia nenhuma evidência para sugerir que o cara estava sendo hipócrita ou não querendo fazer o trabalho.

E ele tinha razão.

— Eu aprecio a perspicácia, — Wrath disse. — Mas não vou ceder ao passado. Recuso-me. E se tivesse dúvidas sobre o macho em questão, não estaria fazendo isso.

— Como é que os outros irmãos se sentem?

— Isso não é da sua conta. — Na verdade, não tinha abordado este assunto com eles ainda. Afinal, por que se incomodaria se não havia possibilidade de avançar. Tohr e Beth eram os únicos que sabiam exatamente o quão longe ele estava preparado para assumir isso. — Quanto tempo você leva para torná-lo legal?

— Posso ter tudo esboçado amanhã de amanhã, ao cair da noite o mais tardar.

— Faça isso. — Wrath fechou um punho e bateu no braço do trono. — Faça isso agora.

— Como você quiser meu senhor.

Houve um farfalhar de roupas finas, como se o macho estivesse se curvando, e em seguida, passos antes das portas duplas se abrirem e fecharem.

Wrath olhou para o nada fornecido por seus olhos cegos.

Tempos perigosos estava certo. E, francamente, a coisa inteligente a fazer, era aumentar o número de irmãos, não pensar em razões para não, embora o contra argumento fosse, se esses três meninos estavam dispostos a lutar ao lado deles sem ser introduzido, por que se importar?

Mas foda-se. Era da velha escola por querer honrar alguém que colocou sua vida em linha para que a sua própria pudesse continuar...

A questão real, mesmo para além das leis, no entanto... Era, o que os outros pensariam?

Por isso estava mais propenso a colocar um fim sobre esta situação fodida.

Mais tarde no cair da noite, Qhuinn estava deitado nu, entrelaçado aos lençóis, nem seu corpo nem sua mente repousavam, mesmo enquanto dormia. Em seu sonho, estava de volta ao lado da estrada, caminhava para fora da casa de sua família. Tinha uma mochila sobre um ombro, uma proclamação de deserdação empurrada em sua cintura, e uma carteira que tinha onze dólares longe de estar vazia.

Tudo estava muito claro, de algum modo desnaturado devido a sua memória falha. Desde a noite úmida de verão ao som de suas New Rock[62] no cascalho, se empurrando... Ao fato de que estava ciente de que não tinha nada no seu futuro.

Ele não tinha nenhum lugar. Nem casa para voltar.

Sem perspectivas. Nem mesmo um passado.

Quando o carro parou atrás dele, ele sabia que eram John e Blay...

Exceto, não. Não eram seus amigos. Era a morte na forma de quatro machos em vestes negras, que saíram de quatro portas e o cercaram.

Um guarda de honra. Enviado por seu pai para bater nele por desonrar o nome de sua família.

Que irônico. Seria de supor que esfaquear um sociopata, que tentou violar seu amigo seria considerado uma coisa boa. Mas não quando o assaltante era seu primo em primeiro grau e perfeito.

Em câmera lenta, Qhuinn se colocou em sua posição de combate, preparado para enfrentar o ataque. Não havia olhos para olhar diretamente, sem rosto para anotar, e havia uma razão para isso: o fato de que as vestes obscureciam suas identidades, supostamente era para fazer a pessoa que transgrediu, se sentir como se toda a sociedade desaprovasse as ações que ela tomara.

Circulando, circulando, aproximando... Eventualmente, eles iriam derrubá-lo, mas ele iria feri-los no processo.

E ele o fez.

Mas também estava certo. Depois do que pareceram horas de luta, acabou de costas, e foi quando o espancamento aconteceu realmente. Deitado no asfalto, cobriu sua cabeça com sua mochila o melhor que pôde, os golpes choveram sobre ele, mantos pretos voavam como asas de corvo,s quando foi atingido novamente e novamente.

Depois de algum tempo não sentiu dor.

Ele ia morrer aqui na beira da estrada...

— Pare! Nós não deveríamos matá-lo!

A voz de seu irmão cortou através disso tudo, o atingiu de uma forma que os golpes não fizeram...

Qhuinn acordou com um grito, jogando os braços sobre o rosto, empurrando as coxas para proteger sua virilha...

Nem punhos ou chutes vinham até ele. E não estava ao lado da estrada.

Provido de alguma luz, olhou ao redor do quarto em que ficara desde que fora expulso da casa de sua família. Não combinava com ele no mínimo, o papel de parede de seda e algumas antiguidades que sua mãe teria escolhido, a vista de toda a porcaria que alguém mais velho escolheu, comprou, pendurou e depois manteve, o fez se acalmar.

Assim como a memória permaneceu.

Deus, o som da voz de seu irmão.

---

[62] *Marca de botas.*

Seu próprio irmão fez parte da Guarda de Honra que fora enviada até ele. Então, novamente, enviara uma mensagem mais poderosa para a *glymera,* sobre quão sério a família levava as coisas e não era como se o cara não fosse treinado. Ele era treinado nas as artes marciais, embora naturalmente nunca fora autorizado a lutar. Inferno, mal fora permitido a ele se defender.

Muito valioso para a linhagem. Se ele se machucasse? O único que iria seguir os passos do pai, e eventualmente poderia comprometer seu ingresso como um membro do Conselho.

Um pequeno risco de lesão seria catastrófico para a família.

Qhuinn, por outro lado? Antes de ter sido repudiado, fora colocado no programa de treinamento, talvez na esperança de que recebesse uma lesão mortal no campo e tivesse a boa graça de morrer com honra para o bem de todos.

Pare! Nós não deveríamos matá-lo!

Essa foi a última vez que ouviu a voz de seu irmão. Pouco depois de ter sido jogado para fora de casa, a Sociedade Lesser atacou e matou a todos, pai, mãe, irmã... E Luchas.

Todos se foram. E apesar de que uma parte dele odiava por tudo que eles fizeram, não desejava esse tipo de morte para ninguém.

Qhuinn esfregou o rosto.

Hora do banho. Isso era tudo o que sabia.

Levantando aos seus pés, estendeu-se à sua volta espreguiçando e checou seu telefone. Uma mensagem de texto para todos, anunciava que haveria um encontro no escritório de Wrath e uma rápida olhada para o relógio lhe disse que estava atrasado.

O que não era uma coisa ruim. Enquanto se virou em alta velocidade e se apressou para o banho, ficou aliviado por se concentrar em coisas reais, em vez da besteira do passado.

Nada que pudesse fazer sobre o último, exceto amaldiçoá-lo. E merda, sabia que tinha feito o suficiente para 12 vidas.

Acorda, acorda, pensou.

Hora de ir para o trabalho.

Capitulo 13

No mesmo momento em que Qhuinn estava se limpando na casa principal, Blay despertava na cadeira no pequeno escritório subterrâneo. A dor de cabeça que veio com o despertar, não foi do vinho do porto, foi do fato que havia pulado a Última Refeição. Mas cara, desejou que a bebida estivesse por trás do martelamento de seu crânio. Poderia dizer que fora totalmente descuidado, que sua mente bagunçada ficara louca, quando veio aqui.

Amaldiçoando, retirou as pernas da mesa e sentou-se. Seu corpo estava rígido como uma tábua, a dor florescia em todos os tipos de lugares como se estivesse sob a luz terrestre.

Porcaria. Ainda estava nu.

Francamente, os modestos elfos deveriam ter aparecido e o vestido durante o sono? Só assim não se lembraria do que havia feito? Colocando sua bermuda, empurrou seus pés em suas botas e alcançou sua camisa, antes de se lembrar de que a havia usado para se limpar.

Enquanto olhava para as dobras amassadas do algodão e sentia os lugares duros no pano macio, percebeu que nenhum nível de racionalização iria mudar o fato de que traira Saxton. O contato físico com alguém era apenas uma maneira de medir infidelidade, e sim esta era a maior divisória. Mas o que fizera na noite passada foi uma violação do relacionamento, mesmo que o orgasmo fosse causado por seu cérebro, não pela mão.

Ficando em pé, estava meio morto quando foi para a porta e abriu uma fresta. Se houvesse alguém por perto, ia ficar onde estava e esperar por uma chance de ir ao corredor. De jeito não queria ser pego saindo deste escritório vazio, meio-vestido e parecendo o inferno. A vantagem de viver no complexo era que estava cercado por pessoas que se importavam com você, o lado negativo era que todos tinham olhos e ouvidos e nenhum assunto era apenas seu próprio.

Quando não ouviu vozes ou passos, explodiu para o corredor e começou a andar rapidamente, como se tivesse estado em algum lugar por um bom motivo e estava indo para seu quarto para uma finalidade importante. Tinha a sensação de que conseguiu escapar quando chegou ao túnel. Claro, não costumava andar sem camisa, mas um monte de irmãos ou machos andavam quando vinham do ginásio, nada incomum.

E realmente se sentiu como se tivesse ganhado na loteria, quando chegou debaixo da grande escadaria da mansão e outra boa dose de vazio na pista de boliche. O único problema era que, passando por sons de porcelana sendo retiradas da sala de jantar, deveria ser mais tarde do que pensava. Obviamente perdeu a Primeira Refeição, notícia ruim para a sua cabeça, mas pelo menos tinha algumas barras de proteína em seu quarto.

Sua sorte acabou quando tomou as escadas até o segundo andar. De pé em frente às portas fechadas do estudo de Wrath, Qhuinn e John estavam vestidos para combate, com as armas amarradas, seus corpos cobertos com couro preto.

De jeito nenhum que estava olhando para Qhuinn. Apenas ter o rosto em sua visão periférica era ruim o suficiente.

— O que está acontecendo? — Blay perguntou.

Temos uma reunião agora, — John assinalando. *Ou, pelo menos é suposto. Você não recebeu o texto?*

Merda, não tinha ideia de onde estava o telefone. Em seu quarto? Esperava que sim.

— Vou tomar uma chuveirada e já volto.

Você não precisa ter pressa. Os irmãos foram requisitados pela última meia hora. Não tenho nenhuma ideia do que está acontecendo.

Ao lado do cara, Qhuinn estava balançando para frente e para trás em suas botas de combate, deslocando seu peso como se estivesse em uma caminhada ,mesmo como não fosse a nenhuma parte.

— Cinco minutos, — murmurou Blay. — Isso é tudo que eu preciso.

Esperava que a Irmandade abrisse a porta até então, e a última coisa que queria era ficar preso, passando o tempo em qualquer lugar perto Qhuinn.

Amaldiçoando enquanto caminhava Blay, correu até seu quarto. Normalmente, gastando seu tempo se preparando, especialmente se Sax estivesse de bom humor, então isso caminharia para uma rapidinha[63]...

Quando abriu a porta, congelou.

Mas o que o... Inferno?

Malas. Sobre a cama. Tanta delas que não podia ver mais de uma polegada e meia do edredom e sabia à quem elas pertenciam. Combinando Guccis, em branco com o logotipo azul marinho e tecido de cintas azul marinho e vermelho, pois de acordo com Saxton o tradicional marrom sob marrom com o vermelho e verde era —muito óbvio—.

Blay fechou a porta silenciosamente. Seu primeiro pensamento foi puta merda, Saxton sabia. De alguma forma o cara sabia o que aconteceu no centro de treinamento.

O macho em questão saiu do banheiro com uma braçada de xampu, condicionador e outros produtos. Ele parou mortalmente.

— Oi, — disse Blay. — Tirando umas férias?

Depois de um momento tenso, Saxton calmamente veio e colocou os produtos para baixo em uma bolsa de viagem e se virou. Como sempre, seu lindo cabelo loiro foi varrido da testa em ondas grossas. Estava vestido com perfeição, em outro terno de lã com colete combinando, um lenço vermelho no bolso acrescentado apenas para acentuar a cor.

— Eu acho que você sabe o que vou dizer. — Saxton sorriu tristemente. — Porque você está longe de ser estúpido, assim como eu estou.

Blay se sentou na cama, mas teve que se recalibrar porque não havia lugar para se apoiar. Acabou em um divã estreito e discreto ao lado, colocou a camisa amassada debaixo. Fora da vista. Era o mínimo que podia fazer.

Deus, isso estava realmente acontecendo?

— Não quero que você vá, — Blay se ouviu dizer mais ou menos.

— Acredito.

Blay olhou todas aquelas malas. — Por que agora?

Ele pensou neles no dia anterior, sob os lençóis fazendo sexo duro. Eles estavam tão perto, embora se fosse brutalmente honesto, talvez isso fosse apenas fisicamente.

Retire o *talvez*.

— Eu estive me enganando — Saxton balançou a cabeça. — Pensei que poderia continuar com você desse jeito... Mas não posso. Isso está me matando.

Blay fechou os olhos. — Eu sei que tenho estado muito lá fora em campo...

— Isso não é disto que eu estou falando.

---

[63] No original está escrito wham-bam thank you ma... (maam) é uma gíria para sexo realmente acelerado com alguém. Depois de transar vai embora.

Por Qhuinn ter tomado todo o espaço entre eles, Blay queria gritar. Mas o que isso faria de bom: parecia que ele e Saxton chegaram ao mesmo ângulo de dificuldade, ao mesmo momento triste.

Seu amante olhou para a bagagem. — Eu finalizei a atribuição de Wrath. É um bom momento para fazer uma pausa, sair e encontrar outro emprego...

— Espere, então você está deixando o rei também? — Blay franziu a testa. — Por mais que as coisas entre nós estejam mal, você precisa continuar trabalhando para ele. Isso é maior do que o nosso relacionamento.

Os olhos de Saxton mergulharam para baixo. — Suspeito que é muito mais fácil para você dizer.

— Não é verdade, — Blay rebateu severamente. — Deus, estou tão... Desculpe.

— Você não fez nada errado, precisa saber que não estou com raiva de você, ou amargo. Você sempre foi honesto, e eu sempre soube que as coisas iam acabar assim. Só não conhecia a linha do tempo. Não saberia... Até chegar ao fim. O qual é agora.

Ah, foda-se.

Mesmo sabendo que Saxton estava certo, Blay sentiu uma necessidade compulsiva de lutar por eles. — Escute, tenho estado muito distraído nesta última semana, e sinto muito. Mas as coisas têm uma maneira de regular, e você e eu vamos voltar ao normal.

— Estou apaixonado por você.

Blay fechou a boca com a palma.

— Então você percebe, — Saxton continuou com a voz rouca, — não é que você mudou. É que eu mudei, e estou com medo que minhas emoções bobas, nos coloquem distante um do outro.

Blay levantou e caminhou através do tapete bem tecido para o outro macho.

Quando chegou ao seu destino, ficou aliviado ao ponto de se rasgar quando Saxton aceitou o seu abraço. E quando segurou seu primeiro amante verdadeiro contra si, sentindo a diferença familiar em suas alturas e o cheiro da colônia maravilhosa, parte dele queria manter esta pausa até que ambos cedessem e continuassem tentando.

Mas isso não era justo.

Como Saxton, ele tinha a vaga noção de que as coisas iam terminar em algum ponto. E como seu amante, também fora surpreendido agora.

O que não altera o resultado, no entanto.

Saxton recuou. — Eu nunca quis me envolver emocionalmente.

- Eu sinto muito, Eu estou... Sinto muito... — Merda, o que era tudo isso que estava saindo de sua boca? — Daria tudo para ser diferente. Gostaria de poder... Ser diferente.

— Eu sei. — Saxton estendeu a mão e passou a mão para o lado de seu rosto. — Eu te perdoo e você precisa perdoar a si mesmo.

Seja como for, não tinha certeza se poderia fazer isso, especialmente porque, neste momento, e como a merda de costume, uma ligação emocional que ele não queria e não poderia mudar estava novamente lhe roubando algo que queria.

Qhuinn era uma maldição para ele, porra, o cara realmente era.

Cerca de quinze quilômetros ao sul do topo da montanha do complexo da Irmandade, Assail acordou em sua cama circular na grande suíte máster de sua mansão no Hudson. Acima dele, nos painéis espelhados montados no teto, seu corpo nu estava brilhando no brilho suave das luzes instaladas em torno da base do colchão. A sala octogonal estava escura, as persianas interiores ainda abaixadas, a noite caía oculta.

Quando ele considerou todos os vidros da casa, sabia que muitos vampiros achariam essas acomodações inaceitáveis. A maioria evitaria a mansão completamente.

Muito arriscado durante a luz do dia.

Assail, no entanto, nunca foi preso à convenções, e os perigos inerentes em viver em um prédio com acesso a tanta luz fosse algo a ser gerido, não vinculados.

Levantando-se, foi até a mesa, ligou seu computador e acessou o sistema de segurança que não monitorava apenas a casa, mas a propriedade. O alertas soou várias vezes durante as primeiras horas do dia, as notificações não de um ataque iminente, mas de algum tipo de atividade que foi marcada pelo programa de filtragem do sistema de segurança.

Na verdade, carecia de energia para estar muito interessado, um sinal indesejável que necessitava se alimentar.

Assail franziu o cenho quando examinou o relatório.

Bem, não era esse instrutivo.

E, de fato, foi por isso que instalou todos os seus controles e saldos.

Na imagem alimentada das câmeras traseiras viu quando uma figura vestida com uma camuflagem de campo de neve viajando, em um esqui em vários cruzamentos pela floresta, perto da sua casa a partir do norte. Quem quer que seja ficou escondido entre os pinheiros a maior parte, e inspecionou a propriedade de pontos de vista diferentes por aproximadamente 19 minutos... Antes de atravessar as árvores da fronteira oeste, cruzando a propriedade do vizinho e descendo por sobre o gelo. Duzentos metros depois, o homem parou, pegou o binóculo novamente e olhou para casa de Assail. Em seguida, circulou em torno da península que se projetava para o rio, reentrou na floresta e desapareceu.

Chegando mais perto da tela, Assail repassou a cena, ampliou para identificar características faciais, se possível, e não foi. A cabeça estava coberta com uma máscara de malha, com recortes apenas para os olhos, nariz e boca. Com casaco e calças de esqui o homem estava coberto em sua totalidade.

Sentado Assail sorriu para si mesmo, suas presas formigaram em resposta territorial.

Havia apenas duas partes que podiam estar interessados em seus negócios, e para fazer o reconhecimento durante a luz do dia ,ficou claro que a curiosidade não foi gerada pela Irmandade. Wrath nunca iria usar seres humanos para qualquer outra coisa que não fosse o último recurso de fonte de alimento, e nenhum vampiro poderia suportar essa quantidade de luz do sol sem se transformar em uma tocha.

O que sobra alguém no mundo humano e só havia um único homem com o interesse e os recursos para tentar localizá-lo e seu paradeiro.

— Entre, — disse ele, pouco antes de uma batida soar em sua porta.

Quando um par de machos entrou, ele não se preocupou em olhar para longe da tela do computador. — Como você dormiu?

Uma voz familiar, profunda, respondeu. — Como os mortos.

— Que sorte para você. O fuso-horário pode ser uma chatice, ou assim eu ouvi. Tivemos um visitante esta manhã pelo caminho.

Assail se inclinou para o lado para que seus dois associados pudessem ver as imagens.

Era estranho ter colegas em casa, mas ia ter que se acostumar com as suas presenças. Quando viera para o Novo Mundo, foi em uma viagem solo e tinha a intenção de manter as coisas dessa forma por inúmeras razões. O êxito em sua área escolhida, no entanto, determinou que ele buscasse algumas pessoas para apoiá-lo e somente pessoas da família, que você pode confiar parcialmente.

E o par deles oferecia um benefício único.

Seus dois primos eram uma raridade na espécie de vampiros: um conjunto de gêmeos idênticos. Quando totalmente vestido, a única maneira que alguém pudesse distingui-los, era por um único sinal na pele atrás do lóbulo da orelha; desde suas vozes, seus olhos escuros e desconfiados até seus corpos musculosos eram um reflexo do outro.

— Eu vou sair, — Assail anunciou a eles. — Se o nosso visitante vier de novo sejam hospitaleiros, está bem?

Ehric, o mais velho por uma questão de minutos, o olhou, sua face realçada pela luz em torno da base da cama. Uma combinação bonita com suas funções malignas, a ponto de quase sentir pena do intruso. — Será um prazer, eu garanto.

— Mantenha-o vivo.

— Mas é claro.

— Essa é uma linha fina do que vocês dois têm, por vezes, apreciado.

— Confie em mim.

— Não é com você que eu estou preocupado. Assail olhou para o outro. —Você me entendeu?

O gêmeo de Ehric permaneceu em silêncio, embora o macho acenasse uma vez.

Essa reação rancorosa foi precisamente porque Assail preferiu manter sua nova vida simples. Mas era impossível estar em mais de um lugar ao mesmo tempo e esta violação de privacidade era uma prova de que não podia fazer tudo sozinho.

— Você sabe como me localizar, — disse ele, antes de dispensá-los de seu quarto.

Vinte minutos depois, saiu do banheiro, vestiu-se e estava atrás do volante de seu Range Rover à prova de balas.

O centro da cidade de Caldwell à noite era lindo à distância, especialmente quando se aproximou da entrada da ponte. Não era mais, desde o momento em que se penetrava no sistema de rede de ruas, que a lama da cidade tornava-se evidente. A entrada do beco com seus montes

de neve sujas, suas caçambas escorrendo e seus dejetos, humanos desabrigados meio congelados contava a verdadeira história do submundo do município.

Seu local de trabalho, por assim dizer.

Quando ele chegou à galeria de arte Benloise, estacionou na parte de trás, em um dos dois espaços que eram paralelos ao edifício atrás da instalação. Assim que ele saiu do SUV, o vento frio varreu seu casaco de pelo de camelo e teve que segurar as duas metades juntas, quando cruzou a calçada, aproximando-se de uma porta de tamanho industrial.

Ele não teve que bater. Ricardo Benloise tinha muitas pessoas que trabalhavam para ele, e nem todos eles eram do tipo revendedor associado de arte. Um macho humano do tamanho de um parque de diversões, abriu caminho e ficou de lado.

— Ele está te esperando?

— Não, ele não está.

Disneyland assentiu. — Você quer esperar na galeria?

— Isso seria ótimo.

— Precisa de uma bebida?

— Não, obrigado.

Enquanto caminhavam pela área do escritório pela o espaço de exposição, a atenção de Assail estava agora atribuída era uma coisa nova, obtida por meio de pedidos em grandes quantidades de produtos, bem como, sangue derramado de inúmeros humanos. Graças a ele os registros criminais de suicídios de homens destruídos pela droga entre 18 a 29 anos, atingiram um recorde de todos os tempos na cidade, chegando até os noticiários nacionais.

Imagine isso.

Enquanto apresentadores e repórteres tentavam dar sentido as tragédias, simplesmente continuou crescendo o seu negócio, por qualquer meio necessário. A mente humana era terrivelmente sugestionável; exigia quase nenhum esforço abater todos os intermediários de drogas, com suas próprias armas em suas têmporas e eles mesmos puxarem os gatilhos. E na mesma maneira a natureza abominava um vácuo, assim também, as demandas de suplementação química.

Assail tinha as drogas. Os viciados tinha o dinheiro.

O sistema econômico mais do que sobrevivia à reorganização forçada.

— Eu o conduzirei, — disse o homem em uma porta escondida. — E deixe que ele saiba que você está aqui.

— Faça do seu jeito.

Deixado a sua própria sorte, Assail caminhou ao redor de um espaço aberto com um teto alto, juntando suas mãos e colocando-as em suas costas. Deu tempo ao tempo, fez uma pausa para olhar para a —arte— que estava pendurada nas paredes e divisórias, e lembrou que era por isso que os seres humanos deveriam ser erradicados, de preferência por meio lento e doloroso.

Usar um prato de papel barato preso num painel e coberto com citações manuscritas de comerciais de TV? Um autorretrato feito de creme dental? E igualmente ofensiva era a placa

engrandecendo essa bagunça e declarando este absurdo como a nova onda do expressionismo americano.

Um senhor comentário sobre a cultura de muitas maneiras.

— Ele está pronto agora.

Assail sorriu para si mesmo e se virou. — Que amável.

Quando entrou por essa porta escondida e chegou ao terceiro nível, Assail não culpou seu fornecedor por ser desconfiado e querer mais informações sobre o seu maior e único cliente. Afinal, num curto espaço de tempo, o comércio de drogas na cidade foi desviado, redefinido e capturado por um completo desconhecido.

Pode-se respeitar a posição do homem.

Mas a escavação ia acabar aqui.

No topo do conjunto de escadas industriais, dois outros grandes homens estavam na frente de outra porta, segura e sólida como paredes estruturais. Tal como aconteceu com o guarda no primeiro andar, abriram a porta rápido e acenaram para ele com respeito.

No outro lado, Benloise estava sentado no final de uma sala comprida e estreita com janela de um lado a apenas três peças do mobiliário. Levantou-se de sua mesa, que não era nada mais do que uma laje grossa de cimento, com uma luminária moderna e um cinzeiro sobre ela, sua cadeira, de alguma derivação moderna, e um segundo acento em frente a ele para um único visitante.

O próprio homem era como seu ambiente: puro, oficioso e organizado em seu pensamento. Na verdade, ele provou, no entanto, que o comércio ilícito de drogas era um princípio de gestão e habilidades interpessoais de um CEO[64] por um longo caminho se você quiser fazer milhões e manter seu dinheiro.

— Assail. Como você está? — O pequeno cavalheiro se levantou e estendeu a mão. — Este é um prazer inesperado.

Assail se aproximou, pegou o que foi lhe estendido e não esperou por um convite para se sentar.

— O que posso fazer por você? — Benloise disse quando também sentou em sua cadeira.

Assail tirou um charuto cubano do bolso interno. Cortando a extremidade fora, se inclinou à frente e pôs a peça, esnobando, direto sobre a mesa.

Quando Benloise franziu a testa como se alguém tivesse defecado em sua cama, Assail sorriu apenas brevemente expondo suas presas. — É o que eu posso fazer por você.

— Oh.

— Eu sempre fui um homem reservado, que vive uma vida privada por escolha. — Ele guardou seu cortador e tirou o isqueiro de ouro. Estalando a chama, se inclinou e soprou para obter uma queima sustentável do charuto. — Mas, acima e, além disso, sou um homem de negócios envolvido em uma perigosa forma de comércio. Consequentemente tomo qualquer violação de minha propriedade ou intrusão no meu anonimato, como um ato direto de agressão.

[64] *Sigla de chief executive officer – Diretor executivo.*

Benloise sorriu suavemente e recuou em sua cadeira-trono. — Posso respeitar isso, é claro, e ainda estou confuso a respeito de porque você está sentindo a necessidade de apontar isso para mim.

— Você e eu temos desempenhado um relacionamento mutuamente benéfico, e é muito o meu desejo continuar esta associação. — Assail puxou o charuto lançando, uma nuvem de fumaça azul-— Portanto, quero lhe pagar o respeito que é devido e deixar claro, antes de tomar uma ação de tal maneira se descobrir qualquer pessoa em minhas instalações, a qual, não tenha convidado, não só irei extirpá-lo como vou encontrar o mandatário, — ele soprou de novo — e fazer o que devo para manter a minha privacidade. Estou sendo claro o suficiente?

As sobrancelhas de Benloise caíram lá em baixo, os olhos escuros crescentes perspicazes.

— Está claro? — Assail murmurou.

Havia, é claro, apenas uma resposta. Assumindo que o ser humano quisesse viver muito além do fim de semana seguinte.

— Sabe, você me faz lembrar de seu antecessor — Benloise disse em um inglês acentuado. — Você conheceu o Reverendo?

— Frequentamos alguns dos mesmos círculos, sim.

— Ele foi morto de uma forma violenta. Cerca de um ano atrás? Seu clube foi explodido.

— Acidentes acontecem.

— Normalmente, em casa, então eu ouvi!

— Algo que você pode ter em mente. — Quando Assail encontrou aqueles olhos em frente, Benloise abaixou seu olhar em primeiro lugar. Limpando a garganta, o imigrante da costa oriental, o maior atacadista de drogas varreu a palma da mão sobre a mesa brilhante, como se estivesse sentindo os grãos que corriam através do cimento.

— O nosso negócio, — disse Benloise, — tem um delicado ecossistema que, com toda sua robustez financeira, deve ser cuidadosamente mantida. Estabilidade é rara e altamente desejável para homens como você e eu.

— Concordo. E por isso que pretendo voltar no final da noite com o meu pagamento intercalado como programado. Como eu sempre faço, eu vim a você de boa fé e não lhe daria nenhuma razão para duvidar de mim ou minhas intenções.

Benloise ofereceu outro sorriso suave. — Você faz isso soar como se eu fosse — ele moveu a mão em volta, agitando-o com desdém pelo ar, — o que tem perturbado você.

Inclinando-se Assail mergulhou seu queixo e olhou.– Não estou chateado. Ainda.

Uma das mãos de Benloise disfarçadamente mergulhou fora da vista. Uma fração de segundo depois, Assail ouviu a porta abaixo, no outro extremo da sala abrir.

Mantendo a voz baixa, Assail disse, — Esta foi uma cortesia para você. A próxima vez que encontrar alguém na minha propriedade, se você enviou ou não, não serei nem metade tão educado.

Com isso, ficou de pé e aterrou o charuto aceso em cima da mesa. — Desejo lhe uma boa noite apreciável, — disse ele, antes de se afastar.

Capítulo 14

E por falar em início tardio.

Enquanto Qhuinn se desmaterializava para longe da mansão, ele não podia acreditar que eram dez horas da noite e eles estavam apenas começando. Então, novamente, a Irmandade ficara refugiada no escritório de Wrath por muito tempo, e quando ele e John tiveram permissão para finalmente entrar, o anúncio de V que a prova contra o Bando de Bastardos era irrefutável, gastou uma boa meia hora com lixo falando sobre Xcor e seus amigos.

Vários usos criativos da palavra *foda*-se, assim como algumas ótimas sugestões de lugares para colocar objetos inanimados.

Ele nunca havia pensado em fazer isso com um ancinho de jardim[65], por exemplo. Legal. Legal.

E Blay havia perdido tudo isso.

Reassumindo sua forma em uma área florestal à sudoeste do complexo, Qhuinn preparou-se contra fazer qualquer especulação sobre o que havia detido o cara, ainda que o fato da matéria era, o lutador fora até seu quarto e não voltara. E apesar da maioria dos acidentes acontecerem na casa, tinha um bom palpite de que ele não havia deslizado e caído.

A menos que Saxton estivesse brincando de jogar o tapete por sobre o mármore em seu banheiro.

Sentindo-se como se quisesse dar um tapa em si mesmo, ele esquadrinhou a paisagem coberta de neve, enquanto John, Rhage e Z apareciam ao lado dele. As coordenadas para o local haviam sido encontradas nos telefones daqueles ladrões de carro na noite anterior, a propriedade aparentemente abandonado, cerca de dez ou quinze milhas[66] além de onde ele encontrara o seu Hummer roubado.

—Que diabos é isso?

Enquanto alguém falava, ele olhou por cima do ombro. O que-diabos-estava certo: O lugar indistinto atrás deles, era um prédio quadrado alto, como uma torre de igreja e simples como uma lixeira de reciclagem.

— Um hangar de avião, Zsadist disse, enquanto começava a caminhar nessa direção. — Tem que ser.

Qhuinn o seguiu, ficando na retaguarda, no caso de alguém aparecer e dizer — oi-como estão...

65

66 *Aproximadamente 24 quilômetros.*

Do nada, Blay fez a sua aparição, o macho todo vestido de couro, e fortemente armado como o resto deles. Em resposta, os pés de Qhuinn desaceleraram, pararam na neve, principalmente porque ele não queria perder o equilíbrio e parecer um idiota.

Deus, aquilo era um filho da puta triste, pensou enquanto Blay começou a andar para a frente. Estava com alguns problemas no paraíso?

Mesmo que não houvesse contato visual entre eles, Qhuinn se sentiu compelido a dizer alguma coisa. —O que é...

Ele não terminou a parte importante da frase. Por que se preocupar? O cara que ele perseguia, passou por ele como se ele não estivesse lá.

—Estou ótimo, Qhuinn murmurou enquanto ele voltava a marchar através do bloco de gelo. – Tô bem, obrigado por perguntar — oh, você está com problemas com Saxton? Sério? Você gostaria de sair e tomar uma bebida e conversar sobre isso? Yeah? Perfeito. Serei todo seu depois da sobremesa do jantar.

Ele cortou o monólogo fantasia, quando a brisa mudou e seu nariz captou um aroma doce e desagradável.

Todo mundo sacou suas armas e focaram-se no hangar.

—Nós estamos contra o vento, Rhage disse calmamente. —Então vai ter uma grande e fodida bagunça lá dentro.

Os cinco deles se aproximaram com facilidade cautelosa, se dispersando, procurando com o brilho azul da luz da lua refletida, por qualquer coisa que se movesse no ambiente.

O hangar tinha duas entradas, uma que era bifurcada e grande o suficiente para acomodar um aeroplano, e outra que deveria ser para as pessoas, e parecia do tamanho de uma Barbie em comparação. E Rhage estava certo. Apesar do fato das rajadas geladas de inverno golpeando-os por trás, o cheiro era o suficiente para estremecer o interior do nariz, e não no bom sentido.

Cara, o frio geralmente piorava o mau cheiro, também.

Comunicando-se através de sinais de mão, eles se dividiram em dois grupos, com ele e John tomando um lado das portas duplas gigantes, e, Rhage, Blay, e Z se aproximando da porta menor.

Rhage era uma peça chave, enquanto todos se preparavam para a batalha. Se houvesse um time de futebol de *lesser* lá dentro, fazia sentido enviar o irmão em primeiro lugar, porque ele um reserva que ninguém tinha: Sua besta amava assassinos, e não em um sentido convencional de relacionamento.

No sentido de balas de menta.

Hollywood colocou sua mão sobre sua cabeça. Três... dois... um...

O irmão penetrou em silêncio total, empurrando a porta aberta, deslizando para dentro. Z foi o próximo e Blay entrou com eles.

Qhuinn sentiu uma batida de puro terror no coração, quando o macho saltou para o desconhecido com nada além de um par de quarentões para protegê-lo. Deus, a ideia que Blay pudesse morrer hoje à noite, bem na frente dele, nessa tarefa ordinária, o fez querer parar com

tudo esse negócio de defender a raça, e transformar o lutador em um bibliotecário. Um modelo de mão[67]. Cabeleireiro...

O uivo estridente que veio não mais do que sessenta segundos depois , foi uma dádiva de Deus. E o sinal de tudo limpo de Z, foi o sinal para ele e John mudarem de posição, arrastando-se lateralmente à porta agora aberta, e passando por...

Ok. Uau.

E por falar de mancha de óleo de avião. Essa ganhou uma nota A filha da puta no quesito mau cheiro.

Os três que entraram primeiro, sacaram suas lanternas, cortando a escuridão cavernosa, iluminando o que a princípio parecia ser apenas uma folha de gelo negro. Só que não era negro e a merda não estava congelada. Era sangue humano congelado – aproximadamente uns 300 galões. Misturado à um lote de óleo de Omega.

O Hangar era o local de indução maciça, a escala disso fazia com que aquela casa da fazenda, fosse um parquinho infantil.

—Acho que aqueles caras que pegaram o seu chicote e estavam indo para uma festa do inferno, disse Rhage.

— Movam-se, murmurou Z.

Assim que as lanternas destacaram um velho, decrépito aeroplano na parte de trás e absolutamente mais nada, Z balançou a cabeça. —Vamos procurar a área externa. Não há nada aqui.

Dado que a cabana não era nada do lado exterior, apenas um barraco de caça / pesca típico na floresta, o Sr. C estava tentado a ignorar a maldita coisa. A meticulosidade tinha suas virtudes no entanto, e a localização da cabana, cerca de um ou dois quilômetros da estrada de terra, sugeriu que poderia ter sido usada como quartel-general em algum ponto.

Considerando todas as coisas, teria sido mais inteligente verificar o imóvel antes que ele usasse o hangar de avião para a maior indução na história da Sociedade Lesser. Mas as prioridades eram o que eram: primeiro, ele tivera que se colocar no controle, em segundo lugar, teve que justificar a promoção e, terceiro, tivera que lidar com todos os novos lessers.

E isso significava que ele precisava de recursos. Rápido.

Após a confusão do Omega, a grande cerimônia, e o período de mal-estar que havia durado por várias horas depois, Mr. C ordenou os novos recrutas em um ônibus escolar que havia roubado de uma concessionária de caminhões usados, há uma semana. Entre a exaustão e o desconforto físico no qual estavam, eles haviam sido tão bons meninos, compactados e sentado de dois em dois, como se estivessem em algum tipo de fodida Arca de Noé.

De lá, ele mesmo os levou, porque você não confiar esses ativos[68] para nenhuma outra pessoa, para a Escola Brownswick Para Meninas. O colégio desativado, estava nos subúrbios

[67] *Sabe aquelas propagandas onde só aparece a mão da pessoa? É...isso aí...*

numa área de 35 acres de terras[69]dilapidadas, esquecidas, e com rumores de ser mal-assombrada, mantinha as pessoas normais longe de lá.

No momento, a Sociedade Lesser era como um posseiro, mas o cartaz de "Vende-se' no canto perto da estrada, significava que ele poderiam corrigir isso. Assim que eles tivessem algum no caixa.

Com os seus jovens terminando sua recuperação na escola, e dos atuais assassinos furiosos que perseguiam a Irmandade na cidade, ele estava por conta própria, catalogando os poucos bens deixados na Sociedade, incluindo este trecho de floresta quase vazia ao norte da cidade.

Embora ele estivesse começando a acreditar que ele estava perdendo seu tempo.

Em pé, na pequena varanda da cabana, ele iluminou uma janela próxima. Um forno pot bellied[70]. Uma mesa de madeira rústica com duas cadeiras. Três beliches que não tinham nem colchões e nem lençóis sobre eles. Uma cozinha embutida.

Explorando ao redor, ele encontrou um gerador elétrico que estava sem gás, e um tanque de óleo enferrujado, que sugeria que o local possuía algum tipo de aquecimento em algum lugar.

Voltando para a frente, ele forçou o trinco da porta, e o encontrou trancado.

Tanto faz. Não tinha muita coisa lá.

Tirando o mapa de dentro de sua jaqueta, ele desdobrou a coisa e localizou-se onde estava. Checando o pequeno quadrado, pegou sua bússola, ajustou sua posição, e começou a caminhar na direção noroeste.

De acordo com este mapa, que ele havia encontrado na antiga sede destruída da Sociedade Lesser, essa área da propriedade possuía cerca de 500 hectares e tinha estas cabanas espalhada ao redor, em intervalos aleatórios. Ele concluiu que o lugar havia sido uma área de camping que pertencera à várias pessoas, uma dessas modernas estações de caça para passar o dia, que havia sido fechada por causa da carga tributária do Estado de Nova York, e comprada na década de oitenta.

Ao menos, eram o que as anotações manuscritas no canto diziam, embora só Deus soubesse se a Sociedade ainda era a proprietária oficial. Considerando o estado financeiro da organização, o bom Estado de Nova York poderia muito bem ter o privilégio fiscal gigantesco do tamanho daquela área, ou ter reescalonado a merda.

Ele fez uma pausa e verificou a bússola novamente. Cara, sendo um rapaz da cidade, odiava fuçar na floresta à noite, se esgueirando através da neve, verificando a merda como uma espécie

[68] *Em algumas empresas os funcionários são tratados como ativos — recursos — tão importante quanto o dinheiro em si, porque sem eles não produção e nem capital.*

[69] *Aproximadamente 14 hectares.*

[70]

de guarda florestal. Mas ele precisava ver com seus próprios olhos o que ele tinha para trabalhar, e isso só poderia acontecer de uma única maneira.

Pelo menos ele tinha um fluxo de receita alinhados.

Em outras vinte e quatro horas, quando os seus rapazes finalmente estivessem em pé novamente, ele recomeçaria a recarregar os cofres. Isso era o primeiro passo para a recuperação.

Passo dois?

Dominar o mundo.

Capítulo 15

Ela estava sangrando.

Quando Layla olhou para o papel higiênico na mão, a mancha vermelha em todo o branco era o equivalente visual de um grito.

Alcançando a parte de trás de si mesma, ela corou, e teve que usar a parede para estabilizar o seu equilíbrio quando ela ficou de pé. Com uma mão em seu baixo ventre e outra apoiada no balcão da pia e em seguida no batente da porta, ela tropeçou para o quarto e foi direto para o telefone.

Seu primeiro instinto foi ligar para a Dra. Jane, mas decidiu contra isso. Supondo que ela estava em processo de perder o filho, havia uma possibilidade de poupar Qhuinn da ira do Primale, desde que ela mantivesse isto em segredo. E usar a médica pessoal da Irmandade, provavelmente não era a melhor maneira de garantir a privacidade.

Afinal, havia apenas um motivo para uma fêmea sangrar, e perguntas sobre sua necessidade e como ela lidou com isso seriam inevitáveis.

Na mesa ao lado da cama, abriu a gaveta e tirou um pequeno livro preto. Localizando o número da clínica da raça, ela discou com uma mão trêmula.

Quando ela desligou um pouco mais depois, ela tinha um compromisso em trinta minutos.

Exceto por como ela ia chegar lá? Ela não podia se desmaterializar, muito ansiosa, e de qualquer maneira, as fêmeas grávidas eram desencorajados disso. E ela não sentia como se ela pudesse se dirigir até lá. As lições de Qhuinn haviam sido abrangentes, mas ela não podia imaginar, em sua condição, ficar em uma rodovia e tentar acompanhar o fluxo de tráfego humano.

Fritz Perlmutter era a única resposta.

Indo para o armário, ela pegou uma camisa macia, torceu-a como uma corda rústica, e a acomodou entre as suas pernas com a ajuda de várias sucessões de roupa íntima. A solução para o seu problema de sangramento estava incrivelmente volumoso e tornava difícil de andar, mas esse era o menor dos seus problemas.

Um telefonema para a cozinha garantiu que o mordomo a levaria.

Agora ela só tinha que descer as escadas, sair do vestíbulo, e entrar naquele longo carro sedã, e sem encontrar nenhum dos machos da mansão.

No momento em que ela estava prestes a sair de seu quarto, ela viu seu reflexo nos espelhos na parede. Sua túnica branca e seu penteado formal anunciavam seu posto de Escolhida como nada mais poderia: Ninguém da espécie, além das mulheres sagradas da Virgem Escriba, vestiam-se assim.

Mesmo que ela aparecesse sob o nome falso que ela havia fornecido para a recepcionista, tudo delataria sua filiação com o outro mundo.

Tirando sua túnica, ela tentou entrar em uma calça de yoga, mas o enchimento que ela tinha aplicado a si mesma, fez disto uma impossibilidade. E o jeans que ela e Qhuinn haviam comprado juntos não serviria, também.

Retirando a camisa, ela usou toalhas de papel do banheiro para lidar com o seu problema e conseguiu entrar no jeans. Um suéter pesado forneceu volume e calor, e escovando rapidamente e prendendo os cabelos a fez parecer... quase normal.

Saindo do quarto, ela segurou duramente o aparelho celular que Qhuinn tinha lhe dado. Ela pensou apenas brevemente sobre a chamá-lo, mas na verdade, o que havia para dizer? Ele não tinha mais controle sobre esse processo do que ela tinha...

Oh, querida Virgem Escriba, ela estava perdendo a criança deles.

O pensamento ocorreu-lhe quando ela chegou ao ápice da grande escadaria: Ela estava *perdendo* a criança deles. Neste exato momento. Aqui do lado de fora do estudo do rei.

De repente, o teto caiu sobre a sua cabeça e as paredes do grande e espaçoso hall de entrada, espremeram tão apertadas que não podia respirar.

—Sua Graça?

Sacudindo-se, ela olhou para baixo seguindo o tapete vermelho. Fritz estava no pé da escada, vestido com seu uniforme padrão, seu rosto velho e adorável revestido de preocupação.

—Sua Graça, podemos ir agora?— ele disse.

Quando ela balançou a cabeça e começou cautelosamente a descer, ela não podia acreditar que tudo tinha sido em vão, todas aquelas horas de esforço com Qhuinn... a consequência a congelou onde ela estava, não se atrevendo a mover... o pensamento e a preocupação e a esperança, calma e traiçoeira.

O fato de que ela havia dado o dom de sua virgindade para nada.

Qhuinn iria ficar com tanta dor, e o fracasso que ela estava trazendo sobre ele, aumentou imensamente seu próprio sofrimento. Ele sacrificou o seu próprio corpo no curso de sua necessidade, seu desejo por uma criança com laço de sangue, levando-o a fazer algo que ele não teria escolhido.

Que a biologia tivesse sua própria agenda não facilitava nada para ela.

A perda... ainda sentia como se fosse sua culpa.

"Tome um remédio contra o bicho que te mordeu".

Saxton acreditava que era rude e ainda assim um ditado adequado.

Parado nu na frente do espelho em seu banheiro, ele colocou o secador de cabelo para baixo e passou os dedos através deles até o topo. As ondas se estabeleceram em seu padrão normal, os fios loiros encontraram um arranjo perfeito para complementar sua face quadrada.

A imagem que ele observou era exatamente como tinha parecido na noite passada e na noite anterior a esta, no entanto tão familiar quanto a seu reflexo era, ele e sentia como se fosse diferente, uma pessoa independente.

Seu interior havia mudado tanto, parecia razoável assumir que a transformação ecoaria em sua aparência. Infelizmente, não aconteceu.

Afastando-se e caminhando até seu armário, ele supôs que ele não deveria estar surpreso, nem por seu transtorno interior, e nem por sua falsa compostura exterior.

Depois que ele e Blay haviam se falado, levara uma hora para passar tudo do quarto que ele tinha ficado com seu ex-amante, de volta para esta suíte no fim do corredor. Ele recebeu essas acomodações quando inicialmente veio para ficar na mansão, mas enquanto as coisas progrediam com Blay, seus pertences haviam gradualmente encontrado seu caminho para dentro daquele outro quarto.

O processo de migração foi incrementado, assim como o seu amor havia sido: um caso de uma camisa aqui e um par de sapatos de lá, uma escova de cabelo uma noite, e meias na próxima... uma conversa de valores compartilhados, seguidos de uma maratona de sete horas de sexo, acompanhado com um pote de sorvete Breyers[71] de café e apenas uma colher.

Ele estivera inconsciente da distância percorrida pelo seu coração, semelhante à maneira como um alpinista ficava perdido em um lugar selvagem. A um quilômetro fora e você ainda pode ver por onde você começou, poderia facilmente encontrar o caminho de volta para casa. Mas dezesseis quilômetros e muitas bifurcações mais tarde em seu rastro, e não havia como voltar atrás. Nesse ponto, você não tinha escolha, além de reunir os recursos para se construir um abrigo e criar raízes frescas.

Ele tinha assumido que poderia estar construindo este novo lugar pessoal com Blay.

Sim, ele assumiu. Afinal, quanto tempo poderia um amor não correspondido verdadeiramente sobreviver! Como o oxigênio necessário para acender o fogo, assim também era a emoção.

Não quando isto estava relacionado à Qhuinn, aparentemente. Não para o Blay.

Saxton estava resolvido em não deixar a mansão realmente, no entanto. Blay estava certo sobre isto, Wrath, o rei, precisava dele, e além disso, ele gostava de seu trabalho aqui. Era em

---

[71]

Breyers é uma marca de sorvete. No texto original, Breyers coffee ice cream, que seria um sorvete de café da dita marca.

ritmo acelerado, desafiador... e o egoísta nele, queria ser o advogado que reformularia a lei da maneira adequada.

Assumindo que o trono não fosse derrubado e ele não perdesse sua cabeça sob um novo regime.

Mas você não pode viver a sua vida, se preocupando com coisas desse tipo.

Retirou um terno de lã quadriculado do armário, pegou uma camisa de botão e um colete, e colocou tudo sobre a cama.

Isto era triste e pouco atraente clichê, ir à procura de algo núbil e pneumático para automedicar a dor emocional com isso, mas preferia muito mais ter um orgasmo a ficar bêbado desleixado. Além disso, “aparentar-até-você-encontrar-um-propósito-novamente” superava a retenção de água.

E foi especialmente verdadeiro, quando ele olhou para si todo vestido no espelho do tamanho da parede do banheiro. Ele certamente parecia ter isso resolvido, e isso ajudou.

Antes de sair, ele verificou duas vezes seu telefone. As Antigas Leis haviam sido reformuladas por ordens do Wrath, e agora ele estava de sobreaviso, esperando sua próxima missão.

Ele iria descobrir que era rápido o suficiente, ele imaginava.

Wrath era notoriamente exigente, mas nunca irracional. Nesse meio tempo, ele ia afogar sua tristeza no único tipo de six-pack[72] que o atraia, na casa dos vinte, em torno de um metro e oitenta, atlético...

E de preferência de cabelos escuros. Ou loiro.

Capítulo 16

—Alguém já esteve por aqui.

Quando Rhage falou, Qhuinn pegou sua lanterna e iluminou o feixe discreto para baixo no chão. Com certeza, as impressões através da neve eram frescas, não retocada com flocos soltos... e eles foram diretamente para a clareira na floresta. Desligando a luz, ele se concentrou na cabana de caça à frente, que parecia estar abandonada no tempo frio: no fluxo de fumaça ondulando fora de sua chaminé de pedra, nenhum brilho de iluminação e mais importante, nenhum aroma de nada.

---

72 *Faz um trocadilho sobre a embalagem com seis cervejas e um abdômen definido.*

Os cinco se aproximaram, circulando a clareira e se esgueirando com um grande ângulo de abordagem. Quando não houve reação defensiva de nada, todos eles entraram na rasa varanda e espiaram o interior através das janelas envidraçadas simples.

—Nada, — Rhage murmurou quando ele foi para a porta.

Um teste rápido no puxador e este estava trancado.

Com um impulso, o Irmão bateu seu ombro enorme nos painéis e enviou as coisas voando, fragmentos do mecanismo de bloqueio caíram dispersos junto com lascas de madeira.

—Oi, querida, estou em casa, — Hollywood gritou enquanto marchava para dentro.

Qhuinn e John seguiram o protocolo e ficaram na varanda, Blay e Z se apresentaram e pesquisaram.

A floresta estava quieta em torno deles, mas seus olhos penetrantes traçaram essas pegadas... a qual, depois da jornada para a cabine, dirigia-se em direção a noroeste.

Inferno, isso sugeria que alguém estava aqui com eles, esquadrinhando a propriedade ao mesmo tempo.

Humano? *Lesser?*

Ele estava pensando no último, dada toda a merda naquele galpão, e o fato de que esta propriedade inteira era remota, e relativamente segura por causa disso.

Embora eles estivessem querendo trazer Stanley Steemer[73] nesta edificação para fazer uma limpeza em primeiro lugar.

A voz de Blay flutuou para fora da porta aberta. —Achei uma coisa.

Levou todo o treinamento de Qhuinn não quebrar o elo com o levantamento da paisagem e voltar-se para olhar para dentro, e não porque ele particularmente se importava com o que tinha sido encontrado. Ao longo da busca deles, ele estivera constantemente verificando Blay, medindo para ver se aquele humor mudou.

Se nada, isto só tinha piorado.

Vozes suaves iam e voltavam da cabana, e depois os três surgiram.

—Nós encontramos um cofre, — Rhage anunciou quando ele abriu o zíper da jaqueta e deslizou o longo e fino recipiente de metal em seu peito. —Nós vamos abri-lo mais tarde. Vamos encontrar o dono dessas botas, meninos.

Desmaterializaram entre 15 a 20 metros de distância, espalhando-se por entre as árvores, seguindo as impressões na neve, seguindo silenciosamente.

Depararam-se com o *lesser* cerca de um quilômetro depois.

O assassino solitário estava marchando pela floresta coberta, de neve em um passo que apenas um humano com treinamento olímpico poderia ter sustentado por mais de algumas centenas de metros. As roupas eram escuras, uma mochila nas costas, e o fato de que ele estava navegando sozinho, era outra pista sobre quem era o inimigo: A maioria dos Homo sapiens não

[73] *Stanley Steemer é um empresa que presta serviço de limpeza.*
https://www.stanleysteemer.com/
http://www.youtube.com/watch?v=m-rFo6DDwss

teriam sido capazes de se moverem tão rápido com tão pouca luz sem uma iluminação alimentada por bateria.

Utilizando sinais de mão, Rhage orientou o grupo para uma formação de triângulo inverso que cavou ao redor da trilha do *lesser*. Continuando a avançar junto com ele, observaram por cerca de um comprimento de um campo de futebol e, então, todos de uma vez, eles se aproximaram, cercando o matador, e o bloqueando-o na direção dos pontos cardeais com armas musculosas.

O *lesser* parou de se mover.

Ele era um novo recruta, o cabelo escuro e a coloração verde-oliva, sugerindo que ele era de descendência mexicana ou talvez italiano, e ele tinha pontos por se mostrar sem medo. Mesmo que ele estivesse olhando por uma ferida, simplesmente, calmamente, olhou por cima do ombro, como se para confirmar que ele havia de fato sido emboscado.

—Como vai?— Rhage falou lentamente.

O *lesser* não se incomodou em responder, o que estava em contraste com o que tinham visto ultimamente. Ao contrário dos outros, não era um jovem punk de fala suja e mostrando seu revólver. Calmo, calculista... controlado, ele era o tipo de inimigo que melhorava o seu desempenho no trabalho.

Não é exatamente uma coisa ruim...

E com certeza, a mão dele desapareceu em seu casaco.

—Não seja estúpido, cara, — Qhuinn latiu, preparado para colocar uma bala no bastardo a qualquer momento.

O *lesser* não parou de se mover.

Bem.

Ele puxou a porra do gatilho e derrubando a cadela.

O instante em que o *lesser* atingiu a neve, Blay congelou com suas armas no lugar. Os outros fizeram o mesmo.

Nos segundos que se passaram em silêncio, eles mantiveram os olhos fixos no matador abatido. Nenhum movimento. Sem resposta das periferias. Qhuinn tinha incapacitado a coisa, e parecia ter trabalhado sozinho.

Engraçado, mesmo que Blay não tivesse ouvido o tiro no ouvido esquerdo, ele saberia que Qhuinn fora o atirador, qualquer outra pessoa teria dado ao inimigo outra chance de pensar sobre as coisas.

Quando Rhage assobiou em uma pequena rajada, esta foi a deixa para se aproximar. Os cinco se moviam como uma matilha de lobos sobre uma presa abatida, rápida e segura, cruzando a neve com as armas levantadas. O assassino permaneceu completamente imóvel, mas não houve uma morte na família, por assim dizer. Você precisava de um punhal de aço no peito para isso.

Mas este era o estado desejável. Você queria que eles fossem capazes de falar.

Ou, pelo menos, em condições de serem forçados a falar...

Mais tarde, quando ele repassasse o próximo acontecimento... quando a sua mente se agitasse e queimasse sobre os fatos obsessivamente... quando ele ficasse por dias tentando juntar as peças de como tudo rolou, na esperança de adivinhar uma mudança de procedimento que garantiria que algo como isso nunca, nunca acontecesse de novo... Blay poderia perceber a contração muscular.

Aquela pequena contração muscular no braço. Apenas um puxão autônomo, aparentemente desconectado com qualquer pensamento consciente ou vontade. Nada perigoso. Nenhum sinal do que estava por vir.

Apenas um espasmo.

Exceto então, com um movimento que foi mais rápido do que uma piscada, o matador tirou uma arma de algum lugar. Foi sem precedentes, um segundo ele era um peso morto no chão, no seguinte, ele estava atirando de uma forma controlada dentro de um círculo repleto.

E antes mesmo do som de estalo desvanecer, Blay pegou a imagem horrível de Zsadist tomando uma bala no coração. O impacto forte o suficiente para parar o impulso que o Irmão dava a frente, seu torso jogando para trás, com os braços arrancando para o lado enquanto ele desabava em seus pés.

Instantaneamente, a dinâmica mudou. Ninguém estava mais procurando interrogar o bastardo.

Quatro adagas brilharam no alto. Quatro corpos pularam em cima. Quatro braços desceram com frias e afiadas lâminas. Quatro impactos atingidos um após o outro.

Eles estavam muito atrasados, no entanto.

O assassino desapareceu logo debaixo deles, suas armas esfaquearam a neve de cor preta por baixo, onde o inimigo tinha desaparecido, em vez de uma cavidade vazia no peito.

Seja o que for, haveria hora de questionar o desaparecimento sem precedentes depois. No momento, eles tinham um lutador caído.

Rhage quase se lançou em cima do Irmão, colocando seu corpo no caminho de tudo e qualquer coisa. —Z? Z? Oh, mãe da raça...

Blay tirou seu telefone e discou. Quando Manny Manello respondeu, não houve tempo para ser desperdiçado. —Nós temos um Irmão caído. Bala no peito...

—Espere!

Voz do Z foi uma surpresa. E assim foi o braço do irmão atirando para cima e empurrando Rhage para o lado. —Você irá ficar longe de mim!

—Mas eu estou te dando um CPR[74]...

—Eu morrerei antes de beijar você, Hollywood.— Z tentou sentar-se, sua respiração pesada. —Nem pense nisso.

—Alô?— A voz do Manello veio através do telefone. —Blay?

—Espera ai...

---

[74] *CPR — Cardiopulmonary Resuscitation — Ressuscitação cardiopulmonar, massagem cardíaca.*

Qhuinn caiu de joelhos ao lado de Zsadist, e apesar do fato de que o irmão não gostava de ser tocado, pegou em uma axila e ajudou o macho tirar seu torso fora da neve.

—Eu tenho a clínica na linha, — disse Blay. —Qual é o seu estado?

Em resposta, Z estendeu e retirou o coldre do punhal. Em seguida, ele arrastou para baixo o zíper de sua jaqueta de couro e rasgou sua camiseta branca no meio.

Para revelar a Blay o colete à prova de balas mais bonito que já tinha visto.

Rhage caiu em alívio, a ponto de que Qhuinn tivesse que pegá-lo com a mão livre e livrar o cara do chão, também.

—Kevlar[75], — Blay murmurou para Manello. —Oh, graças a Deus, ele está usando uma Kevlar.

—Isso é ótimo, mas ouça, eu preciso que você tire o colete e verifique para ver se ele segurou a bala, ok?

—Entendido. — Ele olhou para John e foi um prazer encontrar o cara em pé, duas armas em linha reta, olhos examinando os arredores, enquanto o resto deles avaliavam a situação. —Eu vou cuidar disso.

Blay vacilou e se agachou na frente do irmão. Qhuinn poderia ter tido a coragem de fazer contato com Zsadist, mas ele não ia fazer isso sem autorização expressa.

—Dr. Manello quer saber se você pode remover o colete para que possamos ver se houve alguma lesão?

Z empurrou seus braços, e então franziu a testa. Aparentemente dando nas coisas outra tentativa. Depois de uma terceira tentativa, as mãos do irmão conseguiu levantar tão alto, quanto as tiras de velcro, mas não conseguia fazer muita coisa.

Blay engoliu em seco. —Posso cuidar disso? Prometo não tocar em você, tanto quanto possível.

Ótima gramática ali. Mas ele estava falando sério.

Z levantou os olhos para ele. Eles estavam negros de dor, não amarelos. —Faça o que você tem que fazer, filho. Vou manter isto firme.

O irmão olhou para longe, seu rosto duro apertado em uma careta, a cicatriz que fazia uma curva em S da ponte de seu nariz até o canto de sua boca, se destacando em relevo áspero.

Com um sermão, Blay ordenou às suas mãos ficarem estáveis e seguras, e esta mensagem foi de alguma forma executada: Ele rasgou as tiras de fixação nos ombros, os rasgos mais altos do que os gritos em sua cabeça, e em seguida, tirou o colete, com medo do que ele iria encontrar.

Havia uma mancha grande e redonda diretamente no centro do largo e musculoso peito do Z. Exatamente onde o coração estava.

Mas era uma contusão. Não um buraco.

Era apenas uma contusão.

—Ferida superficial apenas.— Blay cavou o dedo na teia densa do colete e encontrou a bala em forma irregular. —Eu posso sentir a bala no colete.

---

[75] *Marca de colete à prova de balas.*

—Então, por que não posso mover a minha...

O cheiro de sangue fresco do Irmão, pareceu bater nos narizes de todos ao mesmo tempo. Alguém amaldiçoou, e Blay se inclinou.

—Você foi atingido sob o braço, também.

—Mal?— Z perguntou.

Por telefone, Manello disse: —Vai lá e olhe ao redor, se puder.

Blay levantou aquele membro pesado e iluminou a sua lanterna na parte interior. Aparentemente, uma bala tinha entrado no torso através de um pequeno e desprotegido bolso do colete, sob o buraco, um tiro em um milhão que se você tentasse recriar, você não poderia conseguir.

Foda-se. —Eu não vejo um ferimento de saída. Está bem ao lado de suas costelas, bem alto.

—Ele está respirando de forma constante?— Manello perguntou.

—Trabalhosa, mas constante.

—A CPR foi administrada?

—Ele ameaçou castrar Hollywood se houvesse qualquer tipo de beijo na boca.

—Olhe, deixe-me apenas desmaterializar. — Z tossiu um pouco. —Dê-me algum espaço...

Todos ofereceram uma variedade de opiniões a esse ponto, mas Zsadist não teria nada disso. Empurrando as pessoas para longe, o Irmão fechou os olhos e...

Blay soube que eles tinham um problema real quando nada aconteceu. Sim, Zsadist não havia sido morto, e ele estava um inferno de muito melhor do que ele poderia ter estado sem o colete. Mas ele não era capaz de se mover, e eles estavam no meio do nada, tão no fundo da floresta que, mesmo que pedissem reforços, ninguém seria capaz de chegar com um SUV a quilômetros deles.

E o pior? Blay tinha a sensação de que o assassino que fora abatido, era consideravelmente algo mais do que um *lesser* medíocre.

Sem dizer quando os reforços poderiam vir.

O som de mensagem chegando no telefone de alguém soou, e Rhage olhou para baixo. —Merda. Os outros estão apoiados no centro da cidade. Nós temos que lidar com isso por conta própria.

—Porra, — Zsadist murmurou baixinho.

Yup. Que grande cobertura.

Capítulo 17

Xcor não esperava por isso. Quando ele e seus soldados se materializaram no local previamente combinado para alimentação comunitária, ele tinha previsto uma propriedade que estaria em más condições, ou possivelmente a beira da condenação, um lugar que estaria em uma

situação financeira tal, que uma mulher seria obrigada a vender suas veias e seu sexo para se, manter à tona.

Não existia tal coisa.Os arredores da propriedade apontavam para um padrão *glymera*, a mansão imensa na colina brilhava com uma luz quente, os jardins bem cuidados dentro de uma polegada de suas vidas, a casa menor retinha em seu interior portas em perfeito estado, apesar de sua óbvia idade.

Talvez ela fosse uma prima menor de uma grande linhagem?

— Quem é essa mulher?— Ele perguntou a Throe. O segundo em seu comando encolheu os ombros

- Pessoalmente eu não sei nada de sua família. Mas eu verifiquei sua linhagem como de valor.

Com tudo ao redor, seus guerreiros estavam nervosos , suas botas de combate embalavam a neve sob seus pés enquanto eles caminhavam pelo local, a respiração saia de suas narinas como se fossem cavalos de corrida no portão.

Ele se perguntava se ela sabia para o que tinha se oferecido — Xcor murmurou não particularmente se importando se ela sabia ou não.

— Devo ?— Throe perguntou.

— Sim, antes que os outros estourem livres de suas vontades, e invadam o chalé dela.

Trhoe se desmaterializou até uma porta singular, seu topo arqueado com lanternas que se esperaria encontrar em uma casa de bonecas. No entanto seu braço direito não era persuadido pelo charme. A iluminação acima foi abruptamente cortada, certamente porque Throe quis assim, a batida na porta era dura e rápida, uma demanda , não um pedido.

Momentos depois, o portal foi aberto e a luz de fogo se derramando na noite, os feixes amarelos dourados tão intensos que pareciam nominalmente capazes de derreter a cobertura de neve, e á direita, bem no meio daquela iluminação linda , a figura de uma mulher cortava uma curvilínea e escura silhueta.

Ela estava nua. E o cheiro que pairava sobre a brisa gelada indicava que ela estava pronta.

Zypher resmungou baixinho. — Mantenha seu juízo sobre você — Xcor ordenou— para que sua fome não seja usada como uma arma contra nós.

Throe falou com ela e depois colocou a mão no seu bolso interno para tirar o dinheiro. A fêmea aceitou o que foi dado e, em seguida estendeu um braço para o alto, em cima do batente, inclinando seu corpo para que uma mama deliciosa fosse banhada em uma luz suave.

Throe olhou por cima do ombro e acenou com a cabeça.

Os outros não esperaram por outro convite.Os guerreiros de Xcor convergiram para a porta, seus corpos masculinos tão grandes e em tal número, que a mulher se tornou instantaneamente invisível.

Com uma maldição ele se aproximou em pé também.

Zypher naturalmente entrou primeiro, colocando seus lábios em seus seios, mas ele não estava sozinho.Os três primos lutaram por uma posição, um foi para trás, arqueando os quadris

esfregando o pau contra sua bunda, os outros dois alcançando seus mamilos e seu sexo, suas mãos se arrastando enquanto ela era invadida.

Throe falou por sobre os nascentes gemidos.— Eu vou ficar lá fora de guarda.

Xcor abriu a boca para ordenar outra coisa, mas percebeu que faria parecer como se ele estivesse evitando a cena, e que isso dificilmente era uma coisa masculina para se fazer.

—Sim, faça isso, — ele murmurou,— Eu vou guardar o interior.

Seus homens pegaram a mulher, as mão de seus punhais segurando seus braços, suas coxas, sua cintura e em massa levando-a de volta a ala nos confins acolhedores.

Xcor foi quem fechou a porta e se certificou de que não havia dispositivo de travas para encerrá-los dentro.Ele também foi o único a alcançar o interior da casa.Quando seus bastardos levaram sua refeição para perto do fogo, onde um grande tapete de pele tinha sido colocado no chão, ele se inclinou para a janela mais próxima, levantou as cortinas e verificou os painéis de vidro. Velha e com chumbo, com suportes de madeira e não de aço.Não era segura.

—Bom. —Quero alguém dentro de mim, — a mulher gemia com uma voz profunda.

Xcor não se preocupou em verificar se ela estava acomodada ou não, embora seu gemido ondulante sugeria que ela estivesse.Em vez disso ele olhou em volta para quaisquer outras portas ou lugares a partir da qual uma emboscada poderia ser encenada.Não parecia haver nenhuma. A casa não tinha um segundo andar, o esqueleto do seu telhado arqueando-se por cima de sua cabeça, e havia apenas um banheiro, cuja porta estava aberta, uma luz a esquerda revelava uma banheira com pés e uma pia antiga, a cozinha aberta era apenas um trecho de bancada com uns poucos aparelhos modestos. Xcor olhou para a ação.

A fêmea estava deitada de costas, com os braços para fora do seu tronco, o pescoço exposto, as pernas bem abertas. Zypher tinha montado nela, e empurrava ritmicamente dentro dela, sua cabeça se movia para trás e para frente, sobre sua pele branca enquanto ela absorvia a batida. Dois de seus primos trancaram seu pulso, e o outro tinha tirado seu pau e fodia sua boca com ele.De fato havia pouca cois dela que não estava coberto por um vampiro, e seu êxtase por estar sendo usada era evidente , não só para os olhos mas também para os ouvidos : em volta da ereção que estava indo e vindo dentro de seus lábios macios, sua pesada respiração e gemidos eróticos fugiam para o ar ameno de sexo perfumado.

Xcor caminhou até a pia da cozinha. Não havia nada nas entranhas profundas , nem mesmo o resquício remanescente de uma refeição, nada de copos meio cheios abandonados.Entretanto havia pratos no armários, e quando ele abriu a geladeira de tamanho europeu, garrafas de vinho branco estavam alinhadas horizontalmente nas prateleiras.

Uma maldição masculina trouxe seus olhos para a diversão e jogos. Zypher estava tendo um orgasmo, seu corpo se curvava para a frente enquanto sua cabeça chutava de volta no meio da sua libertação, um dos primos foi empurrando-o para fora do caminho , tomando seu lugar, levantando os quadris da fêmea e cavando sua excitação em seu sexo molhado e rosa.Pelo menos Zypher parecia totalmente satisfeito com o que havia sido comercializado, ele despiu suas presas ,

baixou a cabeça sob o peito, agora levantado pelo seu companheiro, e mordeu o peito da mulher para que ele pudesse se alimentar de seu mamilo.

O que estava em sua boca gozou também, e ela engoliu sua libertação, sugando a cabeça do pau lutador com trações desesperadas, então ela o deixou ir lambendo sua boca lisa como se ela ainda estivesse com fome. Alguém logo, obrigando mais uma excitação a mergulhar entre seus lábios, o ritmo alucinado que se passava em sua cabeça, assim como o que se passava entre as pernas que saltavam na sua frente para trás de uma maneira completamente ausente.

Xcor foi verificar o banheiro, mas sua primeira avaliação estava correta: não havia nenhum lugar para se esconder em seus limites apertados.

Tendo assegurado o interior, nada havia nada mais a fazer, mas se inclinar para trás contra o canto que oferecia o maior acesso visual, e testemunhar a alimentação.Quando as coisas se intensificaram, seus combatentes perderam o semblante de civilidade que eles tinham, como leões sobre uma matança fresca, suas presas descobertas, os olhos selvagens com a agressão enquanto eles brigavam pelo acesso. No entanto eles não perderam a cabeça. Eles cuidaram da fêmea.

Pouco tempo depois, alguém marcou sua veia e colocou-a em seus lábios.

Xcor baixou os olhos para suas botas e permitiu que sua visão periférica monitorasse os arredores.

Houve um momento em que ele deveria ter se excitado com a visão, não que ele estivesse particularmente interessado no sexo, mas como da maneira quando ele via a comida , e seu estômago resmungava. E, consequentemente, no passado, quando ele tivera a necessidade de ter uma fêmea, ele havia feito exatamente isso. Normalmente, no escuro, claro, assim a querida menina não ficaria ofendida ou amedrontada.

Ele poderia muito bem imaginar as expressões tensas que os homens ostentavam quando estavam em seus espasmos eróticos, e que isso não fazia nada para melhorar sua aparência.

Agora, porém? Ele se sentia curiosamente desconectado de tudo, como se estivesse assistindo a um time de machos mover alguns móveis pesados ou talvez um ancinho no gramado.

Essa foi sua escolha, é claro.

Tendo tido seus lábios contra sua pele pura, tendo olhado em seus luminosos olhos verdes, tendo cheirado seu perfume delicado, ele era totalmente desinteressado nos encantos bem utilizados dessa mulher na frente do fogo.

Oh, sua Escolhida... Ele nunca soubera que essa graça existia, e além disso, ele não poderia supor que ele seria tocado tão completamente por ela, que era a antítese dele. Ela era seu oposto, gentil e generosa, enquanto ele era brutal e implacável, bonita para a sua feiura, etérea para sua sujeira.

E ela o havia marcado. Claro, como se ela o tivesse atingido e deixado uma cicatriz profunda em sua carne, ele fora ferido e enfraquecido por ela.

Não havia nada a ser feito.

Um pouco, mesmo a memória dos momentos que ele tinha compartilhado com ela, quando ela estava totalmente vestido, e ele fora tão gravemente ferido, foram suficientes para provocá-lo

em seus quadris, seu sexo endurecendo sem uma boa razão: mesmo se eles não tivessem estado em lados diferentes da guerra pelo trono, ela nunca o teria deixado ele vir para ela, como um homem faria quando estava encantado com uma mulher de valor. Naquela noite de outono ventoso, quando eles se encontraram debaixo daquela árvore, ela vinha desempenhando um serviço válido em sua própria mente. Ele não tinha nada que estar com ele em particular.

Mas, oh, ele queria ela mesmo assim....

Abruptamente, a fêmea que estava diante do fogo se arqueou sob os pesos inconstantes, tendo um orgasmo em cima dela, e ele focou nela. Como se ela sentisse sua excitação sexual, ela tinha seu olhar em êxtase, confuso, mergulhado em sua direção e a surpresa breve ,cintilou em seu rosto ou o pouco que pode ver do que acontecia em torno do antebraço grosso que oferecia seu alimento.

O choque atravessou seus olhos. Ela evidentemente tinha deixado de notar a sua presença, mas agora que ela tinha, o medo e não a paixão, claramente queimava dentro dela.

Recusando-se a interromper a ação, ele balançou a cabeça e mostrou a palma da mão dele em um movimento de parada para tranquilizá-la de que ela não ia ter de suportar a sua mordida, ou pior, seu sexo.

O serviço de mensagens aparentemente funcionou, porque o medo deixou sua expressão, e como um de seus soldados apresentava seu pênis para a atenção, ela estendeu a mão e começou a acariciá-lo sobre a cabeça.

Xcor sorriu para si mesmo de uma forma desagradável. Esta puta não teria ele, e ainda o seu corpo, em toda sua estupidez biológica, insistiu em responder à aquela Escolhida, como se a mulher sagrada fosse olhar duas vezes para ele.

Tão bobo.

Verificando o relógio, ele ficou surpreso ao descobrir que a alimentação tinha acontecido por uma hora já. Assim seja. Desde que seus homens cumprissem com suas duas regras básicas, ele estava contente em deixar que isso continuasse: Eles tinham que permanecer substancialmente vestidos, e suas armas tinham que ser postas no coldre, com a seguranças fora.

Dessa forma, se o teor mudasse, eles poderiam defender-se rapidamente.

Ele era mais do que disposto a dar-lhes o tempo necessário.

Após este intervalo? Muitos deles ficavam em sua plena força e com a forma como as coisas estavam indo com a Irmandade... eles iam precisar dela.

Capítulo 18

—Não, de maneira nenhuma, porra.

Qhuinn tinha que concordar com leitura de Z sobre a brilhante ideia de Rhage.

O grupo havia lutado pela floresta, com Rhage segurando o peso de Z, enquanto todos os outros circulavam o par, pronto para avançar em qualquer coisa ou qualquer um que ameaçasse a

partir das laterais. Eles estavam agora de volta ao hangar, e a solução de Hollywood para seu problema de mobilidade, parecia uma complicação com implicações mortais, não uma solução que fosse realmente ajudar.

—Como é que pode ser difícil pilotar um avião?

Enquanto todos, incluindo Z, apenas olhavam para ele, Rhage deu de ombros.

— Os humanos fazem isso o tempo todo.

Z esfregou seu peito e afundou lentamente no chão. Depois de reunir o fôlego curto, ele balançou a cabeça. —Primeiro de tudo, você não sabe se... a maldita coisa... pode até decolar. Ele provavelmente não tem combustível... e você nunca voou antes.

—Você quer me dizer o que a nossa outra opção é? Nós ainda estamos milhas de qualquer local de retirada plausível, você não está melhorando, e podemos ficar emboscados. Deixe-me pelo menos, chegar lá e ver se consigo ligar o motor.

—Este é um apelo ruim.

No silêncio que se seguiu, Qhuinn fez os cálculos ele mesmo, e olhou para o hangar. Depois de um momento, ele disse, —eu vou te cobrir. Vamos fazer isso.

Como resultado, Rhage estava certo. Este fuga à pé estava demorando demais, e o Lesser que havia desaparecido antes que eles o esfaqueassem, e não os deixavam com outra alternativa.

Teria o Omega dado aos seus meninos alguns poderes especiais?

O que quer que fosse, um lutador inteligente nunca iria subestimar o inimigo, especialmente quando um dos seus estavam caídos. Eles precisavam levar Z para a segurança, e se isso significava uma ponte aérea, então seria isso.

Ele e Rhage entraram no hangar e acenderam as lanternas. O avião estava exatamente onde o haviam deixado, no canto de trás, olhando como se fosse o patinho feio de algum modelo muito mais bonito de transporte, que a muito já saíra de cena.

Aproximando-se, Qhuinn viu que a hélice parecia produzir algum barulho, e, embora as asas estivessem empoeiradas, ele poderia aguentar o peso deles.

O fato de que a escotilha a porta chiou como uma cadela enquanto Rhage abria o caminho, não era uma boa notícia.

—Caramba, — Rhage murmurou quando ele recuou. —Cheira como se alguma coisa tivesse morrido ali.

Homem, deve ter sido um inferno de um fedorento, se o irmão pudesse diferenciá-lo do resto do cheiro no interior do galpão.

Talvez esta não fosse uma boa ideia.

Antes que Qhuinn pudesse oferecer uma segunda leitura sobre o fedor, Rhage se transformou em um pretzel e se espremeu através do buraco oval. —Santa merda — chaves. Há chaves — você pode acreditar nisso?

—E o combustível?

Qhuinn murmurou, enquanto varria o seu feixe de luz em torno de um grande círculo. Mas não havia nada, exceto o chão sujo.

—Você pode querer voltar lá, filho, — Rhage gritou para fora do cockpit. —Eu vou tentar ligar essa velha senhora.

Qhuinn se afastou, mas vamos lá. Se a coisa ia ficar em chamas, alguns metros longe, não fariam muita diferença...

A explosão foi forte, a fumaça era espessa, e o motor parecia que estava sofrendo de uma tensão mecânica, de tosse convulsiva. Mas, merda, ele se equilibrou. Quanto mais tempo eles deixavam correr, mais entrava no ritmo.

—Temos que sair daqui antes de asfixiar, — Qhuinn gritou dentro do avião.

Bem na hora, Rhage deve ter colocado a coisa em movimentação ou algo assim, porque o avião aliviou para a frente com um gemido, de cada porca e parafuso em seu corpo ferido.

E essa coisa ia ficar no ar?

Qhuinn correu na frente e bateu na emenda soldada da asa. Agarrando um lado, ele jogou todo o poder de seu corpo em um puxão e arrancou a coisa fora, várias travas saindo livres e voando fora.

Ele esperava que o avião não tivesse a inspiração a partir desses fragmentos.

Na luz do luar, as expressões nos rostos de John e Blay foram para o caralho de impagáveis quando eles deram uma boa olhada no plano de fuga, e ele sabia de onde elas estavam vindo.

Rhage pisou no freio e apertou de novo. —Vamos carregá-lo.

Silêncio. Bem, exceto para o aeroplano chiando atrás deles.

—Você não vai colocá-lo para cima, — Qhuinn disse, quase para si mesmo.

Rhage franziu o cenho em sua direção. —Como?

—Você é muito valioso. Se essa coisa cair, não podemos perder de dois irmãos. Não vai acontecer. Eu sou descartável, você não é.

Rhage abriu a boca como fosse para argumentar. Mas depois ele fechou, uma expressão estranha em seu bonito rosto.

—Ele está certo, — Z disse severamente. —Eu não posso colocá-lo em perigo, Hollywood.

—Foda-se, eu posso me desmaterializar para fora do cockpit se...

—E você acha que vai ser capaz de fazer isso quando estamos em uma espiral? Besteira...

Uns punhados de tiros vieram da linha das árvores, tiros na neve, zunindo no ouvido.

Todo mundo entrou em ação. Qhuinn mergulhou no avião, puxou-se para o assento do piloto, e tentou fazer sentido de todo o inferno... porra, não

Rat-tat-tat-tat!

Havia assistido filmes suficientes para saber que a alavanca com o botão para apertar era do combustível, e o volante em forma de laço era a única coisa que você puxava para ir para cima, e empurrava para baixo para ir para baixo.

—Porra, — ele murmurou enquanto ele ficou em uma posição dobrado tanto quanto pudesse.

Dados os estalos que se seguiram, John e Blay estavam atirando de volta, então Qhuinn se sentou um pouco mais alto e olhou para as fileiras de instrumentos. Ele imaginou que aquele com um pequeno tanque de gás era o que ele estava procurando.

Um quarto de tanque à esquerda. E a merda era que provavelmente havia condensado a metade.

Esta era uma ideia muito ruim.

—Coloque-o aqui —! Qhuinn gritou, avaliando o campo vazio, plano para a esquerda.

Rhage estava sobre ele, jogando Zsadist no avião com toda a delicadeza de um estivador. O irmão caiu em uma pilha amarrotada, mas pelo menos ele estava xingando-o que significava que ele estava com eles o suficiente para sentir dor.

Qhuinn não esperou por qualquer porcaria de porta fechando. Ele soltou o freio de pé, bateu no acelerador, e rezava para que não derrapasse na neve...

Metade do para-brisa de vidro se estilhaçou na frente dele, a bala que fez o estrago ricocheteando em torno do cockpit, o cheiro a partir do assento ao lado dele, sugerindo que o encosto de cabeça pegou o tiro. Que era melhor do que o seu braço. Ou crânio.

A única boa notícia era que o avião parecia pronto para dar o fora de lá, também, que aquele motor de bunda oxidado, girando com a hélice em uma corrida de morte como um pedaço de merda, sabia que sair do chão era o único caminho para a segurança.

Fora das janelas laterais, a paisagem começou a passar, e ele se orientava pelo meio da pista, mantendo-os dois conjuntos de árvores equidistantes.

—Segure-se — ele gritou por cima do barulho.

O vento estava rasgando no cockpit, como se houvesse um ventilador industrial preenchendo o espaço onde o painel de vidro havia estado, mas não era como se ele estivesse pensando em ir alto o suficiente para precisar da pressurização.

Nessa altura, ele só queria limpar a floresta à frente.

—Vamos, querida, você pode fazê-lo... vamos....

Ele manteve o acelerador para baixo, e ele tinha que dizer a seu braço para aliviar —Não havia mais o que fazer, mas quebrar a maldita coisa garantia que estariam mais fodidos ainda.

O barulho ficou cada vez mais alto.

Ás árvores se moviam mais rápido e mais rápido.

As colisões se tornaram mais e mais violentas, até que seus dentes estavam batendo palmas juntos, e ele se convenceu de que uma, ou de que ambas as asas, estavam prestes a quebrar e cair no caminho.

Imaginando que não havia tempo a perder, Qhuinn puxou tão duramente quanto podia o volante, segurando firmemente a coisa, como se isso pudesse de alguma forma ser convertido para o corpo do avião e mantê-lo todos juntos...

Algo caiu do teto e flutuava de volta na direção de Z.

Mapa? Manual do proprietário? Quem diabos sabia.

Cara, essas árvores na outra extremidade estavam chegando perto.

Qhuinn puxou ainda mais, apesar do fato de que a roda estava tão longe em direção à ele, quanto poderia estar o que era uma vergonha, porque eles estavam no fim da pista, e ainda não estavam fora do chão...

Sons de raspagem passaram em baixo da barriga do avião, como se a vegetação rasteira estivesse chegando e tentando agarrar o revestimento de aço.

E aquelas árvores estavam ainda mais perto.

Seu primeiro pensamento quando ele olhou a morte de frente, era que ele nunca ia se encontrar com sua filha. Pelo menos não neste lado do Fade.

Seu segundo e último pensamento era que ele não podia acreditar que nunca dissera ao Blay que o amava. Em todos os minutos e horas e noites de sua vida, em todas as palavras que ele falara com o homem ao longo dos anos em que eles se conheciam, ele só tinha o afastado.

E agora era tarde demais.

Idiota. Que porra de imbecil que ele era.

Porque com certeza como o inferno parecia que seu cartão de biblioteca estaria todo carimbado esta noite.

Endireitando-se assim com a força da explosão fria que o atingia em seu rosto , Qhuinn encarava a corrida, retratando os pinheiros à frente que ele não podia ver, pois seus olhos lacrimejavam com vento.

Abrindo a boca, ele gritou assassinato sangrento, acrescentando sua voz ao redemoinho.

Porra, ele não seria abatido como um viadinho. Nada de abaixar, nada de um patético oh-por favor-Deus-me-saaaaaalve.

Foda-se.

Ele estava indo ao encontro da morte com seus dentes arreganhados e seu corpo e seu coração preparados, batendo não de medo, mas de um barco inteiro de...

- Exploda-me, Grim Reaper![76]

Enquanto Qhuinn estava tentando decolar, Blay estava com o focinho da sua arma apontada para a linha das árvores, e estava atirando como se tivesse um suprimento infinito de chumbo que ele não tinha.

Esta era uma merda total. Ele e John e Rhage, estavam sem qualquer cobertura; não havia nenhuma maneira de saber quantos assassinos estavam naqueles bosques, e pelo amor de Deus, tudo o que o antigo avião estava fazendo, era deixar uma nuvem tóxica de fumaça em seu rastro, enquanto chacoalhava tudo como se estivesse em um passeio de domingo.

Ah, e que aquele pedaço de merda estava longe de ser um fodido avião à prova de balas, e que evidentemente não tinha gasolina no seu tanque.

Qhuinn e Z não iriam conseguir. Eles iriam bater na floresta no final do campo, assumindo que eles não explodissem primeiro.

Nesse momento, quando soube que uma forma ou de outra uma bola de fogo era iminente, ele se dividiu ao meio. A parte física dele permaneceu ligado a rechaçar o ataque, com os braços para fora da gola, seus dedos indicadores espremendo balas, os olhos e ouvidos rastreando os sons e imagens de flashes de focinho e dos movimentos de seu inimigo.

A outra parte dele estava naquele avião.

[76] *Anjo da Morte, encarregado da queda da alma dos seres humanos.*

Era como se estivesse assistindo a sua própria morte.

Ele podia imaginar muito claramente a violenta vibração do avião, e os solavancos fora de controle sobre a terra, e a visão de que a linha sólida de árvores vindo a ele-se, como se estivesse olhando com os olhos do Qhuinn e não com seus próprios.

Aquele filho da puta imprudente.

Tantas vezes Blay havia pensado que ele iria se matar.

Tantas vezes, dentro e fora do campo.

Mas agora esta era a única que realmente aconteceria...

A bala atingiu-o na coxa, e a dor que corria de sua perna para o seu coração, sugeria que era necessário voltar toda a sua atenção para a luta: se ele queria viver, ele teria que estar completamente focado.

Contudo, mesmo com esta convicção, houve uma fração de segundo enquanto ele pensava em apenas terminar com tudo isso agora.

Apenas acabar com toda a merda do castigo de sua vida, os quases, os ses, a agonia implacável crônica em que ele estava... estava tão cansado de tudo...

Ele não tinha ideia o que o fez bater a neve.

Em um momento ele estava olhando na direção do avião esperando uma explosão de chamas.

No próximo momento ele estava com seu peito no chão, com os cotovelos cavando a terra, congelada e intratável, sua palpitante perna ferida.

Pop! Pop! Pop...

O rugido que interrompeu o som das balas era tão alto que ele abaixou a cabeça, como que o ajudaria a evitar a crônica bola de fogo do avião.

Exceto que não havia luz e nem calor. E o som estava em cima....

Subindo.

Esse balde de parafusos estava realmente no ar. Acima deles.

Blay esperou um segundo para olhar para cima, somente no caso de que tivesse conseguido um tiro na cabeça e achando que sua percepção da realidade estivesse fodida. Mas não, aquele pedaço de merda de avião agrícola estava subindo para o céu, fazendo uma curva de óleo e tomando a direção de que, se pudesse permanecer no ar, acabaria por levar Qhuinn e Z para o complexo da Irmandade.

Se tivessem sorte.

Oh homem, esse voo não ia ser fácil, não era uma águia indo direto e certeiro através do céu noturno. Era mais como uma andorinha de celeiro fora do seu recente ninho com uma asa quebrada.

Indo para trás. Para frente e para trás, derrubando de lado a lado.

Até o ponto em que mais parecia que havia conseguido o impossível e ficou no ar... só para bater e queimar rapidamente sobre a floresta...

A partir do nada, alguma coisa o atingiu no lado do rosto, batendo-lhe com tanta força que ele caiu de costas e quase não conseguiu se segurar.

Uma mão — havia sido uma mão que lhe estapeara, como se fosse um bichano como uma bola de basquete.

E então um peso enorme pulou em seu peito, achatando-o para a camada de neve, fazendo-o exalar tão forte que ele se perguntou se não havia necessidade de olhar em volta para achar seu fígado.

—Será que você poderia manter sua fodida cabeça para baixo, porra?

Rhage sussurrou no seu ouvido. —Você vai acabar levando um tiro de novo.

Como a pausa nos disparos se estendeu de segundos a um minuto, lessers surgiram a partir da linha das árvores à frente, o quarteto de assassinos andando pela neve com suas armas em punho e pronto.

—Não se mexa, — Rhage sussurrou. —Dois podem jogar neste jogo.

Blay fez o seu melhor para não respirar tão fortemente enquanto seus pulmões queimavam, dizendo que ele precisava de ar. Tentando também não espirrar com os flocos soltos, que faziam cócegas no nariz em cada inspiração.

Espera.

Espera.

Espera.

John estava a cerca de três metros de distância, e deitado em uma posição contorcida que fez o coração de Blay tremular...

O cara sutilmente deu um polegar para cima, como se estivesse lendo a mente de Blay.

Obrigado.

Foda-se.

Blay desviou os olhos ao redor, sem alterar o ângulo estranho de sua cabeça, e depois trocou discretamente uma arma por uma de suas adagas.

Quando um zumbido desequilibrado começou a vibrar em sua cabeça, ele calibrou os movimentos dos lessers, suas trajetórias, suas armas. Ele estava quase sem balas, e não houve tempo para recarregar munição de seu cinto, e ele sabia que John e Rhage estavam em uma situação semelhante.

As facas que V havia feito à mão para todos eles eram seu único recurso.

Mais perto... mais perto...

Quando os quatro assassinos estavam finalmente no seu alcance, o seu timing foi perfeito.

E assim foram os outros.

Surgindo com um movimento coordenado, ele saltou e começou a esfaquear a dois mais próximos a ele. John e Rhage atacaram os outros...

Quase imediatamente, mais assassinos vieram da floresta, mas, por algum motivo, provavelmente porque a Sociedade Lesser não havia armado as induções muito bem, não havia

balas. A segunda rodada correu pela neve com o tipo de armas que você esperaria encontrar em uma luta de beco, tacos de baseball, pés de cabra, ferros de pneus, correntes.

Estava bom para ele.

Ele estava tão espremido e chateado, que ele poderia utilizar o mão-a-mão.

Capítulo 19

Sentada à mesa de exame, com uma frágil camisola de papel cobrindo-a, e seus pés descalços balançando fora da beira acolchoada, Layla sentia como se estivesse cercada por instrumentos de tortura. E supunha que estivesse. Todos os tipos de instrumentos de aço inoxidável estavam colocados no balcão da pia, suas claras embalagens plásticas, indicando que estavam esterilizados e prontos para uso.

Ela estava de Havers por uma absoluta eternidade. Ou ao menos, parecia.

Em contraste com a vinda rápida ao atravessar o rio, quando o mordomo havia dirigido como se soubesse que tempo fosse essencial, desde que ela chegou aqui, havia sido atraso atrás de atraso. Da papelada, até a sala de espera, a espera pela enfermeira, esperando Havers trazer o resultado dos exames de sangue para ela.

Era o suficiente para enlouquecer a cabeça de qualquer um.

Através de onde estava sentada, uma pintura emoldurada havia sido pendurada na parede, e ela havia memorizado as pinceladas e cores da imagem, o buquê de flores mostrada em vibrantes tons de azul e amarelo. O nome embaixo lia-se: *Van Gogh.*

A essa altura, ela nunca mais queria ver Irises[77] de novo. A enfermeira havia dado a ela o absorvente certo para seu sangramento, e ela estava horrorizada ao perceber que precisaria de outro logo.

A porta abriu com uma batida, e seu primeiro instinto foi correr—O que era ridículo. Aqui era onde ela precisava estar.

Exceto que era meramente a enfermeira que a havia deixado aqui, tirado uma amostra de seu sangue, seus sinais vitais e feito anotações num computador.

—Me perdoe. — Houve outra emergência. Eu só quero assegurá-la que você é a próxima na fila.

—Obrigada. — Layla se ouviu dizer.

A fêmea veio e colocou uma mão no ombro de Layla.

—Como você está se sentindo?

A gentileza à fez piscar rapidamente.

—Eu temo que eu vá precisar de outro... — Ela apontou abaixo para seus quadris.

---

[77] *Famoso quadro de Van Gogh.*

A enfermeira assentiu e apertou sua mão gentilmente antes de se dirigir aos armários, extraindo um quadrado com embrulho cor de pêssego.

—Eu tenho mais aqui. Você gostaria que eu a levasse de volta para o banheiro?

—Sim, por favor.

—Espere, não levante. Deixe-me pegar algo melhor para cobri-la.

Layla olhou para suas mãos, suas mãos amarradas em nós, que não conseguiam ficar paradas.

—Obrigada.

—Aqui está. — Algo macio foi colocado ao redor dela. — Tudo bem, vamos colocá-la em pé.

Escorregando da mesa, ela vacilou um pouco, e a enfermeira estava bem ali, segurando seu cotovelo, firmando-a.

—Nós iremos lentamente.

E elas foram. Pelo corredor, havia enfermeiras correndo de quartos em quartos, e pessoas indo e vindo de consultas, e outro empregados numa corrida louca... E Layla não podia acreditar que já havia sido tão rápida quanto eles. Para se manterem fora do caminho, ela e sua gentil acompanhante, se mantiveram próximas á parede para evitar de serem esmagadas, mas os outros eram muito gentis. Como se todos soubessem que ela sofresse de uma maneira grave

—Eu vou entrar com você. — A enfermeira disse quando elas chegaram ao banheiro. — Sua pressão arterial está muito baixa, e estou preocupada que você possa cair, está bem?

Enquanto Layla consentia, elas entraram e a porta foi trancada. A enfermeira a aliviou do cobertor, e ela de maneira desajeitada tirou o papel do caminho.

Sentando, ela...

—Oh, querida Virgem Escriba.

—Shh, está bem, está tudo bem. — A enfermeira se abaixou e deu a ela o absorvente novo. — Vamos tomar conta disso. Você está bem... Aqui, não, você vai querer me dar isto. Nós temos que enviar para o laboratório. Há uma chance de que possa ser usado para determinar porque isso está ocorrendo, e você vai querer essa informação se acontecer de novo.

Tentar de novo. Como se a perda já houvesse acontecido.

A enfermeira colocou luvas e pegou um saco plástico de um armário. As coisas foram feitas discretamente, e com alacridade, e Layla assistiu enquanto o nome que ela deu, era escrito na parte de fora do saco com marcador preto.

—Oh, querida, está bem.

A enfermeira tirou suas luvas, cortou um pedaço de papel toalha do suporte na parede, e se ajoelhou. Segurando o queixo de Layla em sua mão gentil, ela cuidadosamente secou bochechas que haviam se molhado com lágrimas.

—Eu sei pelo o que você está passando. Eu perdi um, também. — O rosto da enfermeira ficou bonito com compaixão. — Tem certeza que não podemos chamar seu *hellren*?

Layla apenas balançou sua cabeça.

—Bem, me avise caso mude de ideia. Eu sei que é difícil vê-los angustiados e preocupados, mas você não acha que ele vai querer estar com você?

Oh, de que maneira ela iria contar a Qhuinn? Ele parecia tão certo de tudo, como se já houvesse olhado no futuro e olhado nos olhos de sua criança. Isso ia ser um choque.

—Eu irei saber se estiver grávida? — Layla perguntou.

A enfermeira hesitou.

—O exame de sangue pode dizer, mas depende de quanto tempo você está, com o que está acontecendo.

Layla olhou para suas mãos de novo. Suas juntas estavam brancas.

—Eu preciso saber se estou perdendo um filho, ou se esse sangramento é normal de quando não se engravida. Isso é importante.

— Temo que eu não possa dizer.

—Você sabe, no entanto. Não sabe? — Layla olhou para cima e encontrou os olhos da enfermeira. — Não sabe?

—Novamente, não está no meu lugar, mas… Com todo esse sangue?

—Eu estava grávida.

A enfermeira fez um gesto cercado com as mãos, seus lábios apertando.

—Não diga a Havers que eu disse isso, mas... Provavelmente. E você deve saber, não há nada que se possa fazer para parar o processo. Não é sua culpa, e você não fez nada de errado. Apenas, algumas vezes, essas coisas simplesmente acontecem.

Layla baixou sua cabeça.

—Obrigada por ser honesta comigo. E... De verdade, isso é o que eu acredito estar acontecendo.

—Uma mulher sempre sabe. Agora vamos levar você de volta.

—Sim, muito obrigada.

Exceto que Layla lutou para colocar sua calcinha no lugar ao levantar. Quando ficou claro que ela não podia coordenar suas mãos, a enfermeira tomou à frente e ajudou com invejável facilidade, e tudo era tão embaraçoso e assustador. Estar tão fraca e a mercê de outro, para algo tão simples.

—Você tem um sotaque lindo. — A enfermeira disse enquanto elas voltavam ao trânsito no corredor, se mantendo novamente em sua faixa lenta. — É tão Velho Continente—minha *granmahmen*[78] iria aprovar. Ela odeia como o inglês se tornou nossa língua dominante aqui. Ela pensa que vai ser a derrocada da espécie.

A conversa sobre nada em particular ajudou, dando a Layla, algo para se focar além de quanto tempo ela seria capaz de esperar até ter que fazer essa viagem novamente... E se as coisas estavam ficando piores com o aborto... E o que seria quando ela fosse forçada a olhar Quinn no olho, e dizer que havia falhado...

De alguma maneira, elas voltaram à sala de exame.

—Não deve demorar muito mais. Eu prometo.

—Obrigada.

[78] *Vovó.*

A enfermeira parou na porta, e ficou quieta, sombras atravessaram as profundidades de seus olhos, como se ela estivesse revivendo partes de seu próprio passado. E no silêncio entre elas, um momento de comunhão foi criado—E mesmo sendo raro ter algo em comum com uma fêmea da Terra, a conexão era um alivio.

Ela havia se sentido tão sozinha em tudo isso.

—Nós temos pessoas com quem você pode falar. — A fêmea disse. — Às vezes, falar depois realmente ajuda.

—Obrigada.

—Use aquele telefone branco se precisar de ajuda, ou se sentir tonta, tudo bem? Eu não estarei longe.

—Sim, eu irei.

Conforme a porta fechou, lágrimas molharam sua visão, e mesmo enquanto doía em seu peito, a esmagadora sensação de perda parecia desproporcional à realidade. A gravidez estava apenas nos primeiros estágios—Logicamente. Não havia muito a perder.

E ainda assim, para ela, esse era seu bebê.

Essa era a morte de seu bebê.

Houve uma suave batida na porta, e então uma voz masculina.

—Posso entrar?

Layla apertou seus olhos fechados e engoliu forte.

—Por favor.

O médico da raça era alto e distinto, com óculos aros de tartaruga e uma gravata borboleta na garganta. Com um estetoscópio ao redor do pescoço e aquele longo jaleco branco, ele parecia como o perfeito curandeiro, calmo e competente.

Ele fechou a porta e sorriu brevemente a ela.

—Como você está se sentindo?

—Bem, obrigada.

Ele a olhou através da sala, como se a avaliando medicamente mesmo sem tocá-la, ou usar seus instrumentos.

—Posso falar francamente?

—Sim, por favor.

Ele assentiu e puxou uma banqueta rolante. Sentando, ele balançou um arquivo em seu colo e a olhou nos olhos.

—Eu notei que você não listou o nome de seu *hellren*—nem o de seu pai.

—Eu preciso?

O medico hesitou.

—Você não tem nenhum parente próximo, minha cara? Quando ela negou com a cabeça, os olhos dele registraram pura tristeza. — Sinto muito por suas perdas. Então não há ninguém aqui por você? Não?

Quando ela simplesmente ficou lá, falando nada, ele respirou fundo.

—Tudo bem.

—Mas eu posso pagar. — Ela soltou com pressa. Não tinha certeza onde conseguiria o dinheiro, mas.

—Oh, minha cara, não se preocupe sobre isso. Eu não preciso ser remunerado se você não puder. Ele abriu o arquivo e moveu uma página fora do caminho. — Agora eu entendo que você passou por sua necessidade.

Layla apenas assentiu, sendo tudo o que podia fazer para não gritar: *Qual é o resultado do exame?!*

—Bem, eu tenho olhado a seus resultados de sangue, e eles tem mostrado algumas... Coisas que eu não esperava. Se você consentir, eu gostaria de tirar outra amostra e mandar ao meu laboratório para mais algumas análises. Com sorte, eu conseguirei entender tudo—E eu gostaria de fazer um ultrassom. É um exame de praxe, que irá me dar uma ideia de como as coisas estão progredindo.

—Por exemplo, por quanto tempo eu ainda terei que abortar até que acabe? — Ela disse implacavelmente.

O médico da raça alcançou e tomou sua mão.

—Vamos ver como você está, está bem?

Layla respirou fundo e assentiu novamente.

—Sim.

Havers foi até a porta e chamou pela enfermeira. Quando a fêmea entrou na sala, ela empurrou o que parecia ser um computador montado num carrinho: Havia um teclado, um monitor, e alguns bastões montados nos lados do aparelho.

—Eu permitirei que minha enfermeira faça a colheita—Suas mãos são muito mais competentes do que as minhas nesse assunto. — Ele sorriu gentilmente. — E enquanto isso, eu vou checar outro paciente. Eu devo retornar iminentemente.

A segunda picada da agulha foi mais fácil do que a primeira, já que ela sabia o que esperar, e ela foi deixada sozinha brevemente quando a enfermeira saiu para entregar os bens ao laboratório—Sabe-se lá onde, ou o que aquilo era. Ambos retornaram rapidamente.

—Estamos prontos?

Quando Layla assentiu, ele e a enfermeira conversaram, e o equipamento foi arrumado perto de onde ela estava sentada. O médico então rolou sua banqueta para trás, e puxou duas extensões que lembravam a braços, dos lados da mesa de exames. Abrindo o que parecia um par de estribos, ele acionou a enfermeira, que diminuiu as luzes e veio colocar uma mão no ombro de Layla.

—Você poderia se deitar? Havers perguntou. — E mova-se abaixo para que fique na ponta da mesa. Você porá seus pés aqui, assim que remover sua roupa intima.

Conforme ele indicava os descansos de pé, os olhos de Layla se abriram. Ela não tinha ideia de como o exame seria.

—Você já teve um exame interno antes? — Havers perguntou com hesitação. Quando ela começou a balançar a cabeça, ele assentiu. — Bem, isso não é incomum, especialmente se essa foi sua primeira necessidade.

—Mas eu não posso tirar, — Ela parou. — Eu estou sangrando.

—Nós vamos tomar conta disso. — O médico parecia completamente seguro. — Podemos começar?

Layla fechou os olhos e se inclinou para trás, para que deitasse se reta, o papel fino que a cobria amassando sob seu peso. Com uma levantada dos quadris, e uma rápida mexida, ela tirou o que a cobria.

—Eu tomarei conta disso para você. — A enfermeira disse, baixo.

Os joelhos de Layla travaram juntos, enquanto ela procurava com seus pés, pelos malditos descansos.

—Aí está bom. — Aquela banqueta fez barulho conforme o doutor se aproximava. — Mas mova-se um pouco mais para baixo.

Por um segundo ela pensou, *Eu não posso fazer isso.*

Curvando seus braços sobre seu abdômen, ela o apertou, como se pudesse de alguma maneira segurar o bebê dentro dela, ao mesmo tempo em que se mantinha de se despedaçar. Mas não havia nada que pudesse fazer, nenhuma conversa com seu corpo para se acalmar, e manter o que havia sido implantado, nenhuma conversa amigável que ela podia transmitir a seu bebê, para que ele continuasse tentando sobreviver, nenhum esforço de palavras para acalmar seu pânico total.

Por um segundo, ela ansiou pela vida enclausurada que um dia achou tão sufocante. No Santuário da Virgem Escriba, a natureza plácida de sua existência havia sido algo que ela tomou por garantido. De fato, desde que ela havia descido à Terra e tentado achar algum propósito aqui, ela havia sido chocada com trauma atrás de trauma.

Isso a fazia respeitar os machos e fêmeas, que fora dito à ela, que estavam abaixo dela.

Aqui embaixo, todos pareciam estar à mercê de forças fora de seu controle.

—Está pronta? — O médico perguntou.

Enquanto lágrimas rolavam dos cantos de seus olhos, ela se focou no teto acima, e agarrou a beira da mesa.

—Sim. Pode começar.

Capítulo 20

Puta merda, Qhuinn estava completamente fora de controle.

Quase nenhuma visibilidade. Avião tremendo para frente e para trás como se estivesse em abstinência. Motor ligando e desligando.

E ele não podia nem dar uma olhada em Z. Muito vento para gritar, e ele não tiraria seus olhos para onde quer que fosse que estivessem direcionados—Ou melhor, em qual lugar eles iriam cair—Mesmo que não conseguisse ver uma maldita coisa.

O que em um milhão de anos o fez pensar que aquilo era uma boa ideia?

A única coisa que parecia estar funcionando era a bússola, então ao menos ele podia se orientar sobre onde a base de casa estava: A propriedade da Irmandade estava ao norte, e um pouco a leste, no topo de uma montanha, cercada pela fronteira invisível, defensiva do *mhis* de V. Então direcionalmente ele estava certo, em assumir que o ponteiro N-S-L-O[79] estava de fato funcionando mais que, oh, vamos dizer todo o resto na caixa de metal de merda.

Enquanto olhava à sua direita, o vento implacável vindo direto pelo para brisa meio quebrada, bateu direto no canal de seu ouvido. Pela janela do lado, ele podia ver... Muita escuridão. O que o levou a acreditar que eles haviam passado pelos subúrbios, e estavam passando pela zona rural. Talvez eles já houvessem alcançado as colinas que eventualmente se transformavam em montanha.

Um barulho como o de um carro morrendo ,chamou sua atenção de uma maneira péssima—Mas o que era pior?

O súbito silencio que se seguiu.

Nenhum barulho de motor funcionando. Apenas o vento assoviando na cabine do piloto.

Okay, agora eles estavam com problemas de verdade.

Por um segundo ele pensou em se desmaterializar para fora. Ele era forte o suficiente, atento o suficiente—mas não iria abandonar Z.

Uma mão forte desceu em seu ombro, assustando-o até suas bolas.

Z havia se arrastado para frente, e pela expressão em seu rosto, ele estava tendo problemas para ficar em pé—E não só apenas por causa da tremedeira e balanço.

O Irmão falou, sua voz profunda cortando através do barulho.

—Hora de você ir.

—Dane-se isso. — Qhuinn gritou de volta. Alcançando a frente, ele tentou a ignição. Não podia machucar, certo?

—Não me faça jogá-lo para fora.

—Pode tentar.

—Qhuinn.

O motor tossiu de volta a vida, e o barulho aumentou. Tudo boas notícias. O problema era, se o bastardo parou uma vez, ele iria parar de novo.

Qhuinn enfiou a mão em sua jaqueta. Enquanto pegava seu telefone celular, ele pensou em todos que ambos estavam deixando para trás—E ele passou o telefone para o Irmão.

Se havia uma hierarquia na ordem do ligar-e-tocar, Z estava no topo da lista. Ele tinha uma *shellan* e uma filha—E se alguém fosse fazer uma ligação, seria ele.

—Para que é isso? — Zsadist perguntou ameaçadoramente.

—Você pode imaginar.

—E você pode sair.

—Não vou sair—Preciso voar nessa armadilha até que batamos em alguma coisa.

[79] *Norte, Sul, Leste, Oeste.*

Houve alguma discussão naquele momento, mas ele não iria se mover do lugar do motorista, e forte como o Irmão era em circunstâncias normais, Z não estava em nenhuma condição de mover nem uma fatia de pão. E a conversa não durou muito. Depois que a conversa parou, Z desapareceu, sem dúvidas voltando para a parte traseira, para que fizesse o contato com aqueles a quem ele amava.

Movimento esperto.

Deixado sozinho, Qhuinn fechou seus olhos e mandou uma oração para quem pudesse ouvir a coisa. E então ele imaginou o rosto de Blay.

—Aqui.

Ele abriu suas pálpebras. Seu telefone estava em sua frente, segurado no lugar pelo aperto firme de Z. E o mapa com GPS estava aberto e rolando, a pequena seta piscando, mostrando exatamente onde eles estavam.

—Mais cinco quilômetros. — O irmão gritou sobre o barulho frenético. — É tudo o que precisamos.

Eles ouviram um rugido e um chiado—e então outra rodada daquele maldito silêncio. Amaldiçoando, Qhuinn se focou na pequena tela enquanto rezava para que as coisas recomeçassem sozinhas. Mais ao norte, obviamente—Mas mais para o leste. Muito mais. Sua estimativa tinha sido boa, mas dificilmente exata.

Sem o telefone? Eles estariam fodidos.

Bem, aquilo e a coisa da falta do motor.

Checando a locação precisa, ele fez alguns cálculos de cabeça, e os levou para a direita, tentando colocar aquele indicador no mapa direcionado exatamente para a montanha deles. Então era hora de tentar reviver o motor de novo.

Eles estavam perdendo altitude. Não daquele jeito espiral que passava nos filmes, onde havia uma imagem do altímetro girando rápido, e você rezava para que o propulsor também estivesse. Mas, lenta e inexoravelmente, eles estavam baixando... E se eles perdessem a força progressiva, o que era o que aquela máquina de costura não confiável sob o capô devia supostamente fazer, eles iriam cair do céu como uma pedra.

Girando a ignição outra e outra vez, ele resmungou,—Vamos, vamos, *vamos…*

Era difícil manter a dianteira do avião com apenas uma mão—e quando ele iria ter que devotar toda sua atenção na briga com o manche, o braço de Z apareceu à frente, tirou sua mão do caminho e tomou o comando na tentativa de religar o motor.

Por um segundo, Qhuinn teve uma visão absurdamente clara da tatuagem de escravo aparecendo pela manga da jaqueta de couro do Irmão—E então ele voltou aos negócios.

Deus, seus ombros estavam pegando fogo por puxar o manche para trás.

E de pensar que ele estava morrendo para ouvir a barulheira do...

De uma vez, o motor tossiu de volta a vida, e a mudança em sua altitude foi imediata. O instante em que aquelas velas de ignição, e pistões começaram a vibrar de novo, os números começaram a subir.

Mantendo o acelerador apertado, ele checou a reserva de combustível. Estava no fim da reserva. Talvez eles estivessem sem combustível, e não fosse um problema mecânico?

Isso que era sair do fogo e ir para a frigideira.

—Só mais um pouquinho, bebê—Só mais um pouquinho, vamos garota, você pode...

Conforme um fluxo interminável de encorajamento murmurado deixava seus lábios, as palavras impotentes foram abafadas pela única coisa que importava, mas fala sério, como se o Cessna falasse Inglês...?

Cara, parecia ter levado uma eternidade, a espera e as orações, seu cérebro indo e voltando entre cenários do que era melhor e pior, enquanto quilômetros foram cruzados em um ritmo malditamente lento.

—Diga-me que você ligou para suas fêmeas, — Qhuinn gritou.

—Diga-me você pode manter-nos no ar.

—Não sem mentir.

—Leve-nos mais a leste.

—O que?

—Leste! Vá para o leste!

Z deu zoom no mapa e começou a correr a ponta do dedo em uma direção, de leste a oeste.

—Você quer pousar nessa direção—Por trás da mansão!

Qhuinn supôs que ele deveria tomar isso como um sinal positivo de que o cara estava fazendo planos para o pouso, que não envolvessem bolas de fogo. E a sugestão era uma boa. Se eles pudessem se orientar ao longo do lado mais comprido daquela casa gigante, do outro lado da piscina, eles poderiam exterminar uma linha de árvores frutíferas... Mas seria mais ou menos a mesma área que tinham usado para decolar.

Melhor do que bater na enorme parede de retenção que cercava a propriedade

O motor não parou desta vez. Ele apenas morreu, como se estivesse cansado de se fazer de difícil, e ia tomar uma parada permanente.

Pelo menos eles estavam dentro da faixa de aterrissagem.

Uma chance. Isso era tudo o que tinham.

A única tentativa de colocá-los no chão, assumindo que pudesse colocá-los na vizinhança da propriedade, penetrar o *mhis* e conseguir não bater na casa, no Pit, nos carros, nos portões, ou qualquer coisa de real ou parte da propriedade... Iria resultar em entregar o pai orgulhoso, amado *hellren* e excelente lutador... De volta para os braços de sua família.

Mas Z não era tudo em que estava pensando.

O Primale iria supervisionar a saúde e a segurança de Layla. Blay tinha seus pais amorosos, e Saxton. John tinha sua Xhex.

Todos ficariam bem.

Qhuinn virou para trás.

—Vá sentar! Lá atrás! Sente numa poltrona e aperte o cinto.

O irmão abriu a boca, e Qhuinn fez o impensável. Ele bateu com a mão aberta sobre os lábios do macho.

—Sente-se, e ponha a merda do cinto! Nós viemos até aqui—Não deixo isso ser o motivo de foder com tudo!

Ele pegou o telefone de volta.

—Vá! Eu tomarei conta de nós!

Os olhos negros de Z se prenderam nos seus, e por um segundo, Qhuinn se perguntou se ele não ia ser jogado para fora da cabine. Mas, então, o milagre aconteceu: uma conexão instantânea surgiu entre eles, uma corrente com elos grossos como coxas se prendendo, de um para o outro.

Z levantou seu dedo indicador e apontou diretamente para o rosto de Qhuinn. Depois que concordou com a cabeça uma vez, ele desapareceu na traseira.

Qhuinn se reorientou.

A desaceleração os estava mantendo no ar, e graças à direção de Z, que os puxou um pouco mais para a direita, eles foram colocados numa boa direção. De acordo com o GPS, eles estavam se aproximando da junção de estradas que dividiam ao redor da base da montanha, centímetro por centímetro. Centímetro por centímetro...

Ele tinha certeza de que estavam sobre a propriedade agora.

Quando o avião afundou mais, ele se preparou, continuando a puxar forte para trás na direção, até que seus ombros estavam enterrados na parte traseira da poltrona. Não havia trem de pouso para baixar, a merda tinha estado travada no local o tempo todo.

Um súbito assobio penetrou na cabine, e aquilo juntamente com uma mudança abrupta no ângulo, anunciou que a gravidade começava a ganhar a luta, levando a fibra de vidro e construção de metal junto com os seres que viviam e respiravam como prêmio.

Eles não iriam conseguir—Era muito cedo.

Uma vibração selvagem seguiu, e por um momento, ele se perguntou se não tinham atingido o chão e não percebeu—A copa das árvores, talvez? Não. Algo...

O *mhis*?

A súbita absorção do impacto de repente parecia se estender para cima, e você sabe, o avião reagiu de maneira diferente, o nariz nivelando sem nenhum esforço de Qhuinn, ou a ajuda do motor peso morto. Até mesmo o balanço para lá e para cá parou.

Aparentemente, não apenas a defesa invisível de V só mantinha fora seres humanos e *lessers*, podia segurar um Cessna no ar.

Exceto que em seguida, ele teve outro problema. Esse elevador vital não parecia baixar.

Com a merda do jeito que estava, era como se ele fosse flutuar aqui até o fim da maldita eternidade, nunca ultrapassando a única pista de pouso que eles tinham.

De repente, o barulho recomeçou, e ele verificou o altímetro. Eles afundaram cerca de oito metros, e ele tinha que saber se tinham penetrado a barreira.

Luzes. Oh, doce bebê Jesus, luzes.

Pela janela lateral abaixo, ele podia ver o brilho da mansão, e o pátio. Estava longe demais para distinguir os detalhes, mas tinha que ser—é, a pequena ramificação tinha que ser o Pit.

Instantaneamente, seu cérebro colocou tudo em três dimensões, e se reorientou.

Merda. Seu ângulo estava errado. Se continuasse como estava, iria aterrissar de frente na parte de trás na propriedade, ao invés de ser ao lado. E a merda era, ele não tinha sustentação suficiente para executar um bom círculo para colocá-los na direção certa.

Quando você estava sem opções, você não tinha escolhas, a não ser fazer dar certo.

Seu maior problema continuava sendo errar o jardim traseiro. Havia apenas uma clareira na montanha. Todo o resto? Árvores que iriam mastigá-los.

Ele precisava ficar mais baixo, como agora.

—Prepare-se!

Mesmo que fosse intuitivo, ele empurrou o manche para frente, e apontou-os para o chão. Houve um aumento instantâneo de velocidade, e ele orou para que pudesse se recuperar quando entrasse na zona de ataque. E merda, o tremor intenso ficou ainda pior, ao ponto que o deixou tonto como o inferno, e seus antebraços ardiam por se agarrarem ao manche.

Mais rápido. Mais perto. Mais rápido. Mais alto. Mais perto.

E então era hora. A casa e os jardins estavam à frente, e vindo para eles em uma corrida mortal.

Ele puxou com força, e a nova velocidade deu-lhes uma breve levantada.

Sobre a casa...

—*Prepare-se,* — ele gritou no topo de seus pulmões.

Conforme câmera lenta assumiu, tudo foi ampliado: os sons, os segundos, o ardor em seus olhos enquanto ele olhava para frente, a sensação de seu corpo empurrado de volta para a poltrona.

Merda. Ele não tinha qualquer tipo de cinto de segurança.

Ele não se incomodou com isso. Muito mais para pensar.

Idiota-

Naquele mesmo instante, eles fizeram contato com algo. Duro. O avião saltou, bateu outra coisa, ricocheteou, saltou novamente. Todo o tempo, sua cabeça bateu contra os painéis acima dele, e sua bunda foi espancada pelo assento, e seus...

Parecendo um misturador de tinta.

A próxima fase do desembarque do inferno, foi uma mistura de sacudidas-chacoalhadas-e-giros, que quase o jogou para fora da cabine. Este era o chão—Tinha que ser—E droga, eles estavam indo rápido. Luzes bateram pelas janelas laterais, tudo parecendo o Studio 54[80], até que ele estava praticamente cego. E dado o lado que a iluminação estroboscópica estava, ele percebeu que estavam no jardim—Mas estavam ficando sem espaço.

Girando o manche, ele os mandou em uma pirueta, esperando que as mesmas leis da física que se aplicavam a carros fora-de-controle, pudessem ser traduzidas aqui: sem freios, campo limitado, e a única maneira de retardar a sua dinâmica, era o coeficiente de atrito.

A força centrífuga bateu-o contra a lateral da cabine, e neve caiu em seu rosto, em seguida, algo afiado.

---

[80] *Studio 54 foi uma lendária discoteca localizada em Manhattan, Nova Iorque, inaugurada em 26 de abril de 1977, encerrou suas atividades em março de 1986.*

Droga, eles não estavam diminuindo em nada.

E aquele muro de segurança de 8 metros de altura, e 50 centímetros de largura estava chegando rápido.

Isso que ele chamava de ponto final...

Capítulo 21

Blay desmaterializou para a mansão no instante em que o último matador naquela clareira, foi enviado de volta para o Omega. Com Qhuinn no ar com Z, não havia nenhuma razão para perder tempo à espera de outro esquadrão fazer uma aparição.

Embora, de verdade, como se houvesse algo que alguém pudesse fazer para ajudar aqueles dois?

Se materializando no pátio, ele. —

Diretamente acima dele, sem fazer nenhum som, aquele maldito avião bloqueava a lua.

Puta *merda*, eles tinham conseguido—E inferno, eles estavam tão perto, que sentiu que poderia alcançar e tocar o trem de pouso do Cessna.

O silêncio de pedra não era um bom sinal, no entanto...

O primeiro impacto veio do topo da cerca viva que limitava o jardim. O avião bateu nos picos pontiagudos, pegou um pouco de ar, e em seguida saiu de vista.

Blay desmaterializou de volta ao terraço traseiro, a tempo de ver o Cessna bater na neve, o impacto parecendo um cara gordo caindo de barriga numa piscina, grandes ondas de branco voando em todo o lugar. E então o avião virou o maior cortador de grama conhecido pelo homem, a combinação de seu corpo de aço e a rápida velocidade rasgando estandes de árvores frutíferas e canteiros de flores que haviam sido protegidas para o inverno, e merda, até mesmo a fila de fontes de pássaros.

Mas foda-se tudo aquilo. Ele não se importava se o lugar inteiro fosse redecorado, desde que o avião parasse... Antes do muro de contenção.

Por uma fração de segundo, ele estava pensando em se materializar na frente da coisa, e colocar as mãos para segurar, mas isso era ura Se o Cessna não parecia nem irritado com as estátuas de mármore que estava derrubando, não ia dar a mínima para um macho vivo respirando.

Por nenhuma razão aparente, todo aquele fora-de-controle começou a girar, a asa de frente para Blay balançando como se Qhuinn estivesse tentando dirigir. A guinada foi o movimento perfeito— diria que não havia freios, e assumindo que a hélice estivesse presa, lhes daria mais espaço para perder o impulso para frente.

Merda, eles estavam chegando muito perto do muro de contenção,

Faíscas iluminaram a noite, junto com um grito de metal sobre pedra, que anunciou que —muito perto da parede— foi substituído por —contra——Mas graças à virada violenta que Qhuinn havia conseguido, eles tinham derrapado em uma posição paralela, ao invés de uma frontal.

Blay começou a correr na direção do show de luzes, e, conforme ia, outros se juntaram a ele, todo um elenco de pessoas entrava na fila. Não havia como parar isso, mas poderiam muito bem estar à mão quando as coisas —

Crunch!

—Terminassem.

O avião finalmente encontrou um objeto inanimado que não poderia ser melhor: o galpão usado para manter alguns dos equipamentos e material de jardinagem na parte traseira do jardim.

Ponto morto.

E estava tudo muito quieto. Tudo o que Blay ouviu foi o impacto de suas botas viajando através da neve, e sua respiração batendo no ar frio, e os outros correndo atrás dele.

Ele foi o primeiro a chegar ao avião, e foi para a porta, que, por algum milagre, estava virada para fora e não para dentro do muro de concreto. A coisa abriu dolorosamente, e pegando sua lanterna, ele não sabia o que esperar dentro—Fumaça? Vapor? Sangue e partes do corpo?

Zsadist estava sentada rígido, em um assento voltado para trás, seu grande corpo preso no cinto, as duas mãos segurando os braços. O irmão estava olhando para frente, e não estava piscando.

—Já paramos de nos mover? — Disse ele com voz rouca.

Ok, aparentemente, até mesmo um Irmão podia entrar em choque.

—Sim, vocês pararam. — Blay não queria ser rude, mas agora que tinha certeza de que um deles tinha sobrevivido, tinha que ver se Qhuinn...

O macho tropeçou fora da cabine. À luz da lanterna de Blay, parecia que ele tinha estado em um brinquedo de diversões hard-core, com o cabelo penteado para trás de sua testa queimada pelo vento, seus olhos azuis e verdes abertos em um rosto que estava listrado com sangue fresco, cada membro nele tremendo.

—Está tudo bem, — ele gritou, como se talvez seus ouvidos zumbissem após uma grande quantidade de ruído. — Z—diga alguma coisa.

—Eu estou bem aqui, — O irmão respondeu, fazendo uma careta quando arrancou uma de suas mãos agarradas fora do descanso de braço e levantou-a. — Eu estou bem, filho—Estou bem.

Qhuinn agarrou o que estava estendido, e foi quando seus joelhos desabaram sob ele. Ele apenas amassou em torno de suas mãos juntas, com a voz tão embargada, que mal podia falar.

—Eu só... Queria que você ficasse bem... Eu apenas... Queria que você... Ficasse bem—oh, Deus... Para sua filha... Eu só queria que você estivesse bem...

Zsadist, o Irmão que nunca tocava ninguém, estendeu o braço e colocou sua mão livre sobre a cabeça de Qhuinn. Olhando para cima, ele disse suavemente,

—Não deixe que ninguém entre aqui. Dê-lhe um minuto, ok?

Blay assentiu e virou-se, bloqueando a porta com seu corpo.

—Eles estão bem—eles estão bem...

Enquanto ele balbuciava para a multidão, o número de rostos olhando para ele era uma boa dúzia, mas Bella não estava entre eles. Onde estava ela.

—Zsadist! *Zsaaaaaaaaaaaaadist*!

O grito foi carregado por toda a extensão do gramado azul brilhante, enquanto, no terraço, uma figura solitária apareceu na neve em uma corrida mortal.

Muita gente gritou de volta para Bella, mas ele duvidou que ela ouvisse uma coisa.

—Zsaaaaaaaaaadist!

Conforme ela derrapou na faixa, Blay imediatamente estendeu a mão, preocupado que ela fosse bater direto ao lado do avião. E, oh, Deus, ele nunca ia esquecer a expressão de seu rosto, que era mais terrível do que qualquer atrocidade de guerra que ele já tinha visto, como se ela estivesse sendo esfolada vivo, como se seus braços e pernas estivessem amarrados, e pedaços de sua própria carne iam sendo desenrolados de seu corpo.

Qhuinn saltou da aeronave.

—Ele está bem, ele está bem, juro a você, ele está bem.

Bella congelou, como se aquilo fosse a última coisa que ela esperava que alguém dissesse.

—Minha *nalla*, venha para dentro, — Z disse no mesmo tom calmo que tinha usado em Qhuinn. —Venha aqui.

A fêmea realmente olhou para Blay como se precisasse se certificar que estava ouvindo corretamente. Em resposta, ele simplesmente pegou seu cotovelo e ajudou-a através da pequena porta da aeronave.

Então ele virou-se e, mais uma vez bloqueou a entrada. Enquanto sons de uma fêmea chorando abertamente em alívio emanaram, ele viu Qhuinn colocar as mãos sobre os olhos, enquanto o macho limpava seu próprio rosto de lágrimas.

—Santa merda, filho, eu não sabia que você podia pilotar um avião, — alguém disse.

Quando Qhuinn olhou para cima e pareceu olhar toda a paisagem, Blay fez o mesmo. Isso que era uma cena pós-apocalíptica: Havia um barranco estendido ao longo de toda a trajetória de voo, como se o dedo de Deus houvesse desenhado uma pequena linha direta pelo jardim.

—Na verdade... Eu não sei, — Qhuinn murmurou.

V colocou seu cigarrilha entre os lábios e estendeu a palma da mão.

—Você trouxe meu Irmão inteiro para casa. Foda-se o resto dessa merda.

—Palavra.

—Sim, graças a Deus.

—Inferno, sim.

—Amém.

Um por um, a Irmandade veio para frente, cada um estendendo a mão da adaga. A procissão levou tempo, mas ninguém parecia se preocupar com o frio.

Blay certamente não podia sentir. Pelo ponto que ele se tornou paranoico...

Alcançando o calor de sua jaqueta de couro, ele encontrou sua caixa torácica e beliscou-se tão duro quanto podia.

Ai.

Fechando os olhos, ele enviou uma prece silenciosa para que isso fosse realidade... E não o horror que poderia ter sido.

Toda a atenção estava deixando Qhuinn nervoso.

E não era como se seu pequeno voo de fantasia houvesse sido uma maldita experiência Zen. A queimadura em seu rosto de todo aquele vento, as dores nos ombros e costas, as pernas vacilantes, ele sentiu como se ainda estivesse lá em cima, ainda rezando para nada do que acreditava existir, ainda e sempre à beira.

De morrer.

Além disso, ele estava tão malditamente envergonhado—Desmoronar na frente de Z assim? Fala sério. Que covarde de merda.

—Se importa se eu der uma olhada? — Doutora Jane disse ao se aproximar da multidão.

Sim, boa ideia. O propósito disso foi porque Z tinha sido ferido mal o suficiente, para não ser capaz de se desmaterializar.

—Qhuinn? — A fêmea disse.

—Desculpe? — Oh, ele estava no caminho. — Aqui, deixe-me sair do...

—Não, não Zsadist. Você.

—Hein?

—Você está sangrando.

—Estou?

A médica virou suas mãos.

—Vê? — Com certeza, as palmas de suas mãos estavam pingando vermelho. — Você acabou de enxugar o rosto. Tem um profundo corte em sua cabeça.

—Ah. Tudo bem. — Talvez fosse por isso que ele se sentia tão desorientado? — Mas e Z?

—Manny já está lá.

Huh. Acho que ele tinha perdido essa parte.

—Você quer me olhar aqui?

Ela riu um pouco.

—Que tal ter você de volta na casa, se puder andar.

—Eu vou cuidar dele.

—Deixe-me levá-lo.

—Eu vou levá-lo.

—Peguei.

O coro de voluntários foi uma surpresa, e assim foram todos os braços que apareceram do nada ajudando: Ele foi, literalmente envolto por grossos braços de combate, e praticamente levado do lugar como alguém surfando a multidão em um show.

Ele olhou para trás, esperando ver Blay, rezando para encontrar os olhos do cara, só para se conectar, mesmo que aquilo fosse louco.

Mas Blay estava lá.

Aquele lindo olhar azul estava ali, tão firme e verdadeiro, enquanto encontrava o seu, que ele sentia que ia desmoronar de novo. E ele tirou força daqueles olhos, assim como tinha feito quando eles passavam tanto tempo juntos. A verdade era que ele desejava que fosse Blay levando-o de volta para a mansão, mas ninguém dizia nada para a Irmandade, quando eles chutavam em massa desse jeito. E, além disso, sem dúvida o cara iria sentir que estava muito perto.

Qhuinn voltou à atenção para o caminho à frente. Santa... Merda...

O jardim fora totalmente dizimado, metade da cerca viva de três metros ao lado da casa cortada, todos os tipos de árvores derrubadas, arbustos cortados completamente, os restos do pouso forçado, espalhados como estilhaços de bombas.

Cara, havia um monte de escombros que pareciam peças de aeronaves.

Oh, olha, um painel de aço.

—Espere, — disse ele, se soltando. Inclinando-se, ele pegou o fragmento afiado de onde tinha derretido na neve. Ele podia jurar que a coisa ainda estava quente.

—Eu realmente sinto muito, — disse para ninguém em particular.

A voz do rei aumentou na frente dele.

— Por manter o meu irmão vivo?

Qhuinn olhou para cima. Wrath tinha saído da biblioteca com George de um lado, e sua rainha no outro. O macho parecia tão grande quanto a mansão atrás dele, e tão forte: Mesmo cego, ele parecia ser um super-herói nos óculos escuros.

—Eu destruí seu jardim, — Qhuinn murmurou, enquanto seguia para o macho real. — Quero dizer... Fiz a jardinagem de uma maneira ruim.

—Vai dar a Fritz algo para fazer na primavera. Você sabe o quanto ele gosta de arrancar as ervas daninhas.

—Esse é o menor dos seus problemas. Tenho certeza de que você tem um território para uma retroescavadeira.

Wrath avançou, alcançando-o do outro lado do terraço.

—Esta é a segunda vez, filho.

—Que eu arruinei algo mecânico nas últimas vinte e quatro horas? Eu sei, a próxima coisa que você saberá, eu estarei explodindo um navio de guerra.

As sobrancelhas negras afundaram para baixo.

—Não é disso que estou falando.

Ok, isso tinha que acabar agora. Ele *realmente* odiava ter a atenção nele.

Ignorando deliberadamente a declaração do rei, ele disse,

—Bem, a boa notícia, meu senhor, é que eu não estou procurando por uma tri-repetição. Então eu acho que estamos seguros a partir de agora.

Houve um monte de resmungos de acordo.

—Posso levá-lo para a clínica agora? — Doutora Jane o cortou.

Wrath sorriu, suas presas piscando na luz do luar.

—Você pode fazer isso.

Graças a Deus... Ela estava terminado com esta noite.

—Onde está Layla? — A médica perguntou enquanto eles entravam no calor da biblioteca. — Eu acho que você precisa se alimentar.

Porra.

Quando as mamães galinhas em couro preto atrás dele, começaram a cacarejar em apoio à essa ideia, os olhos de Qhuinn giraram em sua cabeça. Uma crise essa noite era mais do que suficiente. A última coisa em que estava interessado era explicar exatamente por que a Escolhida não poderia ser usada como uma fonte de sangue.

—Você parece tonto, — alguém disse.

—Eu acho que ele vai.

Eeeeeee aquilo foi a última coisa que ele ouviu por um tempo.

Capítulo 22

Do outro lado do rio, na Clínica de Havers, Layla finalmente teve que sair da mesa de exame e caminhar ao redor do pequeno quarto. Ela havia perdido a noção do tempo neste momento. Na verdade, se sentia como se estivesse assustada dentro das quatro paredes para sempre — e estaria para o resto de sua vida natural na Terra.

A única parte dela que permaneceu revigorada e envolvida foi sua mente. A única coisa lamentável é que ela incessantemente pensava sobre o que a enfermeira tinha dito... que isto era um aborto. Que em toda a probabilidade, ela havia concebido.

Quando a batida que tinha esperado finalmente chegou, imprevisivelmente a fez saltar.

—Entre,— disse.

A enfermeira que tinha sido tão amável entrou... mas aparecia alterada. Ela se recusou a encontrar os olhos de Layla, e seu rosto estava congelado em uma máscara. Dobrado sobre o braço estava uma peça de tecido branco, e ela empurrou o tecido para frente, enquanto olhava para longe. E então ela caiu para uma reverência.

—Sua Santidade,— disse ela com a voz trêmula. —Eu... nós... Havers... não tínhamos ideia.

Layla franziu a testa. —O que você...

A enfermeira balançou a túnica, como se estivesse tentando fazer Layla aceitar isso. —Por favor. Coloque isso.

—O que é isso?

—Você é a Escolhida de Sangue.— A voz da enfermeira embargou. —Havers está... chateado.

Layla lutava para compreender as palavras. Portanto, isto não era... sobre sua gravidez?

—O que — eu não sei. Compreendo. Porque é que ele... ele está chateado porque sou uma Escolhida?

A outra fêmea empalideceu. —Nós pensamos que você fosse... uma caída?

Layla colocou as mãos sobre os olhos. —Eu poderei ser em breve — dependendo do que acontecer.— Ela *não* tinha energia para isso. —Será que alguém poderia me dizer quais são os resultados dos testes e o que preciso fazer para cuidar de mim?

A enfermeira se atrapalhou com o tecido, ainda tentando entregá-lo. —Ele não pode voltar aqui.

—*O que?*

—Não, se você é... ele não pode estar aqui com você. E ele nunca deveria ter...

Layla levantou-se para frente, seu temperamento queimando. —Deixem-me ser bem clara — eu quero falar com o médico.— Na demanda, a enfermeira realmente olhou para seu rosto. —Eu tenho o direito de saber o que ele descobriu sobre o meu corpo — você diz a ele para entrar aqui *agora*.

Não havia nenhum tom estridente em sua voz. Nenhum agudo de histeria — apenas um tom liso poderoso que ela nunca tinha ouvido sair de sua boca antes.

—Vá. Buscar ele,— ela ordenou.

A enfermeira levantou o tecido. —Por favor. Ponha isso. Ele é...

Layla se forçou a não gritar. —Eu sou apenas mais um pacient...

A enfermeira franziu a testa e os ombros. —Desculpe-me, mas isso não é preciso. E, tanto quanto ele está chateado, ele violou você durante o exame.

—O que?

A enfermeira apenas olhou para ela. —Ele é um homem bom. Um bom homem que é muito tradicional em seus caminhos...

—O que, em nome da Virgem Escriba isso tem a ver com qualquer coisa?

—O Primale pode matá-lo pelo o que fez com você.

—Durante o exame? Eu consenti — isso era um procedimento médico que eu precisava!

—Isso não importa. Ele fez algo ilegal.

Layla fechou os olhos. Ela deveria ter usado apenas a clínica da Irmandade.

—Você deve perceber de onde e está vindo,— disse a enfermeira. —Você é de uma hierarquia que nos não entramos em contato com—E, além disso, não devemos.

—Tenho um coração batendo e um corpo que requer ajuda. Isso é tudo o que ele e mais alguém—Precisa saber. A carne é a mesma.

—O sangue não é.

—Ele deve vir me ver...

—Ele não vai.

Layla focou na fêmea. E em seguida, colocou a mão sobre a parte inferior da barriga. Por toda a sua vida, até agora, ela tinha vivido ao lado da porção justa fielmente, descarregando suas preocupações, existentes dentro dos parâmetros prescritos que foram ditadas por outros.

Não mais.

Ela estreitou os olhos. —Você diga ao médico — ou ele vem e me diz em pessoa o que está acontecendo, ou vou para o Primale e recito palavra por palavra o que aconteceu aqui.

Ela deliberadamente desviou o olhar para a máquina que tinha sido usada durante seu exame interno.

Quando a enfermeira empalideceu, Layla não sentiu alegria com a artimanha que ela usava. Mas não houve arrependimento, tampouco.

A enfermeira fez uma profunda reverência e saiu da sala, deixando o tecido ridículo no balcão pouco profundo ao lado da pia.

Layla nunca tinha considerado o seu estado de Escolhida como qualquer ônus ou benefício. Isso simplesmente era tudo o que ela tinha conhecido: para compartilhar, o destino que lhe tinha sido dado manifestava através da respiração e da consciência. Outros eram claramente não tão apáticos, no entanto — especialmente aqui em baixo.

E esse era apenas o começo.

Então, novamente, ela estava perdendo a gravidez, não estava. Portanto, este era o fim.

Estendendo a mão, ela pegou o tecido branco e envolveu-o em torno de si mesma. Ela não se importava com a delicada sensibilidade do médico, mas se ela se cobrisse como eles pediram, talvez ele iria focar sobre ela, em vez do que ela era.

Quase imediatamente, houve uma batida na porta, e quando Layla respondeu, Havers entrou, parecendo que havia uma arma apontada para sua cabeça. Mantendo os olhos no chão, ele só parcialmente os fechou antes de cruzar os braços sobre o estetoscópio. —Se eu tivesse sabido do seu estado, eu nunca teria tratado você.

—Eu vim para você de bom grado, um paciente em necessidade?

Ele balançou a cabeça. —Você é uma santidade sobre a terra. Quem sou eu para intervir em um assunto tão sagrado?

—Por favor. Basta colocar um fim ao meu sofrimento, e me diga como eu estou.

Ele tirou os óculos e esfregou a ponta do seu nariz. —Eu não posso divulgar essa informação para você.

Layla abriu a boca. Mas a fechou. —Desculpe-me?

—Você não é minha paciente. Seu bebê e o Primale são — por isso vou falar com ele quando puder...

—Não, você não deve chamá-lo.

O olhar que ele deu a ela sugeriu um desdém que ela imaginou que ele geralmente reservava para as prostitutas. E então ele falou em voz baixa e vagamente ameaçadora. —Você não está em posição de exigir nada.

Layla recuou. —Eu vim aqui por vontade própria, como uma fêmea independente...

—Você é uma Escolhida. Também não é apenas ilegal eu abrigar você, mas posso ser processado pelo que fiz em você antes. Um corpo Escolhido é...

—Seu próprio!

—do Primale e é por lei, como deveria ser. Você é nada, uma sem importância — apenas um receptáculo para o que você está provendo. Como você se atreve a vir aqui assim, fingindo que é uma simples mulher — colocando a minha prática e minha vida em duplo risco.

Layla sentiu um tremor de fúria selvagem ao longo de cada terminação nervosa de seu corpo.

—Cujo coração bate dentro do peito?— Ela bateu em si mesma. —Cujo fôlego está puxando aqui!

Havers balançou a cabeça. —Eu vou falar com o Primale, e só ele...

—Você não pode estar falando sério! Só eu vivo dentro desta carne. Ninguém faz isso...

O rosto do médico se apertou em desgosto. —Como eu disse, você é, apenas um vaso para o mistério divino no seu ventre — o Primale está dentro de sua carne. Isso é mais importante — e, portanto, vou te segurar aqui até...

—Contra a minha vontade? Eu não penso assim.

—Você vai ficar aqui até o Primale vir buscá-la. Não devo ser responsável por deixar você solta sobre o mundo?

Os dois olharam um para o outro.

Com uma maldição, Layla jogou fora o vestido.

—Bem, isso é um grande plano um tanto quanto você está preocupado. Mas ficarei certamente nua agora mesmo — e sairei como for preciso. Fique e veja se você gosta — ou você poderia tentar me tocar, mas acredito que possa ser considerado outra violação, de alguma forma ou de outra para você, não é.

O médico partiu tão rapidamente, que tropeçou fora no hall.

Layla não perdeu um segundo, arrancando suas roupas e correndo para o corredor. Talvez fosse improvável que só houvesse uma maneira de entrar e sair através da área da recepção — tinha que ter rotas de fuga, em caso de um ataque — infelizmente, ela não tinha nenhuma pista sobre o local das instalações.

Então sua única opção era ir para a frente. E teve que fazê-lo à pé — ela estava muito chateada para se desmaterializar.

Saindo em uma corrida. Layla foi em direção que tinha vindo e, quase imediatamente, como se tivessem sido instruído a fazer isso, profissionais de enfermagem pularam em seu caminho, bloqueando o corredor, o que tornava impossível para ela passar.

—Se alguém tocar em mim,— ela gritou na Língua Antiga. —Vou considerá-lo como uma violação da minha Santidade Sagrada.

Todos eles congelaram.

Encontrando cada um no olho, ela veio para a frente e obrigou-os a ir para a parte do fundo, formando um caminho entre as figuras estáticas e em seguida, se fechando atrás dela. Na área de recepção, ela parou em frente ao balcão da recepção e olhou fixamente para a mulher que estava sentada em choque.

—Você tem duas escolhas.— Layla acenou para a porta de saída reforçada. —Ou você voluntariamente abre isso para mim — ou vou explodi-la à distância com a minha vontade, expondo a si mesma e seus pacientes para o ataque de luz solar que está vindo em—— ela verificou o grande relógio de frente para a parede— —menos de sete horas. Eu não tenho certeza que você possa corrigir esse tipo de dano nesse tempo, não é?

O clique da fechadura sendo aberta soou alto no silêncio ressonante.

—Obrigada,— murmurou educadamente enquanto se dirigia para fora. —Sua aquiescência é muito apreciada.

Finalmente longe, ela esqueceu suas maneiras.

Sentado atrás de sua mesa, com sua bunda vestida em couro confortavelmente no trono que seu pai tinha feito séculos e séculos atrás.. Wrath filho de Wrath, estava correndo o dedo indicador para cima e para baixo da lâmina de prata lisa de um abridor de envelope em forma de punhal. Ao lado dele no chão, um leve ronco subiu do focinho de George.

O cão dormia apenas durante raros momentos de inatividade.

Se alguém batesse ou entrasse, ou se Wrath se movesse de alguma forma, a grande cabeça rosa, e o colar pesado tilintariam. —O instantâneo alerta também viria se alguém andasse pelo corredor, ou corresse um aspirador de pó em qualquer lugar, ou abrisse a porta do vestíbulo abaixo no corredor. Ou conseguisse uma refeição. Ou espirrasse na biblioteca.

Depois de levantar a cabeça, havia uma escala de respostas de nada (atividade nasala de jantar, vácuo, espirro) para um vulto (da abertura embaixo da porta, caminhando) para um empurrar para sentar-se (bater, na entrada). O cão nunca era agressivo, mas servia como um detector de movimento, deixando a decisão sobre o que fazer para o seu dono.

Um cão d guia de um cavalheiro.

E, ainda, apesar de uma natureza dócil era tanto uma parte do animal como seu pelo macio e seu corpo muito grande, esguio, Wrath havia visto lampejos de vez em quando da besta dentro daquela ternura amável: Quando você estava em torno de um bando altamente agressivo, loucos-pesados- lutadores como a Irmandade, cabeças ficavam quentes de vez em quando — até mesmo para o rei. E a merda não incomodava Wrath — ele estivera com esses filhos de uma cadela por muito longo tempo para se irritar por causa de um pequeno empurrão no peito ou ser agarrado no saco.

George, no entanto, não gostava disso. Se qualquer um deles entrasse no território do seu rei, a ira do o grande e musculoso cão gentil viria à tona, e iria rosnar em sinal de advertência quando pressionasse seu corpo perto na perna de Wrath — como se ele estivesse preparado para mostrar aos Irmãos que as longas presas eram reais, no caso das coisas ficarem físicas.

A única coisa que Wrath amava mais na sua vida era a sua rainha.

Inclinando-se, ele acariciou o flanco do cão, então focou para a sensação de seu dedo sobre o abridor de cartas.

Jesus Cristo. Aviões caem do céu... Irmãos se machucam... Quinn salva o dia novamente...

Pelo menos a noite não tinha sido todo o drama de variedade de ataque cardíaco. Na verdade, eles começaram em uma boa nota com a prova de que eles precisavam para se mover no Bando de Bastardos: V tinha feito o seu teste de balística, e o caramba-porra-de-prodígio, a bala que tinha saído do pescoço de Wrath tinha começado a sua viagem em um rifle encontrado no covil se Xcor.

Wrath sorriu para si mesmo, suas presas formigando nas pontas.

Esses traidores estavam agora oficialmente na lista de alvos, com o apoio total da lei — e que era hora de fazer uma pequena limpeza.

Naquele momento, George soltou um rosnado — e uma batida insistente se seguiu sugerindo à Wrath que poderia ter perdido o primeiro estrondo em sua porta. —Sim.

Ele sabia quem era antes da Irmandade sequer entrar: V e o policial. Rhage. Tohr. Phury. E, finalmente, Z. Que pelo baque, parecia estar usando uma bengala.

Eles fecharam a porta.

Quando ninguém se sentou ou começou uma pequena conversa, ele sabia exatamente por que tinham vindo a ele. — Qual é o veredicto, senhoras,— ele demorou quando se recostou no trono.

A voz de Tohr lhe respondeu. —Nós estamos pensando sobre Qhuinn.

Ele apostava que eles estavam. Depois de apresentar a ideia na reunião mais cedo esta noite, ele não os tinha pressionado por um sim ou não. Havia muita merda, que como rei, ele estava mais do que disposto a enfiar goela abaixo das pessoas. Quem os irmãos estavam indo para dar boas-vindas no clube não era um deles. —E?

Zsadist falou na Língua Antiga. —*Eu, Zsadist, filho de Agony introduzido no ano de duzentos e quarenta dois do reinado de Wrath, filho de Wrath, venho nomear Qhuinn, um órfão no mundo, para a adesão na Irmandade da Adaga Negra.*

Ouvindo as palavras formais da boca do irmão, foi um choque. Z, acima de todos eles, pensava que o passado era um monte de besteira. Não quando ele vinha para isso, aparentemente.

Jesus, Wrath pensou. Eles estavam indo para correr com ele. E rápido — ele pensou que iria demorar mais tempo do que isso. Dias de reflexões. Semanas. Talvez um mês — e depois, talvez, não viria por uma variedade de razões.

Mas eles estavam jogando a bola — e, consequentemente, assim estava Wrath.

—Em que base é que você faz essa sua promessa, e em seu nome de linha de sangue?— Wrath perguntou.

Agora Z. saiu do formal, e foi para o real. —Ele me trouxe para casa em segurança e para minha *shellan* e minha pequena fêmea está noite. Correndo risco de sua própria vida.

—Tudo bem.

Wrath observou os homens que estavam em volta da mesa, mesmo que ele não pudesse vê-los com os olhos. Visão não importava, porém. Ele não precisava de retinas operacionais para lhe dizer onde todos eles estavam ou como eles estavam se sentindo sobre a merda, os aromas de suas emoções eram claras.

Eram, como um grupo, firme, decidido, e orgulhoso.

Mas havia as necessidades de formalidades e obrigação.

Wrath começou com aquele onde tudo terminava. —V?

—Eu estava pronto para assumir quando ele arrasou Xcor.

Houve um resmungo de acordo.

—Butch?

O sotaque de Boston soou com voz alta e clara. —Acho que ele é um combatente forte e temido. E eu gosto do cara. Ele está envelhecendo bem, soltando toda a atitude, está ficando musculoso[81].

—Rhage?

—Você deveria ter visto ele esta noite. Ele não me deixou levar o avião para cima — disse que dois irmãos eram muito a perder.

Mais do que um resmungo de aprovação. —Tohr?

—Naquela noite que você levou o tiro eu tirei você de lá, foi graças a ele. Ele é a coisa certa.

—Phury?

—Eu gosto dele. Eu realmente gosto. Ele é o primeiro a correr em qualquer situação. Ele vai, literalmente, fazer qualquer coisa para qualquer um de nós — não importa o quão perigoso.

Wrath bateu na sua mesa com os nós dos dedos. —Está resolvido, então. Vou dizer a Saxton para fazer as mudanças, e assim fazê-lo.

Tohr cortou a conversa. —Com todo o respeito, meu senhor, precisamos resolver a designação do *ahstrux nohtrum*[82]. Ele não pode mais tomar conta da bunda de John, como se fosse uma obrigação.

—Concordo. Nós vamos dizer à John para libertá-lo — e não acredito que a resposta será não. Depois disso, vou ter Saxton elaborando os papéis, e em seguida, após a indução de Qhuinn, V, você cuida da tinta no rosto. Como se John tivesse morrido de causas naturais ou alguma merda?

Houve um ruído de roçar de roupas, como se algum dos irmãos estivessem fazendo o símbolo —proibido da Querida Virgem Escriba— sobre o peito.

—Entendido,— V disse.

Wrath cruzou os braços sobre o peito. Este era um momento histórico, e ele sabia disso. Indução de Butch tinha sido legal por causa do laço de sangue que o macho tinha com a realeza. Qhuinn era uma história diferente. Sem sangue real. Não era das Escolhidas ou de sangue da Irmandade, embora tecnicamente fosse um aristocrata.

Nenhuma família.

Por outro lado, o garoto havia provado uma e outra vez no campo, demonstrando um padrão, que, tanto quanto as Leis Antigas haviam declarado, era reservado apenas para aqueles de linhagens específicas — e que era besteira. Não que Wrath não gostasse do plano da Virgem Escriba de reprodução. Os acasalamentos prescritos entre os machos mais fortes e as mais mulheres inteligentes, haviam de fato, produzido resultados extraordinários quando se tratava de combatentes.

Mas também resultara em defeitos como sua cegueira. E restringira as promoções baseadas no mérito.

---

[81] *Inglês Get serious. O processo de desenvolvimento da musculatura do corpo através de tipos específicos de dieta e exercício físico, como levantamento de peso, especialmente para mostra competitiva.*

[82] *Guarda privada com licença para matar que é concebido pelo Rei.*

Como saldo, esta reformulação das leis a respeito de quem poderia e não poderia estar na Irmandade, não era apropriado apenas em termos do tipo de sociedade que ele queria criar — que era uma questão de sobrevivência. Lutadores melhores.

Além disso, Qhuinn tinha realmente ganhado a sua honra.

—Assim seja,— Wrath murmurou. —Oito é um número bom. Um número de sorte.

Um rosnado baixo de acordo percorreu o ar, mais uma vez, a um som de solidariedade total e absoluto.

Este era o futuro, Wrath pensou quando ele sorriu e mostrou suas presas. E ele estava certo.

Capítulo 23

Assim que Sola Morte estava no escritório do seu —chefe—, seu corpo estava pronto para uma luta. Então, novamente, era o seu SOP[83], e não algo específico para o meio ambiente — ou a forma como a conversa estava acontecendo.

Este último, certamente, não melhorou seu humor, no entanto.

—Desculpe, o quê?— Ela perguntou.

Ricardo Benloise sorriu em sua típica maneira, fria e calma. —Sua tarefa está concluída. Obrigado pelo seu tempo.

—Eu nem sequer lhe disse o que encontrei lá fora.

O homem puxou para trás em sua cadeira. —Você pode recolher o seu pagamento com meu irmão.

—Eu não entendo isso.— Quando ele a havia chamado não mais de quarenta e oito horas atrás, isso tinha sido uma prioridade. —Você disse...

—Os seus serviços não são mais necessários para esse fim específico. Obrigado.

Ele estava trabalhando com outra pessoa? Mas quem em Caldwell, fazia esses tipos de coisas que ela fazia?

—Você não quer nem mesmo saber o que descobri.

—Sua tarefa está encerrada.— O homem sorriu novamente de forma profissional, você teria jurado que ele era um advogado ou um juiz. Não um criminoso em uma escala global. —Estou ansioso para trabalhar com você novamente no futuro.

Um dos guarda-costas na parte de trás, deu alguns passos para frente, como se estivesse se preparando para levar o lixo para fora.

—Há algo acontecendo naquela casa,— ela disse quando se virou. —Quem quer que seja, se escondeu...

—Não quero que você volte lá.

[83] *Procedimento Operacional Padrão. Standard Operating Procedure.*

Sola parou e olhou por cima do ombro. A voz de Benloise era tão suave como sempre, mas seus olhos estavam mortos.

Bem, isso era interessante.

E a única explicação possível lógica era que Sr. Misterioso naquela grande casa de vidro, advertiu Benloise. Sua pequena visita havia sido descoberta? Ou isto era o resultado do tipo que durava a calmaria, que afundava habitualmente no comércio de droga?

—Ficando sentimental comigo?— Ela disse suavemente. Depois de tudo, ela e Benloise ficaram completamente distantes.

—Você é um artigo muito útil— Seu sorriso lento levou a picadura do elogio das palavras. — Agora vá e fique segura, *niña*[84]—

Oh, pelo amor de Deus... não havia nenhuma razão para brigar com o homem. E ela ia receber o pagamento — de modo que, inferno, por que ela se importava?

Ela deu a ele uma aceno, caminhando até a porta, e prosseguiu escada abaixo. Lá fora, no espaço da galeria, ela se dirigiu para a parte de trás da casa, onde os funcionários contratados trabalhavam durante o horário comercial. Ignorando os armários de arquivo e as escrivaninhas, que pareciam miniaturas graças ao teto industrial de quase dezesseis metros de altura, ela entrou em um corredor estreito que era observado apenas por câmeras de segurança.

Bater na porta era inútil, mas ela fez isso de qualquer maneira, os painéis robustos à prova de fogo, absorveriam o som de seus dedos como se eles estivessem com fome. Para ajudar ao irmão de Benloise ver do lado fora — não que Eduardo precisava — ela virou-se para mais próximo da lente, para que seu rosto inteiro se mostrasse.

As fechaduras se liberaram momentos depois. E tão forte como ela era, mesmo assim teve que colocar o ombro para abrir o caminho para dentro.

Falando de outro mundo. O escritório de Ricardo era minimalista ao extremo; Eduardo era algo como Donald Trump, com seu fetiche por ouro, onde você se sentia sufocado.

Mais um pouco de mármore e fios dourados aqui e você estaria em um bordel. Quando Eduardo sorriu, seus dentes eram da forma e a cor de teclas de piano, e seu bronzeado era tão profundo e uniforme, parecia que havia sido colorido sobre ele com Magic Marker[85]. Como sempre, ele estava vestido com um terno de três peças — o uniforme, tipo como do Sr. Roarkes da *Ilha da Fantasia*, exceto que preto em vez de branco.

—E como você está hoje?— Seus olhos assumiram uma viagem pelo corpo dela. —Você está parecendo muito bem.

—Ricardo disse para vir vê-lo para pegar meu dinheiro.

Instantaneamente, Eduardo ficou frio e sério — e ela se lembrou de por que Ricardo o mantinha ao redor: Laços de sangue e competência, em conjunto, uma combinação perfeita.

—Sim, ele disse para esperar por você.— Eduardo abriu uma gaveta e tirou um envelope. — Aqui está.

Ele estendeu o braço sobre a mesa, e pegou o que ele ofereceu, abrindo-o imediatamente.

---

[84] *Menina em espanhol.*
[85] *Caneta marcador permanente, feito de ponta de feltro.*

Do envelope ela olhou para cima. —Aqui tem duzentos e cinquenta.

Eduardo sorriu exatamente como seu irmão fazia: facialmente, mas não com os olhos. —A tarefa não foi concluída.

—Seu irmão me demitiu. Não eu.

Eduardo colocou as palmas das mãos para cima. —Isso é o que você vai ser paga. Ou pode deixar o dinheiro aqui.

Sola estreitou o seu olhar

Lentamente, fechando a aba do envelope, ela o virou mais na mão, avançou, e colocou virado por cima sobre a mesa. Mantendo o dedo indicador sobre isso, ela balançou a cabeça uma vez. —Como você quiser.

Afastando-se, ela foi até a porta e esperou o desbloqueio.

—Niña, não seja assim,— disse Eduardo. Quando ela não respondeu o ranger de sua cadeira sugeriu que ele estava se levantando e vindo.

Com certeza, sua colônia flutuou diretamente em seu nariz e suas mãos pousaram em seus ombros.

—Ouça-me,— disse ele. —Você é muito importante para Ricardo e eu. Nós não vamos aceitar isso — *mucho* respeito, sim?

Sola olhou por cima do ombro. —Deixe-me sair.

—Niña.

—Agora.

—Pegue o dinheiro.

—Não.

Eduardo suspirou. —Você não precisa ser assim.

Sola observou a culpa soando através da reação e da voz do homem — de fato, era justamente o que ela queria. Como muitos homens da sua Cultura, Eduardo e Ricardo Benloise foram criados por uma mãe tradicional — e o que o sentimento de culpa significava era um reflexo.

Mais eficaz do que gritar com eles ou dar joelhadas em suas bolas.

—Fora.— Ela disse. —Agora.

Eduardo suspirou de novo, mais e mais desta vez, o som de uma confirmação de que sua manipulação mais uma vez acertara em cheio.

Ele não daria a ela o dinheiro que lhe era devido, no entanto. A decoração ostentosa do escritório e a retrospectiva da dinâmica da sua infância à parte, ele era mais apertado do que um cofre de banco. Dito isto, ela estava confiante de que efetivamente arruinara sua noite — então havia satisfação nisso... e ela estava cuidar do que Ricardo lhe devia.

Ele poderia fazê-lo honestos. Ou, como ele tinha escolhido, poderia forçar a mão.

Que vinha com um custo adicional, é claro.

Sim, teria sido muito mais barato para ele apenas lhe dar o preço do contrato, mas ela não era responsável pelas decisões dos outros.

—Ricardo vai ficar chateado.— Eduardo afirmou. —Ele odeia ser perturbado. Por favor apenas aceite o dinheiro, isso não é certo.

A parte lógica do cérebro dela sugeriu que aproveitasse a oportunidade para destacar a injustiça de ser enganada pelo o que era devido a ela. Mas se ela conhecia esses irmãos, silêncio... oh, o silêncio...

Como a natureza abominava o vácuo, assim como a consciência de uma bem-criada, bem-educada sul-americana.

—Sola...

Ela simplesmente cruzou os braços sobre o peito e olhou para frente. Nervoso o espanhol: Eduardo entrou em sua língua nativa, como se a sua angústia houvesse lhe tirado as habilidades de falar em inglês.

Ele finalmente desistiu e a deixou sair cerca de dez minutos mais tarde.

Haveria rosas em sua porta às nove horas Ela não estaria em casa, no entanto.

Ela tinha trabalho a fazer.

—*Que quer dizer, eles não apareceram?*— Assail exigiu na Língua Antiga.

Quando ele sentou-se no banco de sua Range Rover, ele segurou seu celular apertado no seu carro. A luz vermelha do semáforo à frente estava impedindo seu progresso para frente, e era difícil não ver isso como um paralelismo cósmico.

Seu primo era factual[86], como sempre. —*Os captadores não chegaram no tempo prescrito.*

—*Quantos deles?*

—*Quatro.*

—*O que?*— Mas não havia necessidade de repeti-lo. —*E não há explicações?*

—*Nada na rua dos outros sete, se é isso que você quer dizer.*

—*O que você fez com o produto extra?*

—*Eu trouxe para casa comigo agora...*

Quando o verde brilhou em cima, Assail bateu no acelerador. —*Estou indo reparar o pagamento antecipado para Benloise, e então depois, vou ao teu encontro.*

—*Como você quiser.*

Assail virou para a direita e se dirigiu para longe do rio. Dois quarteirões acima, à esquerda iria se aproximar novamente da galeria, outra à esquerda e ele iria atrás disso.

Havia um carro estacionado já na parte de trás, um Audi preto, e ele estacionou atrás do sedan.

Alcançando o pé do banco do passageiro, ele pegou a maleta de metal prata pela alça preta e saiu do SUV.

Naquele momento, a porta traseira da galeria estava aberta e alguém surgiu.

Um ser humano do sexo feminino, pelo aroma.

Ela era alta e tinha pernas longas. Cabelo escuro e pesado puxado para trás. O queixo estava para cima, como se estivesse pronta para lutar — ou tivesse estada apenas em uma lutado.

---

[86] *Que se baseia em fatos.*

Mas nada disso era da sua conta. Era seu casaco — a camuflagem branca sobre o creme do casaco.

—Boa noite,— disse ele em voz baixa quando se encontraram no meio da rua, ele caminhou, ela saiu fora de seu caminho.

Ela parou e franziu a testa, a mão tentando entrar no interior do casaco dela. Em um pensamento, se perguntou como seus seios pareceriam.

—Já nos conhecemos?— Ela disse.

—Nós estamos agora.— Ele colocou a mão na sua deliberadamente quando enunciou suas palavras. —Como vai?

Ela olhou para a palma da mão, e em seguida, focou em o seu rosto. —Já lhe disseram que você soa como Drácula com esse sotaque?

Ele sorriu firmemente para que suas presas não se mostrassem —Há algumas comparações feitas de tempos em tempos. Você não vai apertar a minha mão?

—Não.— Ela assentiu para a porta detrás da galeria. —Você é um amigo dos Benloises?

—Sim. E você?

—Eu não os conheço de todo. Pasta legal, a propósito.

Com isso, ela virou-se e caminhou para o Audi. Após o alarme brilhar, ela entrou, o vento pegando e soprando o cabelo por cima do ombro, enquanto ela desaparecia por atrás do volante.

Ele saiu de seu caminho quando ela se dirigiu para frente e saiu em disparada.

Assail a observou ir — e encontrou-se pensando com desdém sobre seu parceiro de negócios, Benloise.

Que tipo de homem enviava uma fêmea para fazer esse tipo de negócio?

Enquanto as luzes de freio se acendiam brevemente, e depois viravam a esquina, Assail sinceramente esperava que a linha que houvesse sido demarcada no início da noite, fosse respeitada. Iria ser uma vergonha para ele, ter que matá-la.

Não que hesitaria nem por um instante, se chegassem até isso.

Capítulo 24

Enquanto Zypher estava deitado no concreto duro, seus vários anos como membro da Banda de Bastardos significavam que ele estava bem familiar com a falta de acomodações a que estava desfrutando atualmente: seu traseiro estava dormente pelo frio, bem como a ausência de um colchão sob seu corpo pesado. Da mesma forma, sua cabeça estava amortecida apenas pela mochila que ele tinha usado para levar seus pertences ao novo Quartel General deles no porão daquele armazém. Além disso, o cobertor fino e áspero que o cobria, não era longo o suficiente, deixando seus pés calçados com meias, expostos ao ar frio e úmido.

Mas ele estava no paraíso. Absolutamente no paraíso.

Correndo em suas veias estava o sangue daquela fêmea, e oh, o sustento. Tendo passado sem uma fonte de alimentação adequada por quase um ano, ele tornou-se acostumado à fadiga, aos músculos inquietos e às dores. Mas isso acabou agora.

Na verdade, era como se ele estivesse inflado com força, sua pele se preenchendo novamente para suas dimensões apropriadas, sua altura retornando mais uma vez para seus metros e centímetros, sua mente tanto letárgica nos resultados quanto aguçada momento a momento.

Agora, se ele tivesse uma cama, iria gostar dela, é claro. Travesseiros macios, lençóis cheirosos, roupas limpas... ar quente no inverno, ar fresco no verão... comida para um estômago vazio, água para uma garganta seca... Todas essas coisas seriam boas se alguém pudesse obtê-las.

Elas não eram necessárias, no entanto.

Uma arma limpa, uma lâmina afiada, um lutador de habilidade igual à sua esquerda e à sua direita. Isso era o que ele exigia.

E é claro, durante o tempo de inatividade, era bom ter uma fêmea sentada, e de costas. Ou de bruços. Ou de lado com um joelho erguido até os seios e seu sexo exposto e pronto para ele.

Ele não era detalhista daquele jeito.

Querida Virgem Escriba, aquilo era... felicidade.

Não era uma palavra que ele usava com frequência — e ele não queria dormir durante este despertar. Mesmo que os outros estivessem afundando no repouso da morte, cada um na mesma recuperação confusa que ele, ele próprio, estava amortecido, permanecendo totalmente consciente do seu glorioso brilho interno.

Havia somente uma única coisa que o estava deixando nervoso.

A espera.

Ele estalou uma pálpebra.

Exatamente no limite da luz da vela, Xcor estava andando para frente e para trás, seu passo restrito por duas das maciças colunas de apoio que sustentavam o andar acima deles.

O líder deles nunca estava relaxado, mas aquela inquietação era diferente. E pela maneira em que estava segurando seu celular, ele estava esperando por uma ligação — e isso explicava por que ele estava onde estava. O único lugar onde se podia conseguir um sinal de telefone ali embaixo, era de pé sob um dos dois alçapões. Os painéis deles eram feitos de madeira, e a malha de aço que havia sido fixada por baixo, tinha sido a única alteração feita quando eles tinham erradicado os humanos errantes, selando os andares exteriores, e mudando-se.

Dessa forma, os vampiros não poderiam se materializar lá embaixo.

E merda, sabia que os humanos não eram fortes o suficiente para forçar a abertura daquelas placas de quinze centímetros de espessura...

O tilintar do ruído que emanou do telefone de seu líder, foi muito civilizado para o ambiente. A falsa campainha soou alegremente, claro como um carrilhão de vento movido pela brisa da primavera.

Xcor parou e olhou para o telefone enquanto o deixava tocar mais uma vez. Duas vezes mais.

Claramente, o macho não queria parecer como se estivesse esperando. Quando finalmente respondeu e pôs o telefone na orelha, seu queixo se ergueu e seu corpo se acalmou. Ele estava de volta no controle.

—Elan,— Ele disse suavemente. Houve uma pausa. E então aquelas sobrancelhas sempre baixas, desceram completamente. —Em que data e horário?

Zypher se sentou. —O rei chamou?— Silêncio. —Não, nada. Apenas o Conselho seria permitido, a qualquer preço. Vamos continuar na periferia — a seu pedido.

A última parte foi falada sem nenhum pouco de ironia, embora fosse pouco provável que o aristocrata do outro lado da conversa a escolhesse. Pelo pouco que Zypher tinha visto e ouvido de Elan, filho de Larex, ele era menos que impressionado. Então, novamente, o fraco foi facilmente manipulado, e Xcor bem sabia disso.

—Há algo que você deve saber, Elan. Um atentado foi feito sobre a vida de Wrath no outono — e eu não ficaria surpreso se houvesse uma implicação contra mim e meus soldados nesta próxima reunião — o quê? Ele ocorreu na casa de Assail, na verdade — mas quaisquer outras especificidades não são relevantes. Então, de fato, pode-se supor que Wrath está chamando para o encontro no propósito de expor a mim e os meus — lembra que eu o avisei de tal? Apenas lembre-se que você tem sido totalmente protegido. Os Irmãos e o rei não sabem da nossa relação — isto é, a menos que um dos seus cavalheiros tenha relatado para eles de alguma maneira. Nós, no entanto, continuamos de boca fechada. Além disso, saiba também que eu não tenho medo de ser tachado de traidor ou de me tornar um alvo para a Irmandade. Sei, no entanto, que você é de longe, uma sensibilidade mais culta e refinada, e não só respeito isso, como farei tudo ao meu alcance para protegê-lo de qualquer brutalidade.

Uh-huh, certo. Zypher pensou com um revirar de olhos.

—Deve se lembrar, Elan, você está protegido.

Enquanto Xcor sorria mais amplamente, foi como um show completo de presas, como se ele estivesse à beira de se agarrar na garganta do outro macho e rasgar sua traqueia.

Despedidas foram ditas imediatamente depois disso, e então Xcor desligou a chamada.

Zypher falou. —Está tudo bem?

A cabeça de seu líder se voltou para o topo de sua coluna, e seus olhos se encontraram, Zypher lamentou pelo idiota ao telefone... e por Wrath e pela Irmandade.

A luz no olhar de seu líder era de pura maldade. —Oh, sim. Tudo está muito bem.

Capítulo 25

Enquanto o som de um toque sem resposta vinha através da linha fixa, Blay segurou o fone no ouvido e se sentou na beirada da cama. Aquilo era estranho. Seus pais deveriam estar em casa a esta hora da noite. Estava tão perto de amanhecer...

—Alô?— sua mãe disse, finalmente.

Blay inspirou longa e lentamente, e moveu-se de volta contra a cabeceira. Dobrando a parte de baixo do seu roupão sobre as pernas, ele pigarreou. —Oi, sou eu.

A felicidade que se alastrou na voz do outro lado da linha, fez seu peito se aquecer. —Blay! Como você está! Deixe-me chamar seu pai para que ele possa pegar a outra extensão...

—Não, espere.— Ele fechou os olhos. —Vamos apenas... conversar. Você e eu.

—Você está bem?— Ele ouviu o som de uma cadeira se arrastando através de um piso descoberto — e soube exatamente onde ela estava: na mesa de carvalho em sua preciosa cozinha. —O que está acontecendo? Você não foi ferido, foi?

Não por dentro. —Eu estou... bem.

—O que foi?

Blay esfregou o rosto com sua mão livre. Ele e seus pais sempre foram próximos — normalmente, não havia nada que ele não pudesse falar com eles, e esse rompimento com Saxton, era geralmente o tipo de coisa que ele trazia à tona: estava chateado, confuso, desapontado, um pouco deprimido... todas as habituais coisas emocionais que ele e sua mãe processavam em uma rua de duas vias de chamadas telefônicas.

Enquanto continuava em silêncio, no entanto, ele se lembrou de que ali havia, de fato, uma coisa que ele nunca tinha abordado com eles. Uma coisa muito grande...

—Blay? Você está me assustando.

—Estou bem.

—Não, não está.

Verdade o bastante.

Ele supôs que não tinha dito para eles com relação a sua orientação sexual porque sua vida amorosa não era algo que a maioria das pessoas compartilhava com seus pais. E talvez houvesse também uma parte dele, por mais ilógica que fosse, que se preocupava se ou não, eles o olhariam de forma diferente.

Tire fora o talvez.

Afinal, a política da *Glymera* sobre a homossexualidade era muito clara: dado que você nunca foi declarado sobre isso, e acasalou com alguém do sexo oposto como deveria, você não seria expulso pela sua perversão.

Sim, como se ficar atrelado a alguém pelo qual você não está atraído ou apaixonado, e mentir-lhes sobre infidelidade constante, fosse muito mais honroso do que a verdade. Mas que Deus o ajude se você fosse um macho e tivesse um namorado no sobe-e-desce, como ele teve nos últimos doze meses ou mais.

—Eu... ah, rompi com alguém.

E agora aquilo era grilo do lado de sua mãe. —Sério?— disse ela depois de um momento, como se estivesse chocada, mas tentando não demonstrar.

Você acha que é uma surpresa, imagine o que vem a seguir, mamãe. Ele pensou. Porque, puta merda, ele ia...

Espere, ele realmente vai fazer isso agora, por telefone? Não deveria ser pessoalmente? Qual era exatamente o protocolo ali?

—Sim, eu, ah...— Ele engoliu em seco. —Eu estive em um relacionamento por quase todo o ano passado, na verdade.

—Oh... meu.— A mágoa em seu tom o fisgou. —Eu — nós — seu pai e eu nunca soubemos.

—Eu não tinha certeza de como contar a vocês.

—Nós a conhecemos? Ou a família dela?

Ele fechou os olhos, seu peito se comprimiu. —Ah, vocês conhecem a família. Sim.

—Bem, eu estou muito triste que não tenha dado certo. Você está bem? Como chegou ao fim?—

—Apenas morreu, para ser honesto.

—Bem, os relacionamentos são muito difíceis. Oh, meu amor, meu querido coração — eu posso ouvir como está triste. Você gostaria de vir para casa e...

—Foi Saxton. Primo de Qhuinn.

Houve um suspiro acentuado do outro lado da conexão. Quando sua mãe ficou completamente em silêncio, o braço de Blay começou a tremer tanto que ele mal conseguia segurar o telefone.

—Eu... Eu, ah...— Sua mãe engoliu em seco. —Eu não sabia. Que ah, você...

Ele terminou o que ela não podia na cabeça dele. *Eu não sabia que você era uma daquelas pessoas.*

Como se os gays fossem leprosos sociais.

Que inferno. Ele não deveria ter dito nada. Nem *uma* maldita coisa sobre isso. Droga, por que ele tinha que explodir toda a sua vida ao mesmo tempo? Por que não podia o seu primeiro amor verdadeiro romper com ele... e então ele esperar um par de anos, talvez uma década, antes de ir até seus pais e eles o pararem? Mas nãããão, ele tinha que...

—Foi por isso que você nunca falou com quem estava?— ela perguntou. —Por que...

—Talvez. Sim...

Houve uma fungada. E então uma respiração afiada.

A decepção dela vindo do outro lado da conexão foi demais para suportar, um peso esmagador se instalou sobre o peito dele e tornou-se impossível de respirar.

—Como você pode...

Ele se apressou para cortá-la, porque não podia suportar ter sua voz doce dizendo as palavras. —*Mahmen,* eu sinto muito. Veja, eu não quis dizer isso, ok? Não sei o que estou fazendo. Eu apenas...

—O que eu ou que nós fizemos...

—*Mahmen*, pare. Pare,— Na pausa que se seguiu, ele pensou em citar-lhe algo de Lady Gaga, e reforçar toda aquela coisa de isso-não-é-sua-culpa, essa coisa de vocês-não-fizeram-nada-de-errado-como-pais.

—Mahmen, eu apenas...— Ele se quebrou neste ponto, chorando tão silenciosamente quanto podia. A sensação de que na visão de sua mãe, ele tinha desiludido sua família apenas por ser quem era... foi um fracasso de aceitação que ele nunca ia superar. Ele só queria viver, honestamente e de frente, sem desculpas, como todo mundo. Para amar a quem ele amava, ser

quem ele era... mas a sociedade tinha um padrão diferente, e como ele sempre temera, seus pais eram uma parte daquilo...

Vagamente, ele estava ciente de sua mãe falando com ele, e se esforçou para se recompor e acabar com a ligação...

—... para fazê-lo pensar que você não podia vir até nós com isso? Isso é algo que iria mudar a forma como nos sentimos sobre você?

Blay piscou quando seu cérebro traduziu o que ele tinha acabado de ouvir em alguma língua que fazia algum tipo de sentido. —Desculpa...? O quê?

—Por que você... O que nós fizemos que o fez sentir que qualquer coisa sobre você, o faria de alguma forma... diminuído aos nossos olhos?— Ela limpou a garganta, como se estivesse se recompondo. —Eu te amo. — Você é o meu coração batendo fora do meu peito. Não me importo com quem você está acasalado, ou se eles têm cabelos loiros ou pretos, olhos azuis ou verdes, partes masculinas ou femininas — contanto que você esteja feliz, é tudo com o que me preocupo. Eu quero para você o que você quer para si mesmo. Amo você, Blaylock — eu amo você.

—O que... você está dizendo...

—*Eu amo você.*

—*Mahmen*...— Ele falou rouco, as lágrimas se formando novamente.

—Eu só queria que você não tivesse me contado por telefone.— Ela murmurou —Eu gostaria de abraçá-lo agora.

Ele riu de uma forma feia e relaxada. —Não foi a minha intenção. Quer dizer, eu não planejei isso. Apenas saiu.

Divertida escolha de palavras, ele pensou.

—E eu sinto muito,— ela disse, —Que as coisas não deram certo com Saxton. Ele é um cavalheiro muito agradável. Tem certeza de que tudo acabou?

Blay esfregou o rosto enquanto a realidade se recalibrava, o amor que ele sempre conheceu claramente ainda estava com ele. Apesar da verdade. Ou talvez... por causa dela.

Em momentos como este, ele se sentia o filho da mãe mais sortudo do mundo.

—Blay?

—Desculpe. Sim, desculpe. Sobre Saxton...— Pensou sobre o que ele tinha feito naquele escritório no centro de treinamento quando havia ficado sozinho, —Sim, *Mahmen*, acabou. Eu tenho certeza.

—Ok, então aqui está o que você tem que fazer. Você tem que espera algum tempo e se cure um pouco. Vai saber quando já foi o suficiente. Então tem que estar aberto para conhecer alguém novo. Você é um pegador, sabe disso.

E ali estava ela, dizendo-lhe para conhecer outro cara.

—Blay? Você me ouviu? Eu não quero que passe a sua vida sozinho.

Ele enxugou o rosto novamente. —Você é a melhor mãe do planeta, saiba disso.

—Então, quando vier para casa para me ver, eu quero cozinhar para você.

Ele relaxou nos travesseiros, apesar do fato de que sua cabeça estava começando a doer — provavelmente porque mesmo que estivesse sozinho, ele ainda tentava manter as coisas juntas

durante sua crise de choro. Provavelmente também porque, ainda odiava onde ele estava com Qhuinn. E ainda sentia falta de Saxton de alguma forma — porque era difícil dormir sozinho.

Mas isso foi bom. Esta... honestidade foi um longo caminho para ele...

—Espere, espere.— Ele se sentou reto nos travesseiros. —Ouça, não quero que você diga nada para o papai.

—Querida Virgem Escriba, por que não?

—Eu não sei. Estou nervoso.

—Querido, ele não vai sentir nada diferente do que eu sinto.

Sim, mas como o único filho nascido e o último da linhagem... e com toda aquela coisa de pai/filho... —Por favor? Deixe-me dizer-lhe cara-a-cara.— Ah, como se aquilo não o fizesse querer vomitar. —Eu deveria ter feito isso com você. Eu vou assim que estiver fora do rodízio — eu não quero colocá-la na posição de esconder algo dele.

—Não se preocupe com isso. Esta é a sua informação — você tem o direito de compartilhá-la com as pessoas quando e onde quiser. Eu gostaria muito que você fizesse isso logo, no entanto... Sob circunstâncias normais, o seu pai e eu contamos tudo um ao outro.

—Eu prometo.

Houve uma pausa na conversa. —Então me conte sobre o trabalho — como está indo?

Ele balançou a cabeça. —*Mhamen*, você não quer ouvir sobre isso.

—Claro que quero.

—Eu não quero que você pense que o meu trabalho é perigoso.

—Blaylock, filho do meu amado *hellren*, exatamente que tipo de idiota você pensa que eu sou?

Blay riu e depois ficou sério. —Qhuinn voou com um avião esta noite.

—Sério? Eu não sabia que ele podia voar.

Não era essa a canção tema para a noite. —Ele não pode.— Blay se recostou novamente e cruzou os pés nos tornozelos. —Zsadist ficou ferido e nós tivemos que tirá-lo daquele local remoto. Qhuinn decidiu... Quero dizer, você sabe como ele é, que vai tentar qualquer coisa.

—Muito aventureiro, um pouco selvagem. Mas que adorável macho jovem. Uma verdadeira lástima o que sua família fez com ele.

Blay brincou com o nó em seu roupão. —Você sempre gostou dele, não foi. É engraçado, eu achei que muitos pais não o aprovariam — em muitos níveis.

—Isso é porque eles acreditam naquele exterior de cara durão. Para mim, é o que está dentro que conta.— Ela fez um som de um cacarejo, e ele quase pôde imaginá-la sacudindo a cabeça tristemente. —Você sabe, eu nunca vou esquecer a noite em que você o trouxe pela primeira vez. Ele era aquele pequeno pedaço de um pretrans, com aquela óbvia imperfeição, que eu tenho certeza que lhe tem dado muito trabalho a cada vez. E mesmo com isso, ele caminhou até mim, estendeu a mão, e se apresentou. Ele encontrou-me diretamente nos olhos, não por algum tipo de confrontação, mas como se quisesse que eu desse uma boa olhada nele, e então o jogasse fora se eu o precisasse fazê-lo.— Sua mãe soltou uma suave maldição. —Eu o teria aceitado na mesma noite, você sabe. Em um piscar de olhos. Para o inferno com a *Glymera.*

—Você realmente, verdadeiramente, totalmente é a melhor mãe da Terra.

Agora ela riu. —E pensar que você diz isso mesmo sem a minha comida posta na sua frente.

—Bem, lasanha faria de você a melhor mãe do universo.

—Vou começar a ferver o macarrão agora.

Enquanto ele fechava os olhos, o retorno do fácil vai-e-vem que havia sido a marca da relação deles, lhe pareceu mais especial.

—Então. Conte-me mais sobre a bravura de Qhuinn. Eu amo ouvi-lo falar sobre ele, você fica tão animado.

Cara, Blay se recusou a pensar em qualquer um dos porquês sobre aquilo. Ele simplesmente lançou-se naquele conto, com algumas edições criteriosas, então não divulgou nada que os Irmãos não gostariam nas vias aéreas — não que sua mãe fosse dizer alguma coisa para qualquer um.

—Bem, nós estávamos fora vasculhando aquela área, e...

—Você precisa de algo mais, senhor?

Qhuinn balançou a cabeça e mordeu o mais rápido que conseguiu para esvaziar a boca. —Não, obrigado, Fritz.

—Talvez um pouco mais de rosbife?

—Não, obrigado — oh, tudo bem.— Ele desistiu enquanto mais daquela carne perfeitamente preparada atingia o seu prato. —Mas eu não preciso...

Mais batatas. Mais abobrinhas.

—E eu vou trazer-lhe outro copo de leite.— O mordomo disse com um sorriso.

Enquanto o velho *doggen* se afastava, Qhuinn tomou fôlego e se enfiou na sua segunda rodada. Ele tinha a sensação de que toda aquela comida era a forma de Fritz de dizer obrigado, e o estranho era — que quanto mais ele comia, mais ele começava a sentir fome.

Pensando nisso... quando foi a última vez que ele tivera uma refeição?

Quando o mordomo lhe serviu mais leite, Qhuinn bebeu como um bom garotinho. Droga. Ele não tinha a intenção de desperdiçar aquele tempo na cozinha. Sua intenção original, quando ele chegou da clínica, havia sido ir direto para o quarto de Layla. Fritz, por outro lado, tinha outras ideias, e o velho não aceitava um não como uma resposta — o que, sugeria que esta tinha sido uma ordem do alto. Como de Thor, enquanto líder da Irmandade. Ou do próprio rei.

Então ele desistiu e cedeu... e acabou sentado naquele balcão de granito, ficando recheado como uma piñata[87].

Pelo menos a rendição fora deliciosa, ele pensou um pouco mais tarde enquanto repousava o garfo e limpava a boca.

—Aqui, senhor, algo para a sua sobremesa.

—Oh, obrigado, mas...— Bem, bem, bem, o que temos aqui: um pote de sorvete de café com molho de chocolate quente sobre ele — sem chantilly ou nozes. Do jeito que ele gostava. —Você realmente não precisava.

[87] *Jarro de porcelana recheado de doces, que as crianças quebram no dias de festas no México.*

—É o seu favorito, não?

—Por uma questão de fato, sim.— E olha, aqui está a colher de prata.

Você sabe, seria rude deixar a coisa derreter.

Quando Qhuinn começou a sobremesa, os pontos que a Dra. Jane havia colocado acima da sua sobrancelha, começaram a latejar sob a bandagem — e a dor lembrou-lhe da loucura que tinha sido a noite.

Parecia surreal considerar que uma hora atrás ele estivesse à beira da morte, dançando pelo céu escuro na porcaria de um avião calhambeque, que ele não tinha ideia de como voar. Agora? Este era o melhor caso de Breyer[88]. Com calda quente de chocolate.

E pensar que ele estava realmente aliviado que não houvesse nozes e chantilly para raspar, a fim de que seu paladar não fosse arruinado. Porque, sim, este era um problema sério naquele momento.

Quando suas glândulas de adrenalina se expeliram e um disparo de ansiedade tremeu ao longo de cada nervo em seu corpo, ele sabia muito bem que os tremores secundários iam e vinham. Tipo como uma chicotada para o seu sistema nervoso.

Mas lidar com um caso de susto pós-desastre era consideravelmente melhor do que ficar em chamas. Ou depressivo, como tinha sido o caso.

Depois que a parte dois de sua refeição terminou, ele fez o seu melhor para ajudar a limpar antes de ir ver Layla, mas Fritz entrou em uma agitação sobre ele, até mesmo tentando levar a sua tigela e a colher para perto da pia. Cedendo mais uma vez, ele saiu pela sala de jantar, e parou para olhar ao redor da longa mesa, imaginando todos sentados em suas cadeiras habituais.

Tudo o que importava era que Z estava de volta de forma segura nos braços de sua *Shellan* — e ninguém mais tinha ficado ferido...

—Desculpe-me. Senhor,— disse Fritz quando se apressava. —A porta.

Mais à frente no hall de entrada, o *doggen* foi para a verificação da tela de segurança. Um segundo depois, ele liberou o bloqueio do interior do vestíbulo.

E entrou Saxton.

Qhuinn ficou para trás. A última coisa que ele queria fazer, era brigar com aquele macho nesse momento. Ele ia verificar Layla, e depois cair fora...

O cheiro que flutuou até ele não estava certo.

Franzindo o cenho, ele foi até o arco da entrada. Mais à frente, seu primo conversou com Fritz por um momento e depois começou a caminhar em direção a grande escada.

Qhuinn inalou profundo, suas narinas se dilatando. Sim, tudo bem, esta era a colônia preferida de Saxton... mas ali havia outro cheiro misturando-se a ela. Outra colônia estava sobre o macho.

E não era a de Blay. Ou nada que o guerreiro usaria.

E então havia também o cheiro inconfundível de sexo...

[88] *Referência aos programas de reality show.*

E não houve o pensamento consciente acontecendo quando Qhuinn marchou para a abertura e latiu: —Onde você esteve?

Seu primo parou e olhou por cima do ombro. —Desculpe?

—Você me ouviu.— Numa maldita inspeção mais de perto, foi-lhe realmente assustadoramente óbvio o que o cara esteve fazendo. Seus lábios estavam vermelhos e havia um rubor em seu rosto, que Qhuinn estava disposto a apostar que não tinha merda nenhuma a ver com o clima frio. —Em que *porra* você esteve.

—Acredito que isso não seja da sua conta, primo.

Qhuinn caminhou sobre o piso de mosaico, não parando até que suas botas coturnos fossem como ponta de aço para os lindos mocassins do cara. —Seu fodido vagabundo.

Saxton teve a coragem de parecer entediado. —Sem ofensa, meu querido parente, mas eu não tenho tempo para isso.— O cara se virou.

Qhuinn estendeu uma mão e agarrou-lhe um braço. Com um puxão, ele os trouxe nariz com nariz novamente. E merda, o fedor do cara o fez ficar mal do seu fodido estômago.

—Blay está fora arriscando sua vida na guerra — e você está fodendo qualquer um pelas costas dele? Verdadeiro filho da puta de classe...

—Qhuinn, isso não é da sua conta...

Saxton tentou empurrá-lo. O que não foi uma boa ideia. Antes que Qhuinn soubesse o que estava fazendo, ele prendeu as mãos em volta da garganta do outro macho.

—Como porra você se *atreve*.— Disse ele com suas presas totalmente à mostra.

Saxton bateu as duas mãos nos pulsos de Qhuinn e tentou se livrar, empurrando, puxando, não conseguindo absolutamente nada. —Você está... me... sufocando...

—Eu deveria matá-lo, aqui e agora.— Qhuinn rosnou. —Como *porra* você pôde fazer isso com ele? Ele é apaixonado por você...

—Qhuinn...— A voz estrangulada foi ficando mais fraca e mais fraca. —Qh...

O pensamento de tudo que seu primo tinha, e tudo com o que o cara não se importava, deu-lhe uma super-força, e ele a canalizou direto em suas mãos. —O que mais você precisa, idiota? Acha que algum estranho vai ser melhor do que o que você tem na sua cama?

A força de seu violento ataque começou a empurrar Saxton para trás, os sapatos do cara rangendo no piso liso enquanto os coturnos de Qhuinn conduziam os dois para frente. As coisas pararam quando os ombros de Saxton bateram no corrimão da enorme escada.

—Seu fodido vagabundo...

Alguém gritou. E então mais alguém o fez.

E em seguida houve vários passos apressados vindos de diferentes direções, seguidos por um grupo de pessoas puxando em seus braços.

Que fosse. Ele apenas manteve os olhos e as mãos bloqueadas, a fúria em suas entranhas transformando-o em um bulldog que poderia...

Não...

Deixar...

Ir...

Capítulo 26

— Então, você acha que vocês alguma vez voltarão para Caldwell? — Blay perguntou à sua mãe.

— Eu não sei. Seu pai vai e volta para o trabalho tão facilmente toda noite, e nós dois gostamos da quietude e a privacidade daqui do campo. Você acha que está mais seguro na cidade agora.

Do nada, gritos penetraram pela porta fechada de seu quarto. Um monte deles.

Blay olhou para a porta e franziu o cenho. —Hey, *Mahmen,* me desculpe por te cortar, mas tem alguma coisa acontecendo na casa.

A voz dela baixou de tom, medo envolvendo suas palavras. —Vocês não estão sendo atacados, estão?

Por um momento, aquela noite na casa deles em Caldwell, um ano e meio atrás, voltou a ele em uma rápida série de reviravoltas em seu estômago: sua própria mãe fugindo aterrorizada, seu pai pegando em armas contra o inimigo, sua casa arruinada.

Mesmo embora a gritaria parecesse estar ficando pior, ele não poderia desligar sem reassegurá-la. — Não, não, não, *Mahmen* — este lugar é mais forte que uma rocha. Ninguém pode nos achar, e mesmo que eles pudessem, eles não podem entrar. Apenas é que algumas vezes temos discussões — de verdade, tá tudo bem.

Pelo menos, ele esperava que estivesse. As coisas realmente pareciam estar aumentando.

— Oh, isso é um alívio enorme. Eu não posso imaginar nada acontecendo com você. Vá cuidar das suas coisas, e me chame quando você souber que está vindo para uma visita. Eu vou ter o seu quarto todo arrumado, e eu vou fazer lasanha.

Com isso a boca dele começou a se encher de água. E também o fizeram seus olhos, um pouco. —Eu te amo, *Mahmen* — e obrigado. Você sabe, por...

— Obrigada *você* por confiar em mim. Agora vá descobrir o que está acontecendo, e fique seguro. Eu te amo.

Desligando, ele saiu da cama e foi para a porta. No segundo que ele estava fora no corredor das estátuas, estava claro que uma baita de uma briga estava acontecendo na parte principal da casa: havia um monte de vozes masculinas exaltadas, todas elas estavam em um volume que tinha —emergência— escrita em todas elas.

Começando a correr, ele se dirigiu para a sacada do segundo andar.

Quando ele conseguiu uma visão do saguão, ele não entendeu imediatamente o que ele estava vendo lá embaixo: Havia um nó inteiro de pessoas na base da escadaria, todos com seus braços estendidos para frente como se eles estivessem tentando separar uma briga.

Exceto que não era entre dois Irmãos.

Que porra é essa? Eles estavam mesmo tentando arrancar Qhuinn de cima de Saxton...?

Jesus, o bastardo malvado tinha suas mãos em volta da garganta de seu primo e estava, pela coloração cinza no rosto do outro macho, a ponto de matá-lo.

— Que diabos você está fazendo! — Blay gritou, quando ele desceu as escadas em uma corrida mortal.

Quando ele chegou até a briga, haviam Irmãos demais no caminho — e aqueles não eram o tipo de machos que você apenas empurrava para o lado com o cotovelo. Infelizmente, se alguém iria conseguir chegar ao Qhuinn, seria ele. Mas como diabos ele ia conseguir a atenção do imbecil.

Aí está, ele pensou.

Atirando-se através do saguão, ele quebrou o vidro do alarme de incêndio antiquado com seu punho e então alcançou dentro e puxou a alavanca para baixo.

Instantaneamente, barulho explodiu através do espaço, a acústica do teto de catedral atuando como um amplificador enquanto o alarme alto-como-o-motor-de-um-jato, enlouqueceu.

Era como atingir um monte de cachorros briguentos com um balde de água. Toda a ação parou e cabeças pularam para longe da confusão, olhando em volta.

O único que não deu nenhuma atenção foi Qhuinn. Ele ainda estava agarrado e apertando com força.

Blay tirou vantagem de todo aquele ei-o-que-é-isso e foi capaz de se enfiar na confusão.

Focando-se em Qhuinn, ele enfiou seu rosto bem na frente da cara do cara. — Solta ele, *agora*.

No momento que sua voz foi registrada, uma expressão de choque substituiu a violência fria que tinha marcado a cara de Qhuinn — como se ele nunca tivesse esperado que Blay aparecesse. E isso foi tudo o que precisou. Um único comando dele e aquelas mãos se liberaram tão rápido, Saxton caiu no chão como peso morto.

— Dra. Jane! Manny! — alguém gritou. — Arrumem um médico!

Blay queria gritar com Qhuinn bem ali agora mesmo, mas ele estava apavorado demais sobre a condição do Saxton para perder tempo com qualquer mas-que-porra-está-errada-com-você: O advogado não estava se movendo de jeito nenhum. Agarrando o bonito terno do cara, Blay o rolou deitado e foi para a carótida[89] com a ponta de seus dedos orando para que ele achasse um batimento de coração[90]. Quando ele não achou, ele inclinou a cabeça de Saxton para trás e se inclinou para começar a administrar CPR.

Exceto que então Saxton tossiu e puxou um montão de ar.

— Manny está vindo, — Blay disse roucamente, mesmo embora ele não soubesse se isso era verdade. Mas, caramba, *alguém* tinha que estar a caminho. — Fique comigo...

Mais tossidas. Mais respiração. E a cor começou a voltar para aquele belo, refinado rosto.

Com uma mão tremente, Blay empurrou para trás o suave, grosso cabelo da testa que ele havia tocado tantas vezes antes. Quando ele olhou naqueles olhos embaçados olhando para ele, ele queria sentir alguma coisa do tipo que define a alma ou altera a vida e...

Ele orou por esse tipo de reação.

[89] *Veia ao lado do pescoço*
[90] *Pulso*

Inferno, naquele momento, ele poderia ter trocado ambos: seu passado e presente por isso.

Mas simplesmente não estava lá. Arrependimento, ira em favor do cara, tristeza, alívio... ele registrou todos eles. Isso era tudo, no entanto.

— Aqui, deixe-me dar uma olhada nele, — Dra. Jane disse enquanto ela colocava sua maleta negra de médico no chão, e se ajoelhava no chão de mosaico.

Blay se arrastou para trás para dar a *shellan* do V algum espaço, mas ele ficou perto, mesmo embora não era como se ele pudesse fazer alguma coisa. Inferno, ele sempre quis fazer faculdade de medicina — mas não para que ele pudesse ressuscitar ex-amantes porque algum psicótico chupador de pau, tinha tentado estrangulá-los no maldito saguão da frente.

Ele olhou para Qhuinn. O guerreiro ainda estava sendo segurado por Rhage, como se o Irmão não estava inteiramente seguro que o episódio houvesse acabado.

— Vamos te levantar, — Dra. Jane disse.

Blay estava à postos, ajudando Saxton a levantar, segurando-o para estabilizar-se, direcionando-o para as escadas. Os dois estavam em silêncio enquanto subiam, e quando eles chegaram ao segundo andar, Blay os levou para dentro de seu quarto por hábito.

Droga.

— Não, está bem, — Saxton murmurou. — Apenas me deixe sentar aqui por um minuto, tudo bem?

Blay pensou sobre a cama, mas quando Sax endureceu-se quando ele se dirigiu naquela direção, ele se decidiu pela espreguiçadeira. Ajudando o macho a se deitar, ele se afastou de forma embaraçosa.

No silêncio que se seguiu, a ira violenta bateu nele do nada.

Agora suas mãos tremiam por uma razão diferente.

— Então, — Saxton disse roucamente. — Como foi sua noite?

— O que diabos aconteceu lá embaixo?

Saxton abriu sua gravata. Desabotoou seu colarinho. Tomou outro fôlego profundo. — Desentendimento de família, foi isso.

— Besteira.

Saxton virou olhos cansados para ele. — Nós devemos fazer isso?

— O que aconteceu...

— Eu acho que você e ele precisam conversar. E uma vez que você o faça, eu não vou ter que me preocupar com sendo atacado como um criminoso de novo.

Blay franziu o cenho. — Ele e eu não temos nada que falar um para o outro...

— Com todo o respeito devido, as marcas de atadura em volta do meu pescoço deveriam sugerir algo diferente.

— Como estamos aqui, garotão?

Quando a voz do Rhage registrou na orelha do Qhuinn, estava claro que o Irmão estava checando para ver se o drama estava bem e verdadeiramente acabado. Não necessariamente. O

instante que Blay havia falado para ele acabar com a merda, o corpo do Qhuinn tinha obedecido, certo como se o cara tivesse o controle remoto da TV dele.

Outras pessoas estavam se movendo ao redor, olhando para ele, obviamente também querendo ver se ele mostrava alguma indicação que ia correr para cima, atrás de Saxton, e terminar com a rotina de agarre mortal.

— Você está legal? — Rhage prontificou.

— Sim. Sim, estou legal.

As barras de ferro em volta de seu peito se afrouxaram e gradualmente caíram. Quando uma mão grande bateu em seu ombro e deu um apertão. — Fritz odeia cadáveres no saguão da frente.

— Mas não tem um monte de sangue com estrangulamento, — alguém apontou. — Limpeza provavelmente seria fácil.

— Só uma cera no chão depois, — outro cara interrompeu.

Houve uma pausa pesada naquele ponto.

— Eu vou lá para cima. — Quando os olhares céticos começaram de novo, Qhuinn sacudiu sua cabeça. — Não uma repetição. Eu juro por.....

Bem, ele não tinha uma mãe, um pai, um irmão, uma irmã... ou um filho — embora esperançosamente, esse último era um — ainda — tipo de coisa.

— Eu apenas não vou, ok?

Ele não esperou por nenhum comentário posterior. Sem ofensa, mas uma queda de avião e uma tentativa de homicídio em um de suas poucas relações familiares, era suficiente por uma noite.

Com um xingamento, ele começou a ir até o segundo piso — e lembrando-se ele ainda precisava dar uma passada no quarto de Layla.

Virando à direita no topo da escadaria, ele foi para o quarto de hóspedes para onde a Escolhida havia se mudado e bateu na porta suavemente. — Layla?

A despeito do fato que eles iam ter um filho juntos, ele não se sentia confortável apenas irrompendo no quarto sem um convite.

A segunda rodada com os punhos foi um pouco mais alto. Assim como a sua voz. — Layla?

Ela deveria estar dormindo.

Afastando-se, ele foi para o seu próprio quarto, passando pelo escritório de Wrath com suas portas fechadas, e então descendo pelo Hall das estátuas. Quando ele passou pela porta de Blay, ele não pode evitar parar e olhar para a maldita coisa.

Jesus Cristo, ele quase matou Saxton.

Ainda sentia-se que ira até o final.

Ele sempre tinha sabido que seu primo era uma puta — e ele odiava estar certo a respeito disso. Que porra Sax estava pensando? O cara tinha a perfeição[91] em sua cama todo maldito dia, e ainda assim, algum acaso em um bar ou uma boate ou na fodida Biblioteca Municipal de Caldwell, era melhor que isso? Ou mesmo necessário?

---

[91] *O melhor, que nada podia se comparar*

Infiel filho da puta.

Quando suas mãos se curvaram em punhos e a ideia de chutar seu caminho para dentro daquele quarto apenas para socar a cara do Saxton até virar sopa, o distraiu, ele quase não conseguiu controlar o impulso.

Solta ele, agora.

Do nada, a voz do Blay reverberou através da sua cabeça de novo, e com certeza, a violência foi desligada. Literalmente, entre um momento e o próximo, ele foi de touro selvagem a neutro.

Estranho.

Sacudindo sua cabeça, ele andou até o seu quarto, entrou, e fechou a porta.

Depois de ter acendido as luzes[92], ele apenas ficou em pé lá, pés grudados no chão, braços pendurados como cordas frouxas, cabeça apoiada no topo de sua espinha. Tudo sobre não ir a lugar nenhum.

Por nenhuma razão aparente, ele pensou em um dos amados Dysons[93] do Fritz, a coisa rolava para um armário de serviço, deixada no escuro até que alguém tirasse de lá para usar.

Maravilha. Ele tinha sido reduzido ao nível de um aspirador de pó.

Por fim ele xingou, e se ordenou a continuar a se despir e ir para a cama. A noite tinha sido difícil do momento que o sol havia se posto, e a boa notícia era que a triste bagunça tinha finalmente acabado: os painéis estavam no lugar para manter o sol fora. A casa estava ficando quieta.

Hora de apagar[94].

Enquanto ele cautelosamente retirava sua camiseta sem mangas e gemia por causa de todas as dores, ele se deu conta que ele tinha deixado sua jaqueta de couro e suas armas na clínica. Que fosse. Ela tinha extras aqui em cima se ele precisasse delas durante o dia, e ele podia ter suas coisas trazidas de volta antes da Primeira Refeição.

Indo para o zíper em suas calças de couro, ele.

A porta atrás dele explodiu aberta com tamanha força, que ricocheteou na parede — apenas para ser pega no retorno pelo aperto duro de um filho da puta muito puto.

Blay estava extremamente puto enquanto parava no umbral da porta, seu corpo tremendo com tanta raiva que mesmo Qhuinn, que havia encarado um monte de coisas em sua vida, ficou embasbacado.

— Que *porra* está errada com você, — O macho latiu.

Tá brincando comigo, Qhuinn pensou. Como o cara podia não ter reconhecido o cheiro estranho em seu próprio amante?

— Eu acho que você precisa perguntar isso ao meu primo.

Quando Blay marchou para frente, Quinn se moveu ao redor do cara para…

Blay agarrou seu braço e despiu suas presas com um uivo. — Fugindo?

Em uma voz baixa, Qhuinn disse, — Não. Estou fechando a maldita porta para que ninguém

---

[92] Por commando mental

[93] Dyson – marca de aspirador de pó

[94] Desligar, como se faz com computadores para que funcione direito, referindo-se a dormir

ouça isso.

— Eu não dou uma porra!

Qhuinn pensou em Layla mais abaixo no outro lado do corredor, tentando dormir. — Bem, eu dou.

Qhuinn se liberou e fechou os dois juntos. Então, antes que ele pudesse se virar, ele teve que fechar os olhos e dar uma pausa.

— Você me enoja, — Blay disse.

Qhuinn deixou cair sua cabeça.

— Você precisa dar o fora da porra da minha vida. — a amargura naquela voz familiar foi direto para o seu coração. — Você, fique no inferno, fora das minhas coisas!

Qhuinn olhou por cima do seu ombro. — Você nem mesmo se importa que ele estivesse com outra pessoa?

A boca de Blay se abriu. Fechou. Então aquelas sobrancelhas baixaram. — O que?

Oh. Ótimo.

Na pressa de tudo, Blay claramente não tinha a menor ideia dos porquês.

— O que você disse? — Blay repetiu.

— Você me ouviu.

Quando não houve resposta, nenhum xingamento, nada jogado em termos de socos ou objetos, Qhuinn se voltou.

Depois de um momento, Blay cruzou seus braços, não em seu peito, mas em volta de seu estômago, como se ele estivesse vagamente nauseado.

Qhuinn esfregou seu rosto e falou em uma voz quebrada, — Eu sinto muito. Eu sinto muito porra... eu não quero isso prá você.

Blay se sacudiu. — O que...? — Aqueles olhos azuis se focaram. — Foi por isso que você o atacou?

Qhuinn deu um passo à frente. — Eu sinto muito... eu apenas... ele veio através da porta e eu peguei o cheiro, e eu apenas perdi o controle. Eu nem estava pensando.

Blay piscou, como talvez ele estivesse se confrontando com um conceito desconhecido.

— Foi por isso que você... por que diabos você faria isso?

Qhuinn deu outro passo a frente, então se forçou a parar — a despeito de uma necessidade quase irresistível de se aproximar mais do cara. E enquanto Blay sacudia sua cabeça como se ele estivesse tendo problemas para entender tudo isso, Qhuinn não queria ter falado.

Mas falou. — Você se lembra lá na clínica, bem mais de um ano atrás... — ele apontou para o chão, no caso do cara tivesse se esquecido onde o centro de treinamento era. — Foi antes de você e Saxton...— Certo. Não precisa terminar essa, não se ele quisesse manter no estômago a comida que ele tinha comido. — se lembra do que eu te disse?

Como o Blay parecia confuso, ele ajudou o cara. — Eu te disse que se alguém alguma vez te ferisse, eu o caçaria e o deixaria para o sol? — Mesmo ele ouvia sua voz cair para um grunhido malvado. — Saxton te feriu hoje à noite, então eu fiz o que eu disse que eu ia fazer.

Blay esfregou seu rosto com sua mão. — Jesus....

— Eu te disse o que ia acontecer. E se ele fizer isso de novo, eu não posso prometer a você que eu não vou terminar o serviço.

— Olha, Qhuinn, você não pode... você não pode ficar fazendo essa merda. Você simplesmente não pode.

— Você não se importa? Ele foi infiel. Isso não está certo.

Blay exalou longo e devagar, como se ele estivesse cansado de carregar um peso. — Apenas... não faça isso de novo.

Agora era Qhuinn que estava sacudindo a cabeça. Ele não entendia. Se ele estivesse em um relacionamento com Blay, e Blay o deixasse? Ele nunca se recuperaria.

Deus, porque ele não tinha aproveitado aquilo que tinha sido oferecido a ele? Ele não devia ter corrido. Ele devia ter ficado bem ali.

De forma espontânea, seus pés deram mais um passo a frente. — Eu sinto muito...

De repente, ele estava dizendo essas palavras de novo e de novo, repetindo-as com cada passo que o trazia mais perto do Blay.

— Eu sinto muito... eu sinto muito... eu... sinto muito... — ele não sabia que porra ele estava fazendo ou dizendo; ele apenas tinha a urgência de arrepender-se por todos os seus pecados.

Havia tantos no que se dizia respeito a esse macho honrado que estava parado sem mover-se na sua frente.

Finalmente, havia apenas mais um passo faltando para que o seu peito nu batesse em Blay.

A voz do Qhuinn caiu para um sussurro. — Eu sinto muito.

No silêncio espesso que se seguiu, os lábios do Blay se partiram... mas não em surpresa. Mais como se ele não pudesse respirar.

Lembrando-se de não ser um babaca, o-mundo-gira-ao-meu-redor, Qhuinn trouxe de volta para o que estava acontecendo entre Blay e Saxton.

— Eu não quero isso pra você, — ele disse, seus olhos indo por toda o seu rosto. — Você já sofreu o suficiente, e eu sei que você o ama. Eu sinto muito... eu sinto tanto...

Blay ficou apenas parado na frente dele, sua expressão congelada, seus olhos se movendo ao redor como se eles não pudessem tirar sentido de nada. Mas ele não se afastou, não se virou, não foi embora. Ele ficou... bem onde estava.

— Eu sinto muito.

Qhuinn olhava como se estivesse distante, quando sua própria mão se estendeu e tocou o rosto de Blay, a ponta de seus dedos correndo sobre a barba de um dia. — Eu sinto muito.

Oh, Deus, tocá-lo. Sentir sua pele morna, inalar seu limpo, masculino cheiro.

— Eu sinto muito.

Que porra ele estava fazendo? Cara... muito tarde para responder a isso — ele estava se estendendo mais com sua outra mão e colocando a palma naquele ombro pesado.

— Eu sinto muito.

Oh, Deus, ele estava atraindo Blay para ele, puxando aquele corpo contra o seu próprio. — Eu sinto muito.

Blay estava duro, aquela espinha reta como uma seta, seus braços continuavam ao redor de

sua barriga reta. Mas depois de um momento, quase como se ele estivesse confuso com sua própria reação, o macho começou a se inclinar, aquele peso mudando sutilmente a princípio, então um pouco mais.

Com um rápido movimento, Qhuinn enrolou seus braços ao redor da única pessoa mais importante da sua vida. Não era Layla , embora ele sentisse uma pontada com a negativa. Não era John, ou seu rei. Não eram os Irmãos.

Esse macho era sua razão para tudo.

E mesmo embora o matasse, que Blay estivesse apaixonado por outra pessoa, ele fodidamente tomaria isso. Já fazia tempo desde que ele havia tocado o cara... e nunca assim.

— Eu sinto muito.

Espalmando a parte de trás da cabeça de Blay, ele trouxe o macho mais perto de si, enfiando aquele rosto em seu próprio pescoço. — Eu sinto muito.

Quando Blay permitiu, Qhuinn estremeceu, virando seu próprio rosto para dentro, respirando para dentro completamente, puxando todas as sensações profundamente dentro de seu cérebro, para que ele pudesse se lembrar disso para sempre. E enquanto sua palma esfregava para cima e para baixo, acalmando aquelas costas musculosas, ele fez o que podia para desculpar-se por muito mais do que a infidelidade de seu primo. — Eu sinto muito…

Com uma mudança rápida, Blay sacudiu sua cabeça. Se soltou. Empurrando-se para trás.

Afastando-se.

Os ombros de Qhuinn caíram. — Eu sinto muito.

— Por que você fica dizendo isso?

— Por que....

Naquele momento, quando seus olhos se encontraram, Qhuinn soube que era hora. Ele tinha ferrado muito com Blay; havia sido tantos passos errados e mal entendidos deliberadamente, por tantos anos, tantas negações — tudo de sua parte. Ele fora um maricas[95] por tanto tempo, mas agora tinha acabado.

Quando ele abriu sua boca para falar as três palavras em sua língua, os olhos do Blay se endureceram. — Eu não preciso de sua ajuda, ok? Eu posso tomar conta de mim mesmo.

Batendo. Batendo. Batendo.

Seu coração estava batendo tão alto, que ele imaginou se iria explodir.

— Você vai ficar com ele, — Qhuinn disse dormentemente. —Você vai…

— Você não vai fazer essa merda com Saxton — Nunca mais. Jure.

Mesmo que isso o matasse, Qhuinn não tinha o poder de negar qualquer coisa para o cara. — Ok. — Ele levantou as suas palmas. — Acabou.

Blay assentiu, o acordo selado.

— Eu só quero ajudar você, — Qhuinn disse. — Só isso.

— Você não pode. — Blay apontou.

Deus, mesmo embora eles estivessem se estranhando de novo, ele necessitava mais contato

[95] *no sentido de fugir, esconder, não enfrentar*

— e abruptamente, ele viu o caminho para exatamente isso. Proposta ardilosa, mas pelo menos havia alguma lógica interna nela.

Seus braços se levantaram, suas mãos buscando, encontrando, segurando-se. Os ombros do Blay. O pescoço do Blay.

O sexo urgiu nele, endurecendo seu pau, o fazendo ofegar. — Mas eu posso te ajudar.

— Como?

Qhuinn chegou mais para perto, trazendo sua boca bem no ouvido de Blay. Então ele deliberadamente colocou seu peito nu contra o do Blay. — Me use.

— *O que?*

— Ensine a ele uma lição. — Qhuinn aumentou seu aperto e levantou a cabeça do Blay para trás. — Pague a ele com a mesma moeda do jeito certo. Comigo.

Para fazer as coisas claras como um cristal, Qhuinn estendeu sua língua e a correu para cima, ao lado da garganta de Blay.

O silvo em resposta foi tão alto quanto um xingamento.

Blay bateu com o punho nele, empurrando-o para trás. — Você perdeu a *porra* do seu juízo?

Qhuinn agarrou seu pesado, duro sexo. — Eu quero você. E eu vou aceitar qualquer coisa que eu puder ter de você — mesmo que seja apenas para pagar na mesma moeda para o meu primo.

A expressão de Blay ficou jogando tênis[96] entre completo descrédito e fúria enorme.

— Seu fodido babaca! Você me rejeitou por anos, e então do nada você dá um giro de 180º[97]? Que *porra* está errada com você?

Com sua mão livre, Qhuinn brincou com um de seus anéis de mamilo — e se focou no que estava acontecendo na altura do quadril de Blay: por debaixo daquele robe, o macho ficou completamente ereto, aquele tecido atoalhado não era páreo para aquele tipo de ereção.

— Você está fodidamente louco! Mas que porra!?

Geralmente Blay não xingava ou levantava sua voz. Era erótico vê-lo perder o controle.

Prendendo seus olhos nos do seu amigo, Qhuinn devagar abaixou-se em seus joelhos. — Deixe-me cuidar disso…

— O que?.

Ele se inclinou para frente e agarrou a parte de baixo do robe, puxando-o para si. — Venha aqui. Me deixe te mostrar como eu faço.

Blay agarrou o nó que mantinha as duas metades juntas e as puxou mais apertadas. — O que diabos você está fazendo?

Deus, o fato de que ele estivesse em seus joelhos, implorando, parecia apenas apropriado. — Eu quero estar com você. Eu não dou uma merda no porque — apenas me deixe estar com você…

— Depois de todo esse tempo? O que mudou?.

— Tudo.

---

[96] *Indo de um a outro sem parar, trocando constantemente.*
[97] *muda de ideia e vira o jogo*

— Você está com Layla…

— Não. Eu vou dizer isso quantas vezes mais você precisa ouvir isso — eu *não* estou com ela.

— Ela está grávida.

— Uma vez. Eu estive com ela uma vez, e bem como eu disse a você, foi apenas porque eu quero uma família e ela também. Uma vez, Blay, e nunca mais.

A cabeça de Blay caiu para trás, seus olhos se fechando como se alguém estivesse colocando pregos debaixo de suas unhas. — Não faça isso comigo, pelo amor de Deus, você não pode fazer isso — quando sua voz parou, a angústia era uma visão triste de todos os problemas que Qhuinn havia causado. — Por que agora? Talvez seja você quem queira pagar na mesma moeda para Saxton…

— Foda-se meu primo, isso não tem nada a ver com ele pra mim. Se você estivesse sozinho, eu ainda estaria bem aqui nesse carpete, de joelhos, querendo estar com você. Se você estivesse emparelhado com uma fêmea, se você estivesse namorando com outra pessoa de forma casual e tal, se você estivesse em um milhão de lugares diferentes em sua vida... eu ainda estaria aqui. Implorando a você por algo, qualquer coisa — uma vez, se isso é tudo o que você tem.

Qhuinn alcançou-o de novo, indo para debaixo do robe, massageando uma forte e musculosa perna — e quando Blay deu um passo atrás de novo, ele sabia que estava perdendo a batalha.

Merda, ele ia perder esta chance se ele não…

— Olha, Blay, eu fiz um monte de merda na minha vida, mas eu sempre me mantive na real. Eu quase morri hoje — e isso acorda um macho. Lá em cima, naquele avião, olhando para a noite escura, eu não pensei que eu ia conseguir. Tudo ficou claro pra mim. Eu quero estar com você por causa disso.

Na verdade, ele já sabia desse fato uma porrada de tempo antes que isso, muuuuuuuuito antes da situação do Cessna, mas ele estava desejando uma explicação que fizesse sentido para Blay.

Talvez fizesse. Em resposta, o cara se moveu pés, como se ele estivesse a ponto de aceitar — ou sair. Não tinha como dizer qual era.

Qhuinn se apressou a liberar mais algumas palavras. — Me perdoe por ter desperdiçado tanto tempo — e se você não quer estar comigo, eu entendo, eu vou me afastar — eu vou viver com as consequências. Mas se pelo amor de Deus, se tiver uma chance — por qualquer que seja a razão do seu lado — vingança, curiosidade... inferno, mesmo se você me deixar fodê-lo apenas uma vez e nunca, nunca mais, pelo único motivo de enfiar uma estaca através do coração? Eu aceito isso. Eu aceito... qualquer coisa que você possa me dar.

Ele o alcançou pela terceira vez, serpenteando sua mão ao redor da parte de trás da perna do Blay. Massageando. Implorando. — Eu não me importo com o que vai me custar...

Capítulo 27

Movendo-se em cima de Qhuinn, Blay estava consciente em uma forma sobrenatural de tudo acontecendo à sua volta: sentia a mão de Qhuinn na parte de trás de sua coxa, a maneira que seu robe roçava contra seu tornozelo, o aroma de sexo engrossando o ar.

De tantas maneiras, ele quisera isso por sua vida inteira — ou pelo menos desde quando havia sobrevivido à sua transição e tivera qualquer tipo de impulso sexual. Este momento era a culminação de incontáveis sonhos diários e inúmeras fantasias, seu desejo secreto sendo manifestado.

E era honesto: os olhos díspares de Qhuinn estavam sem sombras — ou dúvidas. O macho não estava apenas falando a verdade honesta de Deus, como se ele soubesse isso em seu coração; ele estava em paz, ficando vulnerável assim.

Blay fechou os seus olhos brevemente. Essa submissão era o oposto de tudo o que definia Qhuinn como macho. Ele nunca se rendia — nem seus princípios, nem suas armas, nunca, nem mesmo a si mesmo. Então de novo, a reviravolta fazia algum tipo de sentido. Encarar a morte provocava uma mudança geral, seguida por um encontro...

O problema era, ele tinha a sensação que não ia durar. Este —milagre— estava sem dúvidas ligado àquele passeio de avião, mas enquanto uma vítima de ataque do coração resumia sua dieta totalmente inadequada logo depois, a — revelação — provavelmente não teria uma vida muito longa. Sim, Qhuinn queria dizer o que ele estava dizendo naquele preciso momento — não havia como duvidar disso. Era difícil de acreditar que era permanente, no entanto.

Qhuinn era quem ele era. E cedo o suficiente, depois que o choque passasse — talvez ao cair da noite, talvez na próxima semana, talvez daqui a um mês — ele voltaria ao seu isolamento, acabariam os favores, voltando a se tornar distante.

Decisão tomada, Blay reabriu suas pálpebras e se inclinou. Quando seus rostos se aproximaram, os lábios de Qhuinn se separaram, o mais cheio, o lábio inferior se franzindo como se ele já estivesse experimentando o gostinho do que ele queria — e gostando.

Porra. O guerreiro era tão magnífico, seu poderoso peito nu brilhando à luz da lâmpada, sua pele carregando um brilho de excitação, seus mamilos perfurados subindo e baixando, dirigidos pela batida de seu sangue quente.

Blay correu sua mão para baixo da linha dos músculos do braço que os ligava, da grossura pesada de seus ombros para a protuberância dos bíceps e pela curva cortada dos tríceps.

Ele removeu a palma de sua coxa.

E deu um passo se afastando.

Qhuinn empalideceu a ponto de ficar cinza.

No silêncio, Blay não disse uma palavra. Ele não podia — sua voz havia ido embora.

Com as pernas cambaleantes, moles, ele se arrastou para a saída, sua mão apalpando ao redor da maçaneta, até que juntou coordenação o suficiente para abrir a saída. Andando para fora, ele não podia ter dito se ele tinha batido a porta ou fechado sem barulho.

Ele não foi muito longe. Nem bem três passos em direção a seu quarto, ele desmoronou de costas contra a parede lisa e fria do corredor.

Ofegando. Ele estava ofegando.

E todo o esforço não estava lhe fazendo bem nenhum. A sufocação em seu peito estava ficando pior, e abruptamente sua visão foi substituída por quadrados preto-e-brancos.

Imaginando que ele estava a ponto de desmaiar, ele se afundou em seus quadris e colocou sua cabeça entre suas pernas. Nos recessos de sua mente, ele orou para que o corredor permanecesse vazio. Isso não era o tipo de coisa que ele queria explicar para alguém: do lado de fora do quarto de Qhuinn, ereção óbvia, corpo tremendo como se ele tivesse seu próprio terremoto acontecendo.

— Jesus Cristo....

Eu quase morri hoje — e isso acorda um macho. Lá em cima, naquele avião, olhando para a noite escura, eu não pensei que eu ia conseguir. Tudo ficou claro pra mim.

— Não, — Blay falou alto. — *Não*....

Colocando sua cabeça em suas mãos, ele tentou respirar calmamente, pensar racionalmente, agir razoavelmente. Ele não podia de dar ao luxo de ir mais profundo nisso...

Aqueles quentes, brilhantes, olhos díspares, tinham aquela coisa de lenda.

— *Não,* — ele silvou.

Quando a sua voz ressoou dentro de seu próprio crânio, ele resolveu ouvir a si mesmo. Não mais. Isso não iria mais longe que isso.

Ele já havia perdido seu coração há muito tempo para aquele macho.

Não existia razão para perder sua alma, também.

Uma hora depois, talvez duas, talvez seis, Qhuinn estava deitado nu entre os lençóis frios, olhando para cima no escuro, para um teto que ele não podia ver.

Era essa horrível, e afiada dor que Blay havia sentido? Tipo, depois daquela confrontação no porão da casa dos pais dele — quando Qhuinn estivera preparado para deixar Caldwell, e deixado claro que não haveria mais ligação entre eles? Ou talvez depois daquela vez que eles se beijaram na clínica, e Qhuinn se recusou a ir mais longe? Ou em seguida aquela colisão final quando eles quase tinham gozado juntos, bem antes do primeiro encontro de Blay e Saxton?

Tão malditamente vazio.

Como esse quarto, realmente: Sem iluminação, e essencialmente vazio, apenas quatro paredes e um teto. Ou um saco de pele e um esqueleto, era isso que era.

Movendo sua mão para cima, ele a colocou em cima de seu coração batendo apenas para se reassegurar que ele ainda tinha um.

Cara, o destino tinha um jeito de ensinar coisas a você que você precisava saber, mesmo se você não estivesse consciente que a lição era necessária até que isso tivesse sido servido a você: ele tinha gastado muito recapitulando em si mesmo e em seu defeito e em seu fracasso para com sua família e sociedade. Ele havia estado em uma enorme fodida bagunça por tanto tempo, e Blay, com quem ele se importava, havia sido sugado para dentro do redemoinho.

Mas quando ele havia ajudado seu melhor amigo? O que ele realmente havia feito pelo

cara?

Blay estivera certo em sair do seu quarto. “Muito pouco, muito tarde”[98], não era esse o ditado? E não era como se Qhuinn estivesse oferecendo qualquer tipo de vencedor. Debaixo da superfície, ele não era mais estável, realmente. Nem mais em paz.

Não, ele merecia isso...

Um feixe de luz amarelo limão, que cortava a visão negra de sua visão, como se a cegueira era tecido e o feixe de luz uma faca afiada.

Uma figura escorregou para dentro de seu quarto silenciosamente, e fechou a porta.

Pelo aroma, ele sabia quem era.

O coração de Qhuinn começou a bater com força quando ele se levantou rapidamente para fora dos travesseiros. — Blay...?

Houve o mais suave dos barulhos, um robe sendo solto dos ombros de um macho alto. E então, momentos depois, o colchão afundou-se quando um grande e vital peso subiu nele.

Qhuinn encontrou-o na escuridão com exatidão infalível, suas mãos encontrando os lados do pescoço de Blay como se elas estivessem sido guiados pela visão.

Nada de falar. Ele estava com medo que palavras pudessem enganá-lo em seu milagre.

Levantando sua boca, ele puxou Blay para baixo, para a sua própria, e quando aqueles lábios de veludo estavam ao seu alcance, ele os beijou com um desespero que era recíproco. Tudo de uma vez, o passado reprimido foi liberado em uma fúria, e quando ele sentiu gosto de sangue, ele não sabia as presas de quem haviam feito isso.

Quem na porra se importava.

Com um empurrão forte, ele deitou Blay e então ele rolou para cima do outro macho, espalhando aquelas coxas e se empurrando dentro delas até que o seu pau duro subiu contra o de Blay...

Os dois gemeram.

Tonto com toda aquela pele nua, Qhuinn começou a bombear seus quadris para cima e para trás, a fricção dos seus sexos e de sua carne quente, aumentando o calor molhado de suas bocas. Excitação, em todos os lugares, rápido, rápido, rápido — puta fodida merda, havia fome demais para fazer qualquer sentido de onde suas mãos estavam, ou o que ele estava esfregando contra, ou — pelo amor da porra, havia muita carne para tocar, muito cabelo para puxar, muito...

Qhuinn gozou com força, suas bolas se apertando, sua ereção batendo entre eles, seu gozo indo para todo lugar.

Isso não o fez diminuir a velocidade, nem o mínimo.

Com um puxão rápido, ele se separou da boca sobre a qual ele poderia passar os próximos cem anos trabalhando, e se empurrou para baixo do peito de Blay. Os músculos que ele se deparou não eram nada como os caras humanos que ele tinha fodido — esse era um vampiro, um guerreiro, um soldado que tinha treinado duramente e trabalhado sua carne em uma condição que não era apenas útil, mas absolutamente mortal. E santo inferno era erótico — mas mais que

[98] *Too little, too late – não havia mais tempo de salvar a situação, ou o que ele tem para oferecer agora não é mais suficiente, ou chegou tarde demais.*

isso, no entanto, esse era Blay; era finalmente, depois de todos aqueles anos...

Blay.

Qhuinn arrastou suas presas para baixo por abdominais que eram firmes como rochas, e o aroma de si mesmo na pele de Blay, era uma marcação que ele sabia havia feito de propósito.

Aquela especiaria escura estava indo para outros lugares, também.

Ele grunhiu quando as suas mãos encontraram o pau do Blay, e quando ele circulou a coluna dura, o cara se arqueou nitidamente, um xingamento cortando através do quarto, do mesmo jeito que a luz havia cortado momentos antes.

Qhuinn lambeu seus lábios, levantou o sexo de Blay, e deixou a cabeça daquele grosso, gordo pau separar sua boca. Sugando para baixo profundamente, ele tomou-o até a sua base, abrindo sua garganta amplamente, engolindo tudo. Em resposta, os quadris do Blay se atiraram para cima, e mãos ásperas morderam em seu cabelo, forçando sua cabeça ainda mais para baixo, até que ele não podia mais conseguir nenhum ar em seus pulmões — e quem na porra precisa de oxigênio, de qualquer maneira?

Colocando suas mãos embaixo da bunda de Blay, ele inclinou aquela pélvis e começou a subir e descer, seu pescoço se tencionando debaixo daquele ritmo punitivo, seus ombros se agrupando e liberando, quando ele seguiu fazendo exatamente o que ele oferecera, antes que Blay saísse.

Ele não iria parar com isso, no entanto.

Não.

Isso era apenas o começo.

Capítulo 28

Enquanto Blay se arqueava contra os travesseiros na cama de Qhuinn, sua cabeça quase se apartava de sua coluna. Tudo estava fora de controle, mas ele não teria retardado as coisas para o mais leve: Com seus quadris bombeando para cima e para baixo, seu pênis estava se empurrando para dentro e sendo sugado pela boca de Qhuinn...

Graças a Deus as luzes estavam apagadas.

As sensações sozinhas eram demais para lidar — adicionando um visual? Ele não seria capaz de...

O orgasmo disparou para fora dele, sua respiração ficando presa, seu corpo todo se contraindo e seu sexo chutando duro. E enquanto ele gozava em grandes espasmos, era ordenhado por aquela boca — e cara, aquela sucção manteve a liberação correndo através dele, grandes ondas de formigamento de prazer varrendo de seu cérebro para suas bolas, seu corpo atingindo um plano diferente de existência completamente...

Sem aviso, ele foi virado com uma mão áspera, seu corpo tratado como se não pesasse uma maldita coisa. Então um braço disparou para baixo de sua pélvis e o levantou, pondo-o de joelhos.

Houve uma breve pausa, durante a qual tudo o que ele ouviu foi a respiração pesada atrás dele, o arfar ficando cada vez mais rápido e mais difícil.

Ele ouviu o orgasmo de Qhuinn e sabia exatamente para o que era aquilo. Embora todo o seu corpo ficasse fraco em antecipação, sabia que tinha que ficar bem e se preparar quando uma mão pesada pousou em seu ombro...

A penetração foi como um ferro em brasa, brutal e quente, indo direto para o seu núcleo. E ele praguejou em um explosivo exalar — não porque doeu, embora o tenha feito no melhor sentido possível. Nem mesmo porque aquilo era algo que ele havia querido para sempre, embora quisesse.

Não, foi porque ele teve a estranha sensação de que estava sendo marcado — e por alguma razão, aquilo o fez...

Um silvo soou em seu ouvido, e em seguida, um par de presas se afundou em seu ombro. O controle de Qhuinn mudou para seus quadris, seu torso se entrelaçando em tantos lugares agora. E então o martelar incessante começou, os molares de Blay batendo juntos, seus braços tendo que segurar os dois corpos para cima, pernas e tronco tensos sob o violento ataque.

Ele teve a sensação que a cabeceira da cama estava batendo contra a parede — e por uma fração de segundo, lembrou que o candelabro na biblioteca ia para frente e para trás, quando Layla havia sido submetida a isso.

Blay amaldiçoou a imagem. Ele não podia se permitir ir para lá; simplesmente não podia. Deus sabia que haveria tempo demais para insistir naquela coisa depois.

O agora? Aquilo era bom demais para desperdiçar.

Enquanto os golpes continuavam, as palmas de suas mãos deslizavam sobre os lençóis de algodão fino, e ele teve que reposicioná-las, empurrando para baixo no colchão macio para tentar manter-se no lugar. Deus, os sons que Qhuinn estava fazendo, o grunhido que reverberava por entre as presas enterradas em seu ombro, o som latejante — sim, aquilo era a cabeceira. Definitivamente.

Com a pressão se construindo novamente em suas bolas, ele foi tentado a se tocar — mas sem esperança para isso, pois precisava de ambos os braços no trabalho...

Como se Qhuinn tivesse lido sua mente, o macho estendeu a mão e o agarrou.

Não foram necessários movimentos. Blay gozou tão forte que sua visão se tornou pequenas estrelas cintilantes, e naquele mesmo instante, Qhuinn começou a atingir o seu clímax também, aqueles quadris lancearam em seu interior e congelaram por uma fração de segundo antes de ele se retirar uns centímetros e voltar fundo para outra explosão de impulsos. E sim, uau, a combinação de ambos, fazendo essa coisa entre eles era tão erótica, aquilo foi simplesmente superior a tudo novamente: e não houve intervalo para a recuperação, nada de pausa. Qhuinn simplesmente retomou os impulsos — se possível, era como se a liberação tivesse deixado sua necessidade mais forte.

Enquanto o sexo se enfurecia — e apesar de toda a força que ele tinha na parte superior de seu corpo, Blay acabou sendo fodido completamente fora da cama, com uma mão agarrada à mesa lateral para impedi-lo de bater na parede...

Estrondo.

—Merda.— Ele disse rudemente. —A lâmpada...

Qhuinn não estava interessado em artigos de decoração, aparentemente. O macho simplesmente puxou a cabeça de Blay de volta e começou a beijá-lo, aquela língua perfurada penetrando sua boca, lambendo e sugando... como se ele não conseguisse o suficiente.

Tontura. Ele ficou completamente tonto com aquilo tudo. Em cada fantasia que já teve, sempre imaginou Qhuinn como um amante feroz, mas isso estava... em outro nível.

De modo que foi à distância que ele se ouviu dizer em voz gutural, —Morda-me... de novo.

Um grande grunhido vindo de cima se enfiou em seus ouvidos, e depois outro silvo rasgou a escuridão, enquanto Qhuinn mudava as posições, seu sólido peso girando para que os dentes afiados pudessem se afundar profundamente na lateral de sua garganta.

Blay praguejou e limpou o resto de tudo que estava sobre a mesa, seu peito tomando o lugar dos objetos, sua pele com camadas de suor rangendo sobre o verniz, enquanto ele estava metade deitado de lado. Jogando uma mão, ele se agarrou ao nível plano do piso e se empurrou de volta, mantendo-os estáveis enquanto Qhuinn se alimentava e o fodia tão bem...

Muitas vezes para contar, até que os travesseiros foram para o chão, os lençóis rasgados, outra lâmpada foi derrubada — e ele não tinha certeza, mas achou que eles derrubaram o quadro da parede acima da cama.

Quando a quietude finalmente substituiu toda a tensão e esforço, Blay respirava pesadamente, e ainda sentia como se estivesse debaixo d'água.

Qhuinn estava fazendo o mesmo.

A crescente mancha úmida na garganta de Blay, sugeria que as coisas tinham ficado tão fora de controle que não havia vedação para a veia que tinha sido tomada. Que seja. Ele não se importava, não podia pensar, não ia se preocupar. Estava em êxtase, flutuando em um estado que era glorioso demais para estragar, seu corpo de uma só vez hipersensível e dormente, quente e ameno, dolorido e saciado.

Cara, os lençóis iam precisar ser limpos. E Fritz, sem dúvida, ia ter que encontrar um pouco de Super Cola para as lâmpadas.

Onde exatamente ele estava?

Colocando a mão para fora, ele tateou em volta e disparou para o carpete e plissados de tecido... e um baú de cobertores. Oh, certo — pendurado na extremidade da cama. O que explicaria a pressão na cabeça que ele estava balançando.

Quando Qhuinn finalmente se liberou dele, Blay quis segui-lo, mas seu corpo estava de longe muito interessado em ser um objeto inanimado. Ou mais como uma peça de pano, talvez...

Mãos gentis o levantaram e cuidadosa e cautelosamente, o rolaram de costas. Houve outro movimento e então ele se sentiu reposicionado contra os travesseiros que tinham sido retornados ao seu local correto. Finalmente, um leve cobertor foi colocado pela metade sobre seu corpo, como se Qhuinn soubesse que ele estava simplesmente quente demais para ter mais cobertura, e ainda assim já sentindo o frio enquanto o suor que o cobria já começava a secar.

Seu cabelo foi arrumado para trás, tirado de sua testa, e então sua cabeça foi colocada de lado. Lábios sedosos beijaram a coluna de seu pescoço, e em seguida, longas e lentas lambidas selaram as feridas que ele pediu e que lhe foram dadas.

Quando aquilo terminou, ele permitiu que sua cabeça retornasse em direção à Qhuinn. Embora estivesse escuro como breu, ele sabia exatamente como o rosto que olhava para o seu se parecia — rubor nas bochechas, pálpebras semicerradas, lábios vermelhos...

O beijo pressionado contra sua própria boca foi reverente, o contato não mais pesado do que o ar cálido e tranquilo no quarto. Foi o beijo do amante consumado, o tipo de coisa que ele queria mais do que o sexo quente que eles acabaram de ter...

Pânico o atingiu no centro de seu peito e ressoou para o seu exterior num piscar de olhos.

Suas mãos dispararam por sua própria vontade, empurrando Qhuinn para longe.

—Não me toque. Não me toque assim — nunca.— Ele saltou para fora da cama e aterrissou só Deus sabia aonde no quarto. Tateando ao redor, ele bateu em várias peças da mobília, mas depois foi capaz de se orientar pela linha fina de luz que brilhava sob o caminho da saída.

Agarrando seu roupão do chão, ele não olhou para trás enquanto ia embora. Não podia suportar ver a consequência daquilo em qualquer tipo de luz.

Isso tornava tudo muito real.

Finalmente, Qhuinn teve vontade de acender as luzes de seu quarto, pois não poderia ficar na escuridão por mais tempo.

Quando a iluminação inundou o espaço, ele piscou forte e teve que levantar os braços para proteger os olhos. Depois que as coisas se reajustaram em sua retina, ele olhou em volta.

Caos. Caos total.

Então tudo aquilo tinha realmente acontecido, huh. E o irônico é que o interior de sua cabeça fez aquela maldita bagunça lhe parecer ordem militar em comparação.

Não me toque assim.

Ah, inferno, ele pensou enquanto esfregava o rosto. Não podia culpar o cara.

Por um lado, ele tinha mostrado tanto requinte quanto um trator. Um demolidor. Um tanque armado. O problema era que tudo havia sido demais para mostrar qualquer paciência: Instinto, tão puro quanto química e justamente inflamável, o acendera — e a sessão havia sido bastante intensa.

Oh, Deus, ele marcara o cara.

Foda! Isso não era exatamente bom, considerando que Blay já estava apaixonado e em um relacionamento... e ia voltar para a cama do seu amante.

Novamente, quando um macho estava com a única pessoa que ele queria, especialmente se esta fosse a primeira vez, era isso o que acontecia. Aquela coisa irresponsável.

Desnecessário dizer que tinha sido o melhor sexo de sua vida, o primeiro apropriado após uma longa história de muitos que nem mesmo foram íntimos. A coisa era que, no final, ele queria

que Blay soubesse disso, esteve procurando por palavras e contando com o toque, a fim de abrir o caminho para a confissão.

Mas ficou claro que o macho não queria ficar tão íntimo assim. O que o deteve em segundos, mesmo com o mais profundo arrependimento.

Sexo por vingança não tinha a ver com atração: era sobre a utilidade. E Blay o usara, assim como ele pediu para ser usado.

Aquele sentimento de vazio voltou dez vezes mais. Cem vezes mais.

Incapaz de suportar a emoção, ele disparou para se levantar, e teve que praguejar: o notável enrijecimento na parte inferior de suas costas, tinha tudo a ver com a porra do acidente de avião, e nada a ver com a compressão que ele acabou de passar na última hora... ou mais... movendo-se.

Merda!

Indo para o banho, ele deixou as luzes apagadas, mas isso foi mais do que suficiente para passar pelo quarto enquanto como ele ligava o chuveiro. Desta vez, esperou que a água ficasse morna — seu corpo não estava a fim de outro choque.

Era tão patético, mas a última coisa que ele queria, era lavar o cheiro de Blay de sua pele, mas ele estava sendo levado à loucura por isso. Deus, isso devia ser o que os *hellrens* na casa sentiam quando eles ficavam tão possessivos: ele estava quase para disparar pelo corredor, irromper no quarto de Blay e empurrar Saxton do caminho. Para falar a verdade, ele teria adorado que seu primo visse, só assim o cara sabia que...

Para cortar aquela verdadeira série de pensamentos pirados, ele entrou no boxe e pegou o sabonete.

Blay estava em um relacionamento, ele apontou para si mesmo — de novo.

O sexo que eles acabaram de ter *não* teve nada a haver com envolvimento emocional. Então ele estava, nesse momento de vazio, sendo chutado na canela por sua própria história.

Pareceu-lhe que este foi mais um caso que o destino lhe deu, que ele mereceu.

Enquanto ele se lavava, o sabonete não era nem a metade tão macio quanto a pele de Blay, e nem cheirava um quarto de tão bem. A água não era tão quente como o sangue do guerreiro era, e o xampu não era tão suave. Nada chegava tão perto.

Nada jamais o faria.

Quando virou o rosto para o jato e abriu a boca, ele se encontrou rezando para que Saxton errasse o caminho de novo, mesmo que essa fosse uma coisa desprezível para se esperar.

O problema era que ele tinha uma horrível sensação de que outro caso de infidelidade seria a única maneira que Blay viria até ele novamente.

Fechando os olhos, ele voltou para o momento em que beijou Blay no final... realmente, verdadeiramente o beijou, suas bocas se encontrando gentilmente na quietude, após a tempestade. Enquanto sua mente reescrevia o roteiro, ele não foi empurrado para o lado mais distante de um limite que ele mesmo tinha criado. Não, em sua imaginação, as coisas terminaram como deveriam, com ele acariciando o rosto de Blay e dispondo as luzes acesas para que pudessem olhar um para o outro.

Em sua fantasia, ele beijou seu melhor amigo novamente, recuou e...

—Eu amo você,— ele disse para o jato do chuveiro. —Eu... amo você.

Enquanto fechava os olhos contra a dor, era difícil saber quanto do que escorria pelo seu rosto era água, e quanto era outra coisa.

Capítulo 29

No dia seguinte, no final da tarde, a visitante de Assail voltou.

Enquanto o sol se punha e o último dos raios obscuros e rosados perfurava pela floresta, ele a viu em seu monitor quando uma figura solitária em esquis *cross-country* estava entre as árvores, bastões se equilibrando contra os quadris, binóculos sobre o rosto.

Ou os quadris *dela*, e o rosto dela, como aquilo era.

A boa notícia era que suas câmeras de segurança não somente tinham um zoom fantástico, mas seu foco e linha de visão eram facilmente manipulados pelo controle do computador.

Então ele ficou mais tenso.

Quando a mulher deixou cair os binóculos, ele mediu os individuais cílios ao redor de seus olhos escuros e calculistas, o tom vermelho para as bochechas de finos poros, e o ritmo constante que batia na artéria pulsando acima de sua mandíbula.

O aviso que ele dera para Benloise fora recebido. E ainda assim, ali estava ela de novo. Estava claro que ela estava ligada de alguma maneira com o atacadista de drogas — e na noite anterior ela havia ficado aparentemente irritada com Benloise, dada a forma em que avançou da parte de trás da galeria, parecendo como se alguém a tivesse insultado.

E mesmo assim, Assail não a havia visto antes, e isso era estranho. Durante um ano, mais ou menos, ele se familiariza com cada um-e-todos na operação de Benloise, desde o incalculável número de guarda-costas, à equipe irrelevante da galeria, aos importadores sagazes, ao irmão de carne e osso do homem que supervisionava as finanças.

Assim, ele só poderia supor que ela era uma empresa independente, contratada para um propósito específico.

Exceto, por que ela ainda estava em sua propriedade?

Ele verificou a leitura digital no canto inferior direito da tela. Quatro e trinta e sete. Normalmente e dificilmente um tempo para se alegrar, pois ainda era muito cedo para ir lá fora. Mas o horário de verão havia contribuído, e aquela invenção humana para manipular o sol, realmente trabalhava ao seu favor seis meses do ano.

Ia ficar um pouco quente lá fora, mas ele iria lidar com isso. Assail se vestiu rapidamente, puxando um terno Gucci, juntamente com uma camisa de seda branca, e arrastando o casaco, o

sobretudo de pelo de camelo. Seu par de Smith & Wesson.40[99] eram os acessórios perfeitos, é claro.

Cinza-escuro foi sempre o novo preto.

Pegando seu iPhone, ele franziu o cenho quando tocou a tela. Tinha recebido uma chamada de Rehvenge, junto com uma mensagem.

Saindo apressado de seu quarto, ele convocou o *leahdyre* do correio de voz do Conselho e o ouviu no caminho do andar de baixo.

A voz do macho não era nada sobre besteiras, e alguém tinha que respeitar isso: —Assail, você sabe quem é. Eu estou chamando uma reunião do Conselho, e não quero apenas um *quorum*, mas um perfeito comparecimento — o rei vai estar lá, assim como a Irmandade. Como o mais velho macho sobrevivente de sua linhagem, você tem estado no plantel do Conselho, mas registrado como inativo porque estava no Velho Continente. Agora que você está de volta, é hora de começar a ir nesses pequenos e felizes encontros. Ligue-me com a sua agenda, para que eu possa trabalhar um tempo e um local para todos.

Chegando a um impasse diante da porta de aço que bloqueava a parte inferior das escadas, ele pôs o telefone em um de seus bolsos internos, ele destravou a tranca e deslizou pela passagem aberta.

O primeiro andar estava escuro por causa das persianas que bloqueavam toda a luz, e o enorme espaço aberto da sala de estar, parecia como uma taverna na terra, em vez de uma gaiola de vidro situada às margens de um rio.

Da direção da cozinha, ouviu o chiado e o cheiro de bacon.

Caminhando para a direção oposta, ele foi para até o escritório de painéis de nogueira trabalhada, que havia dado para seus primos usarem, e entrou em seu cubículo para charutos de seis metros quadrados. No interior, o ar temperado, que era mantido em precisos vinte e um graus Celsius, e uma umidade de exatamente sessenta e nove por cento, estava perfumado com o tabaco das dúzias e dúzias de caixas de charutos. Após a devida consideração da sua formação, ele pegou três Cubanos.

Os Cubanos eram os melhores, afinal de contas.

E foi outra coisa que Benloise lhe forneceu — por um preço. Selando sua preciosa coleção, ele ressurgiu na sala de estar. O chiado havia parado, e os sons sutis da prata chinesa substituíram o silvo. Quando ele entrou na cozinha, seus dois primos estavam sentados nos bancos do balcão de granito, e ambos comiam precisamente no mesmo ritmo, como se houvesse alguma batida que não era ouvida por outros, que regulamentava seus movimentos.

Os dois olharam para ele com o mesmo ângulo de suas cabeças.

— Estou saindo para a noite. Vocês sabem como me alcançar. — Ele disse.

Ehric limpou a boca. — Rastreei três daqueles traficantes desaparecidos — eles já estão de volta à ação, prontos para se moverem. Eu vou fazer uma entrega à meia noite.

---

[99] *Marca de armas, pistolas e rifles.*

— Bom, muito bom. — Assail rapidamente verificou suas armas. — Tente descobrir onde eles estavam, ok?

— Como você quiser. — O par inclinou suas cabeças em um pequeno aceno conjunto, e depois voltou para seu café da manhã.

Sem comida para ele. Passando pela cafeteira, ele pegou um frasco de cor âmbar e abriu a tampa. Esta tinha uma pequena colher de prata anexada à ela, e a coisa fez um tinido quando ele a encheu com cocaína. Uma batida por narina.

Acorda-Acorda.

Levou o resto com ele, colocando-o no mesmo bolso de seus charutos. Tinha se passado um tempo desde que ele se alimentou e estava começando a sentir os efeitos, seu corpo estava lento, sua mente propensa a uma confusão que lhe era desconhecida.

A desvantagem para o Novo Mundo? Mais difícil de encontrar fêmeas. Felizmente, a cocaína intacta era um bom substituto, pelo menos por enquanto.

Deslizando um par de óculos de sol de lentes quase opacas, ele atravessou o vestíbulo e se preparou na porta de trás.

Empurrando a coisa até abri-la.

Assail recuou e gemeu ante o ataque, seu peso oscilando em seus sapatos mocassins: Apesar do fato de que noventa e nove por cento de sua pele estivesse coberta por várias camadas de roupa, e mesmo com os óculos escuros, a luz fraca no céu foi o suficiente para fazê-lo cambalear.

Mas não havia tempo para ceder à biologia.

Forçando-se a se desmaterializar para a floresta atrás de sua casa, ele se fixou em rastrear a mulher na escuridão. Foi fácil o bastante localizá-la. Ela estava no local de recuo, movendo-se com velocidade sobre os esquis cross-country, deslizando por seu caminho através dos ramos dos pinheiros macios e das árvores de carvalhos esqueléticos. Extrapolando da sua trajetória, e aplicando a mesma lógica interna que ela havia demonstrado nas fitas de segurança na manhã do dia anterior, ele logo estava à sua frente, antecipando exatamente onde ela estar..

Ah! sim. O Audi preto da galeria. Estacionado ao lado da estrada arada a cerca de três quilômetros da propriedade dele.

Assail estava encostado na porta do lado do motorista fumando um Cubano quando ela saiu da linha as árvores.

Ela parou imóvel nas faixas duplas que havia feito, com os bastões em ângulos largos. Ele sorriu para ela enquanto soltava uma nuvem de fumaça no crepúsculo.

— Noite agradável para exercícios. Apreciando a vista — da minha casa?

Sua respiração estava rápida pelo esforço, mas não por nenhum medo que ele conseguisse sentir — o que era um tesão.

— Eu não sei do que você está falando...

Ele cortou a mentira. — Bem, eu posso dizer-lhe que, no momento, estou apreciando a minha visão.

Quando os olhos dele foram deliberadamente para suas pernas longas e atléticas naquelas calças justas de esquis, ela o olhou. — Acho difícil de acreditar que você veja alguma coisa com esses óculos.

— Meus olhos são muito sensíveis à luz.

Ela franziu a testa e olhou em volta. — Quase não há nenhuma no céu.

— Há o suficiente para vê-la. — Ele deu outra baforada. — Gostaria de saber o que eu disse para Benloise à noite passada?

— Quem?

Agora ela o irritou, e ele afiou a voz. — Um pequeno conselho. Não brinque comigo. — Isso vai matá-la mais rápido do que qualquer invasão.

A fria perspicácia estreitou o olhar dela. — Eu não estava ciente de que crimes contra a propriedade carregavam uma pena capital.

— Para mim, há uma lista de coisas que têm repercussões mortais.

Ela inclinou o queixo para cima. — Muito bem! Você não é perigoso.

Como se ele fosse um gatinho arranhando com correntes e assoviando.

Assail se moveu tão rápido, que ele sabia muito bem que os olhos dela não eram capazes de rastreá-lo — num momento ele estava a metros de distância, e no próximo estava de pé sobre as pontas de seus esquis, prendendo-a no lugar.

A mulher gritou alarmada e tentou pular para trás, mas é claro, seus pés estavam presos em suas restrições. Para impedi-la de cair, ele agarrou seu braço com a mão que não estava segurando o charuto.

Agora o sangue dela disparou de medo, e enquanto inalava o cheiro, ele enrijeceu. Empurrando-a para frente, ele olhou para ela, traçando seu rosto.

— Tenha cuidado. — Ele disse em voz baixa. — Eu me ofendo muito facilmente, e meu temperamento não é facilmente acalmado.

Embora ele pudesse pensar em pelo menos uma coisa que ela poderia lhe dar que poderia acalmá-lo. Inclinando-se, ele respirou fundo. Deus, ele amava aquele cheiro dela.

Mas agora não era o momento de se distrair com tudo isso. — Eu disse à Benloise para mandar as pessoas à minha casa por seu próprio risco — e delas. Fico surpreso que ele não a tenha informado dos, digamos, limites tão claros da propriedade.

Pelo canto do olho, ele captou um gesto sutil no ombro dela. Ela ia pegar uma arma com a mão direita.

Assail pôs o charuto entre os dentes e pegou o pulso fino. Aplicando pressão, e parando apenas quando a dor aprofundou o fôlego dela, ele inclinou seu corpo para trás, de modo que ela ficou completa e totalmente consciente do poder que ele tinha — sobre o mesmo; sobre ela. Sobre tudo.

E foi aí quando a excitação aconteceu para a mulher.

Havia se passado muito tempo, talvez tempo demais, desde que Sola quis um homem. Não que ela nãos os achasse desejáveis como uma regra, ou que não houvesse ofertas para encontros horizontais de membros do sexo oposto, mas nada parecia valer o agravamento. E talvez porque, depois de um relacionamento que não dava certo, ela regredia à sua rigorosa criação brasileira — o que era irônico, considerando o que ela fazia para ganhar a vida.

Este homem, no entanto, chamou a sua atenção. Em grande forma.

O aperto em seu braço e pulso não era nada educado, e mais do que isso, não havia sido lhe dado nem um quarto, porque ela era uma mulher, as mãos dele apertando a tal ponto que a dor canalizava para o seu coração, fazendo-o martelar. Da mesma forma, o ângulo que ele a forçou para trás estava testando os limites da capacidade de sua coluna vertebral, e suas coxas estavam queimando.

Ficar excitada era... uma negligência rude de auto-preservação. Na verdade, olhando para aqueles óculos escuros, ela estava ciente de que ele podia matá-la ali. Arrancar seu pescoço. Quebrar seus braços apenas para vê-la gritando antes de sufocá-la na neve. Ou talvez nocauteá-la e jogá-la no rio.

O forte sotaque da sua avó veio na mente dela: *por que você não pode conhecer um bom rapaz? Um rapaz católico de uma família que nós conhecemos? Marisol você parte o meu coração com isso.*

— Eu só posso supor, — aquela voz sinistra sussurrou com um sotaque e uma imposição com os quais ela não estava familiarizada. — Que a mensagem não foi passada para você. Está correto? Benloise simplesmente não conseguiu transmitir a você a informação — e é por isso que, depois que eu expressamente indiquei minhas intenções, você ainda apareceu para olhar a minha casa? Eu acho que foi isso o que aconteceu — talvez um correio de voz que ainda tem que ser recebido, ou uma mensagem de texto — ou um e-mail. Sim, acredito que a comunicação de Benloise se perdeu. Não é mesmo?

A pressão sobre ela foi intensificada, o que sugeria que ele tinha força de sobra — o que era uma perspectiva assustadora, para dizer o mínimo.

— Não é verdade. — Ele rosnou.

— Sim, — ela falou arrastado. — Sim. Isso mesmo.

— Então, eu posso esperar não encontrá-la mais por aqui com seus esquis, não é mesmo?

Ele a puxou de novo, a dor fazendo seus olhos se revirarem um pouco. — Sim, — ela engasgou.

O homem cedeu o suficiente para que ela pudesse respirar um pouco. Então ele continuou falando, com aquela voz estranhamente sedutora. — Agora, há algo que eu preciso antes de deixá-la ir. Você vai me dizer o que sabe sobre mim — tudo.

Sola franziu o cenho, pensando que aquilo era bobagem. Sem dúvida, um homem como aquele estaria bem ciente de qualquer informação que um terceiro pudesse adquirir sobre ele.

Então aquilo era um teste.

Dado que ela queria muito ver sua avó novamente, Sola disse, — Eu não sei o seu nome, mas posso adivinhar o que você faz, e também o que você fez.

— E o que é?

— Acho que você é o único que tem ido à caça de todos aqueles traficantes de centavos na cidade, para garantir território e controle.

— Os jornais e os noticiários reportaram ter marcas de suicídios. — Ela simplesmente continuou, pois não havia, afinal de contas, razão para discutir. — Sei que você mora sozinho, tanto quanto eu posso dizer — e que a sua casa é equipada com alguns tratamentos muito estranhos nas janelas. Camuflagem projetada para aparecer como o interior da casa, mas... elas são algo mais acima e além disso. Eu só não sei o que é.

Aquele rosto acima do dela continuou impassível. Calmo. Em paz. Como se ele não estivesse forçando-a no lugar — ou ameaçando-a de lesão corporal. O controle era... erótico.

— E? — ele solicitou.

— É isso. — Ele inalou sobre o charuto na boca, o círculo de volume alaranjado no final brilhando mais intensamente.

— Eu vou deixar você ir apenas uma vez. Você entendeu?

— Sim.

Ele se moveu tão rapidamente que ela teve que balançar os braços para recuperar o equilíbrio sozinha, enfiando os bastões na neve. Espere, onde ele...

O homem apareceu logo atrás dela, com os pés plantados de cada lado das trilhas que seus esquis tinham feito, uma barricada física para o atalho que ela tinha tomado para a casa dele. Enquanto seu bíceps esquerdo e pulso direito queimavam pelo sangue que estava retornando para as áreas que foram apertadas, um formigamento de aviso atravessou a sua nuca.

Saia daqui, Sola, ela disse a si mesma. *Agora.*

Recusando-se a correr o risco de outra captura, ela disparou adiante para a estrada arada, os fundos encerados e raspados de seus esquis, lutando para subornar a compacta neve derretida.

Quando ela se foi, ele a seguiu, caminhando devagar, inexoravelmente, como um grande gato que estava rastreando a presa, e satisfeito apenas por brincar com ela — por agora.

As mãos delas tremiam enquanto ela usava as pontas de seus bastões para saltar as restrições, e ela lutou para colocar os esquis de volta no bagageiro de seu carro. O tempo todo, ele ficou parado no meio da estrada e olhou para ela, a fumaça de seu charuto vagando sobre seu ombro nas correntes de ar frio que canalizavam para o rio.

Entrando em seu carro, ela trancou as portas, ligou o motor e olhou pelo espelho retrovisor. Pelo brilho das luzes do freio, ele lhe pareceu francamente malvado, um homem alto, de cabelo preto e um rosto tão bonito como um príncipe, e tão cruel quanto uma lâmina.

Batendo no acelerador, e depois fugindo, o sistema de direção do carro disparando e dando-lhe a tração que ela precisava. Olhou pelo retrovisor novamente. Ele ainda estava lá...

O pé de Sola transferiu-se para o freio e quase deu um golpe para baixo.

Ele se foi.

Claro, como se tivesse desaparecido no ar. Num momento estava em sua visão, no outro, invisível.

Sacudindo-se, ela apertou o acelerador novamente e fez o sinal da cruz sobre o coração batendo forte.

Com um pânico louco, ela se perguntou, O que diabos ele era?

Capítulo 30

No mesmo instante que as persianas estavam sendo levantadas por causa da noite, Layla ouviu uma batida em sua porta—e antes mesmo de o cheiro entrasse através dos painéis, ela já sabia quem viera vê-la.

Inconscientemente, levou sua mão ao seu cabelo—e descobriu que estava bagunçado, emaranhado por ela tê-lo jogado e virado o dia todo. Pior, ela ainda não havia se incomodado em tirar as roupas para andar na rua, que ela colocara para ir até a clínica.

Apesar disso, ela não podia impedi—lo de entrar.

—Entre, —ela gritou, sentando-se um pouco mais ereta, e endireitando os cobertores que ela tinha puxado por sobre o peito.

Qhuinn estava vestido com roupas de luta, que ela a levou a pensar que ele estava no rodízio para a noite—ou talvez não. Ela não estava a par da escala.

Quando seus olhares se encontraram, ela franziu a testa. —Você não me parece bem.

Ele levou a mão até a bandagem sobre sua sobrancelha. —Oh, isso? É apenas um arranhão.

Só que não foi o ferimento que atraíra sua atenção. Era sua palidez, e as cavidades sombrias sob as maçãs do rosto.

Ele parou. Farejou o ar. Empalideceu.

Imediatamente, ela olhou para suas mãos, mais uma vez retorcendo as mãos. — Por favor, feche a porta, — disse ela.

—O que está acontecendo?

Quando a coisa foi fechada como ela pediu, ela respirou profundamente. —Eu fui até Havers na noite passada...

—*O que.*

—Eu tenho estado sangrando...

—Sangrando! —Ele correu para a frente, quase tropeçando na cama. — Por que no *inferno* você não me disse?

Querida Virgem Escriba, era impossível para ela não se acovardar, frente à fúria do rosto dele—na verdade, ela estava sem forças nenhuma no momento, e sem capacidade para reunir qualquer sentimento de auto-preservação.

Instantaneamente, Qhuinn empurrou de volta sua raiva, o macho se afastou e andava em um círculo apertado. Quando ele a encarou novamente, ele disse de maneira brusca, —Eu sinto muito. Eu não tive intenção de gritar — estou apenas... estou preocupado com você.

—Eu sinto muito. E eu deveria ter te dito... mas você estava fora lutando, e eu não queria incomodá-lo. Eu não sei... honestamente, eu provavelmente não estava pensando direito. Eu estava desesperada.

Qhuinn sentou-se ao lado dela, os ombros enormes se enrolando, enquanto ele entrelaçava os dedos e colocava os cotovelos sobre os joelhos.— Então, o que está acontecendo?

Tudo o que ela podia fazer era encolher os ombros. —Bem, como você pode perceber... estou sangrando.

—Quanto?

Ela pensou sobre o que a enfermeira havia lhe dito. — O suficiente.

—Há quanto tempo?

—Começou mais ou menos 24 horas atrás. Que eu não quis ir até a Dra. Jane, porque eu não tinha certeza o quão privado ficaria—e também, ela não tem muita experiência com a gravidez em nossa espécie.

—O que Havers disse?

Agora era ela quem estava franzindo a testa. —Ele se recusou a me dizer.

Qhuinn girou rapidamente a cabeça. — Como?

—Por causa do meu status de Escolhida, ele vai falar apenas com o Primale.

—Você tá de sacanagem comigo.

Ela balançou a cabeça. —Não. Nem eu não podia acreditar nisso — e eu estou com tanto medo de ter saído de lá em circunstâncias não ideais. Ele me reduziu a um objeto, como se eu não merecesse nenhuma consideração... nada além de um receptáculo...

—Você sabe que não é verdade. — Qhuinn tomou sua mão, seus olhos díspares queimando. —Não para mim. Nunca para mim.

Ela estendeu a mão e tocou seu ombro. — Eu sei, mas obrigada por dizer isso. — Ela estremeceu,— Eu preciso ouvir isso agora. E, com o que está acontecendo... comigo... a enfermeira disse que não há nada que alguém possa fazer para impedir isso.

Qhuinn olhou para o tapete e ficou assim por um longo tempo. — Eu não entendo. Não era para ser assim.

Engolindo aquela sensação horrível de fracasso, ela se sentou e acariciou as costas dele. —Eu sei que você queria isso tanto quanto eu.

—Você não pode perdê-lo. Isso não é possível.

—Pelo o que eu entendi, as estatísticas não são boas. Não no começo... e não no final.

—Não, isso não é certo. Eu a... vi.

Layla limpou a garganta. —Os sonhos nem sempre se tornam realidade, Qhuinn.

Parecia uma coisa tão simplista para dizer. Tão óbvio também. Mas doía até a alma.

—Não foi um sonho, — disse ele sem rodeios. Mas então ele se sacudiu, e olhou para ela de novo. —Como você está se sentindo? Dói?

Quando ela não respondeu imediatamente, porque ela não queria mentir para ele sobre as cólicas, ele ficou em pé. —Eu vou atrás da Dra. Jane.

Ela agarrou sua mão, segurando-o no lugar. —Espere. Pense sobre isso. Se eu estou perdendo a... criança... — Ela fez uma pausa para reunir um pouco de força, depois de ter colocado isso em palavras. —Não há nenhuma razão para dizer isso a alguém. Ninguém precisa saber. Nós podemos apenas deixar a natureza... — Sua voz falhou nesse ponto, mas ela se forçou a ir em frente, — Tomar seu curso.

—Para o inferno com isso. Eu não vou colocar em risco sua vida apenas para evitar um confronto.

—Isso não vai parar o aborto, Qhuinn.

—O aborto não é a única coisa com a qual estou preocupado. — Ele apertou a mão dela. — Você é importante. Então vou atrás da Dra. Jane agora.

Sim, foda-se manter a merda quieta, Qhuinn pensou enquanto se dirigia para a porta.

Ele ouvira histórias sobre fêmeas que morreram de hemorragia enquanto abortavam — e embora ele não estivesse disposto a compartilhar nenhuma dessas coisas com Layla, ele iria agir sobre isso.

—Qhuinn. Pare, — Layla chamou. — Pense sobre o que você está fazendo.

—Eu estou pensando. E claramente. — Ele não esperou por mais nenhum argumento.— Você fica lá.

—Qhuinn...

Ele ainda podia ouvir a voz dela quando fechou a porta e saiu correndo, indo pelo corredor curto e descendo a escadas. Com alguma sorte, Dra. Jane ainda estava tomando sua Última Refeição com seu *hellren* — os dois tinham estado à mesa quando ele tinha subido para verificar Layla.

Assim que ele chegou ao vestíbulo, seus Nikes[100] chiaram por sobre o piso de mosaico, enquanto saltava para a sala de jantar.

Vendo a médica ali mesmo onde estava era um golpe de sorte, e seu primeiro instinto foi chamar o nome dela. Exceto que em seguida, ele percebeu que havia um número de irmãos à mesa, comendo sobremesa.

Merda. Era fácil para ele dizer que lidaria com as consequências, se o que eles fizeram fosse transmitido na TV em horário nobre. Mas Layla? Como uma Escolhida sagrada, ela tinha muito mais a perder do que ele. Phury era um cara muito justo, então havia uma boa chance de que ele lidasse bem com isso. O resto da sociedade?

Ele já esteve lá / feito isso, e previa o que aconteceria e ele não queria isso para ela.

Qhuinn correu ao redor de onde V e Jane estavam relaxados e descontraídos, o Irmão fumando um cigarro enrolado à mão, a médica fantasma sorrindo para seu companheiro enquanto ele dizia uma piada.

No instante em que a boa médica olhou para ele, sentou-se reta.

---

[100] *Marca famosa de tênis.*

Qhuinn abaixou-se e sussurrou no ouvido dela.

Nem mesmo um segundo depois, ela estava em pé. —Tenho que ir, Vishous.

Os olhos de diamantinos do Irmão se levantaram. Aparentemente, um olhar para o rosto de Qhuinn foi o suficiente: ele não fez nenhuma pergunta, apenas assentiu uma vez.

Qhuinn e a médica saíram correndo juntos.

Para crédito infinito da Dra. Jane, ela não perdeu tempo com qualquer como-essa-gravidez-aconteceu. —Há quanto tempo ela está sangrando?

—Vinte e quatro horas.

—Muito?

—Eu não sei.

—Algum outros sintomas? Febre? Náuseas? Dores de cabeça?

—Eu não sei.

Ela o parou quando chegaram à grande escadaria. —Vá para o Pit. Minha bolsa está no balcão ao lado da bacia de maçãs.

—Entendido.

Qhuinn nunca correra tão rápido em sua vida. Pra fora do vestíbulo. Cruzou pátio na neve. Inserindo o código no Pit. Correndo para dentro do lugar de V e Butch.

Normalmente, ele nunca teria entrado sem bater—inferno, sem uma reunião pre-arranjada. Foda-se essa noite, no entanto...

Ah, bom, a bolsa preta estava perto das Fujis[101].

Agarrando a coisa, ele saiu correndo, disparou de volta passando pelos carros estacionados, e batendo seus pés[102] enquanto esperava por Fritz para abrir a porta para a mansão.

Ele quase atropelou o *doggen.*

Assim que ele chegou no segundo andar, ele passou como um raio pelas portas abertas do estúdio de Wrath e invadiu o quarto de hóspedes que Layla estava usando. Fechando a porta, ele ofegou em seu caminho até a cama, onde a boa doutora estava sentada onde ele estivera.

Deus, Layla estava branca como um lençol. Então, novamente, o medo e a perda de sangue faria isso com uma fêmea.

Dra. Jane estava no meio de uma frase, quando o ela tomou a bolsa dele. —Eu acho que eu deveria começar tomando seus sinais vitais...

Boom!

Assim que o barulho estrondoso soou através do quarto, o primeiro pensamento de Qhuinn foi se lançar entre ambas as fêmeas como um escudo.

Mas não era uma bomba. Era Phury escancarando a porta.

Os olhos amarelos do irmão estavam brilhando, e não de uma maneira boa, enquanto eles iam de Layla para Dra. Jane da para Qhuinn... e de volta.

—O que diabos está acontecendo aqui? — Ele exigiu, narinas dilatadas enquanto ele claramente sentia o mesmo cheiro que Qhuinn havia sentido. —Eu vi a doutora indo na direção

[101] Um tipo de maçãs mais comuns.

[102] Bater os pés com força no chão, para tirar a neve dos sapatos antes de entrar na casa.

das escadas, correndo como louca. Daí vi Qhuinn com a bolsa dela. E agora... é melhor alguém começar a falar. Nesse maldito minuto.

Mas ele sabia. Porque ele estava olhando para Qhuinn.

Qhuinn encarou o irmão. —Eu a engravidei...

Ele não teve a chance de terminar a frase. Mal conseguiu passar pela letra "e", para dizer a verdade.

O irmão o pegou e o jogou contra a parede. Suas costas absorveram o impacto, sua mandíbula explodiu em dor — que sugeriu que o cara o havia pegado de jeito. Então, mãos ásperas o prenderam no lugar com suas pernas penduradas cerca de 15 centímetros acima do bonito tapete Oriental — bem quando as pessoas começaram a se aglomerar na porta.

Ótimo. Uma plateia.

Phury enfiou o rosto na cara do Qhuinn e despiu suas presas. —Você fez *o quê* com ela?

Qhuinn engoliu um bocado de sangue. — Ela entrou em sua necessidade. Eu a servi.

—Você não a merece...

—Eu sei.

Phury bateu na porta com ele de novo. —Ela é melhor do que isso...

—Eu concordo...

Bang! De novo contra a parede. —Então por que diabos você...

O rosnado que pairava por sobre a sala era alto o suficiente para sacudir o espelho na parede próximo da cabeça de Qhuinn — bem como a escova de prata deixada por sobre a mesa e os cristais nos candelabros perto da porta. No começo, ele tinha certeza que era Phury... exceto que sobrancelhas do irmão se arquearam com força e o macho olhou por cima do ombro.

Layla estava fora da cama e se aproximando deles — e santa merda fodida, o olhar nos olhos dela era o suficiente para derreter a pintura da porta de um carro: Apesar do fato de que ela não estava bem, suas presas estavam descobertas, e seus dedos estavam enrolados em garras... e o gelo que provinha dela, fez a parte de trás do pescoço de Qhuinn formigar em advertência.

Aquele rosnado não era nada que deveria ter vindo de um macho... muito menos de uma fêmea delicada do status de uma Escolhida.

E ainda por cima, seu tom de voz malvado era pior: —*Deixe. Ele. Ir.*

Ela estava olhando para Phury como se estivesse totalmente preparada para rasgar os braços do irmão fora de suas ligações e bater nele com os pedaços, se ele não fizesse exatamente o que ela dissera. Agora.

E ei, imagina só isso—de repente Qhuinn podia respirar direito, e agora seus Nikes estavam de volta no chão. Assim como mágica.

Phury colocar as palmas das mãos à sua frente —Layla, eu...

—você não toca nele. Não sobre isso — estamos claros um com o outro? — O peso dela estava nas pontas dos seus pés[103], como se ela pudesse dar uma estocada na garganta do cara a

[103] *A parte da frente dos pés, antes dos dedos (embaixo)*

qualquer momento.— Ele é o pai da minha criança. E ele terá todos os direitos e privilégios dessa condição.

—Layla...

—*Estamos entendidos?*

Phury assentiu com a cabeça multicolorida.— Sim. Mas...

Na língua antiga, ela sibilou, — *Se algum dano vier sobre ele, eu virei atrás de vós e vos encontrarei onde repousais. Não me importarei onde deitais vossa cabeça ou com quem, minha vingança fará chover sobre vós até vos afogar*.

Essa última palavra foi pronunciada, até as suas sílabas estar perdidas em mais grunhido.

Silêncio Mortal.

Até Dra. Jane dizer secamente — Eeeeeee é por isso que dizem que a fêmea da espécie é mais perigosa do que o macho.

— Isso aí. — alguém murmurou do lado de fora no hall.

Phury levantou as mãos em frustração. —Eu só quero o que é melhor para você, e não apenas como um amigo preocupado — esta é a porra do meu trabalho. Você passa por sua necessidade sem dizer nada a ninguém, deita-se com ele — como se Qhuinn fosse uma merda de cachorro — e depois não diz a ninguém você está em apuros médicos. E eu tenho que ficar feliz com isso? Que porra é essa?

Houve algum tipo de conversa entre eles nesse ponto, mas Qhuinn não ouviu: Toda sua consciência havia se retraído profundamente em seu cérebro. Cara, o pequeno comentário feliz do Irmão, não deveria ter doído como uma puta — não que ele não tivesse ouvido isso antes, ou o inferno, ou que ainda pensasse isso sobre si mesmo. Mas por alguma razão, as palavras desencadearam uma linha de falha que retumbou diretamente em direção à alma.

Lembrando-se que isso era dificilmente uma tragédia ter o óbvio apontado, ele se arrancou da espiral de vergonha e olhou ao redor. Sim, todo mundo havia aparecido na porta aberta — e mais uma vez, as coisas que ele teria preferido que permanecessem em privado estavam acontecendo na frente de um elenco de milhares de pessoas.

Pelo menos Layla não se importava. Inferno, ela nem parecia notar.

E foi meio engraçado ver todos esses guerreiros profissionais não dispostos a estar dentro de uma milha da fêmea. Então, novamente, se você quiser sobreviver fazendo o trabalho que eles faziam, a avaliação precisa dos riscos era algo que você desenvolvia bem cedo— e mesmo Qhuinn, que era o objeto do instinto de proteção da Escolhida, não teria ousado tocá-la.

—*Pelo efetivo poder desse ato, eu renuncio ao meu status de Escolhida, e a todos os direitos e privilégios a mim concedidos. Eu sou Layla, caída deste batimento cardíaco em diante*...

Phury tentou cortá-la.— Escute, você não tem que fazer isso —

—*... e para sempre. Eu estou arruinada aos olhos de tanto tradição e natureza prática, não mais virgem, grávida de uma criança, mesmo que eu a perca.*

Qhuinn bateu a parte de trás da cabeça na parede. Maldição.

Phury passou a mão pelos seus cabelos espessos. —Porra.

Quando Layla cambaleou, todos foram até ela, mas ela empurrou todas as mãos para longe e caminhou sob sua própria névoa de volta à cama, abaixando seu corpo com cuidado, como se tudo doesse, ela deixou cair a cabeça.

—Minha sorte está lançada, e eu estou preparada para viver com as consequências, sejam elas quais forem. Isso é tudo.

Havia uma série de sobrancelhas erguidas, com a dispensa dela, mas ninguém disse *boo*: Depois de um momento, a plateia do gargarejo caiu fora, embora Phury tenha ficado. Assim como Qhuinn e a doutora.

A porta estava fechada.

—Okay, especialmente depois de tudo isso, eu realmente preciso verificar seus sinais vitais, — disse a Dra. Jane, ajudando a fêmea contra os travesseiros e com as cobertas que sido jogadas fora.

Qhuinn não se moveu enquanto a pressão sanguínea estava sendo tomada enquanto uma série de poof, poof, poof, eram ouvidos.

Phury, por outro lado, andava ao redor — até que ele franziu a testa e pegou seu celular. —É por isso que Havers me ligou na noite passada?

Layla assentiu. —Eu fui lá à procura de ajuda.

—Por que você não veio até mim? — o Irmão murmurou para si mesmo.

—O que Havers disse?

—Eu não sei por que eu não ouvi a mensagem do correio de voz. Pensei que não houvesse razão para isso.

—Ele indicou que lidaria apenas com você.

Com isso, Phury olhou para Qhuinn, aquele olhar amarelo se estreitando.— Você vai se emparelhar com ela?

—Não.

A expressão de Phury ficou gelada novamente.— Que inferno de tipo de macho você é...

—Ele não está apaixonado por mim, — Layla o interrompeu. —Nem eu por ele.

Quando a cabeça do Primale girou, Layla continuou, — Nós queríamos uma criança. —Ela sentou-se para a frente, para que a Dra. Jane escutasse seu coração por atrás. — Isso começou e terminou lá.

Agora, o irmão amaldiçoou. — Eu não entendo.

—Nós dois somos órfãos de muitas maneiras, — Disse a Escolhida. —Estamos—estávamos buscando... uma família para nós mesmos.

Phury exalou, e se moveu para a mesa no canto, jogando seu peso em uma cadeira delicada. —Bem. Ah, eu acho que isso muda um pouco as coisas, eu pensei que...

—Não importa nada, — Layla interrompeu. —É o que é. Ou... era, se acontecer.

Qhuinn encontrou-se esfregando os olhos sem motivo nenhum. Não que estivessem borrados ou alguma merda assim. Não. De jeito nenhum.

Só que era tão... malditamente triste. Essa porra toda. Da condição de Layla, à exaustão impotente Phury, lidar com sua própria dor no peito, era apenas um negócio malditamente triste.

Capítulo 31

—Isso é exatamente o que eu estou procurando.

Enquanto Trez falava, ele caminhava em torno do vasto, vazio espaço do armazém, suas botas fazendo barulhos altos que ecoavam. Por detrás ele, poderia facilmente sentir o alívio que flutuava fora da agente imobiliária de pé à porta.

Negociar com os humanos? Como tirar doce de uma criança.

—Você poderia transformar esta parte da cidade, — disse a mulher. —É uma oportunidade real.

—É verdade. — Embora não fosse como o tipo de lojas e restaurantes que o seguiriam de forma intelectual: mais como lojas de tatuagem e piercing, buffets baratos, teatros XXX[104].

Mas ele não tinha nenhum problema com tudo aquilo. Até os cafetões poderiam ter orgulho de seu trabalho — e francamente, ele tendia a confiar em artistas de tatuagens muuuuuuuuito mais do que muitos cidadãos que se denominavam honrados.

Trez girou ao redor. O espaço era enorme, quase tão alto quanto largo, com fileiras e fileiras de janelas quadradas, muitas das quais tinham sido quebradas e cobertas com madeira compensada. O telhado estava bom — ou pelo menos a maior parte dele, as bainhas de zinco onduladas mantinham a neve fora, embora não o frio. O chão era de concreto, mas havia obviamente um nível inferior — em vários pontos existiam alçapões fixados sob os pés, embora nenhum deles iria abrir facilmente. Parte elétrica parecia bem; HVAC[105] era inexistente; O encanamento era uma piada.

Em sua mente, porém, ele não via o lugar como estava agora — não, ele poderia imaginá-lo transformado, um clube de proporções de Limelight[106]. Naturalmente, o projeto iria exigir uma infusão de capital enorme, e vários meses para conseguir o trabalho feito; no fim, porém, Caldwell iria ter um novo lugar quente — e iria ter outro local para ganhar dinheiro.

Todo mundo ganhava.

—Então você gostaria de fazer uma oferta?

Trez examinou a mulher. Ela era a Sra. Profissional em seu casaco de lã preto, e seu terno escuro com a saia abaixo do joelho — noventa por cento de sua carne coberta, e não só porque era dezembro. E ainda até toda abotoada até em cima com o cabelo todo arrumadinho, ela era bonita do modo que todas as mulheres eram para ele: Ela tinha seios e pele lisa suave, e um lugar para ele brincar no meio de suas pernas.

E ela gostou dele.

---

[104] *Teatros antigos onde havia sexo, enquanto o público ficava olhando, e filmes pornográficos também.*
[105] *(heating, ventilation, and air conditioning) aquecimento, ventilação e ar condicionado central.*
[106] *O tipo (marca) de iluminação usada em teatros, casas de apresentação, boates caras.*

Ele podia dizer pelo jeito que ela baixou os olhos dos dele, e pelo fato que ela não parecia saber o que fazer com suas mãos — que estavam em seus bolsos do casaco, e depois brincando com seu cabelo, em seguida fazendo pregas em sua camisa de seda...

Ele podia pensar sobre algumas coisas para mantê-la ocupada.

Trez sorriu quando caminhou até ela — e não parou até que estava dentro do seu espaço pessoal. —Sim. Eu quero isso.

O duplo sentido a bateu, então suas bochechas ficaram vermelhas não do frio, mas excitação. —Oh. Bom.

—Onde você quer fazer isso, — ele pronunciou.

—Fazer a oferta, você quer dizer? — Ela limpou a garganta. — Tudo que você tem a fazer é dizer-me o que você... quer e eu vou... fazer acontecer.

Own, ela não estava acostumada a sexo casual. Que doce.

—Aqui.

—Desculpe?— Ela disse, finalmente olhando em seus olhos.

Ele sorriu devagar e apertado para suas presas não aparecerem. —A oferta. Vamos fazer isto aqui?

Seus olhos arregalaram. — Sério?

—Sim. Sério. — Ele deu um passo para mais perto, mas não tão perto que eles estavam se tocando. Ele estava feliz em seduzi-la, mas ela tinha que estar cem por cento certo de que ela ia para a moagem. —Você está pronta?

—Para... Fazer… a oferta.

—Sim.

—É, ah, está frio aqui, — ela disse. —Talvez em meu escritório? É lá que a maior parte das… propostas… são feitas.

Vindo do nada, a imagem de seu irmão sentado no sofá em casa, olhando para ele como se fosse o maldito problema, bateu-lhe com força—e à medida que esperou, ele percebeu que tinha feito sexo com quase todas as mulheres que ele se deparara nos últimos... merda, quanto tempo?

Bem, obviamente, se elas não fossem parceiras maiores de idade ele não teria estado com elas.

Ou férteis.

O que excluía o que, como, uma dúzia ou duas? Grande. Que herói.

Que diabos ele estava fazendo? Ele não queria voltar para o escritório da mulher—em primeiro lugar, não existia suficiente tempo, assumindo que ele queria estar na abertura do Iron Mask[107]. Então a única opção seria aqui mesmo, de pé, a saia em torno de sua cintura, suas pernas ao redor de seus quadris. Rápido, direto ao ponto, então seguir seus caminhos separados.

Depois que ele disse a ela quanto dinheiro estava disposto a pagar por este armazém, claro.

---

[107] *Máscara de Ferro.- O Clube do Revh que ele administra.*

Mas então o quê? Não era como se ele iria transar com ela após o fechamento do negócio. Ele raramente repetia, e só se ele estivesse seriamente atraído ou realmente com coceira — que neste caso ele não estava.

Pelo amor de Deus, o que exatamente ele estava conseguindo com isso? Não era como ele estava indo para vê-la nua. Ou ter muito contato pele-com-pele.

A menos… que esse fosse o ponto.

Quando foi a última vez que ele realmente esteve com uma mulher? Tipo, apropriadamente. Como em... um bom jantar, um pouco de música, algumas carícias que levariam a um quarto... então profundo, lento e paciente, merda onde ele teria alguns orgasmos.

E sem o sufocado sentimento de pânico quando isso acabasse.

—Você ia dizer algo?— A mulher perguntou.

iAm estava certo. Ele não precisava estar fazendo esta merda. Inferno, ele não estava nem atraído pela Agente Imobiliária. Ela estava de pé na frente dele; estava disponível; e aquele anel de casamento em seu dedo significava que ela provavelmente não iria causar muitos problemas depois que acabasse — porque ela tinha algo a perder.

Trez deu um passo para trás. —Escute, eu— Como seu telefone tocou em seu casaco, ele pensou. Contagem de tempo perfeita — e o verificou. Era iAm. — Com licença. Eu tenho que atender. Ei, o que você está fazendo, pequeno irmão?

A resposta de iAm era suave, quando ele abaixou sua voz. — Temos companhia.

O corpo de Trez ficou tenso. —Que tipo e onde.

—Estou em casa.

Oh, merda. —Quem é.

—Não é sua prometida, relaxe. É AnsLai.

O sumo sacerdote. Fantástico. —Bem, eu estou ocupado.

—Ele não está aqui para me ver.

—Então seria melhor ele voltar de onde ele veio, porque eu estou ocupado de outra forma.— Quando não houve nada além de silêncio sobre a conexão, tudo o que ele tinha a fazer era chutar a bunda do idiota. Incapaz de se manter quieto, ele caminhou ao redor. —Olhe, o que você quer que eu faça?

—Pare de correr e lide com isso.

—Não existe nada para lidar. Eu vou te pegar mais tarde, ok?

Ele esperou por uma resposta. Ao invés, a linha ficou muda. Então, novamente, quando você esperava seu irmão para limpar o seu lixo, o cara não era provável estar disposto a um demorado adeus.

Trez desligou e olhou para a Agente Imobiliária. Sorrindo amplamente, ele caminhou para ela e olhou para baixo. O batom era um pouco vermelho demais para sua compleição, mas ele não se importava.

A merda não iria estar em sua boca por muito tempo mais.

—Deixe-me mostrar a você o quão quente eu posso fazer isto aqui, — ele disse com um sorriso lento.

De volta à mansão da Irmandade, no quarto de Layla, uma espécie de trégua tinha sido alcançada entre as várias partes interessadas.

Phury não estava tentando transformar Qhuinn em algo de pendurar na parede. Layla estava sendo atendida. E a porta tinha sido fechada, de modo que qualquer coisa que acontecesse ia ter mais do que um quarteto de testemunhas em primeira mão.

Qhuinn estava apenas esperando por Dra Jane para falar.

Quando ela finalmente tirou seu estetoscópio para fora de seu pescoço, ela se sentou. E a expressão de seu rosto não lhe deu esperança.

Ele não entendia isso. Ele tinha visto a sua filha na porta para o Fade: Quando ele fora estado espancando e deixado para morrer ao lado da estrada pela Guarda de Honra, que tinha ido até só Deus sabe onde, se aproximado do portal branco... e tinha visto nos painéis uma jovem fêmea cujos olhos tinham começado de uma cor, e acabado em azul e verde como os dele.

Se ele não tivesse sido testemunha daquilo, ele provavelmente não teria estado com Layla em primeiro lugar. Mas ele tinha tanta certeza de que o destino estava escrito e que ele nunca percebeu...

Merda, talvez aquela criança fosse o resultado de outro emparelhamento — em algum outro lugar linha abaixo.

Mas como ele poderia estar com mais alguém? Alguma vez?

Não era possível. Não agora que ele tinha tido Blay uma vez.

Não.

Mesmo que nunca ele e seu antigo amigo ficassem entre os lençóis novamente, ele nunca ia estar com mais ninguém. Quem poderia comparar? E o celibato era a melhor segunda opção — que mais uma vez, era o que seria oferecido pelo resto do planeta.

Dra. Jane limpou a garganta e pegou a mão de Layla. —Sua pressão arterial está um pouco baixa. Sua taxa de pulsação é lenta. Eu acho que ambos podem ser melhorados com uma alimentação...

Qhuinn pulou na cama com seu punho estendido. —Pegue —Aqui. Eu tenho...

Dra. Jane colocou a mão em seu braço e sorriu para ele. —Mas isso não é o que eu estou preocupada.

Ele congelou — e com o canto do olho, ele viu Phury fazer o mesmo.

—Aqui está o problema. —O médico virou para Layla, falando suavemente e claramente. —Eu não sei muito sobre a gravidez de vampiro — assim tanto quanto odeio dizer isso, você precisa voltar para Havers. —Ela colocou a mão para cima, como se antecipasse os argumentos de todos os cantos. —Isto é sobre ela e a criança, temos que levá-los para alguém que possa tratá-la de forma adequada, mesmo que, em outras circunstâncias, nenhum de nós iria escurecer a porta do cara. E, Phury — ela olhou para o Irmão — você tem que ir com ela e Qhuinn. Você estar lá irá torná-lo mais fácil para todo mundo.

Muitos lábios se apertaram depois disso.

—Ela está certa, —Qhuinn disse finalmente. E então ele virou-se para o Primale. —E você precisa dizer que você é o pai. Ela conseguirá mais respeito dessa maneira. Comigo? Ele poderia muito bem se recusar a tratá-la — se ela caiu, e foi fodida por um defeituoso? Ele poderia nos mandar embora.

Phury abriu a boca. Fechou-a.

Não era como se houvesse muito mais a dizer.

Quando Phury pegou seu telefone e ligou para a clínica para informar para o pessoal que estavam indo, seu tom de voz sugeria que ele estava pronto para iluminar o lugar[108] se Havers e sua equipe ferrassem as coisas.

Com isso sendo resolvido, Qhuinn foi até Layla.

Em voz baixa, disse: —Isso vai ser diferente desta vez. Ele vai fazer as coisas acontecerem. Não se preocupe — você vai ser tratada como uma rainha.

Os olhos de Layla estavam arregalados, mas ela se manteve. —Sim. Tudo bem.

Fato mais importante? O Irmão não era o único pronto a chutar alguns traseiros. Se Havers jogasse qualquer daquele desgosto *glymera* em Layla, Qhuinn iria bater o ego fora daquele macho. Layla não merecia nada dessa merda — nem mesmo por escolher um rejeitado para acasalar.

Porra. Talvez fosse melhor ela perder a gravidez. Será que ele realmente iria querer condenar um filho ao seu DNA?

— Você está vindo, também? Ela perguntou a ele, como se ela não estivesse realmente entendendo.

—Sim. Eu estarei lá.

Quando Phury desligou, olhou de um para o outro, seus olhos amarelos se estreitando. —Ok, então eles vão nos atender no segundo que chegarmos lá. Eu vou fazer Fritz deixar a Mercedes aquecida, mas eu vou dirigir.

—Sinto muito, — disse Layla quando ela olhou para o macho grande. —Eu sei que eu desapontei as Escolhidas e você, mas você nos disse para vir para este lado e... viver.

Phury colocou as mãos nos quadris e exalou. Quando ele balançou a cabeça, ficou claro que ele não teria escolhido nada disso para ela. —Sim, eu disse isso. Eu disse.

Capítulo 32

Oh, grande poder desencadeado, Xcor pensou enquanto considerava seus soldados, cada um deles armado e pronto para uma noite de luta. Depois da vinte e quatro horas de recuperação após aquela alimentação do grupo, eles estavam impacientes para sair e encontrar os seus inimigos — e ele estava pronto para libertá-los do espaço do armazém.

Havia apenas um problema: Alguém estava andando no andar de cima.

[108] *Botar fogo, queimar a coisa toda.*

Como se em sugestão, passos soaram no alçapão de madeira sobre sua cabeça.

Pela última meia hora, eles tinham rastreado o progresso de seus visitantes indesejados. Um deles era pesado — uma forma masculina. O outro era mais leve — uma variedade feminina. Não havia aromas para pegar, no entanto, o nível subterrâneo era hermeticamente fechado.

Em toda a probabilidade, era apenas alguns seres humanos de passagem — embora porque dois vagabundos iriam perder tempo vagando numa estrutura tão decrépita em uma noite fria, ele não podia adivinhar. Quem quer que fossem, qualquer que fosse a razão pela qual vieram, no entanto, ele não teria nenhum problema em defender os direitos de colonizador[109], tais quais fossem.

Mas não havia nenhum mal em esperar. Se ele pudesse evitar o abate de alguns humanos inúteis aqui? Isso significava que ele e seus soldados poderiam continuar a usar o espaço sem perturbações.

Ninguém disse uma coisa enquanto a caminhada acima continuava.

Vozes se misturavam. Baixas e mais altas. Em seguida, um telefone tocou.

Xcor acompanhou o toque e a conversa que se seguiu, caminhando em silêncio até o outro alçapão onde o locutor escolheu parar. Ficando quieto, ele ouviu duro, e pegou metade de uma conversa muito desinteressante que não revelou a identidade das partes.

Não muito tempo depois, os sons inconfundíveis de sexo filtraram abaixo.

Quando Zypher riu suavemente, Xcor olhou na direção do bastardo para calá-lo. Mesmo que cada um dos alçapões houvesse sido bloqueado por baixo, nunca se sabia que tipo de problemas os ratos sem rabo poderiam trazer a qualquer situação.

Olhou para o relógio. Esperou para os gemidos pararem. Acenou para seus soldados para ficarem parados quando o fez.

Movendo-se em silêncio, ele prosseguiu até o alçapão no canto mais distante do armazém, que abria para o que deveria ter sido um escritório de supervisão. Destravando, ele espalmou uma de suas armas, desmaterializou para fora, e inalou.

Não era um humano.

Bem, havia um aqui... mas o outro era outra coisa.

Ali no canto, a porta exterior fechou e bateu a trava.

Desmaterializando-se através do espaço, Xcor colocou as costas contra a parede de tijolos robusta do armazém e olhou para fora numa seção das janelas de vidro embaçados.

Um par de faróis chamejou na frente, no estacionamento abaixo.

Desmaterializando-se fora e acima de um painel estourado, ele se atirou para frente para o telhado do armazém do outro lado da rua.

Bem, isso era interessante.

Isso era um Sombra ali abaixo, sentado ao volante da BMW com a janela do lado do motorista para baixo, e uma fêmea humana se inclinando para o SUV.

Segunda vez que ele se chocava com um em Caldwell.

---

[109] *Squatter – colonizador em terras devolutas ou intruso que se instala em imóvel desocupado.*

Eles eram perigosos.

Tirando seu telefone, ele ligou para o número de Throe, encontrando a imagem do macho em seus contatos, e ordenou a seus soldados a ir e lutar. Ele iria lidar com esta saída sozinho.

Lá embaixo, o Sombra estendeu a mão, puxando a mulher para ele pelo pescoço, e a beijou. Então colocou o veículo em ré e saiu sem olhar para trás.

Xcor mudou de posição para acompanhar o macho, indo de telhado em telhado, quando o Sombra foi em direção à zona de clubes nas superfícies das estradas que corriam paralelamente ao rio...

No início, a sensação em seu corpo sugeriu uma mudança na direção do vento, as rajadas frias parecendo vir de trás, em vez de bater-lhe na cara. Mas então ele pensou... não. Era puramente interno. Qualquer ondulações que ele sentisse vinha debaixo de sua pele...

Sua escolhida estava próxima.

Sua Escolhida.

Imediatamente abandonando a trilha do Sombra, ele arrancou e foi mais perto do Rio Hudson. O que ela estava fazendo lá embaixo...

Em um carro. Ela estava viajando em um carro.

Seus instintos estavam dizendo a ele, ela estava indo em uma velocidade rápida, que era todavia rastreável. Então a única explicação para que ela estivesse no Northway, indo de cem a cento e quinze quilômetros por hora.

Prosseguindo de volta na direção das filas dos armazéns, ele se concentrou no sinal que estava pegando. Como tinha sido meses desde que ele se alimentara dela, ele estava em pânico ao descobrir que a conexão criada pelo seu sangue em suas veias estava desaparecendo — a ponto que era difícil localizar o veículo.

Mas então ele fechou[110] num sedan de luxo, graças ao fato de que diminuiu a velocidade e saiu para a saída que dirigia o tráfego para as pontes. Desmaterializando-se para as vigas, ele plantou suas botas de combate no topo de um dos tirantes de aço e esperou que ela passasse por baixo dele.

Pouco tempo depois ela passou, e continuou em frente, indo para a outra metade da cidade, na margem oposta.

Ele continuou com ela, mantendo uma distância segura, embora ele se perguntasse a quem ele estava enganando. Se ele podia sentir a sua fêmea?

Seria o mesmo para ela.

Mas ele não iria abandonar seu encalço.

[110] *Ele viu o carro e reconheceu o sinal da Layla.*

Quando Qhuinn se sentou no banco do passageiro do Mercedes, sua Heckler & Koch 45[111] estava escondida discretamente na sua coxa, e seus olhos observavam incessantemente a partir do espelho retrovisor para a janela de um lado para o para-brisa. Próximo a ele, Phury estava ao volante, às mãos do irmão em dez-e-duas[112] com tanta força que era como se ele estivesse estrangulando alguém.

Cara, havia muita maldita merda desenrolando bem agora.

Layla e a criança. Aquele incidente inteiro do Cessna. O que Qhuinn tinha feito a seu próprio primo na noite anterior. E depois... bem, existia a coisa com Blay.

Oh, meu Deus do céu... a coisa com Blay.

Quando Phury pegou a saída que iria levá-los para as pontes, o cérebro de Qhuinn passou de se preocupar com Layla para rever todos os tipos de imagens e sons e... sabores da luz do dia.

Intelectualmente, ele sabia o que tinha acontecido entre eles não tinha sido um sonho — e seu corpo com certeza se lembrou de tudo, como o sexo tinha sido uma espécie de marca em sua carne, que mudou a maneira como ele olharia para sempre. E ainda assim, como ele foi sobre como lidar com o mais recente fodido drama, da muito curta sessão que parecia pré-histórica, não menos do que uma noite atrás[113].

Ele temia que fosse uma-e-única.

Não me toque assim.

Gemendo, ele esfregou a cabeça.

—Não é sobre seus olhos — disse Phury.

—Desculpe?

Phury olhou para o banco traseiro. —Ei, como estamos indo? — ele perguntou as fêmeas. Quando Layla e a Dra. Jane responderam em algum tipo de afirmativa, ele acenou com a cabeça. — Olha, eu vou fechar a partição por um segundo, ok? Tudo bem até aqui.

O irmão não deu a eles a chance de responder de uma forma ou de outra, e Qhuinn endureceu em seu assento quando o escudo opaco levantou-se, cortando o sedan em duas metades. Ele não iria para correr qualquer tipo de confronto, mas isso não queria dizer que ele estava esperando ansiosamente por uma segunda rodada de discussão — e se Phury estava excluindo o par na parte de trás, isso não ia ser bonito.

—Seus olhos não são o problema, — disse o irmão.

—Desculpe-me?

Phury olhou para ele. — O fato de eu estar puto com isso não tem nada a ver com qualquer defeito. Layla está apaixonada por você...

—Não, ela não está.

111

112 *Posição das mãos no volante, seguindo a posição de um relógio, dez horas (esquerda) e duas horas (direita)*

113 *Isso significa que o que aconteceu entre eles tinha sido apenas na noite anterior mas parecia que tinha sido há séculos atrás, com tudo o que tinha acontecido depois.*

—Veja, você está realmente me irritando agora.

—Pergunte a ela.

—Enquanto ela está perdendo a criança? — O Irmão estalou. —Sim, eu vou fazer isso.

Quando Qhuinn se encolheu, Phury continuou. —Veja, aqui está à coisa com você. Você gosta de viver no limite e ser todo selvagem — francamente, acho que ajuda você a chegar a termos[114] com a besteira que sua família te fez passar. Se você não crê em tudo? Nada pode te machucar. E, acredite ou não, eu não tenho um problema com isso. Você faz você, e passa suas noites e seus dias de qualquer maneira que queira. Mas assim que você quebra o coração de uma inocente — especialmente se ela está sob os meus cuidados? É quando você e eu temos um problema.

Qhuinn olhou para fora da janela. Primeiro, um elogio para o homem grande lá. A ideia de que havia um julgamento contra Qhuinn baseado em seu caráter em vez de uma mutação genética para a qual ele não tinha sido voluntário, era mudança agradável. E ei, não era que ele não estava de acordo com o cara — pelo menos não até cerca de um ano atrás. Naquela época, então? Inferno, sim, ele tinha estado fora de controle em muitos níveis. Mas as coisas tinham mudado. Ele tinha mudado.

Evidentemente, Blay se tornando indisponível era o tipo de chute nas bolas que ele precisava para finalmente fodidamente crescer.

—Eu não sou mais assim, — disse ele.

—Então você está de fato preparado para emparelhar-se com ela? — Quando ele não respondeu, Phury deu de ombros. —E lá vai você. Fator mais importante — eu sou responsável por ela, legal e moralmente. Posso não estar me comportando como o Primale em alguns aspectos, mas o resto da descrição do trabalho eu tomo bastante malditamente sério. A ideia que você a conseguiu nesta bagunça me faz doente do estômago, e acho que é muito difícil acreditar que ela não fez isso para agradar você — você disse que vocês dois queriam uma criança? Você tem certeza que não foi só você, e ela fez isso porque queria fazer você feliz? Isso é muito o jeito dela.

Isso tudo foi apresentado como uma retórica. E não era como Qhuinn pudesse criticar a lógica, mesmo que isso acontecesse de estar errado. Mas, quando ele passou a mão pelo cabelo, o fato de que Layla era quem tinha ido até ele, era algo que ele tinha guardado para si. Se Phury queria pensar que tudo era culpa dele, estava tudo bem — ele carregaria essa carga. Qualquer coisa para tirar a pressão e atenção fora de Layla.

Phury olhou através dos assentos. —Não estava certo, Qhuinn. Isso não é o que um macho de verdade faz. E agora olhe para a situação na qual ela está. Você fez isso com ela. Você a colocou no banco de trás desse carro, e isso é simplesmente errado.

Qhuinn fechou os olhos. Bem, se isso não iria ficar batendo em torno do interior de sua cabeça pelos próximos cem anos. Mais ou menos.

---

[114] *Resolver-se*

Quando começaram a subir a ponte e deixar as luzes cintilantes da cidade para trás, ele manteve sua maldita boca fechada, e Phury ficou em silêncio também.

Então, novamente, o Irmão tinha dito tudo, não tinha?

Capítulo 33

Assail acabou rastreando sua presa por trás do volante de seu Range Rover. Muito mais aconchegante desta forma—e não era como se a localização da mulher fosse um problema agora: Enquanto ele estivera esperando perto do Audi por ela sair de sua propriedade, ele tinha colocado um dispositivo de rastreamento na parte inferior do espelho do lado dela[115].

Seu iPhone cuidou do resto.

Depois que ela deixou seu bairro com pressa—após sua desmaterialização deliberada apenas para desestabilizá-la mais—ela atravessou o rio e se dirigiu para a parte de trás da cidade, onde as casas eram pequenas, próximas uma da outra e acabadas com revestimento de alumínio.

Enquanto ele seguia atrás dela, mantendo pelo menos duas quadras entre seus veículos, considerava as luzes coloridas nos bairros, os milhares de fios de brilhantes amarrados entre arbustos e pendurados nas bordas dos telhados e nos encaixes das janelas e nas molduras das portas. Mas isso não era a metade disso. Cenas de manjedouras colocadas proeminentemente em pequenos gramados da frente iluminados, e havia também gordos bonecos de neve brancos com lenços vermelhos e calças azuis que brilhavam por dentro.

Em contraste com os apetrechos sazonais, ele estava disposto a apostar que as estátuas da Virgem Maria eram permanentes.

Quando o veículo dela parou e ela permaneceu dentro do carro, ele se aproximou, estacionando quatro casas abaixo e apagou os faróis. Ela não saiu do carro imediatamente, e quando finalmente o fez, não estava usando o casaco e calças apertadas de esqui que vestia enquanto o espionava. Em vez disso, vestia um suéter grosso vermelho e um par de jeans.

Ela deixou seu cabelo solto.

E o cabelo castanho e pesado, atingia abaixo dos ombros, enrolando nas extremidades.

Ele rosnou na escuridão.

Com rápidos e fáceis passos, ela superou os quatro passos no concreto que direcionavam para a entrada modesta da casa. Abrindo a porta de tela com seu arabesco de metal, sustentou a coisa com seu quadril, abriu a porta com uma chave e fechou a coisa de volta.

Quando uma luz se acendeu em baixo, ele viu sua forma caminhando através da sala da frente, a privacidade das cortinas finas lhe dando apenas o sentido de seu movimento, e não qualquer tipo de visão clara.

[115] *O espelho do lado esquerdo do carro, do lado do motorista.*

Ele pensou em suas próprias janelas. Levou muito tempo para aperfeiçoar a invenção, e a casa no rio Hudson era perfeita para testá-lo. As barreiras funcionaram ainda melhor do que previra.

Mas ela era inteligente o suficiente para ter pego as anomalias, e se perguntou o que havia dado a dica para ela.

No segundo andar, uma luz se acendeu, como se alguém que estava descansando, havia acordado com sua chegada.

Suas presas pulsaram. A ideia de homem humano estar aguardando sua humana em seu quarto conjugal, o fez querer estabelecer seu domínio—mesmo que isso não fizesse sentido. Afinal, a estava seguindo para sua própria autoproteção e nada mais.

Absolutamente nada mais.

Assim quando a mão procurou a maçaneta da porta do carro, seu telefone tocou. Bem a tempo.

Quando viu quem era franziu a testa e colocou o celular até sua orelha. — Duas chamadas em um tempo tão curto. A que devo esta honra?

Rehvenge não achou graça. — Você não me ligou de volta.

— Eu fui requerido?

— Cuidado, menino.

Os olhos de Assail permaneceram trancados na pequena casa. Estava curiosamente desesperado para saber o que estava acontecendo lá dentro. Ela estava subindo as escadas, se despindo enquanto caminhava?

Exatamente de quem ela estava ocultando suas atividades? E ela estava, de fato, a escondendo—caso contrário, por que se trocar no carro antes de entrar na casa?

— Olá?

— Agradeço o amável convite, — ele se ouviu dizer.

— Não é um convite. Você é um membro do maldito Conselho agora que você está no Novo Mundo.

— Não.

— Desculpe-me?

Assail pensou lá atrás na reunião na casa de Elan no início do inverno, aquela que Rehvenge não tinha conhecimento, aquela que o bando de bastardos havia aparecido e flexionou seus músculos. Também pensou na tentativa contra a vida de Wrath, o Rei Cego—em sua própria propriedade, pelo amor de Deus.

Muito drama para seu gosto.

Facilmente lançou o mesmo discurso que tinha dado a facção de Xcor. — Sou um homem de negócios por predileção e propósito. Embora respeite tanto a soberania atual e a base de poder do Conselho, não posso desviar a energia ou o tempo para longe dos meus negócios. Não agora, nem no futuro.

Houve um momento de silêncio. E então aquela profunda, sempre-tão-má voz veio da ligação. — Ouvi sobre o seu negócio.

— Ouviu.

— Estava eu mesmo nesse negócio anos atrás.

— Assim eu soube.

— Eu consegui fazer os dois.

Assail sorriu na escuridão. — Talvez não seja tão talentoso como você.

— Vou deixar algo perfeitamente claro. Se não aparecer na reunião, vou assumir que você está jogando no time errado.

— Com essa afirmação você reconhece que há dois lados e eles se opõem.

— Tome-o como quiser. Mas se não está comigo e com o rei, você é meu inimigo e dele.

E foi justamente o que Xcor disse. Então, novamente, estava lá nesta outra posição desta guerra crescente?

— O rei foi baleado em sua casa, Assail.

— Assim eu me lembro, — ele murmurou secamente.

— Acho que você quer acabar com qualquer noção de sua participação.

— Eu já disse. Disse aos irmãos naquela mesma noite que eu não tinha nada a ver com isso. Eu lhes dei o veículo em que eles escaparam com o rei. Por que faria isso se fosse um traidor?

— Para salvar seu próprio rabo.

— Estou muito bem com isso, sem o benefício da conversa, eu lhe garanto.

— Então, como está a sua agenda?

A luz no segundo andar apagou e ele tinha que saber o que a mulher estava fazendo na escuridão—e com quem.

Por sua própria vontade, suas presas se arreganharam.

— Assail. Você está seriamente me aborrecendo com essa merda de-se-fazer-de-difícil.

Assail pôs o Range Rover em marcha. Não iria se sentar em cima da calçada, enquanto o que acontecia lá dentro... Acontecia. Ela estava claramente na casa essa noite, e ficaria lá. Além disso, o telefone iria alertá-lo em caso de que seu carro mais uma vez fosse posto em movimento.

Enquanto ele rolava para a rua e ganhava velocidade, ele falou claramente. — Estou com isso renunciando à minha posição no Conselho. Minha neutralidade nesta batalha pela a coroa, não deve ser questionada por um ou outro lado...

— E você sabe quem são os jogadores, não é.

— Farei isso tão claro quanto sou capaz—não tenho lado aqui, Rehvenge. Não sei como dizer isso mais claramente—e não vou ser puxado para a guerra ou por você e seu rei, ou por qualquer outro. Não tente me pressionar, e saiba que a neutralidade que apresento a vocês é exatamente o que eu dei para eles.

Na mesma nota, fez um voto de não revelar as identidades de Elan e Xcor, e iria mantê-lo—não porque acreditava que o grupo iria retribuir favor a ele, mas sim pelo simples fato de dependendo de quem ganhasse esta briga, um confidente de ambos os lados seria visto tanto como um delator que devia ser erradicado ou um herói para ser louvado. O problema era que não conhecia o vencedor até que tudo tivesse terminado e que não estava interessado em uma aposta.

—Então você foi abordado, — Rehv afirmou.

— Eu recebi uma cópia da carta que enviou na primavera deste ano, sim.

— É que o único contato que você teve?

— Sim.

— Está mentindo para mim.

Assail parou em um semáforo. — Não há nada que você possa dizer ou fazer para me puxar para isso, querido *leahdyre*.

Com ameaça em abundância, o homem do outro lado resmungou, — Não conte com isso, Assail.

Com isso, Rehvenge desligou.

Amaldiçoando, Assail jogou seu telefone no banco do passageiro. Então fechou os dois punhos e bateu com eles no volante.

Se havia uma coisa que não podia tolerar, era ser sugado para o turbilhão de argumentos de outras pessoas. Não dava a mínima para quem estava sentado no trono, ou quem estava no comando da *glymera*. Só queria ser deixado em paz para fazer o seu dinheiro à custa dos ratos[116] sem rabo.

Será que isso era tão fodidamente difícil de entender?

Quando o sinal ficou verde, pisou no acelerador, mesmo que não tivesse nenhum destino real em mente. Só dirigiu em uma direção aleatória... E cerca de quinze minutos depois, se viu indo para o rio em uma das pontes.

Ah, então o seu Range Rover decidiu levá-lo para casa.

Quando saiu a margem oposta, seu telefone soou um som de badalar e quase ignorou. Mas os gêmeos tinham saído para pegar a mais recente remessa de Benloise, e ele queria saber se aqueles distribuidores inferiores, haviam aparecido para as suas quotas depois de tudo.

Não era um telefonema ou texto.

Aquele Audi preto estava em movimento novamente.

Assail pisou no freio, cortou na frente de um caminhão que explodiu a buzina junto com uma palavra com F[117], arrancou sobre uma cobertura mediana de neve.

Ele positivamente voou sobre a entrada ponte.

Do seu ponto de vista em uma periferia muito distante, Xcor necessitou dos seus binóculos para ter uma visão apropriada de sua Escolhida.

O carro no qual estava viajando, um grande sedan preto, continuou a frente depois da ponte, indo cerca de cinco ou seis milhas[118] antes de sair em uma estrada rural que a levava para o norte. Depois de mais um número de milhas, e com pouca sinalização, se transformava em uma pista de terra que ia se estreitando em ambos os lados, com vegetação rasteira resistente nesta

---

[116] *No original a autora utilizou o termo rats, termo que se refere a pessoas de mau caráter, viciados.*
[117] *The F-word – "Fuck you" – Foda-se*
[118] *8 ou 9 kilômetros*

estação do ano. Por fim, parou diante do concreto rebaixado de um edifício que não tinha identificação de qualquer tipo, apenas janelas e, aparentemente, uma porta.

Ele estreitou o foco quando dois homens saíram. Instantaneamente reconheceu um—o cabelo era uma tremenda de uma dica: Phury, filho de Ahgony—que, segundo os boatos, se tornou Primale das Escolhidas.

O coração negro de Xcor começou a bater com força.

Especialmente quando reconheceu a segunda figura: era o guerreiro com os olhos díspares com quem lutou na propriedade de Assail, enquanto o rei foi misteriosamente afastado.

Os dois machos tiraram as armas e examinaram ao redor.

Como Xcor estava a favor do vento, e não parecia haver ninguém por perto, ele percebeu que havia uma expectativa razoável, impedindo a revelação de sua posição pela sua Escolhida, a dupla iria continuar com tudo o que tinha planejado para sua fêmea.

Na verdade, apareceu como se ela estivesse sendo entregue à uma prisão.

Sobre. O. Seu. Cadáver.

Ela era uma inocente nessa guerra, usada para fins nefastos não por sua culpa—mas claramente ela iria ser executada ou trancada dentro de uma cela aqui para o resto de seu tempo sobre a terra.

Ou não.

Ele espalmou uma de suas armas.

Era uma boa noite para cuidar desse negócio. Na verdade, agora era a sua chance de tê-la para si próprio, salvá-la de qualquer punição que recebera por conta de ter inconscientemente ajudado e instigado o inimigo. E talvez as circunstâncias em torno de sua injusta condenação, fosse fazê-la favoravelmente predisposta para seu inimigo e salvador.

Seus olhos se fecharam brevemente, quando ele a imaginou no meio de seus lençóis.

Quando Xcor mais uma vez levantou as pálpebras, Phury estava abrindo a porta traseira do sedan e alcançando dentro. Quando o irmão se endireitou, a Escolhida foi retirada do veículo e levada... Por ambos os cotovelos, os guerreiros a apoiaram de ambos os lados enquanto ela era conduzida em direção ao prédio.

Então Xcor preparou para se aproximar. Depois de tanto tempo, uma vida inteira, finalmente tinha ela novamente nas proximidades de sua pessoa, e ele não ia perder a chance que o destino estava oferecendo-o, não agora—não com sua vida tão obviamente pendurada na balança. E ele iria levar a melhor nessa—a ameaça à ela fortaleceu seu corpo com um poder inimaginável, sua mente afiada de tal forma que ambos corriam com possibilidades de ataque e permaneceu completamente calmo.

Na verdade, havia apenas dois homens guardando ela—e com eles, a fêmea que não só aparecia desarmada, mas não observava sua vizinhança, como se ela fosse instruída ou propensa ao conflito.

Ele era mais que poderoso o suficiente para tomar os captores de sua fêmea.

Bem quando se preparava para dar o bote adiante, o cheiro de sua Escolhida o atingiu na brisa dura e fria, o perfume tentador exclusivo dela fazendo-o mover-se[119] em suas botas de combate...

Imediatamente, reconheceu uma mudança no mesmo.

Sangue.

Ela estava sangrando. E havia algo mais...

Sem pensamento consciente, seu corpo se moveu para mais perto, sua forma restabelecendo o peso corporal e pairando a uma distância de meros dez metros, atrás de um anexo da instalação principal.

Ela não era uma prisioneira, percebeu, sendo levada a uma cela ou execução.

Sua Escolhida estava tendo dificuldade para caminhar. E aqueles guerreiros estavam apoiando-a com cuidado, mesmo com as suas armas para fora e seus olhos em busca de sinais de um ataque, eles eram tão gentis com ela, como teriam sido com a mais frágil das flores.

Ela não estava sendo mal tratada. Ela não estava marcada com hematomas e vergões. E quando o trio progrediu, ela olhou para um macho e depois o outro e falou como se estivesse tentando tranquilizá-los—pois na verdade, não havia agressão apertando as sobrancelhas desses guerreiros.

Na verdade, era o mesmo terror que ele sentiu ao cheirar seu sangue.

O coração de Xcor bateu ainda mais forte atrás de seu peito, sua mente tentando dar sentido a tudo isso.

E então ele se lembrou de algo a partir de seu próprio passado.

Após seu nascimento sua *mahmen* o rejeitou, e foi deixado em um orfanato no Velho Mundo para qualquer destino se abater sobre ele. Ali ele ficou entre os raros indesejáveis, a maioria dos quais possuía deformidades físicas, tais como a sua própria, por quase uma década—longo o suficiente para formar memórias permanentes do que aconteceu no local triste e solitário.

Tempo suficiente para reunir conhecimento, quando uma fêmea solitária aparecia no portão, era deixada, e então gritava por horas, às vezes dias... antes de dar à luz, na maioria dos casos, um bebê morto. Ou abortar um.

O cheiro do sangue, então, era muito específico. E o cheiro no vento frio desta noite era o mesmo.

Gravidez era o que tinha em seu nariz agora.

Pela primeira vez em sua vida, ele se ouviu murmurar em absoluta agonia. — Querida Virgem do Fade...

Capítulo 34

[119] *Como de um lado para outro, perder um pouco a direção para onde estava indo, tipo bêbado*

A ideia de que os membros da s'Hisbe estavam no código postal de Caldwell, fez Trez quer arrumar tudo o que possuía, pegar seu irmão, e RV[120] fora da cidade.

Enquanto dirigia do armazém para o Iron Mask, sua cabeça estava tão fodida, que teve que pensar conscientemente onde tinha de virar e os sinais de parada para frear, e onde deveria estacionar uma vez que chegou ao clube. E então, depois que cessou o motor do X5[121], apenas ficou atrás do volante e olhando para a parede de tijolos do prédio dele... Por tipo, um ano.

Metáfora dos diabos, todo o indo-a-lugar-nenhum diante dele.

Não era como se não soubesse o quanto estava desapontando o seu povo. A questão? Ele não dava uma merda. Ele *não* ia voltar para os velhos costumes. A vida que levava agora era sua própria, e se recusava a deixar a promessa na qual ele tinha nascido enjaulá-lo como adulto.

Não ia acontecer.

Desde quando Rehvenge fez sua boa ação para o século e salvou sua bunda e de seu irmão, as coisas tinham mudado para Trez. Ele e iAm foram ordenados a se alinharem com o *symphath* fora do Território, a fim de trabalhar para pagar a dívida, e aquele—forçado— reembolso foi o seu bilhete para viver do jeito que queria, a maneira que ele tinha procurado. E embora ele se arrependesse de puxar iAm para o drama, o resultado final foi que seu irmão teve que ir com ele, e foi apenas mais uma parte da solução perfeita que agora estavam vivendo. Deixar o s'Hisbe e vir para o mundo exterior foi uma revelação, o primeiro, delicioso gosto de liberdade: Não havia protocolo. Nem regras. Ninguém respirando em seu pescoço[122].

A ironia? Era que deveria ter sido um tapa nas costas da mão por se atrever a ir além do Território e enredado com UnKnowables[123]. A punição que intentava trazê-lo de volta na linha.

Há!

E desde então, nos recantos de sua mente, meio que esperava a extensão de suas relações com o UKs[124] ao longo da última década ou algo assim teria o corrompido aos olhos do s'Hisbe, tornando-o inelegível para a —honra— que lhe foi dado no seu nascimento. Sujando-o[125] em uma liberdade permanente, por assim dizer.

O problema era, se eles tinham enviado o AnsLai, o sumo sacerdote, claramente essa meta não tinha sido cumprida. A menos que a visita seria para repudiá-lo?

Ele teria ouvido de iAm sobre isso, contudo. Não é?

Trez olhou para o telefone. Nenhumas VMs[126]. Sem textos. Ele estava na casa de cachorro[127] com seu irmão novamente—a menos que iAm decidisse foder a merda toda e ir embora para a tribo.

---

[120] *RV - recreational vehicle – o tipo de veículo que serve como uma casa, em uma viagem longa, tem cozinha, banheiro, sala e camas.*

[121] *Marca de BMW*
[122] *Ninguém lhe controlando.*
2 — UnKnowables (Irreconhecível) – incapaz de ser conhecido ou compreendido.
[124] *UnKnowables.*
[125] *Manchando, desgraçando*
[126] *Voice Message System – Mensagem de voz.*

Droga...

A batida forte em sua janela não apenas trouxe sua mente ao redor. Trouxe sua arma para fora.

Trez franziu a testa. Do lado de fora o carro estava um macho humano do tamanho de uma casa. O cara tinha uma barriga de cerveja, mas seus ombros largos sugeriam que ele fazia um trabalho físico regular, e seu queixo pesado e rígido revela tanto a sua ascendência Cro-Magnon[128], bem como o tipo de arrogância mais comum para grandes animais irracionais.

Com grandes baforadas do tipo-touro saindo de suas narinas arreganhadas, ele se inclinou e bateu na janela. Com um punho tão grande como uma bola de futebol, naturalmente.

Bem, obviamente ele queria um pouco de atenção, e quem diria. Trez estava mais do que disposto a lhe dar.

Sem aviso, abriu a porta, pegando o cara direto no saco. Quando o humano cambaleou para trás e agarrou sua virilha, Trez levantou toda a sua estatura e enfiou a arma abaixo de suas costas, fora de vista, mas de fácil acesso.

Quando o Sr. Agressivo recuperou o suficiente para olhar para cima, beeeeeem para cima, pareceu perder o seu entusiasmo por um momento. Então, novamente, Trez facilmente 46 centímetros mais alto, e talvez 45 quilos a mais que o cara. Apesar do Dunlop[129] que ele estava ostentando.

— Você está olhando para mim, — Trez disse. Leia-se: Você tem certeza que quer fazer isso, garotão?

— Sim. Eu está.[130]

Ok, então a gramática e avaliação de risco eram um problema para ele. Provavelmente teve o mesmo problema com somar e subtrair só um dígito.

— Estou, — Trez disse.

— O que? — Pronunciou "qué".

— Eu acredito que é: "Sim, eu estou". Não "está".

— Você pode beijar minha bunda. Que tal isso. — O cara chegou mais perto. — E fique longe dela.

— Ela? — Isso limitou para o que, cem mil pessoas?

— Minha garota. Ela não quer você, não precisa de você e num vai ter você não mais.

— De quem exatamente estamos falando? Vou precisar de um nome. — E talvez nem isso ajudasse.

Como forma de resposta, o cara lhe deu um soco. Provavelmente foi concebido para ser um soco, mas a corda era tão lenta e trabalhosa, que a maldita coisa poderia ter vindo com legendas.

---

[127] *Fora da casa, sem direitos*
[128] *Homem das cavernas*
[129] *Marca de tênis, que tem a sola alta*
[130] O cara não sabe falar inglês corretamente. Durante todo o diálogo com Trez, fica bem claro que o rapaz não sabe falar inglês, como veremos ao longo do texto.

Trez pegou o punho com a mão, espalmando-o como uma bola de basquete. E então, com um giro rápido, ele tinha o pedaço de carne virado e seguro no lugar—como prova positiva de que os pontos de pressão funcionavam, e o punho era um deles.

Trez falou no ouvido do homem, apenas para que as regras do jogo fossem claramente recebidas. – Se você fizer isso de novo e vou quebrar todos os ossos de sua mão. De uma vez. — Ele pontuou, com um empurrão deixou o cara choramingando. — E então vou trabalhar em seu braço. Seguido por seu pescoço—e você não vai se afastar. Agora, de que porra você está falando.

— Ela estava aqui na noite passada.

— Muitas mulheres estavam. Você pode ser mais específico...

— Ele quer dizer eu.

Trez olhou por cima do ombro. Ah... Maravilha, porra.

Era a garota que tinha enlouquecido, sua pequena, feliz, assediadora.

— Eu te falê[131] que eu cuido disso! — seu BF[132] gritou.

Sim, hum—hum, o cara realmente parecia no controle das coisas. Então, aparentemente, os dois estavam iludidos—e talvez explicasse a relação: ele achava que ela era uma supermodelo, e ela assumiu que ele tinha um cérebro.

— Isso é seu? — Trez perguntou à mulher. — Porque se for, poderia levá-lo para casa com você, antes precise de um balde e um carrinho para limpar a bagunça?

— Eu te falê para você não vir aqui, — disse a mulher. — O que você está fazendo aqui?

Eeeee mais evidência de por que esses dois eram uma combinação feita no céu.

— E se eu deixar os dois resolverem isso? — Trez sugeriu.

— Estou apaixonada por ele!

Por uma fração de segundo, a resposta não computou. Mas, então, desprezível sotaque a parte, a merda foi entendida: A piranha estava falando sobre *ele*.

Quando Trez deu à mulher um olhar hostil, ele percebeu que essa foda ocasional tinha lhe dado um emaranhado de merda em *grande forma*.

— Você não está!

Bem, pelo menos o namorado usou o verbo corretamente desta vez.

— Sim, eu estou!

E foi aí que tudo FUBARed[133]. O touro se lançou contra a mulher, quebrando seu próprio pulso para se libertar. Em seguida, os dois foram nariz-com-nariz, gritando obscenidades, seus corpos arqueando.

Claramente, eles tinham prática nisso.

Trez olhou em volta. Não havia ninguém no estacionamento, e ninguém andando na calçada, mas ele não precisa de uma disputa doméstica rolando na parte de trás de seu clube. Inevitavelmente, alguém iria ver e fazer um 911[134]—ou pior, aquela puta de quarenta e cinco

---

[131] *Errado mesmo rsrs*
[132] *Sigla para Boyfriend – namorado*
[133] *Fodido além do absolutamente. Além de todos os reparos*
[134] *Chamar a polícia (seria o 190 no Brasil)*

quilos estava a ponto de empurrar seu namorado grande idiota apenas uma polegada[135] para muito longe, e ficar numa baita enrascada.

Se ele tivesse apenas um balde de água ou, tipo, uma mangueira de jardim para fazê-los desengatar.

— Escuta, vocês precisam levar isso...

— Eu amo você — disse a mulher virando para Trez e agarrando a frente de seu bustiê. — Não entende isso? Eu te amo!

Dado o brilho de suor em sua pele, a despeito do fato de que estava -1°C—estava muito claro que ela estava sobre efeito de algo. Coca ou metanfetamina se tivesse de adivinhar. Ectasy não era geralmente associada com esse tipo de agressão.

Grande. Outro benefício.

Trez sacudiu a cabeça. — Bebezinha, você não me conhece.

—Eu conheço!

—Não, você não...

— Não fale com ela porra!

O cara foi para Trez, mas a fêmea ficou no caminho, colocando-se na frente de um trem em alta velocidade.

Porra, agora era hora de se envolver: sem violência contra mulheres ao seu redor dele. *Nunca*, mesmo se isso era colateral.

Trez moveu tão rápido, foi próximo a voltar no tempo. Ele virou o seu—protetor—para fora da linha de fogo, e jogou um soco que pegou direito na mandíbula no animal.

Fez pouco ou nenhuma impressão. Foi como bater em uma vaca com um chumaço de papel.

Trez tinha o punho fechado no olho, um show de luzes explodindo no meio de sua visão, mas foi um golpe de sorte mais do que qualquer coordenação. Seu retorno, no entanto, foi tudo isso e muito mais: com coordenação rápida, ele soltou os punhos em sucessão rápida, trabalhando no intestino, transformando o fígado cirrótico do cara em um vivo, respirante saco de pancada, até que o BF estava dobrado, e inclinando fortemente à bombordo.

Trez terminou as coisas chutando aquele peso morto gemendo no chão.

Depois disso ele tirou sua arma e empurrou o cano bem apertado na carótida do cara.

— Você está à um tiro de distância de sair andando dessa situação, — Trez disse calmamente. — E aqui está como vai ser. Vai se levantar e não vai olhar para ela ou falar com ela. Vai sair da frente do clube e tomar a porra de um táxi e vai para a porra da casa.

Ao contrário de Trez, o homem não tinha um bem desenvolvido e conservado sistema cardíaco—estava respirando como um trem de carga. E ainda assim, dada a forma como seus injetados de sangue, lacrimejante olhos, estavam olhando para cima em alarme, ele conseguiu se concentrar apesar da hipóxia, e recebeu a maldita a mensagem.

— Se você a agredir de qualquer maneira, se ela conseguir tanto quanto uma unha quebrada graças a você, se algum de seus bens seja comprometido por qualquer um? — Trez se aproximou.

[135] *Cerca de 2.54 centímetros*

— Irei para pegar você por trás. Você não saberá que estou lá, e não vai viver pelo o que vou fazer com você. Eu lhe *prometo* isto.

Sim, Sombras tinham formas especiais para eliminar seus inimigos, e embora preferisse carne de baixo teor de gordura como frango ou peixe, ele estava disposto a fazer exceções.

A coisa era, tanto em suas vidas pessoal e profissional, ele tinha visto como a violência doméstica aumentara. Em muitos casos, algo grande tinha que intervir a fim de quebrar o ciclo — e quem diria? Ele se encaixa nessa conta.

— Acene se você compreende os termos. — Quando o aceno veio, apontou a arma ainda mais forte no pescoço carnudo. — Agora, olhe nos meus olhos e saberá que falo a verdade.

Quando Trez olhou para baixo, ele inseriu um pensamento diretamente no córtex cerebral, e implantando-o tão certo como se fosse um microchip que fosse instalado dentro e entre os lóbulos circulares. Seu disparo seria qualquer tipo de ideia brilhante sobre a mulher, seu efeito seria a convicção absoluta de que a morte do próprio homem seria inevitável e rápida se seguisse com a ideia.

Melhor tipo de terapia cognitivo-comportamental que havia.

Cem por cento de sucesso.

Trez saltou e deu ao gordo a chance de ser um bom menino. E sim, o SOB[136] se arrastou para fora da calçada, e então balançou como um cão com as pernas plantadas distantes e sua camisa solta batendo ao redor.

Quando ele saiu, foi mancando.

E foi então que registrou um fungado.

Trez se virou. A mulher estava tremendo de frio, sua roupa olhe-para-mim, não oferecia nenhuma barreira para a noite de dezembro, sua pele pálida, sua postura aparentemente esgotada—como se colocando 40 quilos em sua garganta do seu namorado fosse uma situação preocupante.

Seu rímel estava escorrendo pelo rosto, enquanto ela observasse a partida do Príncipe Chow Hound[137].

Trez olhou para o céu e fez a coisa de argumento interno.

No final, não podia deixá-la ali no estacionamento sozinha—especialmente parecendo tão instável como estava.

— Onde você mora, bebezinha? — Mesmo ele ouviu a exaustão em sua própria voz. — Bebezinha?

A mulher olhou na direção dele, e imediatamente sua expressão mudou. — Eu nunca tive alguém para preocupar comigo assim antes.

Ok, agora ele queria colocar a cabeça através uma parede de tijolos. E caramba, havia uma bem ao lado dele.

— Deixa eu te levar para casa. Onde você mora?

[136] *Sigla para son of a bitch (filho da puta) ou também pode ser traduzido por canalha.*
[137] *Prince Chowhound- príncipe glutão – ironia com "Prince Charming", ou príncipe encantado*

Quando ela se aproximou, Trez teve que dizer a seus pés para ficar onde estavam—e com certeza, ela se enterrou em um aperto contra seu corpo. — Eu te amo.

Trez fechou os olhos bem apertados.

— Vamos, — ele disse, a afastando e a levando até seu carro. — Você vai ficar bem.

Capítulo 35

Quando Layla foi levada para dentro da clínica, seu coração estava batendo com força e suas pernas estavam tremendo. Felizmente, Phury e Qhuinn não tinham nenhum problema suportando seu peso.

No entanto, sua experiência era completamente diferente desta vez—graças à presença do Primale. Quando o painel da porta de entrada da instalação deslizou para o lado, uma das enfermeiras estava lá para encontrá-los, e foram imediatamente levados rapidamente para uma parte diferente da clínica de onde tinha estado na noite anterior.

Quando eles foram deixados em uma sala de exame, Layla olhou ao redor e hesitou. O que... era isso? As paredes estavam cobertas de seda clara e pinturas em quadros de ouro pendurado em intervalos regulares. Nenhuma mesa de exame clínico, como aquela onde ela tinha estado na noite anterior—aqui, havia uma cama que estava coberta com um edredom elegante e coberta com pilhas de travesseiros rechonchudos. E então, em vez de uma pia de aço inoxidável e simples armários brancos, uma tela pintada obscurecida um canto todo o quarto—atrás da qual, ela assumir ser onde encontrava as ferramentas clínicas de Havers.

A menos que eles houvessem sido enviados para quarto pessoal do médico?

— Ele vai estar logo com você, — disse a enfermeira, sorrindo para Phury e se curvando. — Posso conseguir alguma coisa para você? Café ou chá?

— Apenas o médico, — respondeu o Primale.

— Agora mesmo, Excelência.

Ela se curvou de novo e saiu rapidamente.

— Vamos te levantar sobre isso, tudo bem? — Phury disse mais perto da cama.

Layla sacudiu a cabeça. — Tem certeza de que estamos no lugar certo?

—Sim. — O Primale veio e ajudou a atravessar a sala. — Esta é uma de suas suítes VIP.

Layla olhou por cima do ombro. Qhuinn tinha se estabelecido no canto oposto da tela, o corpo vestido de preto como uma sombra lançando uma ameaça. Ele ficou extraordinariamente parado, seus olhos voltados para o chão, sua respiração estável, com as mãos atrás das costas. No entanto, não estava à vontade. Não, ele parecia pronto e capaz de matar, e por um momento, uma pontada de medo passou por ela. Nunca teve medo dele antes, mas, novamente, nunca o viu em um estado tão potencialmente agressivo.

Mas pelo menos a violência demonstrada não parecia dirigida para ela, ou até mesmo o Primale. Certamente não para a Dra. Jane,e quando a fêmea se sentou em uma cadeira coberta de seda.

— Venha, — Phury disse gentilmente. — Para cima.

Layla tentou se levantar sozinha, mas o colchão estava muito longe do chão e seu corpo estava tão fraco quanto suas pernas.

— Eu peguei você — Phury cuidadosamente passou os braços em torno de suas costas e correu sob seus joelhos, em seguida, ele a levantou com cuidado. — Aqui vamos nós.

Ao se acomodar na cama, ela resmungou, uma cãibra afiada apertando sua região pélvica. Quando todos os olhos na sala olharam para ela, tentou cobrir sua careta com um sorriso. Não teve sucesso: apesar do sangramento permanecer estável, as ondas de dor estavam se intensificando, a duração da sua aderência crescendo mais, os espaços entre eles cada vez menor.

Neste ponto, logo ia ser uma agonia constante.

—Estou bem...

A batida na porta a interrompeu. — Posso entrar?

O mero som da voz de Havers foi o suficiente para fazê-la querer fugir. — Oh, querida Virgem Escriba, — ela disse quando reuniu sua força.

— Sim, — Phury disse sombriamente. — Entre...

O que aconteceu a seguir foi tão rápido e furioso que a única maneira de descrever isso seria com um coloquialismo que aprendeu com Qhuinn.

O inferno começou.

Havers abriu a porta, entrou—e Qhuinn atacou o médico, lançando-se daquele canto com uma adaga levantado.

Layla gritou em alarme—mas ele não matou o macho.

Ele, no entanto, fechou aquela porta com o corpo do médico ou—talvez tenha sido o rosto do macho. E era difícil saber se o barulho que ressoou foi o portal encontrando com painel da porta ou o impacto do curador sendo jogado contra os painéis. Provavelmente uma combinação de ambos.

A lâmina afiada estava terrivelmente pressionada contra uma garganta pálida. — Adivinhe o que você vai fazer primeiro, idiota? — Qhuinn rosnou. — Você vai pedir desculpas por tratá-la como uma maldita incubadora.

Qhuinn girou o macho ao redor. Os óculos tartaruga de Havers foram quebrados, uma lente trincada como uma teia de aranha, a haste do outro lado esticada em um ângulo frouxo.

Layla lançou um olhar para Phury. O Primale não parecia particularmente incomodado: Ele apenas cruzou os braços sobre o peito enorme e se encostou na parede ao lado dela, evidentemente completamente à vontade com este jogo como estava sendo jogado. Na cadeira do outro lado, a Dra. Jane era a mesma coisa, seu olhar verde estava calmo enquanto ela assistia o drama.

— Olhe-a nos olhos, — Qhuinn cuspiu, — e peça desculpas.

Quando o guerreiro sacudiu o curador como se Havers não fosse nada além de uma boneca de pano, alguns amontoados de palavras saíram do médico.

Droga. Layla supôs ela deveria ser uma dama e não desfrutar disso, mas havia satisfação em ter a vingança.

Tristeza, também, no entanto, porque nunca deveria ter chegado a isso.

— Você aceita seu pedido de desculpas, — Qhuinn exigiu em um tom perverso. — Ou você gostaria que ele rastejasse? Estou perfeitamente fodidamente feliz em transformá-lo em um tapete a seus pés.

— Isso foi suficiente. Obrigada.

— Agora você vai dizer a ela — Qhuinn fez aquele movimento de cobra novo, os braços de Havers baqueando-se em seus encaixes, a túnica branca solta acenando como uma bandeira—e *só* a ela, que porra está acontecendo com seu corpo.

— Eu preciso... da prancheta...

Qhuinn mostrou suas presas e as colocou bem contra a orelha de Havers—como se estivesse considerando arrancar a coisa com os dentes. — Mentira. E se você está dizendo a verdade? Esse lapso de memória vai fazer você perder sua vida. Agora.

Havers já estava pálido, mas isso o fez ir a completamente branco.

— Comece a falar, Doutor. E se o Primale, por quem você está tão fodidamente impressionado, fosse gentil o suficiente de me dizer se você olhar para longe dela, isso seria ótimo.

— O prazer é meu, — disse Phury.

— Eu não estou ouvindo nada, Doutor. E realmente não sou um cara paciente.

— Você está... — Por trás daqueles óculos quebrados, os olhos do macho encontraram os dela. — Sua criança está...

Ela quase desejou que Qhuinn parasse de forçar o contato. Isto era duro o suficiente de ouvir sem ter que enfrentar o médico que a tratou tão mal.

Então, novamente, Havers era o único que tinha que olhar, não ela.

Os olhos de Qhuinn foram o que ela encarou quando Havers disse, — Você está perdendo a gravidez.

As coisas ficaram onduladas nesse ponto, que a levou a entender que estava chorando. Ela não conseguia sentir nada, porém. Era como se sua alma tivesse sido expulsa para fora de seu corpo, tudo o que a animava e ligava ela ao mundo desapareceu como se nunca tivesse existido.

Qhuinn não mostrou nenhum tipo de reação. Não piscou. Não alterou sua postura ou a mão na adaga.

— Há algo que pode ser feito clinicamente? — Dra. Jane perguntou.

Havers passou a sacudir a cabeça, mas congelou quando a ponta afiada da faca cortou a pele do pescoço. Enquanto o sangue vazou e correu para o colarinho engomado da camisa formal, o vermelho combinava com sua gravata borboleta.

— Nada do que tenho conhecimento, — o médico disse asperamente. —Não na terra, em qualquer grau.

— Diga-lhe que não é culpa dela, — Qhuinn exigiu. — Diga a ela que ela não fez nada de errado.

Layla fechou os olhos. — Assumindo que seja verdade...

— Em humanos, que é geralmente o caso, desde que não há trauma, — Dra. Jane interrompeu.

— Diga a ela, — Qhuinn estalou, o braço começando a vibrar ainda que levemente, como se estivesse a um passo de despachar sua própria violência.

— É verdade, — Havers resmungou.

Layla olhou para o médico, procurando o olhar por trás dos óculos arruinados. — Nada?

Havers falou rapidamente. — A incidência de aborto espontâneo é apresentada, aproximadamente, um em cada três gravidez. Acredito, como com os humanos, que é provocada por um sistema de auto-regulação que assegura defeitos de vários tipos não são levadas a termo.

— Mas eu estou definitivamente grávida, — ela disse em um tom fraco.

— Sim. Seus exames de sangue provaram isso.

— Existe algum risco para a sua saúde, — Qhuinn perguntou,— se isso continuar?

— Você é o seu *whard*? — Havers deixou escapar.

Phury interrompeu. — Ele é o pai do filho dela. Então você o trata com o mesmo respeito que você daria a mim.

Aquilo fez os olhos do médico esbugalharem, as sobrancelhas subindo acima das armações de tartaruga. E o que foi engraçado, foi quando Qhuinn mostrou um pouco de reação—apenas um lampejo em seu rosto antes das características ferozes de agressão, reassentarem.

— Responda-me, — Qhuinn estalou. — Ela está em algum tipo de perigo?

— E—eu — Havers engoliu em seco. — Não há garantias na medicina. De modo geral diria que não—ela é saudável em todas as outras contas e o aborto parece estar seguindo o curso genérico. Além disso...

Quando o médico continuou a falar, seu tom de voz educado refinado muito mais desigual do que foi na noite anterior, Layla desligou-se.

Tudo retrocedeu, sua audição desaparecendo, junto com qualquer sentido da temperatura no quarto, a cama debaixo dela, os outros corpos de pé ao redor. A única coisa que ela via eram os olhos díspares de Qhuinn.

Seu único pensamento enquanto ele segurava a faca contra a garganta do outro macho?

Mesmo que eles não estivessem apaixonados, ele era exatamente o que ela teria querido como um pai para sua criança. Desde que tomou a decisão de participar no mundo real, ela tinha aprendido como a vida era áspera, como outros poderiam conspirar contra você—e como às vezes força de princípio era tudo o que você tinha para sobreviver à noite.

Qhuinn tinha esse último em alta escala.

Ele era um protetor grande, temível, e era precisamente o que uma mulher precisava quando estava grávida, amamentando ou cuidando de uma criança.

Isso e sua bondade inata o faziam nobre para ela.

Não importa a cor de seus olhos.

Cerca de 80 quilômetros ao sul de onde Havers estava mijando nas calças aterrorizado em sua própria clínica, Assail estava ao volante de seu Range Rover, e balançando a cabeça em descrença.

As coisas estavam ficando mais interessantes com essa mulher.

Graças ao GPS, ele seguiu seu Audi de longe enquanto ela decisivamente saiu de seu bairro e foi para Northway. Ele esperava que ela saísse em qualquer saída do subúrbio, mas quando eles deixaram Caldwell bem na poeira, começou a pensar que ela poderia seguir até o todo o caminho para o sul até Manhattan.

Não foi assim.

West Point, casa da venerável escola militar humana estava a meio caminho entre Nova York e Caldwell, e como ela saiu da estrada naquele ponto, ficou aliviado. Muita coisa acontece para baixo na terra de códigos postais que começavam com 100, e não queria ficar muito longe da base por dois motivos: primeiro, ainda não ouviu falar dos gêmeos sobre se os distribuidores de segundo escalão apareceram, e dois, o amanhecer estava chegando em algum ponto, e não gostava da ideia de abandonar o seu Range Rover fortemente modificado e reforçado no lado da estrada em algum lugar, porque precisava desmaterializar de volta à segurança.

Uma vez fora da autoestrada, a mulher prosseguia a precisamente 72 quilômetros por hora através de preâmbulo do município de postos de gasolina, hotéis turísticos e de lojas de fast-food. Então, do outro lado de tudo o que rápido, barato e fácil, as coisas começavam a ficar caras. Casas grandes, do tipo que foram construídas por trás de gramados que pareciam tapetes, começaram a surgir, seus muros baixos, soltos muros de pedra curiosamente desmoronamento dos lados da estrada. Ela contornou todas as propriedades, no entanto, finalmente parando no estacionamento de um pequeno parque que com vista para o rio.

Bem quando ela saiu, ele passou direto por ela, a cabeça virando em sua direção, medindo-a.

Cerca de 90 metros depois, fora da vista de onde ela estava, Assail parou seu carro no acostamento da estrada, o vento cortante o fez abotoar o casaco. Seus sapatos não eram ideais para o rastreamento através da neve, mas não se importou. Seus pés aguentariam o frio e o molhado, e tinha uma dúzia de pares mais esperando por ele em seu armário em casa.

Como era o veículo dela, e não o seu corpo, que tinha o dispositivo de rastreamento, ele manteve os olhos sobre ela. Com certeza, ela estava vestindo aquelas roupas de ski, e então, com uma máscara branca de esqui sobre a cabeça e a camuflagem pálida cobrindo seu corpo flexível, ela desapareceu na paisagem de inverno azul-lavado.

Ele ficou bem com ela.

Desmaterializando e materializando em intervalos de 14 a 18 metros, ele encontrou pinheiros para se proteger enquanto ela avançava em direção as mansões, seus esquis comendo o chão coberto de neve.

Ela estava indo para uma dessas casas grandes, ele pensou enquanto mantinha o ritmo com ela, antecipando sua direção e, em sua maior parte, adivinhando corretamente.

Toda vez que ela passava por ele sem saber que ele estava ali, seu corpo queria saltar para ela. Derrubá-la. Mordê—la.

Por alguma razão, esta humana o deixava faminto.

E gato e rato era muito erótico, especialmente se só o gato sabia que o jogo estava em andamento.

A propriedade que ela eventualmente se infiltrou estava quase um quilômetro e meio de distância, mas, apesar da distância, o seu ritmo alucinante naqueles os esquis não diminuiu no mínimo. Ela entrou no canto frontal direito do gramado, pisando em cima do muro firme baixo, e em seguida, retomou seu curso.

Isso não fazia sentido. Se ela fosse comprometida[138], estava uma distância extra de seu carro. Certamente a margem mais próxima teria feito mais sentido? Depois de tudo, e em ambos os casos, ela estaria exposta agora, sem árvores para oferecer cobertura, sem defesa possível contra a invasão disponível se fosse avistada.

A menos que conhecesse o dono. Nesse caso, por que se esconder e se deslocar à noite?

O gramado de três ou quatro hectares aumentou gradualmente em direção a uma casa de pedra de quase dois mil metros quadrados, esculturas modernistas assentadas como cegas, brilhantes sentinelas no caminho, os jardins esparramando-se na parte de trás. O tempo todo, ela ficou próxima à parede, e vendo-a de 9 metros à frente, ele se encontrou sentindo-se impressionado com ela. Contra a neve, ela se moveu como uma brisa, invisível e rápida, sua sombra jogada contra a parede de pedra cinzenta de tal forma que parecia desaparecer...

Ahhhhhhh.

Ela escolheu a rota especificamente para isso, não foi.

Sim, de fato, o ângulo da luz da lua colocou a sombra exatamente sobre as pedras, efetivamente criando camuflagem a mais.

Um arrepio estranho passou por ele.

Inteligente.

Assail materializou adiante, encontrando um esconderijo entre as plantas do lado da casa. De perto, viu que a grande mansão não era nova, embora não antiga, também—então, novamente, no Novo Mundo, era raro se deparar com qualquer coisa construída antes do século XVIII. Muitas janelas com painéis de chumbo. E varandas. E terraços.

Ao todo? Riqueza e distinção.

Essa era sem dúvida protegida por uma abundância de alarmes.

Parecia improvável que estivesse simplesmente espionando a propriedade como tinha feito com a dele própria. Por um lado, havia uma de floresta cultivada circundando no lado oposto da parede de pedra que ela tinha atravessado. Poderia ter descartado os esquis, percorrido aquele trecho de três a seis metros de altura de arbustos espinhosos, e obtido uma vista abundante do

---

[138] *Fosse pega, ou a ponto de, se tivesse que fugir rapidamente.*

galpão para a casa. Por outro? Nesse caso, não precisaria do que quer que estava na mochila pendurada em seus ombros.

A coisa era quase grande o suficiente para transportar um corpo, e estava cheia.

Como se na sugestão, ela parou, tirou o binóculo e examinou a propriedade, permanecendo imóvel, apenas a cabeça sutilmente em movimento. E então começou a atravessar o gramado, movendo-se mais rápido do que antes, do ponto onde estava, literalmente, em alta velocidade em direção a casa.

Em direção a ele.

Na verdade, ela se dirigia diretamente para ele, para esta junção entre os arbustos que marcaram a frente da mansão, e a cobertura alta que corria para o jardim traseiro.

Claramente, ela conhecia a propriedade.

Claramente, ele tinha escolhido o local perfeito.

E com a sua abordagem, ele recuou apenas um pouco... Porque não teria se importado em ser pego espionando.

A mulher esquiou até dentro de um metro e meio de onde estava, ficando tão perto que poderia sentir o cheiro dela não só no nariz, mas na parte traseira de sua garganta.

Ele teve que se parar de ronronar.

Após o esforço de percorrer o trecho do gramado tão rapidamente, ela estava respirando pesadamente, mas seu sistema cardiovascular recuperou-se rapidamente—um sinal de sua saúde e força. E a velocidade com que agora moveu também era erótica. Esquis fora. Mochila fora. Abrir a bolsa. Extrair...

Ela ia para o telhado, ele pensou, quando ela reuniu o que parecia ser um arpão, mirou a coisa para cima, e puxou o gatilho em um gancho. Um momento depois, houve um barulho de metal distante acima.

Olhando para cima, ele percebeu que ela escolheu um dos poucos trechos de pedra que não tinha janelas... E era protegido pelo muro muito longo de arbustos altos que ele próprio estava escondido.

Ela ia entrar.

Nesse ponto, Assail franziu a testa... E desapareceu de onde estava olhando para ela.

Materializando-se em torno da parte traseira da casa ao nível do solo, ele examinou um monte de janelas, colocando as mãos sobre o vidro frio e inclinando-se para frente. O interior estava em sua maior parte escuro, mas não completamente assim: Aqui e ali, lâmpadas foram deixadas ligadas, as lâmpadas lançando um brilho nos móveis que eram uma combinação de antiguidades e arte moderna. Extravagante, extravagante: No seu sono tranquilo, o lugar parecia um museu, ou algo que tinha sido fotografado para uma revista, tudo arranjado com tal precisão que se perguntou se réguas não foram usadas para organizar o mobiliário e os objetos de arte.

Nenhuma desordem em qualquer lugar, sem jornais casualmente jogados, contas, cartas, recibos. Nem casaco lançando sobre as costas de uma cadeira ou um par de sapatos jogados próximos ao sofá.

Todos os cinzeiros estavam extremamente limpos.

Uma e apenas uma pessoa veio a sua mente.
— Benloise, — ele sussurrou para si mesmo.

Capítulo 36

Pelas vibrações regulares no bolso, Xcor sabia que seus soldados o procuravam. Ele não respondeu. Do lado de fora da instalação onde sua Escolhida estava internada, ele estava impotente para deixá-la, mesmo com o fluxo regular de outros de sua espécie, dirigindo-se ou materializado-se antes da porta em que a levaram. Na verdade, como muitos iam e vinham, não havia dúvida, isso era uma clínica. Pelo menos ninguém parecia notá-lo, preocupados com o que quer que os afligissem, apesar de ele estar fora. Cara, o próprio pensamento de que trouxeram sua Escolhida aqui o enjoou ao ponto de pigarrear — Inspirar ar gelado para os pulmões ajudava a combater a ânsia de vômito. Quando tivera sua necessidade? Deve ter sido recentemente. Ele pensou pela centésima vez...Quem era o pai? Quem tomara o que era dele?

—Não é sua, — ele disse a si mesmo. —Não é sua. — salvo que era sua mente falando, não seus instintos. No seu intimo, na parte mais máscula de sua medula, ela era *sua* mulher. E, ironicamente, foi o que o impediu de atacar as instalações — com todos os seus soldados, se necessário. Como ela estava recebendo cuidados, a última coisa que queria era interromper o processo. Enquanto o tempo passava, e a falta de informação o torturava ao ponto de loucura, ele percebeu que nem sabia sobre esta clínica. Se ela fosse sua? Ele não saberia onde buscar ajuda, certamente ele teria enviado Throe para encontrar em algum lugar, para, de alguma forma, assegurar seu cuidado, mas no caso de uma emergência médica? Uma hora ou duas a procura de um médico podem significar a diferença entre vida e morte. A Irmandade, por outro lado, sabia exatamente para onde enviá-la. E quando ela fosse liberada da clínica, eles, sem dúvida, a levariam para uma casa, quente e segura, onde houvesse comida em abundância, e uma cama macia. E uma força robusta de, no mínimo, seis guerreiros vigorosos para protegê-la enquanto ela dormia. Irônico que encontrasse alívio facilmente nessa visão. Mas, novamente, a Sociedade Lesser era um adversário muito sério e seja o que for que se diga sobre Irmandade, ela provou ao longo dos século,s serem defensores capazes. De repente, seus pensamentos mudaram para o armazém onde ele e seus soldados ficaram. Esses frios, úmidos, ambientes inóspitos eram, de fato, um passo adiante de alguns dos outros lugares que acamparam. Se ela fosse com ele, onde ele ficaria com ela? Nenhum macho poderia olhá-la em sua presença, especialmente se fosse para mudar de roupa ou tomar banho — Um rugido permeou até a garganta. Não. Nenhum homem lançaria os olhos sobre sua pele, ou ele o esfolaria. Oh, Deus, ela acasalou com outro. Abriu-se e aceitou outro macho em sua pele sagrada. Xcor colocou o rosto entre as mãos, a dor em seu peito fazendo-o torcer-se nas botas de combate. Deve ter sido o Primale. Sim, é claro que ela se deitou com Phury, filho de Ahgony. Esse era o destino. Escolhido para propagar, se sua memória e os

boatos servissem. Imediatamente, sua mente estava obscurecida pela imagem de seu rosto perfeito e corpo esguio. Pensar que outro a despiu e cobriu com seu corpo

Pare com isso, disse a si mesmo. Pare com isso. Arrastando sua mente para longe daquela loucura, ele desafiou a si mesmo a providenciar qualquer acomodação digna que pudesse prover para ela. Em qualquer circunstância. O único pensamento que veio a ele foi voltar e matar as mulheres que seus soldados bastardos tiveram. Essa casa fora pitoresca e encantadora .... Mas onde andaria sua Escolhida durante o dia? E, além disso, ele nunca a envergonharia, permitindo sequer que ela caminhasse sobre o tapete, onde todo o sexo aconteceu.

—Perdoe-nos. — Xcor foi até a arma dentro da jaqueta quando se virou. Exceto que não havia necessidade de força, era simplesmente uma pequena fêmea com seu filho. Aparentemente, eles saíram de uma caminhonete estacionada cerca de dez metros de distância dele. O jovem se encolheu atrás de sua mãe, os olhos da fêmea queimando de medo. Então, novamente, quando um monstro era descoberto, sua presença muitas vezes não era aceita com alegria. Xcor se curvou profundamente, em grande parte porque a visão de seu rosto certamente não ajudaria a situação. —Mas é claro. — Com isso, ele recuou em frente aos dois e então girou, voltando para o local original que ocupara. Na verdade, não havia percebido o quanto estava exposto. E ele não queria lutar. Nem com a Irmandade. Não com sua Escolhida como estava. Não... aqui. Fechando os olhos, ele desejou que pudesse voltar para aquela noite em que Zypher o levara e à Throe para o prado e, sob o pretexto de salvá-lo, condenou-o a uma espécie de passeio para a morte. Um macho vinculado que não tivesse a companheira? Morto-vivo. Sem aviso, a porta abriu e sua Escolhida apareceu. Instantaneamente, o instinto de Xcor gritou por ação, apesar das razões para deixá-la ir. Leve-a. Mas, ele não fez?!. As expressões sombrias daqueles que a guiavam com cuidado, o congelaram onde ele estava; as más-notícias foram transmitidas durante sua permanência lá dentro. Como antes, ela foi praticamente carregada para o veículo.

E o cheiro do sangue dela ainda continuava no ar. Sua Escolhida foi reacomodada na parte de trás do sedan, com a fêmea ao seu lado. Então Phury, filho de Ahgony, e o guerreiro com os olhos desiguais entraram na frente. O veículo foi virando devagar. Como se preocupado com a preciosa carga em na parte traseira. Xcor seguiu em seu rastro, materializando-se em ritmo acelerado para acompanhar a velocidade constante que foi adquirida, primeiro na estrada rural no final da pista, em seguida, sobre a rodovia. Quando o carro se começou a parar de se mover, mais uma vez ele a avistou de cima da maior viga, depois de sua fêmea passar por baixo dele, ele pulou de telhado em telhado com o sedan contornado o centro da cidade. Acompanhou o veículo para o norte, até que saiu da estrada e entrou em uma zona rural. Ele ficou com ela o tempo todo. E foi assim que encontrou a localização da Irmandade.

Capítulo 37

Enquanto Blay retorcia o anel com sinete de sua família em torno de seu dedo indicador, seu cigarro aceso ardia suavemente em sua outra mão, e sua bunda ficando cada vez mais entorpecida ... e ninguém voltava pelas portas do vestíbulo.

Sentado no degrau da escadaria da mansão, ele não iria cumprir a sua promessa para sua mãe e ir para casa. Não esta noite, pelo menos. Depois da loucura da noite anterior, o que com o pouso forçado e todo drama, Wrath ordenara à Irmandade e os lutadores de tirarem 24 horas de folga. Então, tecnicamente, ele deveria ter ligado para os pais e dito à sua mãe para usar a mussarela e o molho de carne.

Mas não havia maneira nenhuma que ele fosse sair casa. Não depois de ouvir os gritos no quarto de Layla, e depois de vê-la sendo carregada pela escadaria grandiosa.

Naturalmente, Qhuinn estava com ela.

John Matthew não estava.

Então o que quer que estivesse acontecendo, aparentemente dizia alguma coisa sobre o *ahstrux nohtrum*, e isso significava ... que ela poderia perder a criança. Somente algo tão sério obteria passagem sem obstáculo algum.

Enquanto ele continuava sentado, sem saber o que fazer, com nada além da preocupação para lhe fazer companhia, naturalmente sua mente decidiu tornar as coisas piores: Merda, ele realmente havia dormido com Qhuinn na noite passada?

Dando uma tragada forte no seu Dunhill[139], ele exalou uma maldição.

Será que isso realmente havia acontecido?

Deus, essa pergunta estava martelando em seu crânio, desde que ele havia acordado de um sonho quente como o inferno, com uma ereção que parecia pensar que o outro homem estava dormindo ao lado dele.

Repetindo as cenas, pela centésima vez, tudo o que ele conseguia pensar era ... sobre um plano que não deu certo. Depois que ele recusara Qhuinn quando o cara havia implorado, ele voltou para o quarto e ficou andando ao redor, num debate que não estava interessado em ter consigo, transformando seu cérebro em *foie gras*[140].

Mas ele tomou a decisão certa em sair. Realmente. Ele tinha.

O problema era que não funcionou. Enquanto as horas da luz do dia começaram, tudo o que ele pensava era sobre o tempo quando fora pego por seu pai roubando um pacote de cigarros de um dos *doggen* da família. Ele era um jovem pretrans, e como castigo, seu pai o fizera sentar e fumar cada um desses Camels[141] sem filtro. Ele ficara terrivelmente doente, e havia se passado um ano ou dois antes que ele tivesse sido capaz de tolerar até mesmo o fumo passivo.

Então, ele tivera um novo plano.

Ele havia desejado Qhuinn muito por tanto tempo, mas tudo isso fora hipotético, parcelado em fantasias de uma forma que ele pudesse lidar. Não todas de uma vez, nem aquela sobrecarga de besteira, demolidora, e ele sabia muito bem que na vida real, Qhuinn não ia recuar ou ser fácil.

---

[139] Marca de cigarro.
[140] Tipo de patê de fígado de ganso.
[141] Marca de cigarro.

O plano havia sido ter a experiência real — e aprender que era apenas sexo rude. Ou para o inferno, descobrir que não era nem mesmo *bom* sexo.

Você não deveria fumar todos os cigarros no pacote ... e só querer mais.

Jesus Cristo todo poderoso, tinha quer ser a primeira vez que a realidade fora melhor do que uma fantasia, a melhor e mais absoluta experiência erótica de sua vida.

Depois disso, no entanto, a bondade que Qhuinn mostrara foi insuportável.

De fato, assim que Blay lembrou da ternura, ele explodiu a partir de onde ele estava sentado e marchou em torno da macieira, como se tivesse que ir para algum lugar.

Nesse momento, as portas foram abertas. Não as do vestíbulo, no entanto.

A da biblioteca.

Quando ele olhou por cima do ombro, Saxton saía da sala. Ele parecia o inferno, e não apenas porque, como se curava rápido, ele ainda tinha algum inchaço residual na mandíbula, graças ao ataque de Qhuinn.

Bem feito, Blay pensou. Maneira de expressar a decepção com o comportamento de alguém: Deixe-os te foder depois que eles tentaram estrangular o seu ex.

Tãooooooooooooo elegante.

—Como você está? — Blay perguntou, e não de uma forma social.

Foi um alívio quando Saxton se virou. Olhou-o nos olhos. Sorriu um pouco como se estivesse determinado a fazer um esforço.

—Estou exausto. Eu estou com fome. Estou inquieto.

—Você gostaria de comer comigo? Blay deixou escapar. —Estou me sentindo exatamente dessa forma também, e a única coisa que eu posso fazer para ajudar alguma coisa é a necessidade de alimentos.

Saxton assentiu e pôs as mãos nos bolsos de sua calça. —Essa é uma ideia ótima.

Os dois acabaram na cozinha, à mesa de carvalho esculpida, sentados lado a lado, de frente para a sala. Com um sorriso feliz, Fritz imediatamente apressou-se em prover o sustento e do modo que você conhece. Dez minutos depois, o mordomo deu a cada um deles uma tigela de guisado de carne fumegante, bem como uma baguete crocante, uma garrafa de vinho tinto, e um pedaço de manteiga doce em um prato pequeno.

—Estarei de volta, meus senhores, — o mordomo disse se curvando. E então ele começou a espantar todos os outros para fora do lugar, desde os *doggen* que estavam preparando legumes, os que estavam polindo a prataria, até os limpadores de janelas no cômodo ao lado.

Quando a porta se fechou atrás aba o último da equipe, disse Saxton, —Tudo o que precisamos é de uma vela e isto seria um encontro. — O macho se inclinou para frente e comia de maneira impecável. —Bem, acho que precisaríamos de algumas outras coisas, não é.

Blay o olhava enquanto acendia o cigarro. Mesmo com as bolsas sob os olhos e aquelas manchas negras em sua maioria desaparecendo no seu pescoço, o advogado era algo para se olhar.

Por que diabos ele não podia...

—Não diga que está arrependido de novo. — Saxton limpou a boca e sorriu. —Realmente não é necessário ou apropriado.

Sentado ao lado do cara, parecia tão improvável que eles houvessem se separado como o que acontecera com Qhuinn. Alguma das duas coisas havia acontecido na noite anterior?

Bem, sei lá. O que quer que tivesse acontecido com Qhuinn, não teria acontecido se ele e Sax ainda estivessem juntos. Disso ele tinha muita certeza — uma coisa era se masturbar em segredo, e que sempre era muito ruim. O maço de cigarro completo? Nem fodendo.

Merda, apesar do fato de que ele e Saxton terem se separado, ele ainda sentia que deveria confessar a transgressão ... embora se Qhuinn estivesse certo, Saxton já seguira em frente nesse sentido da palavra.

Enquanto comiam em silêncio, Blay sacudia a cabeça, mesmo que ele não houvesse feito nenhuma pergunta e não houvesse conversa. Ele só não sabia mais o que fazer. Às vezes, as mudanças na vida vinham tão rápido, e com tanta fúria, que não havia maneira de continuar com o pé na realidade. Levava um tempo para que as coisas se acomodassem, o novo equilíbrio só se estabelecia depois que seu cérebro fosse agitado para frente e para trás contra as paredes de sua cabeça.

Ele ainda estava na zona agitação.

—Você já se sentiu como se as horas fossem medidas em anos? — Saxton disse.

—Ou talvez em décadas. Sim. Absolutamente. — Blay olhou novamente. —Eu estava realmente pensando a mesma coisa.

—Somos mórbidos.

—Talvez devêssemos usar preto.

—Braçadeiras? — Saxton solicitado.

—Tudo, da cabeça aos pés.

—O que devo fazer com meus brilhos de cor? — Saxton mostrou seu lenço Hermès laranja. —Então, novamente, um acessório pode mudar tudo.

—Certamente explica a teoria por trás dos aparelhos dentários.

—Os flamingos Pink de plástico.

—A franquia da Hello Kitty.

Ao mesmo tempo, eles estouraram numa gargalhada. Nem era tão engraçado, mas o humor não era o ponto. Quebrar o gelo sim. Voltando a um novo tipo de normalidade. Aprender a se relacionar de uma maneira diferente era.

Como as coisas acabaram em risada, Blay colocou seu braço ao redor dos ombros do macho e lhe deu um abraço rápido. E foi legal que Saxton tenha se inclinado por um breve momento, aceitando que lhe foi oferecido. Não que Blay pensasse que só porque eles se sentaram juntos, compartilharam uma refeição, e haviam rido, tudo de repente tudo seria como um lindo passeio. Nem um pouco. Era estranho pensar que Saxton havia estado com outra pessoa, e absolutamente incrível saber que ele havia feito o mesmo, especialmente tendo em conta com quem fora.

Você não desliga de alguém que foi seu amante por um ano, para ficar nessa coisa de amiguinhos, dentro de um dia ou dois.

Você pode, no entanto, começar a forjar um novo caminho.

E colocar um pé após o outro sobre ele.

Saxton sempre teria um lugar no seu coração. A relação que haviam compartilhado, fora a primeira que ele havia tido, não apenas com um macho, mas com qualquer um. E houve muitas coisas boas, coisas que iria levar com ele como memórias que valiam o espaço cérebro.

—Você já viu os jardins do fundo? — Saxton perguntou como ele ofereceu o pão.

Blay partiu um pedaço e depois passou a faca de manteiga, enquanto Saxton pegava o outro pedaço.

—Estão péssimos, não é?

—Lembre-me de nunca tentar remover ervas daninhas com um Cessna.

—Você não tem jardim.

—Bem, se eu tiver um então. — Saxton derramou vinho em sua taça. —Vinho?

—Por favor.

E foi assim que aconteceu. Todo o caminho desde o ensopado até a torta de pêssego que milagrosamente apareceu diante deles, graças ao timing perfeito de Fritz. Quando a última mordida havia sido dada e a última dobra do guardanapo feita, Blay recostou-se contra o encosto do banco de almofadas e respirou fundo.

Isso era sobre muito mais do que apenas um estômago cheio.

—Bem, — disse Saxton, enquanto ele colocava o guardanapo ao lado de seu prato de sobremesa, —eu acredito que finalmente vou tomar aquele banho que eu te falei algumas noites atrás.

Blay abriu a boca para ressaltar que os sais preferidos do macho ainda estavam em seu banheiro. Ele os vira no armário, quando pegara seu creme de barbear extra ao anoitecer.

Só que... ele não estava certo se deveria mencionar isso. E se Saxton pensasse que ele estava convidando o macho para vir e tomar banho em sua suíte? Era muito mais de um lembrete de como as coisas tinham mudado e por quê? E se ...

—Eu preciso desse tratamento novo de óleo. Estou morrendo de vontade de tentar, — Saxton disse enquanto deslizava para fora de seu lado do banco. —Ele finalmente chegou do exterior pelo correio hoje. Eu estive esperando por muito tempo.

—Parece incrível.

—Estou ansioso por isso. — Saxton arrumou sua jaqueta sobre os ombros, puxou os punhos no lugar, e então ergueu a mão em uma onda, caminhando sem qualquer sinal de complicação ou tensão em seu rosto.

Que foi útil, na verdade.

Dobrando o próprio guardanapo, ele o colocou ao lado de seu prato, e como ele estava sozinho na mesa, ele esticou os braços sobre a cabeça e se inclinou para trás, sua coluna se espreguiçando de uma maneira boa.

A tensão voltou nele, assim que ele entrou no vestíbulo novamente.

O que diabos estava acontecendo com Layla?

Droga, não era como se ele pudesse chamar Qhuinn. O drama não era seu, ou qualquer coisa a qual estivesse ligado: Quando essa gravidez aconteceu, ele não foi diferente dos outros na casa, que também haviam ouvido e visto o show e estavam, sem dúvida tão preocupados como ele estava, mas não tinham direito a atualizações de hora em hora.

Pena que seu intestino totalmente cheio agora, não pudesse lidar com isso. O pensamento de que Qhuinn pudesse perder a criança, era o suficiente para fazê-lo considerar cuidadosamente os locais dos banheiros. Apenas no caso de uma ordem de evacuação, que fosse emitida pela parte de trás de sua garganta.

No final, ele encontrou-se lá em cima no quarto do segundo andar, sentado, passeando ao redor. A partir desse lugar vantajoso, não era problema em ouvir a porta vestíbulo, e ainda não era como se ele estivesse esperando a céu aberto ...

As portas duplas do estúdio de Wrath foram empurradas em toda a sua largura, e John Matthew surgiu do santuário do rei.

Imediatamente, Blay atravessou a sala de estar, pronto para ver se talvez o cara tivesse ouvido algo, mas ele parou quando recebeu uma encarada da expressão de John.

Imerso em pensamentos. Como se houvesse recebido uma notícia pessoal perturbadora.

Blay ficou para trás enquanto seu amigo saia na direção oposta, indo pelo corredor de estátuas, sem dúvida para desaparecer em seu quarto.

Parecia que as coisas estavam acontecendo na vida de outras pessoas, também.

Grande.

Com uma maldição suave, Blay deixou o seu amigo e retomou para sua caminhada própria inútil ... e esperando.

Mais ao sul, na cidade de West Point, Sola estava se preparando para entrar na casa de Ricardo Benloise no segundo andar, pela janela no final do corredor principal. Fazia meses desde que ela estivera lá dentro, mas ela estava apostando no fato de que o contato da segurança que ela havia cuidadosamente manipulado, ainda fosse seu amigo.

Havia duas chaves para o sucesso ao invadir qualquer casa, edifício, hotel, ou instalação: planejamento e velocidade.

Ela tinha ambos.

Pendurada pelo fio que ela havia jogado do telhado, ela enfiou a mão no bolso interno de seu casaco, tirou um dispositivo, e segurou-o no canto direito da janela de abertura dupla. Iniciando o sinal, ela esperou, olhando para a pequena luz vermelha que brilhava na tela à frente para ela. Se por algum motivo ele não mudasse, ela teria que entrar por uma das janelas do sótão, que ficavam na frente do jardim, o que seria um pé no saco ...

A luz ficou verde sem um som, e ela sorriu quando foi pegar mais ferramentas.

Pegando um copo de sucção, ela empurrou-o no centro do painel imediatamente abaixo do trinco, e então o fez dançar um pouco em torno da coisa, com seu cortador de vidro. Um toque rápido para dentro, e o espaço para encaixar o braço foi criado.

Depois de deixar o círculo de vidro cair suavemente para o interior do corredor Oriental, ela serpenteou a mão para cima e ao redor, libertou a engenhoca em bronze que mantinha a janela fechada, e fez a janela deslizar.

O ar quente correu para cumprimentá-la, como se a casa estivesse feliz em tê-la de volta.

Antes de entrar, ela olhou para baixo. Olhou para a instalação. Inclinou-se para fora para, ver o que podia dos jardins.

Parecia que alguém estava olhando para ela ... não tanto quando ela estava se dirigindo para a cidade, mas assim que ela estacionou seu carro e pegou seus esquis. Não havia ninguém por perto, no entanto, não que ela pudesse ver, de qualquer forma, e com a consciência de missão crítica nesta linha de trabalho, a paranoia era um desperdício de tempo perigoso.

Então ela precisava cortar essa merda.

Voltando ao jogo, ela deu um impulso com as mãos enluvadas e puxou o traseiro e as pernas por cima e através da janela. Ao mesmo tempo, ela soltou a tensão sobre o fio, de modo que houvesse folga para permitir que seu corpo transitasse dentro da casa. Ela pousou sem um som, graças não só ao tapete que estava no corredor, mas pelos seus sapatos de sola macia.

O silêncio era outro critério importante, quando se tratava de fazer um trabalho com sucesso.

Ela parou onde estava por um breve momento. Nenhum som na casa, mas que não necessariamente significasse algo. Ela estava bastante certa de que o alarme de Benloise ficara em silêncio, e muito claro que o sinal não iria até à polícia local ou até estadual: ele gostava de lidar com as coisas de modo particular. E Deus sabia, com o tipo de músculo que ele empregava, havia muita força em volta.

Felizmente, no entanto, ela era boa em seu trabalho, e Benloise e seus capangas, não estariam em casa até um pouco antes de o sol nascer, ele vivia a vida de um vampiro, depois de tudo.

Por alguma razão, a palavra com V a fez pensar no homem que havia aparecido em seu carro e depois desaparecida como mágica.

Loucura. E a única vez na memória recente, que alguém tinha lhe dado uma pausa. Na verdade, depois de ser confrontada assim, ela estava realmente pensando em não voltar para a casa de vidro no rio, embora não houvesse uma justificativa fodida para isso. Não era que ela estivesse preocupada que ela fosse se machucar fisicamente. Deus sabia que ela era perfeitamente competente em se defender.

Era a atração.

Mais perigosa do que qualquer arma, faca, ou punho, tanto quanto ela estava preocupada.

Com passos ágeis, Sola correu para baixo, no tapete, se equilibrando em seus pés, indo para o quarto principal que dava para o jardim de trás. A casa cheirava exatamente como ela se lembrava: madeira velha e mobiliário polido, e ela sabia o suficiente para ficar à margem esquerda do corredor. Não haveria som de chiado dessa forma.

Quando ela chegou até a suíte master, a pesada porta de madeira estava fechada, e ela pegou o lock pick[142], antes mesmo de encostar na maçaneta. Benloise era patológico sobre duas coisas: limpeza e segurança. Sua impressão, porém, era que a última era mais crítica na galeria no centro de Caldwell, do que aqui em sua casa. Afinal, Benloise não mantinha nada sob o telhado, que não arte, que estava segurada até o último centavo, e ele mesmo durante o dia, quando ele tinha muitos guarda-costas e armas com ele.

Na verdade, provavelmente por isso que ele era uma coruja da noite. Significava que a galeria nunca fora autônoma, ele estava presente depois do expediente, e sua equipe de negócio legítimo foi durante o dia.

Como um ladrão, certamente ela preferia entrar em lugares que estavam vazios.

Ao mesmo tempo, ela trabalhava com o mecanismo da trava na porta, e ele saltou livre, e ela entrou. Enquanto ela tomou uma respiração profunda, o ar estava tingido com o fumo do tabaco e a colônia picante Benloise.

A combinação a fez pensar nos filmes preto-e-branco e Clark Gable, por algum motivo.

Com as cortinas fechadas e as luzes não acesas, era um breu, mas ela tinha tirado fotografias de layout da sala quando ela estivera na festa, e Benloise não era o tipo de homem que mudar as coisas ao redor. Inferno, cada vez que uma nova exposição era instalada na galeria, ela podia senti-lo se contorcendo sob sua pele.

O medo da mudança era uma fraqueza, sua avó sempre dissera.

Claro que isso tornava as coisas mais fáceis para ela.

Devagar agora, ela andou para frente 10 passos, para o que era o centro da sala. A cama estar na esquerda contra a parede, tal como o arco para o banheiro e as portas do closet. Em frente a ela estavam as longas janelas que davam para os jardins. Para a direita, haveria um escritório, uma mesa, algumas cadeiras, e a lareira que nunca era usada, porque Benloise odiava o cheiro de fumaça de madeira.

O painel de alarme de segurança estava localizado entre a porta de entrada para o banheiro e na cabeceira da cama ornamentado da cama, ao lado de uma lâmpada que estava cerca de três metros de uma mesa lateral.

Sola girou no lugar. Avançou quatro etapas. Colou o pé para sentir a cama, a encontrou.

Mais passos, um, dois, três. Na frente o colchão king-size. Mais passos para a mesa e a lâmpada.

Sola estendeu a mão esquerda ....

E lá estava o painel de segurança, exatamente onde ele deveria estar.

Tirando a capa, ela usou uma lanterna que mantinha entre seus dentes para iluminar o circuito. Tirando um outro dispositivo de sua mochila, ela enganchou fio a fio, interceptou os sinais, e com a ajuda de um laptop em miniatura e um programa que um amigo dela havia desenvolvido, criava um circuito fechado dentro do sistema de alarme de tal forma que, desde

[142] *Não existe termo correspondente em português: Lock picking é a técnica de abrir fechaduras, maçanetas ou cadeados sem utilizar chaves através da manipulação do mecanismo de fechamento. Geralmente, os chaveiros possuem os equipamentos de lock picking para utilizar no trabalho. O lock picking é usado tanto em casos de emergência como para fins criminais.*

que o roteador estivesse no lugar, os detectores de movimento que ela estava prestes a detonar, não a registrariam.

Quanto à placa-mãe não estava preocupada, nada ia ser errado.

Deixando o laptop pendurado por sua conexão, ela saiu do quarto, voou pelo corredor, e tomou a escada até o primeiro andar.

O local estava totalmente decorado, perpetuamente pronto para uma revista de atirar, embora é claro, Benloise protegesse sua privacidade com muito cuidado para sempre ter suas fotografias preparadas para consumo público. Movendo-se rapidamente, ela passou pela frente pelo hall de entrada, a sala de estar para a esquerda, e foi para seu escritório.

Caminhando ao redor na semi-escuridão, ela teria preferido retirar sua parka branca bem como suas calças de neve, ficando em sua roupa de baixo preta, que era um clichê, todavia, prático. Não havia tempo, porém, e ela estava mais preocupada com o ser vista lá fora na paisagem de inverno, do que aqui nesta casa vazia.

O espaço privado de trabalho de Benloise era, como tudo o mais sob este teto, era um conjunto de palco, do que qualquer coisa funcional. Ele não chegou a usar a mesa grande, ou sentar-se no mini-trono, ou ler qualquer um dos livros encadernados em couro nas prateleiras.

Ele, no entanto, percorria o espaço. Uma vez por dia.

Em um momento sincero, ele uma vez disse-lhe que antes de sair a cada noite, ele passeava pela sua casa a olhava para todas as suas coisas, lembrando-se da beleza de suas coleções e sua casa.

Como resultado dessa visão, e algumas outras coisas, Sola há muito extrapolara que o homem havia crescido pobre. Por um lado, quando eles falavam em espanhol ou português, o sotaque do acento da classe baixa se acentuava, sutilmente. Por outro lado, as pessoas ricas não apreciavam as suas coisas como ele o fazia.

Nada era raro para os ricos, e isso significava que eles tinham coisas para ter.

O cofre estava escondido atrás da mesa, em uma seção das estantes que era alcançado por um interruptor localizado na gaveta inferior à direita.

Ela descobriu isso graças a uma pequena câmera escondida, que ela havia colocado no canto durante a festa.

Após ter desencadeado a trava, uma seção de três ou quatro metros do arquivo, rolou para frente e deslizou para o lado. E lá estava ela: uma caixa de aço no estilo do fabricante que ela reconhecia.

Então, novamente, quando você já havia danificado mais de uma centena das malditas coisas, você tem que conhecer os fabricantes intimamente. E ela aprovou sua escolha. Se ela tivesse que ter um cofre, este era o único que teria, colocou-o no chão.

O maçarico que ela tirou de sua mochila era pequeno, mas poderoso, e quando ela acendeu a ponta, a chama apagou com um silvo contínuo e um brilho branco-e-azul.

Isso ia levar tempo.

A fumaça do metal queimando, irritava os olhos, nariz e garganta, mas ela manteve a mão firme enquanto fazia um quadrado de algumas polegadas através do painel frontal. Alguns cofres ela fora capaz de explodir as portas, mas em alguns a única maneira era do jeito antigo.

Demorou uma eternidade.

Ela conseguiu passar, no entanto.

Colocar a parte pesada porta de lado, ela mordeu o cabo de sua lanterna de novo e se inclinou por entre as joias do estojo, certificados de investimentos, e alguns relógios de ouro brilhantes que ele deixou com acesso facial. Havia uma arma que ela estava disposta a apostar que estava carregada. Sem dinheiro.

Então, novamente, com Benloise, havia tanto dinheiro em toda parte, que fazia sentido que ele não se preocupasse com as coisas que ocupavam o espaço do cofre.

Droga. Não havia nada lá que valesse a pena apenas cinco mil dólares.

Afinal, neste trabalho, ela era só receberia depois que ela estivesse bastante em débito.

Com uma maldição, ela sentou-se em seus calcanhares. Na verdade, não havia uma maldita coisa no cofre, com menos de 25.000 dólares. E não era como se ela pudesse quebrar a metade de uma pulseira, por que como diabos ela poderia monetizar isso?

Um minuto passou.

Um segundo.

Colocando os parafusos no lugar, ela pensava enquanto se debruçava por sobre o painel que havia cortado contra o lado do cofre, e deslizou de volta a estante no lugar. Levantando-se, ela olhou ao redor do quarto com a lanterna. Os livros eram edições de colecionador, da primeira edição de material antigo. A arte nas paredes e nas mesas não eram apenas super-caras, mas difícil de transformar em dinheiro sem ir ao mercado negro ... direto para as pessoas com as quais Benloise estava intimamente ligado.

Mas ela não ira embora sem o dinheiro, porra ...

De repente, ela sorriu para si mesma, a solução se tornava clara.

Para muitas eternidades no curso da civilização humana, o comércio já existia e prosperara no sistema de troca. O que era equivalente a dizer sobre a troca de bens comercializados ou serviços, por aqueles de valor semelhante.

Para todos os trabalhos que ela fizera, nunca antes considerara adicionar aos custos consequências auxiliares para seus alvos: cofres novos, novos sistemas de segurança, protocolos com mais segurança. Ela podia apostar que eles eram caros, embora não tanto quanto o que ela normalmente arrombava. E ela entrou aqui tomando por certo que esses custos adicionais iriam ser suportados pelo Benloise, como tipo de danos patrimoniais pelo o que ele a enganara.

Agora, porém, eles eram o ponto.

Em seu caminho de volta para as escadas, ela olhou para as oportunidades disponíveis para ela ... e, no final, ela foi até uma escultura de Degas[143] de uma pequena bailarina que havia sido colocado ao lado de uma alcova. A representação da jovem em bronze, era o tipo de coisa que sua avó teria gostado, e talvez fosse por isso que, de toda a arte em casa, ela se concentrou naquilo.

A luz que tinha sido montado acima da estátua no teto estava fora, mas a obra ainda conseguia brilhar. Sola especialmente amou o contorno do tutu, a explosão delicada e rígido de tule delineada pela metalurgia, que capturou perfeitamente o que era para ser maleável.

Sola aproximou-se oportunamente até base da estátua, colocou os braços em torno dela, e jogou toda a sua força para girá-la de sua posição por não mais do que dois centímetros.

Então ela correu escada acima, soltou seu roteador e laptop no painel de alarme no quarto principal, trancou a porta, e se dirigiu para fora da janela, pelo buraco que ela havia cortado.

Ela estava de volta aos seus esquis e cortando a neve não mais do que quatro minutos depois.

Apesar do fato de que não havia nada em seus bolsos, ela estava sorrindo quando ela deixou o imóvel.

Capítulo 38

Quando o Mercedes finalmente parou na entrada da frente da mansão da Irmandade, Qhuinn saiu primeiro e foi para a porta de Layla. Quando ele abriu, ela levantou seus olhos para encontrar os dele.

Ele sabia que nunca ia esquecer o jeito que seu rosto parecia. Sua pele era branco papel e parecia tão fina, a bela estrutura óssea apertada contra a sua cobertura de carne. Os olhos estavam afundados em seu crânio. Os lábios eram planos e finos.

Ele tinha uma ideia naquele momento de como ela ficaria quando ela morresse, no entanto distante muitas décadas ou séculos do que aconteceria no futuro.

—Eu vou levar você, — disse ele, curvando-se e pegando-a.

O jeito que ela não discutiu disse a ele exatamente o quão pouco dela foi deixado.

Quando portas do vestíbulo foram abertas por Fritz, o mordomo estava esperando sua chegada, Qhuinn lamentou a coisa toda: o sonho que ele tinha brevemente acalantado durante a necessidade dela. A esperança que ele tinha perdido. A dor física em que ela estava. A angústia emocional que ambos estavam passando.

143

Você fez isso com ela.

Na época, quando ele a atendeu, ele estava apenas focado no resultado positivo que tinha tido como certo.

Agora, por outro lado, com suas botinas plantadas solidamente na terra fétida da realidade? Não valia a pena. Mesmo a chance de uma criança saudável, não valia a pena.

O pior era vê-la sofrer.

Quando ele a trouxe para casa, ele orou para que não houvesse um grande público. Ele só queria poupá-la de algo, qualquer coisa, mesmo que ele estivesse simplesmente desfilando na frente de um elenco de rostos tristes e preocupados.

Ninguém estava por perto.

Qhuinn encarou as escadas em dois tempos, e quando ele veio para o segundo andar, as portas duplas escancaradas da sala de estudos de Wrath o fizeram amaldiçoar.

E, novamente, o rei estava cego.

Quando George soltou um latido alegre de saudação, Qhuinn apenas passou por ele, atirando-se para o quarto de Layla. Chutando a porta, ele descobriu que o *doggen* tinha estado no quarto e arrumado a cama, os lençóis, sem dúvida trocados, um buquê de flores frescas colocadas no criado-mudo.

Parecia que ele não era o único que queria ajudar de qualquer maneira que podia.

—Você quer trocar-se? — ele perguntou, chutando a porta para fechá-la.

—Eu quero um banho...

—Vamos começar.

—Exceto que estou com muito medo. Eu não... quero vê-lo, se você sabe o que eu quero dizer.

Ele deitou-a e sentou-se na cama ao lado dela. Pondo a mão em sua perna, ele esfregou seu joelho com o polegar, para trás e para frente.

—Eu sinto muito, — disse ela asperamente.

—Foda-se − não, não faça isso. Você nunca pense ou diga isso, claro que não é sua culpa?

—De quem mais é?

—Não é esse o ponto.

Merda, ele não podia acreditar que um aborto ia continuar por mais uma semana ou assim. Como era possível...

A careta no rosto contorcido de Layla disse-lhe que uma contração havia batido nela novamente. Olhando para trás, e esperando encontrar a Doutora Jane, ele descobriu que eles estavam sozinhos.

Que disse a ele mais do que qualquer outra coisa que não havia nada a ser feito.

Qhuinn baixou a cabeça e segurou suas mãos.

Tinha começado com os dois.

Estava terminando com os dois.

—Eu acho que eu gostaria de ir dormir, — disse Layla quando ela apertou sua mão. —Você parece como se você precisasse de algum sono, também.

Ele olhou para a espreguiçadeira em frente.

—Você não tem que ficar comigo, — murmurou Layla.

—Onde mais você acha que eu iria?

Uma rápida imagem mental de Blay segurando seus braços passou por sua mente. O que era uma fantasia, no entanto.

Não me toque assim.

Qhuinn sacudiu os pensamentos de sua cabeça. —Eu vou dormir lá.

—Você não pode ficar aqui durante sete noites seguidas.

—Eu vou dizer outra vez. Onde mais eu poderia ir...

—Qhuinn. — Sua voz ficou estridente. —Você tem um trabalho aqui. E você ouviu Havers. Isso apenas vai demorar tanto tempo quanto for necessário, e ele provavelmente vai demorar um pouco. Eu não estou em perigo de sangramento e, francamente, eu sinto como se eu tivesse que ser forte na sua frente, e eu não tenho energia para isso. Por favor, venha e verifique, sim. Mas eu vou enlouquecer se você acampar aqui até eu parar com tudo isso.

Desespero silencioso.

Isso era tudo que Qhuinn tinha, quando ele se sentou na beira da cama, segurando a mão de Layla.

Ele se levantou para sair logo depois. Ela estava certa, é claro. Ela precisava descansar o máximo que pudesse e, realmente, além de olhar para ela fazendo-a se sentir como uma aberração, não havia nada que ele pudesse fazer.

—Eu nunca estou longe.

—Eu sei disso. — Ela trouxe seu punho aos lábios, e ele ficou chocado com o quão frio eles estavam. —Você foi... mais do que eu poderia ter pedido.

— Nah. Não há nada que eu tenha...

—Você tem feito o que é certo e apropriado. Sempre.

Isso era uma questão de opinião. —Escute, eu tenho o meu telefone comigo. Vou voltar em um par de horas só para olhar você. Se você estiver dormindo, eu não vou te incomodar.

—Obrigada.

Qhuinn assentiu e desviou para a porta. Ele tinha ouvido uma vez que não se devia mostrar as suas costas para uma Escolhida, e ele imaginou que a exibição do protocolo não poderia machucar.

Fechando a porta atrás dele, ele se inclinou para trás contra ela. A única pessoa que ele queria ver era o único cara na casa que não tinha interesse nele...

—O que está acontecendo?

A voz de Blay foi um choque tão grande, que ele pensou que ele tinha imaginado isso. Exceto que em seguida, o homem estava parado na porta da sala do segundo andar, sentado. Como se ele estivesse esperando lá o tempo todo.

Qhuinn esfregou os olhos e, em seguida, começou a caminhar, o seu corpo procurando a mesma coisa que ele tinha tido rezado para encontrar.

—Ela o está perdendo, — Qhuinn se ouviu dizer com voz morta.

Blay murmurou algo em troca, mas ele não registrou.

Engraçado, o aborto não parecia real até este momento. Não até que ele disse a Blay.

—Desculpe? — Qhuinn disse, uma vez que o cara parecia estar à espera de uma resposta.

—Existe alguma coisa que eu possa fazer?

Tão engraçado. Qhuinn sempre se sentiu como se tivesse saído do ventre de sua mãe um adulto. Então, novamente, nunca tinha havido qualquer porcaria de gutchi-gutchi para ele, nenhuma tolice de querido-menino-pequeno, sem abraços quando ele se machucava, sem mimos quando ele estava assustado. Como resultado, se era personalidade ou a forma como ele foi criado, ele nunca tinha regredido. Nada de voltar para lá.

No entanto, foi na voz de uma criança que ele disse: —Faça-o parar?

Como se Blay tivesse o poder de fazer um milagre.

E então... o homem fez.

Blay estendeu os braços, oferecendo o único refúgio que Qhuinn conhecia.

—Faça-o parar?

O corpo de Blay começou a tremer quando Qhuinn proferiu essas palavras: depois de todos esses anos, ele havia visto o cara com vários tipos de humor e em um monte de circunstâncias. Nunca como esta, no entanto. Nunca... tão completa e totalmente arruinado.

Nunca como uma criança, perdido.

Apesar de sua necessidade de se manter real e verdadeiramente longe de qualquer coisa emocional, seus braços se abriram por sua própria vontade.

Quando Qhuinn entrou de encontro a ele, o corpo do lutador parecia menor e mais frágil do que realmente era. E os braços enrolados ao redor da cintura de Blay, simplesmente colocados contra ele, como se não houvesse força nos músculos.

Blay apertou por ambos.

E ele esperava que Qhuinn puxasse para trás rapidamente. Normalmente, o cara não poderia lidar com qualquer tipo de conexão intensa, que não uma sexual, por mais de um segundo e meio.

Qhuinn não o fez. Ele parecia pronto para ficar na porta de entrada do quarto, sentado, para sempre.

—Venha aqui, — Blay disse, arrastando o homem para dentro e fechando a porta. —No sofá.

Qhuinn seguiu atrás, suas botas se arrastando em vez de marchar.

Quando chegaram ao sofá, sentaram-se frente a frente, os joelhos se tocando. Quando Blay o olhou, a tristeza ressonante o tocou tão profundamente, que não conseguiu parar as mãos de se estenderem e acariciarem o cabelo preto...

Abruptamente Qhuinn, enrolando-se contra ele, apenas entrou em colapso, seu corpo dobrando-se ao meio, mas se derramando todo no colo de Blay.

Havia uma parte de Blay que reconheceu que este era um território perigoso. O sexo era uma coisa — e difícil o suficiente para segurar, fodendo-o muito. Neste espaço sossegado? Era potencialmente devastador.

Que foi exatamente por isso que ele tinha conseguido o inferno fora do quarto no dia anterior.

A diferença dessa noite, porém, era que ele estava no controle. Qhuinn estava em busca de conforto, e Blay poderia retirá-lo ou dá-lo, dependendo de como ele se sentisse: ser invocado foi algo completamente diferente de receber — ou precisar.

Blay era bom em ser invocado. Havia uma espécie de segurança no sistema operacional — uma certeza, um controle. Não era o mesmo que cair no abismo. E o inferno, se alguém conhecia isso, era ele. Deus sabia que ele passou anos lá.

—Eu faria qualquer coisa para mudar isso, — Blay disse enquanto acariciava as costas de Qhuinn. —Eu odeio o que você está passando...

Oh, as palavras foram tão malditamente inúteis.

Eles ficaram assim por um longo tempo, o silêncio da sala formando uma espécie de casulo. Periodicamente, o relógio antigo sobre a lareira soou, e depois de um longo tempo, as persianas começaram a descer sobre as janelas.

—Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer, — Blay disse enquanto os painéis de aço se prendiam no lugar como *um bloco*.

—Você provavelmente tem que ir.

Blay ergueu-se. A verdade não era algo que ele queria compartilhar: cavalos selvagens, armas carregadas, pés de cabra, mangueiras de incêndio, elefantes pisando... até mesmo uma ordem do próprio rei não poderia tê-lo puxado para longe.

E havia uma parte dele que ficou com raiva por causa disso. Não de Qhuinn, mas em seu próprio coração. O problema era que não podia discutir com a sua natureza — e ele estava aprendendo isso. No rompimento com Saxton. Em sair com sua mãe. Neste momento aqui.

Qhuinn gemeu quando ele ergueu o tronco para cima e, em seguida, esfregou o rosto. Quando ele soltou suas mãos, seu rosto estava vermelho e assim estavam seus olhos, mas não porque ele estivesse chorando.

Sem dúvida, sua distribuição de décadas de lágrimas havia acabado, na noite anterior quando ele chorou de alívio porque ele salvou a vida de um pai.

Se ele soubesse que Layla não estava bem, então?

—Você sabe o que é mais difícil? — Qhuinn perguntou, soando mais como ele.

—O que? — Deus sabia que havia muito para escolher.

—Eu vi a criança.

Os cabelos finos na parte de trás do pescoço de Blay arrepiaram. —O que você está falando?

—À noite em que a Guarda de Honra veio até mim, e eu quase morri, lembra?

Blay tossiu um pouco, a memória tão crua e vívida como algo que tinha acontecido há uma hora. E ainda assim a voz de Qhuinn era tranquila e calma, como se estivesse fazendo referência a uma noite em um clube ou algo assim. —Ah, sim. Eu me lembro.

Eu lhe dei a CPR no lado da maldita estrada, ele pensou.

—Eu fui até o Fade — Qhuinn franziu o cenho. —Você está bem?

Ah, claro, estou ótimo. —Desculpe. Continue.

—Eu fui até lá. Quer dizer, foi como... o que você ouviu falar. O branco. — Qhuinn esfregou seu rosto novamente. —Tão branco. Em todos os lugares. Havia uma porta, e eu fui até ela, eu sabia que se eu girasse a maçaneta eu iria, e eu nunca sairia. Estendi a mão para a coisa... e foi quando eu a vi. Na porta.

—Layla, — Blay exclamou, sentindo que seu peito tinha sido esfaqueado.

—A minha filha.

A respiração de Blay presa. —Sua...

Qhuinn olhou. —Ela era... loira. Como Layla. Mas os olhos dela — ele tocou ao lado dos seus próprios. — Eles eram meus. Parei de avançar quando a vi e, de repente, eu estava de volta no chão ao lado da estrada. Depois, eu não tinha ideia do que era tudo isso. Mas, então, quando muito mais tarde Layla entrou em sua necessidade e veio a mim e tudo se encaixou. Eu era como... isto é *suposto* acontecer. Parecia o destino, você sabe. Eu nunca teria ficado com Layla de outro modo. Eu fiz isso só porque eu sabia que ia ter uma menina.

—Jesus.

—Eu estava errado, embora. — Ele esfregou o rosto pela terceira vez. —Eu estava totalmente errado merda, e eu realmente gostaria que eu não tivesse ido por esse caminho. O maior arrependimento da minha vida, bem, o segundo maior, na verdade.

Blay tinha que saber o que diabos poderia ser pior do que o que o cara estava passando.

O que posso fazer? Blay perguntou a si mesmo.

Os olhos de Qhuinn procuraram seu rosto. —Você realmente quer que eu responda à isso?

Aparentemente, ele tinha falado em voz alta. —Sim, eu quero.

Qhuinn estendeu a mão e agarrou o lado da mandíbula de Blay. —Você tem certeza?

A energia instantaneamente mudou. A tragédia ainda estava muito perto deles, mas essa poderosa ressaca sexual voltou entre um segundo e outro.

O olhar de Qhuinn começou a queimar, as pálpebras caindo. —Eu preciso... de uma âncora agora. Eu não sei de que outra forma explicar isso.

O corpo de Blay respondeu imediatamente, o seu sangue cavando ao ponto de ebulição, o seu pau engrossando, crescendo muito.

—Deixe-me lhe beijar. — Qhuinn gemeu quando ele se inclinou. —Eu sei que não mereço, mas, por favor... é o que você pode fazer por mim. Deixe-me sentir você...

A boca de Qhuinn roçou a sua. Voltou-se para mais. Persistindo.

—Eu vou pedir por isso. — Mais como uma carícia de seus lábios devastadores. —Se é isso que é preciso. Eu não dou à mínima, eu vou implorar...

De alguma forma, não ia ser necessário.

Blay inclinou a cabeça e então não havia mais espaço para manobrar, a mão de Qhuinn em seu rosto, gentil e no comando. E então havia mais do boca-a-boca, lento, viciante, inexorável.

—Deixe-me estar dentro de você novamente, Blay...

Capítulo 39

Assail chegou em casa cerca de meia hora antes do amanhecer. Estacionou o seu Range Rover na garagem e teve que esperar até que a porta fechasse para sair.

Ele sempre se considerou um intelectual — e não no sentido *glymera* da palavra, onde alguém do alto escalão se sentava com auto importância e pontificava sobre filosofia, literatura, ou assuntos espirituais. Era mais do que havia pouco na vida, ele não poderia aplicar o seu raciocínio e compreender em sua totalidade.

Que diabos tinha aquela mulher feito em Benloise?

Claramente, ela era uma profissional, tanto com o equipamento adequado e know-how[144], e uma abordagem prática para a infiltração. Ele também suspeitava que ela tivesse obtido plantas da casa ou tinha estado lá antes. Tão eficiente. Tão decisiva. E ele estava qualificado para julgar: ele a seguiu o tempo todo que ela tinha estado lá dentro, fantasma através da janela que ela tinha aberto, colocando-se nas sombras.

Rastreando-a por trás.

Mas isso ele não entendeu: que tipo de ladrão se dava ao trabalho de invadir uma casa segura, encontrar um cofre, queimá-lo para abrir, e descobrir a abundância de riqueza portátil para levar... mas não levara nada? Porque ele tinha visto muito bem ao que ela tinha tido acesso; assim que ela tinha deixado o escritório, ele ficou para trás, libertou a seção de prateleiras como ela tinha feito, e usou sua própria lanterna para olhar o cofre.

Só para descobrir o que, se alguma coisa, ela deixou para trás.

Quando ele veio de volta para a casa apropriadamente, evitando poças de luz, ele viu como ela ficou por um momento na sala da frente, com as mãos nos quadris, a cabeça girando lentamente, como se estivesse considerando suas opções.

E então ela passou para o que tinha que ser um Degas[145]... e girou a única estátua de uma polegada ou mais para a esquerda.

Não fazia sentido.

Agora, é possível que ela tivesse ido para o cofre procurando algo específico que não estava de fato lá. Um anel, um brinquedo, um colar. Um chip de computador, um pen drive, um documento como um testamento ou uma apólice de seguro. Mas o atraso no salão não tinha sido característica de seu entusiasmo anterior... e então ela moveu a estátua?

A única explicação é que tinha de ser uma violação deliberada da propriedade de Benloise.

---

[144] *Conhecimento, expertise.*
[145] *Pintor, escultor, gravurista e fotógrafo Frances do início do século 20.*

O problema foi que quando veio para vinganças contra objetos inanimados, foi difícil encontrar muito significado em suas ações. Derrube a estátua em seguida. Leve a maldita coisa. Pinte-o com obscenidades. Bata nela com um pé de cabra até ficar arruinada. Mas uma vez que era minúsculo e pouco perceptível?

A única conclusão que podia ter era que era um tipo de mensagem. E ele não gostou nada disso.

Ele sugeriu que ela poderia conhecer Benloise pessoalmente.

Assail abriu a porta do lado do motorista...

—Oh, Deus, — ele sussurrou, recuando.

—Nós estávamos querendo saber quanto tempo você ia ficar ali.

Como a voz seca flutuando, Assail saiu e olhou em volta do carro na garagem para cinco carros com desgosto. O fedor era algo entre um cadáver de três dias, maionese estragada, e perfume barato desnaturado.

—Isso é o que eu acho que é? — ele perguntou aos primos, que estavam na porta da garagem.

Obrigado a Virgem Escriba, que veio para frente e fechou o caminho para a casa ou aquele cheiro horrível ia inundar o interior.

— São seus concessionários de drogas. Bem, parte deles, de qualquer maneira.

O quê. O Inferno.

Os longos passos de Assail o levaram na direção de Ehric que estava apontando para — o canto mais distante, onde havia três sacos plásticos verdes escuros jogados em uma pilha sem cuidado. Ficando de cócoras, ele afrouxou a gravata amarela de uma vez, puxou para além do pescoço, e...

Encontraram os olhos cegos de um macho humano que ele reconheceu.

A cabeça ainda animada tinha sido cortada limpa a partir da coluna a cerca de três centímetros abaixo do queixo, e tinha-se orientado para que pudesse olhar para fora de seu caixão relaxado. O cabelo escuro e a pele corada foram marcados com sangue, preto brilhante, e se o cheiro tinha sido ruim sobre o carro, de perto e pessoalmente fez seus olhos lacrimejarem e sua garganta apertar em protesto.

Não que ele se importasse.

Abriu os outros dois sacos e, utilizando o plástico robusto como uma barreira da pele, as outras cabeças rolaram nas mesmas posições.

Então ele sentou-se e olhou para os três, observando aquelas bocas impotentes embasbacadas para o ar.

—Diga-me o que aconteceu, — disse ele sombriamente.

—Nós nos mostramos no ponto de encontro combinado.

—Ringue de patinação, beira-mar, parque ou debaixo da ponte.

—A ponte. Chegou — Ehric acenou para seu irmão gêmeo, que ficou em silêncio e atento ao seu lado —a tempo com o produto. Cerca de cinco minutos depois, os três apareceram.

—Como *lessers*.

—Eles tinham o dinheiro. Eles estavam prontos para fazer a transação.

Assail sacudiu a cabeça. —Eles não vieram para atacá-lo?

—Não, mas nós não descobrimos isso até que fosse tarde demais. — Ehric encolheu os ombros. —Eles eram assassinos que saíram do nada. Nós não sabíamos quantos deles havia, e não íamos correr nenhum risco. Não era até que procurávamos nos corpos, e encontramos a quantidade correta de dinheiro, que percebemos que eles tinham vindo apenas para fazer o negócio.

Lessers no comércio? Isso era novo. —Você esfaqueou os corpos?

—Nós levamos as cabeças e escondemos o que foi deixado. O dinheiro estava em uma mochila com aquele da esquerda e, naturalmente, nós trouxemos a caixa para casa.

—Telefones?

—Tenho-os.

Assail começou a deslizar um charuto, mas depois não queria perder o sabor. Religando os sacos, ele levantou-se da carnificina. —Você está certo de que eles não eram agressivos?

—Eles estavam mal preparados para se defenderem.

Estar mal armado não significa que eles não estavam lá para matá-lo.

—Por que trazer o dinheiro?

—Eles poderiam ter negociado em outro lugar.

—Como eu disse, foi na quantidade correta e nem um centavo mais.

Abruptamente, Assail fez sinal para todos eles para avançar para a casa, e, oh, o alívio que veio com o ar limpo. Com as telas descendo lentamente sobre todo o vidro, e a aurora sendo excluída, ele foi para o bar de vinhos, recuperando a garrafa de vinho dupla de Bouchard Père et Fils, Montrachet, 2006 e tirou a rolha.

—Querem me acompanhar?

—Mas é claro.

Na mesa circular da cozinha, ele sentou-se com três copos e a garrafa. Derramando o trio, ele compartilhou o chardonnay [146]com seus dois companheiros.

Ele não ofereceu aos primos qualquer um de seus cubanos. Muito valiosos.

Felizmente, os cigarros fizeram uma aparição e então todos se sentaram juntos, fumando e tomando goles de felicidade para fora da borda de seu Baccarat[147].

—Nenhuma agressão daqueles assassinos, — ele murmurou, inclinando a cabeça para trás e soprando para cima, a fumaça azul subindo acima de sua cabeça.

—E o valor exato.

Depois de um longo momento, ele voltou os olhos para o nível. —É possível que a Sociedade Lesser esteja esperando entrar no meu negócio?

Xcor sentou à luz de velas, sozinho.

---

[146] *Vinho branco de qualidade.*
[147] *Cristais produzidos na França.*

O armazém estava tranquilo, seus soldados ainda por voltar para casa, nenhum ser humano ou Sombras ou qualquer coisa andando sobre dele. O ar estava frio, mesmo com o concreto embaixo dele. A escuridão era tudo ao redor, exceto na piscina rasa de iluminação dourada, onde ele estava sentado na borda exterior.

Alguns pensamentos, no fundo de sua mente, apontaram que estava ficando perigosamente perto de amanhecer. Havia algo mais, também, algo que ele deveria ter se lembrado.

Mas não havia nenhuma possibilidade de qualquer coisa passar através de sua névoa.

Com os olhos focados na única chama à frente dele, ele repassou a noite uma e outra vez.

Dizer que tinha encontrado a localização da Irmandade era possivelmente uma parte da verdade — mas não uma mentira total. Ele estivera seguindo o Mercedes para fora no campo quilômetro a quilômetro, sem nenhum plano real do que ele poderia ou deveria fazer quando parasse... quando do nada, o sinal de seu sangue em sua Escolhida, não tinha apenas sido perdido mas, descontroladamente redirecionado como se uma bola atirada contra uma parede bruscamente, mudou sua trajetória.

Confuso, ele tinha mexido nisso, desmaterializando-se desta forma, assim para cima e para trás — todo o tempo, uma estranha sensação de medo apoderou-se dele, como sua pele fosse uma antena para o perigo e ela estava avisando de danos iminentes. Recuando, ele encontrou-se na base de uma montanha, os contornos casualmente registrados, mesmo à luz da lua brilhante, claro luar, tão difusa, indistinta, incerta.

Isso tinha que ser onde eles se hospedavam.

Talvez no topo. Talvez até do outro lado.

Não havia outra explicação — afinal, a Irmandade vivia com o rei para protegê-lo... então, sem dúvida, eles iriam tomar precauções do tipo que ninguém mais iria, e talvez tenham à sua disposição tecnologias, bem como disposições místicas que eram de outra forma indisponível.

Frenético, ele circulou a vizinhança indo ao redor da base da montanha várias vezes, não sentindo nada, só a refração de seu sinal e esse estranho pavor. Sua conclusão final foi de que ela tinha que estar em algum lugar nessa espessa, vasta área plantada: Ele teria sentido sua viagem para além dela, em qualquer direção, se ela tinha saído de outro lado, e parece razoável supor que, se ela tivesse ido para seu templo sagrado, sobre algum plano alternativo da existência, ou — Fates não o permita — morreu, o ressonante eco de si mesmo teria desaparecido.

Sua Escolhida estava lá em algum lugar.

Voltando para o armazém, para o presente, para onde ele estava agora, Xcor esfregou as mãos para trás e para frente lentamente, o raspar dos calos se erguendo no silêncio. Acima, à esquerda, à beira da luz de velas, suas armas foram dispostas uma a uma, as adagas, as armas, e sua foice amada cuidadosamente dispostas ao lado da pilha confusa de roupa que ele tinha removido tão logo haviam escolhido este ponto particular no chão.

Ele se concentrou sobre a sua foice e esperou que ela falasse com ele: ela sempre fez isso, suas maneiras sanguinárias em sintonia com a agressão que corria em suas veias, e definia seus pensamentos e motivava suas ações.

Ele esperou que ela dissesse a ele para atacar a Irmandade onde estavam. Onde as suas mulheres estavam. Onde sua jovem dormia.

O silêncio era preocupante.

Na verdade, sua chegada ao Novo Mundo havia sido baseada em uma vontade de ganhar poder, e a maior, a expressão mais ousada do que dirigir a unidade, era derrubar o trono, assim, naturalmente, que este era o curso que tinha escolhido. E ele estava fazendo progressos. A tentativa de assassinato no outono tinha, sem dúvida, colocado a pena de morte sobre sua cabeça e de seus soldados, tinha sido um movimento tático que tinha quase terminado toda a guerra antes que tivesse se iniciado. E seus esforços em curso com Elan e a *glymera* estavam promovendo sua agenda e escorando o seu apoio entre a aristocracia.

Mas o que ele tinha aprendido esta noite...

Fates, quase equivalente a um ano de trabalho e de sacrifício e de planejamento e lutando pouco em comparação com o que havia descoberto esta noite.

Se seu palpite estava correto — e como poderia não estar? — tudo o que ele tinha a fazer era mobilizar seus soldados e começar um cerco assim que a noite caísse. A batalha seria épica, e a Irmandade e a casa da Primeira Família seriam permanentemente comprometidas, não importa o resultado.

Seria um conflito para os livros de história — afinal, a última vez que a herdade[148] real havia sido abatida, fora quando o pai de Wrath e sua Mahmen haviam sido abatidos antes de sua transição.

A história se repetindo.

E ele e seus soldados tinham uma séria vantagem que os matadores naquela época não possuíam: A Irmandade já tinha vários membros acasalados. Na verdade, ele acreditava que eles estavam todos acasalados — o que iria dividir as atenções desses machos e lealdades como nada mais poderia. Embora a diretiva primária da guarda pessoal do rei fosse proteger Wrath, seus muitos núcleos seriam rasgados, e até mesmo o mais forte lutador com a melhor das armas poderia ser enfraquecido, se suas prioridades estivessem em dois lugares.

Além disso, se Xcor ou um de seus homens pudesse se apossar até mesmo de uma daquelas shellans, a Irmandade iria se dobrar — porque a outra coisa que era verdade sobre eles, era que a dor de seus irmãos era uma agonia deles próprios.

Uma fêmea de qualquer um deles seria tudo o que era necessário, a arma definitiva.

Ele sabia em sua alma.

Sentado à luz das velas, Xcor esfregou a mão no punhal contra sua outra palma, para trás e para frente, para trás e para frente.

Uma fêmea.

Isso era tudo o que ele precisava.

E ele seria capaz de reivindicar não só a sua própria companheira... mas o trono.

[148] *Propriedade rural.*

Capítulo 40

Qhuinn sabia que ele iria colocar Blay em uma posição totalmente injusta.

Falar de pena, fode. Mas, oh, Deus... olhando para aqueles olhos azuis, aqueles malditos e insondáveis olhos azuis, que estavam abertos para ele da maneira que haviam estado uma vez... era tudo o que podia pensar. E sim, tecnicamente, era o sexo em termos de onde ele queria suas várias partes do corpo — bem, uma especificamente. Havia muito mais do que isso, porém.

Ele não conseguia colocar em palavras, ele só não era tão bom trabalhando com sílabas. Mas seu desejo pela conexão, era o porquê dele ter dado o beijo. Ele queria mostrar a Blay o que ele quis dizer, do que ele precisava, por isso foi importante: todo o seu mundo parecia que estava caindo e queimando, e a perda que estava acontecendo, apenas à uma porta no final do corredor, ia doer por um longo período de tempo.

Ainda estar com Blay, sentindo seu calor, fazendo que esse contato fosse como uma promessa de cura. Mesmo que durasse apenas enquanto eles estivessem nesta sala juntos, ele o tomaria e ansiava por isso... e reviveria na memória quando ele precisasse.

— Por favor, ele sussurrou.

Só que ele não deu ao cara a chance de responder. Sua língua serpenteava para fora e lambia a boca, escorregando para dentro, tomando conta.

E a resposta de Blay era a forma como ele se permitiu ser empurrado de volta para as almofadas do sofá.

Qhuinn tinha dois pensamentos vagos: um, a porta estava apenas fechada, não trancada — e ele teve o cuidado de por a tranca de bronze no lugar. O segundo, oh-ei-agora, era de que eles não poderiam sujar o local. Uma bomba H explodir todo seu quarto, era uma coisa. Esta sala de estar era propriedade pública, e fizeram-na toda agradável, com almofadas de seda jogadas e cortinas decorativas, e um monte de coisas que pareciam facilmente rasgáveis, deformáveis e, Deus nos livre, mancháveis.

Além disso, ele já havia destruído seu Hummer, rasgado o jardim, e depois liquidificado seu quarto. Assim, sua cota destrutiva já havia atingido o máximo para este ano...

Naturalmente, a solução mais razoável para não dar a Fritz mais para se preocupar, era um passeio rápido pelo corredor para o seu próprio quarto, mas quando as mãos talentosas de Blay dispararam para frente dos quadris de Qhuinn e começaram a trabalhar a braguilha, ele imediatamente lançou essa ideia brilhante na merda.

— Oh, Deus, toque-me, ele gemeu, empurrando a pélvis para frente.

Ele só teria que estar limpo e arrumado sobre isso.

Supondo-se que era possível.

Quando a palma de Blay empurrou em seu couro, o corpo de Qhuinn entrou em um arco, curvando o tronco para trás, quando ele começou a ser trabalhado. O ângulo estava meio errado,

por isso não houve muito atrito, e as bolas dele estavam ficando apertadas para foder na virilha da calça, mas inferno santo, ele não se importava. O fato de que era Blay, era o suficiente para ele.

Cara, depois de quantos anos de boquetes, empregos de mão, e se masturbando, esta parecia ser a primeira vez que alguém já o tocara.

Ele precisava devolver o favor.

Estalando em ação, ele jogou o peito para frente, trazendo os rostos mais próximos. Cara, ele amava o olhar em seus olhos azuis, quando Blay olhava para ele, quente, selvagem, brilhante.

Disposto.

Qhuinn o agarrou duro e trouxeram suas bocas juntas, moendo contra aqueles lábios, atirando a língua para fora, tomando-se como loucos...

— Espere, espere. Blay puxou de volta. —Vamos quebrar o sofá.

O ... O cara estava aparentemente falando Inglês, mas dane-se se ele poderia traduzir.

—Sofá?

E então ele percebeu que tinha empurrado Blay, até agora de costas, de volta para o braço, a coisa estava começando a dobrar. O que mais de quinhentos quilos de sexo, poderia fazer para uma peça de mobiliário.

— Oh, merda, desculpe.

Ele estava começando a recuar quando Blay tomou o controle e Qhuinn abruptamente encontrou-se fora do sofá e no chão de costas, com as pernas empurradas juntas, seus couros sendo arrancados até os tornozelos.

Perfeito. Caralho. Ideia.

Graças ao fato de que ele estava sendo comandado, seu pênis estava o tempo todo duro, grosso e esticado, e uma vez que saiu para fora, descansou dolorido e inchado, em cima de sua barriga. Inclinando-se, deu-lhe um par de golpes quando Blay arrancou as botinas que bloqueavam o caminho e jogou-as de lado. As calças foram o próximo adeus, e como Deus era sua testemunha, Qhuinn nunca havia sido tão feliz em ver um par de couros voando sobre um ombro em sua vida.

E então Blay começou a trabalhar.

Qhuinn teve que fechar os olhos quando sentiu suas coxas se separaram e um par de mãos de lutador se arrastar até o interior de suas pernas. Ele imediatamente soltou sua ereção — afinal, por que ter a palma da mão no caminho quando Blay poderia...

Não foram as mãos do cara que se apoderaram dele.

Foi a boca quente, molhada, que Qhuinn havia beijado como o inferno.

Por uma fração de segundos, quando a sucção agarrou sua cabeça e eixo, ele teve um pensamento encolhedor de que Saxton havia ensinado Blay como fazer isso — seu primo, porra, tinha feito isso com o cara, e isso havia sido feito para ele...

Pare com isso, disse a si mesmo. Qualquer que seja a história ou as lições aprendidas, sua ereção estava recebendo a atenção no momento. Então foda-se essa merda.

Para se certificar de que estava claro, ele forçou as pálpebras a ficarem abertas. Porra... inferno...

A cabeça de Blay estava indo para cima e para baixo sobre seus quadris, seu punho segurando a base do pênis de Qhuinn, a outra mão trabalhando suas bolas. Mas, então, como se tivesse estado à espera de contato com os olhos, o cara o puxou para cima, deixou a cabeça livre, e lambeu os beiços.

— Não quero que você faça uma bagunça nesse quarto agradável, Blay falou com voz arrastada.

E então ele estendeu a ponta da língua para sugar a artéria da garganta de Qhuinn, a carne rosa sendo provocada pelas argolas de metal...

— Porra, eu vou gozar agora, Qhuinn latiu, a liberação tremenda fervendo. —Estou...

Ele era incapaz de parar as coisas, mais do que alguém que houvesse saltado de um penhasco poderia decidir, em 10 metros em queda livre, a voltar para trás.

Só que ele não queria colocar os freios.

E ele não o fez.

Com um poderoso rugido — que certamente foi ouvido em outros lugares — a coluna de Qhuinn levantou-se do chão, sua bunda apertada, as bolas dele explodindo, sua excitação chutando forte na boca de Blay. E não foi só seu sexo que foi afetado. O lançamento percorreu o seu corpo inteiro, a energia cintilante subindo por ele, quando ele enfiou os dedos no tapete onde ele estava, e cerrou os dentes... e gozou como um animal selvagem.

Felizmente, Blay foi mais do que capaz com a limpeza — e não apenas para fazê-lo ter mais orgasmos. Também lhe deu muito para ver: Para o resto de seus dias, Qhuinn nunca iria se esquecer da visão da boca do macho em volta dele, as bochechas sugando, quando ele tirou a liberação e levou tudo. Mais e mais e outra vez.

Normalmente Qhuinn estava pronto para ir embora imediatamente depois, mas quando as ondas finalmente pararam de bater nele, ele estava totalmente mole, braços caindo planos para o chão, com os joelhos relaxados, a cabeça frouxa.

Considerando todas as coisas, esse provavelmente fora o melhor orgasmo de sua vida. Perdendo apenas para os que já tivera, no início do dia, com o cara.

— Não posso me mover, ele murmurou.

A risada de Blay era profunda e sexy. — Você parece um pouco espremido.

— Posso devolver o favor?

— Você pode levantar sua cabeça?

— Ainda está ligada ao meu corpo?

— Pelo que posso ver, sim.

Quando Blay riu novamente, Qhuinn sabia o que ele queria fazer — e era uma espécie de surpresa para si mesmo. Em todas as suas proezas sexuais, ele nunca se permitiu ser fodido. Isso não fazia parte da forma como as coisas eram. Ele era o conquistador, o tomador, o que estabelecia um controle e conservava a superioridade.

Considerando apenas que ele nunca havia estado interessado.

Agora ele queria.

O único problema era que ele, literalmente, não podia se mover. E, bem, havia algo mais — como poderia ele dizer a Blay que era virgem?

Porque ele queria. Se ele nunca fora lá, ele queria que Blay soubesse. Por alguma razão isso era importante.

De repente, o rosto de Blay entrou em sua linha de visão, e Deus, o lutador era lindo, as bochechas coradas, com os olhos brilhando, os ombros largos bloqueando tudo.

E, ah, sim, aquele sorriso era sexy como o inferno, tão auto-satisfação e autoconfiante — como se o fato de que Blay houvesse dado tanto prazer a alguém, fosse o suficiente para fazê-lo nem mesmo precisar de uma autorização de sua autoria.

Mas isso não era justo, era?

—Eu não acho que você estará se movendo em breve, Blay disse.

— Talvez. Mas posso abrir minha boca, Qhuinn respondeu sombriamente. —Quase tão ampla quanto possível.

Certo, certo, a ideia de que ele havia dado a Qhuinn um orgasmo tão malditamente bom, fizera Blay se esquecer sobre o seu próprio corpo.

A coisa era, depois de tantos anos ficando desligado, ele estava numa corrida total para se sentir poderoso contra o cara, para ser a pessoa que definia o ritmo... para ser a pessoa que levaria Qhuinn a um lugar erótico, que era tão vulnerável quanto mais intenso do que com qualquer outro com quem ele já havia estado. E foi o que aconteceu. Ele sabia exatamente o que Qhuinn se parecia e soava como quando ele gozou, e Blay poderia dizer, sem qualquer equívoco, que ele nunca tinha visto o seu amigo desfeito assim, esparramado sobre um tapete, os músculos do pescoço tensos, quadris bombeando rígido.

Qhuinn havia, literalmente gozado por cerca de 20 minutos seguidos.

E agora, no rescaldo, uma estranha revelação: Até este momento, Blay nunca havia reconhecido o cinismo que Qhuinn carregava em seu rosto em todos os momentos... a testa franzida, o perpétuo esgar em um lado da boca, o queixo que nunca, jamais, se soltava.

Era como se toda a maldade que sua família havia feito com ele, tivesse permanentemente deformado os recursos.

Mas isso não era verdade, não é? Durante o orgasmo, e agora, quando as coisas se acalmaram, nenhuma tensão estava em qualquer lugar para ser encontrada. O rosto de Qhuinn estava... limpo de toda a reserva, parecendo muito mais jovem, Blay tinha que saber por que ele nunca havia notado a idade antes.

— Então você vai me dar algo para chupar quando eu me recuperar? Qhuinn perguntou.

— O que...?

— Eu disse que estou com sede. E eu preciso de algo para chupar. Neste momento, Qhuinn mordeu o lábio inferior, seus brilhantes dentes brancos afundando na carne. — Você vai me ajudar?

Os olhos de Blay rolaram para trás em sua cabeça. — Sim... eu posso fazer isso.

— Então me deixe ver você tirar as calças.

As pernas de Blay estalaram no chão tão rápido, que ele tinha novas perspectivas para as leis da física, e quando ele tirou seus sapatos, suas mãos tremiam para desabotoar as calças. As coisas correram rapidamente de lá. E o tempo todo ele estava desabotoando, ele era extraordinariamente consciente de tudo no quarto, especialmente de Qhuinn. O macho foi ficando duro de novo, seu sexo espessando, apesar de tudo o que tinha acabado de passar... as coxas apertando pesadas e rolando a pélvis... o baixo ventre tão magro, que cada mudança pequena do tronco era refletida sob a pele esticada, bronzeada.

— Ah, sim... Qhuinn sussurrou, suas presas se estendendo desde a mandíbula superior, a mão buscando seu sexo e acariciando longa e lentamente. — É isso.

A respiração de Blay começou a bombear, a sua pulsação passando pelo telhado, quando os olhos díspares de Qhuinn travaram em seu sexo.

— Isso é o que eu quero, o homem resmungou, soltando-se e atingindo-o com ambas as mãos.

Por uma fração de segundo, Blay não teve certeza de como as partes do corpo estavam sendo trabalhadas. Qhuinn estava na frente do sofá, correndo em paralelo à coisa, então não havia muito espaço...

Um rugido sutil de bombeamento infiltrou-se através do ar, quando Qhuinn flexionou os dedos — como se não pudesse esperar para se apossar do que ele queria.

Foda-se o planejamento antecipado.

Os joelhos de Blay obedeceram ao chamado, articulando a frente, trazendo o seu peso para o chão para a cabeça de Qhuinn.

Qhuinn assumiu a partir daí. Suas palmas serpentearam para fora e o agarraram, deitando Blay de modo que, antes que ele percebesse, ele tinha um joelho atrás da cabeça do cara e a outra perna jogada para o lado, facilitando o caminho pelo quadril de Qhuinn.

— Oh merda... Blay gemeu quando ele sentiu seu sexo entre os lábios de Qhuinn.

Seu corpo se inclinou para frente, até que seu torso acabou esparramado nas almofadas do sofá — e foi quando ele inesperadamente encontrou-se com uma batelada de poder. Apoiando os braços no sofá, ele distribuiu o seu peso entre os joelhos, os pés e as palmas das mãos... e depois começou a foder a merda amada na boca de Qhuinn.

O cara tomou tudo, até mesmo quando Blay desequilibrou-se em seus quadris e encostou com tudo o que tinha.

Com os dedos de Qhuinn arranhando sua bunda, e com a sucção incrível, e... Cristo, o piercing na língua, a bola que estava em seu eixo a cada movimento.. Blay começou a preparar-se para exatamente o tipo de orgasmo que Qhuinn havia acabado de ter.

E ainda, no fundo de sua mente, ele se perguntava se estava machucando o cara. Neste ponto, ele estava quase entrando no estômago de seu amigo, por Deus do céu...

Tarde demais para se preocupar com isso.

Seu corpo assumiu, gozando rígido em uma série de espasmos violentos que corriam do alto de sua coluna para baixo em suas pernas.

E assim quando o controle das sensações estava começando a diminuir, o mundo passou vacilante sobre ele, como se seu senso de equilíbrio tivesse sido queimado junto com sua...

Não, o mundo estava bem. Qhuinn tinha apenas virado-o do chão, saindo debaixo, e se posicionando atrás...

Quando Qhuinn empurrou para dentro com um ataque-relâmpago, Blay deixou escapar um gemido que ele tinha certeza poderia ter sido ouvido no Canadá...

O guincho que perfurou através da sala o fez franzir a testa, mesmo através da pressão e do prazer.

Oh. Eles estavam movendo o sofá sobre o chão.

Que seja. Ele ia comprar outra casa, se eles quebrassem a maldita coisa, ele não pararia isso.

O ritmo era tão forte como o seu havia sido e, neste caso, o retorno não era exatamente o que ele merecia, era exatamente o que ele queria. Com cada impulso, seu rosto era empurrado para as almofadas macias, com cada retirada ele podia tomar um fôlego, então ele estava de volta apertado, o ciclo começando tudo de novo.

Reajustando suas pernas para que Qhuinn pudesse ir ainda mais fundo, Blay teve algum pensamento vago, que haviam definitivamente empurrado o sofá em uma posição diferente, mas quem se importava desde que ele não fosse para o corredor?

No último momento, pouco antes de ele gozar de novo, teve a presença de espírito para agarrar suas calças. Sacudindo a cueca livre, ele...

Qhuinn estendeu a mão, pegou as Calvins e fez a ação, certificando-se de que havia algo para pegar a sua liberação. Em seguida, um momento depois, seu peito foi arrastado para fora do sofá para que ele estivesse estendido por sobre os joelhos. Qhuinn manipulava tudo, agarrando o pau de Blay quando cobria a cabeça — o tempo todo batendo, batendo, batendo...

Eles gozaram ao mesmo tempo, um par de gritos ecoando pela sala.

No meio do orgasmo, Blay passou a olhar para cima. No grande espelho antiquado que pendia entre as duas janelas, viu os dois, sabia que eles se emparelharam... e isso o fez gozar novamente.

Eventualmente, o empurrão desacelerou. As batidas do coração caíram. A respiração ficava mais fácil.

No vidro de chumbo do espelho, viu quando Qhuinn fechou os olhos e colocou a cabeça para baixo. Contra o lado de sua garganta, Blay sentiu o mais suave roçar.

Os lábios de Qhuinn.

E então a mão livre do macho se arrastou para cima, fazendo uma pausa no curso através dos peitorais de Blay...

Qhuinn congelou. Empurrou-se de volta. Removeu seus lábios, seu toque.

— Desculpe. Desculpe, eu... sei que você não está comigo.

A mudança no rosto do rapaz, o retorno ao normal cínico, era como ser roubado.

E ainda Blay não podia dizer-lhe para voltar a ficar perto. Qhuinn estava certo, no instante em que a ternura apareceu, ele começou a ficar em pânico.

A retirada foi rápida, muito rápida, e Blay perdeu o sentimento de plenitude e de posse. Mas era hora de acabar com isso.

Qhuinn limpou a garganta. — Ah... você quer...

— Eu vou cuidar disso, murmurou Blay, substituindo a mão de Qhuinn ao longo da cueca amassada em seus quadris.

Durante o sexo, o silêncio na sala havia sido sobre privacidade. Agora, apenas amplificava os sons de Qhuinn puxando suas calças de couro de volta.

Merda.

Eles haviam ido ao buraco do coelho de novo. E enquanto tudo estava acontecendo, as sensações eram tão intensas e avassaladoras, não havia pensado em outra coisa que não o sexo. Na sequência, porém, o corpo de Blay sentiu muito frio no ar escaldante, em palpitantes lugares, diferente de uso, com as pernas soltas e vacilantes, seu cérebro confuso...

Nada parecia seguro ou certo. No mínimo.

Obrigando-se a se vestir, ele empilhou as roupas tão rápido quanto podia, até seus sapatos. Enquanto isso, Qhuinn foi o único que retornou ao sofá aonde ele pertencia, cuidadosamente os pés para trás nas cavidades que haviam sido feitas no tapete. Ele também reorganizou as almofadas. Endireitou o Oriental.

Era como se nunca tivesse acontecido. Exceto pela a cueca que Blay esmagava em seu punho.

— Obrigado, Qhuinn disse calmamente. — Eu, ah...

— Sim.

— Então... Eu acho que eu vou embora agora.

— Sim.

E foi isso.

Bem, que não seja outra porta se fechando.

Deixado sozinho, Blay decidiu que precisava de um banho. Mais comida. Dormir.

Em vez disso, ele permaneceu na sala do segundo andar sentado, olhando para o espelho, lembrando o que ele tinha visto nele. Em sua mente, ele teve algum pensamento vago que não podiam continuar fazendo isso. Não era seguro para ele emocionalmente, na verdade, era o equivalente ao prender sua palma acima de um queimador aceso uma e outra vez — exceto que toda vez que você colocasse a sua mão para trás, acima da chama, você baixava a distância entre a sua carne e o calor. Mais cedo ou mais tarde? Queimaduras de terceiro grau eram o menor dos seus problemas, porque todo seu maldito braço estava em chamas.

Depois de um tempo, no entanto, a coisa de auto-preservação não era o que ele vivia.

Era o que havia começado a coisa toda.

Faça-o parar.

Blay passou a mão pelo cabelo. Então, ele olhou para a porta fechada e franziu a testa, sua mente agitada, pensando, pensando...

Um momento depois, ele saiu em uma pequena corrida, andando rapidamente.

Antes de invadir uma corrida.

E depois sair em uma corrida desabalada.

Capítulo 41

Era por volta das dez da manhã quando Trez se dirigiu para o restaurante Sal's . A viagem do apartamento no Commodore, para o estabelecimento de seu irmão requintado ,não demorou muito, apenas dez minutos, e havia muitos lugares de vagas gratuitas no estacionamento, quando ele chegou lá.

Por outro lado, o lugar não estava aberto, nem para o pessoal da cozinha ou da preparação, até à uma da tarde.

Quando ele caminhou até a entrada, as botas esmagando a neve, ele meio que esperava que o código que abria as coisas do lado de fora não funcionasse: iAm não havia voltado para casa no final da noite, e assumindo que os otários do s 'Hisbe não o haviam tomado por garantia, só havia um lugar que seu irmão poderia estar: Depois de dois potes de café e checar o relógio, Trez sabia que se quisesse fazer as pazes, ele teria que dirigir por toda a cidade .

Legal. A combinação não havia sido alterada.

Ainda.

No interior, o lugar era da velha escola Rat Pack[149] feito direito, uma interpretação moderna da época que havia gerado os gostos de Peter Lawford e do Chairman of the Board[150]: Uma porta de entrada com parede flocada de preto-e-vermelho, levavam você para a área da recepção, onde estavam a chapelaria, o carrinho retrô da Recepcionista e o caixa. Para a esquerda, e à direita, havia duas salas de refeições principais, ambas feitas de veludo preto e vermelho e couro, mas não eram onde os caras locais, os políticos, e ricos ficavam. O ponto doce era o bar na frente, uma sala com painéis de madeira que tinham conjuntos de banquetas de couro vermelhos contra as paredes e, durante as horas regulares, um barman de smoking atrás de um balcão de carvalho de 30 metros, servia somente o melhor.

Inclinando-se nas prateleiras do bar, Trez dirigiu-se em torno da extremidade da tela, com cinco níveis de garrafas e bateu na porta basculante. Quando ele abriu caminho para a cozinha, o cheiro de manjericão e cebola, orégano e vinho tinto, disse-lhe apenas o quão estressado iAm estava.

---

[149] *Rat Pack é o apelido dado a um grupo de artistas populares muito ativo entre meados da década de 1950 e meados da década de 1960.Sua formação mais famosa foi composta por Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr., Peter Lawford e Joey Bishop, que apareceram juntos em filmes e em apresentações nos palcos no começos dos anos 1960. Apesar de sua reputação de grupo masculino, o Rat Pack teve participações femininas, como as de Shirley MacLaine, Lauren Bacall (a quem se atribui a autoria do apelido), e Judy Garland. Umas das produções mais famosas do grupo é o filme Ocean's Eleven de 1960, que foi refilmado em 2001 pelo diretor Steven Soderbergh com o nome de Onze homens e um segredo. No caso do livro, é para dizer que o restaurante de iAM era um lugar tradicional, como os da década de 60.*

[150] *Ward continua fazendo referências à decoração do restaurante, que se baseia na década de 60. Peter Lawford foi um ator americano, que fez parte do Rat Pack. Chairman of the Board, pode ser tanto uma banda de soul e jazz da década de 60, como um dos apelidos de Frank Sinatra, outro integrante do Rat Pack nos anos 60.*

Com certeza, o cara estava enfrentando o fogão de 16 bocas na parede agora, cinco panelas grandes chiando na frente dele — e, apostaria o que você quisesse de que haviam coisas nos fornos, também. Enquanto isso, tábuas de corte de madeira foram alinhadas sobre os balcões de aço inoxidável, as cabeças mortas de vários tipos de pimentas penduradas em torno das facas muito afiadas, que tinham sido usadas.

Dez dólares para adivinhar no que o cara estava pensando quando ele foi cortar o material.

— Você vai falar comigo sobre tudo isso? Trez disse em volta de seu irmão.

iAm mudou-se para a próxima panela, levantando a tampa com um pano de prato branco, uma colher grande colocada na fenda, entrando e mexendo lentamente.

Trez se inclinou para o lado e puxou um banquinho de aço inoxidável. Sentando-se, ele esfregou suas coxas para cima e para baixo.

— Olá?

iAm foi para a panela seguinte. E então a próxima. Cada um tinha uma colher separada para flagelação de sabor e seu irmão era cuidadoso para não cruzar-contaminar.

— Olha, eu sinto muito, eu não estava lá quando você veio ao clube esta noite. Toda noite, iAm saía para o Iron Mask para um check-in depois do Sal's ter fechado. —Eu tinha alguns negócios para cuidar.

Merda, sim, ele fizera isso. A menina que tinha um namorado leão de chácara, havia levado uma eternidade para sair de seu carro, quando ele chegara até a casa dela — eventualmente, ele a acompanhou até a porta, abriu o caminho, e todos, mas a derreteu na porta de casa. De volta ao seu Beamer[151], ele acelerou como se ele houvesse plantado uma bomba na varanda, e enquanto voava para o Iron Mask, tudo o que ele tinha ouvido em sua cabeça era a voz do iAm.

Você não pode continuar fazendo isso.

iAm se virou nesse ponto, cruzando os braços sobre o peito e se encostando no fogão. Seus bíceps eram grandes para começar, mas dobrados assim, eles tencionavam os limites da camiseta preta que ele usava.

Seus olhos amendoados estavam semicerrados. — Você realmente acha que eu estou chateado, que você não estava por perto quando eu cheguei ao clube? Realmente. Não é porque você me deixou para lidar com AnsLai ou alguma outra merda.

Eeeeeee eles estavam fora das corridas.

— Eu não posso ver qualquer um deles face-a-face, você sabe. Trez ergueu as mãos, como se dissesse "o que eu posso fazer"? — Eles tentariam me obrigar a voltar com eles, e então quais eram as minhas opções? Lutar? Eu ia acabar matando o filho da puta, e depois onde eu estaria?

iAm esfregou os olhos como se tivesse uma dor de cabeça. — Agora, ele aparece como se eles estivessem tendo uma abordagem diplomática. Pelo menos comigo.

— Quando é que eles voltam?

— Eu não sei, e isso é o que me deixa nervoso.

[151] *Marca de carro esportivo.*

Trez enrijeceu. A ideia de que seu irmão, frio-como-um-pepino, estava ansioso o fazia sentir-se como se tivesse uma faca em sua garganta.

Então, novamente, ele estava bem ciente de exatamente o quão perigoso o seu povo poderia ser. Os s'Hisbe eram em grande parte uma nação pacífica, contanto que ficassem de fora das batalhas com a Sociedade Lesser e longe dos seres humanos traquinas. Acadêmicos, altamente inteligentes e espirituais, eles eram, em geral, um grupo muito bom de pessoas. Desde que você não estivesse em sua lista negra.

Trez olhou para as panelas e perguntou o que era a carne nos molhos. — Estou trabalhando ainda a dívida de Rehv, ele apontou. — Assim, a obrigação tem que vir em primeiro lugar.

— Não para os s'Hisbe mais. AnsLai disse, e eu estou citando, "Está na hora."

— Eu não vou voltar para lá. Ele encontrou os olhos de seu irmão. — Não vai acontecer.

iAm voltou-se para as panelas, mexendo cada uma com sua colher designada. — Eu sei. É por isso que eu tenho que cozinhar. Estou tentando pensar em uma maneira de sair disso.

Deus, ele amava seu irmão. Mesmo chateado, o cara estava tentando ajudar. — Me desculpe, puxei um fantasma e fiz você lidar com isso. Eu realmente fiz. Isso não foi justo — eu só... sim, eu realmente não acho que era seguro estar na mesma sala com o cara. Sinto muito.

O peito espesso de iAm subiu e caiu. — Eu sei o que você sente.

— Eu poderia simplesmente desaparecer. Isso resolveria o problema.

Embora, cara, iria matá-lo deixar iAm. A coisa era, se ele fosse fugir dos s'Hisbe, ele nunca poderia ter qualquer contato com o homem novamente. Nunca.

— Aonde você iria?, iAm apontou.

— Nem uma pista.

A boa notícia foi que o s'Hisbe não gostaria de ter qualquer contato com seres humanos. Sem dúvida, havia sido traumático mesmo, aparecendo em seu apartamento e de iAm, mesmo que o sumo sacerdote tivesse apenas se desmaterializado para o terraço. Lidar diretamente com os seres humanos? Estar ao seu redor? A cabeça de AnsLai iria explodir.

— Então, qual era o seu negócio? IAm perguntou.

Grande. Para um tema ao mesmo tempo feliz.

— Eu fui ver essa propriedade do armazém, ele esquivou-se. Mas vamos lá, como ele ia voluntariamente trazer a garota e seu namorado?

— A uma da manhã?

— Eu fiz uma oferta.

— Quanto?

— Um milhão e quatrocentos. O preço pedido é de dois milhões e meio, mas não há nenhuma maneira de que eles irão conseguir. O lugar está vago há anos, e demonstra isso. Embora... mesmo quando ele disse isso, ele teve que admitir que ele sentiu presenças ali. Por outro lado, talvez o que acabara de falar era seu nível de estresse. — Meu palpite é que eles vão pedir dois, eu vou jogar um milhão e seiscentos, e nós vamos chegar a um acordo em um milhão e setecentos.

— Tem certeza de que quer enfrentar esse projeto agora? A menos que você se mostre no território com a sua companheira pronto para ser usado, o problema com o s'Hisbe só vai aumentar.

— Se as coisas chegarem a um ponto crítico, eu vou lidar com isso depois.

— Quando, iAm corrigiu. — Isso seria 'quando'. E eu sei o que aconteceu no estacionamento na volta, Trez. Com o cara e aquela mulher.

Claroooo que ele sabia. — Você vê as fitas ou algo assim?

Porra de monitoramento de segurança.

— Sim.

— Eu lidei com isso.

— Assim como você está lidando com o s'Hisbe. Perfeito.

Com seu temperamento queimando, Trez se inclinou — Você quer estar no meu lugar, meu irmão? Eu gostaria de ver como você lidaria com esta besteira.

— Eu não estaria fodendo prostitutas de merda, eu vou te dizer o que mais. O que me faz pensar... não é o nosso agente imobiliário uma mulher?

— Foda-se, iAm. Verdade.

Trez disparou do banquinho e saiu da cozinha. Ele tinha problemas suficientes, puta que pariu — ele não precisava do Sr. Superior com as habilidades de Julia Child[152] dando conselhos sem pedir, com doze tipos de comentário detonantes...

— Você não pode continuar adiando isso, iAm chamou por detrás dele. — Ou tentando enterrá-lo entre as pernas de inúmeras mulheres.

Trez parou, mas manteve os olhos sobre a saída.

— Você não pode - seu irmão declarou sem rodeios.

Trez girou ao redor. iAm foi para o bar, a porta basculante balançando ao lado dele, de modo que houve um efeito de iluminação estroboscópica brilhante, escuro, brilhante, escuro. Toda vez que a iluminação fazia uma aparição, parecia que seu irmão tinha um halo em volta de seu corpo inteiro.

Trez amaldiçoou. — Eu só preciso que eles me deixem em paz.

— Eu sei. iAm coçou a cabeça. — E eu sinceramente não sei o que diabos fazer sobre isso. Eu não posso imaginar viver sem você, e eu não quero voltar para lá, também. Eu não estou chegando a outras opções, no entanto.

— Aquelas mulheres... você sabe, aquelas que eu ... Trez hesitou. — Não você acha que elas poderiam me drogar?

— Se já não o fazem, iAm disse secamente, — eu não posso entender porque você está se incomodando com elas.

Trez tinha de sorrir um pouco. — Não, eu quero dizer com o s'Hisbe. Eu estou tão longe de ser virgem, como você pode perceber. Embora pelo menos ele não tivesse afundado ao nível

---

[152] Grande culinarista Americana.

animal de fazenda. — E o que é pior? Eles já foram mortais — principalmente seres humanos, também. Isso os desagradaria. E nós estamos falando sobre a filha da rainha.

Quando iAm franziu a testa como se não estivesse totalmente considerado a ideia, Trez sentiu um raio de esperança.

— Eu não sei- veio a resposta. — Talvez isso funcione, mas você ainda esteve enganando Sua Majestade, com o que ela quer e precisa. Se eles consideram você comprometido, só poderão decidir matá-lo como um castigo.

Que seja. Eles teriam que derrubá-lo primeiro.

Em uma onda de agressão, Trez baixou o queixo e olhou por debaixo de suas sobrancelhas. — Se for esse o caso, eles vão ter que lutar comigo. E eu garanto que não vai ser bom para eles.

De volta à mansão da Irmandade, Wrath sabia que a rainha estava chateada no momento em que entrou pelas portas do seu estúdio. Seu aroma delicioso, fora tingido com uma saliência afiada, ácida: a ansiedade.

— O que foi Leelan? Ele exigiu, estendendo os braços.

Mesmo que ele não pudesse ver, suas lembranças lhe forneciam uma imagem mental dela cruzando o tapete Aubusson, seu corpo, muito atlético movendo-se com graça, seu cabelo escuro solto sobre os ombros, seu belo rosto marcado pela tensão.

Naturalmente, o macho vinculado nele, queria caçar e matar o que a havia estressado.

— Olá, George, ela disse a seu cão. Indo pelo tum-tum-tum no chão, o retriever teve um pouco de amor em primeiro lugar.

E então foi a vez do mestre.

Beth subiu até o colo de Wrath, seu peso ao lado de nada, seu corpo quente e vivo quando ele passou os braços em volta dela e beijou-a em ambos os lados do pescoço e depois na boca.

— Jesus, ele rosnou, sentindo a rigidez de seu corpo, — você realmente está chateada. O que diabos está acontecendo?

Porra, ela estava tremendo. Sua rainha estava realmente tremendo.

— Fale comigo, leelan, disse ele, esfregando suas costas. E preparado para se armar e sair à luz da porra do dia, se ele tivesse que fazer.

— Bem, você sabe sobre Layla, ela disse em uma voz áspera.

Ahhhhh. — Sim, eu sei. Phury me disse.

Quando a cabeça em seu ombro se deslocou, ele reposicionou-a, segurando-a embalada contra seu peito e isso era bom. Houve momentos, não frequentemente, mas de vez em quando, quando ele se sentia como menos que um homem por causa de sua falta de visão: Uma vez um lutador, ele agora estava preso atrás desta mesa. Uma vez livre para vaguear onde quer que ele quisesse, agora contava com um cachorro para o guiar. Uma vez totalmente autossuficiente, ele agora precisava de ajuda.

Não é exatamente bom para as bolas de um macho.

Mas em um momento como este, quando esta mulher incrível estava fora de prumo e procurava por ele, e só por ele, para o conforto e segurança, ele sentia-se forte como uma

montanha filha da puta. Afinal, os homens vinculados protegiam suas companheiras com tudo o que tinham, e mesmo com o peso de seu direito de primogenitura e esse trono em que ele era obrigado a sentar-se, ele permanecia em seu núcleo como um hellren para esta mulher.

Ela era a sua primeira prioridade, até mesmo acima da merda de rei. Sua Beth era o coração por trás de suas costelas, a medula em seus ossos, a alma em seu corpo físico.

— É tão triste, disse ela. — Tão malditamente triste.

— Você foi vê-la?

— Apenas um pouco. Ela está descansando. Quero dizer... em algum nível, eu não posso acreditar que não há nada que possa ser feito.

—Você falou com a Doutora Jane?

— Assim que voltou da clínica.

Quando sua shellan chorou um pouco, o cheiro de chuva fresca de suas amadas lágrimas era como uma faca no peito — e ele não estava surpreso com a reação dela. Ele já havia ouvido falar sobre as mulheres que perdiam uma gravidez brutalmente — então, novamente, como não se importar? Ele tinha certeza como a merda, de que poderia se colocar no lugar de Qhuinn.

E, ah, Deus... a ideia de Beth sofrendo assim? Ou pior, se fosse para levar a termo e...

Grande. Agora ele tinha um caso de terremotos.

Wrath colocou o rosto nos cabelos de Beth, inspirando, acalmando-se. A boa notícia foi que eles nunca iriam ter bebes, logo ele não precisava se preocupar com isso.

— Sinto muito, ele sussurrou.

— Eu também. Eu odeio isso para ambos.

Bem, na verdade, ele estava se desculpando por algo completamente diferente.

Não era que ele queria que alguma coisa de merda acontecesse com Qhuinn ou Layla ou suas crianças. Mas talvez se Beth visse esta triste realidade, ela se lembraria de todos os riscos que se apresentavam a cada passo do caminho de uma gravidez.

Foda-se. Isso soou horrível. Isso foi horrível. Pelo amor de Deus, ele sinceramente não queria isso para Qhuinn, e ele realmente não queria sua shellan chateada também. Infelizmente, no entanto, a triste verdade é que, ele não tinha absolutamente nenhum interesse em colocar sua semente dentro dela como aquilo — nunca.

E esse tipo de desespero faz um cara pensar em coisas imperdoáveis.

Em um surto de paranoia, ele mentalmente calculou o número de anos desde sua transição — pouco mais de dois. Do que ele entendia, a fêmea vampiro média, tinha sua primeira necessidade cerca de cinco anos após a mudança, e depois a cada dez anos mais ou menos. Então, por todas as contas, eles tinham algum tempo antes de terem que se preocupar com tudo isso...

Então, novamente, como uma mestiça, não havia nenhuma maneira de ter certeza no caso de Beth. Quando os seres humanos e vampiros se misturavam, tudo podia acontecer — e ele tinha alguma razão de estar preocupado. Ela havia, afinal, mencionado crianças uma ou duas vezes antes.

Mas com certeza tinha de ser hipotético.

— Então você vai adiar a indução de Qhuinn? disse ela.

— Sim. Saxton fez a atualização das leis, mas com Layla no estado que ela está? Não é a hora certa de trazê-lo para a Irmandade.

— Isso é o que eu pensava.

Os dois ficaram em silêncio, e como Wrath tomou o momento de coração, ele não poderia imaginar sua vida sem ela.

— Você sabe de uma coisa? disse ele.

— O que? Havia um sorriso em sua voz, do tipo que lhe disse que tinha uma pista sobre o que ele ia dizer.

— Eu te amo mais do que qualquer coisa.

Sua rainha riu um pouco, e acariciou seu rosto. — Eu nunca teria imaginado.

Oh inferno mesmo, ele pegou o cheiro da sua essência de vinculação.

Em resposta, Wrath segurou seu rosto e inclinou-se, encontrando seus lábios e pegando-os em um beijo suave — que não ia ficar assim. Cara, era sempre assim com ela. Qualquer contato, e antes que ele percebesse, ele estava duro e pronto.

Deus, ele não sabia como homens humanos lidavam com isso. Pelo o que ele entendia, eles tinham que se perguntar se suas companheiras eram férteis a cada maldita vez que tivessem sexo — evidentemente, não poderiam pegar as mudanças sutis dos aromas de suas fêmeas.

Ele ficaria louco. Pelo menos quando uma vampira estava em sua necessidade, todos sabiam disso.

Beth moveu-se em seu colo, comprimiu sua ereção, fazendo-o gemer. E, normalmente, esta era a deixa para George ser conduzido através das portas duplas e temporariamente banido. Mas não esta noite. Tanto quanto Wrath a queria, a mortalha que fora colocada na casa, era como um amortecedor, mesmo na libido dele.

E depois houve a necessidade de Autumn. Agora Layla.

Ele não ia mentir, a merda estava fazendo-o irritado. Os hormônios no ar eram conhecidos por ter um efeito de ricochete em uma casa cheia de mulheres, influenciando uma e depois outra e depois uma terceira em sua necessidade, assumindo que ela estavam relativamente próximas de sua vez.

Wrath acariciou o cabelo de Beth e dobrou a cabeça da rainha em seu ombro.

— Você não quer...

Como ela deixou à deriva a sentença, ele pegou sua mão e a levantou, sentindo o pesado Ruby Saturnino que a rainha da raça sempre usava.

—Eu só quero te abraçar, disse ele. — É o suficiente para mim agora.

Aninhada, ela encaixou-se ainda mais de perto dele. — Bem, isso é bom também.

Sim. Era.

E curiosamente aterrorizante.

— Wrath?

— Sim?

— Você está bem?

Foi um pouco antes que ele pudesse responder, antes que ele confiasse em sua voz para ter calma e nenhum tremor fodido. — Oh, sim, eu estou bem. Muito bem.

Enquanto alisava o braço dela, passando a mão para cima e para baixo de seus bíceps, ele rezou para que ela acreditasse... e prometeu que o que estava acontecendo apenas à uma porta no corredor, nunca, nunca aconteceria com eles.

Não. Que essa crise não era nada que eles, como casal, fossem ter que lidar.

Graças à Virgem Escriba.

Capítulo 42

Layla não estava dormindo, claro.

Quando disse a Qhuinn para ir, ela quis dizer as coisas que havia dito sobre não querer continuar com ele ao redor. Mas o engraçado era que mesmo sem ninguém no quarto com ela, ela não ficou histérica. Nenhuma lágrima, nem xingamentos.

Ela apenas estava deitada de lado com braços e pernas flexionadas, sua mente retrocedendo profundamente em seu corpo, o constante monitoramento de cada dor e câimbra numa compulsão que a estava deixando louca. Não havia como mudar isso, no entanto. Era como se uma parte dela estivesse convencida que se pudesse apenas saber em que estágio estava, ela poderia de alguma forma ter algum controle sobre o processo.

O que era, claro, besteira. Como Qhuinn diria.

A imagem dele na clínica, com seu punhal na garganta do curandeiro, era como algo saído de um dos livros da biblioteca do Santuário — um episódio dramático que era parte da vida de outra pessoa.

Seu ponto de vista na cama, porém, lembrou-lhe que esse não era o caso…

A batida em sua porta foi suave, o que sugeriu que era de uma fêmea.

Layla fechou os olhos. Por mais que apreciasse qualquer que fosse a generosidade que estava aguardando uma resposta, ela teria preferido muito mais que quem quer que fosse ficasse no corredor. A breve visita da rainha havia sido cansativa, mesmo que tivesse gostado.

—Sim.— Quando sua voz não foi mais longe que seus próprios ouvidos, ela limpou a garganta. —Sim?

A porta se abriu, e a princípio ela não reconheceu de quem era a sombra que preencheu o espaço entre os batentes. Alta. Forte. Não era de um macho, entretanto…

—Payne?— Ela disse.

—Eu posso entrar?

—Sim, claro.

Enquanto Layla se levantava para se sentar, a fêmea guerreira gesticulou para ela se deitar, e então as fechou juntas. —Não, não, por favor… fique à vontade.

Uma luminária fora deixada acima da cômoda, e na luz suave, a irmã de sangue do Irmão da Adaga Negra, Vishous, era bastante temível, com seus olhos de diamante parecendo brilhar fora dos ângulos fortes de seu rosto.

—Como você está?— A fêmea perguntou suavemente.

—Eu estou muito bem, obrigada. E você?

A guerreira avançou. —Eu sinto muito sobre... a sua condição.

Oh, como Layla desejou que isto fosse algo que Phury ou os outros não tivessem compartilhado com ninguém. Então novamente, sua saída da casa havia sido bastante dramática, o tipo de coisa que seria a causa para um interrogatório preocupado. Ainda assim, sua privacidade deveria ter evitado esta indesejável, embora compassiva, intrusão.

—Eu agradeço por suas palavras amáveis — ela sussurrou.

—Eu posso me sentar?

—Mas claro.

Ela esperava que a fêmea descansasse em uma das cadeiras que foram organizadas com um senso de decoro. Payne não o fez. Ela veio até a cama e baixou seu peso ao lado de Layla.

Compelida a pelo menos parecer ser uma espécie de boa anfitriã, ela se forçou a se sentar, estremecendo quando um conjunto de câimbras a congelou na metade do caminho.

Enquanto Payne praguejava baixinho, Layla teve que se deitar de volta e com uma voz áspera, ela disse, — Perdoe-me, mas não posso receber visitas neste momento—não importa o quanto você está bem intencionada. Obrigada por sua expressão de simpatia...

—Você está ciente de quem minha mãe é,— Payne cortou a conversa.

Layla balançou a cabeça contra o travesseiro. —Por favor, apenas vá embora...

—Você sabe?— A fêmea disse rudemente.

Abruptamente, Layla quis gritar. Ela simplesmente não tinha energia para qualquer conversa neste momento—e mais certamente não sobre *mahmens*. Não quando ela estava perdendo sua própria criança.

—Por favor.

—Eu nasci da Virgem Escriba.

Layla franziu o cenho, as palavras se registrando mesmo através da dor, mental e física. —Desculpe?

Payne respirou fundo, como se a revelação não fosse algo de que ela se regozijasse, mas sim uma espécie de maldição. —Eu sou carne da Virgem Escriba, nascida dela há muito tempo, e escondida dos registros das Escolhidas e dos olhos de todos os terceiros.

Layla piscou em choque. O aparecimento da fêmea acima, havia sido uma espécie de mistério, mas ela certamente não fez nenhuma pergunta, pois não era seu lugar. A única coisa clara para ela, era que ali nunca houve qualquer menção da mãe mais sagrada da raça ter tido uma criança.

Na verdade, a estrutura inteira do sistema de crença declarava que aquilo não havia acontecido.

—Como isso é possível?— Layla respirou.

Os brilhantes olhos de Payne eram sombrios. —Não era o que eu teria desejado. E não é algo sobre o qual eu falo.

No momento tenso que se seguiu, Layla achou impossível não ver a verdade no que a fêmea falava. Nem a raiva estridente, a causa do que aquilo poderia supor.

—Você é um santa,— Layla disse com temor.

—Nem um pouco, eu lhe garanto. Mas a minha linhagem me forneceu certa… como devo dizer? Habilidade.

Layla enrijeceu. —E isso seria?

Os olhos de diamante de Payne nunca oscilaram. —Eu quero ajudá-la.

A mão de Layla foi para o seu baixo ventre. —Se você quer dizer acabar com isso logo… não.

Ela teve sua criança por um tempo tão precioso e curto dentro dela. Não importava quanto tempo a dor continuasse, ela não iria sacrificar um minuto do que era, sem dúvida, sua primeira e única gravidez.

Ela nunca se colocaria para atravessar r isso novamente. No futuro, quando sua necessidade batesse, ela seria drogada, e era isso.

Uma vez na vida era demais para a perda que ela estava suportando agora.

—E se você acredita que pode parar isso,— Layla desviou —não é possível. Não há nada que alguém possa fazer.

—Eu não tenho certeza sobre isso.— Os olhos de Payne estavam extasiados. —Eu gostaria de ver se posso salvar a gravidez. Se você me deixar.

No campus abandonado da Escola Brownswick para Garotas, o Sr. C tomou residência no que antes havia sido o escritório da diretora.

O sinal rachado do lado de fora do corredor disse-lhe muito.

Como não havia calor, a temperatura ambiente era exatamente aquela da grande área livre, mas graças ao sangue do Omega, frio não era um problema. E foda, graças por isso: através da vegetação crescida e coberta de neve, no dormitório principal do cume, quase cinquenta lessers dormindo o sono dos mortos.

Se aqueles bastardos tivessem exigido altas temperaturas ou comida, ele teria sido um fodido sem sorte.

Mas não, tudo que ele teve que fazer foi fornecer-lhes abrigo. Suas induções cuidaram do resto—e o fato de que precisavam se desligar da consciência a cada vinte e quatro horas, era um alívio.

Ele precisava de tempo para pensar.

Jesus Cristo, que bagunça.

Compelido por um desejo de compassar o ritmo, empurrou sua cadeira para trás, e então se lembrou de que estava sentado em um balde de gesso virado.

—Maldição.

Olhando ao redor da sala decrépita, ele mediu o gesso que pendia em folhas das vigas do teto, as janelas reforçadas com tábuas e o buraco no assoalho em um canto. O lugar era exatamente como as contas bancárias que ele encontrara.

Sem dinheiro em lugar nenhum. Nenhuma munição. As armas que poderiam ser usadas para trauma de força cega, e era isso.

Depois de sua promoção, ele foi fodidamente bombeado, cheio de planos. Agora estava olhando para um grande lote sem dinheiro, sem recursos, sem nada.

O Omega, por outro lado, estava esperando todos os tipos de resultados. Como foi deixado amplamente claro durante sua pequena —visita— tarde da noite anterior.

E isso foi outro problema. Ele odiou essa merda.

Pelo menos podia fazer algo sobre o resto.

Estirando os braços acima da cabeça e estalando os ombros, ele agradeceu a Deus por duas coisas: Uma, que os telefones celulares não foram cortados—assim ele podia se comunicar com seus homens no campo, e tinha acesso à Internet. E duas, que todos aqueles anos na rua, deram-lhe um punho de ferro quando se tratava de controlar estúpidos idiotas jovens, do comércio de droga.

Ele tinha que arrumar algum dinheiro. Imediatamente.

Ele tinha um fodido plano para isso também, enviando os últimos nove mil e trezentos dólares da Sociedade, com três de seus garotos à meia-noite de ontem. Tudo que aqueles bastardos tinham que fazer era efetuar a compra, conseguir o narcótico, e trazê-lo de volta ali, onde ele cortaria a merda, e em seguida a dividiria com os novos sócios para a venda na rua.

O problema era que ele ainda estava esperando pela maldita entrega.

E estava ficando fodidamente impaciente por essa espera, para descobrir onde tanto as drogas, quanto seu dinheiro, haviam ido.

Era possível que os filhos da puta tenham fugido com um ou com o outro, mas se isso fosse o caso, ele iria caçá-los como cães e mostraria a todos os outros o que acontece quando você...

Quando seu telefone tocou, ele levantou a coisa, viu quem era, e apertou o enviar.

—Já era a porra do tempo. Onde diabo vocês estão e onde está a minha merda.

Houve uma pausa. E então a voz que veio do outro lado da linha não era nada parecida com o avião[153] de rosto espinhento a quem ele dera o celular, o dinheiro e a última arma de fogo funcionando que a Sociedade tinha.

—Eu tenho algo que você quer.

O Sr. C franziu o cenho. Voz muito profunda. Atada com uma vantagem que ele reconheceu das ruas, e um sotaque que ele não conseguiu identificar.

—Não é por causa pedaço-de-merda do telefone que você está me ligando,— O Sr. C falou arrastado. —Eu tenho bastante desses.

Afinal, quando você não tem nada na mão, seu coldre ou sua carteira, blefar era a única opção.

[153] *Pessoa que vende a droga.*

—Bem, bom para você. Você tem bastante do que me enviou também? Dinheiro? Força de trabalho?

—Quem diabo é?

—Eu sou seu inimigo.

—Se você tomou o meu fodido dinheiro, pode apostar seu traseiro que sim.

—Na verdade, esta é uma resposta simplista para um problema bastante complexo.

O Sr. C estourou em pé, atropelando a balde. —Onde está o meu fodido dinheiro, e o que você fez com meus homens?

—Receio que eles não possam mais vir ao telefone. É por isso que eu estou ligando.

—Você não tem ideia com quem está lidando,— O Sr. C rosnou.

—Pelo contrário, você é o único em particular desvantagem—assim como tantos outros.— Quando o Sr. C estava prestes a explodir, o sujeito o cortou. —Aqui está o que nós vamos fazer. Eu vou ligar ao anoitecer com uma localização. Você, e somente você, vai me encontrar lá. Se alguém for com você, eu saberei, e você nunca mais vai ouvir sobre mim novamente.

O Sr. C era usado para sentir desprezo pelos outros—vinha com o trabalho quando tudo que você lidava era com bandidos insignificantes e viciados em drogas carentes. Mas aquele cara no outro lado da linha? Controlado. Calmo.

Um profissional.

O Sr. C mostrou de volta seu temperamento. —Eu não preciso fazer jogos...

—Sim, você precisa. Porque se quiser drogas para vender, precisa vir até mim.

O Sr. C ficou quieto. Esse era algum lunático com delírios de grandeza, ou…alguém com o poder verdadeiro. Como, talvez a pessoa que aniquilou todos os intermediários do comércio de drogas de Caldwell ao longo do no ano passado.

—Onde e quando?— Ele disse rispidamente.

Houve uma risada sombria. —Atenda ao telefone no cair da noite e você vai descobrir.

Capítulo 43

Layla não podia falar enquanto as palavras de Payne se afundavam.

—Não,— ela disse para a outra fêmea. —Não, Havers me disse… não há nada que possa ser feito.

—Medicamente, isso pode bem ser verdade. No entanto, eu posso ter outro meio. Não sei se vai funcionar, mas se você me permitir, eu gostaria de fazer o que posso.

Por um momento, Layla podia apenas respirar.

—Eu não... ela sentiu a superfície plana de seu estômago. —O que vai fazer comigo?

—Eu não tenho certeza, para ser honesta.— Payne encolheu os ombros. —Na verdade, isso nem mesmo irrompeu em mim, que eu poderia ajudar sua situação. Mas eu tenho conhecimento para curar o que precisa de cura. Novamente, eu não tenho certeza se se aplica aqui, no entanto, nós podíamos tentar—e não vai machucá-la. Isso eu posso prometer.

Layla procurou o rosto da guerreira. —Por que… você faria isso por mim?

Payne franziu o cenho e se focou em outro lugar. —Você não precisa saber os porques.

—Sim, eu preciso.

Aquele perfil ficou positivamente frio. —Você e eu somos irmãs das tiranias da minha mãe — vítimas do seu plano principal para o modo como as coisas devem ser. Ambas éramos presas à ela de maneiras diferentes, você como Escolhida, e eu como sua filha de sangue. Não há nada que eu não faria para ajudar você.

Layla se deitou de volta. Ela nunca antes se considerou uma vítima da mãe da raça. Exceto… quando considerou seu desespero por uma família, sua sensação de enraizamento, sua própria falta de identidade fora de seu serviço como uma Escolhida… o que ela a fazia se perguntar. A liberdade a teria levado ali para aquele lugar horrendo, mas pelo menos ela escolhera a rota e os meios. Como um membro da classe especial de fêmeas da Virgem Escriba, ela não tinha tal escolha, sobre qualquer coisa em sua vida.

Qualquer coisa mesmo, na verdade.

Ela estava perdendo a gravidez; Isso era patente. E se Payne achava que havia uma chance…

—Faça o que você quiser,— ela disse asperamente. —E eu agradeço, não importa o resultado.

Payne assentiu uma vez. Então ela trouxe as mãos para cima, flexionando-as, os dedos se alargando. —Eu posso tocar em seu estômago?

Layla empurrou as cobertas para baixo. —Devo tirar minha blusa por completo?

—Não.

Muito bem. Até mesmo a mudança do edredom anunciou uma cólica chegando, o minuto mudou por um peso causado por...

—Você está com tanta dor,— a outra fêmea murmurou.

Layla não respondeu enquanto expunha a pele de seu estômago. Claramente, sua expressão já dizia o suficiente.

—Apenas relaxe. Isso não deve lhe causar sofrimento...

Enquanto o contato era feito, Layla empurrou a cabeça para cima. As mãos da guerreira eram quentes como a água do banho, enquanto aterrissavam sempre muito suavemente em seu baixo ventre. Calmante como a água do banho também. Estranhamente reconfortante, de fato.

—Isso machuca você?— Payne perguntou.

—Não. É como… — Quando outra cólica se engrenou propriamente, ela agarrou os lençóis, preparando-se...

Exceto que a dor não cresceu como acontecera anteriormente, seguramente como se a sensação fosse um grande penhasco, o topo do qual havia, sido cortado fora.

Foi o primeiro alívio que ela conseguiu desde que aquilo tudo começou.

Com um gemido de submissão, ela deixou a cabeça cair solta, os travesseiros amortecendo um cansaço súbito que disse a ela exatamente o quanto havia sido o desconforto em seu corpo.

—E agora nós vamos começar.

Tudo de uma vez, a luminária do outro lado do quarto piscou… e então se apagou.

No entanto, sua iluminação foi logo substituída.

Das mãos gentis de Payne, um brilho suave começou a emanar, o calor de seu toque se intensificando, aquele estranho e maravilhoso movimento parecendo penetrar em baixo da pele, e do músculo, e de qualquer osso que estava no caminho… indo diretamente para o útero de Layla.

E então houve uma explosão de várias coisas.

Com um assobio, ela se entregou a grande onda de energia que abruptamente se enterrou dentro dela, aquele calor nunca queimando e ainda assim evaporando a dor, erguendo a agonia para cima e para fora de sua carne, seguramente como o vapor de uma panela que subia e vagava para longe.

Mas não havia acabado. Um grande rubor de euforia acelerou todo o seu corpo, seus tentáculos dourados pulsando para fora de sua área pélvica e fluindo através de seu torso para sua mente e sua alma enquanto suas pernas e braços também formigavam.

Oh, grande e pungente alívio…

Oh, incrível poder…

Oh, doce graça salvadora.

A cura ainda não estava terminada, entretanto.

No meio do turbilhão, Layla sentiu um… o que era aquilo? Uma mudança em seu útero. Uma contração, talvez? Mas não foi uma cãibra, não, isso não. Mais como se aquilo que havia sido lento, encontrasse uma força revigorante.

Ela se tornou gradualmente ciente que seus dentes estavam batendo.

Olhando para seu corpo, ela viu que tudo estava tremendo, e isso não era tudo.

Sua forma física estava brilhando. Cada centímetro de sua pele era como uma sombra em uma luminária, revelando a luz por baixo, suas roupas agindo como barreiras frágeis para aquilo que estava fluindo dela.

Na iluminação, o rosto de Payne estava rígido, como se houvesse um grande custo para ela em transferir a maravilhosa cura para outro. E Layla teria se afastado, parado aquilo, se ela pudesse — porque a outra fêmea começou a parecer positivamente abatida. No entanto, não havia maneira de quebrar a conexão; Ela não tinha controle de seus membros, nenhum jeito até mesmo de falar.

Aquilo pareceu durar para sempre, a comunhão vital entre elas.

Quando Payne finalmente se empurrou para trás, quebrando o vínculo, ela caiu da cama, aterrissando em uma pilha no chão.

Layla abriu a boca para gritar. Tentou alcançar sua salvadora. Forçando-se contra a inércia de seu corpo que ainda estava brilhando.

Mas não havia nada que ela pudesse fazer.

A última coisa que se registrou antes de ela perder a consciência foi sua preocupação com a outra fêmea. E então tudo ficou escuro.

Capitulo 44

Qhuinn acordou com uma ereção.

Estava deitado de costas, seus quadris se movendo por conta própria, o movimento rolando, acariciando a ereção contra o peso do edredom e os lençóis. Por um momento, enquanto permanecia na fase semiacordado antes da verdadeira consciência chegar, imaginou que fosse Blay criando o atrito, as palmas do macho deslizando para cima e para baixo... Em um preâmbulo para alguma ação com a boca.

Foi quando estendeu a mão para enterrar os dedos no cabelo vermelho que percebeu que estava sozinho. Suas mãos encontraram somente os lençóis.

Em um ataque de esperança-nascente-eterna, jogou o braço, batendo no espaço ao lado dele, pronto para encontrar o corpo quente, macho.

Apenas mais lençóis. Que estavam frios.

— Porra, — ele respirou.

Abrindo os olhos, a realidade foi duramente atingida e deflacionando sua excitação. Apesar das ligações, das duas incríveis sessões, Blay estava agora, neste exato momento, acordado com Saxton.

Provavelmente fazendo sexo com o cara.

Oh, Deus, ele ia vomitar como o inferno.

A ideia de que Blay estava tocando em outro, montando outro, lambendo e acariciando outro, seu primo, porra, como uma questão de fato, era quase tão insuportável quanto a Layla, merda. O fato importante era que a cortesia foi para baixo, de algum modo a atração pelo o cara ampliou em vez de diminuir.

Grande. Outra rodada de boas notícias.

Foi sem qualquer entusiasmo absolutamente, que Qhuinn se arrastou para fora da cama e para o banheiro. Não quis acender a luz, não tinha interesse em ver como se parecia com coco de cachorro, mas fazer a barba com nada além de toque, não era a mais brilhante ideia.

Quando ligou o interruptor piscou duro, uma dor de cabeça começando a bater bem atrás de ambos os olhos. Não há dúvida de que precisava comer de novo, mas pelo amor de Deus, as exigências implacáveis de seu corpo o estavam levando para baixo.

Liberando a água na pia, pegou o gel de barbear Edge e encheu a mão com um pequeno redemoinho. Quando esfregou as mãos para espalhar a coisa, pensou sobre seu primo. Ele tinha um pressentimento, embora não soubesse ao certo, que Saxton usaria uma escova à moda antiga, espuma de sabão em sua mandíbula e bochechas. E não navalhas Gillette como ele. Provavelmente possuía objetos de barbeiro, com cabo de madrepérola para manusear.

O pai de Qhuinn tinha um desses. E seu irmão ganhou um com a sigla inicial dele, depois de sua transição.

Junto com aquele anel de sinete.

Bem, bom para eles. Além disso, dado que os dois estavam ambos mortos, não era como eles fossem se barbear.

Quando seu rosto estava coberto de branco, assim como a paisagem do lado de fora, pegou sua regular, trivial Mach 3 já usado...

Por nenhuma razão aparente, pensou que talvez devesse pegar um novo.

Sim, como um fresco, super-acentuado, alguém perfeito.

Qhuinn revirou os olhos para si mesmo. Nada como ter a sua autoestima embrulhada em três lâminas pequenas e uma pasta hidratante. Porra, verdadeira lógica essa.

Aplicou um tapa em uma parte da bunda, começou a vasculhar as gavetas sob o balcão, puxando-as para fora, registrou todos os tipos de coisas banho e porcaria de beleza que nunca usou, nunca olhou.

Retirando a última gaveta, o mais próximo do chão, parou. Franziu a testa. Curvou-se.

Havia uma caixa de veludo preto lá, o tipo de coisa que você colocaria uma joia dentro. Só que ele não possuía nenhuma e certamente não de Reinhardt, do centro erudito local. Como ninguém mais ficara em seu quarto, se perguntou se talvez estivesse estado lá desde que se mudou e simplesmente nunca vira?

Tomando a caixa, abriu a tampa e...

— Filho da puta.

Dentro, como se eles valessem alguma coisa, estavam todos seus brincos de bronze cinza, assim como o aro que sempre usou em seu lábio inferior.

Fritz os deve ter recolhido-os ao limpar uma noite qualquer, e os colocado na caixa. Só essa explicação, porque ele certamente não se preocupou com eles depois que tirou um por um. Só jogou na parte de trás de um dos armários de banheiro.

Qhuinn apanhou os elos de aço, pensando quando os comprou e os colocou. Seu pai ficara mortificado, sua mãe também, a ponto de se desculpara na Última Refeição, levantar e se retirar para seus aposentos privados, por um período de 24 horas desde que ele usou a sala de jantar.

O cara do lugar onde fez os pregos para os piercings lhe disse para não retirá-los até que os furos tivessem a oportunidade de se curar. Mas esse conselho era para os seres humanos. Dentro de um par de horas, todos estavam bons, então, fez a troca.

No banheiro de Blay, na realidade.

Qhuinn franziu a testa, lembrando-se do momento em que saiu para o quarto do rapaz. Blay estava sobre a cama, tomando uma Corona[154], assistindo TV. Sua cabeça virou, sua expressão aberta e relaxada, até que ele deu uma olhada em Qhuinn.

Seu rosto reforçou sutilmente. O tipo de coisa que, a menos que você conheça uma pessoa muito, muito bem, você não iria notar. Mas Qhuinn notou.

Na época, assumiu que era porque a merda obvia de Gótico, fora um pouco demais para o Sr. Conservador. Mas agora, pensando nisso, lembrou outra coisa. Blay havia se virado para a tela de plasma... E casualmente tomou um travesseiro e colocou em seu colo.

[154] *Marca de Cerveja.*

Ele deve ter ficado duro.

Quando reformulou toda aquela cena em sua cabeça, seu próprio sexo engrossou novamente.

Só que era uma perda de tempo, não era?

Olhando para esses malditos brincos, pensou em suas rebeliões, sua raiva e sua ideia fodida do que tinha que ter para ser feliz na vida.

Uma fêmea. Se pudesse encontrar alguém que o levaria.

O que... Uma mentira... Que teria sido.

A covardia, engraçado, veem em muitas formas, não veem? Você não tem que estar encolhido em um canto, balançando como um bichano chorão. Claro que não. Você pode ouvir um barulho enorme com uma atitude forte e um rosto cheio de piercings e um grunhido, para se mostrar ao mundo... E ainda não ser ninguém, mas um covarde chupa paus. Afinal, Saxton poderia usar ternos de três peças, gravatas e sapatos, mas o macho sabia quem ele era, e não tinha medo de ter o que ele queria.

E o pelo que sabia, Blay estava acordando na cama do cara.

Qhuinn fechou a tampa e colocou os piercings de volta onde encontrou. Então olhou para o espelho. O que estava fazendo de novo? Pensou, olhou para o seu rosto.

Ah, sim. Barbear.

Era isso

Cerca de vinte minutos depois, Qhuinn deixou seu quarto. Andando pelo corredor de estátuas, passou pelas portas fechadas do escritório de Wrath e continuou.

Quando ele continuou à frente, foi difícil olhar para a sala de estar do segundo andar, difícil de ficar frio quando o sofá ficou a vista.

Nunca vou olhar para esse pedaço de móveis da mesma forma. Inferno, talvez mesmo que todos os sofás fossem arruinados para ele, para sempre.

Na porta de Layla, ele se inclinou e colocou o ouvido nos painéis. Quando não ouviu nada, perguntou o que exatamente esperava encontra pelo caminho.

Ele bateu tranquilamente. Quando não houve resposta, foi agarrado na garganta por um medo irracional e sem pensamento consciente abriu a porta.

A luz derramou na escuridão.

Seu primeiro pensamento foi que ela houvesse morrido, que Havers, filho da puta havia mentido, e o aborto havia saído de controle e a matara. Layla estava imóvel deitada sobre os travesseiros, com a boca ligeiramente aberta, com as mãos entrelaçadas sobre o peito, como se tivesse sido arrumada por um agente funerário que tinha respeito pelos mortos.

Exceto... Algo estava diferente, e levou um minuto para descobrir o que era.

Não havia cheiro irresistível de sangue. Na verdade, apenas o delicado perfume de canela dela marcava o ar, o frescor de uma maneira animava a sala toda.

O aborto finalmente acabara?

— Layla — chamou, ainda que havia dito à ela que se a encontrasse dormindo, iria deixá-la dormir.

Foi um alívio vê-la contrair as sobrancelhas quando seu nome registrou em seu cérebro, mesmo sob o véu do sono.

Ele teve a sensação de que se a chamasse de novo, ela acordaria.

Parecia cruel forçar a consciência sobre ela. O que ela tem para cumprimentá-la, quando acordasse? A dor que ela estava sentindo? O sentimento de perda?

Foda-se.

Qhuinn em silêncio saiu, fechou a porta e ficou ali. Não tinha certeza do que fazer com ele. Wrath lhe disse para ficar em casa, mesmo que John Matthew saísse, deduziu que fosse uma espécie de licença compassiva da coisa do *ahstrux nohtrum*. E ele apreciaria isso. Havia tão pouco que poderia fazer para ajudar Layla, pelo menos ele poderia ficar por aqui, caso ela precisasse de alguma coisa. Refrigerante. Aspirina. Ombro para chorar.

Você fez isso com ela.

Indo pelo badalar que flutuava para fora daquela sala de jantar miserável, ele pensou que havia perdido a Primeira Refeição. Nove horas da noite, sim, dormira demais e tão bem. Se tivesse que se sentar à mesa e passar 45 minutos na companhia de quase duas dezenas de pessoas tentando não olhar para ele, iria perder a cabeça do caralho.

O som de alguém andando abaixo no sala, o trouxe a cabeça para cima.

Sem qualquer pensamento particular ou plano, apareceu na balaustrada e olhou para baixo.

Payne, a irmã de V estava saindo da sala de jantar.

Não conhecia a mulher tão bem, mas respeitava a coragem dela. Impossível não respeitar, dada à forma como ela lutava no campo... Firme, muito firme. No momento, no entanto, a *shellan* do Dr. Manello parecia como tivesse sido espancada em uma briga de bar. Ela estava andando devagar, arrastando os pés no chão do mosaico, com o corpo curvado, o aperto no braço de seu companheiro, era tudo o que parecia mantê-la em pé.

Será que ela foi ferida em uma luta corpo a corpo?

Nenhum cheiro de sangue.

Dr. Manello disse algo a ela que não ouviu, mas depois o cara acenou com a cabeça na direção da sala de bilhar, como se estivesse perguntando se queria ir para lá.

Dirigiram-se dessa forma a passos de caracol.

Dado que ele não apreciava pessoas olhando, recuou do corrimão e esperou até que o caminho estivesse livre. Em seguida, correu para baixo da grande escadaria.

Alimentos. Treino. Verificar novamente Layla.

O que seria sua noite.

Indo para a cozinha, encontrou-se perguntando onde Blay estava. O que estava fazendo. Se ele estava fora em combate ou para a noite e...

Dado que não sabia onde estava Saxton, parou com essa linha de investigação ali.

Se ele estivesse sem rotação, e capaz de passar algum tempo fodendo com o cara, ele saberia o que ele estaria fazendo.

E Saxton, seu primo chupa pau não era tolo.

Capítulo 45

A falta de alimentação de Assail finalmente o pegou cerca de cinco horas após o cair da noite. Estava colocando sua camisa, de um botão azul pálido com punhos franceses, quando suas mãos começaram a tremer tanto, que não houve como fechar a maldita coisa sobre o peito. E então o cansaço bateu tão avassalador que o balançou.

Praguejando baixinho, foi até seu gabinete. No topo de mogno polido, sua taça e colher estavam esperando, e tomou conta do negócio em duas rápidas inaladas, um para cada narina.

Hábito desagradável, e que usava apenas quando realmente necessário.

Pelo menos, o cheiro cuidou do cansaço. Mas teria que encontrar uma fêmea. Em breve. Na verdade, era um milagre que durasse tanto tempo. A última vez que tomou uma veia foi meses atrás, e a experiência foi menos que apaixonante, um rápido-e-sujo com uma fêmea da espécie bem versada no fornecimento do sustento que um macho necessitava. Por um preço.

Um aborrecimento.

Depois de se armar e pegar um casaco preto de caxemira, desceu as escadas e abriu a porta deslizante de aço. Quando abriu o caminho para o primeiro andar, foi saudado pelos sons das armas sendo verificadas.

Na cozinha, os gêmeos estavam executando vários ritmos com as quarenta.

— Você fez a chamada? — Assail perguntou a Ehric.

— Como você disse.

— E?

— Ele vai estar lá e está indo sozinho. Você precisa de armas?

— Já as tenho. — Pegou as chaves do Range Rover de um prato de prata no balcão. — Vamos levar o meu veículo. No caso de alguém ficar ferido.

Afinal, só um idiota acreditava na palavra de um inimigo, e seu SUV vinha com um dispositivo no chassis, que poderia ser muito útil se houvesse um ataque em massa.

Boom.

Quinze minutos depois, os três estavam atravessando a ponte em Caldwell, e quando Assail se dirigiu à frente, ele se lembrou de porque trazer os primos aqui, havia sido uma ideia inspiradora. Não só eram bons em apoio, não estavam inclinados a perder fôlego em conversa inútil.

O silêncio era um bem vindo como o quarto passageiro em seu transporte.

Mais no centro da cidade ao lado do Hudson, ele pegou em uma saída que se curvava ao redor e descarregava abaixo da Northway. Dirigiu paralelo ao rio, entrou na floresta de pilares grossos que sustentavam as estradas, a paisagem insignificante, escura e essencialmente vazia.

— O parque à direita a cerca de cem metros, — Ehric disse da parte de trás.

Assail virou para o lado, bateu no meio-fio e parou no acostamento.

Os três saíram no frio, seus sobretudos abertos, armas na mão, os olhos rastreando. Enquanto caminhavam à frente, o de gêmeo de Ehric se interpôs na retaguarda, as três sacolas Hefty[155] pegas na garagem em uma de suas mãos, o plástico preto fazendo um barulho farfalhante quando todos eles foram juntos.

Acima deles, o tráfego rosnou, os carros se movendo em um ritmo constante, uma sirene de ambulância lamentando em um grito estridente, um caminhão pesado por sobre as vigas. Quando Assail respirou profundamente, o ar estava gelado em suas cavidades, nenhum cheiro de sujeira ou peixes mortos por causa do frio.

— Em frente, — Ehric disse.

Eles calmamente e de forma constante cruzaram o asfalto, e entraram uma vez mais no chão duro congelado. Com as grandes lajes de concreto da estrada bloqueando o sol, nada crescia aqui, mas havia vida, de uma espécie. Humanos sem-teto em habitações improvisadas de papelão e lonas agachados contra o inverno, seus corpos embrulhados tão apertados, você não podia dizer o modo que eles estavam enfrentando.

Considerando a sua preocupação em permanecer vivo, não estava preocupado com a interferência deles. Além disso, sem dúvida, eles estavam acostumados a ser periféricos neste tipo de negócio, e sabiam não se intrometer.

E se eles o fizessem? Não hesitaria em colocá-los fora de sua miséria.

O primeiro sinal de que seu inimigo se mostrava, era um mau cheiro no vento. Assail não era particularmente bem versado nos caminhos da Sociedade Lesser e seus membros, mas seu nariz afiado não foi capaz de verificar a existência de nuances dentro do mau cheiro. Então tomou isso para dizer que as instruções foram seguidas e este não era um caso de centenas que chegam na cena, embora fosse possível que habitantes do Omega tivessem apenas um cheiro.

Eles iriam descobrir em breve.

Assail e seus machos pararam. E esperou.

Um momento depois, só um *Lesser* saiu de trás de um poste.

Ah, interessante. Este havia sido um cliente antes, chegando com dinheiro para comprar pacotes de coca ou heroína. Estava à beira de ser eliminado, o seu volume de compra apenas sob o ponto de corte ,para não qualificá-lo como intermediário.

A única razão pela qual ele ainda respirava... E respirava, portanto, era que em algum momento, se transformara em um matador. Pensando sobre isso, o sujeito não estivera por aí ultimamente, então se poderia supor que estava se adaptando a sua nova vida. Ou não vida, como fosse o caso.

— Jesus Cristo... — O *Lesser* disse, claramente capturando seus aromas.

— Quis dizer isso quando disse que eu era seu inimigo, — Assail demorou.

— Vampiros...?

[155] *Sacos de lixo*

— Que coloca você e eu em uma posição curiosa, não é. — Assail acenou para os gêmeos. — Meus colegas vieram aqui de boa-fé na noite passada. Estão igualmente surpresos com o que eles descobriram quando seus homens chegaram. Certamente... Comportamento agressivo... Da nossa parte foram exibidas antes que as coisas fossem classificadas. Minhas desculpas.

Quando Assail assentiu, as três sacolas Hefty foram atiradas sobre ele.

A voz de Ehric estava seca. — Estamos preparados para lhe dizer onde o resto está.

— Dependendo da disposição desta operação, — Assail acrescentou.

O *Lesser* olhou para baixo, mas de outra forma, que não demonstrou nenhuma reação. O que sugeria que ele era um profissional. — Você trouxe o produto?

— Você pagou por ele.

Os olhos do matador se estreitaram. — Vai fazer negócios comigo.

— Posso lhe assegurar que não estou aqui pelo prazer da sua companhia. — Quando Assail fez um gesto com a mão, Ehric tirou um pacote embrulhado. — Algumas regras primeiro. Você vai entrar em contato comigo diretamente. Não vou aceitar chamadas de qualquer outra pessoa dentro de sua organização. Você pode pedir pelo email e mandar o recolhimento para quem quiser, mas você vai me fornecer a identidade e o número do representante que você está enviando. Se houver qualquer tipo de emboscada, ou se houver qualquer desvio de minhas duas regras, vou deixar de fazer negócios com você. Essas são as minhas determinações apenas.

O *Lesser* olhou para trás e para frente entre Assail e os primos. — E se eu quiser comprar mais do que isso?

Assail havia considerado essa probabilidade. Não tinha passado os últimos 12 meses recebendo intermediários para atirar na cabeça deles por nada, e não estava disposto a ceder seu poder duramente conquistado a ninguém. Esta era uma oportunidade única, no entanto. Se a Sociedade Lesser queria fazer algum dinheiro nas ruas, estava bem com proporcionar-lhes as drogas para que fizessem. Não era como se esse filho malcheiroso de uma cadela, fosse ser capaz de chegar até Benloise, porque tinha certeza de que isso não iria acontecer. Mais ao ponto, Assail tinha uma taxa de limitação, questão inerente ao seu modelo de negócios, com apenas os três, possuía mais produto do que vendedores.

Então, era hora de começar a terceirização. Com seu domínio sobre a cidade completo, a fase seguinte era selecionar a dedo alguns terceiros para o contrato de trabalho, por assim dizer.

— Vamos começar devagar e ver como vai ser, — Assail murmurou. — Você precisa de mim. Sou a fonte. Portanto, é sua escolha como agir. Certamente não estou.. Como se diz... Declinado a aumentar seus pedidos. Ao longo do tempo.

— Como sei que você não está trabalhando com a Irmandade?

— Se estivesse, eu os teria emboscando você agora. — Ele indicou as sacolas nos pés do matador. — Além disso, como um gesto de boa fé, e em reconhecimento de suas perdas, já creditamos três mil dólares nesta entrega. Um mil para cada um dos nossos, vamos dizer assim, interpretações equivocadas de ontem à noite.

As sobrancelhas do assassino se ergueram.

No silêncio que se seguiu, o vento soprava em torno de todos eles, os casacos voavam, o colarinho da jaqueta do *lesser* assobiava.

Assail se contentou em esperar por uma reação. Havia das duas respostas. Sim, nesse caso Ehric ia jogar o pacote. Não, no momento em que os três abriram fogo contra o filho da puta, desativando ele, e o mandando de volta para o Omega.

O que era aceitável para ele. Mas estava esperando pela primeira.

Havia dinheiro a ser ganho. Para ambos os lados.

Sola manteve a distância do quarteto de homens que se reuniram sob a ponte: se demorando na margem, ela usou seus binóculos para se concentrar na reunião.

Sr. Mystery Man[156], também conhecido como o grande Houdini Roadside[157], estava apoiado por dois guarda-costas enormes, que eram imagens de espelho um do outro. Apesar de toda aparência, parecia que estava correndo uma reunião, e que não era uma surpresa e que ela pudesse adivinhar a ordem do dia.

Com certeza, um da dupla do lado esquerdo avançou e deu um pacote do tamanho de caixa de almoço de uma criança, ao homem que estava por conta própria.

Enquanto esperava o negócio finalizar, sabia que estava tomando sua vida em suas próprias mãos sobre isso. E não porque estava sob a ponte depois de escurecer

Considerando o encontro que tivera com o homem na noite anterior, era altamente duvidoso que ele iria apreciar que ela ficasse em seu rabo, seguindo-o aqui, e brincando de terceira testemunha de suas atividades ilegais. Mas passou a maior parte dos últimos 24 horas pensando nele e ficou chateada. Era um maldito país livre, e se quisesse estar aqui em propriedade pública, estava autorizada.

Ele queria privacidade? Então devia cuidar dos negócios em outro lugar que não fosse malditamente aberto.

Quando seu gênio ressurgiu, cerrou os dentes... E sabia que este era o seu pior defeito de caráter no trabalho.

Por toda a sua vida, foi o tipo de fazer o que lhe foi dito para não fazer. Claro que, quando envolvia coisas do tipo, NÃO, você não pode ter um cookie antes do jantar, ou, NÃO, você não pode pegar o carro para sair, você está de castigo, ou... NÃO, você não deve ir ver seu pai na prisão... As implicações eram muito diferentes do que estava acontecendo na frente dela.

Não, você não pode voltar para casa.

Não, você não pode me ver mais.

Sim, seja o que for, chefões. Ela iria decidir quando era o suficiente, muito obrigado. E no momento? Não tinha o suficiente.

Além disso, havia outro ângulo para sua tenacidade: não gostava de perder a coragem, e isso foi o que aconteceu na noite passada. Quando se afastou de seu confronto com o homem, havia

---

[156] *Homem Misterioso*

[157] *Houdini: grande ilusionista do começo do século XX. No caso, Sola se refere à Assail.*

saído de um lugar que inspirava medo e que não ia ser do jeito que passara a vida. Desde que a tragédia, oh, muito tempo atrás, quando as coisas mudaram para sempre, decidiu, prometeu, era mais como isso, que nunca mais teria medo de nada.

Nem dor. Nem a morte. Nem o desconhecido.

E certamente nem um homem.

Sola reforçou o foco, fechando em seu rosto. Graças à iluminação da cidade, era suficiente para vê-lo corretamente, e sim, que era exatamente como se lembrava. Deus, seu cabelo era tão malditamente preto, quase como se ele tivesse colorido. E seus olhos estreitos, agressivos. E sua expressão, tão arrogante e no controle.

Francamente, parecia muito elegante para ser o que ele era. Então, novamente, talvez ele fosse cortado da rede de traficante de drogas de Benloise.

Pouco tempo depois, os dois lados seguiram caminhos separados: o único homem virou-se e caminhou na direção de onde havia vindo, uma coleção de sacolas cheias penduradas no ombro, os outros três retornaram para calçada, voltando para o Range Rover.

Sola correu de volta para seu carro de aluguel, seu macacão escuro e sua máscara de esqui ajudavam a se misturar às sombras. Ficou atrás do volante do Ford, se abaixou fora da vista e usou um espelho para monitorar o sentido único que corria por debaixo da ponte.

A estrada era a única saída disponível. A menos que o homem estivesse disposto a arriscar uma multa da CPD[158], por ir à contra mão no tráfego.

Momentos depois, o Range Rover passou por ela. Depois de permitir que ele estivesse um pouco à frente, ela ligou o motor e acelerou para a posição de um quarteirão atrás.

Quando Benloise deu à ela a tarefa, deu a marca e modelo de SUV do homem, além do endereço no Hudson. Não o nome, no entanto.

Tudo o que tinha era o avalista imobiliário e seu único administrador.

Quando conseguiu localizar o trio, memorizou a placa de licença. Um de seus amigos na delegacia de polícia podia ser capaz de ajudar com isso, embora, dado que a casa era de propriedade de uma pessoa jurídica, supunha que fosse o mesmo com o automóvel.

Seja o que for, havia uma coisa que tinha certeza.

Onde quer que ele fosse iria estar lá.

Capítulo 46

O grito explodiu pelo quarto escuro, alto, forte, inesperado.

Quando reverberou em seus ouvidos, Layla não soube imediatamente que a acordou. O que tinha...

[158] Delegacia de Polícia de Caldwell

Olhando para baixo, sabia que estava sentada, os lençóis enrolados em suas mãos apertando, com o coração batendo forte em sua caixa torácica.

Olhando em volta, descobriu que sua boca estava aberta...

Fechando a mandíbula, sabia que devia ter feito o som. Não havia mais ninguém no quarto. E a porta estava fechada.

Levantando as mãos, torceu seus pulsos para ficar com as palmas para cima, em seguida, com as palmas para baixo. A iluminação no quarto, tal como estava, não vinha de sua pele. Era a luz do banheiro.

Empurrando-se para o lado, sentou sobre a beira da cama.

Payne já não estava deitada amontoada. A fêmea deve ter saído ou sido transportada?

Seu primeiro pensamento foi ir e encontrar irmã de Vishous, apenas levantar e iniciar a busca. Embora não entendesse exatamente o que aconteceu entre elas, não havia dúvida de que houve custos para a guerreira caro.

Mas Layla parou, como se a preocupação com o seu próprio bem-estar assumisse: Sua consciência mudou do externo para o interno, sua mente se escondendo por debaixo de seu corpo, procurando e esperando encontrar as cólicas, o calor brotando entre as pernas, as dores estranhas atravessando seus ossos.

Nada.

Assim como um quarto poderia estar em silêncio quando todos os que estão dentro dele ficam quietos, assim também pode a forma corpórea quando todos os seus componentes não reclamam.

Movendo os lençóis de si, moveu suas pernas de forma que pendesse para fora da borda do colchão alto. Inconscientemente, se preparou para a sensação horrível de sangue deixando seu ventre. Quando não houve nada do tipo, se perguntou se o aborto não havia sido concluído em si. Mas Havers não disse que seria mais uma semana?

Foi preciso coragem para ficar em e pé. Mesmo que soubesse que era ridículo.

Ainda nada.

Layla entrou no banheiro devagar, esperando a qualquer momento o ataque dos sintomas voltarem, e deixando-a de joelhos. Esperou a dor estremecer com aquelas cólicas rítmicas, o processo voltar a estabelecer o domínio sobre seu corpo e sua mente.

Não sei se vai funcionar, mas se estiver disposta, gostaria de fazer o que puder.

Layla praticamente arrancou sua roupa, a que cobria o sangramento e correu como louca. E então estava no banheiro.

Sem sangramento.

Sem cãibras.

Metade dela entrou em uma tristeza tão profunda, temia não haver fundo para a emoção, de uma forma estranha, durante o processo do aborto, sentiu como se ainda houvesse algum tipo de conexão com sua criança. Ela se fora? Então, a morte foi completa, embora a lógica dissesse que não havia nada que vivesse ou foi capaz de sobreviver, caso contrário, a gravidez não teria terminado em si.

A outra metade foi atingida por uma esperança imensa.

E se...

Tomou um banho rapidamente, apesar do fato de que realmente não sabia por que estava correndo, ou aonde iria.

Olhando para seu estômago, passou as mãos ensaboadas sobre o trecho liso, plano de pele.

— Por favor... Qualquer coisa que você quiser, leve o que quiser... dá-me essa vida dentro de mim, e pode tomar qualquer outra coisa...

Estava conversando com a Virgem Escriba, é claro, não que a mãe da raça estivesse ouvindo.

— Dê-me a minha criança... Deixe-me mantê-lo... *Por favor*...

O desespero que sentia era quase tão ruim quanto a coisa física havia sido, e tropeçou fora do chuveiro, secou-se mais ou menos e começou a limpar uma coisa-ou-outra.

Pelo que viu na televisão, as mulheres humanas tinham testes que podiam informá-las, bastões e outros exames aparentemente destinados a informá-las sobre os mistérios provocativos de seu corpo. Vampiros não tinha nada do tipo, não que estivesse ciente.

Mas os machos sabiam. Eles sempre sabem.

Irrompendo de seu quarto, correu na direção do corredor de estátuas, rezando para que topasse com alguém...

Exceto Qhuinn.

Não, não queria que fosse o único a descobrir se um milagre aconteceu... Ou nada havia mudado. Que era muito cruel.

A primeira porta que chegou foi a de Blaylock e bateu depois de uma hesitação. Blay soube da situação o tempo todo. E em seu âmago, ele era um homem muito bom, um homem forte e bom.

Quando não houve resposta, amaldiçoou e se afastou. Não verificou a tempo, mas dada que as janelas estavam para cima e não havia cheiro de jantar sendo servido logo abaixo, era, provavelmente, no meio da noite. Não há dúvida de que ele fora lutar...

—Layla?

Ela girou ao redor. Blay estava inclinado através da porta de seu quarto, com uma expressão de surpresa.

— Sinto muito — Quando sua voz falhou, teve que desmarcar. — Eu... Eu...

— O que há de errado? Você fica simplesmente ai. Aqui, deixe-me ajudá-la a sentar-se.

Quando algo se aproximou e pegou sua parte inferior, se deu conta de que ele a colocou no banco dourado do lado de fora do quarto.

Ele se ajoelhou na frente dela e pegou suas mãos. — Posso achar Qhuinn para você? Acho que ele está...

— Diga-me se ainda estou grávida. — Enquanto seus olhos se arregalaram, apertou as mãos. — Preciso saber. Alguma coisa... — Não tinha certeza se queria falar sobre ela e Payne, sobre o que aconteceu entre elas. — Só preciso saber se acabou ou não. Você pode... Por favor, preciso saber...

Quando começou a balbuciar, ele colocou a mão em seu braço e o acariciou. — Acalme-se. Basta dar uma respiração profunda, aqui, respire comigo. É isso... Bem...

Fez seu melhor para cumprir, foco na respiração, no tom de sua voz profunda.

— Vou chamar doutora Jane, tudo bem — quando ela começou a discutir, ele balançou a cabeça com firmeza. — Você fica aqui. Prometa-me que não vai a lugar nenhum. Só vou pegar meu telefone. Fica aqui.

Por alguma razão, os dentes começaram a bater. Estranho, pois não estava com frio.

Um segundo mais tarde, o guerreiro voltou e se ajoelhou novamente. Ele tinha o seu telefone na sua orelha, e estava falando.

— Ok, Jane está vindo agora, — ele disse, colocando a coisa à distância. — E vou ficar aqui com você.

— Mas você pode dizer, não pode? Pode dizer, pelo cheiro que...

— Psiu...

— Sinto muito. — Ela baixou rosto, deixando-o lá em baixo. — Não quero arrastar você para isso. Eu só... Eu sinto muito.

— Está tudo bem. Não se preocupe com isso. Nós só vamos esperar por doutora Jane. Ei, Layla, olhe para mim. Olhe para mim.

Quando finalmente olhou em seus olhos azuis, foi atingida por sua bondade. Especialmente quando o macho sorriu gentilmente.

— Estou feliz que você veio até mim — disse ele. — O que estiver errado, nós vamos cuidar disso.

Olhando para aquele rosto forte e bonito, sentindo-se a segurança que ele ofereceu generosamente, sentindo a decência do guerreiro na profundidade de sua medula, ela pensou Qhuinn.

— Agora eu sei por que ele está apaixonado por você, — ela falou.

Blay ficou positivamente branco, todas as cores saindo de suas bochechas. — O que... Você disse...?

— Estou aqui, — Doutora Jane chamou de baixo do topo da escada. — Estou aqui!

Quando a médica veio correndo até eles, Layla fechou os olhos.

Merda. O que tinha acabado de sair de sua boca.

No centro da cidade, no armazém, Xcor ,que passara o dia lá dentro, o líder do bando de bastardos finalmente surgiu na escuridão fria da noite.

Ele tinha suas armas em seu corpo e seu telefone em suas mãos.

Às vezes, durante as longas horas do dia tinha a sensação de que esquecera alguma coisa, finalmente resolveu-se e lembrou que disse a seus soldados para fugir do local. Isso explica por que nenhum deles veio antes do amanhecer.

Seu novo covil não era no centro da cidade. E pensando bem, foi um erro de cálculo de sua parte ,tentar estabelecer uma sede nesta parte da cidade, mesmo que as coisas parecessem desertas, havia muito risco de complicação, descoberta, ou circunstâncias comprometedoras.

Como aprendeu na noite anterior com a visita do Sombra.

Fechando os olhos por um instante, pensou que era estranho como os eventos poderiam soprar muito além das intenções originais. Se não fosse pela intrusão do Sombra, se perguntava se jamais teria sido capaz de acompanhar a sua Escolhida. E se ele não o tivesse seguido até a clínica, não saberia que ela estava com uma criança... Ou a sua descoberta sobre a Irmandade.

Lançando-se ao vento forte, se materializou no telhado do arranha-céu mais alto da cidade. As rajadas foram viciosas na altitude, chicoteando seu casaco de corpo inteiro para fora ao redor de seu corpo, o coldre de sua foice de tudo o que o mantinha nas costas. Seu cabelo estava ficando mais e mais enredado e obstruía sua visão, obscurecendo a visão da cidade que se estendia por baixo de seus pés.

Virou-se na direção da montanha do Rei, o grande monte distante no horizonte.

— Nós pensamos que você estivesse morto.

Xcor girou sobre suas botas de combate, o vento rebocando o cabelo para trás de seu rosto.

Throe e os outros estavam de pé em um semicírculo ao seu redor.

– Eu estava, mas vivo e respiro. — Exceto, na verdade, apenas se sentia morto. — Como se saíram com as novas acomodações?

— Onde você estava? — Throe exigia.

— Em outro lugar. — Enquanto piscou os olhos, lembrou-se de procurar a paisagem, o estranho nevoeiro, indo ao redor e ao redor da base da montanha. — As novas acomodações, como são elas?

— Bem, — Throe murmurou. — Posso ter uma palavra com você?

Xcor levantou uma sobrancelha. — Na verdade, você parece ansioso para fazê-lo.

A par deles deu um passo para o lado, deixando os outros no vento, e coincidentemente, passou a enfrentar a direção do complexo da Irmandade.

— Não pode fazer isso, — Throe disse sobre as altas rajadas geladas. — Você não pode simplesmente desaparecer o dia todo novamente. Não neste clima político, assumimos que havia sido morto, ou pior, capturado.

Houve um tempo em que Xcor teria contestado a censura com uma rejeição aguda ou algo muito mais físico. Mas o soldado estava certo. As coisas estavam diferentes entre o grupo deles, desde que enviara Throe ao ventre da besta, começara a sentir uma ligação recíproca com estes homens.

— Eu lhe asseguro, não era minha intenção.

— Então o que aconteceu? Onde você estava?

Nesse momento, Xcor viu diante de si uma encruzilhada. Uma direção o levava e seus soldados para a Irmandade em um conflito sangrento que mudaria suas vidas para sempre para o bem ou para o mal. O outro?

Pensou em sua Escolhida sendo amparada por aqueles dois guerreiros, tão cuidadosamente tratada como porcelana.

O que ele iria fazer.

— Estava no armazém, — ouviu-se dizer depois de um momento. — Passei o dia no armazém. Voltei lá distraído e era tarde demais para me levar a qualquer outro lugar. Passei as horas do dia sob o piso e meu telefone não tinha sinal. Vim aqui, logo que saí do prédio.

Throe franziu a testa. — Já passou muito do entardecer.

— Perdi a noção do tempo.

Essa foi a extensão de informação que estava disposto a dar. Não mais. E o soldado deve ter percebido a linha demarcada, pois embora as sobrancelhas de Throe permanecessem firmes, os olhos não acompanharam.

— Exijo apenas um curto registro aqui e depois vamos partir para encontrar nossos inimigos, — Xcor declarou.

Quando ele pegou seu telefone, não poderia ler a tela, mas sabia como verificar mensagem de voz. Havia algumas de Throe e dos outros, com toda a probabilidade. E então havia uma mensagem de alguém que ele estava esperando ouvir.

— Sou eu, — Elan, filho de Larex anunciou. Houve uma pausa, como se em sua cabeça, estivesse soando uma fanfarra de trompete. — O Conselho se reúne, no dia seguinte à meia-noite. Pensei que você deveria saber. A localização é em uma propriedade aqui na cidade, os proprietários pelo que eu sei, se mudaram recentemente para sua casa segura. Rehvenge foi bastante insistente em relação ao agendamento, só acho que o nosso justo *leahdyre* é portador de uma mensagem do rei. Vou mantê-lo plenamente informado do que ocorre, mas não espero vê-lo. Fique bem, meu aliado.

Quando desligou, Xcor mostrou suas presas e o ressurgimento de sua agressão o fez se sentir bem, um regresso à normalidade.

Como o aristocrata decadente se atreve lhe dizer como fazer qualquer coisa.

— O Conselho se reúne amanhã à noite, — ele disse como colocou o telefone longe.

— Onde? Quando? — Throe perguntou.

Xcor olhou para a cidade em direção à montanha. Então virou as costas para esse ponto da bússola.

— Elan bem determinou que não devo estar lá. O que ele não percebe é que essa vai ser a minha escolha. Não dele.

Como se deixasse de transmitir um endereço iria mantê-lo longe, se ele desejar o contrário?

— Chega de conversa. — Ele caminhou até a reunião de seus soldados. —Vamos descer para as ruas e se envolver como guerreiros fazem.

Entre as omoplatas, sua foice começou a conversar com ele mais uma vez, sua voz aguda e clara em sua mente, seu sangue sedento de palavras como a súplica de um amante.

Seu silêncio era estranhamente inquietante.

Foi sem nenhum pequeno alívio que desmaterializou da altura sublime do arranha-céu, sua vontade de ferro tomando forma em suas moléculas para o chão e para o campo de engajamento. Em muitas maneiras, nas últimas 24 horas se sentiu como se tivesse sido habitado por outro.

Estava de volta em sua velha pele agora, no entanto.

E pronto para matar.

Capitulo 47

Qhuinn estava à 11 quilômetros dos seus trinta e dois que gostaria de percorrer na esteira, quando a porta da sala no centro de treinamento do treino se abriu.

Em um segundo, viu quem era, pulou nos trilhos laterais e bateu no botão de stop. Blay estava em pé na soleira, os olhos saltando ao redor, seu rosto todo fodido e não porque alguém houvesse batido nele ou algo do tipo.

— O que aconteceu? — Qhuinn exigia.

Blay passou a mão em seu cabelo vermelho. — Ah, Layla está na clínica...

— Merda. — Ele pulou e se dirigiu para a porta. — O que há de errado...

— Não, não, nada. Ela está apenas fazendo uns exames. Isso é tudo. — O cara deu um passo para o lado, liberando a saída. — Achei que você gostaria de saber.

Qhuinn franziu o cenho e parou onde estava. Quando ele examinou a expressão do outro macho, chegou a uma conclusão que o deixou ansioso. Blay estava escondendo alguma coisa. Difícil identificar exatamente como sabia disso, mas, novamente, depois de ser amigo de alguém desde a infância, você aprendeu a ler as suas minúcias.

— Você está bem? — perguntou o rapaz.

Blay fez um sinal na direção da clínica. — Sim. Claro. Ela está na sala de exame agora.

Claro, claramente o tema era fechado. Fosse o que fosse.

Estalando em ação Qhuinn correu pelo corredor, e quase explodiu através da porta fechada. No último minuto, porém, um breve senso de decoro o puxou. Alguns exames de fêmeas grávidas envolviam muitos lugares particulares e mesmo que ele e Layla houvessem tido relações sexuais, eles certamente não eram tão íntimos assim.

Ele bateu na porta. — Layla? Você está aí?

Houve uma pausa e, em seguida, a Dra. Jane abriu. — Oi, vamos lá dentro, estou feliz que Blay tenha te encontrado.

O rosto da médica não deixava transparecer nada, o deixando psicótico. De um modo geral, quando os médicos fazem aquela coisa de profissional agradável, não era uma boa notícia.

Olhando para além da fêmea de V, se concentrou em Layla, mas foi Blay quem ele agarrou, prendendo-o com uma retenção no braço do cara.

— Fique, se você puder? — Disse Qhuinn com o canto de sua boca.

Blay pareceu surpreso, mas cumpriu com o pedido, fechando as porta juntos.

— O que está acontecendo? — Qhuinn exigia.

Exame seu burro! Os olhos de Layla estavam arregalados e um pouco selvagem, com as mãos nervosas quando elas jogavam com o cabelo solto emaranhado.

— Houve uma mudança, — Dra. Jane disse com hesitação.

Pausa.

Qhuinn quase gritou. — Ok, escuta se alguém não me disser o que diabos está acontecendo, vou perder meu juízo, todo esse ambiente...

— Estou grávida, — Layla desabafou.

E esta é uma mudança como? Ele se perguntou, sua cabeça começando a cantarolar.

— Como o aborto parece ter parado, — disse Jane. — E ela ainda está grávida.

Qhuinn piscou. Então balançou a cabeça e não para frente e para trás, como na forma quando alguém se masturbava com um globo de neve.

— Não entendo.

Dra Jane sentou-se em um banquinho de rolamento e abriu uma tabela em seu colo. — Veja o mesmo exame de sangue. Há uma escala de hormônios da gravidez...

— Estou passando mal, — Layla interviu — Direto, agora...

Todo mundo correu para a pobre mulher, mas Blay foi o inteligente. Ele trouxe um cesto de lixo com ele, e foi isso que a Escolhida usou.

Enquanto ela estava ofegante, Qhuinn segurou seu cabelo para trás e se sentiu um pouco tonto.

— Ela não está bem, — disse à médica.

Jane encontrou os olhos dele sobre a cabeça de Layla. — Esta é uma parte normal de estar grávida. Para vampiras, também, aparentemente...

— Mas ela está sangrando...

— Não mais. E fiz um ultrassom. Posso ver o saco gestacional. Ainda está grávida ...

— Oh, merda! — Blay gritou.

Por uma fração de segundo, Qhuinn não conseguia descobrir porque o cara estava amaldiçoando. E então ele percebeu... Hein, o teto tinha trocado de lugar com a parede.

Não, espere.

Ele estava caindo.

Seu último pensamento consciente foi que: foi muito legal Blay pegá-lo quando ele caiu como uma árvore na floresta.

No contexto do idioma inglês, havia muitas palavras mais importantes do que - *in* - Havia palavras bonitas, palavras históricas, palavras que significavam a vida ou a morte. Havia multi-silábicas, trava-línguas que exigiam um esforço antes de falar, e de missões criticas essenciais que começam ou terminam em guerras... E mesmo poéticas não essenciais, que eram como uma sinfonia quando deixavam os lábios.

De modo geral, - *in* - não brincava com os meninos grandes. Na verdade, é quase não ter muito de uma definição de todo, e, no decurso da sua vida útil, era geralmente apenas uma ponte, uma conduta para os levantadores pesados em qualquer dado período.

Havia, no entanto, um contexto em que a humilde duas letras, uma sílaba de merda era um BFD[159].

Amor.

A diferença entre alguém, - amoroso — versus uma pessoa — apaixonada, era um passeio para o Grand Canyon. A cabeça de um alfinete para o Centro-Oeste inteiro. Um exalar de um furacão.

Agora eu sei por que ele...

Quando Blay se sentou no chão da sala de exame com o corpo de Qhuinn solto como um ganso em seu colo, não podia olhar para a vida dele, sem se lembrar do que Layla havia lhe dito. Fora " ama-você"? Nesse caso, bem, sim, sabia que o cara o amava como um amigo e o fazia por décadas. E isso não mudava nada.

Ou, se tivesse sido com a adição do - *in*[160]*.*

Nesse caso, era algo a se considerar, ao cuidar de Qhuinn por sobre os azulejos, *dá um tempo.*

— Como está meu outro paciente? — Dra Jane perguntou a Layla mole, por sobre a mesa de exame.

— Respirando, — Blay respondeu.

— Ele vai superar.

Seria de esperar, Blay pensou quando se concentrou na face de Qhuinn com esses traços familiares, mesmo que fossem superficiais, poderia de alguma forma, responder a pergunta de uma maneira ou de outra.

A Escolhida não poderia ter dito *ama*.

Não poderia ter sido isso. Simplesmente se recusava a deixar os dois episódios entre eles, com alguém reescrevendo grande sexo em outra palavra: amor.

— Tem certeza que está tudo bem? — Ouviu Layla dizer à doutora Jane.

— O vômito? De acordo com o que Ehlena disse anteriormente, pode certamente ser parte dos sintomas de uma gravidez com sucesso. Na verdade, pode ser um sinal de que as coisas estão progredindo bem. São os hormônios.

— Eu não tenho que voltar até Havers, tenho?

— Bem, assim que Ehlena voltar da visitar seu pai esta noite, então, temos de descobrir o quanto ela está confortável com o tratamento e depois ver como você está. Não vou mentir... Acho que isso é um milagre.

— Eu concordo.

---

[159] *Sigla para Feedback Device – Dispositivo de medição, ou de avaliação*

[160] A Ward faz uma brincadeira com a expressão "in Love with somebody" e "love somebody". Como Blay explicou, você pode amar alguém de diversas maneiras: amar um amigo, o pai, a mãe, o cachorro. Isso é "Love". Mas ao realmente amar, se apaixonar por alguém, a expressão muda para "in Love". E ele está percebendo isso...só agora ;)

Enquanto as fêmeas falavam, Blay manteve os olhos sobre as pálpebras fechadas de Qhuinn. Foi um milagre, tudo bem. Em linha reta até...

Como se com a sugestão o cara superasse, os grossos cílios escuros batendo como se estivessem tentando decidir o quão sério era permanecer consciente.

— Layla! — Ele gritou quando estourou na posição vertical.

Blay empurrou-se para trás, deixando o cara ir. Sentindo-se um pouco estúpido.

Especialmente quando o Qhuinn morto se levantou e foi até a fêmea.

Blay ficou onde estava, recostando-se contra os armários fechados sob a pia, de joelhos, as mãos sobre as coxas. Mesmo que o rasgasse em pedaços, não podia ajudar, mas assistir os dois juntos, as mãos de Qhuinn incrivelmente gentis, quando ele retirou o cabelo loiro do rosto de Layla.

Ele estava dizendo algo para ela, algo suave e reconfortante.

Antes de perceber ele estava no corredor, andando em algum lugar, para lugar nenhum. Por mais difícil que fosse aceitar a compaixão de Qhuinn... Era absolutamente impossível testemunhar a dedicação à outra pessoa, mesmo que ela mais do que merecesse.

A ideia de que Layla lhe deu era justamente o que necessitava, o que eles tiveram nos últimos dois dias fez seu peito doer, mas o que era pior? Parecia que, com ela, a compaixão serviu ao seu propósito biológico. Ela estava grávida e graças a Payne, tinha a sensação de que ela ia ficar assim.

No geral, ele fez a coisa certa em ir até a irmã de V no dia anterior. Supondo que esta fora a causa da reviravolta surpreendente. Mas ainda assim, e mesmo que isso não fizesse sentido, ele sentiu...

— Você está bem?

Ele parou imediatamente, a voz de Qhuinn foi um choque. Alguém poderia imaginar que o cara deveria ficado com a Escolhida.

Apoiando-se, enfiou as mãos nos bolsos e respirou fundo antes de se virar.

— Sim, estou bem. Só pensei que vocês dois quisesse um pouco de privacidade.

— Obrigado por me pegar — O macho. Ergueu as palmas das mãos. — Não entendi o que aconteceu lá.

— Auxílio.

— Eu acho.

Houve um momento de constrangimento. Então, novamente, isso havia sido algo constante entre eles, não era?

– Olha, vou voltar para a casa. — Blay forçou um sorriso e esperou que o cara comprasse. — É bom ter uma noite de folga.

— Oh, sim. Saxton provavelmente espera por você.

Blay abriu a boca, mas depois fechou, porque estava prestes a voar por entre os lábios. — Sim, ele está. Cuide de sua menina. Vejo você na Última Refeição, talvez.

Quando se afastou e se abaixou para o escritório, sabia que estava sendo um covarde por se esconder atrás de uma relação inexistente. Mas quando você tinha um corte que machucava, você precisava de um Band-Aid.

Cristo, não é de se admirar que Saxton houvesse terminado com ele.

Que porra de romântico.

Capítulo 48

Quanto Assail atravessou os grandes portões de uma propriedade na parte rica de Caldwell, ele estava irritado. Exausto. No limite. E não só porque ele estava usando cocaína regularmente e sem comer.

A casa estava mais para a esquerda, e ele estacionou o Range Rover debaixo de uma das pequenas janelas. Ele preferia ter se desmaterializado aqui, muito menos complicado. Mas depois que ele havia deixado os gêmeos naquele clube Gótico, o Iron Mask, tivera que enfrentar a realidade de que se ele não se alimentasse, não iria ser capaz de continuar.

Ele odiava isso. Não que ele se importasse em quanto custava. Era mais porque ele não estava particularmente atraído pela fêmea— e não apreciava suas tentativas de mudar isso.

Abrindo a porta, ele saiu, e o ar frio atingindo seu rosto como um tapa de consciência, tornando-o ciente de quão letárgico ele estivera.

Naquele momento, um carro passou do outro lado da rua, algum tipo de sedan doméstico.

E então, a excêntrica porta do chalé se abriu.

As presas de Assail formigaram quando a fêmea entre os batentes, atingiu seus sentidos. Vestida com um tipo de lingerie preto, ela estava pronta para ele, o cheiro inebriante de sua excitação marcando o ar, mas isso não era que fez sua luxuria deslanchar. Era sua veia, nada mais, nada menos...

Assail franziu a testa e olhou para além do chalé, para a floresta que cercava a propriedade.

Por entre as árvores esqueléticas, as luzes traseiras do carro que tinha acabado de passar ficaram vermelhas. Então, quem quer que fosse, virou o veículo, os faróis girando em um grande círculo— e então, apagando.

Imediatamente, Assail pegou sua arma. —Vá para dentro. Não estamos sozinhos.

A fêmea rapidamente obedeceu e desapareceu dentro da casa, fechando a porta com um estrondo.

Desmaterializar-se na floresta seria a melhor jogada, mas claro, ele estava muito faminto para isso...

De repente, o vento mudou de direção e chegou a ele, e suas narinas se dilataram.

Assail rosnou baixinho— e não como uma advertência. Mais como um tipo de saudação.

Como se ele alguma vez, fosse se esquecer dessa específica combinação de ferormônios.

Sua pequena ladra tinha virado o jogo em cima dele, fazendo com ele, o que ele fizera com ela na noite anterior. Há quanto tempo ela estivera no seu encalço? Ele se perguntou, sentindo um pouco de respeito ao mesmo tempo em que ficava frustrado.

Ele não gostava da ideia de que ela pudesse tê-lo visto debaixo da ponte. Conhecendo-a, porém, ele não podia descartar essa possibilidade.

Dando uma longa e lenta respiração, ele não pegou mais nada de significativo. O que significava que ela estava sozinha.

Coletando informações? Para quem?

Assail girou de volta para a casa e sorriu sombriamente. Sem dúvida, assim que ele estivesse lá dentro, ela iria se aproximar... e longe dele não lhe dar um show.

Ele bateu uma vez, e a fêmea abriu novamente.

—Estamos bem?— ela perguntou.

Seus olhos foram para seu rosto, e depois para seu cabelo. Era escuro. Grosso. Mais ou menos como o da pequena ladra.

—Tudo limpo. Apenas um humano com problemas no carro.

—Então não há nada para se preocupar?

—Nada.

Quando o alívio tirou a tensão de seu rosto, ele entrou e travou a porta.

—Estou tão feliz que você tenha voltado para mim de novo,— a fêmea disse, deixando as cair os laços do seu robe de cetim.

Hoje à noite ela estava usando um conjunto preto de lingerie, que empurrava seus seios para o alto e fazia sua cintura parecer que ele pudesse rodear com apenas uma das mãos. Ela cheirava exagerado: muito creme para as mãos, loção corporal, xampu, condicionador e perfume marcavam seu corpo.

Ele realmente desejava que ela não se esforçasse tanto.

Com uma mudança rápida dos olhos, Assail verificou a posição de todas as janelas. Naturalmente, nenhum delas havia mudado: Havia aquelas duas estreitas em cada lado da lareira de pedra. Uma extensão de três vidraças de vidro sobre a pia. E então aquela curvada para fora, mais à esquerda, que estava acima do assento embutido com suas almofadas e travesseiros bordados.

Sua ladra escolheria a janela à direita da lareira. Ela estava fora do brilho da lanterna por sobre a porta da frente e da proteção da chaminé.

—Você está pronto para mim?— a fêmea ronronou.

Assail colocou a mão no interior de sua jaqueta. Os mil dólares em dinheiro estavam dobrados um a um, as dez notas de cem dólares formando um maço fino.

Se movendo sinuosamente, ele ficou de costas para a janela com o assento embutido e da lareira. Por alguma razão, ele não queria que sua ladra o visse fazer o pagamento.

O resto do que estava para acontecer, no entanto, ele queria muito que ela testemunhasse.

—Aqui.

Quanto a fêmea pegou o dinheiro, ele não queria que ela o contasse. E ela não contou.

—Obrigada.— Ela deu um passo para trás e colocou as notas em um pote cerâmica vermelha. —Vamos?

—Sim. Vamos.

Assail se aproximou e assumiu o controle, segurando o rosto da fêmea entre suas mãos, inclinando sua cabeça para trás, e a beijando com força. Em resposta, ela gemeu, como se o avanço inesperado, fosse algo que ela não só recebeu com prazer, mas não ousara esperar.

Ele estava feliz por ela ter gostado. Mas seu prazer não era do que se tratava.

Se movendo em torno dela, ele a levou até o sofá que percorria a parede oposta do pequeno chalé, a empurrando com seu corpo, usando sua força para fazê-la deitar, sua cabeça na direção da lareira. Enquanto ela se reclinava, ela soltou seus braços para os lados, empinando os seios para cima, até esticar as taças de cetim que os cobriam.

Assail a montou completamente vestido e com seu casaco, seu joelho indo por entre as pernas dela, uma de suas mãos descendo e puxando a negligée comprida...

—Não, não,— ele disse quando ela tentou enrolar seus braços em volta de seu pescoço. —Eu quero ver você.

Mentira. Ele queria que ela fosse vista da janela.

Enquanto ela obedeceu prontamente, ele voltou a beijá-la e acariciá-la, e no segundo seguinte, ela se separou suas pernas.

—Foda-me,— a fêmea disse, se arqueando por debaixo dele.

Bem, isso não seria possível. Ele nem estava duro.

Mas nem todo mundo precisava saber disso.

Para parecer apaixonado, ele soltou seu casaco de seus ombros, e com um golpe rápido de suas presas, ele mordeu as alças da negligée, expondo os seios da fêmea para a luz do fogo, os mamilos ficando instantaneamente duros sobre as extensões de pele pálida.

Assail parou, como se encantado pelo o que via. E então ele estendeu sua língua e abaixou a cabeça.

No último instante, pouco antes de começar a lamber e chupar, ele levantou os olhos, se concentrando na janela escura da direita, encontrando o olhar da mulher que ele sabia que estava lá nas sombras, observando-o...

Um tiro de pura luxúria não diluída, atravessou seu corpo, assumindo, substituindo a razão como o condutor de suas ações. A fêmea debaixo dele deixou de ser uma de suas espécies, que ele comprara por um tempo curto.

Ela se tornou sua ladra.

E isso mudou tudo. Com um súbito impulso, ele atingiu a coluna da garganta da fêmea, pegando a veia, extraindo o que ele precisava...

Todo o tempo imaginando que era a mulher humana debaixo dele.

Sola engasgou...

E se afastou rapidamente da janela do chalé.

Quanto suas costas bateram na lateral irregular da chaminé de pedra de rio, ela fechou os olhos, seu coração batendo contra suas costelas, seus pulmões puxando o ar frio.

Por trás de suas pálpebras, tudo o que ela via eram os seios nus expostos diante dele, a cabeça escura descendo, sua língua rapidamente saindo de sua boca... e então seus olhos se levantando e encontrando os dela.

Oh, Jesus, como ele sabia que ela estava ali?

E merda, ela nunca iria esquecer a imagem daquela mulher espalhada debaixo dele, aquele seu casaco jogado de lado, seu corpo avançando no centro daqueles quadris delgados. Ela podia imaginar o calor da lareira ao lado deles, e o calor ainda mais poderoso saindo dele— a sensação de pele sobre pele, a promessa de êxtase.

Não olhe de novo, ela disse a si mesma. *Ele sabe que você está aqui...*

O grito alto da mulher tendo um orgasmo vibrou para fora da casa, destruindo a aparência saudável do lugar.

Sola se recostou na janela, olhando através do vidro de novo... apesar dela saber que não deveria.

Ele estava dentro da mulher, sua parte inferior do corpo bombeando, seu rosto enterrado em seu pescoço, seus braços inclinados para fora para suportar seu pesado tronco.

Ele não olhava mais para cima. E ele estaria ocupado por um longo tempo.

Agora era o momento de se retirar.

Além disso, ela realmente precisava assistir?

Com uma maldição, Sola se afastou silenciosamente do local, batendo os pés pelo mato áspero, evitando as finas árvores desfolhadas. Quando ela chegou ao seu carro alugado, ela pulou no interior, trancou as portas e ligou o motor.

Fechando os olhos mais uma vez, ela repetiu toda a cena: sua aproximação do chalé, chegando até a janela, ficando entre as sombras da chaminé.

Ele parado do outro lado da sala aberta, a mulher na frente dele, seu corpo gracioso coberto com cetim preto, seu cabelo comprido e escuro descendo até a parte de baixo de suas costas. Ele colocou as mãos em seu rosto e a beijou com força, seus ombros ondulando quando ele se inclinou para tocar com uma expressão totalmente erótica...

E então ele moveu a mulher até o sofá.

Mesmo que a matasse por admitir, Sola sentiu uma pontada de ciúme irracional. Mas isso não foi o pior de tudo: seu próprio corpo tinha respondido, seu sexo florescendo entre suas pernas, se como se houvesse sido sua boca que ele estava beijando, sua cintura onde estavam suas mãos, seus seios que estavam contra seu peito . E essa reação só se intensificara, quando ele colocara a mulher no sofá, seu rosto marcado com fome escura, seus olhos brilhando como se aquilo que estivesse debaixo fosse uma refeição para ser comida.

Assistir era errado. Assistir era ruim.

Mas até mesmo a ameaça à sua segurança pessoal— e, sem dúvida, à sua saúde mental— não havia sido suficiente para afastá-la do vidro. Especialmente quando ele se ergueu e puxou o

casaco preto e pesado de seus ombros. Havia sido impossível para ela não imaginá-lo nu, vendo seu peito largo exposto à luz do fogo, imaginando como seus músculos abdominais pareceriam ondulando firmemente debaixo de sua pele... E então parecia que ele havia mordido— mordido, pelo amor de deus— através das alças finas de corpete da camisola.

Exatamente quando os malditos seios perfeitos da mulher foram expostos... ele olhou para ela.

Sem nenhum aviso, aqueles olhos brilhantes e predatórios subiram e olharam diretamente para os dela, um sorriso malicioso levantando o canto de sua boca.

Como se o show fosse apenas para ela.

—Merda. *Merda*.

Uma coisa estava clara: e se ele quisesse lhe ensinar uma lição sobre espionagem? Difícil pensar em uma maneira melhor— não o suficiente, fazendo-a comer o cano de uma 40.

Sola relaxou os ombros e pegou a estrada. Quando o Ford Taurus demorou para sair da velocidade de 10 quilômetros, chegar ao limite de velocidade de 72 km/h, desejou que estivesse com seu Audi: Com seu sangue ainda martelando em suas veias, ela precisava de alguma expressão externa do rugido preso em seu corpo.

Algum tipo de saída.

Como... sexo, por exemplo.

E não com ela mesma.

Capítulo 49

Quando os Grandes Campos apareceram, tudo era propriedade de Rehv: uma imensa casa rústica principal, construída com madeira de cedro e coberta com varandas. Uma série de edifícios externos, incluindo casas de hóspedes. Vista para o lago. Muitos quartos.

Após Trez e iAm ganharem forma no pátio lateral, eles andaram pela neve até a entrada de trás da cozinha. Até mesmo no inverno, o lugar emanava uma vibração aconchegante, com todo aquele brilho intenso passando pelos painéis de vidro das janelas. Mas nem tudo estava adequado: Os vitorianos ricos que tinham construído estes compostos como uma forma de fugir do calor e da industrialização das cidades durante os verões, com certeza não os tinham equipados com detectores de movimento a laser, tecnologia de ponta ligando todas as janelas e portas, e não uma, mas várias placas-mãe diferentes, controlando um sistema de alarme multi-interface totalmente integrada.

É isso aí.

A impressão digital de Trez sobre a almofada discretamente colocada no lado esquerdo da porta, abriu caminho para o centro da casa— uma cozinha de tamanho industrial que estava equipada com eletrodomésticos de aço inoxidável em no mesmo nível do Sal's.

Algo estava assando no forno Viking. Cheirava a pão.

—Estou com fome,— Trez comentou quando ele fechou a porta. O mecanismo de bloqueio se fechou sozinho, mas de qualquer forma, ele checou por hábito.

Ao longe, alguém estava usando o aspirador— provavelmente uma Escolhida. Desde que Phury assumira como Primale, e basicamente libertou aquele grupo de fêmeas enclausuradas do Outro Lado, Rehv havia deixado que elas ficassem no campo. Fazia sentido. Muita privacidade, especialmente na baixa temporada, mais o afastamento da cidade fornecia uma transição suave, se Trez entendia corretamente as coisas, da mesmice calma do Santuário para a frenética, e às vezes traumática, natureza da vida na Terra.

Fazia muito tempo que ele estivera na casa— não desde que as Escolhidas haviam assumido a residência, aliás. E então, novamente, quando Rehv havia explodido o ZeroSum, e terminado seu papel como um traficante, essa dívida entre eles perdera um pouco do encanto por pagamento.

Além disso, agora que o cara não tinha que fazer mais entregas de rubis e de sexo para a princesa, não havia muita razão para vir para o norte.

Aparentemente, isso havia mudado, no entanto.

—Ei, Rehv, onde você está?— Trez gritou, sua voz ressoando.

Por mais que seu estômago protestasse, ele e seu irmão foram até o salão principal. Antiguidades Vitorianas estavam por toda parte, dos tapetes Orientais vermelhos escuros no chão, aos bancos cobertos por tapeçaria, ao empalhados bisões, veados, alces, e cabeças de lince montados ao redor da lareira de pedra bruta.

—Rehv!— ele gritou de novo.

Homem, os olhos daquele guaxinim sempre lhe davam arrepios. Assim como a coruja empalhada com óculos de sol.

—Ele já vai descer.

Trez se virou para a voz feminina.

E naquele momento, o curso de sua vida mudaria para sempre.

A escadaria do segundo andar descia em uma reta, os degraus baixos e seu corrimão simples emergindo do alto sem artifícios arquitetônicos.

A fêmea com o manto branco que estava em pé no alto, a transformou em uma escada do céu. Ela era alta e magra, mas suas curvas estavam em todos os lugares certos, seu vestido solto não conseguindo esconder seus altos e grandes seios ou o contorno gracioso de seus quadris. Sua pele era suave e da cor de café com leite, seu cabelo escuro e enrolado no alto da cabeça. Os olhos eram pálidos e fortemente delineados.

Os lábios eram carnudos e rosados.

Ele queria beijá-los.

Especialmente quando se moviam, enunciando o que ela estava dizendo com intoxicante precisão...

O cotovelo de iAm acertando sua costelas o fez saltar. —Ai! Mas que porra— foda, quero dizer. Merda, —Quero dizer, porcaria.

Que bela maneira de ser calmo, frio e controlado, idiota.

—Ela perguntou se queríamos alguma comida,— iAm murmurou. —Eu disse, não, não para mim. Agora é a sua vez.

Oh, ele queria comer algo, certo. Ele queria cair de joelhos a seus pés e ficar debaixo disso...

Trez fechou os olhos e se sentiu como um absoluto bastardo fodido. —Não, eu estou bem.

—Eu pensei que você disse que estava com fome.

Trez abriu seus olhos e encarou seu irmão. O cara estava tentando fazê-lo parecer um idiota?

O brilho astuto naqueles olhos negros sugeriram que sim, iAm estava.

—Não. Estou bem,— ele disse entre dentes. Entrelinhas: Não force, babaca.

—Eu estava indo checar meu pão.

Os olhos de Trez se fecharam novamente, a voz melodiosa da Escolhida em seus ouvidos, o som aumentando sua pressão arterial e o acalmando ao mesmo tempo.

—Sabe,— ele se viu dizendo, —Quem sabe eu posso conseguir uma refeição.

Ela sorriu para ele. —Siga-me. Tenho certeza que podemos encontrar algo ao seu gosto.

Enquanto ela se dirigia para a porta de entrada por onde eles haviam acabado passar, Trez piscou como o imbecil que ele era.

Fazia muito, muito tempo, desde uma mulher houvesse falado alguma coisa para ele sem duplo sentido... mas até onde ele sabia, aquelas palavras sem dúvida não poderiam ser considerada uma cantada— pelo menos dava um filtro a sua luxúria— não tinha nenhuma promessa de um boquete ou algum sexo completo. Ou até mesmo uma sedução de qualquer tipo.

Naturalmente, isso o fazia querê-la mais.

Seus pés se moveram na direção dela, seu corpo seguindo como um cão faria com seu mestre, sem pensar em se desviar do caminho escolhido por ela para ele...

iAm agarrou seu braço e o puxou para trás. —Nem mesmo *pense* nisso.

O primeiro impulso de Trez foi se livrar, mesmo se ele deixasse seu próprio membro para trás no aperto de seu irmão. —Eu não sei do que você está falando...

—Não me faça agarrar seu pau duro para provar meu ponto,— iAm zombou.

Entorpecido, Trez olhou para baixo em sua virilha. Bem. Você sabe. —Eu não vou... —*Fodê-la* me veio à mente, mas Deus, ele não poderia usar a palavra F perto daquela fêmea, mesmo hipoteticamente. —Você sabe, fazer qualquer coisa.

—Você realmente espera que eu acredite nisso.

Os olhos Trez se viraram para a porta por onde ela havia desaparecido completamente. Merda. Fale sobre não ter credibilidade sobre o assunto de abstinência.

—Ela não está disponível para você, você me entende,— iAm disse entre dentes. —Não é justo para alguém como ela, mais precisamente, se tocar nela, Phury virá atrás de você com uma adaga negra. Ela é *dele*, não *sua*.

Por uma fração de segundo, Trez se irritou com isso— sem contar que seu interior feminista estava rugindo sobre fêmeas sendo tratadas como propriedade, embora, é claro que era errado. Não, era porque...

Minha.

De algum lugar dentro dele, essa palavra emanou para fora, como se cada célula de seu corpo, de repente, encontrasse sua voz e estivesse falando apenas a verdade que importava.

—Desculpe deixá-los esperando.

Ao som da voz de Rehv, Trez arrastou sua consciência de volta do precipício por onde ele havia, inesperadamente, se visto voando.

O rei *symphath* estava descendo as mesmas escadas que a Escolhida usara, uma bengala masculina o firmando, seu casaco de vison preto mantendo morno seu corpo medicado.

Quando iAm disse algo e Rehv respondeu, Trez se focou na porta da cozinha. O que ela estava fazendo lá— oh, homem. Provavelmente se curvando para olhar para aquele pão...

Um rosnado baixo subiu pela sua garganta.

—Desculpe?— Rehv exigiu, apertando os olhos violetas.

Outro pancada nas costelas trouxe Trez de volta à realidade. —Sinto muito. Indigestão. Como você está?

Rehv arqueou uma sobrancelha, mas depois deu de ombros. —Eu preciso de sua ajuda.

—Qualquer coisa,— Trez disse, e queria dizer isso.

—Haverá uma reunião do Conselho amanhã à noite. Wrath vai estar lá. A Irmandade proporcionará proteção, mas eu quero vocês dois estejam lá em segredo.

Trez se encolheu. O Conselho havia se reunido regularmente antes dos ataques de alguns anos atrás, e Rehv nunca precisara de apoio. —O que está acontecendo?

—Wrath foi baleado no outono.

Mas. Que. Porra.

Trez apertou os molares. —Quem?— Afinal de contas, ele gostava do rei.

—Um bando de bastardos. Você não os conhece, mas poderá encontrá-los amanhã à noite, se você concordar em ir.

—É claro que vamos estar lá. —Quanto iAm concordou, Trez cruzou os braços sobre o peito. —Onde?

—Naquela propriedade em Caldwell à meia-noite. É uma das poucas que não foi infiltrada pela Sociedade Lesser— a família foi na maior parte exterminada, no entanto, porque eles estavam visitando outra linhagem na cidade no momento que o ataque ocorreu.— Rehv se aproximou e se sentou no sofá coberto com tapeçaria, girando a bengala no chão entre suas pernas. —Deixe-me lhe dizer como vamos agir. Wrath está totalmente cego agora, mas a *glymera* não sabem disso. Eu o quero sentado no salão quando aqueles aristocratas chegarem para que eles não o vejam depender alguém para encontrar o seu lugar. Então....

Conforme Rehv continuava a expor o plano, Trez se sentou na frente do fogo e acenou com a cabeça nos momentos certos.

Em sua mente, no entanto, ele estava naquela cozinha, com aquela fêmea...

Qual era o nome dela? ele se perguntou.

Tão importante quanto isso...

Quando ele poderia vê-la novamente?

Capítulo 50

Lá embaixo, na sala da clínica de exames, Qhuinn sentiu que estava no ar, voando alto. E não em um POS Cessna com-leve-falha, com um irmão ferido nas costas.

—Sinto muito, você poderia dizer isso de novo?

A Doutora Jane sorriu quando ela trouxe a mesa com rodinhas para o lado da cama. Vagamente, ele registrou o material, mas ele estava mais focado no que podia ou não podia sair da boca da médica. —Vocês ainda estão grávidos. Seus níveis de hormônios estão dobrando exatamente como deveriam e a taxa de pressão arterial está perfeita, o coração está ótimo. E ainda sem sangramento, certo?

Quando a médica olhou para Layla, a Escolhida balançou a cabeça, sua expressão abobalhada, como a dele, certa de se sentir como a merda. —Nenhum.

Qhuinn deu uma pequena volta, arrastando sua mão através de seu cabelo, seu cérebro em cólicas. —Eu não entendo isso... Estou dizendo, isso é o que eu quero — o que nós queremos — mas eu não entendo por que ela tinha o...

Depois de ter andado na montanha russa do inferno, ele estava completamente desarmado para acertar um aumento inesperado de volta na direção da Terra.

A Doutora Jane balançou a cabeça. —Isso não é provavelmente útil, mas Ehlena nunca viu isso antes, também. Então, eu entendo a sua confusão, e mais ao ponto, eu entendo melhor do que você sabe como a esperança pode ser traiçoeira. É difícil se entregar a qualquer otimismo depois do que vocês dois tem passado.

Cara, a *shellan* de V não era tão idiota.

Qhuinn focou-se em Layla. A Escolhida estava com uma túnica branca e larga, mas não o tipo que ela tinha usado como um membro da seita sagrada de fêmeas da Virgem Escriba. Era um roupão de banho de todos os dias, e por baixo tinha uma camisola de hospital que tinha corações cor de rosa e vermelho sobre um fundo branco. E na mesa? Acabou que era uma caixa de bolachas água e sal e um pacote de seis refrigerantes pequenos de Canadá Dry[161] de gengibre.

Fale sobre suas prescrições de medicamentos.

A Doutora Jane abriu as bolachas. —Eu sei que a última coisa que você está pensando é em alimento. — Ela entregou um dos bizarros quadrados salgados. —Mas se você comer isso, e tomar um pouco de refrigerante? Pode sossegar as coisas lá.

E como você sabe, ela fez. Layla acabou trabalhando seu caminho através de metade de uma manga, e duas das pequenas garrafas verdes.

—Isso realmente ajuda, hein? — Qhuinn murmurou quando a Escolhida deitou-se e suspirou de alívio.

[161] Marca de refrigerante.

—Você *não* tem ideia. — Layla colocou a mão em seu baixo ventre. —O que for preciso, eu vou fazer, comer, beber.

—A náusea é ruim, hein.

—Não é sobre mim. Eu não me importo se eu vomitar pelos próximos 18 meses, desde que com o bebê esteja tudo certo. Eu só estou com medo de que, com as exigências, eu vou perder... bem, você sabe.

Ok, quem pensou que as mulheres eram o sexo mais fraco tinha sua cabeça de merda presa.

Ele olhou para a Doutora Jane. —O que vamos fazer agora?

A médica encolheu os ombros. —Meu conselho? Confiar nos sintomas e nos resultados do teste, caso contrário, você vai ficar louco. O corpo de Layla está, e tem estado dirigindo tudo isto. Agora não há indícios de um aborto, mas na verdade temos todos os motivos para acreditar que a gravidez tenha retomado um curso positivo. Respire fundo e vamos uma noite de cada vez. Se você olhar muito para frente, ou ficar preso no quarto nos últimos dias? Você não vai passar por isso de uma única vez.

Palavras, Qhuinn pensou.

O telefone da boa doutora tocou. —Espere um segundo — dispare. Eu tenho que verificar o *doggen* que cortou a mão dele na noite passada. Layla, tanto quanto eu sei, não há nenhuma razão médica para fazer você ficar aqui. Eu não quero você deixando o complexo pelas próximas duas noites, no entanto. Vamos ficar algum tempo sob nossas vistas, ok?

— Mas é claro.

A Doutora Jane os deixou um momento depois, e Qhuinn estava atrapalhado. Ele queria ajudar Layla de volta para a casa principal, mas ela não era aleijada, graças a Deus. Ainda assim, ele se sentiu como que carregando-a ao redor — assim como o resto da maldita gravidez.

Recostou-se contra os armários de aço inoxidável. —Eu me acho querendo perguntar como você está a cada dois segundos.

Layla riu um pouco. —Isso acontece com nós dois.

—Você quer ir para trás, para a casa?

—Você sabe... Eu realmente não. Eu me sinto... — Ela olhou ao redor. —Segura aqui, para ser honesta.

—Faz sentido para mim. Você precisa de alguma coisa?

Ela assentiu com a cabeça em sua pequena bandeja cheia de coisas antináuseas. —Enquanto eu tiver isso, eu estou bem. E você deve se sentir livre para sair e lutar.

Qhuinn franziu o cenho. —Eu pensei que eu ia ficar em...

—E fazer o quê? Eu não estou dizendo para você me deixar, custe o que custar. Mas eu tenho a sensação de que só vai ser eu sentada aqui e estufando. Se algo acontecer, eu posso chamar você e você pode voltar para casa rápido.

Qhuinn pensou em que direção a Irmandade e os lutadores da casa iriam à meia-noite: à reunião do Conselho.

Se tivesse sido uma noite normal de se engajar no campo, ele provavelmente teria ficado. Mas com Wrath realmente no mundo, encontrando-se com os idiotas da *glymera*?

—Tudo bem, — disse ele lentamente. —Vou manter meu telefone comigo, e eu vou deixar claro para os outros que se você chamar, eu saio de lá.

Layla tomou um gole de seu refrigerante de gengibre, em seguida, olhou para o copo, como se estivesse assistindo a ascensão das bolhas ao redor do gelo.

Ele pensou em como tinham estado na noite anterior, no Havers — fora de controle, aterrorizados, em sinal de luto.

Merda, ainda poderia voltar a isso, ele se lembrou. Era muito cedo para se apegar novamente.

E ainda assim ele não conseguia ajudar a si mesmo. De pé na sala de azulejos, com o cheiro de desinfetante Lysol em seu nariz, e as bordas do balcão onde estava encostado mordendo sua bunda... ele percebeu que era o momento em que começou a amar a criança.

Bem aqui, agora.

Como um homem ligado à sua mulher, também fez um pai com seus filhos — e, consequentemente, o seu coração se abriu largo e o deixou em tudo: o compromisso que veio com a escolha de tentar uma criança, o terror de perdê-las que ele apostava, nunca foi embora, a alegria de que havia algo de vocês sobre a face da terra, depois que você se fosse, a impaciência de conhecê-los pessoalmente, o desejo desesperado para mantê-los em seus braços e olhar em seus olhos e dar-lhes todo o amor que você tinha para dar.

—Tudo bem... eu posso tocar a sua barriga? — perguntou em voz baixa.

—Claro! Você não tem que pedir. — Layla estava de volta com um sorriso. —O que está lá é sua metade, você sabe.

Qhuinn esfregou as mãos nervosas juntas quando ele se aproximou da mesa. Ele certamente tocou Layla durante a necessidade dela, e então depois, de forma solícita quando uma situação chamava por isso.

Ele nunca tinha pensado em tocar sua criança.

Qhuinn observava de uma distância grande quando estendeu a mão. Jesus, as pontas dos dedos estavam tremendo como loucas.

Mas ele se acalmou no instante em que ele fez a conexão.

—Estou bem aqui, — disse ele. —Papai está aqui. Eu não estou indo a lugar nenhum. Só vou esperar até que você esteja pronto para sair para o mundo, e então sua mãe e eu vamos cuidar de você. Então você se grude bem apertado, certo? Faça a sua parte, e vamos esperar pelo tempo que for preciso.

Com a mão livre, ele levou a palma de Layla, e colocou-a sobre a sua própria.

—Sua família está bem aqui. Esperando por você... e nós amamos você.

Foi totalmente estúpido conversar com o que ele era, sem dúvida, nada mais que um conjunto de células. Mas ele não poderia ajudá-lo. As palavras, as ações... Eles eram ao mesmo tempo totalmente seus, e ainda vindo de um lugar que era estranho para ele.

Sentido, no entanto.

Sentia... como o que um pai deveria fazer.

Esquerda 40. Confere.

Direita 40. Confere.

Munição de backup no cinto. Confere.

Adagas um e dois no coldre do peito. Confere.

Jaqueta de couro...

Quando uma batida soou na porta, Blay inclinou-se para fora de seu armário. —Entre.

Quando Saxton entrou, ele puxou sua jaqueta sobre seus ombros e virou-se. —Hey. Como você está?

Alguma coisa estava acontecendo.

Outros olhos masculinos fizeram um rápido 360 graus em Blay — no guarda-roupa de trabalho — como uma vez ele tinha chamado isso. Desconforto desenhou as sobrancelhas pálidas de Sax para cima e, depois, de novo, ele nunca parecia totalmente à vontade em torno das armas.

—De saída para o campo, então, o homem murmurou.

—Para uma reunião do Conselho, na verdade.

—Eu não sabia que exigia tantas armas como acessórios.

—Nova era.

—Sim, é verdade.

Houve uma longa pausa. —Como você está?

Os olhos de Saxton deram a volta no quarto. —Eu queria ser o único a lhe dizer.

Ah, foda-se. Agora o que.

Blay engoliu em seco. —Sobre?

—Estou deixando a casa por um pouco de tempo — para um período de férias, como se fosse. Ele levantou a mão para impedir qualquer discussão. —Não, não é permanente. Eu deixei tudo em ordem para Wrath, e não há nada que ele precise para os próximos dois dias. Naturalmente, se ele precisar, eu estarei de volta. Eu vou ficar com um velho amigo. Eu realmente preciso de algum descanso e relaxamento, e antes que você se preocupe, eu juro que eu estou voltando, e isso não é honestamente sobre nós. Eu tenho trabalhado por meses seguidos e eu só quero não ter nenhuma programação, se isso faz sentido?

Blay respirou fundo. —Sim, é verdade. Onde você está... Ele parou com um lembrete de que não era mais da sua conta. —Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa?

—Eu prometo.

Num impulso, Blay aproximou-se e colocou os braços ao redor de seu ex-amante, a conexão platônica não forçada e natural como a sua anteriormente amorosa tinha sido. Segurando o macho, ele virou seu rosto.

—Obrigado, — Blay disse. —Por vir e me dizer...

Naquele momento, alguém passou pelo corredor, o passo vacilante.

Era Qhuinn; Blay o conhecia pelo cheiro, antes mesmo da figura alta e poderosa ser registrada visualmente. E na breve hesitação antes de o cara continuar, seus olhos travaram sobre o ombro de Saxton.

O rosto de Qhuinn tornou-se uma máscara de imediato, congelando, dando nada.

E então, o lutador se foi, suas longas pernas levando-o para fora da moldura da porta aberta.

Blay se afastou e se obrigou a reconectar-se no adeus. —Quando você vai voltar?

— Em um par de dias no mínimo, não mais de uma semana.

—Ok.

Saxton olhou ao redor da sala de novo, e quando ele o fez, estava claro que ele estava se lembrando. —Fique bem, e tenha cuidado lá fora. Não tente ser um herói.

O primeiro pensamento de Blay foi... bem, desde que Qhuinn era geralmente o primeiro da fila para isso, é improvável que ele ia ter que colocar-se em qualquer tipo de equipamento de Super-homem.

—Eu prometo.

Quando Saxton saiu, Blay olhou para o espaço. Ele não viu o que estava na frente dele, ou lembrou o que ele e Saxton tinham compartilhado no quarto. Em vez disso, sua mente estava ao lado com Qhuinn, e as coisas de Qhuinn... e as memórias que ele tinha da sessão com Qhuinn.

Merda.

Olhando para o relógio, ele colocou o telefone no bolso do peito do casaco e saiu. Quando ele correu até a escada, as vozes do foyer ecoavam pelo salão, um sinal de que a Irmandade já havia se reunido e estava à espera do sinal de partida.

Com certeza, eles estavam todos lá. Z e Phury. V e Butch. Rhage, Tohr, e John Matthew.

Enquanto descia, encontrou-se desejando que Qhuinn estivesse indo com eles, mas com certeza o homem ia ficar em casa, dada a situação de Layla.

Onde estava Payne? Ele se perguntou quando ele foi ficar ao lado de John Matthew.

Tohr assentiu um olá na direção Blay. —Ok, nós estamos esperando por mais um, e depois nós vamos começar a nos mover. A primeira onda vai para o local. Quando estiver tudo limpo, vou desmaterializar com Wrath para a casa com backup por...

Lassiter derrapou na da sala de bilhar, o anjo caído brilhando em seu cabelo preto e loiro e olhos brancos, todo o caminho com suas botinas. Então, novamente, talvez a iluminação não fosse de sua natureza, mas do ouro que ele insistia em usar.

Ele parecia alegre, respirando árvore de joias.

—Estou aqui. Onde está o meu chapéu de motorista?

—Aqui, use o meu, — disse Butch, tirando o boné dos Sox e jogando-o. —Vai ajudar com os seus cabelos.

O anjo pegou a coisa no ar e olhou para o S vermelho. —Desculpe, eu não posso.

—Não me diga que você é um fã dos Yankees, — V arrastou. —Eu vou ter que te matar, e, francamente, esta noite precisamos todas as alas que temos.

Lassiter jogou o boné de volta. Assobiou. Parecia casual.

—Você está falando sério? — Butch disse. Como se o cara tivesse talvez sido voluntário para uma lobotomia. Ou amputação de um membro. Ou uma pedicure.

—De jeito nenhum, — V ecoou. —Quando e onde o senhor se tornou amigo do inimigo...

O anjo levantou as palmas das mãos. —Não é minha culpa que vocês garotos chupam...

Tohr realmente pisou na frente de Lassiter, como se ele estivesse preocupado que algo mais do que falar diretamente e fosse começar a voar. E o triste era que ele estava certo. Além de suas *shellans*, V e Butch amavam os Sox acima de quase todo o resto, incluindo a sanidade.

—Ok, ok, — disse Tohr, —temos coisas maiores para nos preocupar...

—Ele tem que dormir em algum ponto, — Butch murmurou para seu companheiro de quarto.

—Sim, observe a si mesmo, anjo — V zombou. —Nós não gostamos de sua espécie.

Lassiter encolheu os ombros, como se os irmãos não fossem nada mais do que cães felizes circulando em seus tornozelos. —Tem alguém falando comigo? Ou isso é apenas o som de perdedores...

Muitos gritos naquele momento.

—Duas palavras, cadelas — Lassiter zombou. —Johnny. Damon. Oh, espere, Kevin. Youkilis. Ou Wade. Boggs. Roger. Clemens.[162] A comida é uma porcaria em Boston? Ou apenas um jogo de bola?

Butch se lançou nesse ponto, claramente preparado para iluminar o cara como uma árvore de Natal...

—Que *merda* está acontecendo lá em baixo?

A voz gritando de cima desligando o confronto Sox-versus-Yankees.

Quando Tohr arrastou o policial fora do alcance do anjo, todo mundo olhou enquanto o rei era levado para baixo por sua rainha. A presença de Wrath apertou-se em todos, a tripulação era profissional. Mesmo Lassiter.

Bem, exceto por Butch. Mas então, ele tinha sido mau — até sensacionalista — como ele chama, pelas últimas vinte e quatro horas, e ele tinha boas razões para estar irritado: Sua *shellan* iria estar na reunião do Conselho. Que, do ponto de vista do irmão, era como ter dois Wraths lá. O problema era que Marissa era a mais velha de sua linhagem, e isso significava que se Rehv queria atendimento integral, ela tinha que estar presente.

Pobre coitado.

Na calmaria que se seguiu, a mão de Blay começou a formigar, e ele tinha uma vontade quase irresistível de pegar uma arma. Tudo o que podia pensar era que isso era quase idêntico ao prelúdio do tiro em Wrath naquela noite no outono, eles estavam todos reunidos aqui, e Wrath tinha caído com Beth... e uma bala foi disparada de um rifle e terminou sua trajetória na garganta do rei.

Aparentemente, ele não era o único com esse pensamento. Um número de mãos foi para os coldres e ficou.

[162] B e V torcem para o Red Sox (baseball) e Lassiter para os Yankees. Ele está falando o nome dos jogadores do Y.

—Oh, bem, você está aqui, — disse Tohr.

Blay virou com um olhar severo, e teve que engolir a sua reação. Não foi Payne, que se juntou a eles, foi Qhuinn. E o homem, o homem parecia mais do que pronto para foder uma merda, seus olhos sombrios, o corpo tenso como uma corda em seu couro preto.

Por um momento, uma fissura de consciência pura, sexual atravessou Blay.

A tal ponto que uma fantasia totalmente inadequada, ocorreu-lhe: ou seja, ele e Qhuinn imergindo para a despensa para uma rápida foda ficando-com-roupas.

Com um gemido, ele reorientou-se para o rei. Que só era apropriado. Wrath era o que importava aqui, não o amor de sua maldita vida...

A sensação de desconforto substituiu a luxúria.

Estariam ele e Qhuinn sempre juntos novamente?

Deus, que pensamento estranho. Não era como se o sexo fosse uma boa ideia emocionalmente. Indiscutivelmente, ele era extremamente ruim.

Mas ele queria mais. Deus o ajudasse.

—Tudo bem, vamos fazer isso, — Tohr falou. —Todos sabem para onde estamos indo?

Foi um alívio preocupante ter a natureza grave da atribuição na frente deles, limpando o cérebro de tudo, mas com o compromisso de salvar a vida de Wrath... mesmo que isso lhe custasse a sua própria.

Foi melhor do que se preocupar com a merda de Qhuinn, no entanto.

Com certeza.

Capítulo 51

Qhuinn tomou forma em um terraço coberto de neve, como todos na Irmandade, mas Butch materializou-se juntamente com ele, ele não estava surpreso por todos se gabarem. A propriedade em que a reunião do Conselho estava sendo realizada era em sua configuração de *glymera* padrão: lote de terra que tinha sido limpo e com paisagismo. A casa pequena abaixo da entrada parecia que pertencia a um cartão postal da Cotswalds. A mansão gigante que, neste caso, era feita de tijolo e tinha o molde denteado, persianas brilhantes, e telhados de ardósia.

—Vamos fazer isso, — V disse, caminhando até uma porta lateral.

No instante em que ele bateu nela, a coisa se abriu, como se isso, junto com tanto, tivesse sido premeditado. Mas, oh, homem, se esta era a anfitriã? A mulher que estava na porta estava vestida com um vestido de noite longo e escuro que era cortado no umbigo, e ela tinha uma argola de diamantes em torno de sua garganta do tamanho de um colar de Doberman[163]. Seu perfume era tão pesado que era como um tapa nos seios — a despeito do fato de que ele ainda estava no exterior.

[163] *Raça de cachorro.*

—Estou pronto para você, — disse ela, em voz baixa e rouca.

Qhuinn franziu as sobrancelhas, pensando que, fosse quem fosse o designer, a garota saiu como uma torta. Não um problema seu, porém.

Quando ele entrou com os outros, o quarto que entrou era uma espécie de conservatório, os enormes vasos de coisas verdes e piano de cauda sugerindo muitas noites com os convidados olhando para algum cantor de ópera cantando à tirolesa no canto.

Piada.

—Por aqui, — a mulher anunciou com um floreio de uma mão que brilhava.

Em seu rastro, aquele perfume — talvez fosse mais do que sprays de uma única fonte, como uma superposição de todos os tipos de porcaria? — quase colorindo o ar atrás dela, e seus quadris estavam fazendo seu dever em dobro a cada passo, como se ela estivesse esperando que eles todos estivessem olhando para sua bunda e querendo um pedaço dela.

Nope. Tal como acontecia com os outros, ele estava procurando em cada canto e recanto, pronto para atirar e fazer perguntas depois que o corpo caísse.

Não foi até que eles vieram para o hall de entrada, com suas iluminadas pinturas a óleo do teto, e seus tapetes vermelho escuro orientais, e o...

Merda, o espelho era exatamente como a que havia sido pendurado na casa de seus pais. Mesma posição, mesmo do chão ao teto, ouro cacheado folhado.

Sim, ele tinha arrepios. Ruim.

A casa inteira lembrou-o da mansão em que ele crescera, tudo em seu lugar, a decoração muito, muito, muito longe de classe média, mas nada berrante, e no estilo Donald Trump. Nah, essa merda era uma mistura sutil de riqueza de idade e senso de estilo clássico que só poderiam ser criados, não ensinados.

Seus olhos procuraram Blay.

O cara estava fazendo seu trabalho, ficando estanque, verificando o lugar.

A mãe e o pai de Blay não tinham sido ricos o bastante. Mas sua casa tinha sido muito melhor em muitos níveis. Mais quente — e que não era sobre os sistemas de HVAC[164].

Como estavam os pais de Blay? Ele se perguntou abruptamente. Ele tinha passado quase mais tempo sob seu teto do que do seu próprio, e ele os esquecera. A última vez que os tinha visto... Deus, muito tempo. Talvez naquela noite dos ataques, quando o pai de Blay tinha ido ao contador, Mr. Suit, para chutar sua bunda. Depois disso, o casal tinha saído de sua casa segura, e então eles e Blay haviam desmoronado completamente.

Ele esperava que eles estivessem bem...

A imagem de Blay e Saxton parados peito a peito, quadril a quadril, no quarto de Blay atravessou seu cérebro.

Deus... droga... tinha machucado.

Cara, o karma era bom em seu trabalho.

[164] Das palavras inglesas Heating, Ventilation, and Air Conditioning – Calor, Ventilação e Ar Condicionado

Voltando à realidade, ele seguiu esse vai-e-vem da pélvis e da Irmandade em uma enorme sala de jantar que tinha sido arrumada com as especificações de Tohr: todas as cortinas tinham sido puxadas através do banco de janelas com vista para os jardins em volta, e a porta que percebera que levava para a cozinha, havia sido barricada por um aparador de peso antigo. Qualquer mesa que tinha estado no centro da sala havia sido removida, e 25 cadeiras de mogno com encostos de seda vermelha tinham sido alinhadas em filas diante de uma lareira de mármore.

Wrath iria ficar na frente da lareira para fazer seu discurso, e Qhuinn se aproximou e verificou se a chaminé de aço foi fechada. Foi.

Em cada lado da lareira, havia dois conjuntos de portas com painéis que abriram em um salão de recepção à moda antiga. Ele, John Matthew e Rhage fizeram um passeio através da sala, fecharam a coisa fora, e então ele assumiu a posição em frente à entrada, à esquerda, e John Matthew fez o mesmo no lado direito.

—Eu acredito que tudo está ao seu gosto? — A fêmea disse.

Rehv foi até a lareira e virou-se para todas as cadeiras vazias. —Onde está seu *hellren*?

—No andar de cima.

— Traga-o aqui. Agora. Caso contrário, se ele se mover através da casa, ele é capaz de levar um tiro no peito.

Os olhos da fêmea queimaram, e desta vez, quando ela saiu, não houve exagero em seus quadris, nenhum lance do cabelo sobre o ombro. Claramente a mensagem não-nos-foda-em-volta havia sido recebida, e ela queria que, quem quer que fosse seu companheiro, vivesse durante a noite.

Na espera que se seguiu, Qhuinn manteve a arma em sua mão, com os olhos na sala, sua audição calibrada para alguma coisa, qualquer coisa fora de ordem.

Nada.

Que sugeriu que o anfitrião e a anfitriã haviam seguido as ordens...

Um mal-estar estranho formigando cócegas em seu caminho até sua coluna, causando-lhe uma carranca e indo de alerta máximo para DEFCON I[165]. Do outro lado da lareira, John parecia pegar a mesma essência, a elevação de sua arma, seu estreitamento de olhos.

E então uma névoa fria atingiu os tornozelos de Qhuinn.

—Eu pedi a um par de convidados especiais para se juntar a nós, — Rehv disse secamente.

Naquele momento, duas colunas de fumaça saíram do chão, a perturbação das moléculas de ar encontrando formas... que Qhuinn instantaneamente reconhecera.

Obrigado foda.

Com Payne fora de serviço por qualquer motivo, ele estava se sentindo como se fosse um pouco de luz sobre a cobertura, mesmo reconhecendo as habilidades na Irmandade. Mas, quando Trez e iAm apareceram, ele respirou fundo.

Eram um par de assassinos, o tipo de coisa que você realmente não queria contra você em qualquer tipo de luta. A boa notícia foi que Rehvenge tinha sido alinhado com os Sombras, e a

[165] *Postura de alerta usada pelas forças armadas dos EUA. Prescreve 5 níveis graduais de prontidão, indo de 5 a 1, onde Defcom 1 é o mais grave.*

conexão de Rehv com a Irmandade e o rei significava, que os dois irmãos estavam, obviamente, dispostos a vir e jogar um pouco de defesa.

Qhuinn se aproximou para dizer "Olá" para o par, saudando-os como os outros fizeram com uma junção de palma, um puxão rápido, e uma salva de palmas nas costas. —Ei, cara...

— O que está fazendo...

—Como você está...

Após os cumprimentos serem feitos, Trez olhou ao redor. —Ok, então nós apenas estamos ficando fora de vista, a menos que você precise de nós. Mas com certeza, estaremos aqui.

Após um curso de agradecimento dos Irmãos, Rehv disse algumas palavras privadas para as sombras... e então os dois foram embora, nebulizando de suas formas e fervendo em torno dos pisos, o frio elaborado agora uma garantia.

Perfeito sincronismo. Menos de um minuto depois, a anfitriã voltou com um homem mais velho diminuto ao seu lado. Dada a forma como os vampiros envelheciam, com uma rápida aceleração do declínio físico para o fim do tempo de vida, Qhuinn adivinhou que o cara tinha cinco anos a mais. Dez no máximo.

Algumas apresentações foram feitas, mas Qhuinn não se preocupou com essa merda. Ele estava mais preocupado sobre se o resto da casa estava vazia.

—Algum *doggen* aqui? — Rehv exigiu quando a fêmea a colocou macho em uma das cadeiras de jantar.

—Como você pediu, eles todos saíram por parte da noite.

V acenou para Phury e Z. —Nós três vamos fazer buscas no local. Vejamos se isso é certo.

Mesmo que Blay confiasse em si mesmo, na Irmandade, em John Matthew, e Qhuinn, ele se sentiu muito melhor sabendo das sombras ao redor. Trez e iAM não eram combatentes apenas impressionantes, e inerentemente perigosos para qualquer um que declarasse um inimigo, eles tinham uma vantagem notável sobre a Irmandade.

Invisibilidade.

Ele não tinha certeza se eles poderiam realmente se envolver quando naquele estado, mas isso não importava. Qualquer pessoa que entrasse aqui, como, por exemplo, o Bando de merda Bastardos — gostaria de fazer uma avaliação de engajamento que incluía apenas os corpos visíveis rígidos na sala.

Não os dois irmãos.

Então, isso era bom.

Naquele momento, V voltou com Phury e Z de seu passeio ao redor e Butch estava com eles, sugerindo que o irmão tinha acabado de chegar de carro. —Limpo.

Houve uma breve pausa. E depois, como combinado, Tohr foi para a porta da frente e abriu o caminho para Wrath.

Hora do show, Blay pensou, seus olhos passando rapidamente em direção a Qhuinn antes que ele se voltasse novamente em foco.

Tohr e o rei entraram na sala de jantar lado a lado, com as cabeças juntas como se estivessem em conversa profunda sobre algo importante, a mão do irmão no antebraço de Wrath como se o cara estivesse tentando dirigir algum ponto em casa.

Foi tudo um ato para o anfitrião e a anfitriã.

Tohr estava, de fato, liderando Wrath segurando-o no braço, levando-o até a lareira, posicionando-o bem no meio da lareira. E essa conversa? Foi sobre o local onde os dois exércitos aristocráticos estavam sentados, onde as cadeiras estavam alinhadas, onde os irmãos e os combatentes — estavam e os dois sombras também.

Enquanto Wrath assentia, o rei deliberadamente moveu a cabeça em torno como se seus olhos penetrantes estivessem tomando os detalhes do quarto. E então ele reconheceu o anfitrião e a anfitriã quando eles foram trazidos para frente para beijar seu anel de diamante preto enorme.

Depois disso, o crème de la crème[166] da *glymera* começou a chegar.

De seu lugar atribuído na parte de trás da sala, na parede de janelas, Blay deu uma boa olhada em cada um. Jesus, ele poderia se lembrar de alguns deles de sua vida anterior, antes dos ataques, antes que ele começasse a viver na mansão lutando com os Irmãos. Seus pais não tinham estado em pé de igualdade com esses homens e mulheres, mas sim na periferia, ainda que as linhas de sangue de sua família tivessem sido boas, e eles foram incluídos nas muitas celebrações de festival nas casas grandes.

Então essas pessoas não eram desconhecidas para ele.

Mas ele com certeza não podia dizer que tinha saudades deles.

Na verdade, ele teve de rir de si mesmo quando um número de fêmeas franziu a testa e olhou para os seus pés delicadamente vestidos, Louboutins[167] sendo levantados e agitados... como se o frio dos Sombras fossem registrados.

Quando Havers chegou, o curador da raça parecia um pouco cansado. Sem dúvida, ele estava nervoso por ver sua irmã novamente, e ele tinha razão de estar. Pelo que Blay tinha entendido, Marissa tinha chutado sua bunda do outro lado da sala na última reunião formal do Conselho.

Blay estava triste de que ele tinha perdido aquilo.

Marissa chegou pouco depois de seu irmão, e Butch foi até ela, cumprimentando-a com um beijo prolongado antes de conduzi-la, com um braço de orgulho e proteção, a um assento no canto direito ao lado de onde ele estava estacionado. Depois que o policial a ajudou em sua cadeira, ele estava ao lado dela, grande, largo, e olhando a frente... especialmente porque ele travou os olhos com Havers e sorriu com dentes arreganhados.

Blay encontrou-se invejando um pouco o casal. Não sobre o distanciamento familiar, com certeza. Mas Deus... ser capaz de ser visto com seu companheiro em público, mostrar o seu amor por ele, ter o seu relacionamento respeitado por todos os outros? Casais heterossexuais o tinham por certo porque não conheciam nada diferente. Seus sindicatos foram sancionados pela *glymera*,

---

[166] *Pessoas notáveis, de grande influência e reconhecimento na sociedade.*
[167] *Marca de sapatos de grande designer Frances.*

mesmo que os pares não estivessem apaixonados, ou fossem traindo o outro ou não fossem uma fraude.

Dois machos?

Hah.

Apenas mais um motivo para se ressentir da aristocracia, ele supôs. Embora, na realidade, ele tivesse a sensação de que ele não ia ter que se preocupar em ser discriminado. O macho que ele queria nunca ia ficar ao lado dele em público, e não porque Qhuinn desse a mínima para o que as pessoas pensavam. Um, o cara não era demonstrativo assim. E dois, o sexo não faz um casal.

Caso contrário, aquele bastardo seria acoplado à metade de Caldwell.

Oh, o que ele estava dizendo.

Ele era muito mais aquela coisa de sonho de Qhuinn.

Realmente.

Totalmente...

— Cala a boca, — ele murmurou para si mesmo quando o último do Conselho chegou.

Rehv não perdeu tempo. Cada segundo que Wrath estava na frente do grupo, o rei não estava apenas mortalmente exposto, mas também estava aumentando a chance de sua cegueira, de alguma forma ser descoberta.

O rei *symphath* perante o Conselho, o seu olhar roxo examinando a multidão, com um sorriso malicioso no rosto — como se talvez ele estivesse apreciando o fato de que este grupo de sabe-tudo não tinha ideia de que um comedor de pecados os estava levando. —Eu convoco a reunião do Conselho de ordem. A data e a hora são...

Como o preâmbulo continuou, Blay manteve os olhos ocupados, verificando as costas dos machos e fêmeas, onde os braços e as mãos estavam, se alguém estava nervoso. Naturalmente, o grupo se transformou em gravata preta e veludo, com joias nas fêmeas, e relógios de ouro de bolso nos machos. Então, novamente, tinha sido um longo tempo desde que eles tinham estado juntos formalmente, e isso significava que o seu desejo de competir um com o outro para o lado social superior, sem dúvida, sofria de tempo grosseiramente insuficiente de antena.

—... O nosso líder, Wrath, filho de Wrath.

Quando aplausos educados soaram, e a multidão se endireitou em suas cadeiras, Wrath deu um único passo para frente.

O homem, cego ou não, ele certamente parecia ser uma força da natureza: Mesmo que ele não estivesse vestido com uma espécie de manto arminho-aparado, o rei estava irrefutavelmente no comando, o corpo maciço e longos cabelos escuros e wraparounds[168] negros fazendo ele mais ameaçador do que monarca.

E essa era a ideia.

---

[168] Marca de óculos, que cerca bem a área dos olhos.

Liderança, especialmente quando ele veio para a *glymera*, foi baseado em parte na percepção — e ninguém podia negar que Wrath parecia uma vida, respirando representação de poder e autoridade.

E no fundo, comandando a voz não doía.

—Eu reconheço que tem sido um longo tempo desde que eu vi você. Os ataques de há quase dois anos dizimaram muitas de suas famílias, e compartilho a sua dor. Eu também perdi minha linhagem em um menor ataque, então eu sei exatamente o que vocês estão passando, como você tentam colocar sua vida de volta nos trilhos.

Um homem na frente se mexeu na cadeira...

Mas foi apenas uma mudança de posição, não o prelúdio de sacar uma arma.

Blay recuou em sua posição, como fizeram vários outros. Porra, ele não podia esperar para chegar até o fim dessa reunião e ter Wrath de volta em casa em segurança.

—Muitos de vocês conheciam meu pai também, e lembram-se seu tempo no Velho Continente. Meu pai era um líder sábio e temperado, um homem gentil de raciocínio lógico e porte real que se ocupava exclusivamente com a melhoria da raça e seus cidadãos. — Wrath fez uma pausa, os wraparounds fazendo um círculo da sala. —Eu compartilho algumas das características de meu pai... mas não todas. Na verdade, eu não sou temperado. Eu não sou tolerante. Eu sou um homem de guerra, não de paz.

Neste momento, Wrath desembainhou uma das adagas negras, a lâmina escura intermitente à luz da sobrecarga do lustre de cristal. Na frente do rei, a multidão de altos dignitários reagiu com um arrepio coletivo.

—Estou muito confortável com o conflito, seja ele do tipo legal ou mortal. Meu pai era um mediador, um fabricante de pontes. Eu sou um fabricante de sepulturas. Meu pai era persuasivo. Eu sou um tomador. Meu pai era um rei que estaria disposto a sentar-se nas mesas de jantar e conversar com vocês sobre minúcias. Eu não sou esse homem.

Sim, uau. O Conselho sem dúvida nunca havia sido abordado assim. Mas Blay não podia discordar com a abordagem. Fraqueza não era respeitada. Além disso, com este grupo, a lei por si só provavelmente não iria manter o trono de Wrath mais estável.

Medo, por outro lado?

Chance muito melhor.

—Meu pai e eu temos uma coisa em comum, no entanto. — Wrath inclinou a cabeça para baixo, como se estivesse olhando para a lâmina negra. —Meu pai causou a morte de oito pessoas de suas relações.

Houve um suspiro coletivo. Mas Wrath não deixou isso pará-lo.

— Ao longo do reinado de meu pai, houve oito atentados contra a sua vida, e não importa quanto tempo levou, se foram dias, semanas, ou mesmo meses, ele fez o seu negócio para descobrir quem estava por trás de cada um... e caçava os indivíduos, pessoalmente, e os matavam. —Vocês podem não ter ouvido as histórias verdadeiras, mas vocês sabem das mortes — os perpetradores foram decapitados com as línguas removidas. Certamente, quando vocês

relembrarem, vocês podem se lembrar dos membros de suas linhagens que eram enterrados dessa maneira?

Inquietação. Lotes de inquietação. O que sugeriu que as memórias tinham sido sacudidas.

—Vocês ainda relembram que essas mortes foram atribuídas à Sociedade Lesser. Eu digo a vocês agora, eu sei os nomes, e eu sei onde estão as sepulturas, porque meu pai fez com que eu memorizasse. Foi a primeira lição de realeza que ele me ensinou. Minha cidadania deve ser honrada, protegida e bem servida. Por outro lado, traidores são uma doença para toda a sociedade legal e precisam de ser erradicados. — Wrath sorriu de um modo puramente malvado.

—Diga o que quiser sobre mim, eu estudei bem ao pé do meu pai. E vamos ser claros, meu pai, não a Irmandade, foi quem participou dessas mortes. Eu sei por que ele decapitou quatro deles em frente a mim. Foi assim que a lição foi importante.

Várias das mulheres aproximaram-se de qualquer macho que pudesse estar sentado ao lado delas.

Wrath continuou. —Eu não vou hesitar em seguir o exemplo do meu pai. Reconheço que todos vocês sofreram. Eu respeito os seus julgamentos e eu quero liderar vocês. Eu não vou, entretanto, hesitar em tratar qualquer insurgência contra mim e aos meus como o ato de um traidor.

O rei baixou o queixo, e apareceu para olhar por detrás das wraparounds, a tal ponto que até mesmo Blay sentiu um frisson de adrenalina.

—E se vocês acham que o que meu pai fez foi violento, vocês ainda não viram uma maldita coisa ainda. Vou fazer essas mortes parecerem misericordiosas. Juro pela minha linhagem.

Capítulo 52

Em algum nível, Assail não podia acreditar que ele estava andando em um restaurante. Primeiro, ele não frequenta refúgios humanos como regra, e segundo, ele não tinha interesse em comer no antro: O ar cheirava a comida frita e cerveja, e do que ele viu nas bandejas das garçonetes, ele estava incerto se os pratos principais eram considerados seguros para consumo não-animal.

Oh, olhe. Do outro lado, havia um palco que tinha uma parede de tela de galinheiro em frente a ele.

Clássico.

—Bem, olá, ai, — alguém sussurrou para ele.

Assail arqueou uma sobrancelha e olhou por cima do ombro. A mulher humana estava vestida com uma camisa apertada e uma calça jeans que tinha sido claramente costurada em suas pernas. Cabelo era loiro, liso e reto. Maquiagem era pesada, com o batom brilhante o suficiente para se qualificar como uma tinta a óleo para exteriores.

Ele preferia arrancar seus próprios olhos que se envolver de qualquer forma com os gostos dela.

Ele desejou que ela esquecesse que o tinha visto e se virou. Havia uma pesada multidão, com mais pessoas do que havia mesas e cadeiras, então ele teve boa cobertura como ele foi para um canto e esquadrinhou ….

E lá estava ela.

Sua pequena assaltante.

Praguejando baixinho, ele vagamente reconheceu a perda de tempo tudo isso era — especialmente uma vez que os primos estavam, neste momento, fazendo um acordo com o *lesser* novamente. Infelizmente, no entanto, assim que ele tinha recebido um alerta de que o Audi preto dela estava em movimento, ele foi obrigado a encontrar a coisa e o seguir.

Ele não tinha estado preparado para isso.

O que ela estava fazendo aqui? E por que ela estava vestida assim?

Enquanto ela encontrava uma das poucas mesas vazias e se sentava sozinha, ele se encontrou não aprovando a maneira como seu cabelo estava solto sobre os ombros, o peso escuro ondulando sobre seu rosto. Ou a camisa colada no corpo que se revelou conforme ela tirou o casaco. Ou – ela tinha maquiagem, também, pelo "amordeDeus". E não como aquela mulher bêbada que tinha acabado de abordá-lo. Sua assaltante tinha mantido as coisas leves, de uma forma que ressaltava seus traços ….

Ela era linda.

Muito bonita.

Todos os homens do restaurante a estavam olhando. E isso o fez querer matar todos e cada um deles rasgando suas gargantas com os dentes...

Como se elas estivessem de acordo com esse plano, suas presas formigaram e começaram a descer em sua boca, seu corpo enrijecer.

Mas ainda não, ele disse a si mesmo. Ele precisava descobrir por que ela estava aqui. Depois de tê-la seguido para a mansão de Benloise, ele esperava diversos destinos ... embora nunca este. O que ela estava fazendo...

Sua cabeça virou, e por um momento, ele pensou que ela tinha de alguma forma o sentido, mesmo que ela não fosse um vampiro.

Mas então um muito alto, muito bem construído homem humano se aproximou de sua mesa.

Sua assaltante olhou para o cara. Sorriu para o rapaz. Ficou de pé e colocou os braços ao redor dos grandes ombros do cara.

A mão de Assail entrou em seu casaco e encontrou a arma.

Na verdade, ele se viu indo para cima e colocando uma bala entre os olhos do homem.

—Ei, você já esteve aqui antes?

A cabeça de Assail girou ao redor. Um homem humano bastante grande, tinha se aproximado dele e estava olhando para ele com uma certa hostilidade.

—Eu lhe fiz uma pergunta.

Havia duas respostas, decidiu Assail. Ele poderia responder verbalmente, entrando assim em algum tipo de diálogo que iria consumir a sua atenção — discutivelmente não uma má ideia, já que sua mão permanecia trancada em sua arma, e seus impulsos não haviam mudado daquela inclinação homicida.

—Eu estou falando com você.

Ou ele poderia ...

Assail mostrou suas presas descidas e rosnou no fundo da garganta, redirecionando sua ira longe da cena de sua assaltante com que tolo humano para quem ela havia se vestido e se produzido.

O cara com as perguntas ergueu as mãos e deu um passo para trás. —Ei, isso é legal, o que for. Meu erro. Qualquer que seja.

O homem desapareceu na multidão, provando que em determinadas circunstâncias, ratos sem caudas poderia desmaterializar também.

Assail os olhos voltaram a essa mesa. O — cavalheiro — que tinha tomado uma cadeira em frente à sua assaltante estava se inclinando, os olhos fixos em seu rosto, mesmo quando ela examinou o menu e olhava ao redor.

Algo teria que ser feito sobre isso.

Sola fechou o menu e riu. —Eu nunca disse isso.

—Você disse. — Mark Sanchez sorriu. —Você me disse que eu tinha olhos bonitos.

Mark era exatamente o que precisava em uma noite como esta. Ele era realmente fácil de se olhar, super encantador, e enquanto ele não a fizesse ir para o chão e pagar dez mil, não tinha nada para se preocupar: Como um personal trainer? Ele era um demônio. Ela deveria saber.

—Então esta é uma forma de me bajular? — Ele recuou quando a garçonete trouxe duas cervejas. —Tentar me fazer pegar leve com você no ginásio?

—Eu sei fazer melhor do que isso. — Sola tomou um trago da espessa, espuma gelada na borda de sua caneca. –Sem trégua. Essa é a sua política.

—Bem, para ser justo, você nunca pediu nenhum tratamento especial. — Houve uma pausa. —Não é que no seu caso, eu não estaria disposto a te dar alguma folga ... em algumas áreas.

Sola esquivou o contato visual do que era um xeque-mate seu caminho. —Então você não namora clientes, hein.

—Não. Usualmente não.

—Conflito de interesses.

—Pode ficar confuso, mas em certos casos, vale a pena o risco.

Sola olhou ao redor do bar. Muitas pessoas. Muita conversa. Ar que estava quente e denso.

Ela franziu a testa e ficou tensa. No canto mais distante, algo ... alguém ...

—Você está bem?

Ela se sacudiu livre da paranoia. —Sim, desculpe — oh, sim, gostaríamos de pedir — disse ela quando a garçonete voltou. —Vou querer um cheeseburger. Assumindo que o meu personal trainer não lance uma embolia de desaprovação.

Mark riu. —Faça dois. Mas segure a batata frita. Em ambos os pratos.

Quando a garçonete decolou, Sola tentou não olhar na direção do que canto escuro no fundo. —Então ...

—Eu não pensei que você aceitaria. Eu te pedi quanto tempo atrás?

Quando Mark sorriu, ela notou que ele tinha dentes fantásticos, em linha reta e muito branco. —Já faz um tempo, eu acho. Eu estive ocupada.

—Então o que você faz para viver?

—Isso e aquilo.

—Em que campo?

Normalmente, ela ficava puta rapidamente quando as pessoas se intrometiam. Mas o seu efeito era calmo e fácil, então isso era apenas um papo num encontro.

—Eu acho que você poderia chamar de justiça criminal.

—Oh, você está na lei.

—Estou muito familiarizado com ela, sim.

—Isso é legal. — Mark limpou a garganta. —Então ... você parece realmente bem.

—Obrigado. Eu acho que é o meu preparador.

—Oh, de alguma forma, eu acho que você estaria fazendo bem sem mim.

Conforme eles caíram em um simples vai-e-vem, ela realmente começou a relaxar – e depois seus jantares chegaram e eles tiveram mais uma rodada de cerveja. Era tão ... normal estar no bar, fazendo a coisa tête-à-tête, para conhecer alguém.

Exatamente o oposto do que ela tinha testemunhado da noite anterior.

Sola estremeceu quando as imagens voltaram para ela ... a luz de velas, aquele homem de cabelos negros que paira sobre a mulher seminua como se fosse devorá-la, os dois soltos e desinibidos .... Então aqueles olhos brilhantes olhando para cima e encontrando os seus através do vidro como se ele soubesse o tempo todo que ela estava assistindo.

—Você está bem?

Sola se obrigou a se concentrar. —Desculpe, sim. Você estava dizendo?

Quando Mark voltou a falar sobre seu treinamento para o Iron Man[169], ela se viu de volta no frio fora da casa, vendo aquele homem e aquela mulher.

Droga. Ela tinha planejado esse encontro só porque ela queria uma saída. Não foi porque ela gostava particularmente de Mark, tão bom quanto ele era.

Na verdade, talvez ela tinha feito isso porque seu personal trainer por acaso era muito alto, e muito bem construído, com o cabelo muito escuro e olhos muito claros.

Quando a culpa tocou a campainha, ela pensou, oh, pelo amor de Deus. Ela era uma adulta. Mark era um adulto. As pessoas tinham sexo por todos os tipos de razões diferentes — só porque

---

[169] Ironman é uma modalidade de triathlon de longas distâncias compreendendo aproximadamente 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42,195 km de corrida.

ela não queria se casar com o cara não quer dizer que ela estava quebrando alguma regra primordial ... exceto, porcaria. Moralidade de sua avó de lado, e seus reluzentes e brilhantes dentes brancos e ombros grandes em contrário, ela não estava realmente atraída por Mark.

Ela estava atraída pelo homem que Mark a fazia lembrar.

E era isso que fazia isto errado.

Capítulo 53

Mesmo que Qhuinn dificilmente fosse um juiz de opinião quando se tratava de reuniões do Conselho, era malditamente claro para ele que o grupo reunido havia chegado à casa esperando uma coisa, apenas para obter algo totalmente diferente.

Wrath não desperdiçou ou mediu palavras e, após a postura de lutador de luta livre, acabou as coisas em cinco ou dez minutos.

Isso foi uma coisa boa, na verdade. Quanto mais rápido ele terminasse, mais rápido o poderia levar para casa.

—Por último, — disse o rei em sua voz grave, —Eu aprecio a oportunidade de abordar esse augusto grupo.

Neste caso,— augusto —significava claramente — uns bundões.

—Eu tenho outros compromissos neste momento. — Ou seja, manter-se vivo. —Então eu estou partindo. No entanto, se vocês tiverem quaisquer comentários, por favor, os encaminhem para Tohrment, filho de Hharm.

Um piscar de olhos depois, o rei deixou o prédio com V e Zsadist.

Na esteira da partida, todos os calças-extravagantes na sala de jantar ficaram sentados em suas cadeiras, choque e agora-o-que passando através de suas características atraentes. Claramente, eles esperavam mais ... mas também menos. Tipo como crianças que empurraram seus pais muito longe e finalmente conseguiram uma colher de pau na bunda.

Do ponto de vista de Qhuinn, foi divertido pra caralho, na verdade.

A festa finalmente começou a se dissolver depois da anfitriã se por de pé e tagarelar sobre a honra que foi ter tido todos os blá, blá, blá.

Qhuinn se preocupava com uma e só uma coisa.

E esse foi o texto que veio através de seu telefone cerca de um minuto depois: Wrath estava em casa seguro.

Expirando lentamente, ele colocou o celular de volta no bolso de dentro de sua jaqueta de couro e pensou em provocar um par de voltas nas tábuas para obter este bando de cadáveres dançando um pouco. Ele provavelmente terá problemas para isso, no entanto.

Que chato.

A multidão começou a sair pouco depois, para a insatisfação clara da anfitriã, como se ela tivesse se vestido e reorganizado sua casa com a expectativa de uma noite longa e socialmente

proeminente — apenas para descobrir que tudo o que ela conseguiu foram dois segundos de celebridade e um balde de KFC[170] para comer.

Desculpe, senhora.

Tohrment se sobrepunha sobre o êxodo, em pé na frente da lareira, acenando com a cabeça, dizendo algumas palavras. Nesta delegação, Wrath tinha feito uma escolha sábia. O irmão tinha a aparência de um chutador-de-bundas, com todas as suas armas, mas ele sempre esteve disposto e internamente inclinado a ser um pacificador, e isso não era diferente esta noite.

Ele foi especialmente agradável quando Marissa companheira de Butch saiu, seu rosto mostrando um lampejo de afeto genuíno enquanto ele a abraçou e acenou com a cabeça enquanto o policial a escoltava para fora. Essa escorregão do real foi imediatamente substituído por sua máscara profissional, no entanto.

Eventualmente, a dona de casa ajudou seu *hellren* ancião a ficar de pé, e fez algum barulho sobre levá-lo para cima.

E então havia apenas um.

Elan, filho de Larex, permanecia junto a fila de cortinas das janelas.

Qhuinn tivera um olho no cara o tempo todo, contando exatamente como muitos dos membros do Conselho foram até ele, apertaram sua mão, murmuraram em seu ouvido.

Todos e cada um.

Então não foi exatamente uma surpresa que em vez de sair como um bom menino, ele fez o seu caminho até a lareira como se ele quisesse uma audiência.

Grande.

Conforme Elan se aproximava de Tohr, mais perto ele ficava, mais ele tinha que levantar o queixo para manter contato visual com o irmão.

—Foi uma honra ter uma audiência com o rei, — o macho gentil disse gravemente. —Eu me prendi em cada palavra.

Tohr murmurou algo de volta.

—E eu estive lutando com alguma coisa, — o aristocrata enrolou. —Eu estava esperando para falar com ele diretamente sobre isso, mas ... —

Yeah, não prenda a respiração por isso, amigo.

Tohr entrou em cena para preencher o silêncio. —Qualquer coisa que você me diga vai direto para os ouvidos do rei, sem filtro ou interpretação. E os lutadores nesta sala estão jurar segredo. Eles vão morrer antes de repetir uma palavra.

Elan olhou para Rehv, claramente esperando uma promessa similar do macho.

—O mesmo vale para mim, — Rehvenge murmurou quando ele se apoiou em sua bengala.

Abruptamente, o peito de Elan inchou, como se esse tipo de atenção personalizada era mais o que ele estava esperando desta reunião. —Bem, isso tem pesado em meu coração.

---

[170] Franquia de restaurante que serve frango frito em balde.

Certamente não seus peitorais, Qhuinn pensava. Você é constituído como um menino de dez anos de idade.

—E isso é, — Tohr solicitou.

Elan cruzou os braços atrás de suas pequenas costas e andou um pouco – como se ele estivesse ponderando suas palavras. Algo disse Qhuinn que havia sido preparado de antemão, no entanto — embora ele não poderia ter dito o que era.

—Eu esperava vosso rei para tratar de um certo rumor que eu ouvi.

—Que é? — Tohr disse em um tom uniforme.

Elan parou. Virou. Falou claramente. —Que ele foi baleado no outono.

Ninguém mostrou qualquer reação. Não Tohr ou Rehv. Nem os Irmãos restantes no quarto. Certamente não Qhuinn, ou seus meninos.

—Qual é a sua fonte para isso? — Torh perguntou.

—Bem, com toda a honestidade, eu pensei que ele estaria aqui esta noite.

—Realmente. — Tohr olhou para as cadeiras vazias e encolheu os ombros. —Você quer me dizer o que você ouviu?

—O macho fez referência a uma visitação pelo rei. Semelhante a quando Wrath veio e me viu na minha casa durante o verão. — Isso foi relatado com auto-importância, como se isso foi o destaque do ano de Wrath, bem ali. —Ele disse que o Bando de Bastardos atirou no rei, enquanto, em sua propriedade.

Mais uma vez com nenhuma reação.

—Mas, obviamente, vosso rei sobreviveu. — A pausa sugeriu que Elan estava esperando detalhes serem preenchidos. —Ele está indo muito bem, aliás.

Houve um longo silêncio, como se ambos os lados da conversa estavam esperando o outro para colocar o silêncio em bom uso.

Tohr levantou as sobrancelhas. —Com todo o respeito, você não nos disse muita coisa, e fofocas vem acontecendo desde o início dos tempos.

—Mas aqui está a coisa estranha. Ele também falou comigo sobre isso antes que ocorresse. Eu não acreditei nele, no entanto. Quem iria providenciar uma tentativa de assassinato? Parecia ... simplesmente a arrogância de um macho de outra forma insatisfeito com a forma como as coisas estavam sendo tratadas. Exceto que em seguida, uma semana mais tarde, ele disse que o Bando de Bastardos tinha ido atrás completamente, que Wrath havia sido baleado. Eu não sabia o que fazer. Eu não tinha como entrar em contato com o rei, pessoalmente, e nenhuma maneira de verificar que o indivíduo estava falando a verdade. Eu deixei passar — até que esta reunião foi convocada. Eu me perguntava se talvez fosse ... bem. Ele claramente não era, mas depois eu me perguntei por que ele não estava aqui.

Tohr olhou para o macho menor. —Seria bom se você nos desse um nome.

Agora, Elan franziu a testa. —Quer dizer que você não sabe quem é o Conselho?

Conforme Rehv revirava os olhos, Tohr deu de ombros. —Nós temos coisas melhores a fazer do que nos preocuparmos com os membros de Rehvenge.

—No Velho Mundo, a Irmandade sabia quem nós éramos.

—Há um oceano entre nós e as pátrias-mãe.

—Mais é uma pena.

—Essa é a sua opinião.

Qhuinn deu um passo a frente, com a intenção de intervir, caso o irmão fechasse as mãos no pescoço magro do FDP: Alguém provavelmente deveria pegar a cabeça antes que ele quicasse por todo o tapete de seus anfitriões. E o peso morto do corpo.

Parecia apenas hospitaleiro.

—Então de quem você está falando, — Tohr pressionou.

Elan olhou para os homens mortais imóveis, que estavam focados nele. —Assail. Seu nome é Assail.

No centro bem profundo Caldwell, onde as ruas escuras formavam um labirinto de ratos, e os humanos sóbrios eram poucos e muito distantes entre si, Xcor girou sua foice em um círculo largo de cerca de um metro e meio, acima do lamacento solo manchado de negro.

O *lesser* foi pego no pescoço, e a cabeça, agora livre de seu cordão espinhal, voava queixo sobre têmpora, queixo sobre têmpora, através do vento, frio rajadas de vento. Sangue preto espiralou para fora a partir das artérias cortadas conforme a metade inferior do corpo sem rumo desmoronou de bunda no chão.

E foi isso.

Bem decepcionante, realmente.

Girando, ele segurou sua amada sobre seu ombro para que ela se enroscasse atrás dele protetoramente, observando suas costas enquanto ele se preparava para o que estava por vir. No beco que ele tinha entrado para perseguir o agora incapacitado matador estava aberto no final agora, e por trás dele, os três primos estavam postados ombro-a-ombro, deveriam chegar mais daquela direção...

Alguma coisa estava vindo.

Algo estava ... em uma aproximação rápida, o barulho de um motor crescendo cada vez mais alto e...

O SUV derrapou na pista, os pneus encontrando pouco ou nenhum apoio na estrada gelada. Como resultado da ausência de tração, o veículo bateu na parede, suas luzes altas cegando Xcor.

Quem estava ao volante não bateu os freios.

O motor rugiu.

Xcor enfrentou o veículo e fechou os olhos. Não há razão para manter suas pálpebras descobertas, como sua visão tinha deixado de funcionar. Nenhuma preocupação real de quem estava dirigindo, se era matador, vampiro ou humano.

Eles estavam vindo por ele, e ele ia parar com isso. Mesmo que fosse provavelmente mais fácil conseguir saindo do caminho.

Ele nunca tinha particularmente gostado do fácil, no entanto.

—Xcor! — Alguém gritou.

Pegando uma respiração profunda do aquele ar gelado, ele soltou um grito de guerra quando ele seguiu a abordagem, os seus sentidos alcançando e posicionando o SUV no espaço, uma vez que viajou para frente. Sua foice desapareceu em um momento, e suas armas, ansiosas por participar, surgiram em ambas as palmas.

Ele esperou mais de seis metros.

E então ele começou a atirar.

Com seus silenciadores, as balas só fizeram barulho com o impacto que estourou o para-brisa dianteiro, ricocheteando na grade, pegou um pneu ....

Nesse ponto os faróis ofuscantes se afastaram, a extremidade traseira do veículo dando a volta, a trajetória geral inalterada graças àquela aceleração enorme — mesmo que tudo ficou confuso.

Pouco antes de o painel lateral o pegar, Xcor saltou do chão, suas botas saltando, o teto por pouco indo sob seus pés conforme mais 1.400 quilos fora-de-controle passaram com um raio sob seu corpo no ar.

Conforme Xcor aterrissou, pronto para o combate, de volta no chão, o prematuro momento final do carro veio à custa de um contêiner de lixo, a lixeira parando o veículo melhor do que qualquer conjunto de freios poderia.

Xcor não perdeu tempo em se aproximando, ambas as armas acima, engatilhadas pronta.s Apesar de ter descarregado uma saraivada de tiros, ele sabia que tinha pelo menos quatro restando em cada arma. E seus soldados haviam caído mais uma vez atrás dele.

Se aproximando para olhar dentro, não se importava com o que encontrasse: um de sua própria espécie, um homem ou uma mulher, um *lesser*, não importava para ele.

O cheiro de carne estragada e melado informou qual de seus muitos inimigos ele confrontou, e de fato, quando ele se inclinou através do para-brisa dianteiro explodido, dois novos recrutas, que ainda mantinham sua cor de cabelo escuro e os tons de pele avermelhadas, estavam pendendo no banco da frente.

Mesmo com seus cintos de segurança travados, eles estavam em má forma. Além de estarem crivados de balas, seus rostos mostravam os danos de terem batido na cabine do sedã, batido no painel de instrumentos, e serem atingidos por estilhaços de vidro: Sangue negro untava seus narizes quebrados e bochechas e queixos dilacerados, a merda escorrendo sobre seu peito como água de torneiras da banheira.

Nenhum airbag. Talvez um defeito.

—Eu não pensei que vós iríeis conseguir,— Balthazar murmurou.

—Aye,— alguém concordou.

Xcor jogou fora a preocupação quando ele guardou suas armas, agarrou a porta do lado do motorista, e puxou a coisa fora de suas fixações. Conforme o guincho de metal dilacerado ecoou no beco, ele jogou o painel de lado, desembainhou sua adaga de aço, e se inclinou.

Como em todos os *lessers*, estes habitantes do Omega ainda se moviam e piscavam, apesar de seus ferimentos catastróficos — e continuariam a fazer para sempre, se deixados neste estado, assim como suas formas decairiam ao longo do tempo.

Havia uma e apenas uma maneira de matá-los.

Xcor puxou seu antebraço direito em cima do ombro esquerdo e enterrou a lâmina de sua adaga no peito de quem estava trás do volante. Virando a cabeça para o lado e fechando os olhos para não ficar cego de novo, ele esperou o pop e o flash desaparecerem antes de se inclinar sobre o banco e fazer o mesmo com o passageiro.

Então ele se virou para ir até lá e despachar o cadáver decapitado se contorcendo ... que tinha marcas de pneus em seu peito, graças ao trajeto do carro pelo beco.

Seguindo através da lama manchado de negro, ele levantou a mão da adaga novamente por cima do ombro e enterrou a lâmina no esterno com tal poder, a ponto de a arma entrar no asfalto.

Quando ele se levantou, mais uma vez, sua respiração deixou seu nariz em baforadas de locomotivas. —Procure o veículo, e então nos temos necessidades partir.

Ele verificou o tempo. A polícia de Caldwell era decepcionantemente responsável, mesmo nesta parte da cidade — e com a ameaça constante de envolvimento humano sob que ele vivia era, como sempre, um enfado. Mas, com toda a sorte, eles iriam embora como se nunca tivessem estado em uma questão de minutos.

Embainhando a lâmina, ele olhou para o céu, estalando seu pescoço e soltando os ombros.

Era impossível não pensar que a reunião do Conselho que havia sido programada, tinha estado em sua mente durante toda a noite. Wrath teria aparecido? Ou teria sido apenas Rehvenge e os representantes da Irmandade? Se o rei havia estado de fato presente, Xcor poderia muito bem imaginar a agenda: demonstração de força, a advertência, em seguida, uma partida rápida.

Tão poderosa como a Irmandade era, e tanto quanto Wrath gostaria de flexionar seu músculos ante o grupo de aristocráticas bajuladores infiéis, era difícil imaginar que um homem que tinha quase sido morto tão recentemente, correr riscos: Nem que fosse por auto interesse, a Irmandade iria querer que ele vivo, como estava a sua sede de poder, também.

E foi por isso que ele escolheu para ficar longe.

Não havia mal nenhum em deixar Wrath tentar recuperar parte de sua importância perdida, e muito a perder em um confronto direto com a Irmandade na frente da plateia especial: O potencial de danos colaterais era muito grande. A última coisa que ele queria era assustar a *glymera,* os afastando dele ... ou matá-los por completo no processo de matar o rei.

Mas ele tinha de fato descoberto, graças aos contatos de Throe, exatamente onde e quando a assembleia estava ocorrendo. O que seria agora ... e na propriedade daquela fêmea, àquela de quem seus soldados haviam se alimentado naquela casinha.

Evidentemente, ela estava disposta a permitir que outras pessoas utilizassem não só de seu jardim, mas seus salões também.

E em breve, ele teria uma transcrição do que havia acontecido fornecida a ele pelo porta-voz que era Elan — se por nenhum outro motivo que o macho querer aproveitar o acesso que ele tinha e se mostrar um pouco...

Um apito de apreciação da parte de trás do carro arruinado, chamou sua atenção.

Zypher estava em pé ao lado da porta do porta-malas aberto, as sobrancelhas alta quando ele se inclinou e trouxe ... um celofane cobrindo um tijolo de algo branco.

—Foi muita generosidade que eles tiveram, — ele disse, segurando aquilo alto.

Xcor marchou. Havia mais três como isso, apenas jogados soltos na traseira como se o par de assassinos tivesse estado mais preocupados com a sua segurança física do que com a disposição das drogas.

Naquele momento, as sirenes começaram a soar a partir do leste, possivelmente relacionadas ao acidente, possivelmente não.

—Nós levamos os pacotes conosco — Xcor ordenou. —E partimos agora.

Capítulo 54

No geral, o encontro não era tão ruim.

Conforme Sola se levantou de sua cadeira e começou a colocar o casaco, Mark veio por trás dela e ajudou a colocar a lã sobre os ombros.

A forma como as mãos permaneceram sugeriu que ele estava mais do que aberto a este ser o fim do jantar, mas o início do resto da noite. Ele não era agressivo, embora. Ele deu um passo para trás e sorriu, indicando o caminho para a saída com uma mão galante.

Se movendo em frente a ele, parecia algum tipo de deslealdade de sua saúde mental que ele não fizesse seu sangue ferver ... e contudo o altamente agressivo, dominante homem da noite anterior fez.

Ela ia ter que dar a sua libido uma conversa estimulante. Ou talvez uma surra …

Talvez aquele outro cara, parte dela sugeriu.

—Não, — ela murmurou.

—Desculpe, o que?

Sola balançou a cabeça. —Só falando para mim mesma.

Após fazer seu caminho através da multidão, eles chegaram a porta do restaurante, e wow, o que era um seio nasal desobstruído, quando eles saíram para a noite.

—Então ... — disse Mark, enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans, seu tronco bem desenvolvido se encolhendo — e ainda assim não conseguir chegar perto do tamanho do ...

Pare com isso.

—Obrigado pelo jantar, você não tinha que pagar.

—Bem, isto era um encontro. Você disse isso. — Ele sorriu novamente. —E eu sou um tipo tradicional de cara.

Faça isso, ela disse para si mesma. Pergunte a ele se você pode ir para sua casa.

Depois de tudo, não poderia haver trapaça acontecendo na dela. Nunca. Não com sua avó no andar de cima — a surdez da mulher era altamente seletiva.

Apenas faça isso.

É por isso que você perguntou a ele….

—Eu tenho uma reunião de manhã cedo, — ela falou. —Então, eu tenho de partir. Mas muito obrigado, e eu gostaria de fazer isso de novo.

Para dar crédito Mark, ele cobriu qualquer decepção que pudesse ter sentido com outro daqueles sorrisos vencedores.

—Parece bom. Isso foi legal.

—Estou justo estacionada aqui atrás. — Ela apontou sobre seu ombro. —Então...

—Vou levá-la para o seu carro.

—Obrigado.

Eles ficaram em silêncio enquanto as botas estalavam através do sal que havia sido colocado sobre o gelo.

—Noite agradável.

—Sim, — disse ela. —É.

Por alguma razão, seus sentidos começaram a disparar em alerta, seus olhos procurando a escuridão fora do estacionamento iluminado.

Talvez fosse Benloise vindo atrás dela, ela pensou. Ele, sem dúvida, sabia agora que alguém havia arrombado sua casa e seu cofre, e também tinha notado a mudança de posição daquela estátua. Difícil saber se ele iria retaliar, no entanto. A despeito do negócio que ele estava, ele tinha um certo código de conduta que ele aderiu e em algum nível, ele deve estar ciente de que aquilo que tinha feito cancelando aquele trabalho e cortando seu salário estava errado.

Ele certamente entendeu a mensagem.

Além disso, ela poderia ter tomado tudo o que ele tinha trancado.

Se aproximando de seu Audi, ela desativou o alarme. Em seguida, ela se virou e olhou para cima.

—Vou ligar para você?

—Sim, por favor, — disse Mark.

Houve uma longa pausa. E então ela estendeu a mão para cima, deslizou por trás de seu pescoço, e puxou a boca para a sua. Mark foi imediatamente com o convite, mas não de uma forma agressiva, dominadora: Quando ela inclinou a cabeça, ele fez o mesmo, e seus lábios se encontraram, roçando levemente, em seguida, pressionando um pouco mais. Ele não a esmagou contra ele, ou a prendeu contra o carro ... não havia nenhum sentido de fora-de-controle.

Nenhum sentimento de grande paixão, também.

Ela quebrou o contato. —Eu vou ver você em breve.

Mark respirou duro, como se tivesse ficado ligado. —Ah, sim. Espero que sim. E não apenas no ginásio.

Ele ergueu a mão, sorriu uma última vez, e caminhou até sua caminhonete.

Com uma maldição tranquila, Sola ficou atrás de seu volante, fechou a porta e deixou a cabeça cair para trás contra o descanso. No espelho retrovisor, viu suas lanternas traseiras vindo, e o viu fazer uma volta larga e sair do estacionamento.

Fechando as pálpebras, ela não viu o sorriso brilhante de Mark, ou imaginou seus lábios contra os dela, ou sentiu as mãos de perambulando por seu corpo.

Ela voltou a estar fora daquela casa de campo olhando para dentro, testemunhando de um par de olhos quentes, ligeiramente maus olhando para ela sobre o peito exposto de outra mulher.

—Oh, pelo amor de Deus …

Se sacudindo para fora da memória, ela temia que, neste caso, o seu desejo de, oh, digamos, chocolate, não ia ser aliviado por um refrigerante diet. Ou um cookie da Snackwell[171]. Ou até mesmo um beijo Hershey[172] único.

Nesse ritmo, ela ia ter que derreter uma caixa de trufas Lindt[173] e as injetar através de um IV diretamente em sua veia.

Colocar o pé no freio, bateu o botão no painel e ouviu o chamejar do motor para a vida. Enquanto as luzes faróis vinha...

Sola se jogou para trás em seu assento e soltou um grito.

Quando Qhuinn voltou para a mansão com os outros, ele escapou da formação tão logo ele passou pelo vestíbulo e o grande foyer. Se movendo em uma rápida corrida, galgou a escada e se dirigiu diretamente para o quarto de Layla: de acordo com seus textos, ela decidiu deixar a clínica depois de tudo, e ele estava ansioso para saber como ela estava.

Batendo na porta, ele começou a rezar. Novamente.

Nada como a gravidez para tornar um agnóstico, religioso.

—Entre?

Ao som de sua voz, ele se preparou e mergulhou dentro. —Como está se sentindo?

Layla ergueu os olhos da revista *Us Weekly* que estava lendo na cama. —Oi!

Qhuinn recuou na animação. —Ah…oi?

Olhando ao redor, viu *Vogue*, *People* e *Vanity Fair* sobre o edredom em volta dela, e do outro lado, a TV estava fazendo ruído de fundo, um comercial de desodorante sucedendo o de uma pasta de dente Colgate. Havia garrafas de ginger ale[174] e saltines sobre a mesa lateral ao lado dela, e então, no suporte em frente, uma caixa limpa de Häagen-Dazs[175] e um par de colheres em uma bandeja de prata.

—Estou me sentindo realmente enjoada, — Layla disse com um sorriso. Como se isso fosse uma boa notícia.

Ele supunha que era. —Qualquer... você sabe…

—Nem o mínimo. Nem um pouco. Eu não estou vomitando, também. Eu só tenho que me certificar de que comer um pouco o tempo todo. Muito e eu me sinto doente — o mesmo se eu ficar muito tempo sem colocar algo lá dentro.

---

[171] *Snackwells é uma marca de produtos Nabisco. Introduzido em 1992, seus produtos incluem cookies de uma variedade de sabores, incluindo creme, shortbread (nos conhecemos como amantegado), e devil's food cake (bolo de chocolate amargo com calda quente de chocolate amargo).*
[172] *Marca de chocolate.*
[173] *Marca de chocolate.*
[174] *Refrigerante feito à base de gengibre.*
[175] *Marca de sorvete.*

Qhuinn recuou contra os batentes, as pernas literalmente cambaleando de alívio. —Isso é ... incrível.

—Você quer se sentar? — Como se ele estivesse parecendo tão pálido como ele de repente se sentiu.

—Não, eu estou bem. Eu sou apenas... Eu tenho estado muito preocupado com você.

—Bem, como você pode ver — ela indicou seu corpo —Eu só estou fazendo do meu jeito — e agradecendo a Virgem Escriba por isso.

Conforme Layla sorriu para ele, ele realmente gostou do jeito que ela olhava e não de qualquer sentido sexual da palavra. Era apenas ... ela parecia calma e relaxada e feliz, o cabelo solto frouxo sobre os ombros, sua coloração perfeita, suas mãos e seus olhos estável. Na verdade, ela parecia ... realmente saudável, de repente, agora que aquele aspecto descorado de sua pele evidente por sua ausência.

—Então eu acho que você teve alguns visitantes, — comentou ele, enquanto ele acenou para as revistas e o soldado morto de sorvete.

—Ah, todo mundo tem vindo. Beth permaneceu por mais tempo. Ela se esticou ao meu lado — nós não falamos sobre nada em particular. Nós acabamos de ler e olhar para fotos e assistir a uma maratona *Deadliest Catch*[176]. Eu amo esse show – que é onde todos esses seres humanos saem em barcos para o mar? É muito emocionante. Me faz sentir feliz por estar quente e em terra seca.

Qhuinn esfregou o rosto, e rezou para que seu senso de equilíbrio começasse a voltar rápido: Evidentemente, suas glândulas suprarrenais ainda estavam lutando para recuperar-se da realidade, a ideia de que não havia nenhum drama, nenhuma emergência, sem nada terrível para reagir curiosamente difícil de manusear.

—Estou feliz de que as pessoas estão vindo, — ele murmurou, sentindo-se como se tivesse de dizer algo.

—Oh, sim, tem vindo — Layla olhou para longe, uma expressão estranha apertando suas características — um bom número deles.

Qhuinn franziu o cenho. —Ninguém estranho, porém, certo?

Ele não podia imaginar que alguém na casa seria outra coisa que não solidário, mas ele tinha que perguntar.

—Não, não... estranho.

—O que. — Conforme Layla apenas tocou a capa da revista no colo, alguém moreno, cabeça oca, olhos inexpressivos num rosto atraente e tolo, distorcia e voltava ao normal, distorcia e voltava ao normal. —Layla. Me diga.

Para que ele pudesse estabelecer alguma maldita fronteira se ele tivesse que fazer.

Layla empurrou o cabelo para trás. —Você vai pensar que eu sou louca ... ou, eu não sei.

Ele se aproximou e se sentou ao lado dela. —Ok, olha. Eu não sei como dizer isso direito, então eu só vou falar as palavras. Você e eu? Nós vamos estar diante de um monte de ... você

---

[176] *É um reality show no estilo documentário transmitido pelo Discovery Channel, no Brasil conhecido como Pesca Mortal e em Portugal como Pesca Radical.*

sabe, merda pessoais em relação a ...— Oh, Deus, ele realmente esperava que ela mantivesse a gravidez. —Nós também podemos começar a ser totalmente honestos entre nós agora. Seja o que for? Eu não vou julgar. Depois de toda a porcaria que eu fiz na minha vida? Eu não estou julgando ninguém por nada.

Layla respirou fundo. —Tudo bem ... bem, Payne veio e me viu ontem à noite.

Ele franziu a testa novamente. —E.

—Bem, ela disse que ela pode ser capaz de fazer algo para a gravidez. Ela não tinha certeza se iria funcionar, mas não achava que isso iria me machucar.

O peito de Qhuinn apertou-se, uma pontada de medo fazendo seu martelar coração. V e Payne tinham coisas sobre eles que não eram deste mundo. E isso foi legal. Mas não em torno de sua criança — pelo amor de Deus, a mão de V era uma assassina direta e reta….

—Ela pegou a mão dela e colocou na minha barriga, exatamente onde a criança está ….

Uma sensação como se banheiro interno Qhuinn tivesse lavado todo o sangue de sua cabeça bateu duro. —Oh, Deus...

—Não, não. — Ela estendeu a mão para ele. —Não foi ruim. Parecia ... bom, na verdade. Eu estava ... banhada nesta luz — que fluiu através de mim, me fortalecendo. Me curando. Estava focada no meu abdômen, mas foi muito mais longe do que isso. Depois disso, eu estava tão preocupada com ela, no entanto. Ela caiu no chão ao lado da cama .... — Layla sinal para baixo, para o chão. —Mas depois perdi a consciência. Devo ter dormido por um longo tempo. Quando eu finalmente acordei? Foi quando eu senti ... diferente. No início, eu achei que era porque o aborto tinha parado, porque estava ... acabado. Eu corri para fora e encontrei Blay, e ele me levou para a clínica. Isso é quando você veio e doutora Jane nos disse que ... — mão elegante Layla tocou seu abdômen inferior, e depois permaneceu lá. —Isso foi quando ela nos disse que a nossa criança ainda está com a gente ...

Sua voz quebrou naquele ponto, e ela piscou rapidamente. —Então você vê, eu acho que ela salvou a nossa gravidez.

Depois de um longo momento de choque, Qhuinn sussurrou, —Oh ... merda.

No fundo no estacionamento do restaurante, Assail apareceu sobre o capô do Audi de sua assaltante, estando plenamente no brilho dos faróis.

Assim como tinha feito na noite anterior, ele trancou os olhos nos dela, mas por instinto do que pela visão.

E enquanto ele estava no frio, ele estava quente no seu temperamento, e muito mais: Quando aquele saco de excrementos em duas pernas tinha a acompanhado até seu carro, e teve a insanidade de beijá-la, Assail tinha sido confrontado novamente por duas opções: rastrear o homem na noite e conseguir aquela garganta completamente rasgada, ou esperar até que o humano saísse, e…

Algo dentro dele havia tomado conta de sua mente: Ele tinha sido incapaz de deixá-la.

Sua assaltante baixou sua janela, e o cheiro de sua excitação o fez duro.

Isso também o fez sorrir. Era a primeira vez em toda noite em que ele sentia o cheiro dela — e que refrigerou seu temperamento mais do que qualquer outra coisa poderia ter.

Bem, exceto, talvez, esfolar aquele homem vivo.

—O que você quer, — ela rosnou.

Oh, não era essa a questão.

Ele se moveu para lado dela do carro. —Você se divertiu?

—Desculpe-me?

—Eu acredito que você ouviu a pergunta.

Ela lançou aberta a porta do lado do motorista e saltou para fora. —Como você *ousa* esperar *qualquer* explicação sobre *qualquer coisa* de mim ...

Ele dobrou seu peso para frente na altura cintura, se inclinando na direção dela. —Posso lembrar que você invadiu minha privacidade primeiro ...

—Eu não pulei na frente de seu carro e ...

—Você gostou do que viu na noite passada? — Isso a calou. E como o silêncio persistiu, ele sorriu um pouco. —Então, você admite que esteve assistindo.

—Você *sabia* que eu estava maldito, — ela cuspiu.

—Então, responda a pergunta. Você gostou do que viu — disse em uma voz que estava rouca até para seus próprios ouvidos.

Ah, sim, ele pensou enquanto inalava profundamente. Ela gostou.

—Não importa, — ele ronronou. —Você não precisa colocar em palavras. Eu já sei a resposta ...

Ela lhe deu um tapa tão rápido e tão duro, sua cabeça realmente retrocedeu para trás em sua coluna.

Seu primeiro instinto foi para desnudar suas presas e a morder, punir, atormentar a si mesmo — porque não havia melhor tempero para o prazer do que um pouco de dor. Ou muito disso.

Ele endireitou a cabeça e baixou suas pálpebras. —Isso foi bom. Você quer fazer isso de novo?

Como outro florescer emanando dela, ele riu no fundo de seu peito, e pensou, sim, de fato, esta reação dela tinha acabado de garantir que esse homem humano ia continuar vivendo. Ou pelo menos morreria pelas mãos de outro.

Ela o queria. E nenhum outro.

Assail ficou ainda mais perto, até que seus lábios estavam ao lado de sua orelha. —O que você fez quando você chegou em casa? Ou você não podia esperar tanto tempo.

Ela deu um passo para trás deliberada. —Você quer saber? Legal. Eu mudei a cama do gato, fiz dois ovos mexidos e uma torrada com canela, e então eu me coloquei a cama.

Ele deu um passo deliberado para frente. —O que você fez quando estava entre os lençóis?

Quando aquele perfume dela chamejou mais uma vez, ele colocou sua boca de volta onde estava ... perto, oh, tão perto. —Eu acho que sei o que você fez. Mas eu quero que você me diga.

—Vá se ferrar...

—O que você pensou do que você viu? — Quando uma rajada de vento soprou um pouco de seu cabelo em seus olhos, ele colocou os fios para trás. —Você imaginou que era você que eu estava fodendo?

Sua respiração começou a bombear em seu peito, e — mais querida Virgem do Fade — isso o fez querer levá-la. —Quanto tempo você ficou? — Ele respirou profundamente. —Até o final da fêmea... ou até que eu gozei?

Suas mãos o socaram para longe. —Foda-se.

Em uma mudança rápida, ela disparou em torno de seu corpo, saltou de volta para seu carro, e bateu a porta.

Ele se moveu tão rápido.

Explodindo através da janela aberta, ele virou sua cabeça e a beijou com força, sua boca assumindo, visando limpar qualquer vestígio desse macho humano fazendo seu sexo martelar.

Ela o beijou de volta.

Com igual força.

Como seus ombros eram grandes demais para caber através da janela, ele queria agarrar através do aço. Ele tinha que ficar onde estava, no entanto, e isso o deixou ainda mais agressivo, seu sangue rugido em suas veias, seu corpo esticando enquanto sua língua entrou nela, a mão serpenteando atrás de seu pescoço, enterrando em seu cabelo.

Ela era lisa e doce e quente como o inferno.

Ao ponto que ele teve que romper para uma respiração profunda ou correr o risco de desmaiar.

Quando ele os separou, ele encontrou seus olhos. Ambos foram levantando, e quando sua excitação engrossou o ar, ele queria estar dentro dela.

Para a marcar…

O som de seu celular soando era exatamente a coisa errada na hora errada: O toque em seu casaco pareceu a trazer de volta à realidade, os olhos queimando quando deslizou para longe, as mãos travando no volante, como se estivesse tentando aterrar a si mesma.

Ela não olhou para ele quando fechou a janela, engrenou o motor, e partiu.

Deixando Assail ofegando no frio.

Capítulo 55

Qhuinn deixou o quarto de Layla logo em seguida, suas botas o levaram rápido pelo tapete estreito em uma corria pelo corredor até o topo da escada. Enquanto continuou indo pelo escritório de Wrath, esteve vagamente consciente de alguém chamando seu nome, mas não prestou atenção.

No final do corredor das estátuas, passando pela suíte de Z e Bella, o quarto aonde Payne e Manny se acomodavam tinha a porta fechada, mas o som baixo de uma televisão murmurou do outro lado.

Qhuinn tomou um segundo para recolher os pedaços queimados de sua mente e bateu.

— Entre, — veio à resposta.

Quando entrou, o quarto estava inundado de um brilho azul, a TV fornecendo a luz. Payne estava deitado na cama, sua pele tão pálida que refletia as imagens projetadas nela.

— Saudações, — ela disse em uma voz arrastada.

— Jesus... Cristo...

— Não, eu não estou assustada. — Ela sorriu. Ou, pelo menos, a metade da sua boca fez. — Perdoe-me se não me levanto para oferecer os cumprimentos.

Ele fechou a porta suavemente. —O que aconteceu?

Mesmo que meio que ele já soubesse.

—Ela está bem? — Payne perguntou. —A sua fêmea está grávida ainda?

—Os testes parecem indicar isso.

—Bom. Isso me agrada.

—Você está morrendo? — Ele deixou escapar. E depois queria chutar seu próprio traseiro.

Ela riu asperamente. —Não acredito. Estou muito fraca, no entanto.

O pé de Qhuinn correu através do tapete. —Então... O que aconteceu?

Payne se esforçou para se empurrar mais em seus travesseiros, mas depois desistiu. —Acho que estou perdendo meu presente. — Ela gemeu quando moveu as pernas sob o edredom. — Quando cheguei aqui era capaz de impor as mãos e curar com pouco ou nenhum efeito. Cada vez que faço isso, no entanto, o esforço parece arrastar-me ainda mais para baixo. E o que eu fiz com sua mulher e sua criança foi...

—Você quase matou a si mesma, — ele completou

Encolheu os ombros. —Acordei no chão ao lado de sua cama. Arrastei-me até aqui. Manny me tirou da cama mais cedo e tive pouca energia. Agora, estou fraca mais uma vez.

—Há algo que eu possa fazer?

—Acho que preciso ir ao santuário de minha mãe. — Isso foi dito com escárnio total. —Para uma recarga, por assim dizer. Parece lógico, pois pode muito bem ter sido o local de meu presente. Só preciso ficar forte o suficiente para fazer a viagem, por assim dizer, bem, isso e reunir a vontade. Gostaria muito de permanecer aqui. A decisão, no entanto, parece estar se fazendo por mim. Não se pode negociar com uma forma física, depois de certo ponto.

Sim, ele sabia que era.

—Eu não posso... — Ele passou a mão pelo cabelo. —Eu não sei como lhe agradecer.

—Quando ela der a luz, então você poderá me agradecer. Há muito caminho ainda pela frente que precisa ser atravessado.

Não mais, pensou. Sua visão, o da porta da Fade, era mais uma vez a caminho da verdade que vem.

E desta vez ia ficar assim.

Qhuinn retirou uma das adagas de seu peito e com a lâmina afiada cortou em todo o interior de sua palma. Enquanto o sangue jorrou e começou a escorrer, ele ofereceu para a fêmea.

—*Por esse meio ofereço o meu juramento*. — Ele parou. Não tinha qualquer linhagem para falar, não com a desaprovação em seus antecedentes. —*Ofereço o juramento de honra para você de agora até a batida final do meu coração e no último suspiro em meus pulmões. Qualquer vez que você me invocar deve ser fornecida sem dúvida ou hesitação.*

Por um lado, parecia ridículo se colocar assim com a filha de uma divindade filha da puta. Como Payne precisava de alguma ajuda?

A mão de Payne encontrou sua adaga e a agarrou firme. —*Eu prefiro ter a sua honra a qualquer linhagem sobre a terra.*

Quando seus olhos se encontraram teve um pensamento que não era macho-fêmea, mas guerreiro para guerreiro, apesar de seus sexos.

—Nunca vou ser capaz de agradecer o suficiente, — disse ele.

—Será, assim que ela consegue passar. Ambos, é claro.

— Tenho a sensação que agora vai. Graças a você.

Parecia estranho querer se curvar à fêmea, mas há coisas que você só faz, e fez.

Então se virou, sem querer ocupá-la e a deixou descansar.

Assim que a mão alcançou a maçaneta da porta, Payne murmurou, —Se você tem agradecer a alguém, deve ser à Blaylock.

Qhuinn congelou. Girando de volta. —O que... Que você disse?

Assail ficou firme, quando o Audi derrapou para fora do estacionamento e pegou a estrada para o outro lado quando sua ladra plantou uma bomba no restaurante e apenas apertou o detonador.

Seu corpo lhe disse para ir atrás dela, parar o carro, e arrastá-la para o banco traseiro.

Sua mente, no entanto, sabia melhor.

Quando sentiu a afluência em seu corpo, sabia que a medida que perdesse o controle ao redor dela seria perigoso. Era um macho que se definia por seu autocontrole. Com essa mulher? Especialmente se o sexo com ela foi despertado?

Estava consumido com a necessidade de possuí-la.

Então, precisava voltar a reunir as suas próprias rédeas.

Na verdade, não tinha tempo de desperdiçar em negócios perseguindo uma mulher humana, relaxando em uma esquina num mergulho barato, observando-a com um macho.

Também consumido com a vontade de matar seu companheiro do jantar cheeseburger.

O que, em nome da Virgem Escriba estava acontecendo com ele?

A resposta, quando veio para ele, era algo que rejeitou firmemente.

Em uma tentativa de reorientar suas energias, pegou seu telefone para verificar quem a chamada e quebrando o encanto que era necessário romper.

Rehvenge.

Em tantos níveis, não tinha desejo de falar com o macho. A última coisa que interessava era uma repetição de todas as razões que o levou a se abdicar das decisões sociais e políticas do Conselho.

Mas era melhor do que ir atrás de sua ladra...

Não sabia nem o nome dela, percebeu.

E seria de seu melhor interesse nunca descobrir, disse a si mesmo.

Quando retornou a chamada, colocou o iPhone ao seu ouvido e pôs a mão livre no bolso de seu casaco de lã para mantê-la aquecida. —Rehvenge, — ele disse, quando o macho atendeu. — Estou falando com você mais do que falo com minha *mahmen.*

—Pensei que sua mãe estava morta.

—Ela está.

—Você tem um padrão muito baixo para comunicação.

—O que posso fazer por você. — Não foi uma pergunta. Não há razão para encorajar a resposta.

—Na verdade, é o que posso fazer por você.

—Com todo o respeito, prefiro cuidar dos negócios eu mesmo.

—Uma política muito boa. E tanto quanto sei que você gosta do seu "negócio", não é por isso que liguei. Pensei que você gostaria de saber que o Conselho se reuniu esta noite com Wrath.

—Acredito que renunciei durante a nossa última conversa. Então, não vejo o que isso tem a ver comigo?

—Seu nome surgiu no final. Depois que todos haviam ido embora.

Assail arqueou uma sobrancelha. —Em que qualidade.

—Um passarinho disse a Wrath que você se encontrou com o Bando de Bastardos em sua casa no outono passado.

Assail apertou seu telefone. E durante uma breve pausa que se seguiu, escolheu suas palavras com muito cuidado. —Wrath sabe que não é verdade. Eu fui o único que lhe deu o veículo para ele fugir. Como disse antes, não sou e nunca fui conectado com qualquer insurgência. Na verdade, me abdiquei do Conselho precisamente porque não quero ser envolvido em qualquer drama.

—Relaxe. Ele fez um favor.

—Em exatamente de que maneira.

—O indivíduo disse na minha frente.

— E, novamente, pergunto, como isso equivale a um...

—Eu sabia que ele estava mentindo.

Assail ficou quieto. Estava, naturalmente, uma coisa boa que Rehvenge soubesse que a expressão era falsa. Mas como?

—Antes que você pergunte, — o macho murmurou sombriamente, —não vou entrar em exatamente no porque estou tão certo disso. O que vou dizer, no entanto, é que estou preparado para premiar a sua fidelidade com um presente do rei.

—Um presente?

—Wrath é um macho que está apropriadamente nomeando. Ele entende, por exemplo, como um indivíduo se sentiria se fosse acusado injustamente de traição. Ele sabe que se alguém falsamente implica outro com informações pouco conhecida, provavelmente está tentando transferir a própria culpa de suas ações, especialmente se a pessoa que fala tem um... Bem, digamos assim, um efeito... Que não indica apenas o engano, mas certo nível de conspirações. Como se ele estivesse trazendo para suas costas algo que ele considerada como um indicativo de deslealdade ou mau julgamento.

—Quem é, — Assail respirava. Mesmo que ele sabia.

—Wrath não está pedindo para você fazer qualquer tipo de trabalho sujo. Na verdade, se você optar por não agir, o indivíduo estará morto dentro de vinte e quatro horas. O rei só se sente como eu, de que seus interesses não estão apenas alinhados com o nosso, neste caso, eles são substituídos.

Assail fechou os olhos, a vingança fervendo em seu sangue da mesma maneira que o instinto sexual tinha acabado de fazer. O resultado final, no entanto, ia ser oh, tão diferente. —Diga o nome.

—Elan, filho de Larex.

Assail bateu as pálpebras e mostrou suas presas. —Diga ao seu rei que vou cuidar disso com entusiasmo.

Rehvenge riu sombriamente. —Vou disser. Prometo isso.

Capítulo 56

Blay estava impaciente enquanto andava ao redor de seu quarto. Embora estivesse completamente vestido para a luta, não estava indo a lugar nenhum. Nenhum deles estava.

Após a reunião do Conselho Tohr ordenou a Irmandade para ficar pronto, apenas no caso. Rehv estava estendendo a mão para os membros do Conselho, conectado fora da mansão, obtendo a noção de onde a *glymera* estava. Como o cara não poderia muito bem aparecer com um bando de seis dos Irmãos em sua bunda, pelo menos, não se ele quisesse preservar algum senso de civilidade, eles tinham o tempo para relaxar. Mas, dado o clima político, era importante que o apoio estivesse pronto para o caso do reverendo precisava.

Não que ele atendesse por esse nome mais...

A porta de seu quarto abriu sem uma batida, um olá, um ei-você-está-decente.

Qhuinn estava locado entre a soleira, respirando com dificuldade, como se estivesse correndo pelo corredor de estátuas.

Porra, teria Layla perdido a gravidez depois de tudo?

Aqueles olhos incompatíveis procurando ao redor. —Você está sozinho?

Por que diabos, Oh, Saxton. Certo. —Sim...

O macho deu três passos a frente, estendeu a mão... E beijou a merda o sempre amante Blay.

O beijo foi do tipo que você se lembrará por toda a vida, a conexão forjada com a totalidade de tal forma, que toda a sensação do corpo contra o seu próprio, o calor dos lábios deslizando sobre o seus, ao poder, bem como o controle, ficará gravado em sua mente.

Blay não fez nenhuma pergunta.

Apenas deixou-se ir, deslizando os braços em volta do outro macho, acolhendo a língua dentro dele, beijando de volta, mesmo que não entendesse o que havia motivado isto.

Provavelmente devia se preocupar. Provavelmente devia se afastar.

Deveria, faria, poderia.

Seja o que for.

Estava vagamente consciente de que a porta estava aberta para o corredor, mas não se importava, mesmo que as coisas ficassem malditamente indiscretas rapidamente.

Exceto, Qhuinn abruptamente colocar os freios, encerrando o longo beijo e os separando. — Desculpe. Não é por isso que eu vim.

O guerreiro ainda estava ofegante, e assim como o calor em que olhar incrível foi suficiente para Blay quer dizer algo ao longo das linhas como: i*sso é bom, mas podemos terminar o que começou primeiro.*

Qhuinn voltou e fechou a porta. Então colocou as mãos nos bolsos de suas calças de couro, era isso ou ele estava preocupado que poderia agarrá-lo novamente.

Fodam-se os bolsos, Blay pensou enquanto tentava sutilmente reorganizar sua ereção. —O que é? — Perguntou ele.

—Eu sei que você foi ver Payne.

As palavras foram ditas de forma clara e lentamente, e era a única coisa que Blay não podia realmente controlar. Quebrando o contato visual, vagou em torno de seu quarto.

—Você salvou a gravidez, — Qhuinn anunciou, o tom de sua voz muito perto do temor para o conforto.

—Então ela ainda está bem?

—Você salvou o...

—Payne Fo ez.

—A Irmã de V disse que nunca teria lhe ocorrido tentar até que você foi e falou com ela.

—Payne tem um talento sério...

Qhuinn de repente foi em seu caminho, uma parede sólida de músculo que não havia como atravessar. Especialmente quando o macho estendeu a mão e roçou sua bochecha. —Você salvou a minha filha.

No silêncio que se seguiu, Blay sabia que tinha algo que deveria dizer. Sim... Tinha as palavras em sua língua. Tinha...

Merda. Com Qhuinn olhando para ele assim, não conseguia se lembrar de seu próprio nome. Blaysox? Blacklock? Blabberfox? Quem diabos sabia...

—Você salvou minha filha, — Qhuinn sussurrou.

As palavras que saíram da boca de Blay eram aquelas que ele iria se arrepender mais tarde, porque era especialmente importante, tendo em conta o sexo, que parecia estar acontecendo de vez em quando, para manter certa distância.

Mas como eles estavam ligados, olho no olho, estava impotente para deter a verdade. —Como poderia não tentar... Estava matando você. Não podia deixar de tentar algo. Qualquer coisa.

As pálpebras de Qhuinn fecharam brevemente. E então ele puxou Blay em um abraço que uniu da cabeça aos pés. —Você está sempre lá por mim, não é?

Conversa agridoce. Na realidade o macho estava indo formar uma família com alguém, com uma fêmea, com Layla, uma broca no centro do peito de Blay.

Era sua maldição, de muitas maneiras.

Retirou os braços envolta de Qhuinn e saiu. —Bem, eu espero que...

Antes que pudesse terminar, Qhuinn estava a sua frente, mais uma vez, e aqueles olhos azuis e verdes estavam queimando.

—O que, — Blay disse.

—Devo-lhe... Tudo.

Por alguma razão, isso doeu. Talvez porque, depois de anos tentando dar a si mesmo ao cara, a gratidão finalmente ganhou, ajudando-o ter um filho com outra pessoa.

—O que seja, você teria feito o mesmo por mim — disse ele asperamente.

E ainda mesmo, como ele disse isso, não estava certo. Se alguém o atacasse? Bem, com certeza, é claro, Qhuinn iria defendê-lo. Mas, novamente, o FDP de arrestas afiadas gostava de lutar e era um herói natural e isso não era nada sobre Blay.

Talvez isso fosse o ponto de esse vazio. Tudo fosse sempre nos termos de Qhuinn. A amizade. À distância. Mesmo o sexo.

—Por que você está me olhando assim? — Qhuinn perguntou.

—Assim como.

—Como se eu fosse um estranho.

Blay esfregou o rosto. —Desculpe. Apenas tem sido uma longa noite.

Houve um momento, muito tenso, durante o qual, tudo o que pôde sentir era o olhar de Qhuinn.

—Eu estou indo, — o guerreiro disse depois de uma pausa. —Acho que eu só queria... Sim. De qualquer maneira.

Os sons de botas pesadas no corredor fez Blay xingar...

A batida na porta foi única e muito forte: um irmão.

A voz de Rhage cortou facilmente através dos painéis. —Blay? Tohr está chamado uma reunião sobre o território de amanhã à noite. Sabe onde Qhuinn está?

Os olhos de Blay atravessou o quarto até o cara. —Não, não sei.

Oh, pelo amor de Deus, Qhuinn pensou com a interrupção. Embora, na realidade, a conversa tenha acabado, não era isso.

A boa notícia foi que pelo menos Rhage não entrou. Não tinha dúvida que Blay preferia que eles não fossem pego pendurado em seu quarto.

Hollywood definiu as coisas, —Se você o ver, deixa-o saber se ele quiser participar estamos numa convocação em cinco. Vamos entender totalmente se ele preferir ficar com Layla.

—Entendido, — Blay disse em uma voz morta.

Quando Rhage passou ao lado e bateu na porta de Z, Qhuinn esfregou o rosto. Não tinha ideia do que passou pela mente de Blay só agora, mas a maneira como aqueles olhos azuis o haviam encarado, se sentir como se um fantasma tivesse passado sobre seu túmulo.

Então, novamente, o que esperava? Invadiu o quarto que o cara compartilhava com Saxton, deu um grande longo beijo, e depois então todo sentimental sobre a coisa Payne... Este era o espaço Saxton. Não há espaço Qhuinn.

O cara tinha o hábito de levar as coisas, porém, não ele.

—Não vou vir aqui de novo, — Qhuinn disse, tentando fazer algum tipo de reparação. —Só queria que você soubesse que... Devo-lhe muito.

Qhuinn foi até a porta e inclinou-se, ouviu a voz de Rhage, fechou os olhos, esperando o corredor de estátuas estar limpo.

Jesus, ele poderia ser um canalha egoísta às vezes, realmente poderia...

—Qhuinn.

Seu corpo transformou em um centavo, com certeza, como se a voz de Blay fosse um corda que puxava ao redor. —Sim?

O macho andou a frente. Quando eles estavam olho-no-olho, Blay disse, —Eu ainda quero transar com você.

As sobrancelhas de Qhuinn bateram tão alto que quase caiu no tapete. E imediatamente, ele estava duro.

O único problema era que Blay não parecia feliz com a revelação. Mas por que estaria? Não era o tipo de macho que teria alguém por duas vezes facilmente, embora claramente a quebra da monogamia com Saxton o havia curado de ser fiel.

Fato que fez Qhuinn querer estrangular seu primo novamente. E a única coisa que o impediu de ir e encontrar a cadela foi que, neste caso, a situação trabalhava para ele.

—Quero estar com você, também, — disse ele.

—Vou ao seu quarto depois do amanhecer.

Qhuinn não queria perguntar. Tinha que fazer. —E sobre Saxton?

—Ele saiu de férias.

Reaaaaaaaaaaaaaalmente. —Por quanto tempo?

—Apenas um par de dias.

Muito ruim. Qualquer chance de uma extensão para... Como um ano ou dois? Talvez para sempre?

—Ok, é um — Qhuinn se deteve antes de terminar algo com *encontro*.

Não havia senso de brincadeira mesmo. Saxton estava fora. Blay queria transar. E Qhuinn estava mais do que disposto a fornecer ao macho o que ele queria.

Essa construção não era um encontro. Mas foda-se.

—Venha até mim, — ele disse em um grunhido. —Vou esperar por você.

Blay assentiu, como se tivessem feito um pacto, e então Blay foi o único a saiu primeiro, seu corpo pouco firme com a agressividade quando caminhou e passou pela porta.

Qhuinn viu o cara ir. Ficou para trás. Quase se confinou apenas para que pudesse se recompor.

De repente, estava com a cabeça fodida, apesar da promessa de que estariam juntos em questão de horas. Essa expressão no rosto de Blay o assombrava, a ponto de seu peito começar a doer. Merda, talvez esta série atual de conexões fosse apenas uma evolução dos pontos ruins que tiveram antes, uma nova faceta de sua infelicidade coletiva.

Nunca se deu conta de que ele não era bom para o outro. Que não haveria um futuro, algum tipo de união de mentes agora que ele se abriu depois de todos esses anos.

Enrolando um punho, bateu-o na soleira da porta, a marca punho mordeu de volta para a palma da mão.

Quando a dor queimou e, em seguida, bateu, por alguma razão pensou na caixa de brincos se impondo e gritando para sair. Sentiu como se fosse há muito tempo.

Mas não estava voltando. Se o sexo era o que poderia ter, estava indo para tê-lo. Além disso, o que Blay tinha feito por Layla?

Certamente isso significava algo. O cara manteve o suficiente para mudar o curso da vida de Qhuinn.

Não que Blay não tivesse feito isso ao longo do tempo.

Capítulo 57

Assail tomou forma ao lado da nascente de um riacho que permanecia livre de gelo graças aos seus constantes movimento.

A casa diante dele estava apenas há alguns segundos, tijolo vitoriana com o período da quintessência de gengibre marcando seus pórticos e entradas. Tão pitoresca. Tão caseiro. Especialmente com aquelas quatro longas janelas de vidro com chumbo, e os cachos de fumaça flutuando de não uma, mas três de suas quatro chaminés.

Que parecia indicar que seu proprietário estava de volta em casa à noite.

Cronometragem, por assim dizer: o amanhecer viria logo, por isso era lógico baixar o sarrafo de uma portinhola para o sol. Proteger o seu ambiente. Prepara para as horas necessárias para ficar dentro da casa, se proteger dos danos.

Assail andou pela neve imaculada, deixando rastos profundos no chão. Sem mocassins para este trabalho. Sem terno de negócio, ambos.

Sem Range Rover para sua ladra o seguir.

Chegando ao gramado lateral, foi até as janelas do chão ao teto da sala de recepção em que o dono da casa tinha, não muito tempo atrás, saudado alguns membros do Conselho... Junto com o Bando de Bastardos.

Assail estava entre os machos nessa reunião. Pelo menos até que se tornou claro que tinha de se afastar ou se meter em precisamente o tipo de discurso e drama que não estava interessado a entrar.

No vidro, olhou para dentro.

Elan, filho de Larex, estava em sua mesa, um telefone fixo em sua orelha, uma taça de conhaque em seu cotovelo, um cigarro queimando em um cinzeiro de cristal ao lado dele. Quando se inclinou para trás em sua poltrona de pele e cruzou as pernas na altura dos joelhos, parecia estar em um estado de relaxamento e autossatisfação semelhante ao êxtase pós-coito.

Assail fez um punho, o couro preto de sua luva rangendo sutilmente.

E então se desmaterializou na sala reformada diretamente atrás da cadeira do macho.

Num nível, ele não podia acreditar que Elan não fortalecesse sua morada com um sistema maior de segurança, aço fino sobre as janelas e dentro das paredes, por exemplo. Então, novamente, o aristocrata claramente sofre com a falta de avaliação de risco adequada, bem como uma arrogância que lhe concederia uma maior sensação de segurança do que realmente possuía.

—... E então Wrath contou uma história sobre seu pai. Devo confessar, em pessoa, o rei é bastante... Feroz. Apesar de não ser o suficiente para mudar de curso, naturalmente.

Não, Assail ia cuidar disso.

Elan se inclinou e pegou o cigarro. A coisa foi parafusada em um desses portadores antigos, do tipo que as mulheres tendem a usar, e quando ele trouxe aos lábios para dar uma tragada, a ponta se estendeu além da borda da cadeira.

Assail desembainhou uma lâmina de aço brilhante que era tão longa quanto seu antebraço.

Esta era sua arma preferida para este tipo de coisa.

A frequência cardíaca era tão firme quanto sua mão, sua respiração uniforme e regular, enquanto se aproximava por trás da cadeira. Com deliberação, deu um passo para um lado, posicionando-se de modo que o seu reflexo aparecesse na janela em frente à mesa.

—Não tenho conhecimento se foi a Irmandade em tudo. Quantos deles permanecem? Sete ou oito? Trata-se de uma parte do problema. Nós não sabemos mais quem eles são. — Elan bateu o cigarro, a pequena pilha de cinzas caindo no cinzeiro. —Agora, enquanto estava na reunião, instruiu um colega meu de estar em contato com você, desculpe? É claro que eu lhe dei o seu número, e me ofende o seu o tom. Sim, ele estava aqui na reunião em minha casa. Ele vai... Não, não farei isso novamente. Será que você vai deixar de me interromper? Eu acho que sim.

Elan deu uma tragada e lançou a fumaça em uma corrida, sua contrariedade manifestada em sua respiração. —Podemos seguir em frente? Obrigado. Como eu estava dizendo, meu colega deve entrar em contato com relação a uma determinada disposição legal que pode nos ajudar. Ele me explicou, mas como ele é muito técnico, eu achei que você gostaria de perguntar a ele mesmo.

Houve uma pausa bastante longa. E quando Elan falou em seguida, o tom era mais calmo, como se as palavras aplacadas tinham acalmado os ânimos de seu ego. —Ah, e uma última coisa. Eu cuidei do nosso pequeno problema com certo "espírito empresarial" do macho...

Assail deliberadamente enrolado seu punho.

Quando o couro a luva mais uma vez deixou escapar o som suave de protesto, Elan endireitou na cadeira, o pé cruzado retornando ao chão, sua espinha alongou para cima de tal forma que sua cabeça apareceu sobre o encosto da cadeira. Ele olhou para a esquerda. Parecia certo.

—Eu preciso ir...

Naquele momento, os olhos Elan foram até a janela em frente a ele, e viu o reflexo de seu assassino no vidro.

Quando Xcor ficou em uma sala isolada, com um sistema de aquecimento adequado, teve que admitir que preferiu a escolha mais recente de Throe do que os alojamentos no calabouço do armazém em que viviam anteriormente. Talvez gostasse de agradecer à Sombra que se intrometeu, cruzando seu caminho de novo.

Então, novamente, talvez a sensação de calor em seu corpo fosse o seu temperamento queimando e não em função da canalização bem operacional. O aristocrata do outro lado de seu telefone celular estava testando seu último nervo.

Não queria ser contatado por ninguém do Conselho. Gerenciar um membro da *glymera* era suficiente.

Embora normalmente tivesse uma abordagem pacificadora com Elan, lambeu sua ira para fora. —Não dê o meu número a ninguém.

Elan e ele se alteraram e um pouco adiante a ira do próprio aristocrata subiu.

O que claro, não era bom. Queria uma ferramenta útil em uma das mãos. Não algo com um aperto espinhento.

—Minhas desculpas, — Xcor murmurou depois de um tempo. —É só que prefiro lidar com os tomadores de decisão apenas. É por isso que eu entro em contato com você e só você. Não tenho nenhum interesse nos outros. Só você.

Como se Elan fosse uma fêmea e suas ligações fossem românticas.

Xcor revirou os olhos quando o aristocrata caiu nessa, e continuou seu discurso. —... E uma última coisa. Cuidei do nosso pequeno problema com certo "espírito empresarial" do macho...

Instantaneamente, apanhou a atenção de Xcor. O que, em nome do destino, o idiota fez agora?

Na verdade, isso pode ser monstruosamente inconveniente. Diria que a conversa sobre a incapacidade de Assail de ver a luz ao redor do destronamento de Wrath em especial, o macho, não consideraria a fragilidade de Elan, ele era tão frágil quanto um a seda. E tanto quanto Xcor detestava lidar com o filho de Larex, havia investido tempo e recursos consideráveis na relação.

Poderia ser uma pena perder o meliante agora, e ter que estabelecer ainda outro canal no Conselho.

—O que você disse? — Xcor exigia.

O tom de Elan mudou, engatilhou uma desconfiança, —Eu preciso ir ...

O grito que soou através do telefone era tão alto e estridente, que Xcor arrancou o celular longe de sua orelha e segurando-o longe.

Ao som, os seus combatentes que estavam relaxando ao redor da sala em várias posições, viraram a cabeça em sua direção, jogando de testemunha, quando ouviu o assassinato de Elan.

O som estridente continuou por algum tempo, mas não implorou por misericórdia, ou porque o atacante estava trabalhando rapidamente, ou porque estava muito claro, mesmo para um macho morrendo, que não haveria nenhuma do atacante.

—Sujo, — Zypher comentou ainda com o som vibrou fora do telefone. —Muito sujo.

—Ainda tem uma via respiratória, — outro apontou.

—Não por muito tempo — outro opinou

E eles estavam certos. Não mais do que um momento depois, algo bateu no chão duro e foi o fim dos sons.

—Assail, — Xcor disse rispidamente. —Pegue o telefone, porra. *Assail.*

Houve um ruído, como se o receptor de Elan fosse recuperado de onde havia caído. E então houve o som de respiração na linha.

Que sugeriu que Elan poderia muito bem estar em pedaços.

—Eu sei que é você, Assail, — Xcor disse. —E só posso imaginar que Elan falou demasiado e a indiscrição voltou para os seus ouvidos. No entanto, você tomou meu parceiro de mim, e é um ato de violação mortal.

Foi uma surpresa quando o macho respondeu, sua voz profunda e forte. —De volta ao Velho País, foram constituídas disposições para afrontas contra a reputação. Certamente você não só as recorda, mas não nega meu direito de retaliação no Novo Mundo.

Xcor mostrou suas presas, embora não porque estava frustrado com o quem estava falando. Fodido Elan. Se o filho da puta idiota tivesse apenas se prestado a ser um informante, ainda estaria vivo e Xcor poderia ter tido a satisfação de matá-lo no final de tudo isso.

Assail continuou. —Ele afirmou aos representantes do rei que eu fui o responsável por seu tiro de rifle, aquele que foi usado em minha propriedade sem o meu conhecimento ou permissão e... — ele cortou antes de Xcor poder falar, —você está bem ciente de como exatamente eu nada tive a ver com esse ataque, não é?

Voltando ao tempo de Bloodletter, esta conversa nunca teria ocorrido. Assail seria caçado como um obstrucionista e eliminando tanto para fins e esporte.

Mas Xcor aprendeu a lição.

Quando seus olhos foram para Throe de pé tão alto e elegante entre os outros, pensou, sim, sabia que havia um lugar adequado e no tempo certo... Normas, ele acreditava na palavra.

—Eu quis dizer o que eu vos disse: Xcor, filho do Bloodletter. — Quando Xcor se encolheu na referência, ficou contente por esta conversa está ocorrendo por telefone. —Não tenho nenhum

interesse em qualquer agenda sua ou do rei. Sou um empresário apenas, me demiti do Conselho e eu estou desalinhando com você. E Elan tentou fazer de mim um traidor, algo que, como você bem sabe, vem com um preço sobre a cabeça. Levei a vida Elan, porque tentou tomar a minha. É perfeitamente lícito.

Xcor amaldiçoou a si mesmo. O macho tinha um ponto muito bom. E a rígida neutralidade de Assail no início parecia inacreditável, agora Xcor estava começando a... Bem, a confiança não era uma palavra que usava com qualquer outra pessoa que seus soldados.

—Diga-me uma coisa, — Xcor demorou.

—Sim?

—Está sua cabeça imunda ainda ligada em seu pequeno corpo fraco?

Assail riu. —Não.

—Você sabe que está entre minhas maneiras favoritas de matar?

—Um aviso para mim, Xcor?

Xcor olhou para Throe, e pensou novamente na virtude de códigos de comportamento entre os homens até mesmo em guerra.

—Não, — declarou ele. —Só uma coisa que temos em comum. Adeus a ti, Assail, para o que resta desta noite.

—A ti também. E nas palavras de nosso conhecimento mútuo, preciso ir. Antes que seja forçado a abater o mordomo doggen que está batendo, neste exato instante, sobre a porta que eu tenho bloqueada.

Xcor jogou a cabeça para trás e riu quando terminou a chamada.

—Você sabe, — ele disse a seus combatentes, —gosto bastante dele.

Capítulo 58

Na noite seguinte, quando as persianas se levantaram e um alarme despertou, Blay não reconheceu o som e abriu os olhos.

Este não era o seu quarto. Mas sabia exatamente onde estava.

Próximo a ele, contra suas costas, Qhuinn se mexia, o corpo do macho alongando, roçando a pele nua contra a sua e não foi que fez a sua ereção despertar começando a pulsar.

Qhuinn estendeu através da cabeça de Blay, seu braço pesado se estendeu, sua mão batendo para silenciar o relógio.

Para que não deixasse qualquer dúvida sobre se haveria ou não uma rapidinha antes de todo chuveiro-vestir-primeira-refeição, Blay se arqueou empurrando a bunda na pelve de Qhuinn. O gemido que disparou em seu ouvido o fez sorrir um pouco, mas as coisas ficaram sérias quando a mão de Qhuinn serpenteou para baixo e encontrou seu pênis.

—Ah, foda-se, — Blay suspirou quando moveu a perna para cima e para fora do caminho.

—Tenho de estar dentro de você.

Engraçado, Blay estava pensando exatamente a mesma coisa.

Quando Qhuinn o montou, Blay aliviou em seu estômago, esmagando palma de Qhuinn no cume duro de sua excitação.

Não demorou muito para o ritmo vir rápido e furioso, e, quando as bolas de Blay apertaram ainda com outro lançamento, admirou que o seu desespero pelo cara só parecia crescer. Pensava que o número de vezes que eles gozaram juntos, literalmente, durante o dia, o teria feito queimar até ferver.

Não aconteceu.

Entregando-se ao prazer, Blay rangeu os dentes quando a sua libertação disparou ao mesmo tempo em que os quadris de Qhuinn trancaram e o macho resmungou.

Não houve segundo turno. Não que Blay não quisesse e Qhuinn não fosse capaz, o relógio era o problema.

Quando Blay reabriu os olhos, a leitor digital do alarme de Qhuinn lhe disse que tinham apenas quinze minutos para estarem prontos, apenas o tempo para um banho rápido de macho e se armar, nada extra. Meio que fez ele desejar que os guerreiros tivessem mais tempo para um mousse para um duplo barbear, perfume, roupa combinando, típico dele.

Com outro de seus gemidos eróticos Qhuinn aliviou em seus lados, mantendo-os unidos. Quando o cara respirou profundamente, Blay percebeu que ele poderia ficar assim para sempre, apenas os dois em um quarto, em um escuro silêncio. Neste momento de paz e sossego, não havia saliência do passado, ou qualquer coisa que precisava ser dita, embora houvesse, ou terceiros reais ou fabricados, entre eles.

—No final da noite, — Qhuinn disse com uma voz rouca, —vai me encontrar novamente.

—Sim, eu vou.

Não havia outra resposta que lhe ocorresse. Na verdade, se perguntava como ele iria esperar pelas 12 horas de escuridão, de refeições e trabalho até que ele pudesse escapar e voltar aqui.

Qhuinn murmurou algo que soou como, —Graças a Deus. — Então ele gemeu quando desengatou, retirando-se. Na sequência, Blay ficou onde estava por um breve momento, mas no final não tinha escolha salvo se levantar, ir para fora e voltar para onde pertencia.

Graças a Deus que ninguém o viu.

Conseguiu voltar para seu quarto sem que ninguém testemunhasse a caminhada da vergonha, e sim, dentro de quinze minutos estava tomado banho, coberto de couro e armado. Pisando fora da sua porta, ele...

Qhuinn saiu de seu quarto no mesmo exatamente momento.

Ambos congelaram.

Normalmente, andando juntos seria marginalmente desajeitados, o tipo de coisa que eles tinham feito durante as conversas fiadas.

Mas agora...

Qhuinn baixou os olhos. —Você primeiro.

—Ok. — Blay virou para ir embora. —Obrigado.

Blay lançou seu coldre no peito e sua jaqueta de couro por cima do ombro e se afastou. Até o momento em que ele atingiu a escada, sentiu como os anos se passaram desde que eles tinham ficado tão juntos. Tinha o dia entre eles, o que estava acontecendo, porra?

Jesus estava começando a sentir insano.

Entrando na sala de jantar abaixo, pegou uma cadeira vazia aleatória e pendurou seu material sobre o dorso como os outros faziam, embora Fritz odiasse armas em torno de sua comida. Em seguida, agradeceu o *doggen* que o presenteou com um prato totalmente cheio e começou a comer. Não poderia ter dito o que tinha sido servido a ele, ou quem estava conversando ao redor da mesa. Mas sabia exatamente quando Qhuinn veio através dos umbrais. Seu núcleo começou a cantarolar, e era impossível não olhar por cima do ombro.

Houve um impacto físico imediato quando ele viu aquele corpo enorme vestido de preto, e derramando armas, como se uma bateria de carro estivesse ligado ao seu sistema nervoso.

Como Qhuinn não encontrou seus olhos, supôs que fosse uma coisa boa. Os outros ao redor da mesa conhecia os dois muito bem, especialmente John, e as coisas eram complicadas o suficiente sem a galeria de amendoim benevolente tendo a chance de pesar, não que nada seria dito publicamente. Privadamente, embora? Conversa de travesseiro corria solta em ambiente doméstico.

Algo de dar inveja.

Qhuinn começou a avançar, então abruptamente mudou de direção e caminhou tooooodo o caminho de volta para o outro lado da mesa, a única cadeira, que não fosse ao lado de Blay, que estava vazio.

Por alguma razão, Blay pensou na conversa que tivera com sua mãe ao telefone, aquele, em que ele finalmente admitiu a um membro de sua família quem ele realmente era.

Desconforto emplumou em sua nuca. Qhuinn nunca faria algo como sair, e não porque seus pais estavam mortos, ou porque, quando o par estava vivo, eles haviam odiado seu filho.

Eu me vejo com uma fêmea a longo prazo. Não posso explicar isso. É apenas a maneira que vai ser.

Blay empurrou o prato.

—Blay? Olá?

Agitando-se, olhou para Rhage. —Desculpe?

—Eu perguntei se você estava pronto para brincar de Nanook do North[177].

Ah, isso é certo. Eles estavam indo de volta para aquele trecho da floresta onde tinha encontrado as cabines e o *lesser* com o poder especial de um espírito, assim como esse avião, que no momento, estava recolhendo a neve no quintal.

Ele, John e Rhage estavam no convés com a atribuição. E Qhuinn.

—Eu... Sim, absolutamente.

O membro o mais bonito da Irmandade franziu a testa, seus olhos azuis caribe se estreitaram. —Você está bem?

---

[177] *Documentário sobre a vida dos esquimós. No caso, Rhage está brincando ao dizer que iriam brincar na neve e no frio, caçando o lesser.*

—Sim. Muito bem.

—Quando foi a última vez que você se alimentou?

Blay abriu a boca. Fechou. Tentando fazer a matemática.

—Hum-hum. Exatamente o que pensava. — Rhage inclinou-se e falou ao redor do peito de Z. —Ei, Phury? Você acha que uma de suas Escolhidas pode vir aqui e substituir Layla de madrugada? Temos algumas necessidades de sangue.

Grande. Apenas o que ele queria fazer no final da noite.

Cerca de uma hora depois, Qhuinn tomou uma respiração afiada quando se materializou no frio. Chuviscos vibraram ao redor de seu rosto, ficando em seus olhos e seu nariz. Um por um, John, Rhage e Blay assumiram a forma com ele.

Quando se encontraram no hangar do avião esburacado trouxe de volta lembranças da viagem *fakakta*[178], Cessna e a viagem "Ave Maria" e o pouso forçado.

Feliz, feliz, alegria, alegria.

—Bom para ir — ele disse a Rhage.

—Vamos fazer isso.

O plano era continuar vasculhar quatrocentos metros até que chegasse às primeiras cabines que já tinham sido. Depois disso, localizariam os outros edifícios na propriedade, utilizando o mapa que tinham encontrado anteriormente como guia. Basta procurar o seu típico / protocolo de reconhecimento.

Ele não tinha ideia do que iria encontrar, mas era o ponto. Você não sabe até que você faça o trabalho.

Quando Qhuinn enviou se a frente tinha plena consciência de onde estava Blay. No entanto, quando emendou em frente à primeira cabine não olhar quando Blay apareceu cerca de um metro e meio de distância. Não é uma boa ideia. Mesmo que eles estivessem em missão, tudo o que tinha a fazer era fechar os olhos e sua mente inundava com imagens de corpos nus entrelaçados na penumbra de seu quarto.

Além disso, o visual confirmando que o cara era quente pra caralho não era uma ajuda.

Tinha vergonha de admitir isso, mas agora, a única coisa mantendo eles juntos era o fato de Blay ter prometido ir a ele de madrugada. As consequências do embaraço na primeira refeição só fez ansiar a comunhão ainda mais, até o ponto de estar abalado com a ideia de que um dia, no futuro próximo, Saxton estaria de volta e Blay iria parar de andar para a sua porta, em seguida, que porra ele iria fazer.

Que confusão maldita.

Pelo menos Layla estava indo bem, ainda com náuseas e constantemente sorrindo.

Ainda grávida, graças à intervenção do Blay...

—Oriente-se para nordeste, — Rhage disse quando ele consultou o mapa.

---

[178] *Uma palavra usada para descrever algo que não está funcionando bem ou é uma porcaria.*

—Entendido, — respondeu Qhuinn.

E assim eles foram mais fundo no território, a floresta espalhando ao redor deles por centenas e centenas de metros... E depois por um quilômetro. E depois por vários quilômetros.

As cabines estavam basicamente às mesmas, cerca de 20 por 20, abertas em um espaço no centro, sem paredes do banheiro, sem cozinha, apenas um teto e quatro arquivos para baixo, o pior sob as condições meteorológicas. O mais longe que fossem, mais dilapidadas tornavam as estruturas e estavam todas vazias. Lógico. Esta era uma longa caminhada se você estivesse a pé e *lessers*, tanto quanto forte eles fossem, não poderia desmaterializar.

Pelo menos, a maioria deles não podia.

Isso tinha que ter sido o *Fore-lesser*, pensou. Como única explicação por quanto que feriu, o assassino passou como fantasma.

A sétima cabine que eles chegaram estava diretamente em uma trilha que era usada com frequência suficiente, em algum momento, de modo que eles ainda podiam ver o seu caminho através das sempre-vivas.

Esta estava faltando uma série de painéis de vidro, e sua porta foi arrombada, um monte de neve invadindo como o ladrão. Qhuinn rangeu sombriamente através do bloco de gelo, suas botas fazendo picadinho da superfície original quando ele fechou em uma varanda. Com uma lanterna na mão esquerda e uma 45 na direita, pulou sob o beiral e se inclinou para dentro.

Mesma merda, distinto espaço morto.

Enquanto varria o interior, havia um monte de absolutamente nada. Sem móveis. Algumas prateleiras embutidas que estava vazio. Teias de aranha que agitavam com a brisa que vinha através das vidraças presas.

—Limpo, — ele declarou.

Afastando-se, achou que isso era besteira. Ele queria estar no centro da cidade chutando bunda, não aqui no meio do nada, caçando, bicando e chegando a nada.

Rhage colocou uma lanterna entre os dentes e abriu o mapa mais uma vez. Fazendo uma marca com uma caneta, ele bateu o papel pesado. —A última está cerca de quatrocentos metros para o oeste.

Obrigado. Foda-se.

Assumindo que tudo fosse como as outras, eles devem estar fora disso e enfrentar o inimigo nas ruas dentro de 15, talvez 20 minutos.

Muito fácil[179].

Capítulo 59

—Você parece realmente feliz.

[179] *A expressão é Piece of cake. Muito usada para referir à coisa muito fácil - correspondência em português para a expressão mamão com açúcar.*

Layla olhou. Em algum nível, era inimaginável que a rainha da raça estivesse encostada ao lado dela na cama, lendo a revista *Us Weekly* e *People* e assistindo televisão. Então, novamente, exceto pelo Saturnino Ruby vermelho sangue brilhando em seu dedo, ela era tão normal quanto poderia ser.

—Eu estou. — Layla pôs de lado o artigo sobre a nova temporada de *The Bachelor* e colocou a mão sobre sua barriga. —Estou em êxtase.

Especialmente tendo em conta que Payne a visitou mais cedo e parecia estar de volta ao normal. Apesar de que seu desejo de continuar a gravidez fosse quase patológico, a ideia de que a bênção veio com um custo para outra fêmea não lhe fazia bem.

—Você gostaria de ter filhos? — Layla desabafou. E então teve que adicionar, —Se não ofender...

Beth desfez a preocupação. —Você pode me perguntar qualquer coisa. E, Deus, sim. Eu quero tanto. É engraçado, antes da minha mudança? Não tinha interesse nisso em tudo. Eles eram uns barulhentos, complicações fora de controle, que sinceramente não sabia porque as pessoas se preocupavam em trazer para suas vidas. Então conheci Wrath. — Ela empurrou o cabelo escuro para trás e riu. —É desnecessário dizer que tudo mudou.

—Quantos períodos de necessidade você já teve?

—Estou esperando. Orando. Contagem regressiva.

Layla franziu a testa e se ocupou em abrir um novo pacote de biscoito. Era difícil lembrar em específico, dessas horas loucas com Qhuinn, mas que foi uma tentativa de épicas proporções.

Dado o milagre que ainda estava descansando dentro dela, tudo valeu a pena.

No entanto, não poderia dizer que quisesse atravessar seu período fértil novamente. Pelo menos não sem medicação.

—Bem, desejo a sua necessidade venha para você em breve, então. — Layla pegou ainda outro biscoito, o pedaço quadrado que derretia na boca. —E eu não posso acreditar que estou dizendo isso.

—É tão difícil como... Quero dizer, não consegui falar com Wellsie muito sobre a dela, antes dela passar, e Bella nunca disse nada sobre a sua. — Beth olhou para o anel da rainha, como se admirasse a forma como a pedra capturava e refletia a luz. —E não sei Autumn, tudo que bem... Ela é adorável, mas dado tudo o que ela e Tohr acabaram de passar, não parece um tema apropriado para abrir com ela.

—É principalmente um borrão, para ser honesta.

—Provavelmente uma bênção, hein.

Layla fez uma careta. —Eu gostaria de poder dizer o contrário, mas sim, eu acredito que é uma bênção.

—Tem que valer a pena, no entanto.

—Sem dúvida, eu estava pensando essa coisa, como uma questão de fato. — Layla sorriu. —Você sabe o que eles dizem sobre fêmeas grávidas, sim?

—O quê?

—Se você passar tempo com elas, eles vão incentivar a sua necessidade a vir.

—Reeeeeealmente. — A rainha sorriu. —Então, poderia ser a resposta às minhas orações.

—Bem, não tenho certeza se é verdade. Do outro lado, nós somos férteis o tempo todo. É só aqui na Terra que as fêmeas estão sujeitas a flutuações hormonais, mas tenho lido sobre o efeito na biblioteca.

—Então vamos fazer a nossa própria experiência, certo? — Beth ofereceu sua mão para um aperto. —Além disso, gosto de estar aqui. Você é muito inspiradora.

As sobrancelhas de Layla arquearam quando ela compreendeu o que foi dito a ela. —inspiradora, oh, não. Não vejo nada disso.

—Pense em tudo o que você passou.

—A gravidez resolveu-se, no entanto...

—Não só isso. Você é a sobrevivente de um ritual. — Conforme Layla deu-lhe um olhar vazio, a rainha perguntou. —Você nunca ouviu falar disso?

—Eu conheço a definição da palavra. Mas não tenho certeza de que se aplica a mim.

A rainha desviou o olhar, como se não quisesse criar discórdia. —Ei, eu poderia estar errada, e você certamente sabe melhor do que eu, além disso, você está feliz agora, e isso é o que importa.

Layla focada na televisão do outro lado. Do que ela entendeu, um ritual não era uma coisa boa, e sobrevivente era um termo normalmente associado com pessoas que tinham passado por algum tipo de trauma.

O Santuário era plácido e temperado como um dia de primavera sobre a terra, todas as fêmeas estavam em um lugar sagrado, calmo e em paz com os seus deveres importantes para a mãe da raça.

Nenhuma coerção. Nenhuma contenda.

Por alguma razão, a voz de Payne entrou em sua mente.

Você e eu somos irmãs de minha mãe-tirania vítimas de seu grande plano para o modo como as coisas devem ser. Nós duas estávamos presas por ela de maneiras diferentes, você como uma Escolhida, eu como sua filha de sangue.

—Sinto muito, — a rainha disse, estendendo a mão e tocando o braço de Layla. —Eu não queria incomodá-la. Sinceramente não sei o que diabos estou falando.

Layla estalou de volta a atenção. — Oh, por favor, não se preocupe. — Apertou a mão da rainha. —Eu não tomei como nenhuma ofensa. Mas agora, vamos falar de coisas mais felizes, tal como o seu *hellren*. Ele deve estar impaciente para que o seu tempo venha também.

Beth riu com força. —Isso não é exatamente o ele quer.

—Certamente ele deve querer um herdeiro?

—Acho que ele vai me dar um. Mas só porque eu quero tanto uma criança.

—Oh.

—'Oh' é certo. — Beth deu a palma de Layla um aperto. —Ele só se preocupa demais. Sou forte, saudável e pronta para isso. Agora, se eu pudesse ordenar ao meu corpo para entrar em marcha, esperançosamente, aceitaria sua sugestão.

Layla sorriu e esfregou a barriga lisa. —Você ouviu isso, pequena? Você precisa ajudar sua rainha. É importante para a família real de ter uma criança.

—Mas não é para o trono, — Beth interrompeu. —Não da minha parte. Só quero ser uma mãe, e quero ter filho do meu marido. No âmago, é tão simples assim.

Layla ficou em silêncio. Estava tão feliz de ter Qhuinn com ela nesta jornada, mas que teria sido maravilhoso ter um companheiro adequado para se deitar ao lado dela e embalá-la durante o dia, amá-la e abraçá-la e dizer que ela era preciosa não só pelo o que seu corpo pode fazer, mas para inspirar em seu coração.

Uma imagem do rosto severo de Xcor brilhou em sua mente.

Balançando a cabeça, pensou, não, não deve pensar sobre isso. Precisava manter-se calma e relaxada pela sua criança, seu stress certamente seria transmitido ao que seu ventre nutrido. Além disso, já fora abençoada com muito, e se a gravidez for duradora e ela sobreviver ao nascimento?

Haveria concedido um verdadeiro e permanente milagre.

—Tenho certeza que vai funcionar com o rei, — ela anunciou. —O destino tem uma maneira de nos dar o que precisamos.

—Amém, irmã. Amém.

Sola levou o Audi diretamente na calçada da casa de vidro no rio, e estacionado na porta traseira da coisa.

Saiu, plantou suas botas na neve, colocou a mão dentro de sua jaqueta no punho de sua arma e fechou a porta com o quadril. Então marchou até a entrada, fez contato visual com a linha do teto.

Tinha que haver câmeras de segurança lá em cima.

Não se preocupou em tocar a campainha ou bater na porta. Ele saberia que estava ali. E se ele não estivesse em casa? Bem, então pensaria em um cartão de visita desagradável de algum tipo para deixar a ele.

Talvez explodir um alarme de segurança? Uma janela aberta ou um armário?

Ou algo faltando dentro...

A porta abriu e lá estava ele, vivo e em pessoa, exatamente como estava na noite anterior, e ainda, como sempre, de alguma forma, mais alto, mais perigoso e mais sexy do que se lembrava.

—Não é isso um pouco óbvio para você? — Ele demorou.

Ele estava vestido com um terno escuro de algum designer de modo e a coisa provavelmente foi costurado à mão, bem como, dada a forma como lhe cabe perfeitamente.

—Estou aqui para definir algo em linha reta, — disse ela.

—E você parece querer ditar os termos. — Como se isso fosse uma ideia singular. —Algo mais? Por acaso você trouxe o jantar? Estou com fome.

—Vai me deixar entrar, ou você quer fazer isso no frio?

—Está com sua mão em uma arma, por acaso?

—Claro que estou.

—Nesse caso, entre.

Quando ele se afastou, ela revirou os olhos. Por que o fato de que poderia matá-lo iria incentivar o macho a deixá-la em entrar em sua casa era um mistério...

Sola congelou quando olhou para uma cozinha moderna. De pé, ombro-a-ombro estavam dois homens que eram imagens idênticas um do outro. Também era tão grandes quanto o macho pelo qual ela viera, tão perigoso e cada um tinha uma arma em sua mão.

Tinham que ser os únicos que estiveram com ele debaixo da ponte.

A porta fechou e apesar de suas glândulas suprarrenais soltarem uma explosão de aviso, manteve a reação a elas.

Aquilo que ela veio ver passou por ela quando sorriu. —Estes são os meus companheiros.

—Quero falar com você sozinho.

O macho se afastou de um balcão de granito, colocou um charuto entre os dentes e o acendeu com um isqueiro de ouro. Quando ele fechou o isqueiro exalou uma nuvem de fumaça azul e olhou para ela. —Meus senhores, poderiam nos dar licença por um momento.

Os gêmeos Sr. Happys[180] não pareceram satisfeitos com a demissão. Então, novamente, você poderia provavelmente tentar lhes dar um bilhete de loteria premiado que teria comido a sua mão até seu pulso. Apenas o princípio.

Eles saíram, no entanto, movendo-se de forma sincronizada, o que foi altamente inquietante.

—Onde você encontrou esse par? — Perguntou secamente. — Na Internet?

—É incrível o que se pode assegurar no eBay[181].

De repente, ela cortou a porcaria. —Eu quero que você pare de me seguir.

O macho deu uma tragada no charuto, a extremidade grossa cintilou um alaranjado brilhante. —Você.

—Você não tem nenhum motivo para isso. Não vou vir aqui de novo, a qualquer título.

—Realmente.

—Você tem a minha palavra.

Não havia nada mais que Sola odiava, que ter admitir a derrota, e desengatar da vigilância desse cara e sua propriedade era um tipo de desistência. Mas que isso, o desentendimento na noite passada, enquanto esteve em um encontro com um inocente, pelo amor de Deus, lhe disse que as coisas estavam ficando fora de controle. Ela era perfeitamente capaz de brincar de gato e rato e fez isso o tempo todo em sua profissão. Com este macho, no entanto? Não havia objetivo final a ser vencido, nem dia de pagamento esperando sua as informações recolhidas, nenhuma intenção de roubá-lo.

E as apostas estavam aumentando.

Especialmente se eles se beijassem de novo, porque duvidava que ela pudesse parar, e a definição de estúpida era dormir com alguém como ele.

---

[180] *Senhores Felizes.*
[181] *eBay é o nome de uma empresa de comércio eletrônico fundada nos Estados Unidos, em 1995, por Pierre Omidyar. Atualmente é o maior site do mundo para a venda e compra de bens.*

—Sua palavra — disse ele. —E exatamente quanto é que vale a pena.

—É tudo o que tenho para lhe oferecer.

Seus olhos, aqueles raios laser se estreitaram sobre sua boca. —Não estou tão certo disso.

Seu sotaque, a voz profunda e deliciosa, transformaram as sílabas em uma carícia, algo que quase podia sentir na pele.

Era justamente por isso que estava fazendo isso. —Você não tem nenhum motivo para me seguir. Eficaz agora.

—Talvez eu goste da exibição. — Enquanto seus olhos percorreram seu corpo, outro choque passou por ela, mas não do tipo ansioso. —Sim, acho que gosto. Diga-me uma coisa, você gozou a sua noite fora? Comida seu gosto? Companhia... A seu gosto?

—Estou parando esta noite. Você não vai me ver de novo.

Como isso era tudo que tinha a dizer, se virou.

—Você honestamente acha que termina aqui entre mim e você?

Em sua voz escura e bonita soou uma ameaça sinistra.

Sola olhou por cima do ombro. —Você me pediu para não invadir ou espionar... Eu não vou.

—E digo a você mais uma vez, você honestamente acha que termina assim.

—Estou dando o que você quer.

—Nem mesmo perto, — ele rosnou.

Por um momento, a conexão que se forjou no frio quando seus lábios se trancaram em seu carro e seus corpos se apertaram, saltou à vida.

—É tarde demais para recuar. — Ele deu outro sopro. —Sua chance de fugir chegou... E foi.

Ela se virou para ele. — Não colocar um ponto demasiado fino sobre isso, é besteira. Não tenho medo de você ou qualquer outra pessoa, então venha para mim. Mas sei que vou machucar você para me defender...

Um som abrupto vibrou através do ar entre eles.

Ronronado? Estava o macho realmente ronronando...

Ele deu um passo a frente. Em seguida, outro. E, como um cavalheiro poderia, segurou o charuto para o lado, como se não quisesse queimá-la ou jogar fumaça em seu rosto.

—Diga-me seu nome, — disse ele. Ou ordenou, mais parecido com ele.

—Acho difícil acreditar que você ainda não saiba.

—Eu não sei. — Isso foi dito com um arquear de sobrancelha, como se as informações estivesse embaixo. —Diga-me seu nome e vou deixar você sair daqui agora.

Deus... Seus olhos... Eles eram luar e sombra entrelaçados, uma cor impossível algum lugar entre a prata, o violeta e azul claro.

—Como os nossos caminhos não irão se cruzar, não é relevante...

—Só para você saber... Você vai se entregar a mim...

—Desculpe-me...

—Mas você vai me implorar o primeiro.

Sola se projetou a frente, seu temperamento soprando todo vamos-ser-razoável direto para fora água. —Sobre o meu cadáver.

—Sinto muito, não para o meu gosto. — Ele deixou cair o queixo e olhou para ela por debaixo pálpebras abaixadas. —Eu prefiro você quente... E molhada.

—Não vai acontecer. — Girou para longe e se dirigiu para a porta. —E está feito.

Assim quando entrou na antessala, seu olho pegou alguma coisa no banco rente a parede oposta ao espaço que ocupava.

Sua cabeça virou, e seus pés vacilaram. Era uma faca, uma faca muito longa, muito longa era quase uma espada.

Havia sangue vermelho brilhante na lâmina.

—Repensando a sua partida — disse ele com aquela voz escura diretamente atrás dela.

—Não. — Ela se atirou para a porta e a puxou abrindo. —Eu estou no caminho certo com isso.

Fechando a coisa atrás dela, queria correr para o carro, mas se recusou a ceder ao pânico mesmo quando esperava que ele viesse atrás dela.

E ainda assim o macho ficou firme, próximo à porta que ela saiu de bom grado, observando-a, enquanto entrava, ligava motor e colocava o Audi em marcha.

Quando entrou no carro, seu coração estava batendo...

Especialmente quando um pensamento verdadeiramente terrível lhe ocorreu.

Empurrando a mão em sua bolsa, se sentia em torno de seu telefone e quando o encontrou, entrou na lista de seus contatos, selecionou um e clique em enviar. Em frangalhos pelo medo, colocou o celular até sua orelha, mesmo que estivesse com Bluetooth e que era contra a lei em Nova York não estar de mãos livres.

Atenda.

Atenda.

Atenda...

—Olá! Estava esperando ouvir você.

Sola caiu no banco do motorista, sua cabeça caiu para trás contra o resto. — Olá, Mark.

Deus, o som da voz do macho era um alívio.

—Você está bem? — Seu treinador perguntou.

Ela pensou na lâmina sangrenta. —Estou. Sim. Você está apenas saindo do trabalho?

Quando eles embarcaram em uma conversa bastante agradável, deixou seu pé pesado ir sobre o pedal do acelerador, a paisagem coberta por neve branca. A estrada suja e pesada. Árvores esqueléticas. Pequena cabana antigas com uma luz em seu interior. Planície, espaços vazios sobre o rio para a esquerda.

Toda vez que piscava, via a forma na porta. Observando. Delineando. Querendo...

Ela.

E porra, o corpo dela estava desesperado para ser pego por ele.

Capítulo 60

Quando Qhuinn se materializou, sua lanterna iluminou a última cabana. Não esperou os outros neste momento, apenas marchou à frente, lançando para a porta, que estava intacta e bem fechada...

Seu primeiro indício de que algo estava errado veio quando pegou a maçaneta e uma carga elétrica de baixo nível lambeu em sua mão e viajou até seu braço.

Retraindo a palma da mão, sacudindo as coisas, seus instintos ficaram em alerta máximo.

—O que é? — Rhage perguntou quando o irmão alcançou a pequena varanda.

Qhuinn olhou ao redor, notando que Blay e John estavam na periferia. —Eu não sei.

Rhage foi para a porta e teve a mesma reação, recuando fortemente. —Que porra.

—Isso é certo. — Qhuinn murmurou quando recuou e iluminou ao redor.

As duas janelas de cada lado da entrada foram fechadas com tábuas, e quando se aproximou e olhou para o lado da estrutura, o mesmo ocorreu desse lado também.

—Foda-se, — Rhage rosnou. O irmão deu três passos para trás e, em seguida, correu para a porta, seu ombro pesado inclinou golpeando a madeira.

E o que aconteceu, o impacto estilhaçou os painéis de madeira...

De repente, uma luz ofuscante aqueceu a noite, iluminando a floresta como se uma bomba tivesse explodido, Rhage foi jogado para trás como em um filme.

Quando Blay e John apressaram em fazer uma avaliação dos danos no guerreiro, Qhuinn se lançou para frente, apoiando-se quando foi para os batentes, esperando ser pregado por algumas centenas de volts, só-Deus-sabe-o-que-seria.

Em vez disso, ele bateu em nada além de ar, seu impulso para frente foi tão grande que teve que dobrar em uma bola e rolar para não pousar em seu rosto. Uma respiração mais tarde, socou o chão e caiu em um agachamento, arma em uma mão, lanterna na outra.

Algo cheirava mal.

—Atrás de você, — Blay disse, quando um segundo feixe de luz se juntou a sua própria.

O ar dentro da cabana era curiosamente quente, como se houvesse um aquecedor ligado em algum lugar, só que não era possível. Sem eletricidade e sem tanque de gás. E ninguém esteve aqui por um tempo, havia uma camada intacta de poeira sobre o assoalho e as delicadas teias de aranha verticais que pendiam do teto, tão imóvel como cordas pesadas.

—O que é isso, — Blay exigia.

Quando Qhuinn trouxe sua lanterna ao redor, ele franziu a testa. Havia um número do que pareceu ser tambores de óleo contra a parede, agrupados, como se tivessem assustado com alguma coisa e postos em círculo para a autoproteção.

Qhuinn se aproximou, todo tempo sua lanterna iluminando os tambores em círculos, franziu a testa mais uma vez ao dar uma boa olhada para as latas de grande. Nenhum delas tinha tampas, e sua luz parecia refletir de algum tipo de óleo.

— O que... O que é isso?

Inclinando-se mais próximo, tomou uma respiração profunda através do seu nariz, e suas vias respiratórias queimaram com o mau cheiro tem um seio cheio de queimar cheiro horrível.

Apontou a lanterna, mas a luz não penetrou a superfície líquida, sabia que poderia ser apenas uma coisa, e estava certo como a merda que não poderia usá-lo para alimentar um aquecedor ou um gerador.

Era o sangue do Omega.

—Atrás de você, — disse Rhage, como o irmão entrou.

Um assobio anunciou que John tinha chegado também.

—É isso que acho que é? — Blay murmurou quando ficou ao lado de Qhuinn.

Qhuinn pôs a lanterna entre os dentes e avançou com a mão nua. Assim quando fez contato com o desagradável viscoso, algo surgiu dentro do tambor...

— Porra! — Ele gritou, saltando para trás.

Como a lanterna caiu no chão e rolou para o lado, a lanterna de Blay iluminou o que se tinha movido.

Um braço.

Havia alguém dentro do tambor.

—Jesus Cristo, — Blay respirou.

Atrás deles, a voz de Rhage latiu alto, —V? Precisamos de apoio aqui. Posição.

Qhuinn inclinou-se e agarrou sua lanterna. Revolveu o líquido oleoso, viu que antebraço movendo novamente em movimento lento sob a superfície, o deslocamento trouxe ao exterior o punho e o dorso da mão a vista...

Algo brilhou, o reflexo capturou o olhar de Qhuinn. Direcionando a luz, ele se inclinou ainda mais sobre o tambor.

A mão não estava perfeita, suas articulações deformadas, toda ou parte de cada dedo se foi, como se colocado em um moedor...

Um vislumbre rompeu a fossa de sangue do Omega mais uma vez.

Era... Um anel?

—Espere, espere, Qhuinn, você precisa puxar de volta...

Qhuinn ignorou o comentário quando se inclinou ainda mais perto...

Mais perto...

No começo, não podia acreditar no que estava vendo. Simplesmente não poderia estar olhando para um anel de brasão da família.

Mas o que mais poderia ser? Era o dedo indicador, o único dedo que não fora cortado fora. E era ouro, até mesmo através do óleo negro, o brilho amarelo era óbvio. E o anel em si tinha um rosto largo em que foi impresso a...

—Qhuinn, — Rhage disse rispidamente. —Sai fora...

O braço se mudou novamente, a mão pálida rompendo a superfície do líquido, aparecendo como um espectro de forças de fora do túmulo, chegando...

O sangue do Omega escorria da superfície do anel, revelando...

—Qhuinn, eu não estou brincando...

Um barulho explodiu na cabana enchendo o ar.

Ele estava completamente inconsciente de que era um grito vindo de sua própria boca.

De imediato Blay pensou que o que estava no tambor havia agarrado Qhuinn e o puxado para dentro e foi por isso que Qhuinn gritou. Por instinto, pulou a frente e agarrou a cintura Qhuinn, jogando de âncora e puxando de volta.

O que saiu do tambor iria assombrar os pesadelos Blay por anos... Décadas depois.

Na verdade, o que estava dentro não agarrou Qhuinn, foi o contrário. E quando Blay puxou de volta, uma forma masculina foi extraída do aperto do sangue do Omega, derramando em rios, esparramando sobre as pranchas de madeira do chão frio da cabana, enlameando as botas de combate de Blay e Qhuinn encharcando o couro.

Qhuinn teve que lutar para manter seu punho firme, sua arma e lanterna esquecida há muito tempo, suas mãos enluvadas e forçando para não perder contato...

Quando içaram...

O barril de petróleo caiu para o lado quando o macho estável esparramou em seus pés.

Ninguém se moveu. Era como se todos tivessem entrou em cena e assumiu suas posições em um quadro.

Blay reconheceu quem era imediatamente.

Não podia acreditar.

Os mortos haviam retornado à vida... Em uma maneira de falar.

Qhuinn se agachou e tocou os ombros do macho. Então ele falou o nome do irmão bruscamente. —Luchas?

A resposta foi imediata. As mãos de seu irmão começaram a se mover, suas pernas mutiladas movendo, seu corpo nu tentando se mover. Sua pele estava toda machucada, a iluminação dura das lanternas mostrava cada contusão e corte e em preto-e-azul, a mancha de sangue do Omega gradualmente se escorrendo da pele pálida.

Meu Deus, o que eles fizeram com ele? Um de seus olhos estava inchado, e sua boca estava torta, como se ele tivesse levado um soco. Quando ele fez uma careta, parecia que seus dentes foram todos poupados, mas parece ser somente essa a misericórdia que foi dada a ele.

—Luchas? — Qhuinn disse novamente. —Você pode falar comigo?

Do lado de fora Rhage estava em seu telefone novamente. —V? Nós realmente temos uma situação. Qual é o seu ETA[182]... O quê? Não, não. Eu preciso de você agora... Não, você. E Payne. — Hollywood olhou e perguntou, —vocês sabem quem ele é?

Blay teve de limpar a garganta, sua resposta tropeçando e caindo fora. —É seu... Irmão.

Rhage piscou. Sacudiu a cabeça. Inclinou-se —Desculpe, o que você...

—Seu irmão, — Blay repetiu em voz alta e clara.

—Jesus... — Rhage sussurrou. E então retrucou em ação. —Agora, V. Agora.

—Luchas, você pode me ouvir? — Qhuinn falou.

[182] *Abreviatura para - estimated time of arrival - tempo estimado de chegada*

Vishous entrou na cabana uma fração de segundo depois. O Irmão estava coberto de sangue de *lesser* e vermelho, sangramento graças a um corte em seu rosto, também estava respirando como um trem de carga e tinha um gotejamento preto na mão e adaga.

O instante em que viu que eles estavam todos agrupados em volta, ele parou. —Que porra é essa?

Rhage rapidamente fez movimentos cortando pela garganta, fechando qualquer comentário adicional. Então, ele agarrou o braço de V e arrastou-o para fora do alcance da voz. Quando a dupla voltou, V não estava mostrando nenhuma emoção.

—Deixe-me dar uma olhada para ele, — V disse.

Qhuinn não parava de falar com o irmão, as palavras saindo em um fluxo constante, que não fazia muito sentido. Então, novamente, tanto quanto qualquer um sabia, o macho tinha morrido nos ataques, juntamente com a mãe de Qhuinn, pai e irmã. Então, sim, isso era o suficiente para fazer até Shakespeare ostentar respeito e balbuciar.

Só que... Isso não era possível, Blay pensou. Havia quatro corpos na casa e Luchas estava entre eles.

Blay deveria saber. Ele foi o único a entrar e fazer a identificação.

Ele colocou a mão no ombro de Qhuinn. —Ei.

As palavras de Qhuinn divagaram. Então, ele olhou nos olhos de Blay. —Ele não está me respondendo.

—Você pode deixar V dar uma olhada rápida? Precisamos de opinião de um médico. — E talvez ele tivesse um inferno de uma resposta para que diabos estava acontecendo aqui. —Vamos, fique aqui comigo.

Qhuinn se endireitou, puxou de volta, mas não foi muito longe e os seus olhos nunca deixaram seu irmão. —Será que eles já o transformaram? — Ele cruzou os braços e se curvou para frente. —Você acha que eles o mudaram?

Blay sacudiu a cabeça, e desejava que ele pudesse mentir. —Eu não sei.

Capítulo 61

Quando Qhuinn olhou para o chão da cabana, seu cérebro estava atirando uma série de flashes desconexos, a noção concreta de que toda a sua família foi dizimada, colidindo o que parecia ser uma realidade muito diferente.

Ele voltou à uma longa noite, há muito tempo, quando entrou pela porta da frente de seus pais para encontrar sua família sentada juntos na mesa da sala de jantar... E seu irmão conseguiu o anel que agora estava em sua mão mutilada.

A visão do cara torturado, mas vivo, seria tudo o que precisava se concentrar.

—O que está acontecendo, V? — Ele exigiu. —Como ele está?

—Ele está vivo. — O Irmão moveu sua adaga negra ao redor e limpou a lâmina em sua coxa vestida de couro. —Filho? Filho, você pode olhar para mim?

Luchas só ficava olhando para Qhuinn, seu par de belos olhos perfeitamente cinzentos, vermelhos e amplamente louco. Sua boca estava se movendo, mas o som não estava saindo.

— Filho, eu vou ter que cortá-lo, ok? Filho?

Qhuinn sabia exatamente o que estava acontecendo com V. —Faça isso.

O coração de Qhuinn bateu como um soco contra o peito quando o Irmão pegou a adaga negra e corto o ponto na parte de fora do braço do Luchas. O cara nem sequer vacilou, depois, novamente, com que estava acontecendo com ele? Uma gota no oceano[183].

Por favor, seja vermelho, por favor, seja vermelho, por favor...

Vermelho sangue jorrou e escoou para fora, um contraste brilhante com o óleo de coloração preta com que ele estava coberto.

Todo mundo soltou a respiração que estava segurando.

—Tudo bem, filho, isso é bom, isso é bom...

Eles não tinham o transformado.

V se levantou do chão e inclinou a cabeça para o lado, fazendo sinal para uma reunião privada. Quando Qhuinn se aproximou, ele pegou o braço de Blay e o levou junto. Foi a coisa mais natural. Isto era uma coisa séria, e sabia que não estava segurando e não havia mais ninguém que preferisse ter com ele.

—Não tenho um medidor de pressão ou um estetoscópio, mas vou te dizer agora, o pulso é fraco e errático, e tenho certeza que ele está em um maldito estado de choque. Não sei quanto tempo ele esteve lá ou o que fizeram com ele, mas está vivo, no sentido convencional. O problema é que Payne está fora de cogitação. — Os olhos de V brilharam. —E vocês dois sabem por quê.

Ah, então ele tinha falado com sua irmã.

—Ela não vai ser capaz de trabalhar a sua magia, — continuou o irmão, —e nós estamos à um milhão de milhas de qualquer lugar.

—Ponto de partida, — Qhuinn disse severamente.

V olhou-o bem nos olhos. —Ele vai morrer no próximo par de...

—V! — Rhage latiu. —Vem aqui!

No chão, o corpo maltratado de Luchas estava enrolado em si mesmo, com as mãos quebradas enrolando nas palmas das mãos, joelhos acionando em apertado, sua coluna se curvava em direção do teto da cabana.

Qhuinn levantou e caiu de joelhos ao lado da cabeça de seu irmão. —Fique comigo, Luchas. Vamos lutar...

Aqueles olhos cinzentos trancaram em Qhuinn, e a agonia em si foi tão devastadora que Qhuinn mal teve a consciência de V apressando e tirando a luva de sua mão brilhante.

—Qhuinn! — O Irmão gritou como se ele tivesse dito seu nome um par de vezes.

Ele não desviou o olhar de seu irmão. —O quê?

---

[183] *O original é Drop in the bucket. Uma expressão que quer dizer – uma proporção muito pequena do todo. Semelhante a nossa uma gota no oceano.*

—Isso poderia matá-lo, mas talvez possa ficar com o coração batendo direito. É um tiro, mas ruim, porque é o único que ele tem.

Numa fração de segundo antes de responder, sentiu uma grande necessidade de seu irmão vir por este caminho, de alguma forma. Mesmo que ele mal conhecesse o cara, e tivesse um ressentimento há anos. Então foi espancado por ele, quando Lucha se juntou à Guarda de Honra, não soube até que eles foram embora, como se não tivessem sangue em seu pé e na terra de tanto chutá-lo.

Então, novamente, esse vazio foi exatamente o que o estimulou durante a necessidade de Layla. E que o fez chegar até Blay instintivamente.

Amor ou ódio, sangue ou de coração, a família era uma espécie de oxigênio.

Necessária para a vida.

—Faça-o — disse ele mais uma vez.

—Espere, — Blay cortou, tirando seu cinto para dá-lo ao Qhuinn. — Para a boca.

Apenas mais uma razão para amar o cara. Embora não fosse como se ele precisasse de mais um.

Qhuinn inclinou a correia na boca aberta do seu irmão e segurou no lugar enquanto ele acenou para V. —Fique comigo, Luchas. Vamos, agora, ficar com...

Com o canto do olho, visualizou quando a luz branca brilhante, atingiu o esterno em seu irmão...

O peito de Luchas tremeu alto, todo o seu corpo teve espasmos sobre as tábuas quando um brilho passou por ele, canalizando para baixo, os braços e as pernas, irradiando-se para sua cabeça. O som que ele fez foi desumano, um gutural gemido que foi direto para a medula Qhuinn.

Quando V puxou a mão de volta com a palma brilhante levantada, Luchas caiu como o peso morto que era, seu corpo saltou, suas pernas balançaram.

Ele piscou rapidamente, como se um vento forte estivesse soprando em seu rosto.

—Acerte-o novamente — Qhuinn exigia. Quando V não respondeu, ele olhou. —Mais uma vez.

—Isso é uma porcaria de merda, — murmurou Rhage.

V mediu o macho por um momento. Em seguida, trouxe de volta a mão mortal no intervalo. —Uma vez mais, isso é tudo que você tem — disse a Luchas.

—Droga em linha reta, — Rhage interferiu —Mais alguma e você poderia assar marshmallow sobre o filho da puta.

O segundo toque foi tão ruim que o corpo golpeou e se contorceu descontroladamente, Luchas fez aquele som horrível antes de aterrissar de volta com um barulho de ossos.

Mas ele tomou uma respiração profunda. Uma grande, uma respiração profunda e poderosa que expandiu sua caixa torácica.

Qhuinn sentiu-se rezando, e supôs que fez com que ele começasse a cantar, Vamos, vamos lá...

A mão mutilada, aquela com o anel esticou e agarrou a camisa de Qhuinn. O aperto foi fraco, mas Qhuinn se inclinou.

—O que, — disse ele. —Fale devagar...

Com a mão sobre sua jaqueta.

—Fale comigo.

A mão de seu irmão travou no aperto de um de seus punhais. —Mate... Me...

Os olhos Qhuinn arregalaram-se.

A voz de Luchas não era nada como já foi um dia, nada, mas um sussurro rouco. —Mate... Me... Meu... Irmão...

Capítulo 62

—Como você está se segurando? — Blay perguntou.

De pé na varanda da cabana, Qhuinn respirou e pegou um cheiro de fumo no ar. Blay acendeu outro de novo, e tanto quanto Qhuinn odiava o hábito, ele não culpou o cara. Inferno, se ele estivesse nesse tipo de situação, teria pego os pregos do caixão[184], também.

Olhou por cima. Blay estava olhando para ele pacientemente, claramente preparado para esperar por uma resposta para a mesma pergunta, que ele se pegou fazendo pelo que restava da noite.

Qhuinn olhou o relógio. Uma hora da manhã.

Quanto tempo vai levar para o resto da Irmandade para chegar aqui? E foi este o plano de evacuação que todos esperavam que desse certo...

—Eu sinto que estou ficando louco de merda, — ele respondeu.

—Estou com você. — Blay exalou na direção oposta. —Não posso acreditar que ele é...

Qhuinn olhou para as árvores à frente deles. —Nunca perguntei sobre aquela noite.

—Não. E, francamente, eu não o culpo.

Atrás deles, na cabana, Rhage, V, e John estavam com Luchas. Todos tiraram suas jaquetas e as envolveram em torno do macho, na esperança de mantê-lo quente.

De pé em sua camisa muscular e suas armas, Qhuinn não sentia o frio.

Ele limpou a garganta. —Você o viu.

Blay foi o único a voltar a mansão após os ataques. Qhuinn simplesmente não tinha o saco para a identificação dos corpos.

—Sim, eu o fiz.

—Estava morto, então?

—Até onde eu sabia, sim. Ele estava... Sim, não acho que houvesse qualquer chance de que ele estivesse vivo.

—Você sabe, eu nunca vendi a casa.

—Então, eu tinha ouvido.

[184] *Gíria para cigarro.*

Tecnicamente, como um membro da família repudiado, ele não tinha nenhum direito à propriedade. Mas havia muitos mortos, e ninguém fizera qualquer reclamação para a propriedade, e que de acordo com as Leis Antigas, revestia para a posse do rei, no qual, Wrath prontamente havia dado as taxas simples a Qhuinn.

O que quer que seja o inferno que isso significasse.

—Não sabia o que pensar quando me disseram que eles estavam mortas. — Qhuinn olhou para o céu. A previsão era de mais neve, de forma que nenhuma estrela estava visível. —Eles me odiavam. Acho que eu os odiava. E então eles se foram.

Ao lado dele, Blay ficou muito quieto.

Qhuinn sabia por que e um constrangimento súbito o fez enfiar as mãos nos bolsos. Sim, ele absolutamente desprezava falar de emoções e porcaria, mas não houve como manter a merda. Não aqui. Em particular. Com Blay.

Limpando a garganta, continuou. —Fiquei aliviado mais do que qualquer coisa, para ser honesto. Não posso te dizer o que foi crescer naquela casa. Todas aquelas pessoas olhando para mim como se eu fosse um ambulante, rogando praga. — Ele balançou a cabeça. —Eu tentava evitá-los tanto quanto possível, utilizando a escada dos criados, me mantendo nessa parte da casa. Mas, então, o doggen ameaçou sair. Na verdade, o maior meu maior benefício foi passar pela transição, assim eu podia me desmaterializar para fora da janela do meu quarto. Então, nenhum deles teve de lidar comigo.

Mesmo quando Blay amaldiçoou baixinho, Qhuinn ainda não tinha vontade de calar-se. —E você sabe o real inferno que era? Eu vi que o amor era possível quando meu pai olhou para o meu irmão. Seria uma coisa se o bastardo simplesmente odiasse a todos nós, mas ele não o odiava. E isso só me fez perceber como eu era rejeitado. — Qhuinn olhou. Arrastou as botas. —Por que você está me olhando assim?

—Desculpe. Sim, desculpe. Você só... Você nunca falou sobre eles. Nunca.

Qhuinn franziu o cenho e mediu o céu novamente, imaginando as luzes cintilantes das estrelas, embora não pudesse vê-las. —Eu queria. Com você, eu queria. Não com qualquer outra pessoa.

—Por que não o fez? — Como se isso fosse algo que o cara tivesse se perguntado por um tempo.

No silêncio que se seguiu, Qhuinn peneirou através de suas memórias, o que nunca tinha olhado vendo a si mesmo. Vendo a sua família. Vendo... Blay. —Adorava ir à sua casa. Não posso te dizer o que significou para mim, eu me lembro da primeira vez que você me convidou. Eu estava convencido de que seus pais iriam me expulsar. Estava pronto para isso. Inferno, eu lidava com essa merda na minha própria casa o tempo todo, então por que não iria estranhos fazer o mesmo? Mas sua mãe... — Qhuinn limpou a garganta novamente. —Sua mãe me sentou na mesa da cozinha e me alimentou.

—Ela ficou mortificada com o mal que te fizeram. Logo em seguida, você correu para o banheiro e vomitou lá por uma hora.

—Eu não estava vomitando lá em cima.

Cabeça de Blay virou. — Mas você disse...

—Estava chorando.

Quando Blay recuou, Qhuinn deu de ombros. —Vamos lá, o que eu ia dizer. Que eu amarelei e chorei ao lado da pia no chão? Abri a torneira da pia para que ninguém ouvisse e dava a descarga de vez em quando.

—Eu nunca soube.

—Esse era o plano. — Qhuinn olhou. —Esse sempre foi o plano. Não queria que soubesse o quão ruim era na minha casa, porque não queria que você sentisse pena de mim. Não queria que você ou seus pais sentissem que esse fosse o motivo de você me levar lá. Queria que fosse meu amigo e você foi. Sempre foi.

Blay olhou para longe rapidamente. Em seguida, esfregou o rosto com a mão que ele não segurava o cigarro.

—Foram vocês quem me trouxeram até aqui, — Qhuinn se ouviu dizer. —Eu vivia a noite, porque podia ir até a sua casa. Foi a única coisa que me manteve. Você foi a única coisa, na verdade. Foi... Você.

Quando os olhos de Blay retornaram para ele, teve a sensação de que o cara estava procurando as palavras.

E Deus ajudasse a ambos, se não fosse por Saxton, Qhuinn teria deixado cair as palavras ali mesmo, mas o momento era estúpido.

—Você pode, você sabe, — Blay disse finalmente. —Fale comigo.

Qhuinn bateu os pés, agrupou seus ombros, esticou os músculos de suas costas. —Tenha cuidado. Eu poderia levá-lo até isso.

—Seria bom. — Enquanto Qhuinn olhou novamente, Blay estava balançando a cabeça. —Não sei o que estou dizendo.

Mentira, Qhuinn pensou...

Sem aviso, V saiu da cabana, acendendo um cigarro enrolado à mão, quando saiu. Como Qhuinn ficou em silêncio, Blay não tinha certeza se estava aliviado que a conversa foi forçada a um fim ou não.

Na expiração, Vishous disse, —Eu preciso ter certeza que você entende as consequências.

Qhuinn assentiu. —Eu já sei o que você vai dizer.

Aqueles olhos de diamante bloqueando os dele. —Bem, vamos a céu aberto de qualquer jeito, não é? Não sinto parte do Omega nele, mas se ele saiu, ou se eu perdi alguma coisa, eu vou ter que tomar conta dele.

Mate-me, meu irmão. Mate-me.

—Você faz o que tiver que fazer.

—Ele não pode ir para a mansão.

—Aprovado.

V estendeu a mão não letal. —Jure.

Parecia estranho apertar palma do irmão e ligar a sua palavra ao contato, porque era isso que um parente mais próximo tinha que fazer em situações como esta, e merda sabia que não

tinha sido parte de algo por alguém nunca. Mesmo antes de repudiado por sua família, ele teria sido a última pessoa para atestar a linhagem.

Os tempos tinham mudado, porém, não tinham?

—Uma coisa. — V bateu a ponta do enrolado à mão. —Vai ser uma recuperação longa e difícil para ele. E não estou falando apenas sobre a merda física. Você precisa se preparar.

O que, como eles tivessem um relacionamento antes de este ou algo assim? Ele pode compartilhar um pouco de DNA com o cara, mas diferente disso, Luchas era um estranho. —Eu sei.

—Ok. Justo.

Na distância, um par de agudos gemidos cortou a escuridão.

—Obrigado, droga — pouco depois Qhuinn voltou para a cabana.

Ali no canto, ao lado do tambor que tinha sido derrubado, seu irmão não era nada além de uma pilha de jaquetas, seu corpo trançado coberto por cobertores improvisados.

Qhuinn espreitava entre tábuas do chão, acenou para John Mateus e Rhage.

Ajoelhando-se ao lado de seu irmão, sentiu como se estivesse em uma paisagem de sonho, não a realidade. —Luchas? Ouça, aqui está o que vai acontecer. Eles vão levá-lo para fora em um trenó. Você vai à clínica para tratamento. Luchas? Você pode me ouvir?

Quando um par de motos de neve rasgou até a cabana, Blay rastreava seu progresso a partir da varanda, olhando os faróis ficar maior e mais brilhante, o par de motores diminuíram o constante ronronar quando eles chegaram ao seu destino. Ah... Essa foi boa. Atrás de uma delas, havia um trenó coberto, o tipo de coisa que tinha visto na TV durante os Jogos Olímpicos, quando alguns esquiadores caiam pelos cabos e eram levados montanha abaixo.

Perfeito.

Manny e Butch desmontaram e correram.

—Estão bem ali, — Blay disse, saindo do caminho do médico.

—Luchas? Está comigo? — Ouviu o murmúrio de Qhuinn.

Espiando, Blay observou quando Manny inclinou-se sobre o corpo do Luchas. Cara, o que é uma noite de merda. E ele pensou que o show aéreo um par de noites atrás foi cheia de drama?

Sempre foi você.

Voltando-se para enfrentar a floresta, Blay esfregou o rosto de novo, como se fosse ajudar. E queria acender outro Dunhill, mas quanto mais tempo isso levasse, mais ele se tornava paranoico. A última coisa que esta situação precisava, era de um esquadrão de *lessers* mostrando-se antes que pudessem levar Luchas para segurança.

Melhor ter uma arma do que um cigarro nas mãos.

Sempre foi você.

—Você está bem? — Butch perguntou.

Com o espírito de honestidade, porque isso parecia ser o tema da canção de hoje à noite, ele balançou a cabeça. —Nem um pouco.

O policial bateu-lhe no ombro. —Então você o conhecia.

—Eu pensei que sim. — Oh, espere, a pergunta foi sobre Luchas. —Quero dizer, sim, eu conhecia...

—Deve ser muito dura, essa coisa toda.

Blay olhou por cima do ombro de novo e tendo outra visão de Qhuinn agachado ao lado de seu irmão. O rosto de seu velho amigo estava envelhecido nas luzes das lanternas, até o ponto de Blay se perguntar, se ele realmente o viu relaxado depois de terem estado juntos ou se estava enganado.

Você foi a única coisa... Na verdade.

—É difícil, — ele murmurou.

E estranho também.

Logo após sua transição, havia procurado algum sinal de que a maneira como se sentia em relação a seu amigo era recíproca, alguma pista de onde Qhuinn estava. Mas não houve nada que ele fosse capaz de ver, nada que não fosse permanente lealdade, amizade e habilidades em combate: Através das conexões que tiveram com outras pessoas, a formação, e então as noites no campo... Ele sempre esteve do outro lado da conexão que queria, olhando para uma parede, não podia se locomover.

Curto espaço de tempo na varanda?

Foi a primeira vez que ele já obteve um vislumbre do que ansiava por muito, mais do que o sexo.

Merda, por um momento traiçoeiro, se perguntou se não havia de fato um –in[185]–envolvido quando Layla derramou os grãos fora de seu quarto.

—Eles estão o movendo. — Butch agarrou o braço de Blay e saiu do caminho da porta. — Venha ficar comigo.

Luchas estava devidamente coberto agora, um cobertor de Mylar[186] de prata em volta da cabeça aos pés, mas nada com simples sugestão de sua exibição rosto. Eles o colocaram em uma maca dobrável, com Qhuinn em uma extremidade e V, na outra. Manny caminhava ao lado, como se não tivesse certeza que necessitaria ressuscitar a coisa a qualquer momento.

Lá no trenó, eles transferiram irmão de Qhuinn e prenderam-no.

—Estou levando-o para fora, — Qhuinn anunciou quando montou e ligou o motor da moto neve.

—Devagar e sempre, — Manny advertiu. — Ele é um merda de massa de ossos quebrados.

Qhuinn olhou para Blay. —Volta comigo?

Não há razão para responder a isso. Marchou e foi por trás do cara.

Típico de Qhuinn, não se preocupou em esperar os outros. Ele só apertou o acelerador e arrancou. Ele, no entanto, ouviu o bom médico. Fez uma curva larga e seguiu as pistas que tinham sido feitas, mantendo a velocidade rápida o suficiente para fazer um bom tempo, mas não tanto que eles liquidificassem Luchas.

---

[185] *Trocadilho com In Love = apaixonar-se*

[186] *Manta de alumínio usada em hospitais, para manter pacientes aquecidos.*

Blay manteve duas armas para fora.

Então Manny e Butch estavam ao lado deles, os outros Irmãos e John Mathews desmaterializavam a distâncias regulares, aparecendo nas laterais das duas vias paralelas.

Demorou cem anos.

Blay literalmente pensou que nunca ia sair de lá. Parecia que o lamento agudo dos motores, o borrão da floresta escura e as manchas brilhantes brancas das clareiras,seriam as últimas coisas que ele veria.

Orou por todo o caminho.

Quando a grande a estrutura do hangar finalmente apareceu, o estacionamento bem próximo, ela foi a coisa mais linda ele já tinha visto.

O Escalade de V e Butch.

As coisas se moviam em plena velocidade. Qhuinn puxou-o para cima ao lado do SUV, Luchas foi transferido para o banco de trás, as motos foram atreladas no reboque novamente, Qhuinn foi para o banco do passageiro do veículo.

—Eu quero Blay para dirigir, — ele disse antes de entrar.

Houve um batimento cardíaco de uma pausa. Então Butch assentiu e jogou as chaves. — Manny e eu vamos à parte de trás.

Blay sentou atrás do volante, moveu para acomodar as pernas e ligou o motor. Como Qhuinn sentou ao lado dele, ele olhou.

—Coloque o cinto de segurança.

O macho fez o que lhe foi dito, esticando o cinto de nylon em volta do peito e clicou no lugar. Em seguida, imediatamente se dobrou em torno para se concentrar em seu irmão.

Um sentimento de sincera determinação, definiu os ombros de Blay e apertou suas mãos. Ele não se importava o que tinha de cortar mais, levar para baixo ou deixar marcas na grade, ia levar Qhuinn e seu irmão para o centro de treinamento e para a clínica.

Acelerando, ele não olhou para trás.

Capítulo 63

Trez franziu a testa para a máquina ao perceber que estava socando os números. Estendendo a não para a tira de papel branco que pairava ao lado de sua mesa, tentou ver a coluna de números que estava fazendo.

Piscou.

Esfregou os olhos. Abriu-os.

Não. O círculo brilhante no quadrante superior direito da sua visão ainda estava lá, e não era uma função do brilho.

—Foda... Me.

Empurrando para o lado os recibos que tinha totalizando, olhou para o relógio, em seguida, colocou a cabeça em suas mãos. Quando fechou os olhos, a aura ainda estava em vigor, o padrão geométrico interligado brilhando com todas as cores do arco-íris.

Tinha cerca de vinte e cinco minutos antes do mundo desabar, e não ia ser capaz de desmaterializar.

Desajeitado pegou o seu telefone do escritório, bateu no interfone. Dois segundos depois, a voz de Xhex saiu do alto-falante, diferente do que o habitual. O que significava que a sensibilidade ao som estava chutando dentro.

—Ei, o que houve, — disse ela.

—Estou tendo uma enxaqueca. Estou tendo tontura.

—Oh, cara, isso é péssimo. Você não teve uma há apenas uma semana?

Qualquer que seja. Não é o ponto. —Você pode assumir?

—Você precisa de uma carona para casa?

Sim. —Não. Posso fazer isso. — Ele começou a recolher a carteira, o celular, as chaves. —Chame-me se você precisar de mim, ok?

—Farei.

Trez respirou fundo quando cortou a ligação e ficou em pé. Ele se sentia perfeitamente bem para o momento. E a boa notícia era que não estava mais do que quinze minutos de seu apartamento, mesmo supondo que pegasse todos os sinais vermelhos. Que deixaria cerca de dez minutos para entrar no moletom, alinhar um cesto de lixo e uma toalha ao lado de sua cama e se preparar para o colapso digestivo total.

Seis, sete horas a partir de agora? Iria se sentir melhor.

Infelizmente, daqui até lá ia ser ruim.

Em seu caminho até a porta fechada de seu escritório, pendurou o casaco sobre seus ombros e se preparou para a música do outro lado.

Quando saiu, caminhou para a parede do tórax considerável do iAm.

—De-me as chaves, — foi tudo que seu irmão disse.

—Você não tem que...

—Será que eu pedi sua opinião?

—Porra Xhex...

—Logo atrás de seu irmão, — a fêmea cortou. —E eu sei que você quis dizer isso como um elogio.

—Estou bem, — Trez disse, quando tentou direcionar a sua visão para aonde sua chefe de segurança estava fora de seu ponto cego.

—Você tem quantos minutos antes de estourar a dor? — Xhex sorriu, mostrando seus dentes. —Realmente quer desperdiçar algum tempo discutindo comigo?

Trez reclamou em seu caminho para fora do seu clube, e no instante que o ar frio atingiu suas narinas, seu estômago se manifestou, da mesma forma de quando estava se preparando para ir para a cidade mais cedo.

Deslizando para o banco do passageiro de sua BMW, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. A aura foi ficando maior, a linha original se dividia em dois brilhos e abanando para fora, movendo-se lentamente em direção à borda de sua visão.

Durante a viagem para casa, encontrou-se sentindo feliz por iAm não ser falador.

Embora não fosse como se não soubesse o que o cara estava pensando.

Muito estresse. Muitas dores de cabeça.

Provavelmente precisava se alimentar bem, mas isso não acontecia há bastante tempo.

Enquanto seu irmão dirigia com entusiasmo, Trez passou o tempo localizando onde estavam na cidade, qual semáforo estavam passando ou parando, que contorno estava fazendo, onde estava o Commodore, sua altura imponente aparecendo mais e mais alto quanto mais perto chegava.

Um declínio súbito lhe disse que eles estavam indo para a garagem e tinha ficado para trás em seu mapeamento mental, até onde sabia, ainda estaria a um par de quarteirões de distância.

Um monte de curvas a esquerda veio a seguir, enquanto eles giraram para três andares abaixo e estacionaram em um dos dois pontos que lhe eram atribuídos.

No momento em que entraram no elevador e iAm apertou o botão décimo oitavo, a aura andou fora dos limites de sua visão, desaparecendo como se nunca tivesse existido.

A calma antes da tempestade.

—Obrigado por me trazer em casa, — disse. E quis dizer isso. Odiava depender de alguém, mas era malditamente muito difícil não bater em algo quando você tem um sinal de néon piscando na parte de trás de ambos os globos oculares.

—Achei que era melhor assim.

—Sim.

Ele e seu irmão não tinham falado sobre a visita do sumo sacerdote, uma vez que aconteceu, nada além de oi-como-vai-você desde que AnsLai estava ainda muito entre eles, mas pelo menos iAm ficou irritado o suficiente para tirá-lo dali.

A primeira pista de que a dor de cabeça estava chegando ,foi a forma como o golpe sutil anunciou o tiro do destino através de seu cérebro como uma bala.

Ele gemeu quando as portas se abriram. —Isso vai ser ruim.

—Você não teve uma na semana passada?

Ele se perguntou quantas pessoas mais poderia perguntar a ele.

iAm cuidou da fechadura na porta e Trez jogou sua jaqueta de um metro em seu apartamento. Tirou seu suéter de caxemira preto no caminho para seu quarto, e foi desabotoando sua camisa de seda, enquanto caminhava em...

Então ele congelou, a única coisa que atirou em sua cabeça foi a cena do filme *Trading Places*, quando Eddie Murphy entra em seu quarto no alojamento sofisticado e uma garota seminua sentada na cama e fala —Ei Billy Ray.

A diferença nesta situação era que seu assediador, aquela namorada fanfarrona e com problemas de confiança, era loira e não usava calcinha Spandex do início dos anos oitenta. Na verdade essa era completamente filha da puta, outra forma de fanfarrona nua.

A arma que apareceu por cima do ombro era firme e complementada com um silenciador. Então iAm poderia matá-la, não haveria problema.

—Pensei que ficaria feliz em me ver, — a prostituta disse, olhando para trás e para frente entre ele e focinho de seu irmão.

Como ela queria tornar-se mais atraente, levantou um braço para mexer com seu cabelo, mas se estivesse esperando que seus seios balançassem sedutoramente, estava sem sorte. Os postiços duros de pedra dela, eram tão inabaláveis como algo aparafusado ao uma parede.

—Como você chegou aqui, — Trez exigia.

—Não está feliz em me ver? — Quando ninguém respondeu a ela, a arma ficou apontada e ela fez beicinho. —Tenho amizade com o segurança, ok. O quê. Ah, vamos lá... Bem, eu o subornei ok.

Merda.

E o segurança idiota bastado iria ficar sem trabalho.

Trez caminhou até a pilha de roupas até o final da cama. —Coloque-as de volta e saia.

Deus, ele estava cansado.

—Oh, por favor, — ela choramingou quando as coisas dela flutuam ao seu redor. —Eu só queria fazer uma surpresa quando chegasse em casa do trabalho. Pensei que isso faria você feliz.

—Bem, isso não aconteceu. Você precisa dar o fora. — Quando ela abriu a boca como se fosse apelar para o psicólogo nele, ele balançou a cabeça e cortou. —Nem mesmo pensar sobre isso. Não estou de bom humor e meu irmão aqui realmente não se importa se você sair daqui em um saco. Se vista. Saia.

A prostituta olhou para trás e para frente novamente. — Você foi tão bom para mim naquela noite.

Trez estremeceu quando a dor intensificou-se e começou a balançar no lado direito de sua cabeça. —Querida, eu vou ser muito honesto aqui. Eu nem sei seu nome. Nós transamos duas vezes...

—Três vezes...

—Não me importo quantas foram. O que eu sei é que você vai deixar isso pra lá hoje à noite. Se você chegar perto de mim ou da minha casa de novo, eu vou... — A Sombra nele queria ir na direção mais sedenta de sangue, mas se forçou a ficar em termos humanos que ela entendesse. — ... Chamar a polícia. E você não quer isso, porque você é uma viciada em drogas que trabalha com isso, e se procurar o seu merda, seu carro, sua casa, eles vão encontrar mais do que apenas a parafernália. Eles vão prender você e aquele idiota Neandertal, com que você está dormindo, por posse com intenção de distribuir e você vai para a cadeia, porra.

A prostituta só piscou.

—Não me empurre querida, — Trez disse com uma voz exausta. —Você não vai gostar do que acontece.

Diga o que você faria com a garota, ela foi rápida quando foi devidamente motivada. Uma questão de momentos mais tarde, depois de algumas poses de ioga para obter esse bastidor de plástico espremido em uma – blusa – que era dois tamanhos menores, ela estava a caminho, bolsa

barata pendurada no ombro, seus arranha-céus[187] amarrados no tornozelo com as tiras penduradas.

Trez não disse mais uma palavra. Apenas seguiu em seu rastro até a porta, abriu o caminho para fora... E fechou a coisa em seu rosto quando ela se virou para dizer alguma coisa.

Ele jogou o bloqueio manualmente.

iAm colocou sua arma à distância. —Precisamos nos mover. Este local está comprometido.

Seu irmão estava certo. Não era como se eles tivessem mantido onde viviam em grande segredo, mas morar no Commodore era baseado na ideia de que um guarda de segurança não seria estúpido o suficiente, para deixar uma mulher entrar no apartamento de alguém sem a permissão do proprietário.

Se isso pudesse aconteceu uma vez, pode acontecer de novo...

De repente, a dor se intensificou contra o volume da caixa craniana do inferno, de repente foi dobrada.

—Vou me deitar por um tempo, — Trez murmurou enquanto se arrastava. —Vamos começar a arrumar logo que esta enxaqueca acabar...

Não fez ideia do que iAm respondeu ou mesmo se o cara fez.

Foda-se.

Capítulo 64

Do lado de fora do centro de treinamento na sala de exame, Qhuinn estava com as mãos nos bolsos de suas calças de couro, seus dentes trancados e as sobrancelhas apertadas juntas.

Espera. À espera...

A merda médica era muito parecida com luta, ele decidiu. Longos períodos de não fazer nada, intervindo com rajadas de vida-ou-morte.

Era o suficiente para acabar com qualquer certeza sua.

Olhou para a porta. —Quanto tempo você acha que vai ser?

Do outro lado, Blay cruzou e descruzou as pernas longas. O cara havia se estendido no chão cerca de meia hora atrás, mas foi sua única concessão ao buraco negro de tempo no qual era sugado.

—Tem que estar acabando agora, — ele respondeu.

—Sim. Apenas tantas partes em um corpo, certo.

Depois de um momento, Qhuinn focou no outro macho corretamente. Havia círculos escuros sob os olhos de Blay, e suas bochechas estavam escavadas. Ele também estava mais pálido do que o habitual, com o rosto muito claro.

---

[187] *skyscraper stillies – a autora faz referência aos saltos altos.*

Qhuinn se aproximou, encostou-se à parede e deixar suas botas deslizar até sua bunda bater no chão ao lado de Blay.

Blay olhou para cima e sorriu um pouco, em seguida, retomou a olhar para as pontas de suas botas.

Qhuinn viu como sua própria mão estendeu e roçou mandíbula de seu amigo. Quando Blay virou e olhou, Qhuinn ficou surpreso ao descobrir que queria fazer muito mais, e não sexualmente. Queria pegar o macho em seu colo e ter Blay com a cabeça na sua. Queria tocar aqueles ombros fortes e passar os dedos por aquele cabelo vermelho curto. Queria encontrar alguma pessoa para pedir para trazer um cobertor e, então poderia envolver um pouco de calor em todo o corpo poderoso de Blay que parecia enfraquecido.

Qhuinn forçou seus olhos para longe e soltou sua mão.

Deus, ele se sentia tão merda... Preso. Mesmo que não houvesse correntes sobre ele.

Olhando para baixo verificou duas vezes seus pulsos. Tornozelos. Sim, totalmente livre aqui. Nada o segurando.

Fechando as pálpebras inclinou a cabeça contra a parede. Em sua mente estava tocando Blay e, novamente, não sexualmente. Sentindo a vitalidade sob a pele, o deslocamento do músculo, a solidez do osso.

—Acho que você deveria ir ver Selena, — ele disse para o cara.

Blay exalou como se tivesse alguém sentado em seu peito. —Sim. Eu sei.

—Nós poderíamos ir juntos, — Qhuinn ouviu-se voluntariando.

Ele abriu os olhos a tempo de ver o balançar da cabeça de Blay.

—Ou você pode, você sabe, fazer sozinho. — Qhuinn estalou os dedos. —O que quer que você se sinta confortável.

Merda. Tendo em conta toda a coisa Saxton, isso pode ter ir longe demais. Alimentação, afinal, poderia ser visto como mais íntimo do que o sexo...

—Sim, — Blay disse suavemente. —Eu vou fazer isso.

O coração de Qhuinn começou a bater forte. E, novamente, não foi porque estava todo entusiasmando para transar com o cara. Ele só queria...

Compartilhar, supunha que fosse a palavra certa.

Não, espere. Foi mais longe do que isso. Queria cuidar do macho.

—Você sabe, eu acho que nunca te agradeci, — Qhuinn murmurou. Quando os olhos azul bebê de Blay, fizeram contato visual ele queria desviar o olhar, era demais. Mas então pensou em seu irmão naquela cama de hospital e a maneira que as pessoas tinham seu tempo roubado.

Jesus, ele se segurou tanto em por tantas razões, todas pareciam perfeitamente válidas. Mas quão arrogante foi isso? Esse tipo de reticência, assumia que teria tempo para falar de coisas quando quisesse. Que a pessoa que estava no fundo de sua mente sempre estaria por perto. Que ele próprio estaria.

—Por que? — Blay perguntou.

—Por nos trazer para casa. Eu e Luchas. — Ele soltou um suspiro grande e aliviou lentamente. —E por se sentar aqui comigo a noite toda. Para ir até Payne e pedi-la para ajudar.

Por me apoiar no campo e durante o treino. Além disso, para todas aquelas cervejas e jogos de videogame. As fichas e os M & M[188]. As roupas que me emprestou. A cama para dormir quando me hospedava. Obrigado pelo abraço de sua mãe e falar com seu pai. Obrigado... Pelas dez mil coisas amáveis que você fez.

Do nada, ele pensou mais uma vez daquela noite quando entrou e testemunhou seu pai dando o anel de sinete de ouro para seu irmão.

—Obrigado por me ligar àquela noite, — ele disse rispidamente.

As sobrancelhas de Blay dispararam. —Que noite?

Qhuinn limpou a garganta. —Depois que Luchas passou por sua mudança e meu pai lhe deu... Você sabe, o anel. — Ele balançou a cabeça. —Eu fui para o meu quarto e ia fazer algo... Sim, algo realmente estúpido. Você me ligou. Veio. Lembra-se?

—Eu.

—Não foi a única vez que você fez algo parecido com isso.

Quando Blay olhou para longe Qhuinn sabia exatamente onde a mente do cara foi. Sim, naquela noite não a única que ele quase pulou fora.

—Eu disse que estava arrependido, — Qhuinn entoou. —Mas não acho que já disse obrigado. Então, sim... Obrigado.

Antes que soubesse o que estava fazendo, colocou a mão para fora, oferecendo sua mão. Parecia apropriado para marcar esse momento, aqui, agora, do lado de fora do quarto de seu irmão preso-a-foda com algum tipo de contato solene.

—Apenas... Obrigado.

Inacreditável.

Depois do que parecia uma vida com Qhuinn, Blay pensou que as surpresas finalmente acabaram. Que o macho não poderia puxar qualquer outra coisa que fosse deixá-lo sem palavras.

Errado.

Jesus... De todas as conversas imaginárias que teve em sua cabeça com o cara, quando fingia que Qhuinn se abria, ou dissesse algo perto da coisa certa, nunca eram sobre gratidão. Mas isso... Era exatamente o que precisava ouvir, mesmo que não soubesse disso.

E ter oferecido a palma partiu seu maldito coração.

Especialmente tendo em conta que o irmão do macho estava na porta da morte na sala em frente a eles.

Blay não apertou a mão que foi oferecida.

Ele estendeu a mão e acariciou o rosto do guerreiro, e desenhou Qhuinn para um beijo.

Era para ser apenas um segundo, pois seus lábios eram os únicos a fazer a coisa do aperto de mão. Quando foi se puxar para trás, porém, Qhuinn o capturou e o segurou no lugar. Suas bocas

[188] *Marca de chocolate.*

se encontraram de novo... E de novo... E mais uma vez, suas cabeças inclinadas para os lados, o contato prolongado.

—De nada, — Blay disse. Então, ele sorriu um pouco. —Não posso dizer que foi tudo um prazer, portanto.

Qhuinn riu. —Sim, posso imaginar nenhum tudo foi definitivamente divertido. — O macho ficou sério. —Por que diabos você ficou ao redor?

Blay abriu a boca, a verdade na ponta da língua...

—Oh. Merda. Ah... Desculpe-me, meninos não queria interromper.

Qhuinn recuou tão rápido, literalmente rasgou o rosto para fora da posse de Blay. Em seguida, pulou sobre seus pés e se encontrou com V, que tinha saído da sala de cirurgia. —Não tem problema, nada acontecendo.

Quando a expressão V registrou uma batelada de sim-certo, Qhuinn apenas olhou para o irmão de frente, como se estivesse desafiando Vishous a ter uma opinião diferente da sua.

No silêncio entre os dois homens, Blay se levantou mais lentamente, e descobriu que estava tonto, e não porque precisava se alimentar.

Não tem problema, nada acontecendo.

Certo como o inferno não se sentia assim por ele. Maaas mais uma vez Qhuinn saltou fora de qualquer proximidade, esquivando-se, puxou-se de volta, desconectando-se.

Exceto que. Tempo ruim. Lugar ruim. E V era a última pessoa que queria ir em frente com corações e flores.

Era, no entanto, um bom lembrete. Situações estressantes tinha um jeito de fazer até mesmo as mais rígidas de personalidades, maleáveis por um tempo. Tristeza, choque, ansiedade intensa... Tudo pode fazer alguém vulnerável e passível de falar de maneira que normalmente não falaria, simplesmente porque eles tinham todas as suas defesas caídas na merda. O comportamento incomum não sinaliza uma mudança, no entanto. Não era indicativo de algum tipo de conversão religiosa, onde, a partir daquele dia, tudo era sempre diferente.

Qhuinn estava confuso com o que estava acontecendo com seu irmão. E quaisquer revelações ou declarações sinceras que saíram de sua boca foram sem dúvida, um produto do stress que o cara enfrentava.

Fase.

Não havia paixão acontecendo aqui. Não de verdade. Não permanentemente. E precisava se lembrar desta merda.

—... Os ossos vão se ajustar? — Qhuinn perguntou.

Blay retornou a atenção quando V acendeu um cigarro enrolado à mão e exalou longe dos dois. —Ele tem que ser estabilizado em primeiro lugar. Selena vai alimentá-lo novamente, e depois nós vamos abrir o abdômen e fazer uma cirurgia exploratória para descobrir onde o sangramento está. Depois de vermos como ele está reagindo, vamos trabalhar sobre os ossos.

—Não temos qualquer ideia do que aconteceu com ele?

—Ele não está realmente verbal no momento.

—Sim. Ok.

—Então, nós precisamos de sua autorização. Ele não é capaz de entender os riscos e benefícios.

Qhuinn empurrou a mão pelo cabelo. —Sim. Claro. Faça o que tiver que ser feito.

V exalou novamente, o cheiro de tabaco turco enchendo o ar e lembrando à Blay exatamente quantas horas, minutos e segundos que tinha passado desde que ele acendeu um.

—Você tem Jane, Manny, Ehlena, e eu lá. Nós não vamos deixar que nada aconteça a ele, Ok? — Ele bateu no ombro de Qhuinn. —Ele vai sobreviver. Ou os quatro de nós vão morrer tentando.

Qhuinn murmurou alguns agradecimentos a esse ponto.

E então V olhou para Blay. Olhou para Qhuinn. Pigarreou.

Sim, o irmão estava fazendo todos os tipos de matemática em sua cabeça. Grande.

—Então vocês simplesmente continuam pendurados aqui. Vou sair e atualizar assim que souber de algo. Assim. Sim.

As sobrancelhas do Irmão se levantaram no alto da testa, as tatuagens em sua têmpora distorcendo quando ele levou seu cigarro pela metade e esmagou na sola de sua bota.

—Retornarei a vocês a pouco, — ele disse quando entrou.

Na esteira da saída do Irmão, Qhuinn andava ao redor, os olhos no chão de concreto, as mãos nos quadris magros, as armas que tinha negligenciado em tirar captavam a luz fluorescente e brilhava.

—Vou fumar um cigarro, — Blay disse. —Voltarei.

—Você pode fumar aqui, — cortou Qhuinn —Há um selo na porta.

—Eu preciso de um pouco de ar fresco. Não vai demorar muito, no entanto.

Blay se afastou com pressa, para a porta no final do corredor que dava para a garagem. Quando chegou lá, fez seu caminho para fora e respirou fundo.

O ar fresco, seu bunda. Tudo o que conseguiu foi o cheiro forte de terra seca e concreto.

Pelo menos era mais frio, no entanto.

Foda-se.

Deixara o cigarro em sua maldita jaqueta. No andar. Fora da sala de cirurgia.

Quando amaldiçoou e pisou em volta, foi tentado a bater em algo, mas um conjunto de dedos quebrados era só mais uma coisa que teria que explicar para as pessoas.

E sabia que a merda da visão perfeita de V, acabou de ver era mais do que suficiente.

Empurrando as mãos nos bolsos de suas calças de couro, franziu a testa quando alcançou algo.

O isqueiro de Saxton. O macho deu à ele em seu aniversário.

Pegando a coisa, virou mais e mais em sua palma, pensando em tudo o que foi dito naquele corredor.

Houve um momento em que teria tomado essas palavras e as colocado num compartimento em sua cabeça e seu coração, em um lugar precioso e se orgulharia de guardar para o resto de seus dias de vida.

Houve muitos anos desde esses momentos na cabana, e no chão duro e frio há pouco seria o suficiente para limpar todo o conflito, as discussões e a dor, limpando tudo de tal forma que poderia se relacionar como um virgem faria para Qhuinn.

Novo começo.

Todos não só perdoados, mas esquecidos.

Que já não era o caso.

Deus, era provavelmente muito jovem para ser este velho, mas a vida tinha um jeito de trazer experiência, ao invés de dias do calendário. E de pé aqui fora, sozinho, positivamente era um geriátrico. Era absolutamente, totalmente, completamente não otimista, sem a ingenuidade cor de rosa que vinha com uma pessoa mais nova em sua perspectiva sobre a vida.

Quando se acreditava que os milagres não eram impossíveis... Mas apenas incomum.

Obrigado fodido V por aparecer naquele momento.

Caso contrário, as três pequenas palavras teriam vazado de sua boca. E, sem dúvida, condenando-o de maneira que não podia sequer adivinhar.

Tempo ruim. Lugar ruim.

Para esse tipo de coisa.

Sempre.

Capitulo 65

Enquanto iAm andava ao redor do apartamento, mantinha sua arma consigo, mesmo que fosse altamente improvável que haveria uma segunda rodada, com alguma bimba nua no caminho do lar-doce-lar dele e de seu irmão.

Porra queria um pouco de fumaça vermelha. Só para tirar a borda fora.

Porque, agora? Estava à beira da violência.

A boa notícia, supôs, era que realmente não tinha um alvo e que ia efetivamente mantê-lo sob controle. A enxaqueca estava batendo o inferno fora de seu irmão. E a pobre mulher pagaria um sapo, se não marchasse para fora daqui. Ela já estava sendo torturada em muitos níveis para contar. Agora, o segurança seria um candidato, mas bem, o filho da puta estava fora desde uma hora atrás, e iAm não ia deixar Trez em um estado vulnerável sozinho, assim não poderia emitir um correção no um imbecil...

Ao longe, ouviu um sussurro através dos tubos de canalização.

Era o banheiro do quarto de Trez sendo esvaziado. Novamente.

E então veio um murmurou de palavrões e o ranger da estrutura da cama, enquanto Trez reassentava-se em sua cama.

Pobre. Bastardo.

iAm foi até as enormes janelas que davam para o rio, parou para olhar através da água no lado oposto Caldwell. Colocando as mãos nos quadris, percorreu os lugares para os quais eles

poderiam se mudar. A lista era pequena. Inferno, um dos principais benefícios do Commodore era sua segurança, não havia sequer que se preocupara com o alarme.

Que foi um erro.

Eles precisavam de um lugar seguro. Fixo. Inexpugnável.

Especialmente se o seu irmão continuasse com o levantar e deitar de merda, e AnsLai continuasse se fazendo de diplomático.

iAm retomou seu ritmo. Era impossível ignorar o fato de que seu irmão estava ficando pior. A coisa sexual vinha acontecendo há anos e por mais tempo, iAm havia marcado o ciclo do macho saudável para o acasalamento.

Algo que sempre achou que faltava.

Então, novamente, seu irmão fodeu fêmeas suficientes para ambos.

Nos últimos meses, no entanto, tornou-se claro que havia um processo de dependência em ação e foi mesmo antes do sumo sacerdote começar a aparecer. Agora que coisas pareciam estar chegando à cabeça com AnsLai? As maquinações do s'Hisbe apenas iriam colocar mais pressão sobre seu irmão, e que iria fazê-lo agir ainda mais.

Merda. iAm sentiu como se estivesse em pé na frente de um trem de passagem, a triangulação da velocidade do motor da locomotiva com a aproximação de um carro que se aproximava... E vendo a carnificina que iria resultar. A metáfora também era adequada quando vinha para o desamparo que sentia, porque não podia colocar os freios em qualquer força. Ele não estava atrás do volante ou no banco do engenheiro. Tudo o que podia fazer era sentar e assistir.

Ou gritar do lado da estrada havia mais como ele.

Onde diabos eles poderiam fazer...

Franzindo a testa, ergueu os olhos para cima a partir do ponto de vista, da moldura da janela até o teto.

Depois de um momento, pegou o celular e fez uma ligação.

Quando desligou foi até o quarto de seu irmão. Abrindo uma fresta da porta, disse ele no silêncio denso e escuro, —Vou sair por um segundo. Não vou demorar.

O gemido de Trez poderia significar qualquer coisa desde, legal a oh, Deus, não tão alto, ou divirta-se, eu vou ficar por aqui e vomitar um pouco mais.

iAm andou rápido. Para fora do apartamento. Para o elevador.

Dentro bateu o botão marcado – P – para Cobertura.

Quando as portas se abriram, havia duas opções: uma direção o levava para o apartamento do Irmão Vishous. O outro para o seu velho amigo.

Ele caminhou para esquerda e tocou a companhia de Rehvenge.

Quando o symphath abriu, Rehv apareceu como sempre fazia: moicano, olhos roxo e vestido. Perigoso. Mal.

–Ei, cara, como você está, — disse o macho quando eles abraçaram e bateu o outro no ombro. —Entre.

Quando iAm entrou no espaço privado do Reverendo pela primeira vez em um bom ano ou assim, descobriu que nada havia mudado e por alguma razão foi um alívio.

Rehvenge foi até um sofá de couro e se sentou, apoiando sua bengala ao lado dele e cruzando as pernas na altura dos joelhos. —O que você precisa?

Quando iAm tentou juntar as palavras certas, Rehv jurou um pouco. —Cara, sabia que não era uma chamada social, mas não esperava que suas emoções estivessem uma bagunça do caralho.

Ah, sim, como comedor de pecados que era, não havia como esconder nada do macho.

Ainda assim, foi difícil falar de tudo. —Não tenho certeza que você esteja ciente do que está acontecendo com Trez?

Rehv franziu a testa, as sobrancelhas escuras se estreitando naquele olhar intenso e violeta. —Eu pensei que o Iron Mask estivesse sendo um bom negócio. Vocês, meninos com problemas? Tenho muito dinheiro se precisar...

—O negócio é grande. Nós temos mais dinheiro do que podemos gastar. A questão é as atividades extracurriculares do meu irmão.

—Ele não está nas drogas, está, — Rehv disse sombriamente.

—Mulheres.

Rehv riu e roçou uma mão na outra. — Oh, se isso é tudo o que é...

—Ele está completamente fora de controle e uma delas apareceu magicamente na sua cama esta noite. Chegamos em casa e lá estava ela.

Rehv voltou-se com o cenho franzido. —No seu apartamento? Como diabos ela entrou?

—O menor denominador comum é um guarda de segurança. — iAm passeou ao redor da sala moderna, mal notando que a vista, de fato, era melhor a partir desta altura. —Trez fodeu tudo que se move por anos, mas ultimamente tem sido tão imprudente em não limpar as memórias, fodendo mais de uma vez, sem se preocupar com as consequências.

—O que há de errado com ele?

iAm virou-se e enfrentou o mestiço que era a coisa mais próxima de família que ele tinha ,sem ser sua carne e sangue. De fato, confiava no cara mais do que 99 por cento de sua própria linhagem.

—Trez está acoplado.

Longo silêncio. —Desculpe-me?

iAm assentiu. —Ele está acoplado.

Rehv levantou-se do sofá. —Desde quando?

—Nascimento.

—Ohhhhhh. — Rehv assobiou baixinho. —Então é uma coisa s'Hisbe.

—Ele foi prometido à primeira filha da rainha.

Rehv ficou em silêncio por um tempo. Então sacudiu a cabeça. —Isso faria dele o futuro rei, não faria?.

—Isso mesmo. E apesar de sermos uma sociedade matriarcal, isso não é uma irrelevância.

—Vejamos nós — o macho murmurou. —Ele, eu e Wrath. Seguramente um trio.

—Bem, é diferente para o s'Hisbe, é claro. A rainha é quem dita tudo para nós.

—Então o que é que ele continua fazendo do lado de fora? Com todos nós sendo Irreconhecíveis?

—Ele não quer ter nada a ver com o s'Hisbe.

—Ele tem uma escolha?

—Não. — IAm olhou para o bar no canto. —Se importa se tomar um drinque?

—Você está brincando comigo? Estaria começando a martelar se fosse você.

iAm vagou, considerou suas opções e acabou pegando uma garrafa que tinha uma pequena legenda Bourbon[189] colada em torno da garganta. Serviu, e quando tomou a borda do copo de cristal saboreou a queimadura sobre sua língua. —Bom.

—O da Parker Heritage Collection, Small Batch. O melhor.

—Eu não acho que você seja um grande bebedor.

—Isso não é desculpa para não saber o que você serve a seus convidados.

—Ah.

—Então, qual é o plano?

iAm inclinou a cabeça para trás, esvaziou o copo em sua boca e engoliu em seco. —Nós precisamos de um lugar seguro para ficar. E não apenas por causa da coisa, mulheres. Tivemos a visita do sumo sacerdote semana passada, dado que estamos do lado de fora, o que significa que eles estão levando a sério esta coisa de, de volta para casa. Eles estão procurando por ele, e se eles o encontram? Tenho medo que ele vá matar o representante do s'Hisbe. Ai então, nós realmente teremos um problema.

—Você acha que ele ia levar isso tão longe?

—Sim, eu acho. — iAm derramou numa recarga. —Ele não vai voltar para lá, e eu preciso de tempo para descobrir como resolver o conflito antes que algo desastroso aconteça.

—Vocês querem mudar para minha casa no norte?

iAm derrubou seu segundo bourbon de uma só vez. —Não. — Ele nivelou os olhos. —Quero que me mudar para o complexo da Irmandade.

Quando Rehv amaldiçoou longo e baixo, iAm se serviu de um terceiro. —É o lugar mais seguro para nós.

Xcor estava coberto de sangue e suor de *lesser,* quando voltou para seu novo lar. Seus combatentes ainda estavam no centro, se engajando com o inimigo, mas ele teve que aparar e procurar abrigo.

Droga, o corte em seu braço.

A casa que Throe encontrou, estava localizada em um bairro modesto cheio de casas modestas, com garagens para dois carros e conjunto de balanço nos quintais. Uma das vantagens

[189] *Tipo de whisky americano.*

era que estava localizada no final de uma rua sem saída, e havia um terreno baldio de um lado e uma unidade de processamento de Caldwell Sewer Departament[190] do outro.

Eles a tinham por três meses, com opção de compra.

Quando desmaterializou através da janela fortemente coberta na sala de família, ele zombou do acolchoado do sofá em forma de L, suas almofadas tufadas, como rolos grossos, a sua cor semelhante ao guisado de carne.

Apesar de apreciar o aquecedor, o fato de que a instalação ser decorada, era aborrecido para ele. Temia ser o único a sentir-se assim, no entanto. Ao longo dos últimos dias, ele muitas vezes pegou um ou outro de seus soldados reclinado sobre esse monstro maldito, suas cabeças deitadas de costas, com as pernas esticadas para fora no conforto.

Qual era o próximo? Mantas?

Descendo a escada estreita, desejava a condenação e a melancolia do castelo que ainda pertencia à eles no Velho País. Almejava o peso da pedra que cercava e a natureza impenetrável do traçado, com seu fosso e muros altos. Lamentava também, a diversão que vinha assustando os aldeões, dando presença física para o material do mito.

Bons tempos, como dizem aqui no Novo Mundo.

No segundo andar, ele se recusava a olhar para os quartos. O rosa de um em frente, queimava seus olhos e o verde espuma marinha do outro, era um assalto aos sentidos também. E não aliviou quando entrou no quarto principal. Papel de parede florido em todos os lugares. Mesmo na cama e através das janelas, e toda aquela cadeira no canto.

Pelo menos suas botas de combate esmagavam o tapete grosso, deixando marcas como hematomas em seu caminho para o banho.

Pelo amor de Deus, não tinha certeza de que cor chamar o esquema aqui.

Framboesa?

Tremendo, queria manter as luzes sobre a pia, mas com botões de rosas desenhadas nas cortinas, a iluminação dos postes abaixo foi abafada completamente, e precisava ver o que estava fazendo...

Oh, querida Fates[191].

Ele se esqueceu das rendas sobre os castiçais.

Na verdade, em qualquer outro ambiente, os brilhos vermelhos gêmeos poderia sugerir algo de natureza sexual. Mas não nesta propriedade insinuante. Aqui, eles eram um conjunto de caramelos brilhando na parede.

Ele quase sufocou com o estrogênio.

Em um acesso de autopreservação ele estalou os defletores livres da lâmpada e a colocou embaixo da pia. O brilho era ofensivo para suas retinas, mas era a diferença entre o xingamento e a lamentação. Sempre, podia escolher o primeiro.

Removendo sua foice colocou sobre o balcão entre as duas pias. Em seguida, tirou o coldre, então despojou o casaco, as adagas e suas armas do corpo. A camiseta que usava estava

[190] Departamento de Esgoto de Cadwell.
[191] Antigas Divindades veneradas no noroeste da Europa.

manchada de longas noites de luta, mas era lavada regularmente e usada novamente. Roupas, depois de tudo, servem nada mais para ocultar o que não foi dado aos vampiros no nascimento.

Elas não eram uma decoração para uso pessoal, pelo menos, não para ele.

Virando-se para o espelho, murmurou com a visão de si mesmo.

O assassino que ele era lutando corpo a corpo era viciosamente bom com uma faca, provavelmente o resultado de sua antiga vida nas ruas, e uma pressa em combater com uma suas excelentes habilidades. Vencia, é claro, mas a batalha era revigorante.

Infelizmente, porém, levou para casa uma lembrança linda do conflito: o corte que ia da frente de seus bíceps e para o lado, terminando no topo de seu ombro. Bastante desagradável. Mas já tivera pior.

E, consequentemente, sabia como tratar a si mesmo. Alinhadas em cima do balcão estavam vários itens, que gente como eles e seus combatentes necessitavam ao longo do tempo: uma garrafa de álcool CVS, um isqueiro BIC, várias agulhas de costura, um carretel de linha preta de nylon de pesca.

Xcor fez uma careta quando tirou a camisa de manga curta que foi cortada por sobre a ferida e divida. Rangendo os dentes, a dor foi ainda mais afiar e o seu estômago apertou-se como um punho.

Respirando fundo, esperou até as sensações passarem e depois foi para o álcool. Torcendo a tampa branca, se inclinou sobre a pia, preparou-se e...

O som que saiu de seus dentes trancados era parte grunhido, parte gemido. E, quando a sua visão embaralhou fechou os olhos e apoiou o quadril na borda da pia.

Inalando duro, suas vias respiratórias ardiam com o cheiro, mas não havia colocado a tampa de volta ainda. Suas habilidades motoras excelentes ainda eram duvidosas.

Tomando um passeio para limpar a cabeça, voltou para o quarto e deu ao seu corpo a chance de se recalibrar. A dor era como se tivesse um cachorro preso ao seu braço que estava tentando comê-lo vivo, amaldiçoou muitas vezes.

E terminou no andar de baixo. Onde estava o licor.

Nunca foi alguém que se embebedasse, investigou o saco de lona com garrafas que Zypher trouxera do armazém. O soldado tomava um drinque de vez em quando, e embora Xcor não aprovasse, ele aprendeu há muito tempo que era preciso fazer certas concessões quando se tratava de combatentes agressivos, inquietos.

E em uma noite como esta noite encontrou-se grato.

Uísque? Gin? Vodka?

O que importava.

Pegou um acaso, tirou o selo na tampa e inclinou a cabeça para trás. Abrindo sua garganta, derramou o que quer que fosse para baixo, engoliu, apesar do fato de que seu esôfago queimou como se estivesse em chamas.

Xcor continuou a beber enquanto voltava para cima. Bebia mais que andava, mais um pouco e esperou os efeitos chutar.

Bebeu ainda mais.

Não tinha certeza de quanto tempo demorou, mas finalmente estava de volta na luz do banheiro, colocou um comprimento de sessenta centímetros de linha preta na cabeça de uma agulha fina. De frente para o espelho largo retangular sobre as pias, estava grato que a lâmina do *lesser* tinha encontrado o seu braço esquerdo. Isso significava que, como um homem com a mão direita, poderia lidar com isso por conta própria. Se tivesse sido o outro lado? Teria sido obrigado a pedir ajuda.

A bebida ajudou muito. Ele mal se encolheu quando perfurou sua própria pele e fez um nó limpo com a ajuda de seus dentes.

Na verdade, o álcool é uma substância curiosa, pensou quando começou a fazer uma linha de pontos. A dormência que veio sobre ele o fez se sentir como se tivesse submerso em água quente, o seu desprendimento corporal, a dor ainda fazia uma aparição, mas o volume da agonia declinou.

Lento. Preciso. Regular.

Quando chegou ao topo do seu ombro fez outro nó, então deixou a agulha livre, colocou tudo de volta onde encontrou e foi para o chuveiro.

Retirou o couro das suas pernas, suas botas de combate e entrou debaixo da ducha.

Desta vez, o gemido era de alívio, quando a água morna cobriu os ombros doloridos, costas duras e os músculos das coxas apertados, a sensação de conforto era quase tão grande como a agonia foi.

E pela primeira vez, se permitiu dar a ele. Provavelmente porque estava bêbado.

Flexionando contra a parede de azulejo, a água bateu na cara, mas de uma forma suave, como a chuva, antes de viajar pela frente do seu corpo, passando sobre o peito e sua barriga dura, além de seus quadris e seu sexo...

Do nada, viu sua Escolhida inclinando-se sobre ele, seus olhos verde brilhando à luz do luar, a árvore suspensa parecia protegê-los.

Ela estava alimentando-o, seu pulso, magro pálido em sua boca, a garganta engolindo ritmicamente.

No meio de sua névoa induzida pelo álcool, a necessidade sexual veio sobre ele, parecendo se desdobrar em sua pélvis como uma mão aberta.

Ele tornou-se duro.

Abrindo os olhos, não que tivesse conhecimento de fechá-los, olhou para si mesmo. A luz brilhante sobre as pias foi ofuscada pela cortina opaca mantida pela água da ducha, mas não havia mais do que a iluminação suficiente para atravessar. Desejou que estivesse completamente escuro... Por isso não trouxe alegria ver a excitação, o comprimento do pé para ponta, de modo estúpido e orgulhoso do seu corpo.

Não conseguia entender o que estava pensando. Gostava de prostitutas pagas para acomodar seus impulsos, estava pressionando a imaginar a linda Escolhida fazendo algo, mas correu na direção oposta...

Abruptamente, lhe pareceu deprimente, especialmente porque o latejo entre suas pernas ficou mais forte. Na verdade, seu corpo era um instrumento tão triste, tão patético neste inconsciente desejo que era indesejado por todos.

Em particular, por alguém como ela.

Virando-se, inclinou a cabeça para trás e colocou as mãos em seu cabelo. Hora de parar de pensar e ficar limpo. O sabão no prato que estava montado no azulejo, fez o seu dever com entusiasmo sobre a sua pele e seu cabelo...

E ainda estava ereto quando foi hora de sair.

O ar frio iria cuidar disso.

Pisou no tapete de banho, este também foi feito nesse vermelho rosado profundo horrível, ele se enrolou na toalha.

Ainda ereto.

Olhando para suas roupas de combate, encontrou-se relutante em colocá-las em cima de sua pele. Áspera. Rugosa. Suja.

Talvez o ambiente feminino estivesse contaminando-o.

Xcor acabou na grande cama, nu, de costas.

Ainda ereto.

Um rápido olhar para o relógio na mesa de cabeceira e sabia que não tinha muito tempo antes que a casa fosse inundada com os soldados.

Se fosse para ser tinha que ser rápido.

Canalizando sua mão sob os lençóis e para baixo de seu corpo, agarrou-se...

Olhos fechados, Xcor gemia com seu membro duro e quente do calor e da necessidade que enrolavam nas suas partes baixas do corpo. Como o travesseiro veio para cumprimentar o lado de seu rosto, logicamente, era o contrário, supôs, começou a bombear para cima e para baixo.

Delicioso. Especialmente na parte superior, onde sua cabeça doía sem corte e tinha atenção em cada movimento ascendente. Mais rápido. Mais apertado.

Durante todo o tempo vendo sua Escolhida.

Na verdade, a imagem dela fez mais por ele do que ele mesmo. E, quando as sensações cresceram cada vez mais fortes percebeu pela primeira vez porque seus soldados faziam isso tantas vezes. Tão bom. Muito, muito bom...

Oh, sua fêmea era bonita. Até o ponto que, apesar do poder do que fazia a si mesmo, não perdia o rosto dela de vista. Pelo contrário, ela se tornou dolorosamente visível para ele, seu cabelo claro, os lábios vermelhos, seu delgado pescoço, todo o caminho do seu corpo longo e elegante que estava oculto pela túnica branca que usava foi revelado e ela era imaculada.

Qual seria a sensação de ser querido por tal criatura? Ser acolhido dentro de seu corpo sagrado como um macho de valor...

Naquele momento, a realidade de sua gravidez aterrissou sobre ele como um peso físico. Mas pelo menos já era tarde demais. Mesmo que seu coração gelado e seu peito começassem a doer com o conhecimento que ela havia aceitado outro, seu corpo continuou em seu passeio da alegria, a conclusão tão imparável quando um...

O orgasmo que varreu o fez chorar e agradecer as Fates pelo travesseiro que acolheu seu sêmen. Naquele momento, lá em baixo, ouviu o primeiro de seus soldados andar pela casa, uma saraivada de botas de combate, um inconfundível trovão que reconheceria em qualquer lugar.

O resultado de sua libertação foi infeliz em muitos níveis para contar. Virou-se em cima de seu ombro ferido, as mãos vieram para o abdômen, bem como os lençóis, e a visão de beleza desapareceu de sua cabeça, sua dura realidade, tudo o que restou.

A dor dentro dele era crua como uma ferida fresca.

Mas pelo menos não de toda forma, sabia disso.

Ele era, afinal, antes de tudo, um soldado.

Capítulo 66

—Sim, com certeza você pode ir vê-lo. Ele está tonto, mas consciente.

Quando a doutora Jane sorriu para Qhuinn, ele se levantou, suas calças de couro em seus quadris e se estirou em sua camiseta. Passou a mão pelo cabelo, colocando-o para baixo, no entanto, forçando os braços para ficar ao seu lado, mesmo que as palmas das mãos estivessem ansiosas para puxar e arrastar por todo o cabelo.

—E ele vai ficar bem?

A médica balançou a cabeça quando começou a desamarrar a máscara cirúrgica que estava pendurada em torno da frente do pescoço. —Nós removemos o equivalente vampiro do baço humano, o que deu conta da hemorragia interna. Também passamos por ele com um pente de finos. O mais próximo que podemos imaginar, como ele estava em algum tipo de estagnação dentro de um tambor de óleo, o sangue do Omega de alguma forma, o preservou em seu estado atual, apesar dos ferimentos. Se ele tivesse sido deixado de fora, estou muito certa de que ele teria morrido.

A maldição que trouxe um milagre, Qhuinn pensava.

—E ele não está contaminado?

Jane deu de ombros. —Ele sangra vermelho e ninguém pode sentir qualquer coisa do Omega nele, — que era apenas um caso sobre ou em torno dele.

—Ok. Tudo bem. — Qhuinn olhou para a porta. —Bom.

Hora de entrar, ele disse a si mesmo. Vamos...

Seus olhos foram para Blay. Durante o curso da operação de quatro horas, o cara estava de lá e para cá no corredor, fazer pausas no estacionamento para cigarro. Ele sempre voltou, no entanto.

Deus, ele parecia sombrio.

Desde que V saiu e os encontrou... Sim.

Cristo, quanto tempo havia passado.

—Vou entrar agora — disse ele.

Não foi até depois que Blay assentiu, que ele realmente entrou na OR[192].

Empurrando seu caminho através da porta, a primeira coisa que o recebeu foi cheiro do antisséptico que associou com as contusões pós luta. Em seguida foi o apitar sutil da máquina no centro da sala e o som de digitação de Ehlena no computador.

—Vou lhe dar algum tempo sozinho, — ela disse em uma voz gentil enquanto levantava.

—Obrigado, — ele respondeu calmamente.

Quando a porta se fechou atrás dela, Qhuinn esticou sua camisa mesmo que não precisava disso. —Luchas?

Esperando pela resposta de seu irmão, olhou ao redor. Os resíduos da operação, as compressas de gaze com sangue, os instrumentos utilizados, o tubo de plástico, estava acabado, nada além do corpo imóvel sob os lençóis brancos e um saco vermelho recheado com restos biológicos para mostrar as horas que passaram.

—Luchas?

Qhuinn se aproximou e olhou para baixo. O macho que não costumava ter problemas com sua pressão arterial, mas quando enxergou o rosto desenhado de seu irmão, as coisas deram uma volta, uma onda de tontura fazendo-o perceber exatamente quão alto ele era e o tamanho do tombo.

Os olhos de Luchas se abriram.

Cinzas. Ambos eram cinza, e ainda permaneciam.

Qhuinn chegou por trás e rolou por sobre um banquinho. Quando se sentou, não sabia o que fazer com os braços, as mãos... Sua voz.

Nunca esperava ver um membro de sua família novamente. A última vez que o viu foi antes dos ataques, quando ele foi expulso.

—Como você está indo? — Que pergunta idiota.

—Ele manteve... Me...

Qhuinn se aproximou, mas porra, essa voz fraca e rouca não ia longe. —O quê?

—Ele me manteve... Vivo...

—Quem?

—...Por causa de você.

—De quem está falando? — Difícil imaginar o Omega tendo uma vingança contra...

—Lash...

Ao som do nome no lábio superior, Qhuinn mostrou suas presas. Filho da puta esse primo deles, que acabou por não ser de sangue em tudo, mas sim, o filho transplantado do Omega. Quando criança o FDP foi um detestável exibicionista. Como um pré-trans no programa de formação ele fez a vida de John Matthew um inferno. Como um pós-trans?

Seu verdadeiro pai o acolheu de volta ao redil e a completa destruição foi o resultado. Lash foi o único que liderou os ataques. Depois de séculos da Sociedade Lesser procurar as moradias

---

[192] *Sigla para operating room – sala de cirurgia.*

dos vampiros, o bastardo sabia exatamente para onde enviar os assassinos e isso porque foi adotado em uma família aristocrática, ele dizimou as classes superiores.

Mas, aparentemente, o Daddio[193] e o menino de ouro teve um desentendimento.

Merda, a ideia que Lash torturando o seu irmão? Apenas o fez querer matá-lo mais uma vez.

Quando Luchas gemeu e respirou fundo, Qhuinn levantou a mão para... Um afago no ombro ou algo assim. Mas não seguir adiante. —Escuta, não precisa falar.

Aqueles olhos cinza avermelhados cinza fixados nos dele. —Ele me manteve vivo... Por causa do que eu fiz... A você...

Na maca, as lágrimas brotaram e começaram a cair, as emoções de seu irmão derramando-se em seu rosto, motivadas pelo arrependimento, sem dúvida, a dor física, bem como os narcóticos usados para tratá-lo.

Porque Qhuinn tinha dificuldade em acreditar que o cara não mostraria nada disso em circunstâncias normais. Essa não foi a maneira que todos eles foram criados. Regras sobre a emoção.

Sempre.

—A Guarda de Honra... — Luchas começou a chorar de verdade. —Qhuinn... Eu sinto muito... Desculpe...

Não devemos matá-lo!

Qhuinn piscou e voltou ao momento ao lado da estrada, os homens em vestes negras em torno dele o surrando, enquanto tentava proteger a cabeça e as bolas. Em seguida, foi até a porta da Fade, para conhecer sua filha.

Tão estranhas à maneira como as coisas chegaram ao ponto de partida. E como algumas tragédias realmente levaram a coisas boas.

Agora, Qhuinn tocou seu irmão, descansando a mão sobre o ombro magro. —Psiu... Isso está bom. Nós estamos bem, está bem...

Não tinha certeza se isso era verdade, mas o que mais ia dizer com o cara quebrado?

—Ele queria... Transformar-me... — Luchas respirou fundo. —Ele trouxe-me... De volta. Acordei no meio da floresta, seus homens me bateram... Fez coisas para mim... Colocou-me nesse sangue... Esperei que eles voltassem, nunca o fizeram.

—Está seguro aqui. — Isso foi tudo que podia pensar. —Não se preocupe com a mínima coisa, ninguém vai chegar perto de você.

—Onde... Estou...

—O centro de treinamento da Irmandade.

Aqueles olhos se arregalaram. —De verdade?

—Sim.

—De verdade... — expressão Luchas mudou, depois suas características consideráveis apertarem ainda mais. —Cadê *Mahmen*. Papa. Solange?

Qhuinn apenas balançou a cabeça para trás e para frente.

---

[193] *O termo caiu em desuso, mas a tradução mais aproximada é cara.*

E, em resposta, uma força repentina que veio a voz frágil. —Tem certeza que eles estão mortos? Você tem certeza?

Como se ele não desejasse que ele sofresse sobre nenhum deles.

—Sim, temos a certeza.

Luchas suspirou e fechou os olhos.

Merda. Qhuinn se sentiu um pouco tentado sobre mentir, mas, apesar do fato que as máquinas sobre cama sugeria que seu irmão estava estável, o cara afundou, não queria enviar o pensamento de Luchas para túmulos depois do que fizeram com ele, ninguém poderia ter certeza de quantos outros foram levados ou quando.

No silêncio, Qhuinn olhou para a mão de seu irmão. O anel de sinete foi deixado na... Talvez porque a junta dele estava tão inchada, eles teriam que cortá-lo.

O elmo que foi esculpido no ouro era o símbolo sagrado apenas das famílias fundadoras como marcar de sua linhagem. E sim, uau, foi completamente demente e grosseiramente inapropriado, cobiçar a maldita coisa. Depois de tudo que aconteceu achava que estaria desgostoso.

Então, novamente, talvez fosse apenas uma reação instintiva, um eco de todos esses anos de espera, tendo esperança que teria um para si.

—Qhuinn?

—Sim?

—Sinto muito...

Qhuinn balançou a cabeça, apesar de pálpebras de Luchas estarem fechadas. —Não se preocupe com nada. Está seguro. Você está de volta. Tudo vai ficar bem.

Quando o peito de seu irmão se levantou e caiu outra vez como se ele estivesse aliviado, Qhuinn esfregou o rosto e não se sentir bem sobre nada disso. Não a condição de seu irmão ou seu retorno.

Não era que ele quisesse o cara morto. Torturado. Congelado para sempre.

Mas ele fechou a porta a tudo dessa dinâmica familiar. Relegou-a parte detrás de seu arquivo mental. Afastado para sempre, para nunca mais ser visto novamente.

O que você poderia fazer, entretanto?

Vida especializada em questões particulares difíceis.

A coisa lamentável era que elas de algum modo inevitável acabou pegando-o pelas bolas.

Quando um assobio soou ao lado de Blay, ele pulou. —Oh, ei John.

John Matthew levantou a mão em uma onda. *Como estão as coisas?*

Quando Blay deu de ombros, pensou que poderia ser uma boa ideia se levantar do chão novamente. Sua bunda estava dormente, o que significava que era hora para outra de suas caminhadas.

Grunhindo enquanto ficou de pé, esticou as costas. —Acho que está tudo bem. Luchas estava acordado o suficiente após a cirurgia, para Qhuinn estar lá agora.

Oh. Uau.

Enquanto Blay andava em um círculo apertado, John encostou contra a parede. Ele estava vestido de moletom e o cabelo do cara ainda estava molhado e havia uma marca de mordida em seu pescoço.

Blay olhou para longe. Abriu a boca para dizer alguma coisa. Ficou sem gás para uma conversa.

Pelo canto do olho, viu sinal de John, *então, como estava Saxton?*

—Ah, bom. Ele está bem, em umas pequenas férias.

Ele tem trabalhado muito duro.

—Sim, ele tem. — Enquanto esperava que o assunto terminasse ali, se senti estranho em esconder algo de John. Além de Qhuinn, o cara tem sido seu melhor amigo, embora eles tivessem se afastado durante o ano passado, também. —Mas ele vai estar de volta em breve.

Você deve sentir falta dele. John olhou para longe, como soubesse que estava pressionando-o.

Fazia sentido. Blay sempre encerrava qualquer conversa sobre seu relacionamento, desviando a conversa para outros assuntos.

—Sim.

Então, como Qhuinn está se segurando? Eu não quero me intrometer, mas...

Blay só poderia dar de ombros novamente. —Ele está lá por algum tempo. Estou tomando essa notícia como boa.

E Luchas vai fazer isso?

—O tempo dirá, mas pelo menos ele está remendado. — Blay tirou seus Dunhills e acendeu, expirando lentamente. Quando ninguém disse nada, apenas um silêncio constrangedor, ele disse, —Escute, me desculpe se estou sendo estranho.

A verdade era que a marca de mordida era um lembrete de que ia ter que acontecer para ele, e realmente não precisa disso tão frontal e central.

Voz de Qhuinn invadiu sua cabeça. *Nós poderíamos ir juntos*.

O que diabo tinha ele concordado?

Você está estressado, John assinalou quando se concentrou na porta. *Estamos todos estressados. Tudo é... Estressante.*

Blay franziu a testa quando o humor do cara registrou. —Ei, você está bem?

Depois de um momento, John assinalou, *a coisa mais estranha aconteceu na outra noite. Wrath me chamou em seu escritório e me disse que Qhuinn não era mais meu ahstrux nohtrum. Quer dizer, isso é bom, isso é legal, realmente as coisas estão muito complicadas. Mas Qhuinn nunca disse nada para mim, e eu não sei se eu deveria dizer algo a ele? Eu também não sabia que era possível. Quero dizer, quando começou, era como se, fossemos um dupla cor de rosa, e isso é que foi, você sabe? Ele apenas saiu? Será que é por causa da coisa com a Layla? Eu pensei que eles não iam se acasalar.*

Blay exalou uma maldição, a fumaça ondulando por cima da sua cabeça. —Eu não tenho ideia.

Merda, essa coisa de acasalamento, provavelmente, deve ter lhe ocorrido, e talvez fosse por isso que Qhuinn saltou fora de alcance quando V apareceu.

Poderia que Qhuinn e Layla ficassem engatados agora que a cria estava bem...

A porta larga abriu e Qhuinn saiu, olhando como se tivesse sido chutado na cabeça. —Oh, ei John, o que passa?

Enquanto os dois tocaram um ao outro no ombro. Qhuinn olhou, mas continuou com um vai-e-vem com o John.

E então ele e Qhuinn estavam sozinhos após John os deixar um momento depois.

—Você está bem? — Qhuinn disse.

Claramente, a pergunta do momento, não era.

—Na verdade, eu ia lhe perguntar isso. Como está Luchas? — Blay deu uma de V e apagou o cigarro no piso com suas botas.

Antes que Qhuinn pudesse responder, Selena saiu do escritório, como se ela tivesse sido convocada da casa principal. A Escolhida caminhou em direção a eles graciosamente, mas com um propósito, sua túnica branca tradicional fluindo ao redor de suas pernas.

—Saudações, senhores, — ela disse enquanto se aproximava. —Dra. Jane indicou que eu fui requisitada?

Quando Blay exalou, sentiu como socando a si próprio. Esta era a última coisa que ele...

—Sim, nós dois, — Qhuinn respondeu.

Blay fechou os olhos, quando de repente o surto o balançou. A ideia de assistir a alimentação de Qhuinn era como uma droga em seu sangue, soltando-o e ameaçando levá-lo duro. Mas, realmente, não era...

—No final do corredor seria ótimo, — Qhuinn murmurou.

Bem, era melhor do que um quarto. Certo? Mais profissional, sim?

E ele necessitava se alimentar e Qhuinn, sem dúvida, também após todo o drama.

Blay abandonou a ponta do cigarro em uma lata de lixo e foi atrás quando Qhuinn liderou o caminho. Indo junto, ele não acompanhou os movimentos da Escolhida. Não. Nem pela sombra. Seus olhos estavam grudados em Qhuinn, desde os ombros, os quadris... A bunda...

Ok, isso ia parar. Agora.

Ele só precisava se recompor, fazer a alimentação, e dar uma desculpa para ir embora.

Talvez este plano fosse um que realmente funcionasse?

No meio de uma porta. Conversa. Sorriso educado, mesmo que não soubesse o que foi perguntado ou a resposta dela.

Ah, um dos quartos do hospital, percebeu. Esse era realmente um bom, ambiente clínico. Basta tomar a veia e se movem ao longo, com uma função biológica não necessariamente leva a outra...

—Sinto muito? — A Escolhida disse, olhando para ele com uma cara aberta.

Grande. Ele estava com os lábios frouxos, mas não havia como dizer o quanto ele tinha compartilhado.

—Sinto muito, — ele disse suavemente. —Estou com fome, como todos nós.

—Nesse caso, gostaria de ser o primeiro? — Selena perguntou.

—Sim, ele, — Qhuinn respondeu quando ele se recostou contra a porta.

Bem, lá vai você, Blay pensou. Tudo foi resolvido. Quando Qhuinn começou? Ele ia deixar.

Um passo à frente, ele se perguntou como isso iria funcionar com precisão, mas Selena resolveu, pegou uma cadeira e se sentou ao lado da cama do hospital. Entendido, Blay saltou para o colchão, deslocando seu peso no travesseiro com a cabeça ligeiramente levantada, as molas rangeram. E então a sua mente fechou, que foi um alívio. Quando Selena estendeu o braço e puxou luva branca, a fome veio à frente, as presas caindo para baixo de sua mandíbula superior, a respiração profunda.

—Por favor, comece quando quiser — disse ela calmamente.

—Agradeço o presente, Escolhida, — ele respondeu em voz baixa.

Inclinando-se, ele golpeou profundamente, mas tão suavemente quanto pôde e no primeiro gole, soube que foi muito longo. Com um uivo grande, seu estômago rugiu com a necessidade, sua civilidade drenou fora dele, seus instintos assumiram. Ele respirou duro, bebendo mais e mais rápido, o desembarque de energia em seu intestino e se espalhando para fora de lá...

Seus olhos foram para Qhuinn.

Vagamente, estava consciente de que, mais uma vez, um de seus planos logo ia ficar fora da janela e esquecido. Na verdade, esta era uma péssima ideia, supondo que ele não quisesse foder o cara de novo. A lógica era difícil o suficiente quando era apenas um caso de emoções conflitantes. Um desejo completamente sexual, estimulado pela bebida?

Ele era um bundão de primeira ordem, realmente era.

E isso era especialmente verdade quando viu a ereção de Qhuinn inflar atrás das calças de couros do guerreiro.

Foda-se.

Foda-se.

Cara, um destes dias, ele ia ser forte o suficiente para ir embora. Realmente era honesto.

Ah, porra.

Capítulo 67

Enquanto Qhuinn assistia ao show, separou a boca com a língua e deu uma lambida nos lábios.

Do outro lado da pequena sala, Blay estava em cima da cama do hospital, o torso perfeito inclinado para frente para que pudesse partilhar da veia da Escolhida, as mãos, capazes e bem treinadas, fortes mãos, segurando o pulso frágil para a boca com cuidado como se, mesmo no meio da alimentação, ele fosse um gentlemale[194].

[194] *A autora criou uma palavra. Seria como um "macho cavalheiro"*

Enquanto continuava a beber, seu tronco curvava ainda mais apertado, a caixa torácica flexionando e ajustando com cada respiração, a cabeça sutilmente mudando a cada gole.

Era tudo que Qhuinn poderia fazer para ficar onde estava. Ele queria tanto subir naquele colchão também, girar aquele corpo ao redor para que pudesse ficar atrás. Queria estar no pescoço do macho assim como Blay tomava da Escolhida. Queria transar com o cara por 12 ou 15 horas direto, quando ambos estivessem acabados.

Depois de todo o drama com Luchas, este descanso, curto e intenso a partir do choque e da dor foi um alívio, glorioso culpado: era muito bom poder se concentrar em algo como isso, sua mente cansada e exausta, o corpo pronto para ser atualizado para que pudesse voltar à realidade lutando forte mais uma vez.

Deus, seu irmão ...

Balançando a cabeça, ele deliberadamente deu a seu cérebro algo erótico para jogar: Tal como a mão de Blay furtivamente entre suas pernas e reorganizando algo em sua braguilha, era muito claro que ele estava completamente excitado.

Como se aquele cheiro delicioso não tornasse óbvio.

Exatamente quando Qhuinn estava prestes a sucumbir, Blay levantou a cabeça e soltou um som de satisfação. Em seguida, o macho lambeu as feridas que fez.

Você sabe o que, Qhuinn pensava. Foda-se a alimentação. Tudo o que ele precisava era de Blay ....

—E você, senhor? — Escolhida perguntou.

Porcaria. Ele provavelmente deveria.

Além disso, Blay estava claramente em um estado languido pós-alimentação, o corpo lento, com os olhos confusos e Qhuinn se aproveitou, empurrando-se entre o lutador e a Escolhida, a bunda esfregando contra o cume duro do pau de Blay quando pulou para cima da cama.

Enquanto Blay deixou escapar um gemido, Qhuinn se inclinou e tomou outro o pulso da fêmea. Segurando-o com uma mão, ele usou a outra para arrancar a parte traseira de sua camiseta e depois jogar palma de Blay na frente de suas próprias calças.

Qhuinn manteve gemido para si, tomando um puxão duro da veia da Escolhida, mas Blay chiou.

Talvez a Escolhida pudesse pensar que que ...

Olhos de Qhuinn reviravam em sua cabeça enquanto Blay o acariciava, o atrito ameaçando fazê-lo gozar ali mesmo, e não era algo que ele queria fazer na frente de Selena.

Mas, oh, porra, isto foi ...

Ele colocou sua própria mão lá em baixo, acalmando o movimento.

Então Blay apenas deu um bom aperto em suas bolas.

Qhuinn gozou no próximo gole, o orgasmo fora dele antes que ele pudesse pensar em qualquer tipo de distração chata e desinteressante, o prazer coroando com tanta força, ele afundou em sua pele.

A risada de Blay era erótica como o inferno.

Seja qual fosse, o retorno seria uma cadela, Qhuinn jurou a si mesmo.

E, como se viu, ele mal podia esperar. Ele retirou suas presas e parou de beber antes que estivesse satisfeito, porque a sua fome por algo mais o tomou completamente, e foi além do tempo para enviar Selena em seu caminho.

Dispensando a Escolhida de uma forma educada, uma manobra rápida no piloto automático, ele não fazia ideia do que estava dizendo, mas pelo menos ela estava sorrindo e olhando satisfeita, então deve ter feito a coisa certa.

Ele estava muito consciente de trancar a porta, no entanto.

Quando se virou, encontrou Blay deitado e atendendo a si mesmo, a mão acariciando para cima e para baixo entre as pernas. As presas ainda alongadas da alimentação, os olhos brilhando sob as pálpebras pesadas, e puta que pariu, ele era quente ...

Qhuinn abandonou seus shitkickers. Os couros. Sua camisa.

Blay gozou antes mesmo que ele chegasse na cama, o macho arqueando-se e gemendo, a cabeça batendo no travesseiro fino, e seus quadris se sacudiram.

Como Qhuinn, sua bunda de fora era demais para suportar.

Melhor. Elogio. sempre.

Qhuinn atacou a cama, pulando em cima de Blay, achando sua boca e capturando-a. Roupas foram rasgadas, os botões da braguilha de couros de Blay estalando livres e batendo como moedas atiradas para o linóleo, sua camisa rasgada em pedaços. E então eles eram pele sobre pele, nada separando sua carne.

Enquanto eles se contorciam um contra o outro, Qhuinn sabia o que queria. E ele estava muito desesperado e com fome para pedir muito bem, ou até mesmo falar sobre isso.

Tudo que ele podia fazer era romper com aquela boca, rolar para longe de Blay... e alcançá-lo por trás, puxando o outro macho para ele, enquanto ele caía.

Como você sabe, Blay assumiu a partir daí. E sabia exatamente o que fazer.....

Qhuinn sentiu-se posicionando com as mãos ásperas, antes que percebesse, estava de joelhos, o rosto no colchão, respiração batendo para fora da boca. Era tudo tão estranho, deixar alguém assumir o comando, e ele se sentia vulnerável, também, mesmo através do desejo ...

—Oh *foda*! — Ele berrou quando foi possuído, as sensações de dor e prazer, alongamento e acomodação, misturando em um coquetel que o fez gozar tão duro que viu estrelas.

E então Blay começou a se mover.

Qhuinn abraçou o próprio corpo e se manteve na dele, se segurando enquanto aquela coisa da virgindade estava acabada e feita e muito bem feita..., mas bom.

Oh, homem, era uma corrida incrível, e só ficou melhor. Com o braço de Blay serpenteando em volta do peito e o prendendo, o ângulo alterado, as penetrações indo mais e mais, mais e mais rápido, a cama começando a balançar para trás e para frente contra a parede, a respiração ofegante em seu ouvido crescendo mais dura e mais severa ....

A entrada foi a única grande queimadura que sentiu, a vantagem não só da libertação, mas Blay, apertando-o todo, suas coxas, inclinando a pélvis para receber, os grandes braços segurando ambos para fora da cama ...

Quando Blay gozou, as estocadas o travando, a cabeça Qhuinn bateu duro na parede, não que ele notou ou se importou. E depois aquele caralho empurrando descontroladamente ...

E Qhuinn sentiu-se bem e realmente possuído pela primeira vez na vida.

Foi ... nada menos que um milagre.

Naturalmente, levou um tempo para Blay ter sua cota. E, curiosamente, Qhuinn estava totalmente bem com isso.

Quando as coisas finalmente chegaram a uma pausa que durou mais de um minuto e meio, Qhuinn lançou a tensão em seus braços e afundou na cama, virando-se para o lado. Blay estava aparentemente exausto, o seu corpo seguindo o exemplo e alongando atrás dele.

O braço de Blay ficou no lugar.

E o que importava agora, apesar de toda a experiência, foi o peso, solto pesado sobre ele. Deitados como estavam, fez deles, não dois homens que tiveram sexo e estavam lado a lado ... mas amantes.

Na realidade, ele nunca teve um amante antes, e não porque acabou no fundo do poço, pela primeira vez em sua vida. Ele fazia muito sexo. Mas nunca houve alguém que ele quisesse abraçar depois. Nunca alguém que ele quisesse segurar.

Sim ... Blay era seu primeiro amante real.

E embora perdesse a honra quando se tratava do cara, parecia apropriado que Blay fosse dele. Ninguém jamais poderia tirar o seu primeiro e ele sentiu-se sortudo. Ele sempre ouviu através de fofoca que um monte de vezes, ou era realmente doloroso para as mulheres ou apenas como um encontro louco, nada registrado.

Isso, ele lembraria para sempre.

Atrás dele, Blay ainda estava respirando profundamente, o calor irradiando dele, os corpos ainda unidos.

E Qhuinn queria aproveitar este espaço tranquilo: Muito lentamente, como talvez se ele não se movesse muito rápido o cara não perceberia-cobriu antebraço de Blay com o seu ... então colocou a mão sobre a de seu amigo.

Fechando os olhos, rezou para que estivessem bem. Que pudessem ficar assim um pouco.

Merda, o medo súbito que sentia era nada menos do que tortura, e isso o fez pensar sobre a natureza da coragem.

Especificamente o quanto ele possuía pouco dela quando veio ate Blay.

A partir do nada, ele lembrou o cara dizendo que ele apenas viu-se com uma mulher, a longo prazo. Que essa era a razão pela qual ele não poderia ter Blay sobre o que ele estava oferecendo. Na época, ele quis dizer cada palavra, mas ele não olhara muito além da convicção.

Ele fora um covarde naquela época, não foi.

—Deus, sinto-me em carne viva, — sussurrou.

—O que? — Veio uma resposta sonolenta.

—Eu sinto ... — Exposto.

Se Blay se afastasse agora? Ele quebraria em pedaços que nunca se encaixam bem de novo.

Blay deixou escapar um bufo e puxou o braço, atraindo Qhuinn mais perto, não empurrando-o para fora. —Está com frio? Você está tremendo.

—Aqueça-me?

Houve algum arrastar, e depois um cobertor foi jogado sobre os dois. Em seguida, as luzes apagaram.

Quando Blay respirou fundo e parecia contente em se acalmar por um tempo, Qhuinn fechou os olhos ... e ousou entrelaçar os dedos por seu melhor amigo, formando uma vedação de suas mãos.

—Você está bem? — Blay perguntou de forma abafada. Como não havia nada, mas uma luz piloto acesa em seu cérebro, mas ele se importava.

—Sim. Apenas frio.

Qhuinn abriu as pálpebras contra a escuridão. A única coisa que podia ver era a linha de luz por baixo da porta ao nível do chão.

Conforme Blay adormecia, a respiração se tornando cada vez mais lenta ainda, Qhuinn olhou para frente, mesmo que não conseguisse ver nada.

Coragem.

Ele pensou que possuía tudo o que precisava, que a maneira como cresceu o fez mais forte e mais forte do que qualquer outra pessoa. Que a forma como fez o seu trabalho, correndo em prédios em chamas ou saltando em assentos do comandante de aeronaves quebradas, provaram isso. Que a forma como viveu a sua vida, essencialmente distante, significava que era forte. Significava que estava seguro.

A verdadeira medida de coragem ainda estava esperando por ele, no entanto.

Depois de anos trilhando demais, ele finalmente disse a Blay que estava arrependido. E então, depois do drama demais, finalmente disse ao rapaz que era grato.

Mas vir adiante e ser verdadeiro sobre o fato de que estava apaixonado? Mesmo que Blay estivesse com outra pessoa?

Essa foi a verdadeira diferença.

E maldito, ele o faria.

Não para separar o casal, não, não era isso. E para sobrecarregar Blay.

Neste caso, a desforra, como se viu, na verdade era uma promessa. Algo feito sem expectativas e sem reservas. Foi o salto sem paraquedas, o salto sem saber, a viagem e a queda sem nada para te pegar.

Blay fez isso não uma, mas várias vezes, e sim, com certeza, Qhuinn queria voltar a qualquer desses momentos de vulnerabilidade e bater suas encarnações de tal maneira que sua cabeça limpasse, e reconhecesse a oportunidade que fora dada.

Infelizmente, merda não aconteceu assim.

Era hora de ele retribuir a intensidade ... e com toda a probabilidade, suportar a dor que viria, quando fosse rejeitado de forma muito mais amável do que previu.

Forçando as pálpebras para baixo, trouxe juntas de Blay à boca, escovou um beijo contra elas. Em seguida, entregou-se ao sono, deixando-se cair na inconsciência, sabendo que, pelo menos para as próximas horas, estava seguro nos braços de seu primeiro e único.

Capítulo 68

Na noite seguinte, quando a noite caiu, Assail se sentou nu em sua mesa, seus olhos traçando a tela do computador em frente a ele. A imagem do monitor estava dividida em quatro quadrantes que estavam apontados para o norte, sul, leste e oeste, e de vez em quando, ele manipulava as câmeras, mudando seu foco e direção. Ou ao acaso ele mudava para outras lentes ao redor da casa. Ou voltava para as que ele tinha estado assistindo.

Depois de tomar um banho e fez a barba horas atrás, ele sabia que tinha de se vestir e sair. Aquele lesser com forte apetite para o produto estava em pé de guerra, alegando que ele tinha sido enganado num fornecimento de cocaína. Exceto que os gêmeos haviam concluído esta particular transação de acordo com os desejos do matador — e eles tinham isto gravado.

Apenas uma pequena precaução que Assail tinha iniciado.

Então ele não sabia o que estava acontecendo, mas ele certamente estava indo para descobrir: Ele tinha enviado a gravação para o celular do lesser a cerca de uma hora atrás, e estava esperando uma resposta.

Talvez isso iria envolver outro encontro frente-a-frente.

E seu comprador descontente não era a única coisa que pairava sobre ele. Esta chegando aquela época do mês quando Benloise e ele precisava fazer sua própria quadratura — uma transferência complicada de fundos que fazia todo mundo nervoso, incluindo Assail: Mesmo que ele fizesse pagamentos semanais regulares, eles totalizavam mais de um quarto de suas compras atuais, e dia 30, ele ia ter que acertar o balanço.

Muito dinheiro. E as pessoas podem tomar decisões muito más quando havia muito dinheiro em jogo.

Havia também a questão de que, pela primeira vez, ele ia querer os gêmeos o acompanhando. Ele não imaginava que Benloise iria apreciar o acréscimo à empresa, mas era apropriado para seus dois associados serem trazidos ainda mais para o rebanho — e este pagamento ia ser o maior que ele já tinha feito.

Um recorde que certamente seria quebrado se ele e o lesser continuassem a fazer negócios juntos.

Assail deslocou o mouse. Clicado em um dos quadrantes. Moveu a câmera de segurança em volta, procurando na área densamente arborizada atrás de sua casa.

Nada se movia. Nenhuma sombra saiu em disparada. Nem mesmo os ramos dos pinheiros se deslocavam com qualquer tipo de vento.

Nenhuma trilha de esquis. Nenhuma figura escondida espiando.

Ela poderia o estar observando a partir de outro ponto de vista, ele pensou. Do outro lado do rio. Do outro lado da estrada. Para baixo na pista.

Distraído, ele estendeu a mão para o frasco de pó ele manteve ao lado do teclado. Ele tinha usado no final da tarde, quando a luz minguante do dia havia exigido a mudança para visão noturna nas câmeras. Ele também usou um par de vezes desde então, apenas para se manter acordado.

Ele não tinha dormido por dois dias neste ponto.

Ou eram três?

Conforme ele moveu a colher de prata minúscula em volta, a puxando em um círculo na base do frasco, tudo o que conseguiu foi o tilintar do metal no vidro.

Ele olhou para dentro.

Evidentemente, ele tinha terminado a muito tempo.

Irritado com simplesmente tudo em sua existência, Assail jogou o frasco de lado e se recostou na cadeira. Enquanto sua mente girava e a compulsão para ir de imagem para imagem para imagem tencionou como uma corda em torno de sua liberdade de escolha, ele estava vagamente consciente de seu cérebro estava zumbindo de uma forma doentia..

Ele estava bloqueado, no entanto. Indo a lugar nenhum rapidamente.

Onde estava sua assaltante bonita?

Certamente ela não poderia ter querido dizer o que ela disse.

Assail esfregou os olhos, e odiava o modo como sua mente estava correndo, pensamentos disparando para trás e para frente, de um lado para o outro de seu crânio.

Ele simplesmente não podia acreditar que ela pretendia ficar longe.

Quando seu celular tocou, ele o pegou com reflexos que eram muito rápidos, muito reprimidos. E quando ele viu quem era, ele ordenou que seu cérebro se recompor.

—Você viu o vídeo? — Ele exigiu, em vez de —Olá.

A voz de seu maior cliente não estava satisfeita. —Como eu sei quando foi feito?

—Você deve estar ciente do que seus homens estavam usando no momento.

—Então, onde está o meu produto?

—Isso não cabe a mim dizer. Uma vez que eu fiz o negócio com seus representantes, a minha responsabilidade está cumprida. Eu entreguei a mercadoria solicitada no momento e local de comum acordo, e, assim, cumpri meu dever para com você. O que acontece depois disso não é meu negócio.

—Se eu pegar você fodendo comigo, eu vou matar você.

Assail soltou um suspiro entediado. —Meu caro, eu não iria perder meu tempo com gostos como estes. Como é que você obteria então o que você precisa? E, por fim, gostaria de lembrar que não há incentivo para que eu seja desonesto com você ou sua organização. O lucro que você representa é o que importa para mim, e eu vou fazer o meu melhor para manter os fundos decorrentes vindo. É negócio.

Houve um longo silêncio, mas Assail sabia melhor do que assumir que era porque o matador do outro lado da conversa estava confuso ou perdido.

—Eu preciso de outro fornecimento, — o lesser murmurou após um momento.

—E eu vou com prazer o fornecer.

—Eu preciso de um empréstimo.— Agora Assail franziu a testa, mas o lesser continuou antes que ele pudesse o cortar. —Você fornece este próximo pedido, e eu vou ter certeza que você será pago.

—Não é como eu faço negócio.

—Aqui está o que eu sei sobre você e os seus. Você tem uma pequena operação que controla uma área enorme. Você precisa de distribuidores — porque você matou todos os que estavam aqui antes. Sem mim e minha organização? Sem ofensa, você está ferrado. Você não pode começar a atender a todos de Caldwell — e seu produto não vale nada se você não pode coloca-lo nas mãos dos usuários.— Quando Assail não respondeu imediatamente, o lesser riu suavemente. —Ou você achou que eram desconhecidos, meu amigo?

Assail agarrou firme seu telefone celular.

—Então, eu estou pensando que você está certo, — concluiu o matador. —Você e eu somos parceiros. Eu não preciso lidar com seja quem for o grande atacadista. Especialmente na minha... encarnação atual.

Sim, só o cheiro faria Benloise fechar a porta na cara dele, Assail pensou.

—Eu preciso de você. Você precisa de mim. E é por isso que você vai trazer o meu pedido para mim e me dar 48 horas para pagar por isso. É como você disse. Temos merda um sem o outro, irmão.

Assail mostrou suas presas, o reflexo de seu rosto no vidro do monitor apavorante de fato.

E mesmo assim ele manteve a voz uniforme e calma. —Onde é que você gostaria do encontro.

Quando o lesser riu de novo, como se estivesse gostando disso, Assail focou na imagem de si mesmo rosnando. Seria insensato para o matador ficar ganancioso, ou tomar demasiadas liberdades.

A única coisa que sempre foi verdade sobre o negócio? Ninguém é insubstituível.

Conforme Trez despertou, sentiu-se como se estivesse flutuando em uma nuvem — e por uma fração de segundo, ele se perguntou se ele estava. Seu corpo estava completamente sem peso, até o ponto onde ele não tinha certeza se ele estava em suas costas ou de bruços.

Um som estranho filtrou através de seu nevoeiro.

Shhhscht.

Ele levantou a cabeça, e orientação veio a ele rapidamente: O brilho vermelho de seu despertador lhe disse que ele estava de bruços e em diagonal para os pés da cama.

Esse som veio novamente.

O que era? Metal contra metal?

Ele podia sentir iAm se movendo pelo corredor, a presença de seu irmão tão familiar a ele como a sua própria. Assim se ele tinha mais alguém no apartamento ou uma ameaça de qualquer tipo? iAm iria lidar com essa merda.

Se empurrando, ele saiu da cama e — sim, whoa, o quarto virou. Então novamente, não havia absolutamente, positivamente nada em seu estômago. De fato, era possível que ele tivesse vomitado o seu fígado, rins e pulmões durante a enxaqueca. A boa notícia era que a dor se foi, e o rescaldo aéreo não era ruim. Como estar bêbado, com a ressaca concentrada.

Quando ele entrou no banheiro, ele sabia que não devia ligar as luzes. Um pouco cedo para isso ainda.

O chuveiro foi tão bom que ele quase chorou, porra. E ele não se incomodou de se barbear — haveria tempo para isso mais tarde, depois de ter jogado um pouco de combustível em suas vísceras. Robe era legal — aconchegante, especialmente porque ele enrolou as lapelas e cobriu sua garganta.

Os pés descalços meio que criando sucção, especialmente quando ele saiu de seu quarto para o corredor com piso de mármore, mas precisava descobrir o que no inferno que...

Trez parou quando ele chegou à porta da suíte de seu irmão. iAm estava em seu armário, tirando as camisas que estavam nos cabides. Quando ele puxou outra braçada junta na haste de bronze, o shhhscht soou novamente.

Naturalmente, seu irmão não parecia surpreso que Trez tivesse feito uma aparição. Ele só jogou a carga em sua cama.

Foda.

—Vai a algum lugar? — Trez murmurou, sua voz muito alta em sua cabeça.

—Sim.

Merda. —Ouça, iAm, eu não quis dizer ...

—Estou embalando para você, também.

Trez piscou um par de vezes.

—Oh? — Pelo menos o cara não estava saindo sozinho. A menos que ele quisesse a satisfação de lançar as coisas de Trez da sacada?

—Eu encontrei para nós um lugar mais seguro.

—É em Caldwell?

—Sim.

Deixa do tema de Jeopardy! —Você quer me dar um código postal?

—Eu faria se eu pudesse.

Trez gemeu e se apoiou contra o batente, esfregando os olhos. —Você nos arrumou um lugar para ir — e você não sabe onde ele está?

—Não, eu não sei.

Ok, talvez não tivesse sido uma enxaqueca, mas um acidente vascular cerebral. —Sinto muito. Eu não estou seguindo...

—Nós temos — iAm olhou para o relógio — três horas para ter tudo embalado. Roupas e objetos pessoais apenas.

—Então é mobilhado, — Trez disse secamente.

—Sim. É.

Trez perdeu algum tempo assistindo seu irmão ser extremamente eficiente em fazer as malas. Camisas foram tiradas dos cabides, dobradas precisamente, colocadas na bagagem preta de couro Epi LV[195]. Calças, o mesmo. Armas e facas foram para as correspondentes maletas de aço.

A este ritmo, o cara ia estar pronto com sua merda em meia hora.

—Você tem que me dizer onde estamos indo.

iAm olhou. —Estamos indo morar com a Irmandade.

O cérebro de Trez limpou, clareando o nevoeiro em um instante. —Sinto muito. O quê.

—Estamos indo morar com eles.

Os olhos de Trez se arregalaram. —Estou ... Espere, eu não ouvi isso direito.

—Você fez.

—Com que autoridade.

—Wrath, filho de Wrath.

—Meeeeeeerda. Como no inferno você fez isso?

iAm encolheu os ombros, como se ele tivesse feito nada mais do que fazer uma reserva no Motel 6. —Falei com Rehvenge.

—Não sabia que o macho tinha esse tipo de influência.

—Ele não tem. Mas ele foi até Wrath — que apreciava o nosso apoio na reunião do Conselho. O rei se sente como se nós seríamos um aditivo no front doméstico.

—Ele está preocupado com um ataque, — Trez disse suavemente.

—Talvez ele esteja. Talvez ele não esteja. Mas o que eu sei é que ninguém vai nos encontrar lá.

Trez exalou. Então esse era o — por que — de tudo: Seu irmão não queria que ele fosse arrastado de volta ao s'Hisbe mais do que ele fazia.

—Você é incrível — ele disse.

iAm apenas encolheu os ombros de novo, como era o seu jeito. —Você pode começar a arrumar as suas coisas, ou devo fazer o primeiro turno disso?

—Não, eu estou bem.— Ele bateu no batente e começou a se virar. —Eu te devo, meu irmão.

—Trez.

Ele olhou por cima do ombro. —Sim?

Olhos de seu irmão eram sombrios. —Isso não é uma coisa saída-livre-da-prisão. Você não pode fugir da rainha. Eu só estou nos comprando algum tempo aqui.

---

[195] *Marca Louis Vuitton.*

Trez olhou para seus pés descalços — e se perguntou quão longe, de fato, ele poderia ir se eles estivessem cobertos por um Nike.

Longe pra caralho.

Seu irmão era o único laço que ele não tinha cortado, a única coisa que ele sentiu como se ele não queria deixar para trás a fim de salvar a si mesmo de uma dourada vida de escravidão sexual.

E em um momento como este, com o cara mais uma assumindo a responsabilidade em grande estilo ... ele se perguntou se era possível que ele não pudesse andar longe de iAm.

Talvez ele ia ter que ceder a seu destino, depois de tudo.

Fodida rainha. E sua filha maldita.

As tradições não fazia sentido. Ele nunca conheceu a jovem princesa. Ninguém nunca a conhecera. Que era a maneira que funcionava — a próxima na linha para o trono era tão sagrada como sua mãe, porque ela era a única que os guiaria no futuro. E como uma rosa rara, ninguém era autorizado a vê-la até que ela estivesse adequadamente acasalada.

Virgindade e tudo isso.

Blah, blah, blah.

Uma vez ela estivesse casada, no entanto, ela estava livre para sair à sociedade livre para viver sua vida — dentro da s'Hisbe. O pobre infeliz filho da puta que se casou com a cadela? Ele tomava seu lugar no interior das paredes do palácio, fazendo o que diabos ela queria, quando queria — supondo que ele não estava adorando pés de sua mãe no momento.

Sim, isso era uma festa.

E eles pensavam que ele deveria se sentir honrado por essa correia que o atrelava?

Realmente.

Ele transformou seu corpo em um depósito de lixo na última década, fodendo todos os seres humanos — e o que era realmente louco? Ele desejava que todas essas desagradáveis doenças Homo Sapiens fossem o tipo de coisa que ele pudesse pegar. Isso não funcionou. Ele teve tanto sexo inseguro quanto pode, com as outras espécies e ele ainda estava saudável como um cavalo.

Pena.

—Trez? — iAm se endireitou. —Trez? Fale comigo. Onde você está?

Trez olhou para seu irmão, memorizando o rosto orgulhoso, inteligente e os insondáveis, penetrantes olhos.

—Estou bem aqui, — ele murmurou. —Viu?

Ele estendeu as mãos e fez um pequeno círculo em seus pés descalços, em seu manto, em seu estilo excêntrico, confuso, atordoado pós-enxaqueca.

—O que está se passando nessa sua mente?— iAm insistiu.

—Nada. Eu acho que é ótimo o que você fez. Eu estou indo fazer as malas e ficar pronto. Eles estão enviando um carro ou algo assim?

iAm estreitou seu olhar, mas ele não respondeu. —Sim. Um mordomo chamado Fred? Ou era Foster?

—Eu vou estar pronto.

Trez saiu, os resíduos da dor de cabeça escoando dele enquanto ele olhava para o futuro ... e realmente se preocupava com este seu último laço.

Mas este movimento era uma coisa boa. iAm estava certo: Ele tinha estado enganando a si próprio nos últimos anos, ciente de que a princesa estava envelhecendo, e o tempo foi passando, e seu dia de ajuste de contas estava se aproximando rapidamente.

Havia coisas que você poderia adiar. Esta não era uma delas.

Porra, talvez ele ia ter que desaparecer. Mesmo que isso o matasse.

Além disso, se seu irmão estava com Rehv na casa do rei? iAm ia ter o tipo de apoio que ele ia precisar se Trez virasse um fantasma.

E talvez, depois do jeito que merda estava indo?

O cara ficaria aliviado de se livrar dele.

Capítulo 69

A vida inteira de Qhuinn teve outra reviravolta, cerca de 15 horas depois que ele perdeu a virgindade. Mais tarde, ele decidiu que se a coisa vem em trios podia ser verdade. Quando a merda desceu, porém, tudo o que ele queria fazer era viver através disso...

Em algum momento, durante as horas do dia, ele e Blay tinham acordado, dividiram-se, indo por caminhos separados.

Qhuinn teria preferido que eles voltassem para a casa principal juntos, mas ele teve que parar no quarto de Luchas, e Blay estava ansioso para voltar para o seu quarto e chuveiro. E de certa forma, não havia sido de todo ruim, porque Qhuinn tinha tido a oportunidade de verificar Layla também.

Quando chegou à seu irmão, e à Escolhida, tudo estava quieto em ambas as frentes: os dois estavam dormindo em suas camas — a cor de Luchas estava melhor, e pela primeira vez, quando Qhuinn tinha andado no quarto Layla? Ele tinha percebido a gravidez: a onda de hormônios tinha batido nele, logo que ele entrou, e ele parou, era tão forte.

O que tinha sido muito bom.

Aquilo sobre o que ele não tinha estado tão feliz estava acontecendo junto à porta de Blay, e querendo derrubar e mergulhar para dentro — e voltar a dormir.

Em vez disso, ele acabou dentro de suas próprias quatro paredes, solitário.

Na cama. No escuro. Entrando e saindo da 'sonholândia' para as duas horas que ele tinha antes que a primeira refeição fosse servida.

Assim, quando a porta foi arrombada e uma linha de homens altos, encapuzados em vestes negras vieram em apresentação, seu passado e seu presente colidiram, os dois mudando de forma que o ataque da Guarda de Honra pulou para fora do cemitério de sua memória e caiu bem em seu quarto na mansão.

Sem saber se estava sonhando ou que nada disso era real, seu primeiro pensamento foi que ele estava feliz por Blay não estar com ele. O cara já o tinha encontrado morto ao lado da estrada uma vez. Ninguém precisava de uma repetição disso.

Seu segundo pensamento foi que ele estava indo para tirar tantos quantos ele poderia, antes de finalmente terminarem o trabalho sobre ele.

Com um grito de batalha, Qhuinn explodiu fora de sua cama, seu corpo nu indo para o ataque com tanto poder, que ele realmente abriu caminho entre os primeiros dois machos. Girando com as pernas, ele chutou e socou qualquer coisa que veio a ele, e havia uma satisfação breve quando seus alvos amaldiçoavam e pulavam fora do alcance...

Algo travou em volta do peito por trás, e jogou-o ao redor com tal força, seus pés surgiram do chão e voou em um círculo louco...

Olllllá, parede.

O impacto foi um boletim de três pontos para a sua ideia brilhante de luta para trás, seu rosto, tronco e quadris batendo no gesso tão duro, que ele sem dúvida deixou um estilo de desenho animado 3-D representando a si mesmo na merda.

Instantaneamente, ele espalmou a superfície plana, preparado para empurrar o seu caminho fora...

O aperto que trancou sua nuca e segurou-o no lugar poderia muito bem ter sido de aço. Literalmente não havia dado em carne e osso, com ele mesmo tenso, seu corpo se recusando a ser dominado...

—Quieto limpa bunda. Apenas, porra, fique frio antes que eu seja obrigado a te machucar.

O som da voz de Vishous não fazia sentido, porra.

E então, de repente, pelo canto do olho, ele percebeu que haviam formado um anel em torno dele, todas aquelas vestes negras que o rodeavam, assim como aquele aperto no pescoço.

Mas eles não estavam atacando.

— Apenas relaxe, — V disse em seu ouvido. — Respire para mim, vamos, agora, apenas respirar fácil. Ninguém vai te machucar.

A conversa ajudou, aquela voz, fria e calma alcançou através da resposta de luta ou fuga e abaixou o volume em seu rugido de pânico.

Na sequência, Qhuinn começou a tremer os músculos processando a adrenalina. —Vishous?

—Sim. Sou eu, amigo. Você precisa manter a respiração.

—Quem... mais?

—Rhage.

—Butch.

—Phury.

—Zsadist.

—Tohr.

As vozes de todos combinavam com os nomes, os tons profundos e graves, sem merdas afundando em seu cérebro, ajudando a fundamentar-se em uma realidade que não envolviam o passado.

E então, o último foi o degrau final da escada que o levou fora da pirueta mental e de volta para o que era real. —Wrath.

Qhuinn foi empurrando a cabeça para o rei, mas o impulso o levou a lugar nenhum.

—Vou deixar você ir, amigo, tudo bem? V disse. —Você vai repensar seus modos?

—Sim.

—No três. Um. Dois. Três...

Vishous saltou para trás e pousou em um combate mão-a-mão: braços, punhos pronto, postura estável. Apesar do fato de que o rosto do irmão estava coberto pelo capuz, Qhuinn poderia apenas imaginar a expressão: não havia dúvida de que, se Qhuinn fizesse qualquer movimento, ele seria reintroduzido à parede — e que o conhecimento já estava bem e verdadeiramente feito, foda-se muito ele.

Ele se sentiu cerca de seis centímetros mais plano.

Com uma maldição, Qhuinn se virou lentamente, mantendo as mãos onde a Irmandade pudesse vê-las. —Você está me chutando para fora da casa?

Ele não tinha ideia do que diabos ele tinha feito, mas com a sua história de chatear as pessoas — de propósito e por padrão? Podia ser qualquer coisa.

—Não, seu idiota, — V disse com uma risada.

De frente para a formação de figuras encapuzadas, solenes, ele procurou onde os rostos estavam, fazendo contato, lembrando-se que estes eram os caras com quem ele tinha lutado lado a lado, que sempre estiveram à suas costas, que trabalhavam juntos.

Então, o que diabos estava acontecendo...

A terceira figura da esquerda levantou o braço, um dedo longo estendendo-se e apontando para o centro morto do peito de Qhuinn.

Instantaneamente, Qhuinn estava de volta na carcaça do Cessna, o drama do voo terminado, Zsadist vivo e bem, o objetivo alcançado... aquele macho recordando-o como ele era agora.

Na Antiga Língua, Wrath disse: *—Você deve responder uma pergunta. Você será solicitado somente uma vez. Sua resposta deve resistir ao teste do tempo, estendendo-se a partir deste momento até a sua linhagem para sempre. Você está preparado para ser questionado.*

O coração de Qhuinn começou a trovejar. Olhos saltando ao redor, ele não podia acreditar que isso era...

Só que... como era possível? Baseado em suas linhagens e seu defeito, não era legal para alguém como ele...

A partir do nada, a imagem de Saxton trabalhando nessa biblioteca por todas as noites bateram nele.

Santa... porra.

Tantas perguntas: Por que ele? Por que agora? E John Matthew, cujo peito já, magicamente, suportou a marcação da Irmandade?

Quando sua mente correu, ele sabia que tinha que responder, mas porra, ele não podia...

Com uma clareza súbita, ele pensou em sua filha, imaginando a imagem que ele tinha visto na porta do Fade.

Qhuinn olhou para cada um dos capuzes novamente. Que ironia, pensou ele. Quase dois anos atrás, uma guarda de honra de vestes negras tinha sido enviada a ele para ter certeza de que ele sabia que a família não o queria. E agora, aqui estavam estes homens, vindo para atraí-lo para um tipo diferente de vínculo, que era tão forte quanto o de sangue.

—Bem, sim, disse ele. —Pergunte-me.

O primeiro indício de Blay de que algo grande estava acontecendo, foi o som de passos através do seu quarto: Ele estava na frente do espelho, fazendo a barba, quando os ouviu descer o corredor de estátuas, pesados, repetitivos, um monte deles.

Tinha que ser a Irmandade.

Então, quando ele se inclinou sobre a pia para lavar o creme de barbear residual fora de suas bochechas, algo duro caiu no chão próximo à porta ou foi jogado em uma parede. No que certo como a merda parecia ser no quarto de Qhuinn.

Ziguezagueando fora da mistura quente e frio, ele pegou uma toalha e enrolou-a em torno de seus quadris quando ele correu para fora de sua suíte e saiu para...

Blay derrapou até parar. O quarto de Qhuinn estava escuro, mas a luz do corredor brilhava em... um círculo de vestes negras que rodeavam o cara. Quando ele foi apertado de cara contra a parede.

O único pensamento de Blay era que uma segunda Guarda de Honra tinha vindo para caçá-lo — mesmo ele sabendo muito bem que era a Irmandade sob todas as vestes. Tinha que ser, né?

A voz de Vishous decifrando um, o macho de palavras lentas e uniformes.

Então Qhuinn foi lançado. Quando ele se virou, ele estava branco como uma folha, balançando enquanto ele estava nu no centro do círculo de figuras encapuzadas.

Wrath cortou o silêncio, o barítono profundo do rei enchendo a escuridão. —*Você deve responder uma pergunta. Você será solicitado somente uma vez. A sua resposta deve ficar para o teste do tempo, estendendo-se a partir deste momento até a sua linhagem para sempre. Você está preparado para ser questionado.*

Blay levou a mão do punhal até a boca quando a coisa se abriu. Isso não poderia ser... poderia? Eles estavam convocando-o para a Irmandade da Adaga Negra?

Imediatamente, ele colocou tudo junto — Saxton trabalhando todos os meses; os atos de Qhuinn de heroísmo, John sendo informado de que o cara não era mais seu *ahstrux nohtrum*.

Wrath deve ter mudado as Leis Antigas.

Santa merda.

—Claro que sim. Pergunte-me.

Blay teve que sorrir quando ele abaixou-se e foi para o seu quarto. Deixando-o para Qhuinn para ser franco.

Quando ele fechou a porta, ele ficou contra ela, esperando. Momentos depois, os passos pesados vieram de novo, a apresentação passando por seu quarto, passando pelo corredor, desaparecendo... mudando para sempre a história.

Em todas as eras da Irmandade, nunca tinha sido convocado qualquer um que não era o filho de um irmão e uma fêmea Escolhida de sangue. Qhuinn era tecnicamente um aristocrata — mesmo com ele abandonado por sua família, e com o seu — defeito — sua linhagem era o que era. Mas ele não tinha o tipo de credenciais de DNA — ou o guerreiro de nome — que os outros tinham.

E, no entanto, supondo que ele sobrevivesse à cerimônia, ele iria voltar para a mansão como um macho entre iguais, não mais abandonado.

Era bom que Luchas estivesse vivo para ver isso. Que se importaria.

Blay se vestiu, e quando ele olhou para o telefone, viu o texto ao grupo que tinha saído de Tohr, dizendo que ninguém estava indo para o campo hoje à noite e que eles estavam recebendo um par de novos companheiros de quarto: os Sombras estavam vindo para ficar na mansão.

Legal. Dada a inquietação com a aristocracia, e o atentado contra a vida de Wrath? Nada melhor do que ter os dois assassinos sob o teto. Juntamente com as palhaçadas de Lassiter, isso significava que o rei teria um trio de caras com habilidades extras para protegê-lo.

Com alguma sorte, Trez e iAm seriam equipamentos permanentes.

Deixando seu quarto, ele correu pelas escadas e não se surpreendeu ao encontrar a *doggen* correndo em volta, na criação de uma festa.

Quanto tempo vai demorar, ele se perguntou.

E cara, ele desejava que ele tivesse alguma coisa para ocupar o tempo.

Vagueando na sala de bilhar, porque ele sabia que era melhor não chegar a Fritz com uma oferta para ajudar com os preparativos, ele pegou um taco e arrumou um conjunto de bolas. Quando ele estava riscando a ponta, a campainha da porta do vestíbulo disparou.

—Eu atendo, — ele gritou para fora enquanto tomava seu taco com ele, caminhando até a verificação de segurança na tela.

Saxton estava na varanda, o macho parecia descansado e saudável.

Blay abriu o caminho para dentro. —Bem-vindo de volta.

Houve um momento de surpresa no rosto do outro homem, mas ele se recuperou rapidamente com um sorriso. —Olá.

Blay não tinha certeza se eles deveriam se abraçar ou não. Será que eles deveriam apertar as mãos?

—Precisamos parar com esse constrangimento, — Saxton anunciou. —Vem aqui.

—Eu sei, certo?

Depois de um rápido abraço, Blay agarrou os sacos Gucci correspondentes ao macho, e os dois atingiram a grande escadaria, subindo lado a lado.

—Então, como foram as férias? — Blay perguntou.

—Maravilhoso. Fui até minha Tia — a que ainda fala comigo? Ela tem um lugar na Flórida.

—Lugar perigoso para os vampiros. Não tem um monte de porões.

—Ah, mas ela mora em um castelo de pedra. — Saxton assentiu ao redor no foyer. — Não muito diferente deste. As noites eram quentes, o mar era maravilhoso, e a vida noturna foi...

Quando Saxton parou, olhou para Blay. —Está tudo bem, você sabe. Estou feliz que você teve um bom tempo. Verdade.

Saxton olhou-o com firmeza, e então murmurou, —Você esteve ocupado consigo mesmo, não esteve?

Droga de coloração ruiva. Qualquer rubor sempre tinha se mostrado — e agora, seu rosto estava em malditas chamas.

Quando eles tomaram à esquerda na frente do escritório de Wrath e desceram o corredor de estátuas, Saxton riu um pouco. —Estou feliz por você, e eu não vou fazer nenhuma pergunta.

Ele sabia o que — em quem — Blay pensou. —Sim. Assim.

—Que tal você encher-me sobre as fofocas, — Saxton disse quando eles entraram no quarto do macho. —Eu me sinto como se eu tivesse ido para sempre.

—Bem... prepare-se.

Luchas. Trez e iAm. Qhuinn e a convocação.

Quando Blay terminou de descarregar, Saxton estava sentado em sua cama com a boca aberta.

—Mas você sabia sobre a coisa de Qhuinn, não é? — Blay disse quando ele finalmente parou os relatórios.

—Sim, eu sabia. — Saxton ajeitou a gravata, mesmo que o nó apertado fosse perfeitamente simétrico. —E eu tenho que dizer, mesmo que eu não saiba tanto quanto você sobre como ele está no campo, tudo o que eu ouvi sugere que é uma honra bem colocada. Eu entendo que ele desempenhou um grande papel na manutenção da segurança de Wrath quando o assassinato foi tentado?

—Ele é corajoso, é verdade.

Entre muitas outras coisas.

Quando Blay olhou para o corredor e imaginou as figuras encapuzadas agrupadas em torno de seu amigo, tudo o que podia pensar era... o que diabos eles estavam indo fazer com ele?

Capítulo 70

Qhuinn não tinha ideia de onde estava.

Antes que eles tivessem deixado seu quarto, tinha sido dado a ele um manto negro e foi instruído a colocar o capuz, travar os olhos no chão e manter as mãos cruzadas atrás das costas. Não era para ele falar a menos que fosse falado com ele, e ficou claro que a forma como ele agisse era parte do que estava sendo julgado aqui.

Não ser um idiota ou um covarde.

Ele poderia fazer isso.

A próxima parada, após ser levado para baixo da grande escadaria, tinha sido o Escalade de V, ele sabia pelo cheiro de tabaco turco e o som do motor. Curta distância, executado lentamente. E então foi dito a ele para sair, o ar frio penetrando sob a capa de seu manto, bem como a bainha.

Seus pés descalços atravessaram um trecho de frio gelado, congelado de terra, e em seguida, bateu suave, sujeira compactada que não tinha neve sobre ele. Indo pela acústica, ficou claro que eles estavam indo através de um corredor ou talvez uma caverna...? Não foi muito tempo antes que ele fosse empurrado para uma parada, ouviu algum tipo de portão sendo aberto, e depois se encontrou em um declínio. Um pouco mais tarde, ele foi empurrado a uma parada uma segunda vez, e depois houve outro sussurro, como se mais uma barreira de algum tipo fosse sendo apagada.

Mármore liso sob seus pés descalços agora. E a merda estava quente. Houve também uma fonte de luz suave — luz de velas.

Deus, seu batimento cardíaco estava alto em seus ouvidos.

Após uma série de metros, ele foi novamente puxado para uma parada, e em seguida, ele ouviu o movimento de tecido em todos os lugares ao seu redor. Os Irmãos estavam se despindo.

Ele queria olhar para cima, ver onde eles estavam, descobrir o que estavam fazendo, mas ele não o fez. Como instruído, ele manteve a cabeça baixa e os olhos na...

Uma mão pesada pousou na sua nuca, e a voz de Wrath cresceu na língua antiga. *—Você é indigno de entrar aqui como você está agora. Acene com a cabeça.*

Qhuinn assentiu.

—Diga que você é indigno.

Na língua antiga, ele respondeu: *—Eu não sou digno.*

De tudo ao seu redor, os Irmãos soltaram um grito explosivo na língua antiga, um desentendimento que o fez querer agradecer-lhes por tê-los à sua volta.

—Embora você seja indigno, continuou o rei*, —você deseja tornar-se como tal esta noite. Acene com a cabeça.*

Ele acenou com a cabeça.

—Diga que você deseja tornar-se digno.

—Gostaria de tornar-me digno.

Desta vez o grito tremendo dos irmãos foi de aprovação e apoio.

Wrath continuou*. —Só há uma maneira de tornar-se digno, e é a maneira correta e adequada. Carne da nossa carne. Acene com a cabeça.*

Qhuinn assentiu.

—Diga que você deseja se tornar carne da nossa carne.

—Eu gostaria de me tornar carne da sua carne.

Assim que sua voz desapareceu, um canto começou a subir, as vozes profundas da Irmandade misturando-se até formar um acorde perfeito e uma cadência perfeita. Ele não participava, porque a ele não havia sido dito para fazê-lo, mas quando alguém entrou na frente dele, e alguém caiu em linha atrás dele, e depois todo o grupo começou a tecer lado a lado, o corpo seguiu seu exemplo.

Movendo-se juntos, eles se tornaram uma unidade, seus ombros poderosos deslocando para trás e para frente ao ritmo do canto, o seu peso tinindo em seus quadris — a linha acima deles começando a se mover para frente.

Qhuinn começou a cantar. Ele não queria, mas aconteceu. Seus lábios se separaram, seus pulmões se encheram, e sua voz se juntou aos outros...

No instante em que o fez, ele começou a chorar.

Fodidamente agradecido pelo capuz.

Toda sua vida, ele quis pertencer. Ser aceito. Ser um entre muitos que ele respeitava. Ele tinha essa necessidade que a negação de toda e qualquer unidade tinha quase o matado — e ele sobreviveu apenas por se revoltar contra as autoridades, os costumes, as normas.

Ele não tinha ainda tido conhecimento de desistir, de nunca encontrar esta comunhão.

E ainda agora, ali estava ele, em algum lugar na terra, rodeado por homens que tinham escolhido... ele. A Irmandade, os lutadores mais respeitados da raça, os soldados mais poderosos, a elite da elite... o haviam escolhido.

Nenhum acidente de nascimento, este.

Ter sido considerado uma maldição, mas ser abraçado aqui e agora? De repente, ele sentiu como se ele fosse todo de uma maneira que ele nunca tinha sido antes...

Tudo de uma vez mudou a acústica, a sua coletiva cantando ricocheteando ao redor, como se tivessem entrado em um espaço enorme com um monte de sótãos.

Uma mão em seu ombro o levou a um impasse.

E então o cantar e o movimento pararam, as tensões finais de suas vozes se afastando.

Alguém agarrou seu braço e puxou-o para frente. —Escadas, — a voz de Z disse.

Ele subiu cerca de seis degraus, e então houve uma reta. Quando ele parou, ele estava com o peito e os dedos dos pés contra o que parecia ser uma parede de mármore, do mesmo tipo de rocha que chão era feito.

Zsadist saiu, deixando-o onde ele estava.

Seu coração batia contra seu esterno.

A voz do rei era alta como um trovão. —Quem recomenda este macho?

—*Eu*, respondeu Zsadist.

—*Eu o faço*, Tohr ecoou.

—*Eu*.

—*Eu*.

—*Eu*.

—*Eu*.

Qhuinn teve que piscar várias vezes quando, um por um, cada único irmão falou. Merda, cada um dos irmãos unicamente o recomendou.

E então veio a última.

A voz do rei ressoou em alto e bom som: —E*u*.

Foda-se ele, que ele precisava piscar mais.

Então Wrath continuou, sua inflexão aristocrática da Língua Antiga apoiada por força de um guerreiro. —*Com base no testemunho dos membros reunidos da Irmandade da Adaga Negra, e sobre as recomendações de Zsadist e Phury, filhos da Adaga Negra do guerreiro Ahgony; Tohrment, filho da Adaga Negra do guerreiro Hharm; Butch O'Neal, relação de sangue de minha própria linha; Rhage, o filho da adaga Negra do guerreiro Tohrture; Vishous, filho da adaga Negra do guerreiro conhecido como Bloodletter, e meu próprio como Wrath, filho de Wrath, encontramos neste macho diante de nós, Qhuinn, filho de ninguém, uma indicação adequada à Irmandade da Adaga Negra. Como ele está dentro do meu poder e liberdade para fazê-lo, e como ele é adequado para a proteção da raça, e, ainda, como as leis foram reconstruídas prever que esta é certa e apropriada, eu tenho renunciado a todos os requisitos de linhagem. Podemos agora começar. Vire-o. Revele-o.*

Antes que alguém se aproximasse dele, Qhuinn endireitou os ombros, e conseguiu uma escovada rápida sob seus olhos — ele era um homem mais uma vez quando ele estava girando ao redor e o manto lhe foi tirado...

Qhuinn engasgou. Ele estava em cima de um estrado, e a caverna que estava diante dele estava iluminada com uma centena de velas pretas, as chamas criando uma sinfonia de luz suave e dourada que tremulava sobre os muros toscos e refletia no chão brilhante.

Mas isso não foi o que realmente chamou sua atenção: Bem na sua frente, entre ele e o espaço, tremendo iluminado, estava um altar.

No centro da qual havia um grande crânio.

A coisa era antiga, o osso não o branco do recém-morto, mas levando a escurecida pátina do idoso, do sagrado, do reverenciado.

Esse foi o primeiro Irmão. Tinha que ser.

À medida que seus olhos se afastavam dele, ele foi atingido com admiração: abaixo no chão, olhando para ele, estavam vivos, respirando, portadores de grande tradição. A Irmandade estava ombro a ombro, os corpos nus dos combatentes formando uma parede enorme de carne e músculo, que à luz das velas jogavam em toda a sua força e poder.

Tohr tomou o braço de Wrath e levou o rei a subir as escadas que Qhuinn mesmo tinha apenas ultrapassado.

— Costas contra a parede, e pegue as estacas, — Wrath ordenou em Inglês quando ele foi escoltado para o altar.

Qhuinn obedeceu sem hesitação, sentindo os ombros e bunda baterem na pedra enquanto suas mãos passaram a um par de sólidas estacas com saliências.

Quando o rei trouxe o braço, Qhuinn de repente sabia exatamente como cada um dos irmãos tinha conseguido as cicatrizes em forma de estrela em seu peitoral: Uma luva de prata envelhecida foi travada ao lado de Wrath, farpas marcando os nós dos dedos da coisa e dentro, o punho era o cabo de uma adaga negra.

Com um mínimo de barulho, Tohr estendeu o pulso de Wrath para o crânio. — Meu senhor.

Quando o rei levantou a lâmina, as tatuagens ritualísticas que delinearam sua linhagem chamaram a luz brilhante e então a borda afiada quando ele marcou sua pele.

Vermelho sangue jorrou e caiu em uma taça de prata que havia sido inserida na coroa do crânio. — *Minha carne*, — o rei proclamou.

Depois de um momento, Wrath lambeu a ferida fechada. E então o homem enorme, com seu cabelo preto até a cintura e bico de viúva e os óculos envolventes, foi conduzido ao longo de Qhuinn.

Mesmo sem o benefício de vista, Wrath de alguma forma sabia exatamente como seus corpos foram posicionados, quão alto Qhuinn era, onde o rosto de Qhuinn estava...

Porque o rei agarrou uma retenção na mandíbula direita de Qhuinn. Então, com força brutal, ele empurrou a cabeça de Qhuinn para trás e para o lado, expondo sua garganta.

Agora ele sabia o que as fodidas estacas eram.

O sorriso cruel de Wrath expôs presas enormes, do tipo que Qhuinn nunca tinha visto antes. —*Sua carne*.

Com um ataque-relâmpago, o rei se agarrou sem misericórdia, perfurando a veia de Qhuinn em uma mordida brutal e, em seguida, sugou em uma série de rasgar-puxar que foram engolidos um após o outro. Quando finalmente ele retraiu os caninos, ele passou a língua sobre os lábios e sorria como um senhor da guerra.

E depois era o tempo.

Qhuinn não precisava ter dito para preparar a merda de sempre — amante de si mesmo. Caindo em suas mãos, ele travou os ombros e as pernas, pronto para receber.

—*Nossa carne*, Wrath grunhiu.

O rei não se conteve. Com a mesma precisão infalível, ele envolveu por dentro o punho da luva antiga e bateu a coisa em Qhuinn, o impacto dessas juntas farpadas tão grandes, que os lábios de Qhuinn bateram no vendaval que explodiu e fora de seus pulmões. A visão ficou um pouco embaçada, mas quando ele voltou, ele conseguiu uma visão cristalina do rosto de Wrath.

A expressão do rei era de respeito e uma total falta de surpresa, como se Wrath esperasse Qhuinn para levá-lo como um macho.

E assim foi. Tohr era o próximo na linha, aceitando a luva e o punhal, dizendo as mesmas palavras, marcando seu antebraço, sangramento dentro do crânio, atingindo a garganta de Qhuinn, depois de bater tão duro como um caminhão. E depois Rhage. Vishous. Butch. Phury. Zsadist.

Até o final do mesmo, Qhuinn estava sangrando das feridas em seu pescoço e seu peito, seu corpo estava coberto de suor, e a única razão que ele não estava no chão era o aperto forte que ele tinha sobre as estacas.

Mas ele não se importou com o que os outros fizeram com ele, ele estava permanecendo em pé, não importa o quê. Ele não tinha nenhuma pista sobre a história da Irmandade, mas ele estava disposto a apostar que nenhum desses caras caiu como um saco de areia durante suas induções — e ele não se importava de ser o primeiro em alguns sentidos, mas não cairia.

Além disso, até agora tudo bem, ele adivinhou: os outros irmãos estavam em pé ao redor e com um sorriso de orelha a orelha para ele, como se totalmente aprovando a forma como ele estava lidando com a merda — e não apenas torná-lo ainda mais determinado.

Com um aceno de cabeça, como se tivesse sido dada uma ordem, Tohr levou o rei de volta para o altar e entregou-lhe o crânio. Levantando o sangue coletado alto, Wrath disse, *—Este é o primeiro de nós. Salve-o, o guerreiro que deu origem à Irmandade.*

Um grito de guerra irrompeu dos irmãos, suas vozes combinadas trovejando na caverna, e então Wrath se aproximou de Qhuinn. —Beba e se junte a nós.

Roger[196]. Isso.

Com uma súbita onda de força, ele pegou o crânio e olhou direto nos olhos quando ele trouxe a taça de prata em sua boca. Abrindo caminho para o seu intestino, ele derramou o sangue na garganta, aceitando os machos para ele, absorvendo a sua força... se juntando a eles.

Todos ao redor, os Irmãos rosnaram sua aprovação.

Quando ele terminou, ele colocou o crânio de volta nas palmas de Wrath e limpou a boca.

O rei riu no fundo de seu peito enorme. —Você vai querer ficar com as estacas de novo, filho...

Eeeeeee foi a última coisa que ele ouviu por um tempo.

Como um raio vindo do céu e perfurando-lhe bem na cabeça, uma súbita explosão de energia acertou-o, ultrapassando todos os seus sentidos. Ele pulou para trás, encontrando os apertos e bloqueios quando seu corpo começou a entrar em uma crise...

Ele tinha a intenção de ficar consciente.

Mas, infelizmente... desculpe, Charlie. O turbilhão era muito grande.

À medida que seu corpo tremia, e seu coração piscava, a sua mente quebrou-se como fogos de artifício, Boom! Isso era o apagar das luzes.

Capítulo 71

—Sola, por que você não me disse que teríamos visitas?

Sola parou quando ela colocou sua mochila sobre a bancada da cozinha. Embora sua avó estivesse claramente esperando por uma resposta, ela não iria se virar até que ela tivesse certeza de que sua expressão não mostraria nada da surpresa que ela estava sentindo.

Quando estava pronta, ela girou sobre uma bota.

Sua avó estava sentada na pequena mesa, seu roupão rosa e azul combinando com os bobes em seu cabelo e as cortinas floridas atrás dela. Com a idade de oitenta, ela tinha o rosto graciosamente enrugado de uma mulher que tinha sobrevivido a treze presidentes, uma guerra mundial, e inúmeras lutas pessoais. Seus olhos, no entanto, queimavam com a força de um imortal.

—Quem apareceu à porta, vovó? — perguntou ela.

---

[196] Roger (ou Rodger) é essencialmente um primeiro nome comum de Catalão, Inglês e Francês uso, ("Rogier", "Rutger" em holandês) do hrod elementos germânico (fama) e significado ger (lança) "famoso com a lança."

—O homem com o — sua avó levantou sua mão bastante arqueada e rodeou seus bobes — cabelo escuro.

Porcaria. —Quando ele veio?

—Ele foi muito gentil.

—Ele deixou o seu nome?

—Então, você não esperava por ele.

Sola respirou fundo, e rezou para que seu efeito neutro ficasse no lugar, apesar de estar fervendo. Inferno, depois de viver com sua avó por tantos anos, você pensaria que ela estivesse acostumada ao fato que a mulher era uma rua de mão única quando se tratava de perguntas.

—Eu não esperava ninguém, não. — E a ideia de que alguém tinha vindo a fez colocar a mão em sua bolsa. Tinha um nove milímetros ali com uma mira laser e um silenciador — e isso era uma coisa muito boa. —Como é que ele se parece?

—Muito grande. E o cabelo escuro. Olhos profundos.

—De que cor eles eram? — Sua avó não via tudo perfeitamente, mas com certeza ela iria se lembrar disso. —Ele era...

—Como nós. Ele falou comigo em espanhol.

Talvez aquele homem sensual que ela estava rastreando fosse bilíngue — ou trilíngue, devido seu sotaque estranho.

—Então, ele deixou seu nome? — Não que isso fosse ajudar. Ela não sabia como o homem que ela esteve rastreando se chamava.

—Ele disse que você o conhecia, e que ele voltaria.

Sola olhou para o visor digital no micro-ondas. Era um pouco antes das dez horas. —Quando ele veio?

—Não foi há muito tempo. — Os olhos de sua avó se estreitaram. —Você está saindo com ele, Marisol? Por que você não me contou?

Nesse momento, tudo tinha passado para o Português, suas falas desconexas se sobrepondo, todos os tipos de eu-não-estou-namorando-ninguém misturado com porque-você-não-pode-simplesmente-se-casar.

Eles tiveram essa discussão tantas vezes que elas basicamente retomavam suas bem ensaiadas peças neste jogo exagerado.

—Bem, eu gostei dele, — sua avó anunciou quando ela se levantou da mesa e bateu na superfície com as palmas das mãos abertas. Quando o revisteiro com seu conteúdo de Vanity Fair pulou, Sola queria amaldiçoar. —E eu acho que você deveria trazê-lo aqui para um jantar apropriado.

Eu gostaria, minha avó, mas eu não conheço o cara e você se sentiria assim, se você soubesse que ele é um criminoso? E um playboy?

—Ele é católico? — Sua avó perguntou ao sair.

Ele é um traficante de drogas — então se ele é religioso, ele tem poderes incríveis de reconciliação.

—Ele parece um bom rapaz, — sua vovó disse sobre seu ombro. —Um bom rapaz católico. — E isso foi tudo — por agora.

Como esses chinelos arrastando seu caminho pelas as escadas, sem dúvida, havia todos os tipos de sinal da cruz acontecendo. Ela só podia imaginar.

Com uma maldição, Sola abaixou a cabeça e fechou os olhos. Em algum nível, ela não podia imaginar aquele homem sendo todo simpático, só porque uma velhinha brasileira abriu a maldita porta. Católico, minha bunda.

—Droga.

E então, quem era ela para ser hipócrita? Ela era uma criminosa também. Tinha sido durante anos, e o fato de que ela tinha que se sustentar e à sua avó não justificava todos os arrombamentos e invasões.

Quem era seu misterioso homem a apoiando, ela se perguntava quando o cachorro do vizinho começou a latir. Aqueles gêmeos? Eles pareciam *realmente* autossuficientes. Será que ele tinha filhos? Uma esposa?

Por alguma razão, isso a fez estremecer.

Cruzando os braços sobre o peito, ela olhou para o piso você-pode-comer-em-mim que sua avó limpava todos os dias.

Ele não tinha o direito de vir aqui, ela pensou.

Então, novamente, ela tinha visitado sua casa sem ser convidada, não tinha...

Sola franziu a testa e ergueu os olhos. A janela que era emoldurada por aquelas cortinas com babados cor de rosa estava pretas como azeviche porque ela não tinha ligado as luzes exteriores ainda. Mas ela sabia que alguém estava lá.

E ela sabia quem era.

Com respiração saindo curta, o coração começando a bater mais rápido, ela colocou a mão em sua garganta por algum motivo.

Vire-se, ela disse a si mesma. Fuja.

Mas... ela não fez.

Assail não tinha a intenção de ir à casa de sua ladra. Mas o dispositivo de rastreamento ainda estava em seu Audi, e quando o haviam informado que ela tinha voltado ao endereço, ele foi incapaz de não se materializar ali.

Ele não queria ser visto, no entanto, então ele escolheu o quintal, e muito fortuito: Quando sua ladra entrou na cozinha, ele teve uma visão completa dela — assim como de sua companheira de casa.

A fêmea humana mais velha era bastante encantadora em seu jeito idoso, seu cabelo com bobes, o roupão brilhante como um dia de primavera, seu belo rosto, apesar de sua idade. Ela não estava feliz, no entanto, quando ela se sentou à mesa e olhou para o que Assail imaginou, tinha que ser sua neta.

Palavras foram trocadas, e ele sorriu um pouco na escuridão. Muito amor entre as duas — muito aborrecimento também. E não era daquela maneira com parentes mais velhos, se você era humano ou vampiro.

Ah, como ele estava aliviado por saber que ela não morava com um macho.

A menos, claro, que aquele que ela havia conhecido no restaurante também ficasse na pequena casa.

Quanto ele rosnou baixinho no escuro, o cão na casa ao lado começou a latir, advertindo seus donos humanos daquilo que eles não sabiam.

Um momento depois, a ladra ficou sozinha na cozinha, sua expressão tanto de resignação quanto de frustração.

Enquanto ela permanecia ali, cruzando os braços, sacudindo sua cabeça, ele disse a si mesmo que ele deveria ir. Em vez disso, ele fez o que não devia: Ele alcançou através o vidro com a sua mente e deixou sua necessidade se libertar.

Imediatamente, ela respondeu, aquele corpo ágil se endireitando de seu apoio contra o balcão, seus olhos virando para os seus através da janela.

—Venha para mim, — ele disse no frio.

E ela veio.

A porta dos fundos rangeu quando ela a abriu com o quadril, forçando o canto inferior esculpir uma fatia de pizza sobre a neve no pavimento.

Seu aroma era ambrosia para ele. E enquanto ele fechava a distância entre eles, seu corpo cresceu com uma luxúria predatória.

Assail não parou até que ele estava a poucos centímetros dela. De perto, peito a peito, ela era muito menor do que ele, e ainda o efeito que ela tinha sobre ele era montanhoso: Suas mãos se enrolaram; suas coxas apertaram, seu coração batendo com o sangue quente.

—Eu não achava que veria você de novo, — ela sussurrou.

Seu pênis endureceu ainda mais, apenas pelo som de sua voz. —Parece que temos negócios inacabados.

E isso não envolve dinheiro, drogas ou informação.

—Eu quis dizer o que eu disse para você. — Ela afastou seu cabelo para trás, como se estivesse tendo dificuldade em ficar parada. —Sem mais espionagem da minha parte. Eu prometo.

—Na verdade, você me deu sua palavra. Mas parece que eu sinto falta de ter seus olhos em cima de mim. — Seu pequeno silvo carregado através do ar frio entre suas bocas. —Entre outras coisas.

Ela desviou o olhar rapidamente. Olhou para trás. —Isso não é uma boa ideia.

—Por quê? Por causa daquele humano com quem você estava jantando a noite passada?

Sua ladra franziu a testa, provavelmente no uso da palavra *humano*. —Não. Não por causa dele.

—Então ele não mora aqui.

—Não, é apenas minha avó e eu.

—Eu aprovo.

—Por que você deveria ter alguma opinião, de qualquer maneira?

—Eu me pergunto isso diariamente, — ele murmurou. —Mas explique, se não é por causa daquele homem, por que não devemos nos encontramos?

Sua ladra empurrou os cabelos sobre o ombro de novo e balançou a cabeça. —Você é... problemas.

—Diz isso a mulher que quase sempre está armada.

Ela levantou seu queixo. —Você acha que eu não vi aquela lâmina cheia de sangue em suas costas no corredor?

—Oh, isso. — Ele descartou o comentário com um movimento da mão. —Apenas cuidando de negócios.

—Pensei que você o tivesse matado.

—Quem?

—Mark, meu amigo.

—Amigo, — ele se ouviu rosnando. —É isso o que ele é.

—Então, quem você matou?

Assail pegou um charuto para acender, mas ela o deteve. —Minha avó vai sentir o cheiro.

Ele olhou para as janelas fechadas no segundo andar. —Como?

—Por favor, não. Não aqui.

Com uma inclinação de sua cabeça, ele concordou, mesmo embora ele não se lembrasse de jamais não fumar por ninguém.

—Quem você matou?

Desta vez foi perguntado com precisão, sem a histeria que se poderia esperar de uma mulher. —Não é nada que lhe diga respeito.

—Melhor eu não saber, huh.

Tendo em conta que ele era uma espécie diferente do que ela? Sim. De fato.

—Não era ninguém que você poderia conhecer. Eu vou lhe dizer, porém, que eu tinha motivo. Ele me traiu.

—Então ele merecia. — Não uma pergunta; mais uma declaração de aprovação.

Ele não podia evitar em aprovar a visão dela sobre as coisas. —Sim, ele merecia.

Houve um período de silêncio, e então ele teve que perguntar, —Qual é o seu nome?

Ela riu. —Quer dizer que você não sabe?

—Como é que eu poderia descobrir?

—Bom argumento — e eu vou te dizer, se você explicar o que você disse para minha vovó. — Ela abraçou seu tronco, como se de frio. —Você sabe, ela gostou de você.

—Quem gosta de mim?

—Minha avó.

—Como ela me conhece?

Sua ladra franziu a testa. —Quando você veio mais cedo. Ela disse que pensou você era um homem bom, e ela queria te convidar para o jantar. — Aqueles impressionantes olhos escuros retornaram aos seus. —Não que eu esteja defendendo — o que? Ei, ow.

Assail se forçou a afrouxar seu aperto, sem perceber que tinha agarrado seu braço. —Eu não vim aqui mais cedo. Em nenhum momento eu falei com sua avó.

Sua ladra abriu a boca. A fechou. A abriu novamente. —Você não esteve aqui esta noite?

—Não.

—Então, quem diabos está procurando por mim?

Quando um grande impulso protetor se apoderou dele, suas presas se alongaram e seu lábio superior começou a enrolar — mas ele se conteve, escondendo o show exterior das suas emoções interiores.

Bruscamente, ele acenou com a cabeça na direção da cozinha. —Vamos para dentro. Agora. E você vai me contar mais.

—Eu não preciso de sua ajuda.

Assail olhou para ela de sua altura superior. —Você a terá de qualquer maneira.

Capítulo 72

Trez não estava acostumado a ter alguém dirigindo para ele. Ele gostava de dirigir. Estar no controle. Escolhendo a esquerda ou para a direita.

Esse tipo de autodeterminação não estava no menu esta noite, no entanto.

No momento, ele estava sentado na parte de trás uma Mercedes que era do tamanho de uma casa. Na frente, Fritz, como era seu nome, estava dirigindo como um morcego saído do inferno — não exatamente algo que você espera de um mordomo que parecia que tinha sete mil anos de idade.

Agora, já que Trez ainda estava um pouco indisposto depois da dor de cabeça da noite anterior, ele imaginou que estava tudo bem em ser um passageiro neste caso. Mas se ele e iAm iriam morar aqui, eles teriam que saber onde ficava a maldita propriedade...

Mas. Que. Porra.

Por alguma razão, seus sentidos estavam pegando uma mudança no clima, alguma coisa formigando nas extremidades de sua consciência — um aviso. E sem nenhuma surpresa, do lado de fora da janela, a paisagem enluarada aumentou, uma distorção aprimorando sua visão.

Seus olhos examinam o interior do Mercedes. Tudo estava bem: o desenho do couro preto, o acabamento de nogueira, a divisória que tinha sido levantada, no tudo lugar, exatamente como deveria parecer. Então não era seus nervos ópticos estavam mal.

Movendo seus olhos de volta para o exterior, ele sabia que a distorção não foi por causa de um nevoeiro que tinha aparecido. Não por causa do estúpido granizo, também. Não, essa merda não era o clima — era algo totalmente diferente... como se o medo tivesse cristalizado nas próprias partículas do ar, e estava fazendo a paisagem se mudar de forma.

Que ótima cobertura de proteção, ele pensou.

E aqui ele imaginando que ele e seu irmão eram os únicos com truques na manga.

—Estamos perto, — ele disse.

—O que é isso? — iAm murmurou quando ele também olhou pela janela.

—Eu não sei. Mas precisamos conseguir um pouco disso.

De repente, o carro entrou em uma subida, o que, e dada à velocidade do Velho Pé de Chumbo, se assemelhava a uma subida em uma montanha-russa. Eles não desceram em queda livre no topo, no entanto: Do nada, uma mansão de pedra maciça se materializou, fazendo uma aparição tão rápida que Trez agarrou a maçaneta se encostou e se preparou.

Mas o motorista sabia exatamente onde eles estavam, e a quantidade de distância necessária para trazer o Benz parar. Com a experiência de um dublê de motorista de Hollywood, o mordomo torceu o volante e pisou os freios, fazendo-os estacionar entre um GTO que deixou Trez com um imediato tesão... e um Hummer que parecia uma escultura abstrata em vez de algo que era dirigível.

—Talvez ele tenha cometido um erro nisso, — Trez disse secamente.

Quando as travas foram liberadas, ele e iAm saíram ao mesmo tempo.

Homem. Dê uma olhada nessa casa, Trez pensou quando inclinou a cabeça para trás e olhou para cima, para cima, subindo. Em comparação com a pilha gigante de pedra, ele se sentia do tamanho de um polegar.

Tipo, um polegar de uma criança de dois anos.

Pairando alto na noite fria, com gárgulas observando dos beirais, e duas com aspecto sinistro, com asas enormes que se estendiam para ambos os lados, o lugar parecia ser exatamente aquilo que você esperaria o que rei dos vampiros vivesse: assustador, arrepiante, ameaçador.

Era toda essa merda de Halloween, mas desta era de verdade. As pessoas lá dentro mordiam, e não apenas quando elas eram convidadas.

—Legal, — Trez disse, se sentindo imediatamente em casa.

—Senhores, por que vocês não entram, — o mordomo disse alegremente. —E me esforçarei para levar suas malas.

—Não, — respondeu Trez enquanto se dirigia para o porta malas. —Nós temos um monte de merda — er, porcaria.

Era meio difícil amaldiçoar na frente de um cara com rabo.

iAm assentiu. —Vamos cuidar disso para você.

O mordomo olhou para trás e para frente entre eles, o sorriso ainda firmemente no lugar. —Por favor, entrem para as festividades, senhores. Devemos lidar com essas coisas mundanas.

—Oh, não, nós podemos...

—Sim, quer dizer, não vai demorar...

Fritz parecia confuso e ligeiramente em pânico. —Mas, por favor, senhores, vocês devem se juntar aos outros. Eu vou cuidar disso. Esta é a minha posição dentro da família.

O sofrimento parecia tão fora de lugar, mas não era como se pudesse ser discutido sem provocar mais perturbação: Claramente, o cara vomitaria um coágulo se eles levassem própria bagagem deles pela porta da frente.

Quando em Roma[197]... Trez pensou. —Ok, sim, obrigado.

—Sim, muito obrigado.

Aquele cativante sorriso escancarado retornou imediatamente. —Muito bem, senhores! Muito bem.

Enquanto o mordomo indicava o caminho até a porta, a finalidade daquela grandiosa entrada como uma catedral era um mistério, Trez encolheu os ombros e subiu os degraus.

—Você acha que ele nos deixará limpar nossas próprias bundas? — ele perguntou em voz baixa.

—Somente se ele não nos ver indo ao banheiro.

Trez soltou uma risada e olhou por cima do ombro. —Isso foi uma piada, iAm? Huh? Eu acho que foi.

Após dar uma cotovelada em seu irmão, e receber um grunhido em resposta, ele esticou o braço e agarrou a pesada maçaneta da porta. Ele estava um pouco surpreso ao descobrir que não estava trancada, mas, pensando bem, com isso... o que quer que isso fosse ... ao redor, por que você precisaria de qualquer tipos de coisas como chaves e fechaduras? Não rangeu quando ele a abriu, e isso não foi uma surpresa. O lugar era um cenário dentro da polegada de sua vida, tudo totalmente escavado, cuidadosamente preservado, absolutamente organizado.

Então, de novo, com aquele mordomo no comando? Bolas de poeira provavelmente era uma emergência nacional.

Saindo do frio, ele se encontrou em uma pequena antessala com chão de mosaicos e um teto alto, de frente para um balcão de check-in que incluía uma lente de câmera. Ele sabia o que isso era — e ele fez uma careta exatamente para seu campo de visão.

Imediatamente, a porta interna, que poderia ter saído do cofre de um banco quando se tratava de peso, foi aberta largamente.

—Olá! — Uma fêmea disse. —Você está aqui.

Trez mal notou Ehlena enquanto ele tomava conhecimento do que estava atrás dela. —Ei... como vai... .

Ele não ouviu a resposta dela.

Oh... wow. Oh... que cor linda.

Trez não percebeu que havia andando para frente, mas ele andou ... para a mais incrível maravilha arquitetônica que ele já tinha visto. Grandes colunas de malaquita[198] e mármore rosa para um teto mais alto do que os céus. Lustres de cristal e arandelas de ouro brilharam. Uma escadaria vermelho sangue tão grande quanto um parque da cidade se erguia do chão de mosaicos que parecia retratar ... uma macieira em plena floração.

Tão severo quanto o exterior era, o interior era completamente resplandecente.

—Ele rivaliza com o palácio, — iAm disse com admiração. —Oh, Ehlena, hey, menina.

---

[197] *Ditado: Quando em Roma, faça como os Romanos.*

[198]

Trez estava vagamente consciente do seu irmão abraçando a *shellan* de Rehvenge. E havia outras pessoas se movimentando ao redor, fêmeas, na maioria, mas ele reconheceu Blay e um macho loiro, juntamente com John Matthew, e, claro, Rehv, que vinha pelo assoalho com a ajuda de sua bengala.

—A festa não é para vocês, mas vocês podem fingir que é.

iAM e Rehv se abraçaram, mas Trez não estava prestando atenção a eles.

De fato, o arco-íris oh-meu-Deus havia desaparecido completamente, também.

De pé no arco do que parecia ser uma sala de jantar formal, a Escolhida que ele tinha visto no Great Camp de Rehv, estava conversando com outra pessoa que também estava com uma túnica branca.

A visão geral de Trez diminuiu e depois mais um pouco, seus olhos se agarrando a ela, e criando raízes.

Olhe para mim, ele desejou. *Olhe para mim*.

Naquele momento, como se sentisse o comando, a Escolhida olhou.

Trez instantaneamente endureceu, seu corpo inchando com a necessidade de ir até a fêmea, pegá-la e levá-la para algum lugar reservado.

Onde ele poderia marcá-la como sua.

A voz de iAm era exatamente, precisamente, o que ele não precisa ouvir em seu ouvido: —Ainda não para você, irmão.

Que se foda, Trez pensou quando sua Escolhida se voltou para a fêmea com quem ela estado falando.

Ele iria tê-la, mesmo que isso o matasse.

E se ele veio para isso? Bem, sua vida não era realmente uma festa neste momento, não era?

Quando Qhuinn voltou, ele estava deitado em cima do altar. O crânio estava bem ao lado de sua cabeça, como se o primeiro Irmão estivesse cuidando dele enquanto ele se recuperava da bebida. Piscando os olhos para clarear, ele percebeu que estava olhando para uma parede de nomes: Cada centímetro quadrado da grande laje de mármore que ele estava tinha sido gravada com nomes na Antiga Língua.

Bem, exceto onde as estacas gêmeas estavam.

Quando ele se sentou e girou as pernas, suas costas rangeram ruidosamente e sua cabeça girava. Esfregando o rosto, ele saltou e andou para frente... até que ele pudesse tocar os entalhes.

—Você está abaixo na extremidade final, — Zsadist disse atrás dele.

Qhuinn girou. A Irmandade estava mais uma vez de pé, logo abaixo, cada um deles sorrindo ,como um filho da puta.

O sotaque de Boston de Butch soou: —Se apresse para ver seu nome lá. Você tem que conferir.

Qhuinn se virou. Com certeza, depois seguir até a direita, ele encontrou o nome do policial... e depois o seu.

Suas pernas cederam e ele se abaixou, caindo sobre seus joelhos diante da linha precisa de símbolos. Então, ele olhou pela parede, os nomes distintos desaparecendo nada mais que um padrão único e coeso em todo o mármore. Assim como a Irmandade. Nenhum indivíduo nele; o grupo era a coisa única.

E ele era parte dela.

Porra... ele estava lá.

Qhuinn estava pronto para uma experiência transformadora — algo como grandes toques de sinos — Você Pertence — golpeado em seu peito, ou talvez algo como alegria zonza... ou merda, um grande bêbado — Você é o Homem — cantando em seu cérebro.

Não aconteceu. Ele estava feliz, sim. Ele estava orgulhoso, foda, sim. Ele estava pronto para sair e lutar como um grande bastardo.

Mas quando ele ficou de pé, ele percebeu que, apesar dessa totalidade recém-descoberta, parte dele permanecia separada e avaliando. Então, novamente, havia sido alguns dias dos diabos — como se o Destino tivesse colocado sua vida no liquidificador, e estivesse ocupado fazendo molho de sua bunda.

Talvez fosse mais, por que ele nunca tinha sido bom para coisas emocionais? E nada mudaria isso.

Pelo menos ele não estava correndo, no entanto.

Indo até os irmãos, ele levou tantos tapas nas costas e pancadas no peito, que ele sabia como um atacante se sentia depois do treino.

E então lhe ocorreu... ele iria para casa, para Blay.

Santa Maria Mãe de Deus, para usar um dos ditos do policial, ele estava tão pronto para colocar os olhos sobre esse cara. Talvez sair despercebido e dizer a ele como era, embora ele provavelmente não devesse fazer isso. Talvez devesse ir para seu quarto depois que a festa terminasse e... hum, sim... por um tempo.

Ok, agora ele estava cansado.

Rhage jogou seu manto negro para ele. —Então, bem-vindo ao hospício, seu filho da puta. Você está preso com a gente para a vida.

Qhuinn franziu a testa e pensou em John. —E quanto a minha posição de *ahstrux nohtrum*?

—Acabou, — V disse enquanto ele se vestia também. —Você é um homem livre.

—Então, John sabia?

—Não que você estivesse recebendo este tipo de promoção, não. Mas ele foi informado de que você não poderia ser mais o seu soldado particular. — Quando Qhuinn tocou a tatuagem sob seus olhos, V assentiu. —Sim, vamos mudar isso — é uma dispensa honrosa, porém, não uma morte ou demissão.

Oh legal. Melhor que uma rosa caindo no centro do peito e uma cova rasa.

Quando eles saíram, Qhuinn deu um último olhar para a caverna. Era tão estranho, sim, ele era acontecimento histórico, mas isso também parecia como o culminar de todas aquelas noites de luta com os irmãos, uma lógica interna fazendo este evento extraordinário parecer... inevitável.

Refazendo a viagem por onde eles tinham vindo, Qhuinn logo se viu em um corredor que era forrado com prateleiras super altas do chão ao teto.

—Jesus... Cristo, — ele murmurou enquanto ele tocava todos os jarros *lesser*.

Todos pararam.

—Os frascos? — Wrath perguntou.

—Sim, — Tohr disse com uma risada. —Nosso menino parece impressionado.

—Deveria estar, — Rhage murmurou quando ele agitava o cinto em seu manto. —Somos impressionantes.

Vários gemidos naquele momento. Olhos rolaram.

—Pelo menos ele não disse 'totalmente incríveis', — alguém murmurou.

—Isso é Lassiter, — veio a resposta.

—Homem, esse filho da puta tem que parar de assistir Nickel-fodido-odeon[199].

—Entre outras coisas.

—Foco, pessoal, — Rhage interrompeu. —Podemos ter um momento aqui?

Grunhidos de aprovação substituíram as reclamações, o som gutural subindo e se enfiando através das lembranças de seus inimigos mortos.

—Pense, — Tohr disse enquanto ele colocava um braço ao redor dos ombros de Qhuinn, — agora você vai colocar os seus aqui.

—Legal, — Qhuinn murmurou enquanto examinava todos os diferentes tipos de recipientes. —Legal.

Eles saíram pelos portões que eram velhos, e do tipo de coisa que um maçarico precisaria de algumas horas para passar. Em seguida, teve outro obstáculo que foi afastado, um que, certo como inferno, parecia uma caverna na parede — e surpresa, eles saíram de um canto raso sobre a terra, e estavam de volta ao Escalade. Demorou um tempo para dirigir de volta através da floresta, e no instante que as luzes da mansão apareceram, ele começou a ficar agitado, seu corpo se empurrando para frente em seu assento, sua mão procurando o trinco da porta.

O SUV mal tinha diminuído quando ele estava abrindo a merda e saltando. Risos irromperam da Irmandade quando eles pegaram uma saída mais razoável das coisas, seguindo seu rastro enquanto ele pulou os degraus. Na grande entrada da frente, ele abriu a porta e disparou pelo o vestíbulo, mostrando seu rosto para a câmera de segurança.

Atrás dele, ele ouviu as vozes dos Irmãos...

Seus irmãos, agora, porém. Eles não eram?

Seus *irmãos* estavam rindo quando eles se juntaram a ele, e a porta interior foi aberta por Fritz.

---

[199] *Canal de desenho.*

Qhuinn quase derrubou o mordomo quando ele pulou para dentro. Muitos rostos sorridentes, as *shellans* da casa, a rainha, *doggen* por toda parte... iAm, Trez, e Rehv com Ehlena...

Ele procurava por cabelos vermelhos, examinando a sala de jantar, em seguida, voltando para o outro lado da sala de bilhar. Onde estava...

Qhuinn parou.

No outro lado da mesa de sinuca, no sofá que ficava de frente para a TV que estava sobre a lareira, Blay e Saxton estavam sentados lado a lado. Seus rostos estavam virados um para o outro, um par de gin e tônica em suas mãos, os dois parecendo como se estivessem em uma profunda discussão.

Abruptamente, Blay começou a rir, sua cabeça inclinando para trás...

Naquele momento, ele olhou para Qhuinn.

Imediatamente, sua expressão endureceu.

—Parabéns!

O som da voz de Layla rastejou até ele, e ele se virou para ela às cegas, sua mente se recuperando, mesmo que não deveria: ele sabia o tempo todo que Saxton estava retornando depois de suas férias.

—Estou tão feliz por você! — Quanto Layla o abraçou, ele colocou seus braços em volta dela automaticamente.

—Obrigado. — Ele se afastou e esfregou seu cabelo. —Então, ah, como você está se sentindo?

—Enjoada e ótima!

Qhuinn afundou em sua própria pele, tentando encontrar alegria na gravidez. —Estou muito feliz. Eu estou realmente... feliz.

Capítulo 73

Sola esbarrou no fogão enquanto trazia o homem para dentro de sua casa. E então como parte de sua correção de curso, ela esbarrou na cadeira em que sua avó havia estado — mas pelo menos foi capaz de encobrir aquilo puxando a coisa para fora e se sentando.

—Você também não me disse seu nome — ela murmurou, embora os nomes próprios fossem a última coisa em sua mente.

O homem se juntou a ela do outro lado da pequena mesa. Entre as roupas caras e seu absoluto tamanho, ele fazia tudo parecer frágil, da extensão de laminado que os separava, para as cadeiras, e a cozinha.

A casa inteira.

Ele estendeu a mão através da mesa. E naquela voz profunda, divina e acentuada, ele disse, —Eu sou Assail.

—Assail? — Ela cautelosamente estendeu sua própria palma, preparada para encontrá-lo no meio do caminho. —Nome estranho...

O contato instantâneo foi feito, um raio lambeu o braço dela e aterrissou em seu coração, acelerando-o, fazendo-a enrubescer.

—Você não gosta? — Ele conscientemente sussurrou, como se estivesse completamente ciente da reação dela.

Exceto que ele estava falando sobre seu nome, não é? Sim, era isso mesmo. —É… inesperado.

—Dê-me o seu. — Ele emitiu o comando sem deixar para lá. —Por favor.

Enquanto ele esperava, enquanto segurava sua mão, enquanto eles respiravam juntos, ela percebeu que às vezes existiam coisas até mais íntimas do que sexo.

—Marisol. Mas as pessoas me chamam de Sola.

Ele ronronou. Ronronou. —Eu devo chamá-la de Marisol.

E aquilo não se encaixou. Deus, naquele sotaque… ele tornou o que ela havia sido chamada toda a sua vida em um poema.

Sola puxou a mão da dele e a colocou em seu colo. Mas seus olhos ficaram diretamente sobre ele: Sua expressão era de arrogância, e ela teve a impressão que aquilo era um padrão inconsciente, não tinha nada a ver com ela. Seu cabelo parecia impossivelmente espesso, e sem dúvida penteado com algum produto — nada meramente humano podia manter aquela onda perfeita de sua testa assim. E seu perfume? Esqueça isso. Seja que diabo fosse aquilo, ela estava quase ficando alta pelo cheiro incrível.

Entre aquela aparência, aquele corpo, e todos os seus cérebros? Ela estava disposta a apostar a casa no fato que a vida dele era um grande esporte a ostra-é-o-meu-mundo.

—Então me conte sobre esta sua visita — ele disse.

Enquanto esperava, o queixo dele baixou, e ele a encarou sob as pálpebras.

Então não era uma surpresa que ele matou alguém.

Ela deu de ombros. —Eu não tenho ideia. Minha avó simplesmente disse que o homem tinha cabelo escuro e olhos profundos… — Ela franziu o cenho, notando que as íris dele eram sempre como a cor do luar — o tipo de coisa que simplesmente não parecia possível na natureza. Lentes de contato? Ela se perguntou. —Ela — ah, não mencionou um nome, mas ele deve ter sido educado — se não tivesse sido, eu teria ouvido sobre isso e algo mais. Oh — e ele falou com ela em espanhol.

—Há alguém que estaria procurando por você?

Sola balançou a cabeça. —Eu não falo sobre esta casa — nunca. A maioria das pessoas sequer sabe o meu nome verdadeiro. Foi por isso que pensei que era você — quem mais… eu quero dizer, ninguém nunca veio aqui além de você.

—Não há ninguém em seu passado?

Exalando, ela olhou em volta da cozinha; Então tirou os guardanapos do suporte e os reorganizou. —Eu não sei...

Com a vida que ela levava? Podia ser qualquer número de pessoas.

—Você tem um alarme de segurança aqui? — Ele perguntou.

—Sim.

—Deve assumir que ele é perigoso até que se prove o contrário.

—Eu concordo — quando o homem — Assail, era isso, enfiou a mão no casaco, ela balançou a cabeça. —Sem charuto. Eu disse a você...

Ele fez um show exagerado de pegar uma caneta de ouro e a segurou. Então pegou um dos guardanapos que ela tinha acabado de brincar e escreveu um número de telefone de sete dígitos.

—Você vai me ligar se ele vier novamente — Ele deslizou o quadrado plano através da mesa, mas manteve o dedo indicador direto nos números. —E eu devo cuidar disso.

Sola levantou rápido demais, fazendo a cadeira chiar. Imediatamente, ela congelou e olhou para o teto. Quando não houve som de cima, lembrou-se de mantê-lo para baixo.

Ela caminhou até o fogão calmamente. E voltou de novo. Pagou uma visita para a porta dos fundos e a varanda. Voltou novamente. —Olhe, eu não preciso de sua ajuda. Eu agradeço...

Quando se voltou para novamente tomar a rota para o fogão, ele estava bem na sua frente. Ofegando, ela deu um salto — sequer o tinha ouvido se movimentar...

A cadeira dele estava na mesma posição quando ele se sentou nela.

Não como a dela, empurrada de lado.

—O que… — Ela ficou em silêncio, sua mente girando. Seguramente, não estava prestes a perguntar-lhe o que ele era...

Quando ele estendeu a mão e segurou seu rosto, ela soube que teria tido problemas em dizer não para qualquer coisa que ele lhe sugerisse.

—Você vai me ligar — ele ordenou, —e eu devo vir até você.

As palavras foram tão baixas que quase eram deformadas, sua voz era profunda… muito, muito profunda.

O orgulho formou um protesto em seu cérebro, mas sua boca se recusou a falar. —Tudo bem — ela disse.

Agora ele sorriu, seus lábios se curvando para cima. Deus, seus caninos eram afiados, e mais longos que ela se lembrou.

—Marisol, — ele ronronou. —Um nome bonito.

Quando ele começou a se inclinar para ela, uma pressão sutil em sua mandíbula ergueu seu queixo. Oh, não, inferno, não, ela não devia estar fazendo aquilo. Não naquela casa. Não com um homem como aquele…

Dane-se. Com um suspiro de rendição, ela fechou os olhos e ergueu a boca para aceitar a dele...

—Sola! Sola, o que você está fazendo aí embaixo!

Os dois congelaram — e imediatamente, Sola regressou para a idade de treze anos.

—Nada! — Ela gritou.

—Quem está com você?

—Ninguém — é a televisão!

Três… dois… um… —Isso não soa como nenhuma TV!

—Vá — ela sussurrou enquanto empurrava contra seu peito largo. —Você tem que sair agora.

As pálpebras dele se semicerraram. —Acho que quero encontrá-la.

—Você não quer.

—Eu quero...

—Sola! Eu vou descer!

—Vá — ela sussurrou. —Por favor.

Assail arrastou o polegar através de seu lábio inferior e se inclinou para ela, falando diretamente em seu ouvido. —Eu planejo recomeçar isso de onde nós fomos interrompidos. Só para que você saiba.

Virando-se, ele se moveu com uma liberdade frustrante para a porta. E mesmo enquanto os chinelos de sua avó se aproximavam descendo os degraus, ele teve tempo para olhar por cima do ombro enquanto abria a porta de saída.

Os olhos ardentes passaram sobre o corpo dela. —Isso entre mim e você não terminou.

E então ele se foi, graças ao bom Senhor.

A avó dela dobrou a esquina uma fração de segundo depois que a porta externa de tela clicou no lugar. —Bem? — Ela disse.

Sola olhou acima da janela pela mesa, certificando-se que ainda estava escuro como o interior de um chapéu lá fora. Yup. Bom.

—Vê? — Ela disse, varrendo os braços em torno da cozinha vazia. —Ninguém está aqui.

—A televisão não está ligada.

Por que, oh, por que sua avó não podia ter a graça de ficar com a cabeça fraca como tantas outras geriatras?

—Eu a desliguei porque estava perturbando você.

—Oh — Os olhos suspeitos vagaram sobre…

Droga. Havia neve derretendo no piso de onde eles rastrearam.

—Vamos, — Sola disse enquanto guiava a mulher em uma meia-volta. —Chega de ser chateada por esta noite. Nós vamos para a cama agora.

—Estou vigiando você, Sola.

—Eu sei, vovó.

Enquanto se dirigiam até as escadas juntas, parte dela estava se perguntando exatamente quem diabo veio procurar por ela ali e por que. E a outra metade? Bem, aquela parte ainda estava na cozinha, a ponto de beijar aquele homem.

Provavelmente foi melhor terem sido interrompidos.

Ela tinha a impressão inconfundível que seu protetor… também era um predador.

O telefonema que Xcor estava esperando veio no momento mais oportuno. Ele tinha acabado de perseguir e matar um solitário assassino debaixo das pontes no centro da cidade, e

estava limpando sua amada moça, o sangue preto na lâmina da foice escorrendo facilmente enquanto ele passava um pano de camurça para cima e para baixo.

Ele pôs sua fêmea longe das costas primeiro, e só então pegou o telefone. Enquanto atendia, examinou seus guerreiros enquanto estes se reuniam e conversavam sobre a luta da noite no vento frio.

—É Xcor, filho de Bloodletter?

Xcor rangeu os dentes, mas não se preocupou em corrigir a imprecisão. O nome de Bloodletter era de uso de sua reputação. —Sim. Quem é?

Houve uma longa pausa. —Eu não sei se deveria estar falando com você.

Os tons eram aristocráticos, e informavam-lhe da identidade do visitante bem o suficiente. —Você é o associado de Elan.

Outra pausa longa — e, Destinos, isso tentou a sua paciência. Mas era outra coisa que ele mantinha para si mesmo.

—Sim. Eu sou. Você ouviu as notícias?

—Sobre.

Quando veio um terceiro trecho de silêncio, ele soube que isso ia levar um tempo. Assobiando para seus soldados, indicou que todos eram para prosseguir aos seus arranha-céus, vários quarteirões para o leste.

Um momento depois ele estava em cima de seu telhado, as rajadas de vento eram muito mais fortes em sua elevação preferida. Como tal ventania impedia o discurso, ele tomou cobertura em algumas máquinas.

—Notícias sobre o quê — ele iniciou.

—Elan está morto.

Xcor mostrou os dentes enquanto sorria. —De fato.

—Você não parece surpreso.

—Não estou — ele revirou os olhos. —Embora naturalmente, esteja desolado.

O que era um pouco verdade: Era como perder um habilidoso com a arma. Ou, mais precisamente, uma chave de fenda. Mas aquelas coisas podiam ser substituídas.

—Você sabe quem fez isso? — O cara exigiu.

—Bem, acredito que você sabe, estou certo?

—Foi a Irmandade, claro.

Outra concepção errada, mas novamente, Xcor estava preparado para deixar aquilo na espera. —Diga-me, você está esperando que eu o vingue?

—Esta não é minha preocupação — os sons afetados sugeriram que o macho estava de fato preocupado sobre enfrentar o mesmo destino. —A família dele deve ir atrás de reparação.

—Como é direito deles — como não havia mais nada para vir, Xcor soube o que era aguardado e exigido. —Eu posso assegurar-lhe duas coisas: Minha confidência, e minha proteção. Posso adivinhar que você estava na reunião na casa de Elan no outono. Minha posição de encarar o rei não mudou, e imagino que esta ligação o coloca em uma orientação simpática ao meu ponto de vista. Estou correto.

—Eu não sou aquele que busca poder político ou social.

Besteira. —Claro que não.

—Eu estou… preocupado sobre o futuro da raça — e nisso, Elan e eu éramos alinhados. Não concordei com as táticas que ele propôs, no entanto. Assassinatos levam muitos riscos, e em última instância, não vai se realizar o que é garantido.

Ao contrário, Xcor pensou. Uma bala no cérebro fixava muitas coisas...

—A lei é o caminho para derrubar o rei.

Xcor franziu o cenho. —Eu não sigo.

—Com todo o respeito, a lei é mais poderosa que a espada. Parafraseando um ditado humano.

—Suas referências oblíquas são um desperdício de palavras para mim. Seja específico, se não se importa.

—As Antigas Leis fornecem o poder que Wrath exerce. Elas derramam seu domínio unilateral sobre todas as formas de nossas vidas e nossa sociedade, dando a ele carta branca para agir como ele escolher, com uma completa falta de prestação de contas.

E era por isso que Xcor queria o trabalho, muito obrigado. —Continue.

—Não há restrições sobre o que ele pode fazer, quais cursos ele pode tomar — na verdade, ele também pode mudar as Antigas Leis se assim escolher, e alterar o próprio tecido de nossas tradições e fundações.

—Estou bem ciente disso. — Ele olhou para o relógio. Assumindo que não ficaria preso naquele maldito telefonema pelas próximas duas horas, ainda havia tempo de sobra para lutar. —Talvez você e eu devêssemos nos reunir pessoalmente amanhã à noite...

—Existe apenas uma ressalva.

Xcor fez uma carranca. —Ressalva?

—Ele deve necessariamente ser capaz de reproduzir, e eu cito, ‘um herdeiro de puro-sangue.’

—E isso é relevante como? Ele já é acasalado, e sem dúvida no futuro...

—A *shellan* dele é uma mestiça.

Agora Xcor foi o único que caiu em silêncio — e o procurador de Elan se aproveitou da calma: —Vamos ser claros um com o outro. Há sangue humano na espécie. De vez em quando, tem havido acasalamentos fora da raça, e alguém poderia argumentar que ninguém é verdadeiramente ‘puro-sangue.’ Existe, porém, uma diferença vital entre um civil desviado no rol de acasalamentos humanos, e o rei reproduzindo uma prole cuja própria mãe é uma mestiça — diga descendentes para herdar o trono após sua morte.

Throe se inclinou no canto do soprador do sistema de ventilação e ar condicionado. —Está tudo bem? — Ele murmurou.

Xcor segurou o telefone. —Leve os outros até as ruas. Eu devo me juntar a vocês rapidamente.

—Como quiser — Throe disse com uma reverência.

Enquanto seu lutador se curvava, o aristocrata no outro lado continuou. —Há uma inquietação entre muitos membros da classe governante, como você está bem ciente. E eu acredito que se alguém for adiante com isso, será muito mais eficaz desterrar Wrath, filho de Wrath, do que qualquer atentado contra a vida dele. Especialmente depois que ele fez tal show de força no Conselho na reunião da outra noite. Na verdade, muitos estavam assustados em uma espécie de submissão depois disso, as vontades deles recrutadas até pelo comportamento físico dele, que era bastante feroz.

A mente de Xcor começou a virar as possibilidades. —Então me diga, cavalheiro, em sua mente, você o sucederia, não?

—Não, — veio a resposta estridente. —Eu sou um advogado, e como tal, valorizo a lógica acima de tudo. Neste clima de instabilidade e guerra, apenas um soldado poderia liderar a raça — e deveria. Elan foi um tolo por suas ambições, e você deve ter se aproveitado disso. Eu sei porque o vi na casa dele naquela noite no outono — você o estava posicionamento onde você o queria, mesmo ele achando que era ao contrário. Eu quero mudanças, sim. E estou preparado para fazer isso acontecer. Mas não tenho ilusões quanto a minha utilidade, e nenhum interesse no resultado de Elan se tornando meu.

Xcor se encontrou girando na direção do topo daquela montanha. —Nenhum rei foi destronado desta forma.

—Nenhum rei foi destronado.

Bom ponto.

Enquanto ele olhava para o nordeste, onde aquela perturbação estranha na paisagem era localizada, ele pensou no rei lá com a sua rainha... e a Escolhida grávida de Xcor.

Houve um tempo em que ele teria preferido o caminho mais sangrento, o que era marcado com a satisfação de rasgar para longe o trono das mãos mortas de Wrath. Mas esta guerra de cartas era… mais segura. Para a sua fêmea.

A última coisa que ele queria era atacar onde ela comia, onde ela dormia… onde sua condição foi tratada.

Fechando os olhos, ele balançou a cabeça para si mesmo. Oh, como os poderosos tinham caído… e ainda assim eles se rebelariam, apesar de tudo, ele jurou.

—Como você sugeriria prosseguir? — Ele disse asperamente.

—Silenciosamente, a princípio. Eu devo precisar reunir precedentes para a forma pela qual ‘puro-sangue' foi interpretada em casos levados adiante por decisão. A vantagem é que tem havido uma discriminação duradoura contra humanos, e isso foi ainda mais pronunciado no passado — quando o pai de Wrath estava realmente emitindo proclamações e interpretando a lei. Essa será a chave. O mais forte precedente, o mais bem sucedido que estará ao redor.

Que irônico. O próprio antepassado de Wrath lendo o teor que iria ser o que destituía o filho.

—A questão para nós será o próprio rei. Ele precisa continuar respirando — e precisa não reconhecer a debilidade inerente em seu reinado para corrigi-lo antes de podermos colocar as coisas em ordem.

—Você vai mandar um e-mail para o meu associado com as passagens relevantes, e então vai se encontrar comigo.

—Isso vai levar uns dias.

—Compreendido. Mas eu espero sua ligação prontamente.

Enquanto os nomes eram trocados, e Xcor dava o endereço de e-mail de Throe, ele começou a sentir certa animação. Aquele macho estava correto? A monarquia de Wrath iria ser sem mais derramamento de sangue. E então Xcor estaria livre para determinar o futuro da raça: Até onde ele sabia, Wrath não tinha família direta, então se ele fosse deposto, não havia ninguém com uma forte reivindicação ao trono. Embora não significasse que não haveria relações saindo da toca.

Intrusos com os quais ele podia lidar, no entanto. E com o apoio do Conselho? Ele estava disposto a apostar que podia se tornar um líder popular — providenciando para que todos entrassem na linha.

Wrath não era o único que podia mudar as leis.

—Não desperdice tempo com isso — Xcor disse. —Você tem uma semana. Não mais.

A resposta que voltou para ele foi gratificante: —Devo prosseguir com toda pressa.

E não era uma forma adorável para se terminar um telefonema.

Capítulo 74

O túnel que ligava a mansão com o centro de treinamento estava fresco, escuro e tranquilo.

Enquanto Qhuinn o atravessava, ele estava sozinho e feliz por isso. Nada pior do que estar cercado por pessoas felizes quando você se sente como a morte.

Quando alcançou a porta que dava para a parte de trás do armário do escritório, ele digitou o código, esperou a fechadura estalar, e entrou. Uma passagem rápida pelos artigos de escritório e canetas, e por outra porta, e ele estava ao redor da mesa. A próxima coisa que ele soube, estava no corredor em frente a sala de musculação, mas não era exercício o que ele estava procurando. Depois do que a Irmandade lhe fez, ele estava duro e dolorido — especialmente nos braços, graças a ter se segurado na vertical naqueles pinos.

Cara, suas mãos ainda estavam dormentes, e enquanto flexionava os dedos, ele sabia qual era a sensação de artrite pela primeira vez em sua vida.

Continuando, ele parou novamente quando chegou a área da clínica. Quando foi endireitar suas roupas, percebeu que ainda estava vestindo apenas o roupão.

Ele não ia voltar para se tocar; Isso era claro.

Batendo na porta da sala de recuperação, ele disse, —Luchas? Você está acordado?

—Entre, — foi a resposta rouca.

Ele teve que se preparar antes de entrar. E ficou feliz por ter feito.

Deitado na cama com a cabeça apoiada, Luchas ainda se parecia como se estivesse à beira da extinção. O rosto que Qhuinn lembrava como inteligente e jovem estava vincado e horrendo. O corpo era dolorosamente magro. E aquelas mãos…

Jesus Cristo, as mãos.

E ele pensou que estava um pouco dolorido?

Ele limpou a garganta. —Ei.

—Oi.

—Então…sim. Como tem passado?

Que porra. O cara estava encarando semanas de repouso na cama, e depois meses de Fisioterapia — e ele teria muita sorte se pudesse segurar uma caneta novamente.

Luchas estremeceu quando tentou erguer os ombros em um gesto. —Estou surpreso que você veio.

—Bem, você é meu — Qhuinn parou. Na verdade, o cara não tinha, de fato, qualquer relação com ele. —Eu quero dizer… sim.

Luchas fechou os olhos. —Eu sempre tenho, e sempre terei, o seu sangue. Nenhum pedaço de papel pode mudar isso.

Os olhos de Qhuinn foram para aquela mão direita mutilada, e seu anel de sinete. —Eu acho que o Pai iria discordar bem de você.

—Ele está morto. Então sua opinião não é mais relevante.

Qhuinn piscou.

Quando ele não disse nada, Luchas estalou suas pálpebras abertas. —Você parece surpreso.

—Sem ofensa, mas eu nunca esperei ouvir isso sair de sua boca.

O macho indicou seu corpo quebrado. —Eu mudei.

Qhuinn se aproximou e puxou uma cadeira para ele; enquanto se sentava, ele esfregou o rosto. Tinha vindo ali porque ver seu irmão estranho previamente morto era a única razão remotamente aceitável para pular uma festa em sua honra.

E passar a noite olhando Blay e Saxton juntos? Não ia acontecer.

Exceto agora que estava ali, ele não pensou que ia ter qualquer tipo de conversa.

—O que aconteceu com a casa? — Luchas perguntou.

—Ah… nada. Eu quero dizer, depois… do que aconteceu, ninguém a reivindicou, e eu não tinha direitos sobre ela. Quando esta se reverteu para Wrath, ele a devolveu para mim — mas escute, é sua. Eu não estive nela desde que fui expulso.

—Eu não a quero.

Okaaaaaaaaaay, outra grande surpresa. Enquanto crescia, seu irmão falava sem parar de tudo que queria realizar quando ficasse mais velho: A educação, a proeminência social, assumindo de onde o pai deles deixou.

Ele dizendo não era como alguém recusando um trono — insondável.

—Você já foi torturado? — Luchas murmurou.

Sua infância veio à mente. Em seguida a Guarda de Honra. Mas ele certo como o inferno não ia estourar as bolas do cara. —Fui atingido algumas vezes.

—Eu apostaria. O que aconteceu depois?

—O que você quer dizer?

—Como se acostumou ao normal novamente?

Qhuinn flexionou as mãos doloridas, olhando para seus próprios dedos que estavam todos perfeitamente funcionais e intactos apesar das dores. Seu irmão não ia poder contar até dez de novo: Cura era uma coisa, regeneração outra completamente diferente.

—Não existe mais normal — ele se ouviu dizer. —Você meio que… apenas continua se mantendo, porque isso é tudo que você tem. A coisa mais difícil é estar com outras pessoas — é como se elas estivessem numa onda diferente, mas só você sabe disso. Elas falam sobre suas vidas e o que está de errado com elas, e você meio que, como, apenas as deixar ir. É uma linguagem totalmente diferente, e você precisa lembrar que pode apenas responder em sua língua materna. É realmente difícil de se relacionar.

—Sim, isso é exatamente correto — Luchas disse lentamente. —Isso mesmo.

Qhuinn esfregou o rosto novamente. —Eu nunca esperei ter qualquer coisa em comum com você.

Mas eles tinham. Quando Luchas o olhou, aqueles olhos perfeitamente combinados encontraram os fodidos de Qhuinn, e a conexão estava lá: ambos tinham atravessado o inferno, e aquela proximidade era mais poderosa do que o DNA comum que compartilhavam.

Isso era muito estranho.

E engraçado, ele achou que esta era a noite para encontrar a família em todos os lugares.

Exceto no único lugar que ele queria.

Quando o silêncio prevaleceu, com nada além do constante sinal sonoro das máquinas ao lado da cama para quebrá-lo, Qhuinn continuou lá por um longo tempo. Ele e seu irmão não conversavam muito, e estava tudo bem, porque era o que ele queria. Não estava pronto para se abrir para o cara sobre Layla ou a criança, e supôs está dizendo que Luchas não perguntou se ele estava acasalado. E certo como inferno que ele não ia trazer à tona a coisa com Blay.

Era bom se sentar com seu irmão, entretanto. Havia algo sobre as pessoas com as quais você crescia, aquelas que você viu toda a sua infância, as pessoas que você não podia não se lembrar de conhecer. Ainda que o passado fosse uma bagunça complicada, enquanto se envelhecia, você estava apenas feliz pelos filhos de uma cadela ainda estarem no planeta.

Dava-lhe a ilusão que a vida não era tão frágil quanto realmente era — e na ocasião, isso era a única coisa que você conseguia pela noite.

—Seria melhor eu ir para que você possa descansar — ele disse, esfregando os joelhos, acordando as pernas.

Luchas virou sua cabeça no travesseiro do hospital. —Vestido estranho para você, não é?

Qhuinn baixou o olhar para o roupão preto. —Oh, esta coisa velha? Eu simplesmente o joguei.

—Parece cerimonial.

—Você precisa de alguma coisa? — Qhuinn se levantou —Comida?

—Eu estou bem o suficiente. Mas obrigado.

—Bem, me avise, ok?

—Você é um cara muito decente, Qhuinn, sabe disso?

O coração de Qhuinn parou, e em seguida bateu forte. Essa era a frase que o pai deles sempre costumava usar para descrever cavalheiros… e esse era o máximo dos elogios, o topo da pilha, o equivalente a um abraço de urso e um forte aperto de mãos de um sujeito normal.

—Obrigado, cara — ele disse asperamente. —Você também.

—Como pode dizer isso? — Luchas limpou a garganta. —Como em nome da Virgem Escriba você pode dizer isso?

Qhuinn exalou forte. —Você quer a parte inferior? Bem, eu darei a você. Você era o favorito, eu era a maldição — nós estávamos em lados opostos da escala naquela casa. Mas nem um de nós teve uma chance. Você não era tão mais livre do que eu, não teve escolha sobre seu futuro — este foi predeterminado no nascimento, e de certa forma, meus olhos? Eles eram o meu saia-da-prisão, porque isso queria dizer que ele não se importava comigo. Ele me ferrou? Sim, mas pelo menos eu consegui decidir o que queria fazer e aonde eu queria ir. Você… nunca teve a porra de uma chance. Você não era nada além de uma equação matemática já resolvida quando foi concebido, com todas as respostas predeterminadas.

Luchas cerrou as pálpebras novamente e estremeceu. —Eu continuo passando isso por minha cabeça. Todos aqueles anos crescendo, da minha primeira lembrança a última coisa que eu vi naquela noite quando… — Ele tossiu um pouco, como se seu peito doesse, ou talvez o ritmo do seu coração vacilasse. —Eu o odiava. Você sabia disso?

—Não. Mas não posso dizer que me surpreende.

—Não quero voltar naquela casa de novo.

—Então você não tem que voltar. Mas se o fizer… eu irei com você.

Luchas o olhou mais uma vez —Sério?

Qhuinn assentiu com a cabeça. Embora não estivesse com pressa de percorrer por aqueles quartos e dançar com os fantasmas do passado, ele iria lá se Luchas fosse.

Dois sobreviventes, de volta à cena dos crimes que os definiu.

—Sim. Sério.

Luchas sorriu um pouco, a expressão nada perto do que ele costumava usar como esporte. E isso estava bem. Qhuinn gostava muito mais daquilo, pois era honesto. Frágil, mas honesto.

—Eu verei você logo, — Qhuinn disse.

—Isso seria… muito bom.

Afastando-se, Qhuinn empurrou a porta, e...

Blay estava esperando por ele no corredor, fumando um cigarro enquanto se sentava no chão.

Enquanto Qhuinn saía do quarto do seu irmão, Blay ficou de pé e enfiou seu cigarro Dunhill na borda da bebida que ele estava tomando conta. Ele não tinha certeza de sua expectativa em relação a aparência do guerreiro, mas não tinha sido esta: tão tenso e infeliz, apesar da honra

incrível que lhe foi pago. Então novamente, passar o tempo ao lado da cama do seu irmão dificilmente era uma ocasião alegre.

E Blay não era estúpido. Saxton estava de volta em casa.

—Eu pensei que ia encontrar você aqui, — ele disse, quando o outro macho nem mesmo ofereceu um oi.

Na verdade, o olhar azul e verde de Qhuinn dava voltas em torno do corredor, atingindo quase tudo, exceto ele.

—Então, ah, como está seu irmão? — Ele iniciou.

—Vivo.

Parece que foi o melhor que eles podiam esperar por agora.

E parece que era tudo o que Qhuinn pretendia dizer. Talvez ele não devesse ter descido até ali. —Eu, ah, eu queria dizer parabéns.

—Obrigado.

Certo, Qhuinn ainda não estava olhando para ele. Ao invés disso, o cara estava focado na direção do escritório, como se em sua mente ele já estivesse caminhado até a maldita coisa e posto aquele armário cheio de suprimentos para um bom uso...

O som dele estalando suas juntas era alto como tiros. Então ele flexionou as mãos, espalhando os dedos como se estes estivessem doendo.

—Então é histórico — Blay foi tirar outro cigarro de seu pacote, e parou. —Um primeiro que é real.

—Tem havido muitos primeiros por aqui ultimamente — Qhuinn disse com uma esperteza.

—O que isso quer dizer?

—Nada. Na verdade não é relevante.

Cristo, Blay pensou, ele não devia ter feito isso. —Você pode olhar para mim? Eu quero dizer, foda, vai matá-lo se você olhar para mim?

Aqueles olhos descombinados dispararam ao redor. —Oh, eu vi você, tudo certo. Acho que na casa do seu homem. Você contou a ele que me fodeu enquanto ele estava fora? Ou vai manter o pequeno segredo sujo. Sim, shhhhhhh, não conte ao meu primo.

Blay rangeu os dentes. —Seu filho da puta hipócrita.

—Desculpe, não sou o único com o namorado...

—Você vai realmente ficar aqui e fingir que estava aberto em relação a nós? Como quando Vishous saiu daquela sala — ele apontou o indicador através do corredor —você não pulou como se sua bunda estivesse queimando? Quer fingir que todos estavam orgulhosos porque você estava fodendo um cara?

Qhuinn pareceu momentaneamente atordoado. —Você acha que era por isso? E não, oh, me deixe pensar, tentando respeitar o fato de que você estava traindo o amor de sua vida!

A este ponto, ambos estavam arqueados para frente em seus quadris, suas vozes oscilando pelo corredor.

—Oh, besteira — Blay cortou a mão pelo ar. —Isso é uma completa besteira! Veja, este sempre foi o *seu* problema. Você nunca quis sair...

—Sair? Como se eu fosse gay?!

—Você fode homens! Que porra você acha que isso significa!

—Este é *você* — *você* fode caras. Você não gosta de mulheres e de fêmeas...

—Você nunca foi capaz de aceitar quem é, — Blay berrou, —porque tem medo do que as pessoas pensam! O grande iconoclasta[200], o Sr. Perfurado, aleijado por sua maldita família! A verdade é que você é uma boneca e sempre foi!

A expressão de Qhuinn era de uma fúria absoluta, ao ponto de que Blay estava pronto para ser atingido — e inferno, ele queria ter um soco lançado para ele, só assim podia ter o prazer de arrolhar o sujeito de volta.

—Vamos deixar isso claro — Qhuinn latiu. —Você mantém a sua merda do seu lado do corredor. E isso inclui meu primo e o fato de que você fodeu por aí.

Blay ergueu as mãos e teve que compassar antes de pular para fora de sua própria pele. —Eu simplesmente não aguento mais isso. Não posso levar isso com você novamente. Sinto como se estivesse passado toda a vida lidando com a sua merda...

—Se eu for gay, por que você é o único macho com quem eu fiquei?!

Blay parou imóvel e apenas encarou o sujeito, imagens de todos aqueles homens em banheiros se filtraram por seu cérebro. Pelo amor de tudo que era santo, ele se lembrava de cada um e de todos eles, embora Qhuinn sem dúvida não o fizesse. Seus rostos. Seus corpos. Seus orgasmos.

Todos conseguindo aquilo pelo qual ele foi tão desesperado para ter, e negado.

—Como se atreve — ele disse. —Como diabo você se atreve. Ou você acha que eu não conheço o seu histórico sexual? Eu tive que assistir aquilo por muito mais tempo do que gostava. Francamente, aquilo não era tão interessante — e nem você.

Enquanto Qhuinn empalidecia, Blay começou a balançar a cabeça. —Estou cheio disso. Estou muito cheio disso — o fato de que você não pode aceitar a si mesmo vai foder o que restou da sua vida, mas isso é assunto seu, não meu.

Qhuinn praguejou longo e baixo. —Eu nunca pensei que diria isso… mas você não me conhece.

—Eu não conheço você? Acho que o sapato está no outro pé, idiota. Você não conhece a si mesmo.

Com isso, ele esperou algum tipo de explosão, algo teatral, excessivo, uma incendiária emoção saísse do cara.

Ele não entendeu aquilo.

Qhuinn simplesmente encaixou os ombros, nivelou o queixo, e falou com controle. —Eu passei último ano tentando compreender quem sou, largando o fingimento, ficando limpo...

—Então eu digo que você desperdiçou trezentos e sessenta e cinco noites. Mas como tudo sobre isso, está em você.

---

[200] *Quem destrói ícones, desmascara heróis e nome consagrados.*

Com uma praga feroz, Blay virou e se afastou apressado — e não olhou para trás. Não havia razão. Não havia ninguém no corredor que ele quisesse ver.

Cara, se a definição de loucura estava fazendo a mesma coisa inúmeras vezes e esperando um resultado diferente, então ele perdeu a sua sanidade anos atrás. Para sua saúde mental, seu bem-estar emocional, e sua própria vida, ele precisava pôr isso tudo...

Qhuinn o arrastou pelo braço, o rosto furioso do sujeito empurrando-se para o seu. —Não se afaste de mim assim.

Blay sentiu uma onda de esgotamento atacá-lo. —Por que. Porque você tem algo a mais para dizer? Alguma perspicácia em você que deveria juntar as peças do quebra-cabeça de uma forma que se encaixem? Alguma grande confissão que vai consertar o navio e deixar tudo perfeito como o pôr-do-sol-na-praia? Você não tem esse tipo de vocabulário, e eu não sou mais tão ingênuo.

—Eu quero que você se lembre de algo, — Qhuinn rosnou. —Eu tentei fazer isso entre nós funcionar. Eu nos dei uma chance.

A boca de Blay caiu aberta. —Você nos deu uma chance? Droga, você está brincando comigo? Acha que transar comigo como uma maneira de se vingar do seu primo é um relacionamento? Acha que algumas sessões em segredo é algum tipo de caso amoroso?

—Era tudo que eu tinha com que trabalhar — Aqueles olhos incompatíveis varreram o rosto de Blay. —Não estou dizendo que era um grande romance, mas eu mostrei porque queria estar com você de qualquer forma que eu podia.

—Bem, parabéns. E agora que nós dois nos mostramos, eu solidamente posso dizer que você e eu não estamos destinados a ficarmos juntos. — quando Qhuinn começou a estourar um xingamento, Blay passou uma mão pelo cabelo e quis acabar com aquilo. —Escute, se ajudar você a dormir durante o dia — e não acredito que isso realmente vai aborrecê-lo por mais tempo que uma noite — diga a si mesmo que você fez o que pôde, mas não deu certo. E eu? Eu prefiro a realidade. O que aconteceu entre nós é exatamente o que você fez com todos os outros casos com quem esteve. Sexo — apenas sexo. E agora nós terminamos.

Os olhos de Qhuinn queimaram. —Você me entendeu errado sobre isso.

—Então você é ilusório tanto quanto está em negação.

—As pessoas podem mudar. Eu não sou mais assim, e certamente não com você.

Deus… era um alívio triste não sentir nada enquanto aquelas palavras eram ditas a ele. —Sabe… houve um tempo quando eu teria caído aos seus pés para ouvir algo assim — ele murmurou. —Mas agora… tudo que eu vejo é você pulando do chão no segundo que alguém sai por uma porta e nos vê juntos. Você diz que essa reação é por causa do meu relacionamento com Saxton? Tudo bem. Mas eu tenho certeza… não, eu estou totalmente certo… que se você arranhar a superfície disso, vai descobrir que tem muito mais a ver com você do que com seu primo. Você se odiou por tantos anos, que não acho que seja possível que realmente ame alguém ou que

tenha algum senso de quem você é. Eu espero que descubra algum dia, mas não vou ser parte desse Lewis e Clark[201] — eu prometo.

Qhuinn balançou a cabeça, sua carranca era tão profunda que parecia ter crescido um barranco entre as suas sobrancelhas. —Acho que você conseguiu me costurar apertado.

—Não é realmente difícil.

—Só para você saber, eu estava apaixonado por você.

—Por três dias, Qhuinn. Três dias. Durante os quais houve drama o suficiente acontecendo para fazer Guerra e Paz[202] parecer uma revista em quadrinhos. Isso não é amor. Isso é bom sexo como uma distração por a vida ser uma merda.

—Eu não sou gay.

—Tudo bem. Você é bi. É bi-curioso. Está experimentando. O que seja, pois não me importo. Realmente não. Eu sei quem sou, e é assim que vou conseguir atravessar a minha vida. Você tem outra furadeira em completo movimento — e boa sorte com isso. Ela está claramente trabalhando bem demais por você.

Com isso, ele foi embora novamente.

E desta vez… Qhuinn o deixou ir.

Capítulo 75

Uma Semana Depois...

Quando a vida volta ao seu curso normal, Qhuinn pensou enquanto puxava suas calças de couro para cima em suas coxas, enfiou uma camiseta sem mangas por cima de sua cabeça, e agarrou suas armas e sua jaqueta de couro.

Deus, ele não podia acreditar que apenas sete noites atrás ele tinha sido iniciado na Irmandade.

Parecia como uma eternidade.

Deixando seu quarto, ele andou a passadas largas pelo santuário de mármore, passou pelo estúdio do Wrath, e bateu na porta da Layla.

—Entre?

—Ei, — ele disse quando ele entrou. —Como você está?

—Estou ótima. — Layla se ergueu mais para cima em sua pilha de travesseiros e então acariciou sua barriga. —Faça disso um, *nós estamos* ótimos — Dra. Jane estava aqui quase agora.

[201] Meriwether Lewis e William Clark formaram uma dupla de exploradores que lideraram a primeira grande expedição exploratória do continente norte-americano, partindo do Leste e indo em direção ao Oeste até a costa do Oceano Pacífico, com posterior retorno.
[202] Romance dramático russo, do escritor Tolstói, sobre a invasão de Napoleão à Rússia.

Os níveis parecem perfeito, e eu vou continuar com o ginger ale e os saltines[203], então eu estou bem.

—Você deveria comer alguma proteína, não? — Merda, ele não queria que isso soasse como uma ordem. —Não que eu estou te dizendo o que comer.

—Oh, não está bem. Para dizer a verdade, Fritz cozinhou alguns peitos de galinha para mim e eu consegui mantê-los, então eu vou tentar fazer isso todo dia, também. Enquanto comida não tem muito gosto de comida, eu consigo manter no estômago.

—Você precisa de alguma coisa?

Os olhos de Layla se estreitaram. —Para falar a verdade, sim.

—Nomeie e é seu.

—Fale comigo.

Qhuinn ergueu suas sobrancelhas. —Sobre?

—Você. — Ela deixou sair um xingamento exasperado, jogando a revista que ela tinha estado lendo para o lado. —O que está acontecendo? Você está se arrastando por aí, e todo mundo está preocupado.

Todo mundo. Fantástico. Porque no inferno ele não morava sozinho?

—Eu estou bem...

—Você está bem. Certo. Uh-huh.

Qhuinn levantou suas mãos em quase submissão. —Ei, vamos lá, o que você quer que eu diga? Eu acordo, vou trabalhar, volto para casa — você está bem assim como a criança. Luchas está se recuperando devagar. Eu estou na Irmandade. A vida está ótima.

—Então porque parece que você está sofrendo como se estivesse de luto, Qhuinn?

Ele teve que afastar o olhar. —Eu não estou. Escuta, eu tenho que ir pegar algo para comer antes que eu...

— Vocêaindaqueracriança.

As palavras de Layla saíram tão rápido, seu cérebro teve que trabalhar para decifrar o que ela tinha dito. E então ele —O que?

Quando as mãos dela começaram a se enroscar como faziam quando ela estava nervosa, ele foi na direção à cama e se sentou ao lado dela. Colocando sua jaqueta e seus coldres cheios de armas para baixo, ele acalmou as mãos dela.

—Eu estou estático[204] com a criança. — Para falar a verdade, o bebê dentro dela era a única coisa mantendo-o vivendo no momento. —Eu já estou apaixonado por ele ou por ela.

Sim. Criança é o único lugar seguro onde colocar o seu coração, no que lhe dizia respeito.

—Você tem que acreditar nisso, — Ele disse estridentemente. —Você realmente tem que acreditar.

—Tudo bem. Ok, eu acredito. — Layla se estendeu e acariciou o lado do rosto dele, fazendo-o estremecer. —Mas então o que está quebrado em você, meu querido amigo. O que aconteceu?

---

[203] Ginger ale é um tipo uma água com gás mas que contém gengibre e saltines é uma marca de biscoitos do tipo água e sal. Isso é o que as grávidas nos EUA (as marcas quero dizer) comem para não se desidratarem por vomitarem muito no início da gestação.
[204] Excitado, emocionado, muito feliz

—Apenas a vida. — Ele sorriu para ela. —Nada demais. Mas não importa em que humor eu estou, você precisa saber que estou bem aqui com você nisso.

Os olhos dela se fecharam em alívio. —Eu estou grata por isso. E pelo que a Payne fez.

—Assim como Blaylock, — Ele murmurou. —Não se esqueça dele.

Quão fodidamente irônico. O cara o tinha esfaqueado no peito, mas também tinha dado a ele um novo coração.

—Me desculpe? — Ela disse.

—Blaylock foi até Payne. Foi ideia dele.

—De verdade? — Layla sussurrou. —Ele fez isso?

—Sim. Um amigo leal. Blaylock é um gentlemale de verdade.

—Porque você está chamando ele assim?

—É o nome dele, né. — Ele deu palmadinhas no braço dela e se levantou em seus pés, pegando suas coisas. —Eu estou saindo para a noite. Como sempre, eu tenho meu telefone comigo, e você me chama se você precisar de alguma coisa.

A Escolhida franziu o cenho. — Mas Beth disse que você estava fora de rotação.

Ótimo. Então ele realmente era tópico de conversa. —Eu estou saindo. — Quando ela parecia como estivesse a ponto de discutir, ele se inclinou e colocou um casto beijo em sua testa, na esperança de reassegurá-la. —Não se preocupe comigo, ok?

Ele saiu antes que ela pudesse dar-lhe uma ordem[205] de ataque nos limites dele. Fora no corredor, ele fechou a porta e...

Ele parou imóvel. — Tohr. Ah, como você está?

O Irmão estava inclinado contra a porta do Wrath como se ele estivesse esperando. —Eu pensei que você e eu conversamos sobre o horário ontem à noite.

—Nós conversamos.

—Então qual o caso com as armas?

Qhuinn rolou seus olhos. —Olha, eu não vou ficar nessa casa até o amanhecer me prender dentro para um grande total de vinte quatro horas direto. Não vai acontecer.

—Ninguém disse que você tem que passar tempo aqui. O que eu *estou* dizendo a você, Irmão-para-Irmão, é que você *não* vai estar fora no campo conosco hoje a noite.

—Oh, fala sério.

—Vá ver uma porra de um filme se você quiser. Entre num CVS[206], mas se lembre de levar as chaves de seu carro com você dessa vez. Vá para um shopping que feche tarde e dê sua lista para o papai noel, eu não me importo. Mas você *não* vai lutar — e antes que você continue a discutir, essa é uma regra para todos nós. Você não é especial. Você não é o único que não vai para o campo. Está claro?

Qhuinn murmurou por baixo de seu fôlego, mas quando o Irmão estendeu sua palma, ele bateu a sua própria contra ela e assentiu.

Quando Tohr saiu, descendo a escadaria correndo, Qhuinn queria começar uma carreira de

[205] *Como um marechal do exército*
[206] *CVS é uma farmácia 24 horas que vende um pouco de tudo, de meias a salgadinhos.*

xingamentos: uma noite inteira para si mesmo. Yay.

Nada como ter uma noite de namorar com um depressivo.

Inferno, talvez o que ele devia fazer era subir para a sala de cinema, jogar alguns pacotes de terapia-de-reposição-de-hormômios, e animar-se assistindo *A Noviça Rebelde* e pintando as unhas dos pés.

Talvez *Flores de Aço*[207]... *Como Água para Cocos*.

Ou seriam *Chocolates*[208], ele imaginou.

Então de novo, talvez ele pudesse apenas botar uma bala em sua cabeça.

Qualquer um deles iria funcionar.

A casa segura da família de Blay era fora no campo, cercada por campos cobertos de neve que ondulavam gentilmente para os limites da floresta. Feita de pedras de rio de cor creme, a casa não era grandiosa, mas bastante confortável, com tetos de vigas baixas, um monte de lareiras que estavam sempre acesas no inverno, uma ultra moderna cozinha que era a única coisa moderna na propriedade.

E nesse cômodo sua mãe cozinhava ambrosia.

Quando ele e seu pai surgiram do escritório, sua mãe olhou para deles do seu fogão de oito bocas. Os olhos dela estavam bem abertos e preocupados enquanto ela mexia o queijo que ela estava derretendo em uma panela dupla de cobre.

Não querendo fazer um grande assunto do enorme assunto que tinha acabado de acontecer naquele cômodo cheio de livros, Blay mostrou uns discretos “polegares para cima” para ela e sentou-se junto a mesa de carvalho rústica na alcova.

Sua mãe colocou sua mão sobre sua boca e fechou suas pálpebras, ainda mexendo mesmo quando as emoções brotaram.

—Ei, ei, — seu pai disse quando ele veio para a sua *shellan*. —Shhhhhh...

Virando-a para ele, ele enrolou seus braços ao redor de sua companheira e a segurou perto. Mesmo quando ela continuou com aquele mexer na panela.

—Está tudo bem. — Ele beijou a sua cabeça. —Ei, está tudo bem.

O olhar de seu pai girou, e Blay teve que piscar repetidamente quando seus olhos se encontraram. Quando ele teve que esconder seus olhos marejados.

—Povo! Pelo amor da Virgem Escriba! — O macho mais velho fungou também. —Meu lindo, saudável, esperto, valioso filho é gay — Não há nada para lamentar!

Alguém começou a rir. Blay uniu-se a isso.

---

[207] http://pt.wikipedia.org/wiki/Flores_de_Aço - *O filme relata a história de seis mulheres muito diferentes entre si, mas ligadas pela amizade e pela lealdade, ao longo de vários períodos das suas vidas, numa pequena cidade da Louisiana.*

[208] http://pt.wikipedia.org/wiki/Como_Água_para_Chocolate - *Tita nasceu na cozinha da casa da família, quando sua mãe estava cortando cebolas. Logo em seguida, seu pai morreu de um ataque cardíaco ao ter sua paternidade questionada. Por essa razão, Tita tornou-se vítima de uma tradição local, que dizia que a filha mais nova não poderia casar para cuidar da mãe até a sua morte. Ao crescer, Tita se apaixona por Pedro Muzquiz, que corresponde e quer casar com ela, mas a mãe da moça proíbe o casamento, e sugere que ele se case com Rosaura, a irmã dois anos mais velha de Tita. O rapaz aceita, pois esta é a única maneira de se manter perto de Tita.*

—Não é como se alguém tivesse morrido. — Seu pai levantou o queixo para cima e sorriu para o rosto dela. —Certo?

—Eu apenas estou tão feliz de estar fora e todo mundo está junto, — sua mãe disse.

O macho recuou como se qualquer outro tipo de resultado fosse impensável para ele. — Nossa família é forte — você não sabe disso meu amor? Mas mais importante, isso não é um desafio. Não é uma tragédia.

Deus, seus pais eram os melhores.

—Venha aqui. — Seu pai chamou. —Blay, venha até aqui.

Blay levantou-se e foi até lá. Quando seus pais envolveram seus braços ao redor dele, ele tomou um fôlego profundo e se tornou a criança ele tinha sido uma vida inteira atrás: o cheiro da loção de barbear de seu pai tinha o mesmo cheiro e o xampu da sua mãe ainda o lembrava de uma noite de verão, e o aroma de lasanha cozinhando no forno fez ainda mais faminto seu já faminto estômago.

Como sempre tinha feito.

Tempo era relativo de verdade, ele pensou. Mesmo embora ele fosse mais alto e mais largo, e tantas coisas tinham acontecido, essa unidade — essas duas pessoas — eram suas fundações, sua rocha imutável, seu nunca perfeito, mas nunca falível modelo. E enquanto ele estava de pé no abrigo dos familiares, amorosos braços deles, ele era capaz de respirar para fora cada pedacinho de tensão que ele sentia.

Tinha sido difícil contar a seu pai, encontrar as palavras, quebrar através da — segurança — que veio com não correr o risco de ter que reformar sua opinião do macho que o tinha criado e amado como ninguém mais tinha. Se o cara não o tivesse dado suporte, se ele tivesse escolhido o valor de sistema da *glymera* sobre o autêntico ele? Blay teria sido forçado a ver alguém que ele tinha amado em uma luz totalmente diferente.

Mas isso não tinha acontecido. E agora? Ele sentia como se ele tivesse pulado de um edifício... e aterrissado em Wonder Bread[209], são e salvo: o maior teste que a estrutura de sua família não tinha apenas passado, mas completamente triunfado em cima.

Quando eles se separaram do abraço, seu pai colocou sua mão o rosto de Blay. —Sempre meu filho. E eu tenho *sempre* orgulho de te chamar de meu filho.

Quando o cara deixou cair o seu braço, o seu anel de sinete em sua mão pegou o brilho da luz sobre as suas cabeças, o outro brilhando amarelo. O padrão que tinha sido estampado no metal precioso era exatamente o que estava no anel de Blay — e quando ele traçou as linhas familiares, ele reconheceu que a *glymera* entendia isso tudo errado. Todos aqueles topos eram previstos para serem os símbolos desse espaço agora, das ligações que fortaleciam e melhoravam as vidas entrelaçadas dessas pessoas, dos compromissos que iam de mãe para pai, pai para filho, mãe para criança.

Mas como eram tão comuns nos casos com a aristocracia, o valor totalmente errado, sendo baseado no ouro e nas estampas, não nas pessoas. A *glymera* se importava era como as coisas se

---

[209] *Marca de pão – parece que foi dado esse nome por um vice presidente dos EUA que deu o nome do pão (que é deve ser muito fofinho) depois de assistir um balão voando...*

pareciam, sobre o que era: contanto que a merda parecesse bonita do lado de fora, você poderia estar meio-morto ou ter algo totalmente depravado[210] por baixo dos panos e eles ainda estariam legais com isso.

No que dizia respeito a Blay? A comunhão era a coisa.

—Eu acho que a lasanha está pronta, — sua mãe disse quando ela beijou aos dois. —porque vocês dois não põem a mesa?

Bom e normal. Felizmente assim.

Quando Blay e seu pai se moviam ao redor da cozinha, tirando talheres e pratos e guardanapos de tecido em tons de vermelho e verde, Blay se sentiu um pouco intoxicado. Na verdade, era uma total overdose associada com tendo colocado tudo na linha e descoberto, do outro lado, que tudo o que você tinha esperado era na verdade o que você tinha.

E ainda, quando ele se sentou um pouco mais tarde, ele sentiu o vazio que tinha estado pegado carona com ele voltar, certo como se ele tivesse entrado brevemente em uma casa quentinha, mas tinha que sair e voltar para o frio.

—Blay?

Ele se sacudiu e se estendeu para aceitar o prato cheio de amabilidade feita-em-casa que sua mãe estava estendendo para ele. —Oh isso parece incrível.

—Melhor lasanha do planeta, — seu pai disse, quando ele desdobrou seu guardanapo e empurrou seus óculos mais para cima em seu nariz. —pedaço de fora para mim, por favor.

—Como se eu não soubesse que você gosta das partes crocantes. — Blay sorriu para seus pais quando sua mãe usou sua espátula para tirar um dos pedaços do canto. —Dois?

—Sim, por favor. — Os olhos de seu pai estavam presos naquela panela de barro. —Oh, isso é perfeito.

Por um período, não haviam sons exceto por comer educadamente.

—Então nos conte, como estão as coisas na mansão? — Sua mãe perguntou, depois que ela bebeu sua água. —Alguma coisa excitante acontecendo?

Blay exalou. —Qhuinn foi introduzido na Irmandade.

Deixa para queixos caídos.

—Que honra, — seu pai falou em um fôlego.

—Ele merece, né? — A mãe de Blay sacudiu sua cabeça, seu cabelo vermelho pegando a luz. —Você sempre disse que ele é um ótimo guerreiro. E eu sei as coisas tem sido tão difíceis para ele — como eu te disse na outra noite, aquele garoto tem estado quebrando meu coração desde o primeiro momento que eu o conheci.

Faça disso dois de nós. Blay pensou. —Ele vai ter uma criança, também.

Ok, seu pai acabou deixando seu garfo cair e teve que tossir o engasgo.

Sua mãe estendeu-se e bateu nas costas do cara. —Com quem?

—Uma escolhida.

---

[210] *Corrompido, viciado, falsificado*

Silêncio total. Até que a sua mãe sussurrou, —Bem, isso é demais[211].

E pensar que ele tinha guardado o drama real para si mesmo.

Deus, aquela briga que eles tinham tido lá embaixo no centro de treinamento. Ele tinha revivido em sua mente de novo e de novo, indo sobre cada palavra que tinha sido jogada, cada acusação, cada negação. Ele odiava algumas das coisas que ele tinha falado, mas ele se mantinha no ponto do que ele estava tentando fazer.

Cara, o que ele tinha falado podia ter sido melhor trabalhado[212], no entanto. Ele realmente se arrependia disso.

Sem chance de se desculpar, contudo. Qhuinn tinha totalmente desaparecido. O guerreiro nunca mais estava nas refeições públicas, e se ele estava malhando, não era durante o dia na academia do centro de treinamento. Talvez ele tivesse se consolando no quarto de Layla. Quem sabia.

Quando Blay levou segundos, ele pensou no quanto esse tempo com sua família, e sua aceitação para com ele, significava — e sentia como um babaca tudo de novo.

Deus, ele tinha perdido sua calma tão feio, a quebra finalmente vindo depois de todos aqueles anos de drama vai-e-volta.

E não tinha volta, ele pensou.

Embora a verdade fosse, nunca tinha tido.

Capitulo 76

—Olá?

Enquanto Sola esperava sua avó responder lá de cima, colocou um pé no degrau mais baixo e inclinou-se no corrimão. —Está pronta? Estou em casa finalmente.

Olhou para o relógio. Dez da noite

Que semana. Aceitou um trabalho PI[213] para uma grande agência de advocacia em divórcios de Manhattan, o cliente suspeitava que sua mulher o estava traindo. Acabou que a mulher estava com duas pessoas diferentes, quanto tanto importa.

Isso tomou noites e noites de trabalho, e quando finalmente chegou aos prós e contras – naturalmente – já tinham ido seis dias.

O tempo fora foi bom. E sua avó, com quem falou todos os dias, relatou que não houve mais nenhum visitante.

—Está dormindo? — Chamou apesar de que era estúpido. A mulher teria respondido se estivesse acordada.

---

[211] *No sentido de muita coisa acontecendo.*

[212] *Significa que ele podia ter feito melhor, não ter tentado machucar como pareceu.*

[213] *Sigla para Private Investigator – Investigador Particular.*

Quando recuou e foi para a cozinha, seus olhos dispararam imediatamente para a janela sobre a mesa. Assail esteve em sua mente sem parar, e sabia que em algum nível o seu pequeno projeto na Big Apple[214] foi mais para colocar alguma distância entre eles do que qualquer necessidade premente de ganhar dinheiro ou ainda a sua carreira como um detetive.

Depois de tantos anos cuidando de si mesma e de sua avó, o fora-de-controle que sentia quando estava perto dele não era seu amigo. Não tinha nada, senão continuar neste mundo. Não foi para a faculdade, não tinha pais, a menos que ela trabalhasse não tinha dinheiro. E foi responsável por uma pessoa de 80 anos, com contas médicas e com mobilidade em declínio.

Quando se é jovem e vem de uma família regular, você pode dar ao luxo de perder a cabeça em algum romance fodido, porque tem uma rede de segurança.

No caso dela, Sola era a rede de segurança.

E estava rezando para que depois de uma semana sem contato...

A pancada veio por trás, acertando na parte de trás da cabeça, o impacto a levou direto de joelhos e levando-os para baixo. Quando bateu o linóleo, teve uma boa visão dos sapatos do cara que a atingiu, mocassins, mas não sofisticados.

—Pegue-a, — um homem disse em voz baixa.

—Primeiro tenho que revistá-la.

Sola fechou os olhos e ficou imóvel quando as ásperas a segurou e sentiu ao redor, o farfalhar suave de seu casaco, o cós da calça empurrado contra seus quadris. Sua arma foi levada junto com seu iPhone e sua faca...

—Sola?

Os homens trabalham com ela imóvel e lutando contra seu instinto para tirar vantagem da distração e tentam assumir o controle da situação. O problema era sua avó. O melhor caso era deixar estes homens sair da casa antes de machucar a mulher mais velha. Ela poderia lidar com eles onde quer que a leve. Se a sua vovó se envolvesse?

Alguém com quem se preocupava poderia morrer.

—Vamos levá-la para fora daqui, — o da esquerda sussurrou.

Quando eles a pegaram, ela ficou mole, mas levantou uma pálpebra. Ambos estavam usando máscaras de esqui que tinha buracos dos olhos e da boca.

—Sola! O que você está fazendo?

Vamos, idiotas, ela pensou enquanto eles lutavam com seus os braços e as pernas. Mova-se...

Eles colidiram na parede. Quase derrubando uma lâmpada. Amaldiçoaram alto o suficiente enquanto eles transportavam seu peso morto pela sala de estar.

Assim que estava prestes a vir à vida e ajudá-los o inferno fora, eles chegaram a porta da frente.

—Sola? Eu estou descendo...

[214] *Cidade de New York.*

Orações formaram em sua cabeça e se agarrou as velhas palavras familiares que conheceu a vida toda. A diferença em relação a esta recitação era que neste caso, não era mecânica, precisava desesperadamente que sua avó fosse lenta em sua descida. Para não chegar a descer as escadas antes que eles saíssem da casa.

Por favor, Deus...

O ar muito frio que a atingiu foi uma boa notícia. Assim os homens foram subitamente rápidos em levá-la até um carro. Assim como também em colocá-la no porta-malas, eles não amarraram as mãos ou pés. Eles simplesmente a jogou e deslocou os pneus sobre o gelo até que tracionou e impulsionou a frente acelerando.

Não conseguia ver nada, mas sentiu as voltas que foram feitas. Esquerda. Direita. Então usou as mãos para procurar qualquer coisa que pudesse usar como arma.

Sem sorte.

E estava frio. O que limitaria suas reações físicas e de resistência se esta fosse uma viagem longa. Graças ao bom Deus ainda não tinha tirado o casaco.

Rangendo os dentes, lembrou-se que esteve em situações piores.

Realmente.

Merda.

—Prometo que não vou destruir isso.

Quando Layla estava na cozinha da mansão e esperando Fritz discutir, ela puxou o casaco de lã que Qhuinn deu a ela no início do mês. —E não vou demorar.

—Vou levá-la, em seguida, minha senhora. — O velho *doggen* se animou, suas espessas sobrancelhas brancas aumentaram com otimismo. —Vou levá-la onde quiser...

—Obrigado, Fritz, mas só vou passear. Não tenho destino.

Na verdade, estava ficando louca de ficar escondida dentro de casa, e após a notícia boa da Dra. Jane sobre o exame de sangue mais recente, decidiu que precisava sair. Desmaterializar não era uma opção, mas Qhuinn a ensinou a dirigir e a ideia de estar em um carro quentinho, indo a lugar nenhum em particular... Ser livre e sozinha... Parecia o paraíso absoluto.

—Talvez eu só deva chamar...

Ela o cortou. —As chaves. Obrigado.

Quando ela estendeu a mão, nivelou os olhos no mordomo e manteve seu olhar no lugar, fazendo a demanda graciosamente, mas tão firmemente como pôde. Engraçado, houve um tempo, antes da gravidez teria cedido e dado ao desconforto do *doggen*. Não mais. Estava ficando grandinha e podia agir por si mesma, esperava sua cria, sua cria recente, muito obrigada.

Atravessou o inferno de quase perder o que queria tanto, isso a redefiniu em várias maneiras que ainda estava se acostumando com isso.

—As chaves, — ela repetiu.

—Sim, é claro. Imediatamente. — Fritz correu até a mesa embutida na parte de trás da cozinha. —Aqui estão elas.

Quando ele voltou e a presenteou com um sorriso tenso, ela colocou a mão em seu ombro, mesmo que nenhuma dúvida que ele ficaria mais agitado, e de fato, ficou. —Não se preocupe. Não deve ir muito longe.

—Tem o telefone?

—Sim, certamente. — Tirou do bolso central de seu pulôver de lã. —Viu?

Depois de acenar um adeus, foi para a sala de jantar e acenou para o pessoal que já estavam se preparando para última refeição. Atravessando o hall de entrada, encontrou-se andando mais rápido, enquanto se aproximava do vestíbulo.

E então estava livre da casa inteiramente.

Lá fora, em pé nos degraus da frente, sua respiração profunda no ar gelado foi uma bênção, e quando olhou para o céu estrelado, sentiu uma explosão de energia.

Assim como queria saltar os degraus da frente, no entanto, foi com cautela para baixo, e também caminhou com cuidado através do pátio. Quando virou a fonte, apertou o botão na chave, e as luzes de um carro negro gigante piscou para ela.

Querida Virgem Escriba, deixe-a, por favor, não destruir a coisa.

Ficando atrás do volante, teve que mover o banco de trás, porque, claramente, o mordomo foi o último a dirigir o veículo. E então, quando colocou a chave na ignição e apertou o botão de iniciar teve um momento de pausa.

Especialmente quando o motor explodiu e se pôs a ronronar.

Estava realmente fazendo isso? E se...

Interrompendo o pensamento, sacudiu a mão direita alternando para cima, olhou para a tela no painel, certificando-se de que não havia nada atrás dela.

—Isso vai ser bom, — disse a si mesma.

Abrandou o freio e o carro moveu sem problemas, o que era bom. Infelizmente, foi na direção oposta do que ela queria e teve que girar a roda mais.

—Disparou.

Alguns ‘parando’ e ‘partindo’ aconteceu em seguida, com ela pilotando o carro em uma série de solavancos até que eventualmente contornou as curvas que apontava para a estrada que descia a montanha.

Um último olhar para a mansão e não mais estava em passos de tartaruga, descendo a colina manteve-se à direita, como foi ensinado. Tudo ao redor, a paisagem estava embaçada, graças aos *mhis*, e estava pronta para se livrar disso. A visibilidade era algo que estava desesperada para ter.

Quando chegou à estrada principal, foi para a esquerda, coordenou o giro da roda e da aceleração de modo a estabelecer algum ritmo constante. E então, surpresa, surpresa, foi fácil. A Mercedes, que acreditava ser chamada, era tão firme e com certeza era quase como estar sentado em uma cadeira e assistindo a um filme com a paisagem passando.

Claro, estava indo apenas oito quilômetros por hora.

O mostrador ia até 250.

Humanos bobos e sua velocidade. Então, novamente, se essa era a única maneira de poder viajar, podia ver o valor da pressa.

Com cada quilometro percorrido, reuniu confiança. Usando o mapa na tela do painel para se orientar, ficou muito longe do centro e das estradas e até mesmo as partes do subúrbio da cidade. Campos agrícolas estavam bom, muito espaço para encostar e não havia um monte de pessoas, embora de vez em quando um carro cortava a noite com faróis altos e passava à sua esquerda.

Foi um tempo antes de perceber para onde estava indo. E quando percebeu, disse a si mesma para retornar.

Não o fez.

Na verdade, se surpreendeu ao descobrir que sabia onde estava indo em tudo. Sua memória deveria ter apagado desde o outono, a passagem dos dias, mas ainda mais, eventos, poderia obscurecer local que estava procurava. Não houve tal obstrução. Nem mesmo constrangimento de estar em um carro e ter seu caminho limitado não aplacou sua imaginação... Ou onde suas lembranças estavam a levando.

Encontrou o prado que procurava a muitos quilômetros de distância do complexo.

Parando mais na base do campo, olhou para a ascensão gradativa. O plátano grande era justamente onde ele esteve, seu tronco principal robusto e pequenos ramos arteriais nus das folhas que ofereceu uma vez um dossel colorido.

Entre um piscar e outro, imaginou o soldado ferido que foi estendido no chão em suas raízes, recordando tudo sobre ele, de seus membros pesados até seus olhos azul-marinho com a forma que queria recusá-la.

Inclinada para frente, colocou a cabeça no volante. Bateu uma vez. Fez isso uma segunda vez.

Não era simplesmente imprudente achar alguma bravura em sua recusa, mas completamente perigoso.

Além disso, simpatizar com um traidor era uma violação de todas as normas que já teve para si mesma.

E, no entanto... Sozinha no carro, com nada além de seus pensamentos internos para enfrentar, descobriu que seu coração ainda estava com um homem que, por todos os direitos e moral, ela devia odiar com uma paixão.

Era um triste estado de coisas, isso realmente era.

Capítulo 77

Trez ganhou na loteria em torno de 30 x 1000 naquela noite.

Foram dados a ele e iAm quartos no terceiro andar da mansão, em frente a suíte de acesso restrito que abrigava a primeira família. Os quartos eram super suaves, com banheiros, enormes camas macias e antiguidades suficientes e apetrechos dignos da realeza que dava para equipar um museu, em termos humano.

Mas o que fazia as acomodações verdadeiramente notáveis era o telhado sob o qual estavam \.

E não por causa do valor da pedra de ardósia que mantinha os elementos encima.

Inclinando-se para o espelho sobre a pia, Trez verificou a camisa de seda preta. Alisou o rosto para se certificar de que o seu trabalho com o barbear foi cuidadoso e meticuloso o suficiente. Vestiu suas calças pretas.

Relativamente satisfeito, retomou o ritual de vestir. O coldre estava próximo. Preto, por isso não apareceria. E o par de pistolas 40 que usava foram bem escondidas.

Normalmente, usava uma espécie de casaco de couro, mas na última semana estava usando um casaco trespassado de lã que iAm havia lhe dado anos atrás. Deslizando-o sobre seus ombros, puxou as mangas bruscamente e balançou os ombros para trás e para frente para que as dobras de preto assentassem corretamente.

Recuando, considerava a si mesmo. Sem sinais das armas. E em sua vestimenta sofisticada, não havia indícios de que seu negócio era bebida e prostitutas, também.

Encontrando seus próprios olhos no espelho, desejou que estivesse em um melhor campo. Algo elegante como... Analista político ou professor universitário ou... Físico nuclear.

É claro, isso era tudo merda humana, não dava a mínima. Mas com certeza bater era realmente fazia para viver.

Verificando seu relógio Piaget, que não era o que normalmente usava, sabia que não podia esperar mais. Saiu de seu quarto vermelho-sangue, com sua cortina de veludo pesado e suas paredes de seda damasco, seus passos não fazia nenhum som em todo o Bokhara[215] que cobria o chão.

Sim, dada sua predileção... Mais recente... Gostava da maneira como se sentia com a decoração, com essas roupas, com essa mentalidade.

É claro, a ilusão ia ser destruída tão logo chegasse ao seu clube, mas aqui era onde em cima e para cima importava.

Ou... Pode ser importante.

Pelo amor de Deus, esperava o maldito inferno se isso finalmente importasse.

Sua Escolhida, aquela que conheceu no norte em Great Camp de Rehv, e que viu na primeira noite que chegou, não esteve por perto. Então, de certa forma, pensou quando saiu, toda essa bobagem de guarda-roupa e coisas de aparências não era nada de mais.

Estava otimista, no entanto. Através de uma série cuidadosamente orquestrada de conversas com os diferentes membros do agregado familiar, aprendeu que a Layla era a Escolhida que fazia a manutenção do sangue das pessoas que precisam, mas já não podia fazê-lo, graças a sua gravidez.

Evento abençoado, de fato.

Assim, a Escolhida Selena...

Selena. Era um grande nome que era...

[215] *Tapete Oriental.*

De qualquer forma, a Escolhida Selena veio para cuidar dessas coisas, e isso significava que, mais cedo ou mais tarde, tinha que estar de volta. Vishous, Rhage, Blay, Qhuinn e Saxton todos tinham que se alimentar regularmente, e dada à maneira como esses meninos tinham estavam lutando pelo último par de noites, iam precisar de uma veia.

O que significava que ela tinha que vir.

Embora... Caramba. Não podia dizer que realmente apreciado o motivo. A ideia de outra pessoa em sua veia o fez querer enviar uma Ginsu[216] em quem quer que fosse.

Considerando todas as coisas, a sua obsessão era um pouco lamentável, particularmente em suas manifestações. Todas as noites da semana passada ele andava após a Primeira Refeição, esperando, procurando casual, conversando com o maldito Lassiter, que na verdade, não era um cara tão ruim assim quando o conhecia melhor. De fato, o anjo era uma fonte de informações sobre a casa, e assim da porcaria da TV ele não parecia notar quantas questões foram agrupadas em torno do assunto das fêmeas. O Primale. Se houvesse algo acontecendo em qualquer lugar, com qualquer pessoa fora dos casais acasalados ele sabia.

Pausando seu computador, desligou *The Howard Stern Show*,[217] encerrando uma curta rodada de Baba Booey[218], então deixou seu quarto, caminhando para além da parede abobadada que Wrath e Beth sempre se recolhiam e iam e viam seus quartos. Foi para as escadas atapetadas, surgindo no inicio do corredor de estátuas.

Ou salão de festival de bundas de caras nus, como ele pensava.

Direcionando para a direita, passou pelo escritório do rei, que estava fechado, e desceu a escadaria para um salão incrível. No caminho, reclamou sobre o tempo, desejando que não ter para onde ir. O negócio era negócio, no entanto, e...

Estava meio caminho para o piso de mosaico abaixo quando a fêmea que queria vê,r saiu da sala de bilhar e indo na direção da biblioteca.

—Selena, — ele chamou, atravessando o balcão e observou que tudo era folheado a ouro.

Quando ele olhou para baixo, a cabeça dela se levantou, e seus olhos se encontraram.

Boom. Boom. Boom.

Seu coração tão alto como um canto de guerra em seu peito, e suas mãos automaticamente foi para o seu casaco, certificando-se de que a frente estava fechada. Ela era uma mulher de valor, depois de tudo, e não queria assustá-la com as suas armas.

Oh, cara, ela era linda.

Com seu cabelo escuro em um coque acima de sua nuca e seu manto diáfano acentuando seu corpo, era muito preciosa e suave em seu em torno nada impetuoso.

Ou qualquer coisa como isso.

—Olá — disse ela com um leve sorriso.

Essa voz. Doce Jesus, que a voz...

---

[216] *Marca de facas.*
[217] *Programa de rádio americano.*
[218] *Um apelido irônico para Gary Dell'Abate produtor do programa de rádio.*

Trez prosseguiu cheio de pressa, como se estivesse correndo da morte. —Como você está? — disse ele, quando praticamente derrapou até parar na frente dela.

Ela se inclinou um pouco. —Muito bem.

—Isso é bom. Isso é muito bom. Então... — Foda-se. —Vem sempre aqui?

Queria bater na própria cabeça. O que, como se isso fosse um bar? Merda...

—Quando eu sou chamada, sim. — Sua cabeça inclinada para um lado, seus olhos estreitaram. —Você é diferente, não é?

Quando ele olhou para a pele escura de suas mãos, sabia que ela não estava falando sobre cromatismo. —Não diferente.

Ele tinha presas, por exemplo, que queria morder. E... Outras coisas. Que passou a ser ficar excitado apenas estar em sua presença.

—O que você é? — Seu olhar era firme e forte, como se estivesse avaliando-o em algum nível mais profundo do que a visão ou a audição ou perfume. —Não posso... Identificar.

Isso não é para você.

Quando a voz de seu irmão veio, Trez a empurrou de lado. —Sou amigo da Irmandade.

—E do rei ou você não estaria aqui.

—Isso mesmo.

—Você luta com eles?

—Se me chamam.

Agora, seus olhos brilhavam com respeito. —Isso é certo e apropriado. Baixou novamente. — Seu serviço é louvável.

Silêncio surgiu entre eles, e quando direcionou seu cérebro para algo, qualquer coisa, se lembrou de toda a merda que tinha feito. Agora, que merda que foi capaz de realizar em qualquer momento. Conversa educada, por sua vez? Falar sobre seu idioma estrangeiro.

Deus odiava pensar em qualquer um ao redor dela.

—Está tudo bem? — Perguntou a Escolhida.

E foi então que ela o tocou. Estendendo a mão, colocou a mão em seu antebraço e mesmo que não houvesse contato pele-a-pele, seu corpo sentiu a toda conexão, os braços e as pernas bambearam, sua mente foi a uma espécie de vazio, como se estivesse em transe.

—Você é... Incrivelmente bela, — ele se ouviu dizer.

As sobrancelhas da Escolhida se ergueram.

—Apenas sendo honesto, — ele murmurou. —E tenho que te dizer... Eu estive esperando para vê-la durante toda a semana.

Sua mão, que o tocava, retraiu e subiu para a gola de sua túnica, fechando as lapelas. —Eu...

Isso não é para você.

Quando seu constrangimento rasgou através dele, Trez baixou as pálpebras, um sentido de o-que-o-diabo-estava-ele-pensando bateu com força. Pelo que sabia sobre a Virgem Escriba e suas Escolhidas, elas eram a variedade mais pura e virtuosa de fêmeas no planeta. O oposto de suas 'parceiras' nos últimos tempos.

O que acha que ia acontecer se ele começasse a colocar linhas sobre ela? Ela ia saltar para cima e jogar as pernas ao redor de seus quadris?

—Sinto muito — disse ela.

—Não, escuta, não tem que pedir desculpas. — Ele deu um passo de distância, porque, embora ela fosse alta, era um pouco menor que seu tamanho, e a última coisa que queria era que ela se sentisse cercada. —Eu só queria que você soubesse.

—Eu...

Grande. Uma fêmea sempre tinha que procurar em sua mente as palavras apropriadas? Sabia que realmente estava chutando isso.

—Sinto muito — disse ela novamente.

—Não, está tudo bem. É legal. — Ele levantou a mão. —Não se preocupe com isso.

—É que eu...

Estou apaixonada por outra pessoa. Estou tomada. Não estou interessada em você em qualquer nível.

—Não. — Ele cortou, não querendo ouvir as especificidades. Elas eram apenas vocabulário para o inevitável. —Está tudo bem. Eu entendo...

—Selena? — Veio uma voz mais à esquerda.

Era Rhage. Merda.

Quando a cabeça virou nessa direção, a luz bateu suas bochechas e lábios de um ângulo diferente, e eles pareciam tão bons, é claro. Poderia então olhar para ela para sempre...

Hollywood se inclinou para fora dos arcos da biblioteca. —Estamos prontos para você, oh, ei, cara.

—Ei, — Trez atirou de volta. —Como você está?

—Bem. Pequeno negócio para cuidar.

Merda. Filho da puta. Bas...

Trez esfregou o rosto. Certo. Ok. Não havia espaço na casa de zilhões metros quadrados para esse tipo de agressão, principalmente quando era sobre uma fêmea que ele encontrou duas vezes. Que não quer saber dele. Enquanto estava fazendo seu trabalho.

—Estou saindo — disse ao Irmão. —Eu pegarei você antes do amanhecer.

—Entendido cara grande.

Trez acenou para Selena e se afastou, atravessou o vestíbulo e desmaterializou para o centro da cidade no inferno que ele pertencia.

Ele não podia acreditar que esperou uma semana para isso, e devia ter imaginado para onde estava indo com isso.

Sentindo-se como um idiota, reassumiu forma por trás do Iron Mask, nas sombras do parque de estacionamento. Mesmo na parte de trás, podia ouvir a batida de graves da música, e quando se aproximou da porta traseira, com sua pintura raspada e puxador muito usado, sabia que o seu mau humor era uma complicação que ia ter de ser gerido cuidadosamente para as próximas seis ou oito horas.

Os seres humanos + álcool x vontade de matar = contagem de corpos.

Não é o que ele ou seus interesses de negócios precisavam.

No interior, foi diretamente para seu escritório e abandonou sua fantasia idiota de Halloween legitima, tirando o casaco extravagante, bem como a camisa de seda, de modo que tudo o que sobrou foi sua camiseta sem manga preta e as calças finas.

Xhex não estava em seu escritório, então acenou uma saudação para as meninas trabalhando, se preparando para seus turnos nos quartos e saiu para a grande área por lavar.

O clube já tinha uma massa crítica de pessoas, todos os quais estavam vestindo roupas escuras, pegajosas e expressões de cultura do tédio, ambos que seria perdida para muitos deles, a medida que o tempo passava e seus fígados quebravam a composição química da bebida que estavam bebendo e as drogas que usavam.

—Olá, papai, — alguém disse a ele.

Olhando por cima, encontrou uma pequena, curvilínea uma coisa ou outra olhando para ele. Com os olhos alinhados com tanto preto que ela poderia muito bem estar de óculos de sol, e um bustiê apertado como um punho, era como um personagem de anime vir à vida.

Soneca.

—Estou blá-blá-blá. Você vem sempre aqui? — Ela tomou um gole da palha vermelha em sua bebida. —Blá-blá-blá faculdade estudante de psicologia blá-blá. Blá-blá-blá?

No canto do olho, ele viu parte multidão, como se eles estavam ficando fora do caminho de um segurança ou talvez uma bola de demolição.

Era Qhuinn.

Olhando tão desagradável como Trez se sentia.

Trez acenou para o cara, e o guerreiro retribuiu com a cabeça para trás enquanto continuou indo em direção ao bar.

—Nossa você o conhece? — A estudante universitária perguntou. —Quem é ele? Blá-blá o trio talvez blá-blá?

Então era riu com ela mesma como se fosse uma menina muito impertinente, Trez virou os olhos para trás e para baixo.

Em muitos níveis, o prato de canapés sendo oferecido era totalmente apetitoso.

—Blá-blá-blábláblábláblá. — Risadinha. Sacudida no quadril. —Blá?

Vagamente, Trez estava ciente de sua cabeça balançando, e então eles estavam se movendo para um canto escuro. A cada passo que dava, outra parte dele desligava, desligava, entrou em hibernação. Mas não podia parar. Ele estava viciado na esperança de que seu próximo êxito fosse tão bom quanto o primeiro tinha sido e finalmente trazer o alívio que estava desesperado, porra.

Mesmo sabendo que não ia acontecer.

Não esta noite. Não com ela.

Não em qualquer lugar em sua vida.

Provavelmente nunca, nunca.

Mas às vezes você só tinha que fazer alguma coisa... Ou ficar louco.

—Diga-me que você me ama? — A garota disse para ele, quando se apertava contra o seu corpo. —Por favooooooor.

—Sim, — disse entorpecida. —Claro. O que você quiser.

O que quer que seja.

Capítulo 78

Xcor entrelaçou as mãos e as colocou sobre a mesa brilhante. Ao lado dele, Throe estava falando em voz baixa, ele próprio tinha ficado quieto, uma vez que tomou o peso fora de seus pés nessas poltronas vermelhas correspondentes.

—Isso certamente parece convincente. — Seu soldado virou outra página no conjunto de documentos que haviam sido proferidos. —Muito persuasivo, de fato.

Xcor olhou para seu anfitrião. O advogado da *glymera* era tão bem construído como um panfleto, tão fino que se perguntava como ele os receberam nesse apartamento se apresentando com tal verticalidade. Também falava com um rigor cansativo, seus parágrafos verbais curtos e redação certamente complicada.

—Diga-me, quão abrangente é este breve? — Throe perguntou.

Os olhos de Xcor foram para as prateleiras. Elas estavam cheios de volumes de couro, e ele acreditava que o senhor macho tinha lido todos. Possivelmente duas vezes.

O advogado lançou outra bem ponderada, bem articulada frase do idioma Inglês. —Não teria retornado a ambos, sem garantir que todos os esforços foram feitos para...

Em outras palavras, sim, Xcor preenchido em sua cabeça.

—O que não vejo aqui — Throe virou mais páginas —é qualquer a anotação de contra opinião.

—Isso é porque fui incapaz de encontrar qualquer uma. O termo — puro sangue — foi usado apenas em dois contextos, de linhagem, tal como numa descendência de sangue puro de um dado reprodutor ou uma identificação racial. Ao longo do tempo, tem havido uma pequena diluição no conjunto do gene, alguma contaminação por humanos e ainda, indivíduos distantes do Homo sapiens, os laços de sangue foram ainda interpretado por lei como sendo puro sangue, desde que passam por suas transições. Agora, obviamente, que não é o caso da descendência direta de um humano e um vampiro. Esse é um verdadeiro mestiço. E esses indivíduos, mesmo se sobreviver à mudança, têm sido historicamente entendido por um padrão diferente da lei, com menos direitos e privilégios do que outros civis. A preocupação é, portanto, se a *shellan* do rei é uma mestiça, há uma chance de que qualquer descendência masculina dele não passe pela transição.

Throe franziu a testa como se considerando as implicações. —Mas, dentro de 25 anos, saberemos um jeito ou de outro, se o casal real pode tentar ter múltiplas crias.

Xcor interveio secamente. —Assumindo ainda que estaremos no planeta em duas décadas e meia. A este ritmo, estamos nos aproximando de extinção.

—Precisamente. — O advogado inclinou a cabeça na direção de Xcor. —Do ponto de vista prático, sendo um humano pode ser suficiente para impedir que a transição ocorra, foram

documentados incidência disso, e tenho certeza que Havers poderia dar exemplos. Além disso, há entre muitas pessoas da minha geração o temor de que havendo o encerramento da prole, a raça humana poderia se vincular, muitos poderiam de fato preferir um companheiro humano, ou seja, sair e procurar qualquer vínculo com a nossa espécie. Nesse caso, poderíamos ter uma rainha humana, e que é — o homem sacudiu a cabeça com desgosto —absolutamente insustentável.

—Então, há duas questões, — Xcor disse quando se sentou, a cadeira rangendo sob seu peso. —O precedente legal e as implicações sociais.

—Na verdade. — O advogado mais uma vez puxou a cabeça em um aceno. —E acredito que os medos sociais poderiam ser devidamente aproveitados para preencher as áreas cinza ao redor da parte relevante da lei sobre descendentes do rei.

—Concordo, — Throe murmurou quando fechou os papéis. —A questão é como proceder.

Quando Xcor abriu a boca para falar, uma vibração estranha passou por ele, cortando a formulação do pensamento, o seu corpo se tornando um diapasão[219] atingido por uma mão invisível.

—Gostaria de rever a documentação? — O advogado perguntou a ele.

Como se pudesse, Xcor pensou severamente. Na verdade, a pessoa tinha que saber o que este homem culto pensaria se soubesse que o tomador de decisão em tudo isso era um analfabeto.

—Estou convencido. — Levantou-se pensando possivelmente um alongamento curaria tamanha aflição. —E acredito que essa informação deve ser compartilhada com os membros do Conselho.

—Tenho contatos suficientes para reunir os *princeps*.

Xcor foi até a janela e olhou para fora, deixando seus instintos vagar. Era a Irmandade?

—Faça isso, — ele disse com a distração, quando o zumbido em seu intestino aumentou, criando uma urgência, encontrou impossível ignorar...

Sua Escolhida.

Sua Escolhida violou o complexo e estava por perto...

—Preciso ir — disse ele em uma corrida enquanto se dirigia para a porta. —Throe, você se envolve aqui.

Houve certa comoção atrás dele, a conversa surgindo do par de homens em sua vigília sobre a qual ele se importava em nada. Saiu pela porta da frente, considerou a terra em volta dele...

E localizou o sinal dela.

Entre um batimento e outro, ele se foi, seu corpo e o desejo por sua fêmea era com certeza como um ladrão morrendo em busca de redenção.

---

[219] *É um instrumento metálico em forma de forquilha, que serve para afinar instrumentos e vozes através da vibração de um som musical de determinada altura*

No centro do Iron Mask, Qhuinn foi até o bar e estacionou em um dos bancos de couro. Tudo ao redor, a música que estava batendo, suor e sexo já estava ondulando no ar quente, fazendo com que ele se sentisse claustrofóbico.

Ou talvez fosse apenas seu espaço vazio.

—Ainda vem aqui? — O garçom, uma mulher de boa aparência, com um metro e meio, deslizou um guardanapo na frente dele. —O mesmo de sempre?

Duplo.

—É isso aí.

Enquanto esperava por seu Herradura Selección Suprema chegar, podia sentir os olhos dos humanos no clube persistente sobre ele.

Sair? Eu sou gay...

Você fode homens! Quão malditamente bom você acha que isso significa!

Balançando a cabeça, realmente poderia ter usado uma pausa. Essa mudança foi pouco feliz batendo em torno de sua cabeça, logo abaixo da superfície de sua consciência, desde que a merda foi para baixo há uma semana. No geral, fez um excelente trabalho de sublimação... Infelizmente, sua sequência de vitórias parecia ter acabado. Quando sua tequila chegou e bebeu um copo, e depois o outro, sabia que não havia outras distrações que poderia pôr em jogo, não mais colocando a introspecção fora.

Estranhamente, ou talvez não tão estranho, pensou em seu irmão. Ainda não tinha compartilhado nada com Luchas sobre a cria. Tudo parecia muito tênue. Mesmo que a gravidez perdurasse e resultasse de fato em sua cria, ele parecia ser apenas uma camada extra de drama que o cara não precisa neste momento.

E certamente não tinha mencionado nada sobre sua vida sexual ou Blay. Por um lado, seu irmão ainda era virgem, ou pelo menos, esse foi o seu entendimento. A *glymera* era muito mais restritiva sobre o que as mulheres poderiam fazer antes do acasalamento, e certamente se Luchas bateu uma fêmea casualmente, teria sido tolerado desde que não ficasse com ela por longo prazo. Mas todas as alimentações de Luchas após sua transição foi testemunhada, por isso não houve oportunidade, e noites, o cara era fortemente marcado com a aprendizagem, estudo e eventos sociais escoltados. Sem chance também.

De alguma forma, em todas as merdas que Qhuinn fez não parecia apropriado. Também, nas palavras de Blay, não era tão interessante.

Qhuinn esfregado seu rosto. —Mais dois? — Ele pediu.

Quando o garçom virou para servi-lo ele pensou, caramba, ele assumiu que o sexo que teve com Blay foi muito interessante. E Blay não pareceu entediado quando estava acontecendo...

Qualquer que fosse. Voltar ao Luchas. Em todas essas conversas de cabeceira que teve com seu irmão, as fêmeas não chegaram e os machos certamente não estavam no cardápio. Então antes dos ataques, Luchas era hetero como seu pai, o que era para dizer rigorosamente acoplado à fêmea que vinculou, com relação na celebração de seu aniversário e talvez uma vez por ano, após um festival.

Machos, fêmeas, homens, mulheres, em várias combinações, algumas vezes em público, raramente em uma cama em casa? Não era algo que Luchas faria em qualquer padrão de referência.

Quando as três e quatro Herraduras[220] foram deslizando na frente dele, acenou um agradecimento.

Chegar lá no fundo, mesmo que odiasse a expressão, bem como seu significado, tentou ver se havia mais alguma coisa em sua reticência e para falar com o membro remanescente da sua família sobre sua vida. Nenhuma vergonha. Constrangimento. Inferno, talvez um pouco rebelde, uma pegadinha que não queria infligir a seu irmão aleijado...

Qhuinn se contorceu em suas próprias roupas.

Bem. O que você sabe.

Se fosse brutalmente honesto? Sim, ele estava um pouco irritado. Mas foi no nível de não querer ser olhado de lado por outra razão... Como seu conservador, provavelmente virgem, irmão, sem dúvida, era muita informação sobre os machos e os homens.

Isso era.

Sim. Isso era totalmente.

Eu não sei como explicar isso. Eu só me vejo com uma fêmea de longo prazo.

Ele disse isso para Blay há um tempo e tinha significado cada palavra...

Algum tipo de emoção enrolou dentro de seu intestino, torcendo as coisas lá em baixo, reorganizando seu intestino e fígado.

Disse a si mesmo que era a bebida.

O medo súbito sentiu o contrário.

Qhuinn engoliu o terceiro, na esperança de se livrar da sensação. E o quarto. E enquanto isso, os rostos, seios e sexos das muitas mulheres e mulheres que ele tinha fodido passaram pela sua mente...

— Não, — ele disse em voz alta. —Não. Não.

Oh, Deus...

—Não.

Quando o cara ao lado dele lhe deu um olhar estranho, calou a boca.

Enxugando o rosto, estava tentado pedir mais para beber, mas interrompeu. Algo sísmico estava tentando desesperadamente quebrar, podia sentir os tremores em torno da fundação de sua psique.

Você não sabe quem você é, e esse sempre foi o seu problema.

Foda-se. Se ele tiver mais tequila, se continuasse engolir, se ficasse em curso para evitar, o que Blay disse sobre ele foi e sempre vai ser verdadeiro. O problema era que não queria saber. Apenas pra caralho não queria... Saber...

Jesus, não aqui. Não agora. Não... Nunca.

[220] *Tequila.*

Praguejando baixinho, sentiu o gêiser de consciência realmente começar a borbulhar, um alto-e-claro no meio do peito ameaçando sair, e sabia que, uma vez que estivesse livre, nunca iria recuperá-lo e enterrá-lo novamente.

Droga. A única pessoa que queria falar sobre isso não estava falando com ele.

Adivinhou que ele ia ter que ser macho e lidar com isso por conta própria.

Em algum nível, a ideia de que ele era... Bem, você sabe como sua mãe teria dito... Não devia tê-lo afetado. Ele era mais forte do que a condescendência da *glymera*, e, merda, vive em um ambiente onde se você for gay ou hetero, não importa. Desde que você pudesse se segurar em campo e não fosse um idiota total, a Irmandade estaria com você. Olhe para a história sexual de V, pelo amor de Deus. Velas pretas usadas como algo além de uma fonte de luz no escuro? Inferno, apenas foder um machos era uma moleza comparado a essas coisas.

Além disso, não vivia mais na casa de seus pais. Essa não era a sua vida.

Essa não era a sua vida.

Essa não era a sua vida.

E mesmo quando disse a si mesmo isso uma e outra vez, o passado que já não existia estava bem atrás dele, olhando por cima do ombro... Julgando e buscando-o, não apenas achando, não simplesmente inferior, mas total e completamente indigno.

Era como a dor do membro fantasma, a gangrena se foi, a infecção cortada, a amputação completa... Mas as sensações horríveis permaneceram. Ainda doía como uma cadela. Ainda aleijou certo como um coxo.

Todas essas mulheres... Todas aquelas fêmeas... O que era a verdadeira natureza da sexualidade, perguntou-se de repente. O que contava como atração? Porque ele queria transar com eles, e que ele fez. Ele os apanhou em clubes e bares, o inferno, mesmo em a loja no shopping, onde foi buscar John Matthew quando foi comprar algumas roupas depois de sua transição.

Ele escolheu as mulheres que se destacava na multidão, aplicado algum tipo de rede de dados tinha descartado algumas e selecionado outras. Fodia com elas. Sugava-as. Tinha montado por detrás, de lado, de frente. Mamou seus seios.

Fez tudo isso por opção.

Se tivesse sido diferente com os caras? E mesmo se fosse por que tinha que rotular a si mesmo em tudo?

E se não tomar uma definição em si mesmo, isso significa que ele não seria nada mais que seus pais, que estavam malditamente mortos e que odiaram a ele de qualquer maneira, não o tinha rejeitado?

Quando as perguntas caíram através de seu cérebro, atirando-lhe com precisão o tipo de autoanálise, que sempre afastou dos processos de seus pensamentos, ele chegou a uma realização ainda mais chocante.

Tão importante como toda a merda que era, tanto quanto Christopher Columbus[221] nada disso o colocava mais perto da questão mais crítica.

Nem perto da merda.

O verdadeiro problema que descobriu fez toda a porcaria parecer como um passeio no parque.

Capítulo 79

Assail não tolera xingamentos. Em sua mente, era comum e desnecessário. Dito isto, teve uma semana fodida de merda.

No porão de sua casa, no cofre, ele e os gêmeos tinham acabado de organizar o transporte para os últimos dias. Notas foram empilhadas em pacotes sobre balcão, em faixas, e classificadas de acordo com a denominação e o total era impressionante, até mesmo pelos seus padrões.

Tudo dito, eles tinham cerca de 200 mil dólares.

O *Fore-lesser* e seu alegre bando de assassinos vinha fazendo excelente trabalho.

Você acha que ele ficaria feliz.

Nem tanto.

Na verdade, ele era um filho da puta maldito miserável e a razão para o mau humor só o fez instável.

—Vá para Benloise, — ele disse aos gêmeos. —Obtenha o próximo lote de cocaína e volte aqui para separá-lo.

Os gêmeos eram mestres em cortar o material com aditivos e parcelar em saquinhos, e isso era uma coisa boa. Os assassinos estavam se movendo três vezes o que foi vendido antes.

—Então, faça a entrega. — Assail olhou o relógio. —Está marcado para três horas, então você deve ter tempo suficiente.

Levantou-se da mesa, estendeu os braços sobre a cabeça e arqueou as costas. Seu corpo tem estado duro ultimamente, e sabia por que. Está num estado constante de baixo nível de excitação, tem os músculos de suas coxas e os ombros apertados, entre outros aspectos físicos... Tem estado em totalmente resistência e autorregularão.

Depois de anos de não muito importar em cuidar de sua ereção por si próprio, ele caiu em um barranco de dar prazer a si mesmo.

E o que tudo isso parecia fazer, era sublinhar o que não estava recebendo.

Durante a última semana, esperou que Marisol entrasse em contato com ele, esperando o telefone tocar, e não porque algum desconhecido apareceu em sua porta novamente. A mulher o queria tanto quanto ele, e certamente a levaria a uma reunião. Não fez, no entanto. E o fato de

[221] *Também conhecido por Cristóvão Colombo que foi um navegador e explorador genovês, responsável por liderar a frota que alcançou o continente americano em 1492, sob as ordens dos Reis Católicos de Espanha, no chamado descobrimento da América.*

que ela exibiu o tipo de resistência, a qual, ele estava fracassando, o fez questionar não apenas seu autocontrole, mas sua sanidade.

Na verdade, temia que fosse ceder antes que dela.

Despedindo-se, subiu as escadas e entrou na cozinha. A primeira coisa que fez foi ir até seu telefone, caso ela tivesse chamado ou no caso em que o Audi finalmente se moveu depois de sete noites de ir a lugar nenhum. A maldita coisa estava estacionada na frente da casa desde que ele fez sua visita, como se por ventura soubesse que ele colocou um rastreador sobre ele.

Verificação da tela, viu que alguém havia chamado, mas era um número que não estava em sua lista de contatos.

E havia um correio de voz.

Ele não estava interessado em algumas chamadas de humanos por engano, mas como havia uma chance de ser um quebra de protocolo do *lesser,* sabia que tinha de ouvir a mensagem.

Quando acessou, caminhou na direção de seu umidificador. Havia fumando muito ultimamente e provavelmente cheirado muita coca. O qual era dolorosamente contra intuitivo um já estava inquieto e frustrado, acrescentando estimulantes para que a química interna fosse gasolina para uma fogueira...

—*Hola. Esta é a avó Sola. Estou tentando chegar a um... Assail... Por favor*? — Assail parou no meio da sala de estar. —Por favor, me ligue de volta agora? Obrigado...

Com um sentimento de medo, cortou a mensagem e bater *Call Back*.

Um toque. Dois toques...

—*¿Hola?*

Na verdade, não sabia o nome dela. —Aqui é Assail, senhora. Você está bem?

—Não, não, não estou. Encontrei o seu número em sua mesa de cabeceira para eu ligar. Há algo de errado.

Ele agarrou seu iPhone rígido. —Diga-me.

—Ela se foi. Ela voltou para casa, mas depois saiu logo depois que chegou, eu a ouvir ir? Exceto todas as suas coisas, sua mochila, seu carro, estão tudo aqui. Estava dormindo, acordei ouvi lá embaixo, alguém estava se movendo. Eu chamei o nome dela e ninguém respondeu, então, ouvir vozes e um ruído alto duro, eu desci. A porta estava aberta, e temo que ela foi sequestrada, não sei o que fazer. Ela sempre me disse para não chamar a polícia. Eu não sei...

—Psiu, está tudo certo. Você fez a coisa correta. Estou indo agora.

Assail correu para a porta da frente sem se preocupar em se comunicar com os gêmeos, nada em sua mente, exceto estar na pequena casa o mais rápido possível.

Um segundo foi tudo o que levou para desmaterializar, e quando tomou forma no jardim da frente, pensou em todos os cenários que percorrem em sua mente para voltar aqui, esse não era um.

Como a avó relatou, o Audi estava estacionado na rua, no final da passarela. Apenas onde ele tinha estado. Mas o que era de nota? Havia um rastro de passos bagunçado perturbando na neve, a trilha atravessava o gramado para a rua em diagonal.

Ela foi sequestrada, Assail pensou.

Porra.

Observou os passos, caminhou e tocou a campainha e bateu os pés. A ideia de que alguém tinha tomado a sua fêmea...

A porta abriu e a mulher do outro lado estava visivelmente abalada. E então, pareceu ainda tomada de surpresa quando ela encontrou seus olhos. —Você é... Assail?

—Sim. Por favor, deixe-me, senhora, e vou ser de ajuda para você.

—Você não é o homem que veio antes.

—Não que você viu senhora. Agora, por favor, deixe-me entrar.

Quando avó Marisol se afastou, ela lamentou —Ah, não sei onde ela está. Mãe de Deus, ela se foi, se foi...

Ele olhou ao redor da sala de estar bem arrumada, e depois saiu para a cozinha para olhar para a porta de trás. Intacta. Abrindo inclinou-se para fora. Não havia pegadas a não serem as que tinham sido deixadas há uma semana. Fechando a porta de volta, travou e voltou para a sua avó.

—Você estava lá em cima?

—Sim No leito. Como eu disse, eu estava dormindo. Eu a ouvi entrar, pois estava meio acordada. Então ouvi... O som de alguém caindo. Tive que descer, então, a porta da frente estava aberta.

—Você viu uma movimentação de carro lá fora?

—Sim. Mas estava muito longe e não tinha placa de licença.

—Há quanto tempo?

—Eu te liguei 15, talvez 20 minutos depois. Fui para o quarto dela e olhei em volta, que é onde encontrei o guardanapo com o seu número de telefone.

—Alguém ligou?

—Ninguém.

Ele olhou para o relógio, e depois ficou preocupado sobre como a mulher idosa pálida. —Aqui, senhora, sente-se.

Quando ele a colocou no sofá floral na sala de estar, ela tirou um lenço delicado e o levou nos olhos. —Ela é minha vida.

Assail tentou se lembrar de como os humanos abordavam seus superiores. —A Senhora. Ah, a senhora...

—Carvalho. Meu marido era brasileiro. Sou Yesenia Carvalho.

—Sra. Carvalho, eu preciso lhe fazer algumas perguntas.

—Você pode me ajudar? Minha neta é...

—Olhe em meus olhos. — Quando a mulher fez, ele disse em voz baixa, —Não há nada que não vou fazer para trazê-la de volta. Entenda o que estou dizendo.

Quando ele mandou a sua intenção para o espaço entre eles, os olhos da Sra. Carvalho se estreitaram. Então, depois de um momento ela se acalmou e acenou com a cabeça uma vez, como se ela aprovasse seus meios, embora houvesse uma boa chance disso estar caminhando para a violência. —O que você precisa saber?

—Existe alguém que você possa pensar que gostaria de machucá-la?

—Ela é uma boa menina. Trabalha em um escritório a noite. Ela mantém a si mesma.

Então, Marisol não disse nada a avó sobre o que ela realmente faz. Isso era bom. —Será que ela possui nenhum bem?

—O dinheiro, você quer dizer?

—Sim.

—Somos pessoas simples. — Olhou suas roupas sob medida feita a mão. —Nós não temos nada, apenas esta casa.

De alguma forma, ele duvidava, mesmo que soubesse pouco da vida de sua fêmea. Achou difícil acreditar que ela não tivesse feito algum dinheiro fazendo o que ela fazia, e certamente não têm de pagar impostos sobre o tipo de renda que ela trazia de empresas como de Benloise.

Mas temia que uma chamada de resgate não fosse ser breve.

—Eu não sei o que fazer.

—Sra. Carvalho, não quero que você se preocupe. — Ele chegou a seus pés. —Vou lidar com isso imediatamente.

Seus olhos se estreitaram novamente, desmentindo uma inteligência que o fez pensar em sua neta. —Você sabe quem fez isso, não é?

Assail curvou como uma medida de respeito. —Vou trazê-la de volta para você.

A pergunta era quantas pessoas ia ter que matar para conseguir esse feito e se Marisol se ia estar viva no final do mesmo.

O simples pensamento de danos corporais para essa fêmea trouxe um rosnando em sua garganta, suas presas descendentes, a parte civilizada dele verteu como pele de uma cobra.

Enquanto Assail deixou a casa modesta, teve a sensação do que se tratava, e se estivesse certo? Mesmo apenas 20 minutos do sequestro, poderia muito bem ser tarde demais.

Nesse caso, um associado de negócio com certeza iria aprender novas lições de dor.

E Assail ia ser professor do homem.

Capítulo 80

Layla estava no Mercedes. Estava quente no interior, bem como o assento era confortável, e ela se sentia segura dentro dos limites da grande gaiola de aço ao redor dela. E ela tinha uma paisagem de sortes para refletir: Os faróis brilhavam na frente do carro, atingindo uma grande distancia na noite antes de desaparecer.

Depois de um tempo, rajadas começaram a flutuar para baixo através da iluminação, suas inertes rotas alternativas, sugerindo que elas não queriam a sua descida das nuvens acima para acabar.

Enquanto ela sentava-se em silêncio, ligando e desligando o motor como Qhuinn tinha ensinado a fazer durante o tempo frio, sua mente não estava em branco. Não, sua mente não estava completamente vazia. Embora ela olhasse para frente e tomasse conhecimento da queda

de neve em silêncio, e a reta da estrada, e os campos pacíficos... O que ela viu foi o guerreiro. Esse traidor.

Esse homem que parecia estar sempre com ela, especialmente quando ela estava sozinha.

Mesmo quando ela se sentava sozinha no carro no meio do nada, sua presença era palpável, suas memórias dele tão forte, ela poderia jurar que ele estava ao alcance. E a saudade... Querida Virgem Escriba, o desejo que sentia era nada que pudesse compartilhar com qualquer daqueles a quem ela amava.

Era um destino tão cruel ter uma reação como esta por aquele que era...

Layla recuou no assento, um grito rompendo dos seus lábios e ressoou através do interior do carro.

De imediato, ela não tinha certeza se o que se materializou nos feixes de luz era de fato real: Xcor parecia estar de pé, com suas botas plantadas na estrada à frente, seu enorme corpo em couro parecendo absorver os raios gêmeos de luz, como um negro buraco faria.

—Não, — ela latiu. —Não!

Ela não tinha certeza de com que ela estava falando, ou o que ela estava negando. Mas uma coisa era clara, quando ele deu um passo para frente, e depois outro, ela sabia que o guerreiro não era uma invenção de sua mente ou seus desejos terríveis, mas muito real.

Coloque o carro em marcha, ela disse a si mesma. Coloque-o em marcha, e bateu o pedal do acelerador duro.

Carne e sangue, mesmo terrivelmente feroz como a sua, não era páreo para um impacto como esse.

—Não, — ela sussurrou, quando ele veio cada vez mais perto.

Seu rosto estava exatamente como ela se lembrava: perfeitamente simétrico, com maçãs do rosto salientes, olhos semicerrados, e uma carranca permanente entre as sobrancelhas retas. Seu lábio superior estava torcido para cima, de tal forma que ele parecia estar rosnando, e seu corpo... Seu corpo se movia como um grande animal, mudando seus ombros com o poder mal contido, suas coxas pesadas levando-o para frente com a promessa de força brutal.

E ainda... Ela não estava com medo.

—Não, — ela gemeu.

Ele parou quando ele estava apenas a um pé de grade do carro, o casaco de couro soprando para o lado dele, suas armas brilhando. Seus braços abaixados em seus lados, mas não ficaram assim. Ele estendeu a mão, movendo-se lentamente... Para retirar algo de seu lado.

Uma arma de algum tipo. Que ele colocou em cima do veículo.

E então as suas mãos, vestidas de couros negros, foram para frente de seu peito... E ele levou duas armas para fora sob o casaco. E punhais do coldre que cruzava os peitorais. E uma corrente comprida. E algo que brilhou, mas que ela não conhecia.

Ele colocou tudo sobre o capô do carro.

Em seguida, ele recuou. Estendeu os braços no ar. E virou-se em um círculo lento.

Layla respirava com dificuldade.

Ela não era de natureza guerreira. Nunca tinha sido. Mas ela sabia instintivamente que dentro do código do guerreiro, desarmar-se diante de outro era uma espécie de vulnerabilidade que não é facilmente adotada. Ele permaneceu mortal, é claro, um macho de sua construção e treinamento era capaz de matar simplesmente com as mãos.

Ele estava se oferecendo a ela, no entanto.

Provando da forma mais visível possível que ele não quis fazer mal a ela.

As mãos de Layla foram para a linha de botões no painel lateral ao lado dela e congelaram lá. Ela não ficou imóvel, no entanto, ela respirava pesadamente, como se estivesse em voo, o coração disparado, o suor que pontilhava o lábio superior...

Ela abriu as portas. Que a Virgem Escriba a ajudasse... Mas ela abriu as portas.

Enquanto o som perfurante reverberou em todo o interior, os olhos de XCOR fecharam -se momentaneamente, sua expressão relaxando, como se a ele tivesse sido dado um presente que ele não esperava. Então, ele veio ao redor...

Quando ele abriu o outro lado, o ar frio entrou, e depois seu grande corpo dobrou-se no assento ao lado dela. A porta fechou solidamente, e voltaram-se um para o outro.

Com as luzes interiores brilhantes, ela foi capaz de obter um visual ainda melhor dele. Ele estava respirando pesadamente, também, seu largo peito bombeando para cima e para baixo, com a boca ligeiramente aberta. Ele olhou duro, o fino véu de civilidade despojado de suas características, ou, mais apropriadamente, provavelmente nunca estiveram lá. E ainda que os outros o tivessem chamado feio por causa de sua deformidade, para ela... Ele era bonito.

E isso era um pecado.

—Você é real — disse ela para si mesma.

—Aye — Sua voz era profunda e ressonante, um carinho em seus ouvidos. Mas, então, rachada, como se ele estivesse com dor. —E você está grávida.

—Eu estou.

Ele fechou os olhos novamente, mas agora era como se tivesse sido atingido por um golpe. —Eu vi você.

—Quando?

—Na clínica. Noites e noites atrás. Eu pensei que eles haviam batido em você.

—A Irmandade? Por que sempre...

—Por minha causa. — Seus olhos se abriram, e havia tal angústia neles, ela queria confortá-lo de alguma forma.

—Eu nunca teria escolhido para você estar nesta posição. Você não é a guerra, e meu tenente nunca deveria nunca ter lhe trazido com ele. — Sua voz alterou-se mais e mais. —Você é uma inocente. Mesmo eu, que não tenho honra, reconheci instantaneamente.

Se ele não tinha honra, por que ele desarmou-se agora, ela pensou.

—Você está emparelhada — disse ele asperamente.

—Não.

Abruptamente, o lábio superior garimpou as presas enormes. —Se você foi estuprada...

—Não. Não, não, eu escolhi isso para mim. Para o homem. — Sua mão foi para seu abdômen. —Eu queria um filho. Minha necessidade chegou, e tudo que eu conseguia pensar era como eu queria ser uma mahmen e ter algo que fosse meu.

Aqueles olhos semicerrados se fecharam novamente, e ele trouxe uma mão calosa ao seu rosto. Escondendo a boca irregular, ele disse, —Eu queria que eu... .

—O quê?

—... Eu fosse digno de ter-lhe dado o que você desejou.

Layla novamente sentiu uma profana necessidade de alcançar e tocar-lhe, para aliviar ele de alguma forma. Sua reação era tão crua e honesta, e seu sofrimento parecia um pouco como o dela própria sempre que pensava nele.

—Diga-me que eles a estão tratando você bem, apesar de você ter me ajudado?

—Sim, — ela sussurrou. —Muito bem.

Ele baixou a mão e deixou cair à cabeça para trás como se estivesse aliviado. —Isso é bom. Isso é... Bom. E você tem que me perdoar por ter vindo aqui. Senti você, e descobri que eu era incapaz de me negar.

Como se ele estivesse atraído por ela. Como se ele... a quisesse.

Oh, querida Virgem Escriba, pensou ela, enquanto seu corpo se aquecia de dentro para fora.

Seus olhos pareciam trancados nas árvores no campo além. —Você se lembra daquela noite — disse ele com uma voz suave.

Layla olhou para suas mãos. —Sim.

—E dói-lhe, não é.

—Sim.

—Eu também. Você está em minha mente, mas por um motivo diferente, atrevo-me a adivinhar.

Layla respirou fundo e seu coração bateu mais uma vez em seus ouvidos. —Está certo... Não é tão diferente da sua.

Ela ouviu sua cabeça girar ao redor.

—O que você disse? — Ele respirou.

—Eu acredito... Que você me ouviu muito bem.

Instantaneamente, uma tensão vital surgiu entre eles, diminuindo o espaço que habitavam, aproximando... Embora nenhum deles se movesse.

—Deveria ser sua inimiga, — ela pensou em voz alta.

Houve um longo silêncio. —É muito tarde agora. Ações foram tomadas que não podem ser desfeitas através de palavras, nem votos.

—Eu gostaria que não fosse assim.

—Nesta noite, neste momento... Eu desejaria também.

Agora sua própria cabeça virou-se rapidamente. —Talvez haja uma maneira...

Ele estendeu a mão e silenciou-a com a ponta do dedo, colocando-o sempre muito gentil em sua boca.

Quando seus olhos focaram em seus lábios, um grunhido quase imperceptível vibrou fora dele... Mas ele não se permitiu continuar por muito tempo, fechando o som como se ele não quisesse sobrecarregá-la, ou por ventura assustá-la.

—Você está em meus sonhos, — ele murmurou. —Todos os dias, você me assombra. Seu cheiro, sua voz, seus olhos... Essa boca.

Ele moveu sua mão ao redor e acariciou o lábio inferior com o polegar calejado.

Fechando as pálpebras, Layla inclinou-se para o toque, sabendo que isso era tudo o que ela jamais iria conseguir dele. Eles estavam em lados opostos da guerra, e ela não sabia os detalhes, mas ouvira o suficiente na casa para saber que ele estava certo.

Ele não podia desfazer o que tinha feito.

E isso significava que eles iriam matá-lo.

—Eu não posso acreditar que você me deixou tocar em você. — Sua voz ficou rouca. —Vou me lembrar disso para todas as minhas noites.

Lanceado lágrimas em seus olhos. Querida Virgem Escriba, por toda a sua vida, ela esperou por um momento como este...

—Não chore. — Seu polegar foi para suas bochechas. —Linda fêmea de valor, não chore.

Se alguém lhe dissesse que alguém tão duro como ele era capaz de tal compaixão, ela não teria acreditado. Mas ele era. Com ela, ele era.

—Eu irei — disse abruptamente.

Seu instinto foi o de pedir-lhe para ter cuidado... Mas isso significaria que ela estava desejando destronar Wrath.

—Adorável Escolhida, saiba disso. Se você precisar de mim, eu estarei lá.

Ele tirou de seu bolso um telefone. De frente para ele em sua direção, ele acendeu a tela com o toque de um botão. —Você pode ler esse número?

Layla piscou com força e forçou os olhos para se concentrar. —Sim. Eu posso.

—Isso está comigo. Você sabe como me encontrar. E se a sua consciência exigir que você dê essa informação para a Irmandade, eu vou entender.

Ele não conseguia ler os números, ela percebeu e não por falta de acuidade visual. Independentemente do tipo de vida que ele tinha levado, ela perguntou-se com tristeza.

—Esteja bem, minha linda Escolhida, — disse ele, enquanto ele olhava para ela com os olhos de não apenas de um amante, mas um hellren.

E então ele foi embora sem dizer uma palavra, deixando o carro, pegando suas armas e armando-se...

Desmaterializando... Diante da noite. Layla imediatamente cobriu o rosto com as mãos, os ombros começam a tremer, com a cabeça caída, suas emoções transbordando.

Apanhada no meio, entre sua mente e sua alma, ela estava dilacerada, mesmo quando ela permaneceu inteira.

Capítulo 81

—Entre.

Quando Blay falou, ele olhou por cima de A Confederacy of Dunces[222] — e ficou surpreso ao encontrar Beth andando em seu quarto.

Um olhar para o rosto da rainha e ele sentou-se na espreguiçadeira, colocando o livro de lado. —Ei, o que há de errado?

—Você viu Layla?

—Não, mas eu só estou aqui desde que eu voltei de meus pais. — Ele olhou para o relógio. Depois da meia-noite. —Ela não está em seu quarto?

Beth sacudiu a cabeça, com o cabelo escuro, brilhando como ele deslizou ao redor de seus ombros. —Ela e eu estávamos indo para sair, mas eu não posso encontrá-la. Ela não está na clínica, ou na cozinha e eu procurei por Qhuinn no centro de treinamento, bem como aqui. Ele se foi também.

Talvez eles estivessem tendo um jantar romântico, como, a partilha de um prato de macarrão e um encontro em meio a um fio de uma maldita linguine[223].

—Você já tentou seus telefones? — Perguntou ele.

—O de Qhuinn está em seu quarto. E Layla não está respondendo o dela se está com ela.

Quando ele ficou de pé e começou a ficar um pouco exagerado, ele pensou, acalme-se isso não era uma emergência nacional. Na verdade, esta era uma casa grande, com muitos quartos, e mais ao ponto, eles eram adultos crescidos. Duas pessoas devem ser autorizadas a sair juntos e isto não seria uma crise.

Especialmente se eles estavam tendo um bebê juntos... O som de fora de um vácuo na distância chamou sua atenção.

—Venha comigo, — disse a rainha. —Se há uma pessoa neste lugar que vai saber? Ele está no corredor com Dyson.

Com certeza, Fritz estava trabalhando na sala do segundo andar sentado, e quando Blay entrou, foi como uma tapa na cara com todas as memórias dele e Qhuinn fazendo — bem sobre o tapete ao lado do sofá.

Grande. Simplesmente fabuloso.

—Fritz? — A rainha chamou.

O doggen parou o vai-e-vem e desligou a máquina. —Bem, Olá, Sua Majestade. Sire.

Lotes de se curvar.

---

[222] *A Confederacy of Dunces é um romance picaresco pelo romancista americano John Kennedy Toole que foi publicado em 1980, onze anos após o suicídio de Toole. ua personagem central, Ignatius J. Reilly, é um educado, mas preguiçoso homem de 30 anos de idade, vivendo com sua mãe no bairro Uptown do início da década de 1960 New Orleans que, na sua busca de emprego, tem várias aventuras com coloridas bairro francês caracteres. Toole escreveu o romance em 1963, durante seus últimos meses em Porto Rico*

[223] *A autora está se referendo a cena clássica do filme da Disney "A Dama e o Vagabundo", onde eles dividem um prato de macarrão e acabam se beijando por causa do mesmo fio da massa.*

—Olha Fritz, — Blay disse, —você viu Layla?

Imediatamente, o rosto do mordomo ficou abatido. —Oh. Sim. De fato.

Quando ele não preencher qualquer outra coisa, Blay o levou com um, —Eeeeee?

—Ela pegou o carro. A Mercedes. Foi há cerca de duas horas.

Que diabos, Blay pensou. A menos que... —Então Qhuinn estava com ela.

—Não, ela estava sozinha. — Enquanto um barco cheio de uh-oh bateu no estômago de Blay, o mordomo balançou a cabeça. —Eu tentei insistir que eu a levaria, mas ela não deixou.

—Onde foi que ela foi? — Beth perguntou.

—Ela disse que não tinha destino. Eu sabia que o Mestre Qhuinn a tinha ensinado a dirigir, e quando ela me mandou parar a apresentação de propostas com as chaves na palma da mão, eu não sabia o que fazer.

A rainha falou. —Você não está em falta aqui, Fritz. Nem um pouco. Estamos apenas preocupados com ela.

Blay tirou o telefone. —E há GPS no veículo, então isso vai ficar bem. Vou enviar uma mensagem para V e ele vai ser capaz de localizá-la para nós.

Depois que ele enviou o texto, a rainha sossegou o mordomo um pouco mais, e Blay pendurou, à espera de uma resposta.

Dez minutos mais tarde? Nada. O que significava que o irmão com as habilidades de TI[224] estava no meio de algum centro de negócios.

Quinze minutos.

Vinte.

Ele mesmo chamou, e não obteve uma resposta. Assim, ele só poderia supor que alguém estava sangrando ou o telefone que V tinha começado a editar durante os combates.

—Qhuinn não está no ginásio — disse ele, ainda que essa pergunta já foi respondida.

Beth encolheu os ombros. —Não, quando eu verifiquei.

Blay fez uma ligação rápida, tem Ehlena, e um momento depois foi informado de que a sala de exercícios estava vazia, Luchas estava dormindo, e não havia ninguém na piscina ou na quadra de basquete.

O cara não estava na casa. E não no campo, porque ele estava fora de rotação. Isso deixava apenas outro lugar concebível.

—Eu sei onde ele está, — Blay disse rispidamente. —Vou buscá-lo enquanto aguardamos V para check-in.

Afinal, esta mulher estava carregando seu bebê — assim se ela desertou sem permissão para o grande mundo sozinha, ele tinha o direito de estar envolvido na localização dela. E com certeza, talvez Qhuinn soubesse onde ela estava, mas Blay tinha a sensação de que ele não sabia: difícil acreditar que ele teria deixado o telefone em seu quarto se ele estava ciente de que ela estava saindo de carro.

Ele quereria de alguma forma que ela entrasse em contato com ele.

---

[224] *Tecnologia da Informática.*

Na mesma nota, por que ele deixou seu celular para trás absolutamente? Não combinava com ele.

A menos que ele pensou Layla estava indo bem... E ele não queria ser interrompido.

Grande.

Voltando para seu quarto, Blay pegou uma arma, porque você nunca sabe quando pode precisar de uma e um casaco que era apenas para cobrir seu equipamento. Em seguida, ele correu pelas escadas e saiu do vestíbulo... E se desmaterializou para a noite.

Ele se materializou no estacionamento de trás do Iron Mask, e quando chegou a porta traseira do clube, ele bateu o sino e mostrou seu rosto para a câmera de segurança.

Xhex abriu o caminho para dentro.

—Ei, — disse ela, dando-lhe um abraço rápido. —Como você está? Muito tempo sem o ver por aqui.

—Eu estou procurando...

—Sim, ele está no bar.

É claro que ele estava. —Obrigado.

Blay acenou para os seguranças, Grande Rob e Silencioso Tom, e empurrou-se para fora da área própria do pessoal no clube. Quando saiu do outro lado, o barulho da música foi direto para seu esterno, ou talvez era o seu batimento cardíaco.

Eeeee... Lá estava ele: Mesmo que houvesse uma centena de pessoas se aglomerando em torno do bar, Qhuinn era um sinal de néon para ele, destacando-se do resto. O guerreiro estava sentado na outra extremidade, de costas para Blay, cotovelos espalmados sobre a madeira preta envernizada, cabeça baixa.

Blay exalou uma maldição como ele pensava, lá estavam eles, de volta ao início. E sim, antes que pudesse fazer isso terminar, uma mulher se aproximou seu corpo deslizando até Qhuinn, sua mão persistente em seu braço, com a cabeça girando para que ele pudesse dar uma boa olhada para ela.

Blay sabia o que seria o próximo passo. Uma rápida varrida para cima e para baixo com aquele olhar incompatível, um sorriso lento, trocaria um par de palavras e os dois iriam sair para as casas de banho...

Qhuinn balançou a cabeça, e colocou sua mão em uma parada. E embora ela estivesse inclinada a fazer uma segunda apelação, ele só teve de sua volta outra conversa-com-a-mão.

Antes de Blay poder começar a se mover novamente, um cara com cabelo até a bunda e um par de pulverizados sobre calças de veludo fez uma abordagem. Seu sorriso era branco brilhante, e seu corpo magro parecia feita para acrobacias.

Uma náusea repentina mesclada de vermelho bateu no intestino de Blay, mesmo que ele se lembrasse que após a sua última corrida, Qhuinn não estaria à procura de sexo com ele nunca mais, então por que ele deveria se importar que o fodido guerreiro. E Deus sabia que o homem tinha um apetite sexual...

Ao Sr. Terno com as extensões de uma sala de estar foi dado a dispensa também.

Após o que, Qhuinn apenas reorientou-se à frente de si mesmo.

Uma vibração brusca saiu no bolso Blay, seu telefone deixando-o saber que havia um texto. Pegando a coisa, ele viu que era de Beth: *Layla bem e segura em casa. Só foi para um passeio, e está indo para assistir televisão comigo.*

Blay mandou uma mensagem de volta em agradecimento, e devolveu o celular no bolso interior. Não há razão para ficar e incomodar o guerreiro com o que tinha sido uma não ocorrência... Embora esta fosse uma chance de fazer um pequeno controle de danos sobre sua entrega de bomba H de uma semana atrás.

Blay andou, trilhando dentro e fora dos corpos. Quando ele chegou dentro do alcance, ele limpou a garganta e falou sobre o barulho. —Ei...

Essa mão atirou-se sobre o ombro de Qhuinn. —Pelo amor de Deus, porra, eu não estou interessado, ok?

Naquele momento, a pessoa à esquerda decidiu sair com qualquer bebida que ele tinha pedido.

Blay tomou o lugar do ser humano.

—Eu disse a você para cair fora... — Qhuinn congelou no meio da explosão-fora. —O que... Você está fazendo aqui?

Ok, por onde começar com isso.

—Tem alguma coisa errada? — Qhuinn disse.

—Não, não. Realmente, não qualquer coisa... Você sabe, errada. — Blay franziu o cenho quando percebeu que não havia álcool na frente do cara. —Você acabou de chegar aqui?

—Não, eu estou pendurado em torno de... Um par de horas, eu acho.

—Você não bebeu?

—Eu Fo iz quando eu sentei. Mas então... Sim, não.

Blay estudou o rosto que ele conhecia tão bem. Estava tão sombrio, com buracos sob as maçãs do rosto e uma permanente-carranca que sugeriram que o cara não tinha dormido em sete dias, também.

—Ouça, Qhuinn ...

—Você veio se desculpar?

Blay limpou a garganta novamente. —Sim. Eu fiz. Eu sou...

—Certo.

—O quê?

Qhuinn ergueu as mãos e esfregou os olhos... Ficou usando as mãos cobrindo-se da testa ao queixo. Ele disse algo que não entendeu, e foi quando Blay sabia que algo importante tinha acontecido.

Então, novamente, o pobre bastardo provavelmente tinha chegado à conclusão de que Blay não era de fato um santo.

Blay se inclinou mais perto. —Fale comigo. Seja o que for você pode me dizer.

Justo, afinal de contas, era justo. Ele tinha certeza de quando tudo descarregasse o inferno em sua mente quando ia durar ver-se um ao outro.

—Você estava certo, — disse Qhuinn. —Eu não sei... Eu estava...

Quando nada mais veio, as costelas de Blay apertaram com força, suas sobrancelhas atirando muito alto quando a essência o atingiu. Ah... Meu Deus.

Quando choque percorreu todo o seu corpo, ele percebeu que nunca tinha esperado que o cara cedesse. Mesmo quando ele gritou aquelas palavras do núcleo duro, tinha sido mais uma função de finalmente extravasar, ao invés de ter qualquer expectativa de que eles iriam afundar-se dentro.

Qhuinn balançou a cabeça, as mãos ficaram no lugar. —Eu só... Todos esses anos, toda essa merda com eles... Eu não poderia enfrentar outro golpe contra mim.

Blay estava mais do que ciente de que a era — eles .

—Eu fiz um monte de coisas para fazer isso ir embora, para cobrir essa merda, porque, mesmo depois de eles me chutaram para fora, eles ainda estavam em minha cabeça. Mesmo depois que eles morreram... Ainda está lá, você sabe. Sempre lá com a... — Uma mão fez um punho e começou a bater seu cérebro. —Sempre lá... .

Blay pegou o pulso grosso e guiou o braço do macho para baixo. —Está tudo bem...

Qhuinn não olhou para ele. —Eu nem sabia que eu estava dobrando tudo. Eu não estava, digamos ciente da merda em minha mente — Aquela voz profunda apanhada. —Eu só não queria dar-lhes uma razão para me odiar, mesmo que eles não fodessem o assunto. Que porra é essa sabe? Que merda que eu estava pensando?

A dor que flutuava para fora do corpo do Qhuinn era tão grande, que mudou a temperatura do ar em torno dele, baixando coisas até que o cabelo nos antebraços Blay picaram do frio.

E, naquele momento, diante da miséria absoluta em frente a ele, Blay desejava que ele pudesse ter tomado o que ele disse de volta, não porque não era verdade, mas porque ele não era a pessoa que deveria ter arrancado o Band-Aid. Que Mary, shellan de Rhage, deveria ter feito isso como parte de uma sessão de terapia ou algo assim. Ou talvez Qhuinn devesse tornaram-se gradualmente ciente disso.

Mas não como isto...

A devastação que estava escrita em cada linha do corpo de Qhuinn, na rouquidão de sua voz, no grito mal contido que parecia ser apenas sob a superfície, era aterrorizante.

—Eu nunca soube o quanto eles obtiveram de mim, especialmente meu pai. Aquele macho... Ele contaminou tudo sobre mim, e eu nem sabia que isso estava acontecendo. E ele arruinou... Tudo.

Blay franziu a testa, não seguindo essa parte. Mas o que ficou claro para ele sobre se a justaposição entre seus pais e Qhuinn — não que ele precisava de mais um lembrete: Tudo o que podia pensar era naquele abraço na frente do fogão, sua mãe e seu pai envolvendo seus braços ao redor dele, sua aceitação aberta, honesta e sem reservas.

E aqui Qhuinn estava passando por isso sozinho. Em um clube. Com ninguém lá para apoiá-lo enquanto ele lutava com o legado da discriminação que havia sido condenado a... E a identidade que ele não pode mudar, e não podia mais, aparentemente, ignorar.

—Ele arruinou tudo.

Blay colocou a mão no bíceps agrupados para cima. —Não, nada está arruinado. Não diga isso. Você está onde você está, e está tudo bem...

A cabeça Qhuinn virou ao redor, deixando seu aperto de mão que havia permanecido, seus olhos azuis e verde estavam orlados de vermelho e aquosos. —Eu te amei por anos. Eu estive apaixonado por você por anos e anos e anos... Ao longo do ensino e da formação... Antes de transição e depois... Quando você se aproximou de mim e sim, mesmo agora que você está com Saxton e você me odeia. E que merda... ... Na porra da minha cabeça me trancou para baixo, tudo trancado... E custou-me você.

Quando o som de pneus cantando rugiu entre as orelhas Blay, e o mundo começou a girar, Qhuinn apenas continuou. —Então, você vai me desculpar se eu tenho que discordar de você. Não está bem — e nunca vai ficar bem e enquanto eu estou mais do que disposto a viver com o fato de que eu caminhei e falei mentiras durante décadas, a ideia de que eu sacrifiquei o que poderia ter sido entre nós... É absolutamente, positivamente não está bem para mim.

Blay engoliu em seco quando Qhuinn voltou a olhar para a parede de garrafas de bebidas atrás do bar.

Abrindo a boca, Blay pretendia dizer alguma coisa, mas ao invés disso ele apenas correu o monólogo em sua mente de novo do início ao fim. Jesus Cristo...

E então se deu conta de algo.

Se eu sou gay, por que você é o único homem com o qual eu já estive.

De repente, todo o sangue drenou para fora da cabeça de Blay quando ele decifrou a verdade nas palavras que tinha sido tão grosseiramente mal interpretada. Isso significava... Que naquela noite, quando ele...

—Oh, Deus, — ele disse em voz baixa.

—Então é aí que eu estou, — o lutador disse rispidamente. —Quer uma bebida ...

As palavras saltaram de sua boca: —Eu não estou com Saxton, não mais.

Capitulo 82

Qhuinn torceu sua cabeça ao redor uma segunda vez. Com certeza ele não ouviu isso… — O que...?

— Eu terminei com ele, tipo, duas semanas atrás.

Qhuinn sentiu suas pálpebras piscarem um número de vezes. — Por que... espero, eu não entendo.

— Não estava funcionando. Não esteve funcionando por um longo tempo. Quando ele voltou naquela noite depois de ter estado com outra pessoa? Nós não estávamos mais juntos, então ele não me traiu.

Por alguma razão insana, tudo o que Qhuinn podia pensar era Mike Myers dizendo, *Ex-squeeze me? Baking powder?*[225]

— Mas eu pensei... espere, vocês dois pareciam realmente feliz. Isso acostumava me matar toda noite pensar... sim.

Blay retraiu-se. — Me perdoe por ter mentido.

— Meeeeeeeeeeeeeerda. Eu quase o matei.

— Bem, discutivelmente você estava sendo galante. Ele sabia disso.

Qhuinn franziu o cenho e sacudiu sua cabeça. — Eu não tinha ideia que vocês não estavam... bem, eu já disse isso.

— Qhuinn, eu tenho que perguntar uma coisa.

— Manda ver. — Assumindo que ele podia de focar em qualquer coisa.

— Quando você e eu estivemos juntos... naquela noite... e então você disse que você nunca tinha... você sabe...

Qhuinn esperou pelo cara continuar. Quando ele não fez, ele não tinha ideia do que Blay estava insinuando...

Oh, aquilo.

Qhuinn não podia acreditar nisso, mas ele sentiu suas bochechas avermelharem e ficarem quentes. — Sim, aquela noite.

— Bem, você nunca tinha...

Considerando tudo que acabou de jogar ali, aquela cançãozinha parecia um detalhe menor. Além do mais, a verdade era a verdade. — Você é o primeiro e único macho com quem eu já estive daquele jeito.

Silêncio do outro cara. E então, — Oh, meu Deus, eu sinto muito eu...

Qhuinn se meteu, cortando a desculpa desnecessária. — Eu não sinto. Não há ninguém que eu prefira que tivesse tirado a minha virgindade. O primeiro você sempre se lembra. O primeiro você sempre se lembra.

Parabéns, Saxton, seu sortudo fodido chupador de pau.

Outro longo silêncio. E bem quando Qhuinn estava a ponto de checar seu relógio e sugerir que eles dessem uma pausa no embaraço, Blay falou.

—Você não vai me perguntar por que Saxton e eu nunca íamos funcionar?

Qhuinn revirou seus olhos. — Eu sei que não eram problemas no quarto. Você é o melhor amante com quem eu já estive, e eu não posso imaginar meu primo sentindo nada diferente.

Fodido chupador de pau filho da puta que era Saxton.

Quando ele se deu conta que o outro cara não estava falando nada, Qhuinn olhou para ele. Os olhos de Blay tinham uma luz esquisita neles.

— O que. — Oh, pelo amor de Deus. — Tudo bem. Porque nunca iria funcionar?

— Porque eu estava, e continuo, absolutamente e completamente e totalmente... apaixonado por você.

---

[225] *Referência ao filme O Mundo de Wayne.*

A boca de Qhuinn caiu aberta. Quando seus ouvidos começaram a zumbir, ele imaginou se ele ouviu aquilo certo. Ele se inclinou mais para perto. — Me desculpe, o que você...

— Hey, querido, — uma voz feminina cortou.

Do lado direito dele, uma mulher com colo suficiente para encher um par de bacias de salada pressionou em seu corpo. — Como você gostaria de uma parceira de crime...

—Cai fora, — Blay latiu. — Ele está comigo.

Abruptamente, a espinha de Qhuinn se endireitou: Estava amplamente claro do frio fogo azul cuspindo para fora dos olhos de Blay, que o cara que estava preparado para rasgar a garganta daquela mulher bem aberta se ela não desaparecesse rapidamente.

E aquilo era...

Incrível.

— Ok, ok. — Ela levantou suas mãos em submissão. — Eu não sabia que vocês estavam juntos.

— Nós estamos, — Blay silvou.

Quando a mulher com a antiga ideia brilhante deu o fora, Qhuinn se virou para Blay, bem consciente que seu choque estava à vista.

— Estamos? — ele respirou para seu antigo melhor amigo.

Com a música do clube batendo, e um estádio cheio de estranhos movendo-se ao redor deles, com o barman entregando bebidas e as garotas “trabalhadoras” trabalhando, com mil outras vidas se movendo adiante... o tempo parou para ambos.

Blay estendeu-se para frente e tomou o rosto de Qhuinn em suas mãos, aquele olhar azul aquecendo-o como se passeasse ao redor. — Sim. Sim, estamos...

Qhuinn quase pulou no cara, fechando a distância entre as suas bocas e beijando o amor da sua vida uma vez, duas vezes... três vezes — mesmo embora ele não tivesse a mais fodida ideia do que estava acontecendo, ou se aquilo era real ou se seu alarme estava a ponto de despertar.

Depois de todo sofrimento, ele estava sedento pelo alívio, mesmo se isso fosse apenas temporário.

Quando ele se afastou, Blay franziu o cenho. — Você está tremendo.

Era possível que ele estivesse imaginando isso? — Estou?

— Sim.

— Eu não me importo. Eu te amo. Eu te amo malditamente tanto, e eu sinto muito que eu não fui macho o suficiente para admitir...

Blay o parou com um beijo. — Você é suficiente macho agora — o resto está no passado.

— Eu apenas... Deus, eu estou realmente tremendo, né?

— Sim, mas está tudo bem — eu seguro.

Qhuinn virou seu rosto para uma das palmas do macho. — Você sempre me segurou. Você sempre me teve... e meu coração. Minha alma. Tudo. Eu apenas desejo que eu não levasse todo esse tempo para agir como um homem. Aquela minha família... quase me matou. E não apenas graças àquela Guarda de Honra.

Os olhos de Blay vagaram. E então suas mãos caíram.

— O que, — Qhuinn disse bruscamente. — Eu disse alguma coisa errada?

Oh Deus, ele sabia que isso era bom demais para ser verdade...

Houve um longo momento quando Blay apenas olhou para ele. Mas então Blay estendeu sua palma. — Me dê a sua mão.

Qhuinn obedeceu instantaneamente, como se o comando de Blay comandasse seu corpo mais que seu próprio cérebro fazia.

Quando algo deslizou em seu dedo, ele pulou e olhou para trás.

Era um anel de sinete.

O anel de sinete de Blay. Aquele que o pai do macho o havia dado imediatamente após a sua transição.

— Você é perfeito do jeito que você é. — A voz de Blay era forte. — Não há nada de errado com você e o que você sempre foi. Eu estou orgulhoso de você. E eu o amo. Agora... e sempre.

A visão de Qhuinn ficou ondulante. Pra valer.

— Eu estou orgulhoso de você. E eu amo você, — Blay repetiu. — Sempre. Esqueça a respeito da sua velha família... você me tem agora. Eu sou a sua família.

Tudo o que ele podia fazer era olhar para o anel, vendo o cume, sentindo o peso em seu dedo, observando como a luz se refletia para fora do precioso metal.

E imagina só isso... como sempre, sempre, Blay era aquele que veio por ele.

Quando um soluço rasgou para cima da traqueia de Qhuinn, ele se sentiu ser puxado mais para perto de um grande, poderoso peito, braços fortes enrolando-se ao redor dele e o segurando. E então, do nada, uma especiaria escura flutuou, o aroma — O aroma de emparelhamento de Blay — a única coisa mais linda que já esteve em seu nariz.

— Estou orgulhoso de você, e eu amo você, — Blay disse mais uma vez, aquela velha, familiar voz cortando através de todos aqueles anos de rejeição e julgamento, dando-o não apenas uma corda de aceitação na qual se agarrar, mas uma mão de carne e osso para se apoiar guiando-o fora da escuridão de seu passado...

E para um futuro que não requeria mentiras e desculpas, porque o que ele era, e o que eles eram, eram um tanto extraordinário — e nada fora do extraordinário.

Amor, depois de tudo, era universal.

Qhuinn fechou seu punho apertado, e sabia que ele nunca, nunca tiraria aquele anel.

— Sempre, — Blay murmurou. — Porque família estava sempre nesse tipo de coisa.

Doce Jesus, Qhuinn estava soluçando como um maricas. Mas Blay não parecia importar-se nem um pouco — ou julgar.

E esse era o ponto, não era.

— Sempre, — Qhuinn ecoou roucamente. — Sempre...

Epílogo

Duas Semanas Depois...

Depois disso a vida estava bastante fodidamente incrível.

— Então você gostou de ontem à noite?

Quando Qhuinn falou no ouvido de Blay, Blay rolou seus olhos para quase escuridão. — O que você acha.

Com seus corpos nus debaixo de mornas, pesadas colchas, Qhuinn estava pressionado contra ele por trás, seus braços ligados, suas pernas entrelaçadas.

Acabando que Qhuinn era um “aconchegador”. Quem sabia — e como era fabuloso.

— Eu acho que você gostou. — Qhuinn lambeu seu caminho para cima da garganta de Blay. — Me diga que você gostou.

Como forma de resposta, Blay flexionou sua espinha e dirigiu sua bunda bem onde estava a ereção do macho. O grunhido resultante fez Blay sorrir.

— parece como se *você* estivesse completamente nisso. — Blay murmurou.

— Foda, sim, eu estava.

A noite anterior eles estiveram fora de rotação, e depois de malhar na academia e um jogo de sinuca contra Lassiter e Beth — que eles perderam — Blay sugeriu que eles fossem para o Iron Mask por uma razão bem específica.

Quando Blay se lembrou de o que passou depois que eles voltaram lá, o pau de Qhuinn esteve em lugares onde ele era muito bem vindo... e Blay mais uma vez se entregou para a deliciosa penetração e o devagar cavalgante ritmo que seu parceiro estabelecia.

As coisas que ele se lembrava do clube apenas fazia tudo mais quente: os dois foram e se sentaram no bar e tomado algumas bebidas, Herradura para Qhuinn, e umas duas G&Ts para Blay. E então Qhuinn conseguiu aquele olhar em seus olhos.

E Blay começou a trabalhar.

Ele guiou o macho para a parte de trás para um dos banheiros, e quando eles entraram juntos, era uma fantasia virando realidade, os beijos, as mãos nas calças, o frenético ficar pelados da cintura para baixo...

Um gemido saiu da boca de Blay quando isso estava acontecendo, e o que aconteceu misturou à erótica mistura o levando a beira do orgasmo — e então, graças ao agarre de Qhuinn bombeando-o, bem para o limite, seu pau gozando com força na mão do seu amante, seu corpo estremecendo e enviando Qhuinn para sua liberação também...

Depois de um período de recuperação, e uma muito satisfatória segunda rodada, Qhuinn falou vagarosamente, — Alguma chance de você estava pensando sobre aquele banheiro?

— Talvez.

— Nós podemos fazer aquilo qualquer noite, se você quiser.

Blay riu. — Bem, eu acho que estamos livres de novo esta noite, então...

A Irmandade foi ordenada a ficar em casa, e quando eles não tiveram nenhuma explicação no texto de Tohr, Blay imaginou que tinha a ver com uma reunião com o rei. O Bando de Bastardos

e a *glymera* estiveram quietos por duas semanas — nenhum email, sem movimento de tropas no centro da cidade, nenhuma chamada telefônica. Nunca um bom sinal.

Provavelmente uma atualização ou uma estratégia a respeito da morte daquele membro do Conselho e suas implicações. Embora Blay realmente não pudesse ver nenhum lado negativo em Assail ter matado o idiota filho da puta.

Tchau-tchau, Elan, a propósito da próxima vez que você implicar alguém falsamente, tenta pegar um pacifista.

A perspectiva de uma reunião o fez pensar na integração de Qhuinn na Irmandade — o que era perfeitamente consistente, como acabou sendo. O comportamento do guerreiro não ficou diferente, sua atitude exatamente a mesma. E isso era mais uma razão para amar o cara. Mesmo com o status elevado que ele o foi dado ele não deixou a merda subir à cabeça.

E aquela tatuagem de lágrima que foi mudada para roxa em seu rosto? Totalmente quente. Bem como aquela nova cicatriz em forma de estrela em seu peitoral.

— Nós definitivamente vamos fazer isso de novo, — Qhuinn disse quando ele lentamente se retirou e rolou em suas costas. Colocando seus braços acima de sua cabeça, ele sorriu e se esticou, a luz distante do banheiro iluminando as coisas apenas o suficiente para que Blay pudesse ver o levantar daqueles lábios incríveis. — Aquilo foi fodidamente quente. Você é totalmente fodidamente quente.

— O que eu posso dizer, tem sido uma fantasia minha por um longo tempo. — Quando Qhuinn ficou sério, Blay tocou o cenho franzido. — Ei, pare. Novo começo, lembra?

Depois da noite da grande revelação no Mask, eles tinham um número de longas conversas, e decidiram que eles iriam tomar a coisa do relacionamento passo a passo, sem fazer suposições. Eles foram amigos, então um tipo de inimigos, então um tipo de amantes… antes que eles finalmente conseguissem resolver sua merda. E apenas porque eles foram amigos por anos, e que eles conheciam um ao outro em um monte de maneiras, namorados era uma coisa diferente. — Sim. Novo começo. — Quando Qhuinn se inclinou para um beijo, o telefone de Blay tocou com um texto.

Naturalmente, Qhuinn não estava interessado em do mundo exterior, e continuou a lamber seu caminho para cima para a boca de Blay, mesmo quando Blay se estendeu para o celular.

Blay teve que segurá-lo sobre os ombros pesados de Qhuinn enquanto o cara manobrava para cima dele, roçando seu pau ainda duro no de Blay...

— Mas que inferno? — Blay disse, quebrando o contato labial.

— Nós fomos interrompidos?

— Sim... Butch diz que ele precisa de mim no Pit para uma consulta de vestuário?

— Bem, você tem um perfeito estilo.

Por alguma razão, o comentário o fez pensar em Saxton. Assim que Qhuinn e ele decidiram fazer as coisas certas, Blay disse ao advogado o que estava acontecendo — e o gentlemale foi gracioso acima da medida... e nem um pouco surpreso. Ele nunca disse que era um tipo de alívio de uma forma estranha, um sinal que tudo estava bem no mundo, mesmo embora fosse horrível para ele.

Pelo menos Blay conseguiu seu amor verdadeiro, ele disse.

Agora, se apenas Saxton pudesse encontrar o dele.

— É melhor eu ir prá lá, — ele murmurou. — Talvez seja noite de namorar.

Quando ele começou a sair da cama, as mãos de Qhuinn se trancaram em seus quadris e o puxaram para outro longo, prolongado beijo.

Quando Qhuinn se afastou, seus olhos estavam meio-fechados. — Noite de namorar é uma grande ideia. Você gostaria de ir dançar comigo alguma hora?

— Dançar? — Blay riu. — Você poderia ir dançar. Comigo.

Isso era tudo o que Qhuinn odiava: um tipo de fora de moda, um monte de olhos em cima deles, e, assumido que eles fizessem isso em público, eles tinham de estar totalmente vestidos.

— Se você quiser que eu faça, eu faria em uma batida de coração.

Blay colocou sua mão no rosto do macho. Qhuinn estava realmente tentando, e Blay estava mais que disposto a esperar pelo dia que o cara estaria pronto para entrar no PDA. A Irmandade e a casa sabiam que eles estavam juntos — e era meio óbvio depois que Qhuinn mudou suas coisas para o seu quarto. Mas você não tinha que passar a vida inteira em negação e automaticamente sentir confortável em dar tremendos amasso em seu namorado na frente de Deus e todo mundo.

Mas ele estava tentando. E ele estava falando — muito — a respeito de sua família e seu irmão, que estava devagar, dolorosamente tentando se recuperar lá embaixo na clínica.

Atrás de portas fechadas, no entanto? Era mágico, sem nenhuma barreira.

Exatamente o que Blay sempre quis.

— Você vai descer para a Primeira Refeição? — Blay perguntou quando as venezianas começaram a subir das janelas.

— Talvez eu apenas fique aqui e espere para comer você quando você voltar.

Ah, sim, aquele rugido indecente estava na voz de Qhuinn de novo, e se isso não fazia Blay querer pular de volta para entre os lençóis.

— Você vai — quando um gemido ecoou, Blay parou no processo de se dirigir ao banheiro. — Onde está sua mão?

— Onde você acha que está. — Qhuinn arqueou-se, uma presa mordendo seu lábio inferior.

Blay pensou no texto que ele não tinha intenção de ignorar. — Você é um babaca.

— Sim, eu chupo, né. — Qhuinn lambeu seus lábios. — E você gosta quando eu faço.

Blay xingou e marchou para o banheiro. Nesse ritmo, ele nunca ia conseguir sair do quarto deles...

E como esperado, um banho quente e uma barbeada depois, Qhuinn estava ainda na cama, espreguiçando-se como um leão, seu cabelo negro despenteado pelas mãos de Blay, seu pau a meio-mastro, díspares olhos prometendo todos os tipos de coisas pneumática quando Blay retornasse.

Filho da puta cheio de tesão.

— Você vai apenas ficar deitado aí? — Blay ralhou de perto da saída.

— Oh, eu não sei... talvez eu me exercite um pouco enquanto você está fora. — um silvo foi seguido por outro daqueles grunhidos — e imagina só, debaixo dos lençóis e do edredom, o

movimento de subir e descer de seu braço fez Blay se lembrar de todo o tipo de bagunçadas, suadas e coisas maravilhosas. — Malhar é tão importante, você sabe.

Blay apertou seus molares e abriu a porta com força. — Eu vou voltar.

— Leve o tempo que quiser. Antecipação apenas me faz mais duro.

— Sim, como se você precisasse de ajuda com isso.

Fechando as coisas firmemente, ele se rearrumou em suas calças de corrida de nylon largas e xingou de novo. Era melhor Butch ter uma fodida de uma boa razão para necessitar a opinião de Blay.

No segundo que Blay estava completamente fora da área, Qhuinn jogou as cobertas para trás e pulou para fora da cama. Agarrando seu telefone fora da mesa de cabeceira, ele apertou enviar no texto que ele pré-digitou e então se dirigiu ao chuveiro. Felizmente, a água já estava morna.

Ensaboar em uma carreira. Xampu em um minuto de Nova York. Barbear...

— Ai! — ele latiu quando ele cortou o queixo.

Fechando seus olhos, ele se forçou a diminuir a porra da velocidade antes que ele cortasse seu nariz fora: lâmina de barbear na bochecha, movendo-se cuidadosamente, indo à volta da linha da mandíbula, abaixo no pescoço. Repetir. Repetir.

Porque no inferno ele insistiu em fazer isso no chuveiro? Em uma noite como hoje à noite, ele deveria estar na frente de um espelho...

— Yo, rainha da beleza, você está pronta? — a voz de Rhage cortou através do banheiro. — Ou você quer depilar as suas sobrancelhas.

Qhuinn deu uma checada rápida na região do bigode com sua mão. Limpo. — Foda-se, Hollywood. Ele gritou de dentro da ducha.

Cortando a água, ele saiu, e secou no caminho do quarto.

De pé perto de um Tohr sorridente, Rhage tinha suas mãos atrás de suas costas. — Isso é uma baita maneira de falar com o seu fodido estilista.

Qhuinn elevou seus olhos ao nível dos Irmãos. — Se isso é uma camisa de estampa havaiana, eu vou te matar.

Rhage olhou para Tohr e riu. Quando o outro Irmão assentiu, Hollywood trouxe para frente o que ele estava escondendo atrás do seu grande corpo.

Qhuinn congelou. — Espere um minuto... isso é um...

— Smoking, eu acredito que esse é o nome, — Rhage cortou. — S-M-O-K-I-N-G.

— É no seu tamanho, — Tohr disse. — E Butch disse que o designer é o melhor que existe.

— Deram pra ele o nome de um carro, — Rhage murmurou. — E você pensaria em um troço pretensioso desse...

— Ei, você tem assistido Honey Boo Boo[226], também? — Lassiter exigiu enquanto se intrometia. — Waaaaaw, bonito smoking...

— Apenas porque você insiste em colocar aquele acidente de trânsito esquecido de show de televisão na sala de bilhar. — Hollywood girou seu olhar quando V entrou atrás do anjo. — Ele nem sabe o que era, Vishous.

— O smoking? — V acendeu um cigarro enrolado a mão. — É claro que ele não sabia. Ele é um macho de verdade.

— Isso faz de Butch uma garota, então, — Rhage apontou. — Porque ele o comprou.

— Ei, é uma festa já, — Trez chamou quando ele e Iam chegaram. — Oh, belo smoking. Isso não é um Tom Ford[227]?

— Ou era um Dick Chrysler[228], — Rhage adicionou. — Harry GM[229] — espere, isso parece sujo...

— Melhor se vestir, Rapunzel. — V checou seu relógio. — Nós não temos muito tempo.

— Esse é um *lindo* smoking, — Phury anunciou quando ele e Z empurraram a porta bem aberta. — Eu tenho um como esse.

— Fritz acendeu as velas, — Revh disse por detrás dos gêmeos. — Ei, belo smoking. Eu tenho um como esse.

— Eu também, — Phury concordou. — O encaixe é fantástico, não é.

— Os ombros, certo? Tom Ford é o melhor...

Total. Fodido. Pandemônio.

Enquanto Qhuinn absorvia tudo isso, todos os machos falando um em cima dos outros, batendo as mãos, estapeando traseiros, ele teve um momento de ficar sem fôlego. Então ele olhou para baixo para o anel que Blay tinha dado a ele.

Ter uma família era... realmente, incrivelmente maravilhoso.

— Obrigado, — ele disse suavemente.

Todo mundo congelou, todos aqueles rostos se virando e grudando nele, aqueles corpos se acalmando, o ruído estabelecendo.

Z foi aquele que falou, seus olhos amarelos brilhando. — veste o smoking nessa bunda. Nós vamos encontra-lo lá embaixo, garanhão.

Um monte de tapas no ombro quando todos os guerreiros em seu caminho para a saída. E então ele estava sozinho com o smoking.

— Vamos fazer isso, — ele disse para a coisa.

A camisa vestiu bem, mas os botões não eram do tipo regular. Eles pareciam com o tipo de usar abotoaduras, e levou uma eternidade. Então brincou com as calças... e decidiu manter isso real e ir sem cueca. Finalmente, um par de sapatos brilhantes foram largados na cama bagunçada

[226] *Reality Show com crianças.*
[227] *Marca de roupa masculina*
[228] *Marca de roupa masculina*
[229] *Marca de roupa masculina*

pelo bando de milhares — assim como um jogo de meias de seda que eram bem do tamanho das fodidas meias.

Mas ele ia fazer isso direito.

Quando ele finalmente vestiu o paletó, ele se abraçou por sentir-se apertado, mas Phury e Revh estavam certo o material ia para cima do seu corpo como um sonho. Dirigindo-se para o banheiro, ele pegou uma tira de seda preta de cima do cabide e se confrontou consigo mesmo no espelho.

Cara... ele parecia bem quente, na verdade.

Estalando o colarinho engomado, ele enrolou a gravata borboleta ao redor de seu pescoço e o empurrou para a esquerda e para a direita algumas vezes para ter certeza que estava em seu lugar certo. E então ele fez o que ele viu seu pai e seu irmão fazerem quando eles não sabiam que ele estava olhando... ele fez um perfeito nó na frente de sua garganta.

Provavelmente seria mais fácil se ele tivesse tirado seu paletó.

E se suas mãos não estivessem tremendo tanto.

Mas, que seja, ele conseguiu terminar o trabalho.

Dando um passo para trás, ele se checou da esquerda para a direita. Por trás.

Sim, ele estava muito elegante. O problema era, ele apenas não parecia consigo mesmo. Nem um pouco.

Esse era o problema com ele. Autenticidade tinha recentemente se tornado *totalmente* importante para ele.

Graças a sua falta de atenção, seu cabelo se acomodou liso e suave, e em um impulso, ele foi para o produto que Blay e ele compartilhavam, alisando-o em suas mãos e então correu pelo seu topete, espetando as coisas para cima.

Melhor. O fazia parecer menos como uma ferramenta.

Mas alguma coisa ainda não estava certa...

Quando ele tentou descobrir o que estava errado, ele pensou sobre coisas que estiveram rolando: Depois que ele e Blay tiveram sua grande conversa no Iron Mask, ele esteve assombrado com o quão leve ele se sentia, o fardo que esteve inconsciente de estar carregando saindo de seus ombros. Era tão estranho... mas ele se pegou tomando esses suspiros profundos aleatórios de tempos em tempos, seu peito elevando-se devagar e caindo de novo no lugar em uma queda fácil.

Em algum nível, ele continuou a esperar que ele fosse acordar e descobrir que isso era apenas um sonho. Mas toda noite, ele gozava com seus braços em volta de Blay, o aroma de vinculação do cara em seu nariz, aquele corpo quente bem ao lado do seu próprio.

Eu te amo. Você é perfeito, bem do jeito que você é.

Sempre.

Quando a voz de Blay ressoou em seus ouvidos, ele fechou os seus olhos e cambaleou...

Abruptamente, ele abriu suas pálpebras e olhou para o armário debaixo das pias.

Sim, ele pensou. Aquilo era o que precisava.

Alguns minutos depois, ele saiu de seu quarto se sentindo exatamente como ele deveria, smoking e tudo.

Quando ele foi para o topo da grande escadaria, as velas de compromisso que foram alinhadas nos dois lados o caminho todo, brilhavam e cintilavam. Haviam mais para baixo do saguão: nos mantéis, no chão, montados para cima e ao redor dos arcos que guiavam para dentro de outras salas.

— Você parece bem, filho.

Qhuinn se virou e olhou por cima de seu ombro. — Ei, meu senhor.

Wrath saiu do escritório com sua rainha em um braço, e seu cachorro do outro lado. — Eu não preciso de meus olhos para saber que você faz justiça aos pinguins.

— Obrigado por me deixar fazer isso.

Wrath sorriu, mostrando aquelas presas enormes. Puxando sua fêmea para um beijo rápido, ele riu. — Eu sou um fodido romântico de alma, você não sabe disse.

Beth riu e estendeu para apertar o braço de Qhuinn. — Boa sorte — mas você não precisa disso.

Ele não tinha certeza sobre isso. De fato, enquanto ele deixava a Primeira Família descer sozinha, ele se esforçou para conseguir controlar a sua merda. Esfregando seu rosto, ele imaginou porque no inferno ele tinha pensado que era uma boa ideia...

Não seja um maricas, ele disse a si mesmo.

Começando a descer, ele puxou as duas metades de seu paletó juntos e as abotoou. Bem como um gentlemale deveria.

Ele estava na metade da escada quando a porta interna do saguão foi totalmente aberta, o borrão fazendo todas as velas tremulares.

Qhuinn parou quando Fritz acompanhou duas pessoas para dentro, ambos batendo seus pés no chão para aquecer. Na queixa, ambos olharam para ele.

Os pais de Blay estavam vestidos de maneira formal, seu pai em um smoking, sua mãe no vestido de veludo azul mais lindo que Qhuinn já viu.

— Qhuinn! — ela gritou, segurando sua saia e correndo através do chão de mosaico. — Olhe para você!

Sentindo suas bochechas queimarem, ele inclinou sua cabeça e arrastou-se para baixo para ela. Mesmo embora ela fosse uns bons trinta centímetros menor, mesmo em seu salto alto, ele se sentiu com doze anos quando ela pegou suas mãos e as segurou bem abertas.

— Oh, você é a coisa mais linda que eu já vi!

— Obrigado. — Ele limpou sua garganta. — Eu, ah, queria parecer bem.

— Você parece! Não parece, meu *hellren*?

O pai de Blay se aproximou e estendeu sua mão. — Bem feito, filho.

— É um Ford. Coisa. — Deus, isso soou estúpido. — Ou algo.

Quando ele apertou a mão do pai de Blay, e então se abraçaram, o pai de Blay disse, — Eu não poderia estar mais feliz por vocês dois.

A mãe de Blay começou a fungar e tirou um lenço de tecido de mão branco. — Isso é maravilhoso. Eu tenho outro filho, dois filhos! Vem aqui, eu tenho que abraça-lo. Dois filhos!

Qhuinn rendeu-se imediatamente, quando ele era categoricamente incapaz de negar a fêmea qualquer coisa, especialmente não um de seus abraços. Eles eram ainda melhores que a sua lasanha.

Deus, ele amava os pais de Blay. Ele e Blay foram vê-los algumas noites depois que eles decidiram tentar o relacionamento, e embora Qhuinn estivesse apavorado do tipo de quase borrar as calças, ambos foram nada mais que graciosos, relaxados e... normais.

Mas Blay não sabia da visita que Qhuinn fez na noite anterior, logo depois do anoitecer, antes deles irem ao clube...

Quando Qhuinn se afastou, ele viu Layla de pé bem do lado de fora da sala de jantar. Chamando-a com um movimento de mão, ele colocou um braço ao redor de seus ombros, porque ele poderia dizer que ela estava se sentindo embaraçada.

— Essa é a Escolhida Layla.

— Apenas Layla, — ela murmurou quando ela estendeu sua mão.

Em resposta, o pai de Blay se curvou profundamente, e sua mãe fez uma reverência.

— Por favor, isso não é necessário, — a Escolhida começou, apenas para relaxar quando o casal dispensou a formalidade imediatamente.

— Meu querido, Qhuinn nos disse as notícias abençoadas. — A mahmen de Blay *sorriu*. — Como você está se sentindo?

E os pais de Blay fazem outro gol. Qhuinn não conseguia acreditar o com eles foram incríveis quando ele deu a notícia da gravidez, e que eles estiveram tão à vontade como sempre quando eles fizeram Layla ficar a vontade.

Cara, eles foram assim por tanto tempo quanto Qhuinn os conheceu, descontaminados de toda merda da *glymera*, despreocupados do julgamento da aristocracia, prontos a fazer a coisa certa em um piscar de olhos.

Não admira que Blay tivesse se saído tão bem...

— Ele está vindo, — V gritou da escuridão da sala de bilhar. — Nós temos que nos espalhar, galera, agora.

— Venha conosco, — a *mahmen* de Blay disse quando ela enfiou o braço de Layla pelo seu. — Nós precisamos ter certeza que não estamos batendo em nenhuma mobília.

Enquanto eles saíam, Layla olhou por cima de seu ombro e sorriu. — Eu estou tão feliz por você!

Qhuinn sorriu de volta. — Obrigado.

Uma deixa para um momento de náusea, ele pensou, quando ele se virou e encarou a entrada da mansão.

Com a casa quieta e as velas paradas, ele esperou, se sentindo totalmente entorpecido.

Hora do show.

Ok, isso não fazia sentido, Blay pensou quando ele se apressou através do pátio.

— Você parece incrível! — Butch gritou da porta da frente do Pit.

Ele ainda não entendia como ele acabou vestido em um smoking. Butch saiu com um tipo de conversa sobre necessitar que Blay servisse de modelo da maldita coisa para Vishous na esperança de conseguir que o cara comprasse um. Mas isso era doido. Butch poderia apenas ter vestido um dos quatro que ele tinha, e desfilado ao redor ele mesmo.

Além disso, ninguém fazia V fazer nada. O Irmão era inflexível como uma rocha.

Que seja ele apenas queria acabar com isso para que ele pudesse voltar lá pra cima e esperançosamente encontrar Qhuinn ainda na cama.

Quando ele saltava os degraus para cima para a grande entrada da mansão, seus sapatos escorregadios faziam o salto estalar como uma fogueira, e assim que ele entrou no vestíbulo, ele bateu seus pés no chão para que o couro brilhante não fosse arruinado. Colocando seu rosto para a câmera de segurança, ele...

A porta abriu, e a princípio ele não sabia para o que ele estava olhando. Tudo estava escuro, não isso não era verdade. Haviam luzes de velas brilhando em cada canto do saguão, refletindo o dourado do corrimão, e os candelabros, e os espelhos...

Qhuinn estava parado no meio do grande espaço. Sozinho.

Blay andou através da soleira da porta em pés que ele não podia sentir.

Seu amante e seu melhor amigo estava vestido no smoking mais lindo que Blay já vira então de novo, era menos a respeito da vestimenta, mais a respeito do macho que a estava vestindo: o paletó negro destacando seu cabelo espetado, o branco de sua camisa fazia a pele bronzeada do macho parecer luminosa, e o corte... era uma lembrança do quão perfeito o corpo do guerreiro era.

Mas isso não foi o que realmente o atingiu.

Eram aqueles olhos díspares, o azul e o verde, que brilhavam tão lindamente que faziam as velas se envergonharem. Qhuinn parecia nervoso, no entanto, suas mãos se movendo sem parar, seu peso indo de um pé a outro em seus sapatos brilhantes.

Blay caminhou para frente, parando quando ele estava bem na frente do guerreiro. E mesmo quando seu cérebro começou a agitar-se sobre o que tudo isso significava, e começou a ter algumas conclusões loucas, ele tinha de sorrir como louco. — Você colocou seus piercings de volta.

— Sim, eu apenas... eu queria ter certeza que você sabia que era eu, sabe.

Quando Qhuinn subiu a linda fileira de argolas de aço que corriam para cima de sua orelha com os dedos, Blay se inclinou e beijou aqueles lábios e a argola que mais uma vez estava no lábio inferior. — Oh, eu sei que é você. Tudo isso é você mas eu estou contente que eles estão de volta. Eu os amo.

— Então eles nunca vão ser tirados.

Na batida de silêncio que se seguiu, Blay pensou, oh, Deus... isso era realmente... talvez ele tivesse entendido errado...

Qhuinn abaixou-se em um de seus joelhos. Apenas caiu bem lá na pintura da macieira em completa fluorescência.

— Eu não tenho um anel. Eu não tenho nada sofisticado em minha mente ou em minha língua. — Qhuinn engoliu com força. — Eu sei que isso é muito cedo, e que é do nada, mas eu amo você e eu quero que nós...

Pela primeira vez em sua vida, Blay tinha que concordar com o cara — chega de fodida conversa.

Com uma clara mudança de seu corpo, ele se abaixou e calou toda a conversa com um beijo. Então ele se afastou e assentiu. — Sim, sim, absolutamente, sim...

Com um xingamento explosivo, Qhuinn se levantou do chão e então eles enrolaram seus braços ao redor um do outro. — Graças à merda. Oh, cara, eu tive um ataque do coração por dias...

De uma vez, sons de palmas explodiram, enchendo o espaço de três lados do saguão, ecoando ao redor.

Pessoas jorraram para fora da escuridão, todos os tipos de rostos sorridentes, e felizes...

— Mãe? Pai? — Blay riu. — O que vocês — oi, como você está?

Quando ele abraçou seus pais, seu pai disse, — Ele fez isso de forma apropriada. Ele me pediu primeiro.

A cabeça de Blay girou ao redor para o seu companheiro. — De verdade? Você pediu ao meu pai?

Qhuinn assentiu, e então começou a sorrir como um filho da puta. — Era minha única tentativa. Então eu queria seguir o protocolo. Nós podemos ter a deixa da música?

Instantaneamente, todo mundo se afastou, seus corpos coletivos formando um círculo nas bordas da luz, e quando eles se acomodaram o peso de algo muito familiar gotejando para fora...

Começou a tocar Journey — Don't Stop Believing[230].

Qhuinn estendeu sua mão. — Dança comigo? Na frente de todo mundo... seja meu, e dance comigo.

Blay começou a piscar rapidamente. Em algum nível, este gesto parecia como um negócio ainda maior do que uma proposta de emparelhamento: ma frente de Deus e todo mundo. Os dois. Ligados de coração a coração.

— Como se eu fosse dizer não? — ele sussurrou roucamente.

Exceto que quando seus corpos se encontraram, ele hesitou. — Espere... quem lidera?

Qhuinn sorriu. —Essa é fácil. Nós dois lideramos.

Com essa nota, eles seguraram um ao outro perto, começaram a se mover juntos em perfeita harmonia...

... e viveram felizes para sempre.

Fim

---

[230] *http://letras.mus.br/journey/20296/traducao.html*